



DESCARADO  
DORME AO LADO

UM SPIN-OFF DE O DEVASSO MORA AO LADO

KENYA GARCEZ

# ÍNDICE

- [APRESENTAÇÃO](#)
- [1 | HOJE PODE ATÉ CHOVER](#)
- [2 | ESTRANHO](#)
- [3 | TENTA ME RECONHECER](#)
- [4 | FAZENDO CENA](#)
- [5 | QUERO ME REFAZER](#)
- [6 | O CORAÇÃO DISPARA](#)
- [7 | MAS EU ME MORDO](#)
- [8 | ENTRE TAPAS E BEIJOS](#)
- [9 | O MEU DESEJO](#)
- [10 | OU ME ODEIA DESCARADAMENTE](#)
- [11 | AINDA SOMOS OS MESMOS](#)
- [12 | MEU FRÁGIL CORAÇÃO](#)
- [13 | OS EFEITOS SONOROS](#)
- [14 | MEU PRIMEIRO AMOR](#)
- [15 | ISSO É AMOR](#)
- [16 | POR QUE NÃO TÁ AQUI?](#)
- [17 | DE DOIS CORAÇÕES](#)
- [18 | DEUS ME LIVRE](#)
- [19 | GUERRILHAS, MOTINS](#)
- [20 | ESSA MINA](#)
- [21 | DE OLHOS FECHADOS](#)
- [22 | TEU CALOR](#)
- [23 | NOITE GELADA](#)
- [24 | VOA](#)
- [25 | PENSO EM VOCÊ](#)
- [26 | JÁ QUEBREI PROMESSA](#)
- [27 | UMA HISTÓRIA](#)
- [28 | UMA RECEITA](#)
- [29 | VOCÊ ME BAGUNÇA](#)
- [30 | NOSSOS DESTINOS](#)
- [31 | PAPAI DO CÉU](#)
- [32 | BEIJO BOM](#)
- [33 | SEUS OLHOS](#)
- [34 | O ACASO](#)
- [35 | ME FAÇA ESQUECER](#)
- [36 | ALEGRIA](#)
- [37 | EU E VOCÊ](#)
- [38 | NÃO VOU DEIXAR](#)
- [39 | FOI POR MEDO](#)
- [40 | NÃO QUERO TE PERDER](#)
- [41 | A INDIFERENÇA](#)
- [42 | O TELEFONE](#)

- [43 | TRAZ DE VOLTA](#)
- [44 | AGE POR IMPULSO](#)
- [45 | UM ERRO](#)
- [46 | EU SEI QUE ERREI](#)
- [47 | CABE O MEU AMOR](#)
- [48 | SÓ VOCÊ](#)
- [49 | O QUE FALTA EM VOCÊ](#)
- [50 | A VIDA](#)
- [51 | EU FIZ BESTEIRA](#)
- [52 | QUE VENHA](#)
- [53 | VER OS GIRASSÓIS](#)
- [54 | VIDA BOA](#)
- [AGRADECIMENTOS](#)
- [PLAYLIST](#)
- [SOBRE A AUTORA](#)
- [OUTRAS OBRAS:](#)
- [CONTATO](#)

©  
DESCARADO©  
DORME AO LADO

UM SPIN-OFF DE O DEVASSO MORA AO LADO

KENYA GARCEZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, em qualquer forma ou por qualquer meio, sem o consentimento expresso da autora.

A violação aos direitos autorais é crime estabelecido pela Lei nº 9.610/98 e previsto pelo artigo 184 do Código Penal Brasileiro.



Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares e acontecimentos que permeiam a narrativa são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Edição Digital | Criado no Brasil.

*Para o meu chatão favorito.*



# APRESENTAÇÃO

O DESCARADO DORME AO LADO é um *spin-off* de "O Devasso Mora Ao Lado", romance de estreia da autora.

Em se tratando de literatura, um *spin-off* é um livro originado de outro. Ou seja, a obra original e a história nova relacionam-se entre si. No entanto, os personagens geralmente são outros, e o enredo pode se fundar em um período distinto.

Os eventos narrados em "O Descarado Dorme Ao Lado" acontecem vinte e sete anos depois dos acontecimentos de "O Devasso Mora Ao Lado".

Apesar disso, este não é um livro futurista. Todas as referências e fatos estão balizados na época atual. Para efeitos literários, desconsidera-se o transcurso real do tempo.

Aqui, o leitor reencontrará vários personagens do primeiro livro e conhecerá os filhos que eles tiveram, bem como seus respectivos pares românticos.

Assim, em razão da quantidade de casais e histórias entrelaçadas, recomenda-se a leitura prévia de "O Devasso Mora Ao Lado".

Caso leia apenas o *spin-off*, é possível que o leitor se sinta confuso em alguns momentos e deixe de compreender alguns trechos, principalmente os que contêm referências a situações relatadas na obra anterior.

Para uma experiência de leitura infinitamente melhor, adquira o primeiro livro [aqui](#). E, após finalizá-lo, comece "O Descarado Dorme Ao Lado".

Se você já conhece Max, Olívia e companhia, é só seguir adiante.

Boa leitura!



# SUMÁRIO

## APRESENTAÇÃO

- 1 | HOJE PODE ATÉ CHOVER
- 2 | ESTRANHO
- 3 | TENTA ME RECONHECER
- 4 | FAZENDO CENA
- 5 | QUERO ME REFAZER
- 6 | O CORAÇÃO DISPARA
- 7 | MAS EU ME MORDO
- 8 | ENTRE TAPAS E BEIJOS
- 9 | O MEU DESEJO
- 10 | OU ME ODEIA DESCARADAMENTE
- 11 | AINDA SOMOS OS MESMOS
- 12 | MEU FRÁGIL CORAÇÃO
- 13 | OS EFEITOS SONOROS
- 14 | MEU PRIMEIRO AMOR
- 15 | ISSO É AMOR
- 16 | POR QUE NÃO TÁ AQUI?
- 17 | DE DOIS CORAÇÕES
- 18 | DEUS ME LIVRE
- 19 | GUERRILHAS, MOTINS
- 20 | ESSA MINA
- 21 | DE OLHOS FECHADOS
- 22 | TEU CALOR
- 23 | NOITE GELADA
- 24 | VOA
- 25 | PENSO EM VOCÊ
- 26 | JÁ QUEBREI PROMESSA
- 27 | UMA HISTÓRIA
- 28 | UMA RECEITA
- 29 | VOCÊ ME BAGUNÇA
- 30 | NOSSOS DESTINOS
- 31 | PAPAI DO CÉU
- 32 | BEIJO BOM
- 33 | SEUS OLHOS
- 34 | O ACASO
- 35 | ME FAÇA ESQUECER
- 36 | ALEGRIA
- 37 | EU E VOCÊ
- 38 | NÃO VOU DEIXAR
- 39 | FOI POR MEDO
- 40 | NÃO QUERO TE PERDER
- 41 | A INDIFERENÇA
- 42 | O TELEFONE
- 43 | TRAZ DE VOLTA



44 | [AGE POR IMPULSO](#)  
45 | [UM ERRO](#)  
46 | [EU SEI QUE ERREI](#)  
47 | [CABE O MEU AMOR](#)  
48 | [SÓ VOCÊ](#)  
49 | [O QUE FALTA EM VOCÊ](#)  
50 | [A VIDA](#)  
51 | [EU FIZ BESTEIRA](#)  
52 | [QUE VENHA](#)  
53 | [VER OS GIRASSÓIS](#)  
54 | [VIDA BOA](#)  
[AGRADECIMENTOS](#)  
[PLAYLIST](#)  
[SOBRE A AUTORA](#)  
[OUTRAS OBRAS:](#)  
[CONTATO](#)



# 1

## HOJE PODE ATÉ CHOVER

“(…), porque ela só quer paz”.  
*Ela Só Quer Paz* — Projota

### SOFIA

Se eu fosse escrever um manual intitulado “Como Ter Um Par Para O Casamento Da Sua Prima Que Vai Se Casar Em Quatro Dias”, meu primeiro mandamento seria: não dispense o cara que você convidou para ser seu par cinco dias antes da cerimônia.

Juro que eu só tinha a intenção de dispensá-lo depois do casório. Precisava dele como meu namorado postiço, para não ter que ouvir a esperada ladainha de mamãe sobre meus trinta e três anos, minha preocupante solteirice e o fato de que, com a minha idade, ela já tinha parido o segundo filho: Felipe Vetter Theloni, mais conhecido como “Lipe”, meu adorável irmão caçula — e, aqui, o “adorável” foi empregado com total ironia, caso não tenha ficado claro.

Meu ex-acompanhante seria um genro postiço perfeito. Mamãe com certeza aprovaria a altura, o porte atlético, os olhos verde-escuros e o denso cabelo castanho que lhe garantiriam netos com uma senhora genética.

Além de lindo, era inteligente e bem-humorado. Ele só tinha um problema: deixava a desejar — e muito — na cama.

Eu já tinha transado com um número suficiente de caras para saber que, apesar do pau bacana, ele era um péssimo fodedor. E não estou sendo leviana. Veja bem, aquela era a minha quinta vez com ele. Dei cinco chances ao sujeito. Cinco! Duas a mais que as três oportunidades que eu costumava dar quando um cara interessante não me agradava completamente de primeira. Só porque ele era quase tão alto e tão gato quanto o Jared Padalecki.

Eu disse *quase*.

O fato é que ele era daquele tipo de cara: o tipo que conversa demais durante o sexo. E não estou falando de frases e palavras sacanas — que são muito bem-vindas quando não excessivas. Estou falando de perguntas constantes como: “posso ir mais rápido?” ou “posso beijar seus peitos?”.

Não.

Eu não estou brincando.

Sério.

Gostaria, mas não estou.

É absolutamente broxante. Haja concentração para conseguir gozar em paz.

Não sou uma estrela pornô, que tem um *squirting* quilométrico com duas metidas, mas também não sou uma mulher frígida. Sou uma mulher real, que precisa ser estimulada para chegar ao orgasmo e que perde completamente o tesão quando um cara pergunta algo como: “posso te penetrar agora?”.

Eu sei. É triste saber que um homem de trinta e poucos anos se comporta como um garoto virgem na cama. Sinceramente, não sei como um cara tão gostoso pode ser tão sem atitude, tão sem pegada.

Mas é a vida, né? Fica aí o alerta: nem todo homem gato é bom de cama.

Como não sou obrigada a ser mal comida, ontem, depois que ele gozou feito um cavalo e me deixou a ver navios de novo, virei o pescoço e, apesar de precisar de um cara para ludibriar mamãe, falei:

— Acho melhor a gente parar com isso.

Lamentavelmente, ele decidiu abrir a boca ao mesmo tempo. E a frase que abandonou seus lábios foi bem diferente da minha:

— Acho que tô começando a me apaixonar por você.

Depois dos óbvios segundos de choque, perguntei, com uma risada incrédula, se ele estava falando sério.

Não precisei de uma resposta verbal. Sua expressão arrasada disse tudo.

Visivelmente decepcionado, ele quis saber minhas razões para pôr fim às nossas “fodas incríveis”.

Não achei que seu ego masculino suportaria minha franqueza: “dentre outros motivos, porque: a) isso que você chama de ‘fodas incríveis’ só é incrivelmente foda para você; b) você usa o broxante verbo ‘penetrar’; c) não sabe reconhecer a hora certa de meter; e d) pede a minha autorização para fazer tudo, como se eu fosse a sua mamãezinha, o que, convenhamos, é patético”.

É claro que eu não tinha obrigação nenhuma de proteger o ego — bastante elevado, diga-se de passagem — do sujeito. Principalmente porque a maioria dos homens está pouco se lixando para a sensibilidade das mulheres quando o assunto é apontar pequenas falhas ou defeitos que nos deixarão emocionalmente abaladas.

Mas, quando olhei nos olhos dele, não tive coragem de dizer a verdade.

Eu sei. Sou muito cagona. Deveria ter contado, porque nada que eu dissesse teria sido pior que a justificativa que eu dei: “é que eu não quero me envolver seriamente com ninguém agora”.

Embora fosse a mais pura verdade, não era o motivo real. E só serviu para piorar as coisas. Desolado, ele confessou que estava pensando em me pedir em namoro!

Sério, fiquei absolutamente chocada. Primeiro, porque ele era meu vizinho há duas semanas. Quinze dias! Tinha acabado de alugar o apartamento ao lado do meu. E só tínhamos transado cinco vezes. Cinco! E, além disso, ele era um cara. Um cara realmente bonito. E caras tão bonitos não costumam declarar seus sentimentos ou pedir alguém em namoro com tanta facilidade. Não os que eu conheço, pelo menos.

Peguemos o exemplo de Luisão, que não é meu primo de verdade, mas é como se fosse, por motivos de: fomos criados juntos; ele é filho de Piolho, melhor amigo do meu tio Max (que é irmão de mamãe e o melhor tio do mundo. Mas não conta isso pro meu tio Tito, que é irmão de papai e seria meu segundo tio favorito mesmo se eu tivesse outro).

O fato é que Luís Guerratto é lindo de morrer. Tipo, lindo num nível impossível de lindo. Mas isso não vem ao caso. O que vem ao caso é que ele é apaixonado por Ana Vetter, umas das filhas de tio Max, que, por acaso, é padrinho dele. Todo mundo sabe, mas Luisão nunca se declarou. Os dois são, alegadamente, “melhores amigos”.

Pausa para a minha cara de “sei... E eu sou a melhor amiga do Adam Levine”.

Não acredito nem a pau nessa coisa de amizade entre homem e mulher. Pode ser que exista? Pode. Do mesmo jeito que pode ser que o Papai Noel esteja mesmo no polo norte, preparando com seus ajudantes fofinhos os presentes que vão alegrar as criancinhas do mundo inteiro no próximo Natal.

Particularmente, acho que Luisão e Ana transam desde a adolescência, mas minha prima jura de pés juntos que não. Segundo ela, os dois nunca deram um beijo sequer.

Pausa para as minhas risadas escandalosas.

Se você fizesse ideia do quanto Luisão é gostoso e do quanto Ana é linda e safada, saberia que não dá para acreditar que os dois nunca tenham se agarrado.

Pelo amor de Deus, eles têm vinte e sete anos! Já devem ter feito até anal! Devem até praticar BDSM!

Infelizmente, não tenho provas que possam confirmar minhas suspeitas. Mas sei que estou certa. Um dia, ainda flagro os dois no bem bom, ou não me chamo Sofia Vetter Theloni!

O que eu quero dizer com tudo isso é que conheço caras do tipo de Luisão. Ou seja, do tipo “sou lindo demais para me apaixonar”. E ele nem é o único exemplo que eu tenho. Posso citar meu primo Teo, que é um devasso assumido. Tia Liv diz que o filho caçula puxou o pai, meu tio Max. Mas duvido muito. Meu tio sempre foi um anjo.

Teo é lindo feito uma obra divina, mas, na verdade, é um ser diabólico. Sério. Ele é terrivelmente mulherengo.

Meu irmão é outro. Mamãe diz que, infelizmente, Lipe não puxou a santidade de papai. Por algum motivo bizarro, herdou os genes devassos do irmão dela. Mamãe é louca. Tio Max, como eu disse, sempre foi um anjo.

Temos esta trinca de cafajestes na família: Luís, Lipe e Teo. Honestamente, não sei dizer qual dos três é o mais degenerado.

Luisão participa de surubas semanais em apartamentos diversos, inclusive na cobertura dele. Teo prefere as orgias frequentes em sua casa, onde ele é o único comedor. Lipe não é um surubeiro habitual, mas sai com várias mulheres iludidas ao mesmo tempo, as quais não sabem da existência umas das outras. E os três transam inclusive com mulheres casadas. Decida você o que é mais chocante.

Acho que o fato de ter sido criada junto com eles — apesar da nossa diferença de seis anos (sete, no caso de Teo, que tem vinte e seis) — me fez ter essa visão bastante realista dos homens. Dos incrivelmente bonitos, pelo menos. Posso estar errada, mas acredito que sejam todos cafajestes, motivo pelo qual não tenho interesse algum de me relacionar seriamente com uma dessas criaturas com aparência de estátua grega. Não é só o pau deles que é duro. O coração também é de pedra.

Por isso, fiquei tão surpresa com a confissão absurda que ouvi.

Meu vizinho argumentou que não compreendia meu desinteresse, porque, geralmente, as mulheres estão interessadas em relacionamentos.

De fato, as mulheres costumam ser mais sentimentais em relação ao sexo e ao amor. Mas não é o meu caso, assim como não é o caso de várias mulheres.

Foi o que eu disse a ele, que me encarou com uma expressão um tanto magoada antes de aceitar o pé na bunda que estava levando.

Juro que não me sinto bem quando preciso dispensar um cara. Mas também não me sinto mal. Antes eles que eu, né? É melhor despachar logo o sujeito antes de ser despachada. Ou, pior, antes de ser trocada por outra.

Sim, já aconteceu comigo. Não, não é por isso que eu deixei de acreditar em contos de fadas e fiquei assim, completamente cética em relação ao amor verdadeiro, a finais felizes, a cavalos brancos e à existência de príncipes encantados.

Tá. É exatamente por isso. Mas vamos fingir que eu nunca me apaixonei por uma estátua grega, porque não suporto o fato de que sou esse tipo clichê de mulher, que já foi traída e não está disposta a abrir o coração para outro macho pelo medo de o desgraçado fazer a mesma coisa que o outro desgraçado fez.

Inclusive, quero mudar de assunto.

Vamos falar de coisa boa? Você já tem Tekpix?

Ai, como estou bem-humorada! E olha que acabei de me lembrar que eu não recheei o infeliz de azeitonas. Nem passei a faca no pinto dele.

Juro que eu jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas. Sério. Tenho porte de arma? Tenho. Tenho facas de cozinha devidamente amoladas? Tenho.

Mas prometo que não sou uma assassina psicótica de noivos infiéis. Sou uma pessoa mentalmente sã. Além disso, eu salvo vidas.

Era quarta à tarde, e eu estava fazendo exatamente isso, salvando vidas. Quero dizer, vidas infantis.

Estava na minha sala — no Núcleo de Atenção Integral à Saúde, clínica médica da Polícia Militar, onde eu trabalhava há alguns anos —, analisando a radiografia do tórax da filhinha de um segundo sargento.

Diante da minha mesa, sentada com a menininha febril no colo, estava a mãe da criança, esposa e segurada do policial.

Depois de explicar os cuidados necessários, receitar os medicamentos que aliviariam alguns sintomas e de prescrever o antibiótico que combateria a infecção bacteriana cumulada à infecção viral dos brônquios da garotinha, mostrei a receita à mãe, indicando minha caligrafia pouco legível em uma das vias da prescrição.

Juro que não é só pra fazer a *vibe* “letra de médico”. Sério. Tenho uma caligrafia realmente ruim. Meus diários, que eu escrevia quando era criança, estão guardadinhos e podem comprovar que:

a) apesar de fingir que não, eu nutria uma paixão ridícula pelo meu colega do pré-escolar, um garoto de olhos meio puxados chamado Matheus Miyake, a quem eu oportunamente apelidei de “Chatão”, porque ele só sabia me irritar. Em revide, ele me chamava de “Chatona”. Não o vejo desde o dia da nossa formatura do pré, que aconteceu em meados de dezembro, três meses depois do casamento de tio Max, no qual fui obrigada a entrar com o Chatão como noivinha. Felizmente, em janeiro do ano seguinte eu já estava livre dele, porque papai — reizinho da minha vida — me mudou de escola quando fui para a primeira série. Negarei o lamentável fato de que eu gostava de Matheus Miyake até a morte, caso você decida contar essa tragédia a alguém, principalmente a alguém da minha família. Então, um conselho que eu te dou é: mantenha a droga da boca fechada ou serei forçada a gritar para todo mundo ouvir que você é uma “criatura louca, desequilibrada e mentirosa patológica”.

b) minha letra é horrenda desde a infância. Não tenho culpa. Herdei a caligrafia estranha de papai, que também é médico. Assim como tio Tito e Lipe, que também são detentores de caligrafias especialmente horrorosas. Então, dá para perceber que nós, os Theloni, nascemos para cursar Medicina.

No final da consulta, obriguei minha bunda cansada a abandonar o assento da minha confortável cadeira de couro e estendi a mão para a mãe da paciente.

— Muito obrigada, doutora — ela disse, apertando minha palma com um sorriso simpático estampado no rosto jovem.

Retribuí a simpatia e me despedi da menininha, que segurava o pirulito que havia escolhido em minha caixinha de doces.

Aquele era o meu último atendimento do dia, o que significava que, depois de uma quarta-feira particularmente cansativa, eu estava livre na quinta, feriado de *Corpus Christi*, e só voltaria a trabalhar na segunda.

No final do expediente, quando passei pelo balcão das secretárias em direção ao banheiro dos funcionários, ouvi o comentário de uma delas:

— Menina, eu joguei o nome do doutor no *Facebook*!

— Sério? E aí? É bonito? — a outra perguntou, arregalando enormes olhos esperançosos.

Confesso que fiquei curiosa. Elas só podiam estar falando do cardiologista que integraria a equipe médica em breve.

Em razão de uma consulta emergencial, eu tinha chegado ligeiramente atrasada na última reunião com o diretor-geral, então peguei o bonde andando. Só sabia que o sujeito era um capitão transferido, escalado para ocupar a vaga do major Prates, que tinha acabado de entrar para a reserva.

Eu poderia esperar descaradamente pela resposta da secretária. Mas, por mais que minha relação com elas fosse a melhor possível, não era adequado demonstrar interesse pela aparência de um futuro colega

de trabalho. Então, fingi que continuei meu caminho, mas parei assim que virei no corredor. Fiquei lá, imóvel, escutando o resto da conversa.

— Bonito é pouco, minha filha! Você precisa ver que pedaço de homem! Ele é cardiologista, mas vai é matar a mulherada do coração!

— Ai, meu Deus! Será que é dessa vez que eu laço um doutor?

— Acho melhor você tirar o cavalinho da chuva, querida, porque esse eu vi primeiro!

As duas caíram na risada.

Instantes depois, enquanto fazia xixi, fiquei rindo sozinha. Podia apostar que o tal doutor bonitão era gay. Todo médico ridiculamente gato que eu conhecia gostava de morder uma fronha nervosa. E o único médico hétero e gostoso que eu conheci na vida me traiu com uma tenente-dentista.

Ou seja, prefiro chupar o pau de um mendigo idoso a transar de novo com um cara que vista branco para trabalhar (nada contra os açougueiros, enfermeiros, dentistas e pais-de-santo, eu gostaria de deixar isso claro).

Espero, de verdade, que o cardiologista seja gay. Porque, sinceramente, não estou a fim de ficar contorcendo as coxas todo santo dia, o dia inteiro, por causa desse cara.

Nunca, na história da humanidade, deu certo essa coisa de transar com colegas de trabalho. Eu sempre soube disso e, mesmo assim, cometi o erro de pagar pra ver.

Não quero cometer o mesmo lapso. Já é difícil o bastante ignorar a presença de um médico específico diariamente. Se eu precisar evitar um segundo, vou ter que viver trancafiada no meu próprio consultório.

“Por favor, Deus, não permita que o capitão seja tudo isso. Permita que a secretária, uma Maria-Jaleco assumida, esteja apenas influenciada pelo estetoscópio do cara”.

Foi o que eu comecei a mentalizar enquanto saía do banheiro e me dirigia ao estacionamento nos fundos da clínica.

Ao entrar no carro, notei as nuvens escuras adensadas no céu assim que os pingos ruidosos golpearam o para-brisa com a força de cubos de granizo.

A volta para casa foi, como esperado, tragicamente demorada. A chuva e a hora do *rush* faziam a cidade parecer a morada perpétua de todos os carros e pessoas do mundo.

Intermináveis filas de veículos superlotavam as avenidas, e um tormentoso coro de buzinas competia com o som do temporal. Dentro do meu Honda, fustigado pelas águas da tempestade, eu me sentia uma tartaruga manca guiando um patinete a 2km/h em *slow motion*.

Cheguei ao apartamento depois das sete e meia. Pegaria a estrada naquela noite, para passar o feriado com a minha família em Arraial dos Anjos, minha cidade natal. E, na sexta, iria com eles para Vila do Sol, onde minha prima se casaria no sábado à tarde.

Felizmente, eu havia sido sensata — e corajosa — o bastante para acordar mais cedo naquela manhã e deixar a mala pronta.

No quarto, tirei os sapatos e as meias. Em seguida, desafivelei o cinto e puxei a camisa branca de dentro da calça.

Assim que me livreii da farda, caminhei até a cozinha e, depois de bater dois sanduíches no bucho, fui tomar banho.

Quando terminei, o vapor beijava minha pele e embaçava a superfície úmida do box.

Com o indicador, desenhei um pinto enorme no vidro e, rindo da minha tolice, enrolei a toalha no corpo, voltei para o quarto e comecei a desembaraçar meu cabelo diante da penteadeira.

O loiro e a textura fina, levemente ondulada, vêm de mamãe; são herança de nossos antepassados germânicos. Mas recorro à água oxigenada e ao pó descolorante de tempos em tempos para ressaltar a cor. A propósito, fui ao salão retocar as luzes semana passada.

Enquanto a escova desfazia os nós dos compridos fios embolados, eu observava meu reflexo no espelho.

A área ao redor das minhas íris azuis — outra herança alemã — estava meio avermelhada por causa do xampu, que, com toda a minha genialidade, eu tinha deixando cair nos olhos como se fosse colírio.

Em conjunto com a minha pele pálida demais — fruto da minha pouca exposição ao sol —, a ligeira vermelhidão e a falta de maquiagem me davam um ar assustador. Mas não tão assustador quanto o desenho catastrófico das minhas sobrancelhas.

Estavam medonhas. Vários fios fora do lugar deixavam claro que as taturanas não viam uma pinça há algum tempo. Apesar disso, resisti à vontade suprema de ajeitá-las. Minha prima havia contratado um pacote especial de embelezamento para as madrinhas. Não fazia sentido me arriscar a estragar a cara com minhas inexistentes habilidades dias antes do casamento, já que, no dia da cerimônia, uma pessoa capacitada se encarregaria dos meus pelos extras, inclusive da Mata Atlântica entre as minhas pernas.

Mentira! Estou completamente depilada lá embaixo. Sério. Se tem uma coisa que mantenho em dia é a minha depilação à brasileira.

Depois de pentear o cabelo, vesti uma calcinha e um sutiã de renda. Por cima, coloquei um vestido branco de algodão e complementei com uma blusa rosa de moletom.

Não era o visual mais *sexy* do mundo, mas era uma roupa suficientemente aquecida e confortável para a viagem.

Eu precisaria dirigir por mais de cinco horas até Arraial. E gastaria mais cinco de lá até a fazenda *Sonnenblumen*, em Vila do Sol, onde o casamento seria celebrado.

A propriedade pertencia, há muitos anos, ao meu avô. Quando ele morreu, minha mãe a herdou, mas vendeu pouco depois e comprou uma casa de praia, onde passamos a maioria dos nossos *réveillons*.

O proprietário da fazenda passou a ser o magnata Lutero Guerratto, ex-CEO do famoso grupo Guerratto, pai de Piolho (Lucas Guerratto para a imprensa) e avô de Luisão.

Quando assumiu os lucrativos negócios da família, Piolho presenteou as afilhadas recém-nascidas com a fazenda. Hoje, as terras pertencem a Isa e Ana, minhas primas.

Foi lá o casamento de tia Liv e tio Max, antes de as gêmeas nascerem. E foi lá, em meio ao campo de girassóis que rodeava nossa casa da árvore, que meus primos e eu vivenciamos os melhores momentos da nossa infância e dos nossos tempos de adolescência.

Por volta das nove, quando terminei de ajeitar minhas coisas, conferi mil vezes se as bocas do fogão estavam todas apagadas, peguei a mala e deixei o apartamento.

Já estava no elevador quando me lembrei das camisinhas e da minha cartela de anticoncepcional. Não que eu tivesse planos de transar com alguém no casamento. Claro que não. Mas nunca se sabe, né? Nos filmes, as madrinhas sempre se dão bem. Quem sabe eu não conheceria meu futuro marido — o último dos homens fiéis da Terra — na festa? Era possível. Assim como era possível me deparar com o coelhinho da Páscoa bebendo champanhe na minha mesa durante o discurso dos noivos.

Voltei para pegar as camisinhas e as pílulas por motivos de:

a) Alguns caras são tão irresponsáveis que não carregam camisinhas e ainda têm a cara-de-pau de insistir para fazer sem. Além de não querer entrar para o time do Cazuzza, não tenho maturidade alguma para ser mãe. Eu sei, deveria. Afinal, sou pediatra, já tenho trinta e três anos e meus óvulos não estão ficando mais jovens a cada dia. Mas todos nós sabemos que nem tudo é como deveria ser. Por exemplo, eu deveria ser capaz de resistir ao charme de um médico gostoso tanto quanto deveria resistir a um delicioso pote de sorvete de ovomaltine durante uma maratona de *Grey's Anatomy*. Mas Meredith Grey e eu sabemos que nenhuma das duas coisas é possível.

b) Meus primos e meu irmão conhecem uns caras muito gatos. É impressionante o fato de que praticamente todos os amigos deles são lindos. Sério. Só delícias frequentadoras de academia, que, obviamente, não servem para nada além de me proporcionar belos momentos de *tchaca-tchaca* na *butchaca* num dos quartos da fazenda enquanto meus familiares

confraternizam e enaltecem o poder do amor e a beleza dos laços do matrimônio. Falando em felicidade conjugal, minha prima conheceu o futuro marido há quatro meses. Espera, eu vou repetir.

*Quatro meses.*

*Quatro meses* (leia com ênfase desesperada)!

*Quatro meses* (leia como um berro horrorizado)!

Sério.

Tubo bem, tio Max e tia Liv se casaram depois de quatro meses que ela se mudou para a casa ao lado da dele e estão juntos até hoje, vinte e sete anos depois. Mas todo mundo sabe que foi um caso atípico, uma coisa anormal que nunca — jamais — vai acontecer de novo. É o tipo de amor que acontece bastante nos livros e seriados e que, por algum motivo insondável, aconteceu uma única vez no mundo real.

No caso da minha prima, a coisa é ainda mais inacreditável, porque, veja bem, ela conheceu o noivo no carnaval.

Espera, eu vou repetir.

*No carnaval.*

*No carnaval* (leia com um assombro acentuado)!

*No carnaval* (leia com risadas sarcásticas)!

Agora, me responda: quem, em sã consciência, se casa com um cara que conheceu há quatro meses, *no carnaval*?

Claramente, é um amor de verão. Ela está se casando com um casinho que durou mais do que deveria.

É óbvio que considero a coisa toda uma grande piada. Nem conheço o noivo, mas acho que o cara é ainda mais insano que ela.

De todo jeito, estou indo ao casamento (que talvez termine em divórcio nos próximos meses. Possivelmente, nem chegará ao próximo carnaval).

Depois de pegar as camisinhas, joguei as embalagens na *nécessaire*, fechei o zíper da mala e voltei para o elevador. Apertei o botão e esperei.

Em poucos minutos, estava manobrando o carro no estacionamento.

Fui muito retardada, porque me lembrei dos preservativos e do anticoncepcional e me esqueci completamente da garrafa de café que eu havia preparado para a viagem.

Tinha acordado às quatro da manhã para fazer a mala e estava exausta depois de um dia inteiro de trabalho. O resultado disso foi uma longa pescada por volta das onze da noite.

Quando abri os olhos e notei que o carro estava começando a invadir a contramão, senti o gosto sanguinolento da morte inundar minha boca.

Felizmente, não havia nenhum carro ou carreta vindo no sentido contrário.

Com o coração retumbando na garganta, girei o volante, e as rodas reencontraram o lado certo da via.

O barulho da chuva e dos trovões e os movimentos frenéticos e ritmados dos para-brisas deixaram meu coração ainda mais agitado. Lá fora, as folhas das árvores chacoalhavam com a mesma ferocidade que consumia meu peito.

O breu era cortado por faróis distantes imergindo na escuridão e raios azulados riscando o céu noturno.

Apavorada, dirigi os próximos quilômetros com os olhos arregalados, como se minhas pálpebras estivessem apoiadas por palitos de dente, e parei no primeiro hotel da estrada.

Não era um cinco estrelas, e a placa vermelha e luminosa, que dizia “Hotel Serenata”, indicava que o estabelecimento estava mais para um motel disfarçado.

Era aquilo ou correr o risco de capotar o carro. Não pensei duas vezes. Liguei a seta, venci o acostamento e estacionei em uma das últimas vagas disponíveis do pequeno estacionamento descoberto.

Em seguida, puxei o freio de mão, tirei a chave e, reunindo toda a minha coragem interior, coloquei o



capuz do moletom sobre a cabeça, abri a porta do carro e pulei para fora do veículo.

A primeira coisa que senti depois de bater a porta, acionar o alarme e dar um passo foi um gélido choque nos pés.

Olhei para baixo e não vi minhas sapatilhas.

Uma poça lamacenta circundava meus tornozelos.

Não tive tempo de soltar um atípico e compreensível palavrão, porque faróis dianteiros iluminaram as adjacências e me brindaram com a visão de um sapo-bufo a centímetros dos meus pés atolados no lamaçal.

O grito repentino que viajou minha garganta e golpeou o ar veio acompanhado de pulos altos e histéricos em direção à Hilux que adentrava o estacionamento do hotel.

A picape freou bruscamente, a janela foi aberta e uma voz masculina se sobrepôs aos meus berros ensandecidos:

— Tá tentando se matar?

Não, eu não estava tentando me matar. Estava apenas pulando feito miolos no asfalto quente a fim de fugir da criatura obesa e asquerosa que queria me matar.

— Um sapo! — Foi só o que eu consegui dizer, porque era impossível pular, balançar freneticamente as mãos, emitir ruídos de puro pavor e formular algo mais complexo ao mesmo tempo.

O bicho estava muito perto da entrada do hotel. Não tinha como passar.

— Ai, meu Deus, ele não vai me deixar entrar! — lamentei, à beira das lágrimas.

O cara riu.

Isso mesmo. O idiota deu uma risada estrondosa.

Eu estava sitiada por um monstro, e o sujeito tinha a cara-de-pau de rir da minha desgraça!

— Pede “por favor” que ele deixa! — zombou.

Sério. Se as circunstâncias fossem outras, eu teria mandado o palhaço à merda.

Mas ainda bem que não mandei, porque o que ele disse em seguida me deixou profundamente aliviada, apesar do tom irônico que ele usou:

— Espera, vou estacionar e volto pra te salvar, *princesa*.

— Não preciso da sua ajuda! — berrei, mas, mentalmente, eu repetia: “preciso, sim. Volta logo, pelo amor de Deus!”.

Ele não respondeu. Já estava dirigindo rumo à vaga mais próxima.

Enquanto o carro se afastava, reprimi a vontade de cantar, a plenos pulmões: “não se vá! Não me abandone, por favor, pois sem você vou ficar *loooooooooouca!*”.

Em vez disso, afastei-me um pouco mais e mantive os olhos grudados no sapo. Quero dizer, não fiquei encarando o bicho. Usei minha visão periférica algumas vezes para me certificar de que ele não estava pulando até mim, com o claro intuito de me assassinar por meio de um longo esguicho de veneno na cara — nem sei se sapos fazem isso, mas, na minha cabeça, fazem, sim.

— Onde? — o cara perguntou, assim que voltou.

— Ali! — Apontei o dedo às cegas, com o rosto virado e os olhos fechados. Mas, ao ouvir o som de passos molhados, forcei-me a olhar.

O homem estava caminhando tranquilamente na direção do sapo!

— Ai, meu *Deeeeeeeeeeeus!* — berrei, quando o bicho deu um pulo abrupto. — Mata! *Maaaaaaaata!* — gritei.

— Ficou louca? — Ele me fitou como se eu estivesse implorando para ele girar uma faca no coração miúdo de um recém-nascido.

Então, voltou a se aproximar do anfíbio gigantesco, o que fez a criatura pular e pular para longe.

— Pronto, ele foi embora — o estranho informou, refazendo o caminho.

— E se ele voltar? — choraminguei.

— Presumo que você não pretende passar a noite aqui fora, na chuva, esperando pelo retorno de um sapo que não vai se transformar em um príncipe. — Abriu um sorriso sarcástico.

O estacionamento mal iluminado e o pânico tinham me impedido, até aquele momento, de notar o quanto ele era bonito.

O fato me deixou mortificada. Eu tinha acabado de pagar um mico *goriláceo* na frente de um cara gato!

O aguaceiro escorria sem piedade por seu cabelo escuro, correndo pelo pescoço robusto, derramando-se nos ombros largos e deslizando sobre a camiseta branca colada ao peito musculoso.

As reenrâncias e ondulações de seu abdome estavam perfeitamente moldadas sob o tecido molhado.

O cara estava ensopado, e a culpa era toda minha.

É claro que eu não me sentia culpada. Internamente, estava me parabenizando por ser a razão daquela imagem espetacular.

Mas a boa educação me obrigava a pedir desculpas.

— Sinto muito — falei, embora não lamentasse o fato.

Nem se eu quisesse teria sido capaz de impedir a ocorrência do meu ligeiro ataque de pânico. Não tenho controle sobre minhas células amedrontadas. Infelizmente, sou o tipo de mulher que tem medo até de um filhote morto de pardal.

— Pelo quê? — Ele fez uma expressão confusa.

— Por te fazer sair do carro nesse pé d'água! — Lutei contra a enxurrada que insistia em entrar na minha boca.

— Eu estava mesmo a fim de tomar um banho de chuva. — Riu, e eu mostrei um sorriso sem graça.

— Obrigada mesmo. Tô te devendo uma. — Estendi a mão. — Meu nome é Sofia.

Ele preencheu minha palma, e nossos dedos molhados se apertaram.

— É um belo nome. Muito prazer, Sofia, eu me chamo Henrique.

Ficamos em silêncio por vários segundos, com as mãos entrelaçadas e as íris conectadas.

O capuz encharcado pesava sobre a minha cabeça enquanto meus olhos observavam as feições sombreadas de Henrique.

Fios escuros estavam grudados em sua testa, e fios de água percorriam as linhas e contornos de seu rosto simétrico.

Eu estava estudando os ângulos retos de sua mandíbula (e olha que nunca fui fã de trigonometria) quando um raio f piscou acima do hotel e, em seguida, um trovão estrondeou no céu.

— É melhor a gente entrar — ele falou de repente, rompendo o contato entre as nossas mãos. — Você já está hospedada?

— Não, mas pretendo me hospedar. Vou só pegar minha mala. — Comecei a me afastar.

— Precisa de ajuda? — ofereceu, elevando a voz.

— Não, obrigada! — gritei, apressando o passo.

— Tem certeza? — ele insistiu.

— Absoluta! — exclamei.

— Então tá! Se aparecer outro sapo no caminho, é só gritar! — ele disse, e eu dei um berro.

Voltei correndo e berrando. Corri tão rápido que teria feito Barry Allen comer poeira se estivéssemos competindo.

Quando o alcancei, Henrique estava dobrando o corpo de tanto rir.

— Para de rir, e vem comigo, idiota! — Puxei o braço dele.

Isso mesmo. Agarrei o braço do cara que eu tinha acabado de conhecer. Um braço de aço, a propósito. De um cara que, para todos os efeitos, podia, muito bem, ser um psicopata.

Se bem que, se ele fosse um psicopata, teria matado o sapo, certo? Não que pessoas que matam sapos sejam psicopatas, claro. Para mim, essas pessoas são heroínas. Deveriam ser canonizadas, inclusive.

O que eu quero dizer é que, se psicopatas não veem problema nenhum em matar gente, devem pisar em

sapos como se fossem formigas. Então, provavelmente, Henrique não era um Dexter da vida.

Isso que eu falei faz todo o sentido do mundo, não faz?

Ele ergueu o corpo e me encarou, ainda rindo.

— Meu Deus, como você é medrosa.

— É melhor ser medrosa que ser um palhaço idiota — argumentei, com a mesma eloquência de uma criança de seis anos.

— Eu sei andar sozinho. — Indicou o braço que eu estava puxando com as duas mãos.

— Eu sei andar sozinho — arremedei e soltei o bíceps dele.

— Quantos anos você tem? Cinco? — Ele riu.

— Pro seu governo, eu tenho seis. — Abri um sorrisinho orgulhoso.

— Você é bem alta pra seis, não? Parece uma girafa.

— Eu pareço uma girafa? — Mostrei uma expressão furiosa.

Sem aviso, ele levou uma mão à minha cabeça e escorregou o capuz pelo meu cabelo ensopado.

Estreitei os olhos, fuzilando-o.

— O que você pensa que está fazendo?

— Vendo seu rosto, girafinha. — O descarado teve o desprazer de dizer.

Mal tive tempo de finalizar minha expressão indignada porque, quando abri a boca para protestar, lábios fartos e molhados interromperam os meus.



# 2



ESTRANHO

“(…), mas já me sinto como um velho amigo seu”.

*All Star* — Nando Reis

SOFIA

Fiquei chocada, confesso. Nunca tinha sido beijada daquele jeito, do nada.

Na minha cabeça, era muito fácil reagir. Tipo, bastaria empurrar o atrevido e premiar a cara dele com cinco dedos vermelhos (secretamente, eu tinha o sonho de interpretar esse papelzinho clichê da dama desrespeitada. Devo ser influenciada pelas heroínas dos romances de época de tia Liv, que adoram esbofetear marqueses e duques devassos).

Mas foi rápido demais! Quando meus neurônios começaram a entender o que estava acontecendo, minha nuca já tinha sido capturada, e a língua quente e macia de Henrique já estava domando a minha.

Seus deliciosos movimentos lentos derreteram meu cérebro e qualquer vestígio de resistência.

Quando me dei conta, estava suspirando em sua boca, protagonizando uma típica cena de filme.

Pornô, claro. Porque, quando seu braço firme enlaçou minha cintura e nossos corpos se uniram, senti a potência do pacote do sujeito.

A ereção poderosa, imprensada em minha pélvis, estava provocando altas pulsações entre as minhas pernas.

Sob a tempestade fria, eu me sentia em chamas e paradoxalmente liquefeita. Pressionadas contra seu corpo sólido, minhas células ardentes pareciam tão líquidas quanto as pancadas de chuva que caíam sobre nossas cabeças.

Cedo demais, ele se afastou. Seus lábios esculpido, que tinham gosto de dilúvio e volúpia, curvaram-se e formaram um perfeito desenho pretensioso.

— Gostou, girafinha?

Fitei seu sorriso convencido e, em vez de estampar minha palma em sua bochecha, dei uma risada desdenhosa.

— Isso é o melhor que você pode fazer?

— Você não faz ideia do que eu posso fazer, paixão — ele disse, deslizando o polegar em minha boca.

— Mas posso te mostrar — completou, acariciando a linha do meu lábio inferior.

— Não estou interessada — esnobei, afastando sua mão e ignorando o calor instantâneo que o toque provocou.

— Vai comer aí fora, patrão? Nós alugamos quartos aqui, chefe! — Uma voz alta, rouca e masculina ressoou subitamente.

Fiquei possessa! Virei o rosto e vi, na entrada iluminada do hotel, um senhor idoso com um cigarro preso entre os dedos. A fumaça subia até a marquise que abrigava os fios ralos de sua cabeça.

— Vamos querer um, senhor! — Henrique gritou. — Vou continuar o serviço aí dentro!

Soltei uma gargalhada.

— Vai sonhando, meu querido. — Voltei a andar na direção do meu carro, treinando meu cérebro para não cair em nenhuma pegadinha do tipo: “olha, um sapo!”.

Felizmente, Henrique não fez nenhuma palhaçada quando comecei a andar. Mesmo assim, caminhei às pressas, considerando a real possibilidade de me deparar com outro membro da *fat family* de anfíbios que certamente estava alojada nas imediações do hotel.

Quando me aproximei o bastante, liberei os dedos da mão esquerda, que protegiam a chave do carro, e destravei as portas.

Rapidamente, tirei minha bagagem do porta-malas e corri, o mais depressa que pude, para debaixo da marquise.

Henrique já estava lá, com uma bolsa de viagem na mão e de papo com o velho, que enfiava alguma coisa no bolso da camisa de gosto duvidoso. Parecia uma versão idosa do Agostinho Carrara.

— O senhor trabalha aqui? — perguntei retoricamente. — Vou querer um quarto.

Seus olhos pequenos e muito escuros, encimados por grossas sobrancelhas grisalhas, percorreram meu corpo inteiro.

Após a análise, o velho escroto abriu um sorrisinho malicioso. Então, olhou para Henrique e balançou a cabeça, curvando os lábios finos para baixo em um nítido gesto de aprovação.

— O rapaz acabou de dizer que também quer um quarto, moça. E a gente tem só um disponível. — Jogou a guimba no chão, pisoteando-a com a ponta do sapato.

— Um só? — grasnei.

— Todos os outros estão ocupados — ele garantiu.

— Mas ainda tem vagas no estacionamento! — Apontei os três espaços vazios adiante.

— Pois é, a gente tem mais vagas que quartos. — Deu de ombros, enfiando as mãos enrugadas dentro dos bolsos da calça florida.

— Tem certeza de que tem só um? — insisti, à beira do desespero.

— Absoluta. — Ele passou a língua nos dentes amarelados, produzindo um ruído agudo.

— Como eu cheguei primeiro — Henrique disse —, o quarto é meu.

Cometi o erro de erguer os olhos e mirar seu rosto, perfeitamente iluminado pela claridade da lâmpada sobre nossas cabeças.

Percebi, completamente atônita, que ele não era só um homem bonito. Era a personificação ensopada de Apolo.

Chocada, fitei seus olhos. As íris, que eu julgara escuras, eram claras.

Não eram verdes. Nem azuis. Tinham uma tonalidade semelhante ao tom das águas salgadas das praias paradisíacas.

Mas o mais impressionante nem era a cor. Era o contorno oblíquo, cerceado por longos cílios negros e úmidos.

Seus olhos eram demasiado incomuns, mas, de algum modo, me pareciam familiares.

A revista de moda que eu havia folheado alguns dias atrás, enquanto a cabeleireira fazia as luzes no meu cabelo, me veio à mente. Decerto, Henrique me lembrava um daqueles modelos masculinos de beleza despudorada e olhos exóticos que estampavam as páginas.

Apesar de estar severamente impressionada com o conjunto de traços perfeitos que seu rosto albergava, obriguei-me a agir com naturalidade, fingindo que o fato de ele ser um deus encarnado não me afetava em nada.

— Você chegou primeiro? — Dei uma risada. — Quem chegou primeiro fui eu, meu querido! Meu carro já estava estacionado quando você quase me atropelou!

— Eu quase te atropeliei? Você que pulou na frente do carro feito uma perereca louca!

— Perereca louca? Você que é um roda-dura!

Seus lábios se curvaram com malícia. Ele não precisou dizer nada para que eu adivinhasse o que se passava em sua mente sórdida.

Balancei a cabeça em um gesto de censura e me virei para o velho.

— O quarto é meu, senhor. Eu cheguei primeiro.

— Mas foi o rapaz aqui que pediu primeiro, moça. Lamento, mas o quarto é dele.

Fuzilei o velho, que se limitou a dar de ombros.

Henrique ergueu uma das espessas sobrancelhas negras, e um sorriso enviesado entortou seus lábios quando ele cruzou os braços fortes sobre a camiseta molhada.

— Como eu sou generoso, deixo você dormir comigo, girafinha. — Sua voz exalava luxúria.

Forcei meus olhos a abandonarem o tecido semitransparente que abraçava a abundância de músculos delineados que constituía seu tórax.

— Acontece que a girafinha aqui não dorme com cachorros — devolvi, abrindo meu melhor sorriso depreciativo.

— Cachorro? — Ele fez uma falsa expressão indignada. — Mas eu sou um gato, paixão. — Os nós de seus dedos viajaram até minha bochecha e acariciaram minha pele.

Senti a região formigar e, irritada, dei um passo para trás.

— Cara, essas suas piadas são absolutamente ridículas — debochei.

— Agora eu fiquei realmente magoado. — Ele franziu o cenho, realizando a proeza de ficar ainda mais bonito. — Você acabou de esmagar meu frágil coração — lamentou, levando uma mão ao lado esquerdo do peito.

— Jura? Ó que pena! — Simulei um enorme pesar.

— Pode ficar tranquila, girafinha. Eu vou sobreviver. — Seus lábios cheios emolduraram um largo sorriso sedutor. — Tenho sete vidas — acrescentou, dando uma piscada.

Reprimi o riso e o desejo supremo de dar um soco em seu olho piscante.

Um novo raio estriou o céu e, quando o trovão pareceu balançar as estruturas do edifício, o velho nos incentivou a entrar.

Henrique o acompanhou e entrou do jeito que estava, pingando e alagando tudo. O hoteleiro não pareceu se importar. Mesmo assim, guardei a chave do carro na mala, torci o capuz do meu moletom, fiz o mesmo com a barra do vestido e espremi as pontas do cabelo para tirar o excesso d'água. Só então ousei atravessar o umbral da porta.

Quando alcancei o balcão pintado de vermelho, o velho estava com a habilitação de Henrique entre os dedos longos e nodosos, terminando de fazer anotações em um caderno tipo-ata.

— Quarto 23, segundo andar, primeira porta à esquerda, chefe. — Ele tirou uma chave de uma gaveta e depositou-a na mão aberta do novo hóspede, junto com o documento.

— O senhor vai mesmo dar o quarto pra ele? Isso é um absurdo, senhor! Eu juro que eu cheguei primeiro! Ele tá roubando meu quarto! — acusei, desesperada.

— Vem, Gi. — Henrique segurou minha mão e começou a me puxar rumo às escadas. — Prometo que deixo você dormir no chão.

Furiosa com o apelido e com a audácia do sujeito, puxei o braço.

— Quem vai dormir no chão é você, meu querido!

Ele deu uma risada e começou a subir os degraus.

Eu tinha três opções: voltar para a estrada e dirigir em condições adversas que poderiam provocar minha morte; dormir no carro, protegida da tempestade, mas correndo o risco de ser assaltada; ou seguir o abusado que estava me matando de raiva.

Pelo menos, ele também me matava de tesão. E, comprovadamente, não era um psicopata. E eu tinha uma arma. E, meu Deus do céu, que bunda era aquela?

Pensei por dois segundos antes de me obrigar a seguir os bolsos traseiros da calça de Henrique, costurados em cada banda da maravilha redonda que o jeans cobria. Mentalmente, denominei a bunda dele de “oitava maravilha do mundo”.

— O que você faz da vida, Gi? — Ele quis saber, assim que vencemos o primeiro lance.

É claro que eu não ia contar a um estranho que eu era uma oficial-médica da Polícia Militar.

— Sou assassina de aluguel. — Fiz minha melhor feição solene.

— Então você só anda armada? — Ele virou o rosto para me encarar.

— Exato.

— Eu também. Tenho uma pistola que faz um senhor estrago. Se quiser, deixo você usar. — Seu olhar obscuro fez um combo perfeito com o sorriso depravado.

Revirei os olhos, fingindo que minha mente lasciva não estava, de jeito nenhum, imaginando a pistola dele em ponto de bala.

— Não estou interessada, obrigada — menti descaradamente, fazendo o possível para mascarar minha cara de quem estava mais que disposta a abrir as pernas e servir de alvo. — E você, o que faz da vida? — perguntei, como se estivesse apenas contribuindo, educadamente, para o andamento de uma conversa trivial, e não tentando disfarçar meu óbvio interesse.

— Na verdade, eu faço vida. Sou garoto de programa — ele falou, com uma hilária expressão de pura seriedade.

— Hum... — Prendi os lábios para não rir.

Como eu podia estar com tesão e com vontade de gargalhar ao mesmo tempo, eu não fazia ideia.

— A propósito, não trabalho de graça. Você me deve cinquenta pilas pelo beijo — ele acrescentou.

— Cinquenta? — esnobei. — Não valeu nem cinco.

Uma risada gostosa escapou de sua garganta e preencheu o relativo silêncio na escadaria, perturbado apenas pelo som da chuva lá fora.

— Sabe o que é engraçado? As clientes mais pão-duras são as que mais gostam do meu pau duro.

— Seus trocadilhos infames também são ridículos, sabia? — falei, me esforçando para manter o rosto sério.

— Sinceramente, não sei se meu ego vai sobreviver a uma noite inteira ao seu lado, Gi.

— Seu ego gigantesco pode ficar tranquilo. Ele não vai dormir ao meu lado. Vai dormir bem longe.

— Não, senhora. Ele vai dormir de conchinha com uma girafinha.

Revirei os olhos outra vez, e ele riu.

Subimos os poucos degraus restantes e, no segundo andar, viramos à esquerda e estacamos diante da porta de número 23.

— Pronta para conhecer nosso leito nupcial? — Henrique perguntou, enfiando e girando a chave na fechadura.

— Morta de ansiedade, querido — ironizei, fazendo minha melhor voz de esposa apaixonada.

Ele gargalhou.

— Espero que você goste, querida. — Rodou a maçaneta e abriu a porta de madeira escura.

Uma cama de casal, simples e forrada com um lençol branco, descansava no meio do quarto relativamente pequeno. Travesseiros estavam escorados na cabeceira de ferro, e toalhas e um cobertor dobrado estavam dispostos no final do colchão.

Dei um passo à frente e coloquei minha mala de rodinhas no piso revestido de um material verde-escuro.

Henrique entrou em seguida, trancou a porta e jogou a bolsa no chão.

O cômodo de paredes brancas contava com um guarda-roupa minúsculo, uma escrivaninha cheia de marcações no tampo e uma cadeira de assento vermelho. No teto, um ventilador cinza abria suas pás meio enferrujadas.

— Gostou do nosso ninho de amor, paixão? — Henrique indagou, me abraçando por trás e depositando um beijo úmido em minha bochecha.

Além de braços fortes e reconfortantes, ele tinha um aroma deliciosamente agradável, que misturava o cheiro da chuva e a fragrância de seu perfume molhado.

Precisei reunir toda a força de vontade do meu ser para sair de seu abraço.

— Para de gracinha — repreendi, virando-me para encará-lo. — A gente precisa tomar banho. Quem vai primeiro, você ou eu?

— Como eu sou uma pessoa consciente, preocupada com a situação do planeta e com o futuro sombrio e sedento que aguarda meus descendentes, acho que a gente tem que tomar banho juntos. — Ele caprichou na expressão zelosa de voluntário do WWF.

— Você é ator, não é? — zoei.

Ele assentiu, sério.

— Pornô.

— Sei... Quantos centímetros? — Desci os olhos para o pacote que formava uma nítida protuberância na parte frontal de sua calça jeans.

— Quer ver? — Um lado de sua boca subiu.

Um calor conhecido, pressuroso e dolorido, se alastrou entre as minhas pernas e me fez morder o lábio quando ele se aproximou e beijou a lateral do meu pescoço.

— Te mostro lá no banheiro, paixão — sussurrou em minha pele.

Seus lábios traçaram um caminho de fogo até os meus.

Nossas bocas se conectaram e nossas línguas se uniram em um abraço impulsivo.

Os movimentos rápidos e famintos roubaram meu ar e começaram a varrer minha sanidade.

Eu não tinha problema nenhum em transar com estranhos, desde que fosse de camisinha. Estou longe de ser o tipo de mulher que se reprime e que não se permite viver uma aventurazinha de vez em quando. É claro que ia rolar. Henrique era convencido e descarado, mas, pelo amor de Deus, ele era gato demais, e se tem uma coisa que eu adoro, essa coisa é homem gato.

Seria um lance de uma noite só, uma transa aleatória na minha vida.

Durante o beijo, ele ergueu a barra do meu moletom e se afastou por breves segundos para passá-lo pela minha cabeça.

A blusa atingiu o piso com um baque surdo, e meus lábios voltaram a ser devorados pela morna maciez dos dele.

Deliciando-me com o gosto ardente de sua boca, corri meus dedos afoitos por seu peito e comecei a subir sua camiseta.

Henrique a puxou pela gola e, ao se livrar completamente da peça, jogou-a no chão e me agarrou, incendiando minha nuca e pressionando minha cintura.

Meus dedos peregrinaram suas costas nuas, afundando-se em sua pele úmida.

Ele baixou as mãos para a minha bunda, e um arquejo escapou da minha garganta quando suas palmas apertaram minha carne e içaram meu corpo, me colocando em cima da escrivaninha.

Palmilhei seu abdome, experimentando as ondulações de seu tórax enquanto minhas coxas eram consumidas pelos rastros incandescentes de suas mãos firmes, que se esgueiraram sob meu vestido e se aninharam em minha virilha.

Desci os dedos e imprensei o final da sólida extensão avolumada sob seu jeans. Ele mordeu meu lábio inferior e puxou minha calcinha para o lado.

Gemi em sua boca ao sentir o leve roçar de suas impressões digitais em minha pele sensível.

Outro gemido, alto e prolongado, abandonou minha garganta quando ele migrou os lábios quentes para o meu pescoço e circulou meu clitóris com estudada lentidão.

Dominada pelos beijos abrasivos e pela deleitosa atividade de seus dedos habilidosos, abri o botão de



sua calça e desci o zíper com a mesma coordenação motora de uma adolescente bêbada.

Henrique começou a abaixar as duas metades abertas do jeans, e eu o afastei a tempo de observá-lo arrastando-as pelas coxas musculosas que ladeavam o poderoso volume sob o tecido da boxer branca.

— Gostou, paixão? — o cínico perguntou, com os olhos em meu lábio mordido.

— Tô esperando você tirar essas meias daí de dentro — falei, e ele deu uma risada.

— Droga, você reparou nas meias — reclamou, soltando pretensos suspiros frustrados enquanto terminava de se livrar da calça e dos sapatos.

Rindo, desci da escrivaninha, removi as sapatilhas dos pés e comecei a tirar o vestido.

Antes que eu terminasse, Henrique se aproximou e me ajudou a passá-lo pela cabeça. Então, deu um passo para trás e umedeceu os lábios ao varrer cada centímetro do meu corpo.

— Gostou, paixão? — perguntei, caprichando no tom safado.

— Tô esperando você tirar esses melões daí de dentro — ele disse, e foi a minha vez de rir.

— Droga, você reparou nos melões. — Levei as mãos aos peitos, fazendo minha melhor expressão decepcionada.

Soltando uma risada, ele me alcançou e enlaçou minha cintura.

— Para de me fazer rir de pau duro. Meu cérebro fica confuso. — O calor de sua boca colada ao meu ouvido eletrizou a lateral do meu corpo.

Com a mão livre, Henrique abriu o fecho do meu sutiã, e eu movi o ombro para controlar a onda de arrepios que serpenteou minha pele.

— Não tenho culpa de você ter só dois neurônios — provoquei, enquanto ele passava as alças pelos meus braços.

— No momento — ele deixou a peça cair no chão —, eu me sinto como se tivesse nenhum. — Seus olhos estavam grudados nos meus peitos.

Com um passo, apalpou os dois, desenraizando do meu interior um primeiro gemido que libertou vários outros à medida que suas mãos moviam minha carne e enrodilhavam meus mamilos.

Enrosquei os dedos em seu pescoço e busquei seus lábios, iniciando um beijo lento e intenso que logo se tornou urgente e voraz.

Suas mãos desceram, incendiando minha pele até seus polegares engancharem nas laterais da minha calcinha. Rebolei para ajudá-lo a tirá-la enquanto uma das minhas mãos percorria a vultosa superfície rígida que pulsava contra o tecido de sua cueca.

Minha boca recebeu seu arquejo no instante em que a calcinha deslizou pelas minhas pernas. Empurrei o pedaço de renda e comecei a descer o elástico que envolvia a cintura de Henrique.

Quando o cacete pulou para fora, agarrei a larga extensão e senti as pulsações quentes e vigorosas contra minha palma fechada.

Interrompi o beijo para vê-lo.

Era lindo. Longo, deliciosamente grosso e repleto de veias salientes. Minha boca encheu d'água. Todo depilado, Henrique parecia mesmo um ator pornô.

— Adorei suas meias — falei, movendo os dedos para cima e para baixo.

Ele tentou sorrir, mas acabou franzindo a testa e puxando o ar entre os dentes.

— Também curti seus melões — disse, gemendo e erguendo os braços para pegar nos meus peitos.

Beijei seu rosto e desci os lábios para a linha da mandíbula. Ele escorregou as mãos para as minhas costas e apertou minha bunda, unindo nossos corpos e capturando minha boca.

O beijo durou alguns segundos. Ele logo se afastou e terminou de tirar a cueca, com a pressa de quem estava tentando tirar o pai da força.

Aproveitei a oportunidade e fui até a mala. Abri o zíper e puxei minha *nécessaire* pela alça. Estava abrindo a bolsinha cor-de-rosa quando Henrique, lindamente pelado, perguntou:

— O que você está fazendo?

— Pensa rápido! — Peguei uma camisinha e joguei para ele.

Henrique aparou o quadradinho plástico e soltou um suspiro aliviado.

— Que bom que você tem, porque eu não tenho nenhuma aqui comigo — disse, rasgando a lateral.

— O quê? — berrei. — E você pretendia me comer como?

— Ué, do jeito gostoso. Exatamente como Deus planejou o negócio. — Ele deu de ombros, começando a desenrolar o preservativo.

— Você só pode estar me zoando. — Soltei uma risada sem humor enquanto enfiava a *nécessaire* na abertura da mala.

— Você toma alguma coisa, não toma? — ele questionou, tentando, sem sucesso, esticar o látex até o final do comprimento.

— Você tem merda na cabeça? — Desviei os olhos das mãos dele e o encarei. — É claro que eu tomo! Mas você acha que eu teria coragem de transar sem camisinha com um cara que transa com uma desconhecida num hotel de quinta?

— Nossa, Gi... — Ele fez uma expressão ofendida. — É assim que você fala do começo da nossa história de amor? — Aproximou-se para me abraçar.

Não contive uma risada, apesar de estar verdadeiramente puta.

— A propósito, isso aqui não serve no meu pau. — Afastou-se e tirou a camisinha.

— Você ficou louco? — grasnei, ao vê-lo descartando o preservativo no chão. — Não vou te dar outra!

— Então a gente faz sem, girafinha. — Riu e caminhou até a bolsa de viagem ao lado da minha mala.

— Você é o cara mais idiota que eu já conheci — declarei, enquanto ele colocava sua bolsa sobre a cama e abria o zíper.

Henrique pegou um punhado de camisinhas e jogou várias sobre o lençol.

Então, fitando minha expressão surpresa com um sorrisinho estampado no rosto, ele pegou uma das embalagens, rasgou o invólucro, retirou o preservativo e o desenrolou no cacete com uma agilidade impressionante, levando o círculo de látex até a base.

— Você me subestima demais, paixão.

— Por que você fingiu que não tinha camisinhas, palhaço? — Acertei um tapa no braço dele.

— Porque você fica muito linda quando está irritada. — Ele puxou minha nuca, e sua língua encontrou a minha.

Tentei resistir, empurrando-o com força, mas a solidez de seu peito e a maciez de sua boca eram irresistíveis demais, e eu logo me vi pendurada em seu pescoço.

Henrique sorriu em meus lábios e ergueu minhas coxas.

Minhas pernas enlaçaram sua cintura no instante em que ele entrou, de uma vez, comprimindo minhas costas contra a parede mais próxima. Finquei as unhas em seus ombros, jogando a cabeça para trás e gemendo alto ao receber a segunda estocada.

Com os dedos enterrados em minha carne, ele saiu e meteu de novo. E de novo.

Minhas costas subiam e desciam à medida que ele deslizava para dentro e para fora, em um ritmo deliciosamente selvagem.

Minha garganta recebia, com a mesma intensidade, seus beijos e gemidos incessantes, que me deixavam ainda mais escorregadia.

Precisas, rudes e famintas, suas metidas me levaram ao orgasmo em um tempo que eu jamais pensei ser possível gozar.

Agarrei seu cabelo, puxando os fios e gemendo loucamente enquanto minhas células explodiam, incapazes de suportar as ondas contínuas do gozo.

Henrique colou os lábios em minha bochecha e meteu mais algumas vezes antes de brindar meus ouvidos com um urro rouco, quase bestial.

Escorreguei as mãos por suas costas e o abracei apertado, deliciando-me com o fato de que ele era dos que faziam barulho quando gozavam.

Deixei a cabeça descansar sobre seu ombro enquanto sentia seu peito inflar e esvaziar em intervalos curtos.

O som de sua respiração alterada ainda preenchia o quarto quando sua voz grave e ligeiramente enrouquecida me fez erguer a cabeça.

— Você tem ideia de quanto pesa uma girafa?

Reprimi o riso revirando os olhos.

— Tenho 98% de certeza de que esta que eu tô segurando pesa quase uma tonelada — ele emendou.

— Você tá me chamando de obesa? — Fingi absoluta exasperação.

— Claro que não, paixão! — Ele falseou uma expressão irônica.

— Você é ridículo — falei, rindo. — E um fracote — acrescentei, impulsionando o corpo para descer.

— Meu Deus, você quer quebrar meu pau? — ele berrou, e eu caí na risada enquanto ele me descia, retirando-se de dentro de mim.

— Desculpa. Esqueci que seu pau é torto — provoquei.

— Quando ele estava enterrado aí dentro, não ouvi ninguém reclamando — ele disse, tirando a camisinha. — Falando nisso, o fracote aqui vai querer receber pelo serviço, dona. O programa custou mil reais.

Dei uma gargalhada.

— Mil reais? Não valeu nem cinquenta, querido.

Ele riu.

— Leite de saco é caro, dona — falou, erguendo a camisinha cheia de porra.

Soltei outra risada.

— Graças a Deus, não usei uma gota sequer disso aí. Você desperdiçou seu leitinho porque quis.

Henrique tentou esconder o riso com a mão e acabou encostando a camisinha na boca.

— Porra! — gritou, atirando o preservativo longe.

Como se a cena estivesse em câmera lenta, vi o líquido esbranquiçado voar do reservatório de borracha e atingir a parede lateral com um golpe certo.

Depois de testemunharmos o estrago, olhamos um para o outro e tivemos uma crise de riso tão intensa que caímos gargalhando na cama, derrubando a bolsa que estava na beirada.

Instantes depois de rolarmos no lençol, minha barriga ainda doía. Limpei os cantos dos olhos e ergui o rosto para fitar o homem deitado debaixo de mim.

— A gente provavelmente molhou a cama toda — falei, apoiando-me em seu peito.

— Depois a gente vira o colchão e finge que nunca aconteceu — ele disse, e eu meneei a cabeça, rindo.

Henrique sorriu e colocou uma mecha do meu cabelo molhado detrás da minha orelha.

— Como você consegue ser tão linda?

— Eu não sou linda. Você deve estar precisando de óculos. — Afundei o rosto em seu pescoço e fiquei lá, fingindo que o elogio não tinha me afetado.

— Você é uma girafinha linda e modesta. — Suas palavras vieram acompanhadas de leves carícias em minha espinha. Seus dedos traçaram uma longa linha ardente, que inflamou minha pele até o final da lombar.

Beijei sua garganta e subi a cabeça, transferindo os beijos para o maxilar cheio de pontinhos ásperos.

— Tenho só 1,75m, sabia? Acho injusto eu ser a girafa, já que você é muito mais alto que isso.

— Só dez centímetros mais alto, paixão.

— Ou seja, metade do seu pau.

— Que insulto! Um terço do meu pau! — ele brincou, e eu dei uma risada.

— Acho melhor a gente tomar banho e dormir. — Rolei o corpo e caí deitada ao lado dele.

— A gente precisa *mesmo* tomar banho? — Ele fez uma carinha idêntica à expressão que um garotinho de seis anos faria para tentar escapar do chuveiro.

Tive que rir.

— Deixa de ser preguiçoso. Levanta. — Sentei-me e comecei a puxá-lo.

— Tive uma ideia genial! — anunciou, resistindo sem se esforçar aos meus puxões. — A gente vira o colchão, dá uma enxugada no corpo, deita, dá outra trepada, dorme e deixa pra tomar banho amanhã.

— Não é uma ideia genial — afirmei, rindo. — É uma ideia péssima.

— Eu achei brilhante. Principalmente a parte da trepada. — Ele abriu um sorriso safado.

— Quem disse que eu quero transar com você de novo, meu querido?

— Não precisa se preocupar com o preço. Vai ser barato. Só novecentos e cinquenta pilas. Com mil da primeira transa e cinquenta contos pelo nosso primeiro beijo, você vai ficar me devendo só dois mil reais.

Não refreei a gargalhada.

— Você é um puto muito caro pro meu gosto.

— Mas os serviços desse puto caro valem cada centavo, não valem? — Ele se debruçou sobre mim e ateou fogo em minha pele ao conectar nossos corpos e trilhar meu pescoço com beijos de brasa.

Quando suas mãos grandes e quentes percorreram minhas coxas, tentei não gemer e arquejar, mas não teve jeito. Sob seu toque, minha pele reagia como se seus dedos regulassem os decibéis dos meus gemidos e arquejos.

— Você é tão deliciosa... — Henrique sussurrou no meu ouvido, abrigando os dedos em minha umidade e aprisionando meus murmúrios em sua boca.

Durante o beijo, forcei meu corpo sobre o dele e fiquei por cima. Estiquei o braço enquanto nossas línguas se moviam lentamente e pesquei uma das camisinhas dispersadas pelo colchão.

Então, erguendo o tronco e flexionando as pernas, sentei-me sobre suas coxas e rasguei a embalagem.

— Assim você me mata... — Ele puxou o ar quando agarrei o membro ereto, manejando-o para cima e para baixo.

Sorrindo sedutoramente, deslizei o látex da ponta da cabeça aveludada até o final do comprimento.

Então, subi uma das coxas e ajeitei a ponta, posicionando-a em minha entrada e escorregando lentamente pela extensão.

Henrique gemeu junto comigo, agarrando minha cintura. Espalmei as mãos em seu peito e dei uma rebolada, subindo e descendo e rebolando de novo.

— Isso, gostosa... — Suas palmas deslizaram para a minha bunda, e eu resvalei as minhas, apoiando-me em seu abdome.

Enquanto o cavalgava, ouvindo o barulho constante da cabeceira ferindo a parede, contemplei a pele bronzeada que delineava seus músculos definidos.

Elevando o olhar, apreciei a simetria de seu rosto e admirei o lábio mordido e a testa vincada, que formavam uma linda expressão de puro deleite.

O cabelo escuro, úmido e desalinhado dava-lhe um ar de perigosa selvageria que me deixava ainda mais excitada.

— Goza comigo, paixão. — Henrique suspendeu o corpo e, pressionando as costas contra os travesseiros, me puxou para junto dele, conectando nossos lábios e circundando minha cintura com a firmeza de um abraço apertado.

Pareamos nossos movimentos e começamos a nos mexer com a mesma sintonia perfeita dos volteios que nossas línguas perfaziam.

Um redemoinho de sensações deliciosas se aglomerou em meu ventre e espalhou em meu interior quando eu gozei, segundos antes de ouvir os sons orgásticos de Henrique, cujos dedos perfuravam minha

bunda.

Depois do segundo *round*, eu o convenci a tomarmos banho.

Em respeito ao futuro do planeta e ao trabalho importantíssimo das entidades não governamentais dedicadas à proteção ao meio-ambiente, aceitei dividir o chuveiro com ele.

Achei que me sentiria esquisita tomando banho com um estranho, mas acabei descobrindo que, por algum motivo bizarro, ele não me parecia um completo desconhecido.

Sempre que mirava seus olhos exóticos por um período considerável ou ria de suas piadas e trocadilhos ridículos, eu sentia um estranho calor no coração.

Não. Não era algo como a descoberta de uma paixão arrebatadora ou de um sentimento mais profundo. Pelo amor de Deus, claro que não. Era só uma espécie sinistra de reconhecimento.

De um modo inexplicável, parecia que eu o conhecia há séculos.

Não conversamos muito durante o banho, porque a terceira foda ocupou boa parte do tempo que permanecemos debaixo do chuveiro.

Eu mal podia acreditar que, depois do dia anterior, totalmente improdutivo no quesito sexo, aquela quarta-feira estava terminando com três orgasmos surreais.

Quando abandonamos a nuvem de vapor e voltamos para o quarto, viramos o colchão e nos deitamos, puxando o cobertor até o pescoço.

Meus músculos doíam e eu me sentia moída, como se tivesse sido triturada num processador. Mas o sono tinha, miraculosamente, ido embora.

Eu estava fitando o teto no escuro, ouvindo o intenso ruído da chuva, que ainda não havia cessado, quando senti o braço de Henrique me puxando.

— Deita aqui comigo, Gi.

Disfarcei minha surpresa com uma risada debochada.

— Tá com medo dos trovões?

— Não. Só tô com frio. Preciso de pelo de girafa pra me esquentar. — Ele riu.

— Idiota. — Dei uma risada enquanto arrastava o corpo pelo lençol até sentir o calor de seu tórax nu.

Seu queixo encontrou apoio no topo da minha cabeça quando seu braço me enlaçou.

Fiquei sem saber se devia ou não circundar seu peito. Há muito tempo não dormia abraçada a um cara. E a maioria dos que eu conhecia tinha aversão àquele tipo de contato.

Optei por manter meu braço bem quietinho, ao lado do meu corpo, e levei um susto quando Henrique disse:

— Pode me abraçar. Prometo que não vou te cobrar nada, além dos três mil e quinhentos que você me deve.

— Três mil e quinhentos? — bradei, como se o valor da cobrança fosse um dinheiro que eu realmente precisaria desembolsar.

— Você acha que aquela foda mítica debaixo do chuveiro, que me deixou morto, custou só mil?

Meu Deus. Tinha sido mais que mítica. Ele tinha me comido por trás, puxando meu cabelo e apalpando meus peitos molhados, do jeito que eu gosto.

— Henrique, seu pau não é de ouro, sabia? — desdenhei.

— Mas minhas bolas são ovos de ouro, não são, Gi? — Ele riu.

— Como você consegue ser tão palhaço? — perguntei, rindo.

— Muitos anos de prática. Sobre o preço, pode ficar tranquila, girafinha. No final da nossa tórrida aventura romântica, eu faço um desconto especial pra você.

— Nossa, nem sei como agradecer. Muito obrigada mesmo pela generosidade. — Rindo, contornei seu peitoral.

— Por nada, Gi. Você merece. — Ele beijou meu cabelo, e eu experimentei tocá-lo com a palma aberta.

Movi a mão por sua pele morna, simultaneamente macia e firme, enquanto ele fazia o mesmo em meu braço.

— Tô cansado, mas tô sem sono — ele comentou. — E você?

— Também. O pior é que eu preciso dormir, porque vou pegar a estrada amanhã bem cedo. Você também?

— Também. Pra onde você está indo?

— Vou passar o feriado em Arraial dos Anjos, mas na sexta vou para Vila do Sol, pro casamento da minha prima. E você, tá indo pra onde?

— Nasci em Arraial dos Anjos. Tô indo pra lá. Quinta é aniversário da minha irmã.

— Que coincidência! Eu também nasci em Arraial!

— Sério?

— Uhum. Minha família mora lá.

— E você, mora onde? — Ele quis saber.

— Não vou dizer onde eu moro a um estranho. Você pode ser um psicopata.

Henrique deu uma risada.

— Prometo que não sou um psicopata.

— Isso é exatamente o que um psicopata diria.

— Tem razão. — Ele riu de novo.

Ficamos sem dizer nada por alguns instantes, ouvindo a fúria dos trovões sucedidos pelos raios que iluminavam os vidros da janela lateral.

Quando achei que Henrique só falaria outra vez no dia seguinte, sua voz reverberou no quarto silencioso.

— Já fui a um casamento em Vila do Sol.

— Foi bom?

— Não me lembro muito da cerimônia. Eu era pequeno.

— Foi de alguém da sua família?

— Não. Foi de um casal que eu nem conhecia muito. Só fui por causa da noivinha.

— Da noivinha? Tipo, da criancinha que entrou num minivestido de noiva?

— Isso.

— Ela era sua namoradinha? — Ergui o queixo para perguntar.

— Tá com ciúme, Gi? — ele zoou, dando uma risada.

— Morrendo — ironizei.

— Pode ficar tranquila. Ela não era minha namoradinha. Nunca gostei dela.

— Mentiroso! Aposto que você era louco por ela, mas ela era uma garota esperta que não te dava bola! — Gargalhei.

— Era exatamente o contrário. Ela era minha colega. E era apaixonada por mim. Por isso me chamou pra ser o noivinho.

— Você foi o noivinho?

— Fui. Nós entramos juntos no casamento do tio dela.

Um alarme tocou em meu cérebro e, quando as coincidências começaram a se encaixar feito as peças de um quebra-cabeças sendo montado, senti uma pontada gélida cutucar o fundo do meu estômago com a precisão de uma estalactite.

— Do tio dela? Você lembra o nome dele? — indaguei, sentindo o coração martelar na garganta.

O providencial barulho da chuva camuflou o som das batidas desesperadas em meu peito enquanto ele parecia pensar antes de responder.

— Acho que não lembro. Só sei que ele era tão assustador quanto o pai dela. Os dois não deixavam a gente brincar direito lá na fazenda.

— Fazenda? — perguntei, com um fiapo de voz.

— É. O casamento foi numa fazenda.

Imagens de um garotinho de cabelo escuro feito cabelo de índio e olhos claros e oblíquos comendo morangos ao meu lado na fazenda *Sonnenblumen* pipocaram em minha mente.

— Não lembro o nome do lugar — Henrique continuou —, mas tinha uma porção de girassóis, que ela chamava de “*petalinhas* de sol”. — Ele deu uma risada. — Também tinha uma plantação enorme de morangos, que ela chamava de...

“Moranguinhos de amor”.

Completei mentalmente no mesmo instante em que ele finalizou:

— “Moranguinhos de amor”.

Saí de seu abraço na velocidade da luz, como se, de repente, tivesse notado que sua pele estava pegando fogo.

— Que foi? — Ele estranhou quando eu me sentei de modo brusco no colchão.

Abandonei a cama e, em segundos, estava de pé no canto do quarto, enrolada no cobertor, em estado de choque.

— Gi, que foi?

O quarto estava escuro, mas um clarão repentino na janela, provocado por um novo raio, me fez ver que ele tinha se levantado.

— Qual é o seu nome completo? — Forcei minhas pregas vocais a elaborarem a pergunta cuja resposta eu tinha quase certeza de que sabia.

— Meu nome completo? — ele repetiu, confuso.

— É. Fala!

— Não vou contar meu sobrenome a uma estranha. Você pode ser uma psicopata — ele brincou.

— Só me fala, pelo amor de Deus, que não é “Matheus Henrique Mendonça Miyake”.

Silêncio.



# 3

## TENTA ME RECONHECER

“(…) no temporal”.  
*Me Espera* — Sandy feat. Tiago Iorc

### SOFIA

O silêncio pairava sobre o quarto escuro como um extenso véu de chumbo.

De repente, a luz engoliu a escuridão e revelou o rosto inexpressivo de Henrique.

Ele estava de pé, ao lado do interruptor, deliciosamente pelado.

Quero dizer, completamente pelado.

Eu não podia acreditar que tinha visto Matheus Miyake pelado.

Não. Ele não era Matheus Miyake.

Meu Deus, é claro que não era! Eu não tinha transado — três vezes — com o Chatão! O destino não tinha sido tão cruel comigo.

Henrique me olhava como se estivesse me vendo pela primeira vez. Seus olhos claros analisavam cada traço meu.

Do nada, começou a rir. Jogou a cabeça para trás e gargalhou.

Meus olhos, pousados no pomo-de-adão em destaque no pescoço largo, desceram pelo peitoral esculpido e estacionaram na região das coxas grossas, em cujo centro um pacote maravilhoso estava pendurado.

Aquele não era Matheus Miyake. Não tinha como ser. Sério. Aquele homem não podia ser o Matheus da minha infância.

Eu podia apostar que o Chatão ainda tinha braços e pernas magricelos que nem gravetos — não bíceps definidos e pernas longas e malhadas!

E com certeza a boca de Matheus ainda era um traço fino e zombeteiro — não uma delícia de boca carnuda e desenhada, projetada para dar beijos maravilhosos!

E ele ainda devia usar o corte infantil que ostentava quando éramos crianças, estilo cuia de índio — não o corte despojado que contribuía para a beleza do cabelo farto, superpreto e tão macio do monumento que estava na minha frente!

E os olhos dele...

É. Os olhos eram uma semelhança que eu não podia desconsiderar.

Apesar do sobrenome japa, Matheus não tinha traços nipônicos muito fortes. Tinha o cabelo preto e liso, e os olhos eram ligeiramente puxados, mas não eram rasgados. Tinham um contorno visivelmente diferente, mas o amendoado era sutil.

Eu não fazia ideia de como não havia associado os olhos oblíquos de Henrique aos de Matheus. Notei o contorno diferenciado e apreciei as íris claras, mas não fiz a grande associação.



Em minha defesa, nunca pensei em Matheus Miyake como um homem. Nunca tinha imaginado sua versão adulta.

Não pensava no Chatão com frequência, mas, sempre que remexia em minhas memórias e via seu rosto infantil, não conseguia, por mais que tentasse, transformá-lo numa figura crescida.

Era como se minha mente fosse a Terra do Nunca. E Matheus, o solitário Peter Pan que minha Wendy interior gostava de visitar de vez em quando.

Na minha cabeça, ele sequer havia se tornado um homem. Como eu poderia ter previsto, então, que o Chatão adulto seria uma espécie de divindade?

Era inacreditável, e eu podia negar o quanto quisesse, mas, no fundo, sabia que Peter Pan havia crescido. O homem diante de mim era mesmo Matheus Miyake.

Eu estava me odiando por não ter um *Facebook* e por não ter jogado o nome dele no Google em algum momento da vida quando, sem aviso, ele parou de rir e me encarou com um ar divertido.

— Não acredito que eu comi a Chatona!

Tive vontade de morrer. Por mim, o chão poderia ter me engolido e findado minha existência naquele humilhante momento da minha vida terrena.

Mas, lamentavelmente, não engoliu. Continuei vivinha da Silva.

Mirando a expressão perplexa que não consegui evitar, ele teve outra crise de riso.

— Sai do quarto! Agora! — ordenei, usando um tom que deixava claro que eu não estava brincando.

— Você vai ter coragem de expulsar seu noivinho, paixão? — ele perguntou, aproximando-se de mim.

— Some da minha frente, Matheus!

— Eu prefiro “Henrique”. — Ele deixou uma risada escapar.

— Seu nome é “Matheus”, Chatão! — gritei. — Por que você me disse que era “Henrique”, seu idiota?

Fui totalmente ludibriada! — Dei um soco no peito dele.

— Todo mundo me chama de “Henrique”. Só fui chamado de “Matheus” na escola — ele se justificou, rindo.

— Eu devia saber que era você. — Soltei uma risada ácida enquanto meneava a cabeça. — Não me impressiona o fato de você ainda ser irritantemente ridículo! — Caprichei no desprezo ao pronunciar cada sílaba.

Meu Deus! Nisso ele não tinha mudado nadinha! Continuava o mesmo insuportável de sempre! A verdade estava na minha cara o tempo todo!

Eu estava me sentindo tão tola por não ter percebido que queria me estapear inteira.

— E não me impressiona o fato — ele ergueu a mão para tocar meu queixo — de você ainda ser apaixonada por mim — completou, sorrindo presunçosamente.

— Eu sempre te detestei, Chatão! — Afastei seu braço com força.

Ele deu uma risada e encurtou um pouco mais a distância entre nossos corpos.

Poucos centímetros separavam seu tórax despido do cobertor enrolado ao meu redor, que eu prendia nas costas com uma das mãos.

A proximidade — aumentada pelo braço que ele estendeu, apoiando a palma na parede enquanto me fitava — acelerou meus batimentos cardíacos e deixou minha respiração alterada.

Como meu próprio corpo ousava me trair tão descaradamente?

Eu estava morta de ódio! Dele, por ter ficado tão bonito; de mim, por ser tão superficial; e da droga do universo, por ser um puto sacana que, naquele momento, devia estar sentado em seu trono, com um enorme saco de pipoca no colo, enquanto minha vida era destruída para todo o sempre!

— Não sei como não reconheci essa boquinha carnuda em forma de coração. — Matheus tocou meus lábios com o polegar, e as pulsações entre as minhas pernas acompanharam o ritmo incontrolável das batidas em meu peito.

Eu ainda estava tragicamente afetada pelo “efeito Henrique”. Meu cérebro retardado ainda não tinha

desfeito a associação que havia criado entre aquele rostinho de divindade e sexo perfeito.

Meus neurônios atrasados precisavam, urgentemente, desfazer aquilo e associar o rosto do falso Henrique à irritante figura infantil que estava há tanto tempo morando na minha Terra do Nunca.

O problema era que minhas sinapses estavam muito lentas. Minha massa cinzenta não estava funcionando adequadamente. E fui comunicada dessa tragédia grega (trocadilhos inseridos) quando, vendo seu rosto cair lentamente em direção ao meu, tentei resistir ao magnetismo de sua boca — tão gostosa e tão macia — e não consegui.

Por causa da atípica crise de burrice e lerdeza do meu cérebro, eu, uma mulher astuta e inteligente, precisei corresponder ao beijo vagaroso, quente e intenso, que me deixou entorpecida.

Desfrutei de cada instante, certa de que nunca mais o beijaria de novo.

Não sei dizer em que momento minha mão direita ganhou vida própria, abandonando o cobertor e se unindo à companheira esquerda, que já estava no pescoço de Matheus. Só sei que, quando ele apertou minha bunda, meus neurônios voltaram ao normal. Recuperei o controle dos meus metacarpos e falanges e o empurrei com a força que me restava.

Não era muita, porque o beijo tinha amolecido meus ossos. Mas foi o bastante para interromper o contato entre nossas bocas.

— Espero que tenha aproveitado, porque esta foi a última vez que você beijou minha boquinha. — Destilei escárnio e limpei os lábios com o dorso da mão.

Ele se limitou a sorrir. E seu sorriso enviesado me deixou furiosa! Mas fingi que estava ótima.

Resgatei o cobertor desmaiado no chão, voltei a enrolá-lo no corpo e andei até minha mala. Peguei-a pela alça e joguei o trambolho na beirada da cama.

Matheus se manteve calado, e não olhei em sua direção enquanto abria o zíper e pegava um *babydoll*.

Infelizmente, eu não tinha levado nada mais comportado, como um pijama de calça e blusa de mangas compridas. Precisei me contentar com meu conjuntinho rosa de babadinhos.

— Pra que isso, paixão? Já vi tudo que tinha pra ver — ele disse de repente.

— Cala a boca e vai se vestir — ordenei.

— Meu corpo, minhas regras — ele decretou e se deitou despreocupadamente no meio da cama, com os dedos entrelaçados detrás da cabeça.

Juro que tentei não apreciar a posição. Mas ele ficava gostoso demais deitado daquele jeito, com os bíceps em evidência. Parecia uma escultura esculpida em pedra celestial.

Pensei em dizer que ele estava ridículo. E que o pau dele era patético. Mas ele daria uma gargalhada, ciente da minha tentativa pífia de desestimulá-lo com óbvias mentiras.

Então, tive a brilhante ideia de fingir que não estava nem aí.

— Tá bom, Matheus. Faça o que você quiser. — Fechei a mala e recoloquei minha bagagem no chão.

— Posso fazer o que quiser? — ele perguntou, me testando.

Como eu sabia que ele queria que eu titubeasse, respondi na lata:

— Pode.

— Posso pedir pra você continuar pelada?

— Pode. — Dei de ombros.

Ele se sentou e uniu as mãos em gesto de prece.

— Continua pelada, Gi — pediu, fazendo uma carinha que teria humilhado o Gato de Botas do Shrek num teste para o papel.

Achei que aquela era uma boa oportunidade de sacaneá-lo, e não desperdicei a chance.

— Ajoelha e pede “por favor”. — Reuni o máximo de altivez para ordenar.

Para a minha surpresa, ele fez o que eu mandei sem hesitar.

— Por favor, Gi, continua pelada — implorou, fazendo uma carinha ainda mais linda.

Senti uma vontade imensa de estampar a cara dele de beijos. Mas, aí, me lembrei de que ele era

Matheus Miyake, e a vontade passou.

— A resposta é não. — Enchi a boca para negar.

— Tá bom, Sofia. Faça o que você quiser. — Saindo da cama, foi até a bolsa dele.

Eu ainda estava assimilando o fato de que aquela era a primeira vez que ele me chamava de “Sofia”, quando Matheus tirou uma calça cinza de dentro da bolsa e a vestiu.

Sinceramente, eu não sabia dizer se ele ficava mais gostoso com ou sem a calça. Só pra você ter ideia do que era a malha daquele negócio destacando as partes mais volumosas daquele corpinho maravilhoso.

— Veste logo. Quero o cobertor — ele disse, voltando a se deitar.

Fiquei puta!

— Você não vai dormir na cama, queridinho!

— Vou. Dorme no chão se estiver incomodada.

— Ogro!

Ele não era o Gato de Botas. Era o próprio Shrek.

Furiosa, comecei a me arrastar até o banheiro, enrolada no meu vestido improvisado, que tinha uma cauda de fazer inveja em qualquer atriz numa noite de *red carpet*.

— Se entrar no banheiro, você vai molhar o cobertor — o nervosinho resmungou.

— Se entrar no banheiro, você vai molhar o cobertor — imitei, ignorando-o e entrando no banheiro.

Como eu também precisaria da coberta, tive o cuidado de erguer minha cauda. Mas só depois de bater a porta na cara de Matheus e fazer uma careta horrorosa, que, obviamente, ele não viu.

Vesti meu *babydoll* e, antes de sair, embolei a coberta na pia e aproveitei pra fazer xixi.

Quando voltei pro quarto, ele ainda estava lá, lindo feito a obra-prima do Senhor, deitado no meio da cama, de costas no colchão.

— Apaga a luz e me embrulha — disse, seco.

Dei uma risada estrondosa.

— Quer um beijinho de boa noite também, bebê?

— Não é uma má ideia. — Ele virou o pescoço e sorriu. — Gostei dos seus peitos nesse pijama, mamãe. O bebê quer mamar antes de dormir.

— Isso não é um pijama, idiota. É um *babydoll* — falei, rindo.

Ele me olhou como se eu tivesse acabado de diferenciar um boquete de um bola-gato.

Não me dei ao trabalho de explicar. Virei as costas e caminhei até o interruptor.

— O bebê também gostou da bunda gostosa da mamãe no *babydoll*.

— Cala a boquinha, Matheus. — Apaguei a luz.

— Vem calar, mamãe — ele devolveu, rindo.

— Vou calar com um murro. — Deitei-me na cama, jogando o cobertor com violência sobre o corpo.

— Mamãe tá nervosa. — Ele usou um tom apreensivo, e eu precisei fazer um esforço sobre-humano para não rir.

— Chega pra lá. — Impeli o corpo contra o dele.

— Meu Deus, você quer me derrubar? — ele bradou.

Pelo desespero, parecia que eu estava prestes a empurrá-lo de um penhasco.

— Do chão você não passa, querido — falei, com toda a tranquilidade do mundo, enquanto acomodava meus travesseiros.

Para me pirraçar, ele abriu os braços e as pernas, esticando-se sobre o meu corpo como se fosse uma estrela-do-mar.

— Sai de cima de mim! — Tentei empurrar seu braço, mas Matheus estava determinado a usá-lo para esmagar meu rosto.

— Preciso de espaço, paixão — ele disse, soterrando minhas pernas com o peso da dele.

— E eu preciso de coberta! — Puxei o cobertor, o que fez com que ele liberasse minha cara e o

puxasse de volta, iniciando um cabo-de-guerra.

— Devolve a minha coberta, Chatão! — Movi o cobertor de novo.

— Ela não é só sua, Chatona! — Ele retribuiu, puxando do outro lado.

Ficamos fazendo o cobertor de corda até que eu decidi soltá-lo.

— Engole essa bosta! Vou esperar você dormir e vou te matar dormindo, Matheus — avisei, afastando-me o máximo possível dele. — E, só pra você saber, eu tenho mesmo uma arma.

O som delicioso de sua gargalhada encheu o ambiente.

— Vai achando que eu tô brincando... — Virei as costas e me deitei de lado, como se isso fosse me impedir de escutar as notas vibrantes da melodia que era a risada do insuportável do Matheus Miyake.

— Você não seria capaz. — Ele encaixou o corpo no meu e sussurrou no meu ouvido.

Amaldiçoei minhas células, que se rebelaram contra as ordens do meu cérebro e se eriçaram com a calidez de sua pele e com o sussurro quente em minha orelha.

Fiquei calada. Em alguns casos, o ataque não é a melhor defesa. O silêncio é.

Só que não. Foi o que eu descobri quando, diante da minha mudez, ele beijou meu pescoço, destruindo minha premeditada defesa silenciosa ao arrancar um irreprimível som da minha garganta.

Senti seu sorriso em meu ombro quando seus lábios desceram e eletrizaram meus poros.

— Boa noite, Gi — ele disse, ajeitando o cobertor sobre mim.

Então, pousou o braço sobre a minha cintura e abrigou a cabeça ao lado da minha.

Pensei em afastá-lo, mas estava frio, e o calor que seu corpo emanava era oportuno demais para ser dispensado.

— Boa noite — murmurei, fechando os olhos e inspirando o cheiro do ar e o aroma masculino que ele exalava.

Achei que não conseguiria dormir, mas o sono caiu sobre mim instantes depois, com a sutileza de uma pena flutuando serenamente antes de repousar numa superfície plácida.

Quando despertei na manhã seguinte, tive a impressão de ter dormido por anos ininterruptos.

Enquanto eu me espreguiçava, maravilhando-me com as sensações que se espriavam pelo corpo, não precisei me esforçar para me lembrar de onde estava e o que tinha acontecido na noite anterior. Minhas lembranças, vívidas e intensas, afloraram e inundaram minha mente com o ímpeto de uma inesperada avalanche.

Meu corpo gelou quando pensei na possibilidade de acordar ao lado de Matheus Miyake com um bafo que seria capaz de desmaiá-lo.

Prendendo os lábios com a força de uma prensa, virei o pescoço e, para o meu completo alívio, deparei-me com o espaço desocupado no colchão.

Esfregando os olhos, levantei-me e caminhei até a porta do banheiro.

Estava fechada. Preguei o ouvido na madeira e torci para não ouvir nada sólido caindo na água.

— Matheus? — chamei, ouvindo minha pavorosa voz de sono ecoar no quarto vazio.

Como não obtive resposta, bati. Três batidas depois, anunciei que ia entrar.

Felizmente, ele não estava lá dentro.

Por um instante, achei que minhas lembranças não passavam de memórias de um sonho bizarro. E cheguei a respirar aliviada enquanto fazia xixi.

Então, voltei para o quarto e, ao me aproximar da escrivaninha, vi as roupas úmidas espalhadas pelo chão.

Merda. Eu tinha mesmo dormido com Matheus Miyake.

Sobre o tampo de madeira, repleto de marcações feitas com estilete e corretivo, havia um pedaço de papel dobrado, ao lado de um canivete suíço. No centro, estava escrito:

***“Para Gi, a Chatona”***

Peguei o bilhete e abri.

***“Eu não fazia ideia de que as girafas hibernavam! E depois dizem que os gatos é que são preguiçosos!***

***Desculpa não esperar seu processo de hibernação acabar, Gi. É que já passa das dez, paixão. E eu tô tentando não morrer de fome desde as sete. Por isso, tô descendo pra comer alguma coisa.***

***Volto logo, trazendo seu café.***

***Beijos na boquinha.***

***Henrique, o Chatão.”***

Eu não podia acreditar que já eram mais de dez horas! Matheus só podia estar zoando com a minha cara!

Corri até minha mala e peguei meu celular. Quase enfartei quando vi o visor. Já eram quase onze da manhã!

E isso nem foi o que mais me chocou. O que realmente me deixou boquiaberta foram as centenas de ligações perdidas de mamãe, papai, Lipe, tia Liv e tio Max.

Eu tinha me esquecido completamente de ligar avisando que não chegaria de madrugada, como tinha dito a mamãe no dia anterior.

Àquela altura, ela já devia ter espalhado para a família inteira que eu estava desaparecida! Já devia ter ido à delegacia, inclusive!

Após inserir a senha, eu me deparei com inúmeras mensagens dela. Não li nenhuma.

“Mamãe, fica tranquila! Estou bem!”, digitei.

Então, como conheço a mãe que tenho, apaguei tudo e decidi mandar logo um áudio, coisa que ela com certeza me pediria para fazer, com medo de um sequestrador estar digitando em meu lugar.

A resposta, em forma de mensagem de voz, foi imediata:

“Sofia, tem um sequestrador te obrigando a dizer isso, minha filha? *Plínioooooo*, Sofia foi sequestrada! Lipe, liga de novo pra polícia, meu filho!”, ela gritou, com uma voz chorosa e desesperada.

Mandei outro áudio:

“[Risadas histéricas]. Não, mamãe! Não fui sequestrada! Tô num hotel. Decidi parar aqui ontem à noite, por causa da chuva. Acabei dormindo demais, por isso não mandei mensagem antes. Espera, vou mandar uma foto, pra senhora ver que é verdade”.

Cliquei no ícone da câmera, tirei uma *selfie* e enviei.

“Viu? Estou ótima!”, digitei.

Ter enviado a foto foi a pior burrada que eu poderia ter feito, e só percebi isso quando ouvi o áudio que mamãe enviou em seguida, em um tom irônico:

“Dormiu demais, né, dona Sofia? Aquilo branco ali atrás de você por acaso é uma cueca?”.

E essa nem foi a parte do áudio que me deixou de olhos arregalados. Foi o berro que papai deu, provavelmente a centímetros de distância de mamãe:

“Uma o quê, Susanne?”.

Ele ia me matar!

Eu sei, tenho trinta e três anos e tal. Mas, na cabeça de papai, ainda tenho seis. Ele não aceita, de jeito nenhum, o fato de que, citando a Sandy, “eu cresci e agora sou mulher”.

Eu ainda estava alarmada, com o celular na mão, quando recebi uma mensagem de Lipe, seguida por várias carinhas amarelas chorando de rir:

“Se fodeu! *Cê tá na merda!*”.

“Vai chupar um canavial de rolas, Felipe!”, devolvi.

“Vou mostrar isso pro coroa, pra ele saber as coisas que a princesinha dele fala!”.

“Mostra, que eu conto pro vizinho aí da frente que você tá pegando a mulher dele!”.

“O corno já sabe”.

“Deixa de ser mentiroso!”.

“Sério. Descobriu hoje cedo. Flagrou a safada com meu Lipão inteiro na boca. Imagina o tanto que ela engasgou quando viu o marido parado na porta do quarto. [Carinhas amarelas chorando de rir]”.

“Creeeeeeeeedo! Que noooooooooojo! Espero que ele tenha te dado uma surra!”.

“Tá pra nascer o sujeito que vai me dar uma surra, Sofia”.

“O que ele fez? Deu pelo menos um soco na sua cara, né? Espero que seu olho esteja roxo”.

“Bem que o corno tentou, mas foi tão fácil escapar do soco quanto escapar dos beliscões de dona Susanne. [Mais carinhas amarelas chorando de rir]. Falando nisso, minha mãe tá mandando você responder os áudios dela”.

Fui até a conversa com mamãe e ouvi o primeiro:

“Espero que você tenha passado a noite com o pai dos meus futuros netos, Sofia! E espero que você esteja trazendo o rapaz para a família inteira conhecer! Só isso te livraria da surra que eu vou te dar quando você pisar o pé nesta casa!”.

Meu Deus. Eu preferia levar mil chibatadas no lombo a levar Matheus Miyake ao casamento.

O outro áudio tinha sido enviado por papai:

“Isso. Traz o filho da puta, pra eu dar nele a surra que sua mãe ia te dar”.

De repente, a ideia de levar Matheus Miyake não pareceu tão ruim assim.

Depois de adular papai um pouquinho, abri a mala e peguei tudo o que eu precisaria para escovar os dentes e tomar banho.

Fui para o banheiro e fiquei pronta em tempo recorde.

Já estava quase saindo, de cara lavada, quando decidi voltar para dar uma arrumadinha.

Não que eu me importasse com o que Matheus acharia da minha cara em plena luz do dia. Eu só não queria assustar os hóspedes que porventura cruzassem o meu caminho no hotel.

Então, abri a *nécessaire* e passei um pouquinho de blush, rímel e um *lip balm* nos lábios. Fiquei bem *naturalzinha*. Ele acreditaria piamente que eu acordo com as bochechas coradas e que nasci com cílios de boneca.

Quero dizer, eles. Tô falando dos hóspedes.

Quando voltei para o quarto, Matheus ainda não tinha voltado.

Guardei minhas roupas molhadas em um dos saquinhos que estava levando para guardar as peças sujas e ajeitei o vestido e o moletom ensacados na mala.

Como sou generosa, usei outro saquinho para guardar as de Matheus. Deixei o embrulho em cima da escrivaninha, ao lado do bilhete.

Peguei o pedaço de papel e li de novo. Dessa vez, rindo das palhaçadas dele.

Fiquei realmente envergonhada por ter dormido tanto. Mas, em minha defesa, eu estava mortalmente cansada. Precisava daquelas horas extras de sono.

Quando redobrei o bilhete, notei algo escrito no verso. Virei a folha e li o *post scriptum*:

**“P.S.: *Dá uma olhada no canto superior esquerdo da mesa*”.**

Pousei os olhos sobre o tampo da escrivaninha e subi o olhar até as coordenadas indicadas. Estava lá, dentro de um coração feito à lâmina na madeira:

**“Chatão & Chatona”**

Logo abaixo, ele tinha gravado a data.

Aquilo significava alguma coisa ou era só mais uma das zoeiras de Matheus? Ele estava sendo fofo ou só estava fazendo graça?

Eu não sabia. Mas, por mais que me custasse admitir, eu não tinha achado engraçado. Tinha achado superfofo.

Instintivamente, peguei o celular e tirei uma foto. Depois, fiquei me achando muito ridícula. Então, apaguei. Aí, me arrependi e bati outra foto.

Para não excluir de novo, coloquei o aparelho em cima da escrivadinha, guardei o bilhete no bolso e me sentei na cama.

Esperei mais alguns minutos e, como Matheus não voltou, decidi que era melhor descer.

No corredor, encontrei uma camareira e perguntei onde ficava o salão do hotel. Ela me explicou como chegar e fui direto pra lá.

O ambiente contava com uma grande mesa atalhada — guarnecida de itens como pães, frutas e geleias — e algumas mesinhas com cadeiras espalhadas pelos arredores.

Não precisei procurar muito para encontrá-lo. Matheus estava de costas, sentado em uma das mesas, conversando com três mulheres.

Nenhuma delas fazia o tipo “capa de revista”, mas todas eram bonitas. E riam efusivamente de algo que ele estava dizendo.

Fiquei um tempo observando aquele circo, no qual Matheus Miyake era o palhaço que fazia graça para uma plateia de hienas no cio.

O espetáculo me deixou possessa. E não por me sentir traída ou algo assim, mas por me sentir ultrajada! Para todos os efeitos, eu estava lá em cima, faminta, esperando o sem-vergonha subir com o meu café! Enquanto isso, o safado flertava descaradamente com um trio de desocupadas!

Pensei em me aproximar dos circenses, mas decidi que não era uma boa ideia. Não conseguiria disfarçar a irritação e tinha certeza de que Matheus confundiria meu ultraje com ciúme.

Então, dei meia-volta em direção às escadas. Subi correndo, alcancei o quarto, enfiei a chave na fechadura, entrei, peguei minha mala, tranquei a porta e desci.

Fui direto para o balcão, onde o velho entregava uma chave a um casal de meia-idade.

— Bom dia — cumprimentei.

— Bom dia — os novos hóspedes responderam e se afastaram com suas malas.

— Bom dia, moça. — O velho me encarou e abriu um sorrisinho malicioso. — Gostou das nossas acomodações?

— Adorei. — Abri meu melhor sorriso sarcástico. — Quanto estou devendo o senhor? — perguntei, abrindo minha carteira.

Em tese, o quarto era de Matheus. Logo, o Chatão deveria pagar. Mas, como eu estava de saída e não sou nenhuma caloteira, ia pagar aquela merda.

— Duzentos — o velho informou, e eu arregalei os olhos.

— Duzentos reais?

— Dólares é que não é.

Olha só que vagabundo! De jeito nenhum a diária daquele lugar valia duzentos reais! O velho estava me roubando!

Mas, como eu queria sumir dali, só para não ter o desprazer de ver a cara de Matheus Miyake de novo, tirei duas notas de cem da carteira e entreguei ao ladrão.

— Aqui está a chave. O senhor poderia fazer a gentileza de entregá-la ao outro hóspede do 23?

— Por que a senhorita não entrega? — ele questionou, pegando a plaquinha numerada que eu estendi.

— Porque ele está ocupadíssimo lá no salão. Muito obrigada. Tenha um bom dia. — Comecei a me

afastar.

Já estava dirigindo há uns quinze minutos quando pensei em mandar uma mensagem para mamãe, dizendo que já estava na estrada.

Assim que levantei a bunda e tentei alcançar o celular no bolso da calça jeans, eu me dei conta de que tinha esquecido o aparelho em cima da escrivaninha.

Xinguei todos os improperios a que tinha direito enquanto socava o volante. Ainda puta, fiz o contorno e voltei para o hotel.

— Esqueci meu celular! — bradei, assim que avistei o velho sentado no balcão.

— Eu sei — ele disse tranquilamente. — O rapaz já foi embora. Mas deixou isso para a senhorita. — O senhor idoso se levantou da cadeira e abriu uma gaveta.

— Outro bilhete? — Fitei o envelope que ele me estendeu. — E meu celular? Eu quero meu celular!

— Ele só deixou o bilhete — o velho falou, e eu peguei o envelope, que tinha meu nome grafado na conhecida letra de Matheus.

Depois de descolar a aba, puxei o pedaço de papel e li as poucas palavras que estavam escritas:

***“Você é a primeira Cinderela que esquece o celular em vez do sapatinho.***

***Se quiser recuperá-lo, compareça ao palácio do Rei Eduardo, meu digníssimo pai.***

***O castelo ainda fica no mesmo lugar, e a família real a receberá com as pompas merecidas.***

***Espero vê-la em breve, princesa.***

***Com cordiais cumprimentos,***

***Príncipe Henrique”.***

Não consegui conter uma risada depois de ler aquele absurdo. Se aquele ridículo estava achando que eu ia à casa dos pais dele só para pegar meu iPhone novinho de volta, ele podia ter certeza de que eu ia, sim.

Merda!

Merdaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!

Eu ia matar Matheus Miyake!

Logo após a assinatura, havia um *post scriptum*, que li em seguida:

***“P.S.: Você já tinha pagado a diária? Tive que pagar trezentos contos. Tenho a ligeira impressão de que esse velho mercenário me extorquiou”.***

Soltei uma gargalhada. Mas, quando ergui a cabeça, conjurei uma fisionomia séria.

— Devolve meu dinheiro.

— Que dinheiro, moça? — O velho fez uma cara de desentendido tão falsa que não teria sido contratado para trabalhar nem como figurante da Record.

— Meus duzentos reais. E os duzentos a mais que o senhor cobrou do idiota do Matheus Miyake.

— Não acredito que o *fidaputa* me entregou! — Ele deu um soco no balcão.

— Anda, devolve — exigi. — Eu sou capitã da Polícia Militar, sabia? Posso prender o senhor.

Ele não questionou. Mais que depressa, abriu a gaveta e me entregou, choroso, quatro notas de cem.

Eu já estava atravessando a porta, quatrocentos reais mais rica, quando ouvi a voz do velho:

— A gente tinha quartos vagos ontem, sabia? Ele me pagou *duzentim* pra falar que só tinha um.

Não me virei. Não ia dar a ele a chance de ver minha expressão simultaneamente chocada e enfurecida.

Eu não podia acreditar que o Chatão tinha molhado a mão do velho!



Sabe o que eu podia fazer? Pegar os duzentos reais dele pra mim!

Mas não sou bandida. Eu ia devolver. Enfiando as notas na goela do descarado!

Cerca de duas horas depois, eu estava na rua de Matheus. Quero dizer, na rua da casa onde ele costumava morar quando era criança.

Tinha ido lá uma vez só, com a organizadora do casamento de tia Liv, para pegá-lo para participar de um dos ensaios.

Inacreditavelmente, o caminho ficara gravado em minha memória.

Quando me aproximei da casa, notei que a fachada estava diferente, mas, ao avistar o portão gradeado, reconheci o exuberante jardim, repleto de plantas exóticas, as quais tinham ficado enraizadas em minhas lembranças.

Certa de que estava no lugar correto, estacionei e desliguei o motor.

Com o coração pulsando na garganta, ajeitei meu cabelo enquanto mirava meus olhos no retrovisor interno.

Estava ridiculamente nervosa, e não fazia ideia do motivo.

Convencendo-me de que logo estaria livre daquilo e que nunca mais teria que olhar na cara de Matheus Miyake, saí do carro.

Toquei o interfone e esperei.

— Quem é? — Uma voz feminina atendeu.

— Oi, meu nome é Sofia. Eu vim buscar... — comecei.

— *Henriqueeeeeeeeeee!* — ela gritou. — Ela chegou!

A próxima coisa que ouvi foi o som do portão eletrônico sendo aberto.

Em seguida, a porta da casa se abriu. Só não mais que a minha boca.

Ele vinha em minha direção, passando pela porta da frente e tudo! Fiquei olhando, feito idiota, secando o gostosão na cara dura.

Mas, em minha defesa, aquele não era o Matheus Miyake que eu conhecia. Sério.

Eu o tinha visto pela última vez há cerca de três horas, de costas. Não fazia ideia do que era aquele homem em plena luz do dia.

A roupa branca combinava com o sorriso de canto que ele abria enquanto caminhava pela passarela pavimentada no meio do jardim.

Tinha feito a barba. Provavelmente, enquanto me esperava acordar no hotel. A mandíbula lisa, cumulada ao queixo forte e aos demais traços de seu rosto, estava mexendo seriamente com o meu sistema nervoso. De novo, eu estava com sérias dificuldades de acreditar que estava diante do Chatão.

Não tinha como aquele maxilar ser dele. Nem o nariz reto e perfeito ou os incríveis olhos verde-azulados e puxados. Muito menos aquela boca cheia e desenhada.

E o pescoço esculpido, rodeado pelo estetoscópio, que repousava perfeitamente sobre a proeminência daqueles ombros largos? Certeza de que nem o pescoço nem o estetoscópio nem os ombros eram reais.

O Chatão não era médico! Era engenheiro. Quando éramos crianças, ele me disse que seguiria a profissão do pai!

Então por que ele estava usando jaleco e esteto?

Nada era real. Era tudo miragem. A visão com certeza estava sendo provocada pelo imenso buraco em meu estômago, ocasionado pela fome brutal que consumia minhas entranhas.

Tinha alguma coisa muito errada acontecendo, a começar por aquela beleza toda, que não era normal.

Não, sério. O que o vento fazia com o cabelo dele era muito cinematográfico para ser de verdade. As mechas negras do topo oscilavam como se tivessem ensaiado até tornarem cada movimento sublime.

E tinha aquele sorriso absurdamente sedutor. E toda aquela cara linda.

As feições espantosamente másculas e muito simétricas não podiam pertencer ao meu ex-colega insuportável.

Como eu não tinha percebido antes?

Eu estava sonhando!

Provavelmente, tinha sofrido o acidente na estrada! Devia estar em coma!

*Por favor, acorda, Sofia!*

O Matheus imaginário, vestido de médico, era um reflexo do que estava acontecendo ao meu redor, no hospital.

Eu estava morrendo! Iam desligar os aparelhos!

Matheus era um Anjo da Morte! Um ceifeiro! Eu sabia! Os mitos de *Supernatural* eram verdadeiros! Será que Lipe ia fazer um pacto para me salvar?

Merda. Eu ia morrer. O bosta do Felipe era um Sam Winchester de merda. Meus minutos estavam contados.

Juro que tentei resistir, mas não consegui.

Estava à beira da morte, e não ia ser torturada no inferno antes de dar uma última manjada marota na minha coisa favorita do mundo dos vivos.

Baixei os olhos e manjei o pacote do Chatão.

Foi uma péssima ideia, porque, quando ele abriu o portão e me cumprimentou, eu estava sem fala.

— Bom dia, Gi!

Enquanto engolia em seco, obriguei meu cérebro fantasioso a aceitar a dura verdade: eu não estava morrendo, e Matheus não era um anjo. Eu estava vivinha. E ele era só um deus olimpiano que tinha uma pegada maravilhosa e, aparentemente, também salvava vidas.

— Você também é médico? — perguntei, quando consegui formular algo mais concreto que meros suspiros mentais.

— Você é médica?

— Sou.

— Sério?

— Por que o tom surpreso? Meu pai e tio Tito são donos de um hospital! Seu pai é dono de uma construtora! Logo, sou eu quem está surpresa.

— E onde está escrito que os filhos precisam seguir a profissão dos pais?

— Você me disse que queria ser engenheiro, Matheus. — Cruzei os braços e o encarei.

— E você me disse que queria ser bailarina. Onde estão as suas sapatilhas? — Ele imitou meu gesto.

— Pois é. Desisti de ser bailarina, porque um chatão me disse que eu dançava que nem uma pata!

— Pois é. Também desisti de ser engenheiro, porque uma chatona me disse que eu não sabia construir nem uma casinha de massinha!

Prendi os lábios para não rir. Mas, de repente, altas gargalhadas cortaram o ar.

Não eram minhas. Nem dele.

Rindo, uma mulher *mignon* atravessou a porta e nos alcançou.

A julgar pelas espessas sobrancelhas escuras, que sempre tornaram seu rosto bastante expressivo, eu estava diante de Marina Miyake, irmã de Matheus.

Nós duas éramos colegas de balé.

Quero dizer, ela tinha uns quatro ou cinco anos na época. Eu já tinha seis. Não éramos da mesma turma, mas fazíamos aula na mesma escola, a *Grand Plié*.

— Ai, meu Deus! Ela é a Chatona, não é? — perguntou, olhando para Matheus. — Espera... É ela? — Seus grandes olhos claros arregalaram-se. — A Chatona é a sua nam..

— Não — ele interrompeu. — O nome dela é So... lange. E ela é uma estranha que esqueceu o celular e veio buscar. Só isso. Aqui, Solange. — Ele tirou meu iPhone do bolso da calça branca e me entregou.

Marina deu uma risada.

— Eu não sou idiota, Henrique! Atendi o interfone, gênio! O nome dela é Sofia! E vocês estavam

brigando que nem crianças, usando os apelidinhos de infância e tudo! — Ela riu. — Você é a Chatona, não é? O primeiro am..

— Cala a boca, Marina — Matheus vociferou, fuzilando a irmã.

— A própria. Oi, Marina! — cumprimentei.

Se eu não soubesse que ela tinha no mínimo trinta e um anos, diria que tinha menos de vinte.

A irmã de Matheus era baixinha e tinha uma aparência muito jovem, frágil e delicada, contrabalançada pelas sobrancelhas marcantes, que lhe davam um ar meio perverso.

Usava um longo vestido preto e um exuberante colar de pérolas.

O cabelo cor-de-mel estava enrolado em sua cabeça, como se estivesse pronto para receber uma peruca.

— Eu sabia! Sofia! — Ela se aproximou para me abraçar. — Desculpa a falta de educação do meu irmão. Ele é um ogro!

— Eu sei. — Inclinei-me para abraçá-la de volta.

— Você ficou maravilhosa! Tão alta! Parece uma modelo! — ela disse, quando se afastou.

— Uns e outros diriam que pareço uma girafa. — Lancei um olhar fulminante ao ridículo do Matheus.

Marina levou uma mão à lateral da boca e sussurrou, como se o irmão não pudesse ouvir:

— Isso é amor encubado.

Matheus soltou uma risada alta. Mas, quando falou, estava sério.

— Marina, você não tem a porra de uma festa para organizar?

— Pro seu governo, já está tudo organizado! — Fez uma careta para ele. — Sofia — abriu um sorriso enorme para mim —, você está mais que convidada para a minha festa de aniversário! É hoje à noite! E vai ser à fantasia! Entra, preciso de ajuda para escolher entre Audrey Hepburn, Brigitte Bardot e Twiggy! — Ela puxou minha mão.

Quando me dei conta, já estava dentro da casa.

Assim que entramos na sala, Marina correu, alardeando que ia colocar a peruca, as luvas e os sapatos da fantasia de Audrey.

Matheus indicou o sofá e, quando me sentei, ele se sentou ao meu lado.

— Gostou dos nossos nomes gravados na mesa, paixão?

— Achei ridículo — falei, encarando suas intensas íris claras.

— Achou ridículo? — Ele riu. — É mesmo? E você costuma fotografar tudo que acha ridículo?

Arregalei os olhos.

— Você fuçou meu celular? Como? Tem senha!

— Acertei de primeira. — Gargalhou. — A data do seu aniversário, Sofia? Sério?

Eu sei, era uma senha bastante óbvia. Mas, exatamente por isso, nunca pensei que alguém acharia que uma pessoa esperta como eu colocaria uma senha tão ridiculamente óbvia no celular! Ou seja, na minha cabeça, era uma senha perfeita.

— Você viu todas as minhas fotos? — perguntei, sentindo o coração gelar.

Sabe aquelas *selfies* horrorosas que a gente tira uma atrás da outra pra ver se salva alguma? Pois é.

— Todas. Meu Deus, você tira umas fotos muito bizarras. — Ele caiu na risada.

— Eu vou te matar, Miyake! — Avancei sobre ele e comecei a socá-lo.

Logo, estávamos deitados, nos engalfinhando no sofá.

— Ai! Tô brincando! Meu saco! Sofia, cuidado com meu saco, porra!

— Tô pouco me lixando pro seu saco! — berrei, e congelei ao ouvir uma súbita tossida.

Com os olhos saltando das órbitas, saí de cima de Matheus e fiquei lívida quando pousei o olhar na pessoa parada na porta.



# 4

## FAZENDO CENA

“(...) pro público rir”.

*Uma Atriz* — A Banda Mais Bonita Da Cidade

### MATHEUS

— Eu *tava* quieto, mãe. Ela me atacou, do nada. — Fiz minha defesa enquanto me sentava no sofá, conferindo se meu saco ainda continha duas bolas inteiras.

— Seu mentiroso! — Sofia bradou, me dando um tapa. — É mentira dele! Desmente isso, palhaço! — Acertou meu bíceps com um soco.

— Mãe, ela tá me espancando. A senhora não vai fazer nada? — Simulei absoluta indignação.

— A única coisa que eu posso fazer é ajudá-la a te dar uns tapas — minha mãe disse, fazendo Sofia rir.

— Meu Deus. Olha como eu sou tratado pela minha própria mãe. — Fingi profunda decepção.

— Para de gracinha, Henrique, e me apresenta a moça. Até que enfim você trouxe sua namorada pra gente conhecer! — minha mãe vibrou, e o olhar de Sofia queimou a lateral do meu rosto.

Busquei seus olhos e, enquanto implorava silenciosamente para que ela não destruísse meu castelo de mentiras, peguei sua mão e a incentivei a se levantar junto comigo.

— Mãe, esta é Sofia, minha namorada agressiva. — Pousei o braço nos ombros da Chatona.

— Sofia? O nome dela não era Débora? — Minha mãe franziu o cenho.

— É Débora Sofia, né, benzinho? — improvisei, puxando-a e beijando sua têmpora. — Me ajuda — sussurrei e me afastei, sorrindo como se não estivesse torcendo para não ser desmentido.

Sofia me fitou por alguns segundos antes de responder. Suas íris eram oceanos de fúria e censura mal contidas.

— É — confirmou, transferindo os olhos para o rosto de minha mãe. — Nós somos um par romântico de novela mexicana. Débora Sofia e Matheus Henrique. — Seu olhar irônico encontrou o meu. — Mas a gente prefere nossos segundos nomes, né, *benzinho*? — Fulminando minha cara com outro jato de sarcasmo, ela enlaçou minha cintura e me deu um beijo na bochecha enquanto arrancava um pedaço das minhas costas com um beliscão.

Minha carne doía como se tivesse sido queimada no inferno, e Sofia sorria com a mesma candura de um anjo, demonstrando seu enorme prazer em me ver prendendo os lábios para não soltar um palavrão.

Estreitei os olhos, em uma clara promessa de vingança, e abri um sorriso falso para dar continuidade à apresentação.

— Sofia, meu amor, minha deusa delicada — caprichei na ironia —, esta é Milena, minha mãe desnaturada.

— Desnaturada? Eu? Desnaturada é a mãe natureza, que me deu uma peste em forma de filho. — Minha mãe riu.

— Meu Deus. Nem sei como eu nasci normal, com uma mãe dessas. — Falseei uma expressão alarmada.

— Quem disse que você nasceu normal? — Sofia ergueu uma das sobrancelhas.

— Tem razão, paixão. Eu não sou normal. Nasci com três pernas, e a sua favorita é a do meio. — Pisquei um olho.

— Não faço ideia do que você tá falando. — Ela tentou, sem sucesso, manter os lábios sérios.

— Henrique, isso é coisa de se falar na frente da sua mãe? — Fui severamente recriminado pela minha genitora e, como sempre, ignorei a reprimenda.

— Mãe, a senhora ficou muito assustada na maternidade, quando viu minha terceira perna?

— Não fiquei. — Ela riu. — Já estava muito acostumada à terceira perna do seu pai.

— Mãe, isso é coisa de se falar na frente do seu filho? — devolvi, usando uma pretensa entonação séria.

— Henrique, para de me constranger na frente da sua namorada! Desculpa, querida. Ele fica fazendo graça, e me faz falar besteira. — Ela balançou a cabeça e, lançando-me um olhar reprovador, aproximou-se da minha namorada de mentira. — É um prazer te conhecer, Sofia — sorriu, abraçando-a.

— O prazer é meu, dona Milena. — Sofia se inclinou e abraçou o corpo magro e pequeno da ilustre mãe do bebê-tripé.

— Ah, querida, pode me chamar de “Milena”. — Minha mãe se afastou e nos encarou com visível admiração. — Vocês formam um casal tão bonito! — Uniu as duas mãos na lateral do rosto. — Ela é tão linda, Henrique! Parece uma modelo!

— Ela pode até ser linda, mãe, mas o mais bonito da relação sou eu, né, paixão? — provoquei.

— *Claaaaaaaaaro*, querido — Sofia ironizou.

— Te amo, minha girafinha. — Puxei-a pelo ombro e beijei o topo de sua cabeça.

Ela ergueu o rosto e me encarou.

Percebi, tarde demais, que tinha falado merda. E o pior nem foi seu olhar estranho. Foi a naturalidade com que as palavras saíram da minha boca.

A Chatona sempre mexeu comigo de um jeito bizarro.

De um modo inexplicável, ela conseguia me transformar na versão mais infantil de mim mesmo, uma versão que eu gostava muito de personificar.

Sempre tive medo de reencontrá-la. Uma parte de mim achava que a versão adulta de Sofia Theloni acabaria comigo. A outra tinha certeza.

Eu estava certo. Não a via há quase três décadas, e ela libertou o Chatão que estava aprisionado em mim antes mesmo de eu saber que ela era a Chatona.

Não era amor, claro.

Era algo pior.

Eu era um homem que carregava entre as pernas uma terceira perna completamente apaixonada pela mulher na qual minha paixão de infância havia se transformado.

A boa notícia era que meu próprio cacete poderia resolver o problema no qual ele tinha nos enfiado.

Com certeza, só precisaríamos transar com a Chatona mais algumas vezes para nos livrar daquele desejo absurdo de ficar dentro dela pelo resto da vida.

— Vocês já podem marcar a data do casamento! Mal posso esperar para ser avó! — minha mãe exclamou de repente, e o som de sua voz fez com que Sofia desviasse os olhos dos meus.

— A gente vai ter uns cinco filhos, né, Gi? — brinquei.

— Todos meninos — ela acrescentou. — E eles vão nascer todos *tããããããããã* lindos quanto o pai. — Seu tom foi tão sarcástico que eu tive que fazer um esforço do caralho para não rir.

Minha mãe sonhava tanto em me ver casado e pai de uma penca de crianças que, para ela, nossas ironias não passavam de diálogos ridiculamente apaixonados, que culminariam com dois “sins” no altar.

— Vou deixar vocês a sós um pouquinho, enquanto ajudo Nilce a terminar o almoço — ela anunciou.

— Fiquem à vontade aqui na sala, viu? Mas, se quiserem encomendar meu primeiro netinho, acho melhor vocês subirem, porque Eduardo foi jogar bola com Renato, mas os dois já estão quase chegando.

— Vem, paixão. Vamos lá pra cima, a gente precisa fazer logo um neto pra essa velha.

— Não vou subir — ela cochichou.

— Por favor — sussurrei, fazendo minha melhor expressão suplicante.

Ela revirou os olhos e, depois de pensar por alguns segundos, decidiu me acompanhar.

Quando chegamos ao final da escada, minha mãe se apoiou no corrimão e falou:

— Camisinha tira o prazer, viu?

Dei uma risada.

— Sua mãe é quase tão louca quanto a minha — Sofia comentou, rindo.

Puxei sua mão e entramos no primeiro quarto do corredor, onde eu dormi até os 17 anos, quando saí de casa para fazer faculdade.

Fechei a porta, agarrei a Chatona, afundei o rosto em seu pescoço e comecei a beijar sua pele.

— Matheus... — Ela gemeu. — Sossega. — Suas mãos empurraram meu tórax.

— Tô morto de tesão. — Voltei a me aproximar. — Se eu não transar agora, vou morrer.

— Você só vai morrer se não me contar, neste exato momento, quem é essa tal de Débora. — Ela cruzou os braços, e eu abri um sorriso.

— Tá com ciúme, paixão?

— Você tem namorada, cachorro? — Ignorando a pergunta, ela me deu um soco no peito.

— Já falei que eu não sou cachorro, Gi.

— Responde, Matheus! — ela gritou. — Ou vou descer e vou contar a verdade pra sua mãe! —

Colocou a mão na maçaneta e me encarou.

— Corre e conta! — provoquei.

Sofia abriu a porta, e eu a segurei pelo braço.

— Tô brincando! Espera! Calma, vou responder.

Ela ergueu uma sobrancelha, à espera da resposta.

— Não tenho namorada. Débora é... minha ex.

— Sua ex... — repetiu, me fitando.

— É.

— Hum. E por que sua mãe acha que eu sou ela?

— Porque minha mãe me encheu o saco até eu prometer que minha namorada viria pra cá no feriado.

Só que a gente terminou, e eu ainda não tinha contado pra ninguém que ela não viria mais. Aí, quando te viu, minha mãe achou que era você, e eu tive a brilhante ideia de te usar como minha namorada falsa.

— E você me diz isso assim, com essa cara?

— Que cara?

— De pau.

— Quê? Você quer pau? — Entortei os lábios em um sorriso malicioso.

Sofia deu uma risada.

— Como você consegue ser tão descarado?

— Anos de prática, paixão. — Dei uma piscada.

— Você é ridículo, Matheus. Mas... Olha que maravilha! Também acabei de ter uma ideia brilhante.

Vou te usar como meu namorado postiço. Você vai comigo ao casamento da minha prima, e vai fingir pra todo mundo da minha família que está loucamente apaixonado por mim.

Soltei uma gargalhada.

— Infelizmente, não sou tão bom ator. Na indústria pornográfica, nós somos pagos para fingir tesão, não paixão.

— Se vira. Dá seus pulos. Quero que todo mundo ache que você é meu camisolão.

Tive uma crise de riso.

— Ficou louca? Não vou fingir uma merda dessas.

— Então vou descer e vou falar pra sua mamãezinha que eu sou uma prostituta de luxo que você contratou pra fingir que é a nora dos sonhos dela.

— De luxo? — Dei uma risada.

— Não estou de brincadeira, Miyake. Ou você faz o que eu estou mandando ou vou fazer sua caveira pra sua mãe.

— Você não seria capaz — falei, rindo.

— Quer pagar pra ver? — Ela fez uma expressão tão *sexy* que meu pau respondeu com uma pulsação.

O problema de Sofia era que, meu Deus, ela era linda demais. E gostosa demais.

E o meu problema era ter um pau apaixonado demais por ela. E o desgraçado nem tentava esconder o fato. Ficava duro na cara dura. Mas tudo bem. Pelo menos, *eu* sabia disfarçar.

— Já que não tenho escolha e vou precisar passar pelo martírio de ir com você ao casamento, tenho minhas condições — ressalvei.

— Prossiga. — Ela se sentou na minha cama.

A cruzada de pernas me deixou mudo.

— Não tenho o dia inteiro, Matheus.

— A gente podia dar só umazinha antes? — Sentei-me ao lado dela, beijando sua bochecha.

— Não — respondeu, afastando-se.

— Sofia, eu não tenho a mínima condição de pensar em condições de pau duro.

— Imagina seu pai comendo sua mãe — ela propôs, e eu fiz uma careta. — Agora, imagina sua mãe cavalgando seu pai e gemendo “ó Eduardo, como eu amo essa terceira perna!”. — Gargalhou.

— Puta que pariu — reclamei.

— Funcionou? — Sofia colocou a mão na parte frontal da minha calça. — Matheus, você sente tesão quando imagina seus pais transando?

— Não. Eu sinto tesão quando uma gostosa pega no meu pau — falei, apalpando um dos peitos responsáveis pela rigidez do meu cacete.

— Matheus... Para — ela pediu, mas não parou de alisar a cabeça da minha rola.

— Só uma... Me deixa dar só uma metida, pelo amor de Deus — implorei, aproximando-me para beijá-la.

Quando fiquei perto o bastante, Sofia se levantou bruscamente, saindo da cama.

— Você vai ou não vai falar suas condições? — Cruzou os braços.

— Posso falar pelado? — provoquei.

— Matheus, eu tô falando sério.

— Condição número um. — Fiquei de pé. — Você precisa passar o resto do feriado comigo. Durante o dia, a gente finge que se ama. É só um teatro, pra minha mãe ficar feliz. À noite, a gente vai à festa de Marina. E, no dia seguinte, vamos pro casamento da sua prima. Vai ser lá naquela fazenda onde a gente se casou?

Sofia revirou os olhos.

— Vai.

Tentei não sorrir feito um idiota.

Aquele lugar, onde eu tinha me casado de mentirinha com a garota que eu gostava, era o cenário das minhas melhores memórias de infância, e eu só tinha ido lá uma vez.

— Tenho uma objeção — ela proferiu. — Não posso passar o feriado todo na sua casa. Mamãe me mataria. Preciso, pelo menos, almoçar com a minha família.

— Minha mãe não vai deixar você sair daqui antes do almoço. Ela tá preparando um banquete. Tá

organizando isso há dias. Por favor, Gi, almoça aqui. Você pode ir pra casa depois.

— Tá, mas, depois do almoço, você precisa ir pra casa dos meus pais comigo.

— Por quê? — perguntei, me lembrando do pai dela, que era um filho da puta que me odiava.

— Não te interessa, Matheus. Você tem que ir. E ninguém pode saber que você é o Chatão. Ou seja, a partir de agora, vou te chamar de “Henrique”, pra ir me acostumando. Sobre o casamento, vai ser no sábado, mas só vou pegar a estrada para ir embora no domingo à tarde. E a gente precisa ir e voltar juntos, para dar mais credibilidade.

— Beleza, mas vou querer sexo o fim de semana inteiro, a hora que eu quiser e quantas vezes eu quiser.

As gargalhadas dela encheram o quarto do meu som favorito.

Eu tinha descoberto, nas últimas horas, que a risada de Sofia ainda provocava uma coisa estranha, mas agradavelmente calorosa, em meu peito.

— Não vou ser sua escrava sexual, meu querido. Transo *se* eu quiser, quando *eu* quiser e quantas vezes *eu* quiser — declarou, lançando farpas azuis na minha cara.

— Tá, mas eu escolho todas as posições. E, se eu pedir pra comer seu cu, sua resposta vai ser “mete tudo, Chatão”.

Sofia riu.

— Pode tirar seu cavalinho da chuva, Mathe... — Ela parou e emitiu um hilário ruído de irritação. — Não vou transar com você, Henrique. Muito menos dar meu cu. Pro seu governo, cu não se pede, se conquista.

Esperança e decepção se revolveram em iguais medidas em meu interior. Por um lado, fiquei feliz em saber que Sofia era das que liberavam, se o cara merecesse. Por outro, fiquei meio triste em saber que, provavelmente, outros caras já tinham comido um cu que só eu merecia.

— E acho bom você esquecer que já me viu pelada — ela emendou —, porque eu nem lembro mais como você é sem roupa.

— Não tem problema. Eu refresco sua memória, paixão — falei, tirando o jaleco.

— Qual é a sua especialidade? — Ela quis saber.

— Sou bom em tudo. Mas sou especialmente bom em comer cu.

Sofia deu uma risada.

— Tô falando de Medicina, idiota!

— Medicina? — Franzi o cenho.

— É, gênio. Eu sou pediatra. E você?

— Ah! — Gargalhei. — Eu não sou médico, paixão.

— Quê? — Ela arregalou os olhos. — Você disse que era!

— Eu nunca disse isso.

— Falou, sim! E você tá vestido de médico! Aliás, por que você tá vestido de médico?

— Isso? — Dei outra gargalhada. — É a minha fantasia pra festa. Quando você chegou, eu estava experimentando. Marina trouxe, junto com as várias opções dela.

— Ah... — Sofia fez uma expressão visivelmente decepcionada. — Então você é o quê?

Em vez de ficar puto com a decepção, tive vontade de rir.

— Já falei que sou ator pornô. E faço bicos como garoto de programa.

— Para de gracinha, Matheus, e me conta o que você faz da vida.

— Você me chamou de “Matheus” — observei.

— Ah, merda! Henrique. Henrique. Henrique. Henrique. — Levou as duas mãos à cabeça e, de olhos fechados, pronunciou meu nome repetidamente, como se fosse um mantra. — Henrique — ela me fitou —, qual é a sua profissão?

— Isso importa? — questionei.



— Responde, Ma... Henrique!

— Modelo — menti.

— Sério?

— Olha pra mim, paixão. — Abri os braços. — Sou bonito demais para ser outra coisa além de modelo.

— Ai, meu Deus, talvez eu tenha te visto numa revista! Eu sabia! Vi você na revista da cabeleireira!

Sofia ainda era a mesma garotinha inocente que costumava acreditar nas minhas mentiras infantis.

Como ela acreditava que dançava que nem uma pata quando a turma inteira de bailarinas não se comparava a ela em graça e beleza?

Como ela acreditava que a purpurina em seu rosto a deixava parecida com um palhaço feioso quando bastava ter olhos para saber que ela estava tão linda quanto uma fada?

Ali, mirando seus grandes olhos azuis, cheios de entusiasmo e inocência, tive vontade de confessar.

Não que eu gostava dela quando era moleque. Isso eu não diria nem fodendo. Só diria as coisas que eu sempre quis dizer quando éramos crianças, mas que guardei para mim e substituí por absurdos verbalizados, pelo medo de ser descoberto.

Não falei nada, é claro. Precisava continuar protegendo o segredo do Chatão.

— Em que agência você trabalha? — Sofia perguntou, e eu estava prestes a dizer a verdade quando batidas me interromperam.

— *Henriqueeeeeeeeeee!* — Era o inconfundível berro de Marina. — Mamãe me falou que você e sua namorada linda, que parece uma modelo, estavam no seu quarto, produzindo netinhos em escala. Que história é essa? A Chatona é sua namorada? Não tô entendendo mais nada!

Girei a chave, abri a porta e puxei Marina, cuja boca só podia estar grudada num alto-falante.

Então, falei do término, do engano de minha mãe e do plano que Sofia e eu tínhamos arquitetado.

Marina quis saber todos os detalhes, principalmente como a Chatona e eu tínhamos nos reencontrado. Deixei de lado os sórdidos, claro, mas resumi os fatos em alguns minutos.

— Parece coisa de livro — ela falou quando o relato terminou. — Vocês sabem que isso não vai prestar, né?

— Como assim? — Sofia indagou.

— Vocês vão terminar casados. É o que sempre acontece nos livros. Fulaninho finge que Fulaninha é namorada dele. Fulaninha finge que Fulaninho é namorado dela. Fulaninhos se apaixonam. Fulaninhos se casam. Fulaninhos têm filhos e vivem felizes para sempre.

Sofia e eu nos entreolhamos por alguns segundos antes de cairmos na risada.

— Essa reação só comprova a minha tese — minha irmã continuou. — E vai acontecer mais rápido do que vocês imaginam, porque é lógico que vocês já estão apaixonados. Sempre estiveram. Vai ser a história mais curta de todos os tempos.

Sofia e eu paramos de rir.

— Eu sempre detestei seu irmão — ela afirmou. — Não me casaria com Matheus nem se ele fosse o último homem da Terra.

— Que bom que eu não sou, então. Assim, você pode me convidar pro seu casamento com o idiota que vai ter coragem de se casar com uma Chatona — devolvi.

— Ai, gente... Sejam menos óbvios. — Marina riu. — Vamos descer. Papai e Renato já chegaram. — Ela se levantou. — Henrique, você vai ter que tirar a fantasia pra comer. Roupa branca mancha que é uma beleza!

Enquanto eu pegava uma calça e uma camisa, a fim de caminhar até o banheiro, ia ouvindo a voz de Marina:

— Falando nisso, Sofia, eu ainda quero sua ajuda para escolher minha fantasia. Tive que tirar a de Audrey, porque não quero que Renato me veja antes da festa. Ele adora surpresas!

Assim que me troquei, descemos e fomos direto para a sala de jantar.

As cadeiras de espaldar alto, das quais minha mãe tinha tanto orgulho, estavam vazias. Mas a mesa já estava posta, com talheres, taças e arranjos florais organizados sobre a toalha.

Nilce e minha mãe tinham se superado; os pratos dispostos no centro poderiam ser réplicas da ceia de Natal da Família Real britânica.

— Meus vermes acordaram. — Sofia riu ao meu lado.

Renato, que estava de costas no canto da sala, com o telefone no ouvido, se virou.

A risada de Sofia morreu no mesmo instante. E os olhos dele, pousados nela, arregalaram-se.

Foi quando eu descobri que Marina estava errada.

O namorado dela não gostava de surpresas.



## QUERO ME REFAZER

“(...) longe de você”.  
*Agora Eu Quero Ir* — Anavitória

### SOFIA

— Esta é Sofia, amor, namorada de Henrique. E este é Renato, Sofia, meu namorado. — Marina apresentou, e eu tentei manter o rosto impassível.

Só tentei, porque não consegui mascarar minha surpresa.

Ali, diante de mim, estava o homem que tinha colocado um anel de diamantes em meu dedo e um par de chifres na minha cabeça. Na mesma semana.

Eu ainda estava cega pelo brilho do meu magnífico anel de noivado da *Tiffany & Co.* quando flagrei o sem-vergonha beijando a tenente-dentista no estacionamento da clínica.

Vamos fazer uma pausa para aplaudir a coragem do sujeito. É preciso ter colhões para trair a noiva com uma colega de trabalho dela, a metros de distância do consultório onde a futura esposa trabalha.

O safado alegou que foi beijado, do nada. Sempre tentou me convencer de que foi vítima de um beijo roubado. E ainda argumentou que, se fosse me trair, não seria tão burro a ponto de aprontar bem debaixo do meu nariz.

Mas, na minha cabeça, ele é tão bandido que fez tudo de caso pensado. E bolou essa desculpa previamente, para o caso de ser flagrado, achando que, só porque faz sentido, eu seria idiota o bastante para acreditar.

A tenente disse, é claro, que a iniciativa partiu de Renato. Mas, para mim, pouco importa quem beijou quem. O fato é que ele não interrompeu o beijo, e ainda teve a cara-de-pau de me dizer que estava quase interrompendo quando eu apareci.

O que ele estava esperando? Que a dentista terminasse de examinar cada canto da boca dele?

O flagra tinha acontecido há uns seis meses, mas Renato ainda me importunava, pedindo pra gente voltar, motivo pelo qual eu vivia evitando cruzar o caminho dele lá na clínica. Mas ele sempre dava um jeito de me encurralar. Naquela semana mesmo tinha me encontrado em um dos corredores e implorado para voltar comigo.

E agora eu descobria que o cafajeste tinha namorada.

Dava para ver, na cara dele, o desespero. Eu só não sabia se era pelo medo de eu desmascará-lo na frente de Marina ou se era pelo fato de eu ter descoberto que ele já estava com outra.

Renato podia ficar tranquilo, porque eu não faria nenhum show. Primeiro, porque as cafajestices dele não eram mais da minha conta. Segundo, porque, provavelmente, Marina confundiria meu alerta com despeito. E, terceiro, porque meu ex-noivo poderia interpretar minha interferência em seu novo

relacionamento de forma equivocada.

Ele era página virada, e uma reação escandalosa de minha parte poderia sugerir o contrário.

Eu estava abalada em saber que Renato já tinha uma namorada? Estava. Mas não ia a dar a ele o gostinho de saber disso. Agiria naturalmente, como se ele fosse um colega qualquer, e não alguém que tinha feito parte dos últimos três anos da minha vida.

— Nós já nos conhecemos, Marina — revelei, com os olhos fixos no rosto lívido do meu ex-noivo.

— Já? De onde? — Ela quis saber.

— Somos colegas de trabalho. Boa tarde, major — cumprimentei, prestando continência.

Renato limpou a garganta e fez o possível para ocultar o choque que estampava suas feições desde que tinha me visto.

— Boa tarde, capitã. — Ele retribuiu o cumprimento e o sinal deferente.

— Ai, meu Deus, você também é militar! — Marina exclamou, parecendo maravilhada com a descoberta.

Matheus, que estava mudo ao meu lado, permaneceu atipicamente quieto.

Enfiei o braço no dele e aproximei nossos corpos.

Nosso acordo não poderia ter sido mais oportuno. Eu esfregaria meu namorado postigo na cara de Renato, que, embora fosse bonito, não chegava aos pés do Chatão.

Matheus era mais alto, mais forte, mais jovem, muito mais bonito e, ainda por cima, tinha o pau maior e era incomparavelmente bom de cama.

— E aí, Renato? — ele cumprimentou, em um tom meio ríspido.

Ao que parecia, o Chatão não ia com a cara do cunhado.

— Beleza, Henrique? — Renato deu um passo, e os dois trocaram um aperto de mão.

— Ah, que bom que vocês desceram! — Milena apareceu de repente na sala de jantar.

Ao lado dela, estava um homem esguio e de porte atlético, que tinha olhos claros levemente puxados e devia ter uns cinquenta e poucos anos.

Era um dos coroas mais gatos que eu já tinha visto na vida. Só perdia para papai e tio Max, que são os mais lindos de todos.

Os olhos exóticos e o farto cabelo grisalho que, claramente, havia sido superpreto alguns anos atrás, indicavam que aquele era Eduardo Miyake, pai do Chatão.

A semelhança era assombrosa. Eu, que achei que nunca veria filhos tão parecidos com os pais quanto Teo e Luisão, fiquei impressionada com o quanto Matheus se parecia com Eduardo.

Depois que os dois deram um abraço apertado, seguido por tapas nas costas e zoeiras típicas entre pai e filho, Matheus nos apresentou, enlaçando minha cintura.

Quando me viu, o Miyake mais velho me encarou por consideráveis segundos antes de se aproximar e estender a mão.

— Muito prazer, Sofia.

— O prazer é meu, Eduardo — devolvi, apertando sua palma.

— Presumo que você tenha herdado a beleza de sua mãe. — Ele fez uma breve pausa. — Assim como Marina herdou a de Milena — completou, sorrindo polidamente.

E é óbvio que o senhor passou pro Chatão essa genética maravilhosa! Tá de parabéns, sogrão!

Não respondi isso, claro. Não sou doída.

— É. Todo mundo diz que sou muito parecida com mamãe — confirmei, retribuindo o sorriso educado.

— Precisamos marcar um jantar em família! — Milena falou, animada. — Já tô louca para conhecer sua mãe, Sofia!

Tive a impressão de ver nas feições de Eduardo o mesmo alarde que estampava o rosto de Matheus e, muito provavelmente, o meu.

Um encontro entre nossos pais poria tudo a perder. Mamãe conhecia Milena, da época do casamento

de tio Max. Já tinham se passado vinte e sete anos e, certamente, ela nem se lembrava mais da mãe de Matheus, mas bastaria revê-la para compreender que meu namorado falso era, na verdade, o Chatão.

E, se alguém da minha família descobrisse a identidade do meu camisolão postiço, eu seria zoada até meu último dia na Terra.

— A comida tá esfriando, mãe, e eu tô morto de fome — Matheus interveio.

— Ai, meu Deus, é mesmo! Vamos comer! — Milena exclamou, aproximando-se da mesa.

— Senta aqui, Gi. — Matheus puxou uma das cadeiras e, depois que eu me sentei, ele se sentou ao meu lado.

Assim que todo mundo se acomodou, começamos a nos servir.

— Quer salada, paixão? Tem nozes e damasco. — Ele indicou o mix de folhas, castanhas e frutas secas que preenchia a saladeira transparente.

Eu estava prestes a recusar, porque detesto damasco, quando a voz de Renato me interrompeu:

— Sofia odeia damasco.

O tom de deboche deixou claro que a observação era, na verdade, uma insinuação de que ele sabia mais a meu respeito que meu pretenso namorado.

Fiquei possessa! Não ia deixar aquele cafajeste envergonhar meu namorado!

Quero dizer, meu namorado de mentirinha.

Só eu podia envergonhar o Chatão!

Busquei os olhos de Matheus e não encontrei o ar divertido que costumava transitar por suas íris.

Ele estava sério, e seu belo maxilar, trincado.

Lamentavelmente, as feições austeras de Matheus Miyake eram tão lindas quanto sua típica expressão espirituosa.

— Odiava — corriji. — Agora amo damascos, né, paixão? — Abri um sorriso.

Ele sorriu de volta, e eu dei um beijo em sua bochecha.

Só para irritar Renato, claro.

— Como você sabe que Sofia não gostava de damasco? — Marina perguntou, tentando, inutilmente, disfarçar o tom resabiado.

— Descobri por acaso, na última festa de fim de ano da clínica — Renato respondeu, evitando meus olhos.

Era mentira. Eu tinha contado ao canalha durante o nosso primeiro jantar romântico, enquanto analisávamos o menu.

— Da clínica? — O pai de Matheus franziu o cenho.

Enquanto Renato explicava que éramos colegas de trabalho, Matheus me servia.

Notei que ele estava fuçando disfarçadamente as folhas da salada, esforçando-se para não capturar pedaços indesejados da fruta que eu abominava.

Mesmo assim, quando as folhas se assentaram em meu prato, um casal clandestino de damascos se refugiou entre elas.

Eu já tinha me conformado com o fato de que precisaria me submeter à tortura de comê-los quando, aproveitando a distração de Renato, Matheus pegou o garfo, espetou o par de frutas e abrigou os dois pedaços inteiros na boca.

Depois de mastigar e engolir como se estivesse comendo merda, ele se aproximou e sussurrou:

— Também odeio damasco, paixão.

Não contive uma risada.

Depois disso, o almoço se tornou um verdadeiro interrogatório.

Durante a refeição, os pais de Matheus fizeram várias perguntas sobre mim, meu trabalho, minha família e, claro, nosso “namoro”.

Em diversos momentos, Matheus precisou intervir, para não cairmos em contradição em nenhum

aspecto relacionado ao que ele já havia dito aos pais sobre a tal da Débora.

Acabei descobrindo que os dois eram vizinhos. Matheus tinha se mudado há alguns meses para o apartamento ao lado do dela.

Ouvindo-o contar a nossa história falsa, comecei a imaginar os dois juntos, se conhecendo na piscina do prédio.

Com certeza, eles tinham transado lá. Mulher nenhuma, vendo o Chatão molhado e sem camisa, deixaria passar a oportunidade de dar uma escorregada nele.

Quando me dei conta, estava cortando meu salmão com força desnecessária, praticamente torturando o bicho, como se ele fosse um pobre peixinho de aquário chamado Débora.

Após apreciar a delicadeza da carne, completamente oposta à brutalidade do meu corte, larguei os talheres e tomei um gole demorado de vinho branco.

Enquanto minha língua se deliciava com o sabor frutado do *Sauvignon Blanc*, meu olhar encontrava o de Renato, sentado do outro lado da mesa.

Suas íris escuras eram poços profundos de culpa e tristeza.

Secretamente, seus olhos tentavam se comunicar comigo. Mas eu não estava a fim de conversa.

Não sei você, mas eu não nasci para ser feita de trouxa por macho sem-vergonha. Pode pedir perdão de joelhos que eu não aceito. Pode chorar, espernear, falar que tá arrependido, dizer o que quiser. Confiança perdida não se restaura.

Sei que tem gente que perdoa e, sinceramente, admiro a indulgência dessas pessoas. Mas não tenho vocação para Cristo.

Até onde eu sei, foi só um beijo. Só que, para mim, um beijo é muita coisa. Um cara comprometido que não consegue dominar a própria boca vai conseguir governar o pau depois de casado?

Se você acha que sim, parabéns. No próximo Natal, construa uma chaminé na sua casa e espere pela visita do Bom Velhinho.

Pousando a taça na mesa, desviei o rosto, olhei para o Chatão e, usando todo o meu talento para as artes cênicas, suspirei, fingindo achá-lo a criatura mais apaixonante da face da Terra, e não a mais insuportável.

Ele sorriu. E eu me convenci de que era tão boa atriz que conseguia fazer meu coração disparar de mentirinha.

Continuei atuando magistralmente até o fim do almoço, quando Marina me pediu ajuda para escolher a fantasia.

Milena foi para o quarto conosco, e meu pseudonamorado ficou na sala com Renato e Eduardo.

Cerca de meia hora depois, Matheus e eu estávamos no meu carro, a caminho da casa dos meus pais.

Assim que arranquei, ele expôs a dúvida:

— Você já transou com aquele cara?

— Você transou com aquela Débora na piscina? — devolvi.

— Responde, Sofia. — Ele usou um tom atipicamente severo.

— Responde você — repliquei.

— Eu perguntei primeiro — retrucou.

— Transou, não transou? — Com as mãos no volante, virei o pescoço e mirei seus olhos.

— Por que você quer saber? Tá com ciúme, paixão? — Seus lábios formaram uma esculpida linha torta.

— No dia que eu tiver ciúme de você, Miyake, vou marcar uma consulta com um psiquiatra.

— Com o doutor Renato? — ele perguntou, com acidez.

— Tá com ciúme, paixão? — provoquei.

Pensei que ele fosse rir ou dizer algo engraçado, mas, em vez disso, Matheus me encarou, sério:

— Você transou ou não transou com ele?

— Quem terminou o namoro? Você ou ela?

Matheus soltou um longo suspiro frustrado, deixando as costas tombarem no banco.

Com a cabeça apoiada no encosto, ele virou o rosto para me fitar.

— Se eu responder, você me responde?

— Respondo — concordei.

— Ela.

A resposta, contrária ao que eu esperava, me atingiu com a força de uma bolada no estômago.

— Sua vez — ele disse, ainda me fitando.

— Por que ela terminou com você?

— Sua vez, Sofia — ele insistiu. — Transou ou não?

— Renato era meu noivo — despejei.

— Seu o quê? — Matheus impeliu o corpo.

— Noivo — repeti. — Você ainda gosta dessa Débora?

— Você ia se *casar* com aquele filho da puta?

— É, Matheus, acho que é esse o conceito de “noivo”.

— Quem terminou? Você ou ele?

— Não vou responder. Você não responde minhas perguntas!

— Já chega. Não quero falar dessa merda. — Ele cruzou os braços e olhou para a janela.

— Que bom. Nem eu — falei, lamentando não poder imitar o gesto.

Já estávamos calados há uns dois minutos quando eu decidi quebrar o silêncio.

— Você ainda tá putinho?

— Não tô puto — ele disse, com uma expressão extremamente emputecida.

Matheus ficava tão gostoso bravo daquele jeito que dava vontade de parar o carro, soltar o cinto e me acabar naquela delícia de homem.

Beijando aquela boca linda, eu subiria aquela camiseta azul por aquele abdome divino e passaria a gola por aquele cabelo maravilhoso. E beijaria aquele pescoço com cheiro de testosterona e abriria o zíper recheado e...

— Sofia! — A voz e o braço estendido me fizeram pisar no freio por instinto.

Quase ultrapassei o sinal vermelho.

“Mulher no volante, perigo constante” era um ditado popular ridículo. Mas aquele outro, “homem ao lado, perigo dobrado”, fazia todo o sentido do mundo quando o “homem ao lado” era uma distração tão deliciosa.

— Vai com calma. Tô muito novo pra morrer, Gi.

— Se Jesus morreu com trinta e três, você também pode.

— Mas tô tão perto de fazer trinta e quatro que seria sacanagem me matarem antes do meu aniversário.

— Quando é mesmo? — perguntei, fingindo que não lembrava a data.

Infelizmente, eu me lembrava da festinha dele na sala e da cartinha risível de aniversário que eu escrevi pro Chatão no meu diário.

Eu sei. Trágico.

O que me conforta é saber que ele nunca vai ler aquela merda. Meus diários de infância, que não consegui jogar fora quando me mudei, estão trancafiados no meu baú de recordações, que guardo no meu quarto, onde Matheus nunca vai pisar.

— Você não lembra? — Ele fez uma expressão que interpretei como genuinamente magoada.

— Não. Não faço a mínima ideia — menti.

— Então ainda bem que minha senha não é a data do meu aniversário. Se fosse, você nunca teria acesso às fotos que eu tiro do meu pau para enviar pras gatas. — Ele deu uma piscada.

— Ah, você deixa as suas armazenadas? Tá dando bobeira, Miyake. Eu apago todas as fotos que eu

tiro dos meus peitos para enviar pros gatos. — Pisquei um olho.

— Eu sei que é mentira. — Ele riu.

— Vai achando que é... Eu te disse que tinha uma arma, não disse? Não era mentira, era? — Abri um sorrisinho triunfante.

— Você também tem algemas? — Seus lábios se curvaram com malícia.

Eu estava rindo quando meu celular, no porta-copos, começou a vibrar.

— Ai, meu Deus, é mamãe! — exclamei, mirando o visor.

Eu tinha esquecido, de novo, de ligar avisando que demoraria mais um pouco para chegar. Ela ia me matar!

— *Shhhhhhhhhhh*. — Fiz para Matheus e apertei o botão no volante para atender.

— Oi, mamãe!

— Você tá tentando me matar, Sofia? É isso? — Sua voz chorosa encheu o carro.

— Desculpa! Eu esqueci de ligar! É que meu... — olhei pro Chatão e engoli em seco — namorado me chamou para almoçar na casa dele e...

— Seu o quê? — O tom de voz dela mudou na hora. — Namorado? — Eu praticamente podia ver os olhos azuis de mamãe arregalados. — Você tem um namorado? Um namorado de verdade? Namorado mesmo? Ele te pediu em namoro? Vocês pensam em se casar? Ai, meu Deus! *Olíviaaaaaaaaaaaaaa*! Sofia tá namorando! Eu vou ter netos!

O idiota do Matheus deixou escapar uma risada.

— O que foi isso? — mamãe perguntou. — Isso foi um homem! — ela mesma respondeu. — É ele? É seu namorado?

— Não, mamã... — comecei, fuzilando o Chatão.

— Sim, sou eu. Meu nome é Henrique — ele disse e, eu quase dei um pulo no banco.

— Ai, meu Jesus! Meu genro! *Olíviaaaaaaaaaaaaaa*, tô falando com meu genro! Oi, Henrique! Ai, que nome lindo! Amei! “Sofia e Henrique”! Que *lindooooooooooooo*! Vou mandar bordar umas toalhas! Vou pegar o telefone daquela bordadeira, Sofia, que fez o enxoval da sua prima!

Matheus teve uma crise de riso, e eu agradei aos Céus por ele ser meu namorado de mentira, porque, se fosse um namorado de verdade, minha mãe teria afugentado meu pretendente.

— Henrique, meu querido genrinho, meu nome é “Susanne”, mas pode me chamar de “Suze”, viu? Agora me conta, você é bonito?

Se eu estivesse comendo farofa, teria cuspidado tudo no painel do carro, tamanho foi o meu engasgo.

— Segundo Sofia, pareço um príncipe. — Ele mirou meus olhos ao abrir um sorriso sacana.

Balancei a cabeça, revirando os olhos.

— Ai, meu Deus, é bem a cara da minha filhinha fazer essas comparações! Vocês estão vindo pra cá, né? Preciso...

De repente, a voz de mamãe morreu, e uma profunda voz masculina, que eu conhecia bem, preencheu o interior do veículo:

— Oi, meu anjo!

— Tio Max! — exclamei.

— Max, devolve! *Olíviaaaaaaaaaaaaaa*, vem dar um jeito no seu marido! — Ouvi a voz de mamãe ao fundo.

— Eu entendi direito? Você tá namorando outro desgraçado, Sofia? Passa o telefone pra esse filho da puta.

Matheus teve outra crise de riso.

— Fica tranquilo, que eu tô cuidando bem dela, tio!

Claramente, ele não tinha noção do perigo.

— “Tio” de cu é rola, rapaz! — tio Max retrucou, e foi a minha vez de gargalhar.



— Max, põe no viva-voz! — Reconheci a voz de tia Liv, baixa, mas suficientemente audível.

— Sofia, se você não quer me ver na cadeia, não traz esse porra pra cá! — tio Max recomendou.

— Tô quase chegando aí, tio! — o Chatão atçou. — E vou levar uma pomada pro senhor usar lá na cadeia!

Percebi que tio Max tinha colocado no viva-voz quando ouvi, nítidas e ruidosas, as gargalhadas de mamãe e tia Liv, que se misturaram às minhas.

— Souf, amei seu namorado! — tia Liv falou, rindo.

— Que porra é essa, Olívia? — tio Max trovejou.

— Me dá o telefone, Max! — mamãe exclamou. — Sofia, vou desligar! Seu pai tá vindo!

— Plínio, pega a espingarda! Vou pegar o fuzil! — Ouvi tio Max bradar.

— Tchau, Sofia! Tchau, Henrique! Cheguem logo! — O telefone foi brutalmente desligado.

Matheus estava morrendo de rir.

— O povo da sua casa é doido.

— Doido é você, que fica provocando tio Max!

— Não tenho mais medo do seu tio, paixão.

— Pois devia! Tio Max é pior que papai, e ele é juiz federal! Tem porte de arma! Os dois vão esperar a gente na porta, armados até os dentes!

— E olha que eles ainda nem sabem que eu sou o Chatão! — Ele riu.

— Nem vão saber! Se você contar, eu te mato, Matheus! Tô falando sério! Sou capaz de arrancar seu pinto!

— Pinto de cu é rola! — Ele gargalhou. — Lembra aquela vez que eu te chamei de “Chatona” e você devolveu com um “Chatona de cu é rola”?

— Meu Deus. — Dei uma risada. — Ainda bem que foi só uma vez. A professora contou pra diretora, a diretora contou pra papai, ele me deixou de castigo, e eu nunca mais repeti os palavrões de tio Max.

— Seu tio é uma figura. Acho que vou me dar bem com o velho.

Ele não fazia ideia do quanto estava errado. Tio Max nunca gostou de nenhum dos meus namorados. E detestava Renato.

Pouco depois, a dianteira do meu Honda cruzava a luxuosa entrada do condomínio onde meus pais e meus tios moravam.

— Gi... — Matheus segurou minha mão assim que descemos do carro. — Lembra de me chamar de “Henrique”.

— Henrique — repeti, admirando as nuances de verde e azul que formavam o tom exclusivo de seus olhos.

Sorrindo, ele acariciou meu rosto, colocando uma mecha solta do meu cabelo detrás da orelha.

— Gosto quando você me chama de “Henrique”.

Meu coração batia apressado contra as costelas enquanto meus olhos beijavam, antecipadamente, os lábios que Matheus umedecia.

Aninhando a mão em minha nuca, ele se aproximou no instante em que uma conhecida voz animada gritou meu nome:

— Sofia!

Virei o pescoço e o vi.

Só de sunga, no meio da rua, ele abria um sorriso largo e brilhante enquanto caminhava em minha direção, lindo feito uma divindade nórdica.

O sol deitava os raios tímidos nos fios dourados de seu cabelo comprido, que açoitava o rosto de proporções perfeitas.

Sorrindo, gritei de volta:

— Luisão!



## O CORAÇÃO DISPARA

“(...) tropeça, quase para”.  
*Amei Te Ver* — Tiago Iorc

### MATHEUS

Aquela era a cena mais bizarra que eu já tinha visto na vida.

Um sujeito cabeludo, andando no meio da rua, usando nada além de uma sunga branca.

Uma sunga branca. Molhada.

Aquilo era a visão do inferno.

Antes de as minhas órbitas oculares começarem a sangrar, desviei o rosto, transferindo os olhos para Sofia, que, sorrindo e acenando, gritou:

— Luisão!

Meu primeiro pensamento foi: “porra! Outro?”.

O que era aquilo? Um festival de caras que já tinham transado com ela? O dia da reunião anual dos filhos da puta?

O pior nem foi o sorriso, lindo e radiante, que ela abriu quando viu o sujeito. Isso me dilacerou, mas, em respeito ao princípio da consunção, aplicável ao Direito Penal brasileiro, consideremos apenas o momento em que ela efetivamente me matou, correndo e pulando no desgraçado seminu.

Eu, que não sabia que os mortos podiam ser possuídos por entidades malignas, descobri que, em circunstâncias peculiares, um homem morto pode ser possuído por uma legião.

A uma curta distância, com os braços em torno de Sofia e os olhos fixos nos meus, o sujeito perguntou:

— *Mermã* do céu, quem é aquele maluco ali, que tá me olhando com cara de Satanás?

“Mermã”?

Como eu não tinha sacado antes? O cara era tão loiro quanto Sofia! Só podia ser irmão dela! Isso explicava o abraço, que não passava de uma inocente manifestação de carinho fraterno!

Quando cheguei à óbvia conclusão, os demônios acorados em minhas costas foram subitamente sugados de volta para o inferno.

Fiquei tão aliviado que quase soltei uma risada ao vê-la se afastando e puxando o irmão pelo braço, para apresentá-lo a mim.

— Luisão, este é Henrique, meu namorado. Paixão, este é Luís, meu primo.

Sete demônios mais fortes que os primeiros se apossaram do meu corpo quando eu ouvi a palavra “primo”.

— Primo postiço — ele corrigiu. — Souf não é minha parente de verdade. É por isso que a gente...

— Luís, para de... — Sofia começou.

— Que a gente o quê? — perguntei, puto.

— Que a gente dá uns pegadas de vez em quando — ele respondeu. — Falando nisso, *mermã* de Deus...

Toda vez que eu te vejo *cê* tá ainda mais gostosa! Assim *cê* deixa a naja doida, minha deusa!

— Tá querendo morrer, filho da puta? — Dei um passo adiante, e senti a mão de Sofia no meu braço.

— É mentira dele, Henrique! Relaxa!

— Fica *sussa*, que eu tô só zoando, *mermão*! — Ele riu. — Sofia é *mó* gostosona, mas é como se fosse minha irmã mais velha.

— É mesmo? — Simulei uma calma interior que meus demônios não me permitiam sentir. — E você acha normal abraçar sua “irmã mais velha” quando tá pelado?

— Que mané pelado, maluco! — Ele riu. — *Cê* não tá vendo minha sunguinha? — Puxou o elástico daquela coisa escrota para cima.

Sofia deu uma risada.

— Cadê sua roupa, Luís?

— Então... Eu *tava* com Lipeta lá na piscina, né. Aí, aquela mina *mó* gata que mudou pro condomínio apareceu, usando um biquinho todo enfiado no rabo. Aí, a gente fez uma aposta, pra ver quem traçava a gostosa primeiro. Quem perdesse, ia ter que entrar na casa de padrinho só de sunga. E eu perdi praquela arrombada, *cês* acreditam? Mas Luisão, o Rei da Surubada, só perdeu porque Lipeta, a Ninfeta Arrombada, jogou sujo. Já chegou na mina falando que é cirurgião. Aquela *misera* ainda tá fazendo a residência e fica dando uma de Dr. Rey. Nem deu tempo de eu dar o troco, dando uma de CEO da Guerratto. Mal abri a boca, e a boca da mina já *tava* colada na dele.

Achei benfeito e tive vontade de rir, mas me recusei a achar graça de algo que aquele cara tinha dito.

Sofia, por outro lado, deixou escapar uma gargalhada.

— Foi humilhante, valeu? E, em tese, eu teria que arriscar minha vida entrando na casa de padrinho com a naja em evidência. Só que eu tenho amor à vida. Tô indo botar uma roupa, antes que ele me veja assim, sarado e gostoso, do jeito que as gêmeas gostam.

— Elas já chegaram? — Sofia perguntou, rindo.

— Não, né, *mermã*. *Cê* acha que eu ia tá na piscina com Lipe se minhas *tetudas* já tivessem chegado? Eu ia tá que nem marajá na água, com uma sereia de cada lado.

Sofia estava rindo quando uma mulher atravessou as portas da casa em frente.

Logo atrás da loira alta, vinha uma morena mais baixa.

Não precisei de dois segundos para identificá-las.

A mãe de Sofia tinha o mesmo biotipo da filha, e as tímidas rugas que alinhavavam seu rosto de cinquenta e poucos anos não ofuscavam a beleza que a Chatona havia herdado.

A outra, um pouco mais jovem, era, definitivamente, a esposa de Max. Eu não me lembrava muito da cerimônia de casamento dos dois, mas os belos traços da noiva tinham permanecido em minha memória. E o tempo havia alterado minimamente as feições das quais eu me lembrava tão bem.

As duas desciam, às pressas, as escadas ladeadas por extensas áreas gramadas.

A residência, grandiosa e imponente, contava com um amplo jardim, cujas flores bem cuidadas certamente arrancariam profusos elogios de minha mãe.

A alguns passos de distância, Susanne parou. E seus olhos azuis, do mesmo tom vívido dos de Sofia, fixaram-se nos meus.

— Mamãe! Tia Liv! — Sofia se aproximou e abraçou as duas. — Este é Henrique, meu namorado — apresentou, virando-se para mim.

— Minha Nossa Senhora Das Tias Chocadas! Parabéns, Souf! Ele é maravilhoso! — Os olhos esverdeados da mulher de compridos fios escuros me examinaram de alto a baixo. — Oi, Henrique! — Estendeu a palma. — Meu nome é Olívia, mas pode me chamar de “Liv”. E, se quiser me ver possessa, é só me chamar de “senhora”! — Ela abriu um sorriso psicótico, e eu não contive uma risada.

— Muito prazer, Olívia. — Peguei sua mão e beijei o dorso.

— Ai, meu Deus. Um cavalheiro! — Ela levou os dedos livres ao decote do vestido. — O último homem que me beijou assim me pediu em casamento quatro meses depois, sabia?

— Sob o encanto de tão bela dama, eu faria o mesmo, se já não estivesse enfeitado pela mais bela de todas — falei, devolvendo sua mão e abrindo meu melhor sorriso falso para a Chatona.

— Ou *cê é mó* camisolão ou *cê é mó caozeiro, mermão!* — O tal do Luisão deu uma gargalhada.

— Definitivamente, a primeira opção, Luís! — Olívia riu. — Sofia, Henrique saiu das páginas dos meus romances! Se você não se casar com ele, eu caso! — ela bradou.

— Que porra é essa, Olívia? — Marchando em nossa direção, vinha um sujeito alto e loiro, que imediatamente reconheci como o tio favorito de Sofia.

Max devia ter mais de cinquenta anos, mas não aparentava ter quarenta! Dava para contar os fios prateados entremeados no cabelo do sujeito, que estava tão em forma quanto eu!

— Ai, meu Deus, ele descobriu que a gente saiu escondidas, Suze! — a esposa dele exclamou.

— *Mermão* do céu! Padrinho tá vindo! Eu vou dar linha, valeu? — Luís disparou rumo à casa ao lado.

— Tio Max! — Sofia correu e pulou no tio.

— Oi, meu anjo! — Ele a abraçou e devolveu o beijo estalado que ela tinha dado em sua bochecha.

— Lindo! — Olívia sorriu para o marido no instante em que ele e a sobrinha nos alcançaram.

— Mais tarde a gente conversa, senhorita Olívia — ele disse e ergueu o olhar para me encarar. — Então é esse o... — parou de falar de repente. — Eu te conheço de algum lugar. — Estreitou os olhos acinzentados e levou a mão ao queixo enquanto analisava meu rosto.

Percebi a tensão de Sofia, que me fitou em busca de ajuda, e falei a primeira coisa que me veio à mente:

— Talvez seja do meio jurídico, Excelência. Sou Promotor de Justiça.

Ela arregalou os olhos e me perguntou, silenciosamente, se era verdade ou se era um blefe. Não respondi.

— Em que comarca?

— Príncipe Serrano, 2ª Promotoria de Justiça, 11ª Vara Criminal.

Os olhos de Sofia estatelaram-se outra vez.

— Fui a Príncipe Serrano poucas vezes. Todas para visitar Sofia.

Foi a minha vez de ficar chocada. A Chatona também morava em Príncipe?

— O que quer dizer que te conheço de outro lugar — ele completou, nitidamente desconfiado.

— Ai, meu Deus! — Olívia exclamou de repente.

Virando o rosto, ela procurou o olhar da cunhada, que, por algum motivo insondável, sequer tinha me cumprimentado.

— É melhor a gente entrar — Susanne disse, limpando a garganta.

— Papai tá lá dentro? — Sofia perguntou.

— Ele foi atender uma emergência no hospital — Olívia respondeu, mas seus olhos estavam grudados em mim, e ela parecia maravilhada. — Max, esqueci de avisar, meu lindo! Isa ligou agorinha, pedindo pra você ir buscá-la no aeroporto.

— Eu falei que ia, e ela disse que já tinha combinado com Ana.

— Pois é. Só que Ana não vai poder.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa? — Suas íris cinzentas ficaram pequenas dentro dos globos oculares.

— Não! É só que... ela tá... ocupada. Com...

— Com algum macho? — ele berrou.

— Se fosse, eu não ia te contar, né, cretino? — Olívia deu uma risada.

— Olívia, não brinca com... — ele começou.

— Max, você tá atrasado, sabia? Isa chegou tem uns dez minutos.

— Dez minutos? Ela tá esperando lá, sozinha, há dez minutos? E se algum tarado filho da puta... — Ele não finalizou o raciocínio. — Tô indo! — Deu um beijo na bochecha da esposa e correu.

— Dirige devagar! — ela recomendou.

Assim que o marido desapareceu na garagem de uma das casas vizinhas, Olívia tirou o celular do bolso do vestido e começou a digitar.

— Sofia, me fala, pelo amor de Deus, que eu tô vendo coisas, e esse rapaz não é um Miyake — a mãe dela sussurrou, e nós dois trocamos um olhar arregalado.

— Não sei como eu não percebi antes! Ele é o Chatão, não é? — Olívia perguntou, colocando o celular no ouvido. — Plínio vai... Alô? Ana! Não vai buscar sua irmã! Seu pai tá indo! Quê? Volta! Volta, porra! Vem direto pra casa! Depois eu explico! Tchau!

— Seu pai vai ter um ataque! — Susanne levou as mãos repletas de anéis de ouro às têmporas.

— Por quê? — Sofia perguntou.

As duas trocaram um olhar suspeito.

— Como vocês se reencontraram? — Olívia desconversou. — Quero todos os detalhes! Eu sabia! Sabia que o destino juntaria vocês dois de novo!

— Tia Liv, do que você tá falando? — Sofia indagou, fingindo inocência.

— É, quem é esse Chatão? — questionei, fazendo minha expressão mais convincente de desentendido.

As duas reviraram os olhos.

— Sofia, você tá achando que eu sou cega? — a mãe dela perguntou. — Ele é a cara de Eduardo! É idêntico! Quando tinha a sua idade, seu pai era desse jeitinho! — Ela me fitou. — Por que você disse que se chama Henrique? Seu nome é Marcos!

— Matheus — corrigi, instintivamente.

— Eu sei! Foi um teste! — ela bradou, orgulhosa.

Sofia virou o pescoço, e seu olhar dardejou flechas mortíferas em minha cara.

Dei de ombros, rindo, e ganhei um tapa no braço.

— Você é um jumento, Chatão!

— Um jumento pode brincar de montar numa girafinha? — Abri um sorriso safado.

— Só se ele quiser ganhar um coice! — ela devolveu, furiosa.

— Girafas não dão coice, paixão.

— Dão, sim.

— Não dão.

— Dão!

— Não dão!

— Cala a boca, Matheus! A girafa dessa relação sou eu! Se eu digo que dão, é porque dão! E ponto final!

— Tá bom, Gi. Você tá certa — concordei, puxando-a e beijando seu cabelo.

— Ai, meu Deus, eles ainda se amam, Suze! — Olívia uniu as mãos e soltou um suspiro.

Sofia e eu caímos na risada.

— Ficou louca, tia Liv?

— Vocês já deram umazinha, né? *Óóóóóóóbvio!*

— Olívia! — Susanne lançou um olhar repreensivo à cunhada.

— Óbvio que *não!* — A Chatona negou, e eu tive uma crise de riso.

— Quero todos os detalhes sórdidos, Souf! Vou escrever uma nova versão do livro de vocês!

— Livro? — perguntei.

— Tia Liv, não ouse... — Sofia começou.

— “O Descarado Dorme Ao Lado”! — ela exclamou. — Escrevi no início da minha carreira, mas

ainda é um dos favoritos dos meus leitores! Conta a história de Lady Sophie, filha do conde de Theloni, e Lorde Matthew, o visconde de Miyatti!

— Então eu não sou um laçao! — Dei uma risada.

— Ai, que lindo, você lembra! — Olívia vibrou, referindo-se à história que ela e o marido tinham me contado quando eu era criança.

— Fiquei muito tempo acreditando que laçao era uma posição importante — confessei.

— Tadinho! Tudo culpa de Max! — Ela riu. — Vamos entrar! Preciso te dar um exemplar autografado, Lorde Matthew!

Sofia e eu fomos deixados a sós assim que nos acomodamos no sofá da sala da casa de Max e Olívia.

Eu, que estava acostumado a belas casas, fiquei impressionado com o requinte do ambiente.

— Não acredito que fomos descobertos. — Minha namorada postiça soltou um suspiro frustrado. — Vou implorar pra mamãe e tia Liv não contarem nada pros outros.

— Não vai adiantar, Gi. Seu tio quase me reconheceu. E, pelo desespero da sua mãe, seu pai também vai perceber que sou eu. Deveríamos ter previsto que isso aconteceria. Todo mundo diz que pareço muito com meu pai.

— Mas como mamãe se lembra do seu pai? Eles devem ter se visto uma vez só, no casamento de tio Max!

— Não faço ideia. Talvez, a memória dela seja boa.

— Não é. Mamãe é péssima fisionomista.

— Minha cara não é muito comum. Talvez seja isso.

— Sua cara é a cara mais comum que eu já vi.

Abri um sorriso enviesado.

— Tem certeza? Olha direito, girafinha.

— Cabelo comum. Testa comum. Nariz comum. Boca... comum. Queixo... comum. Pescoço... — Ela ia perdendo o ar à medida que eu ia me aproximando.

Segurei seu rosto e mirei seus olhos.

— Você é uma péssima mentirosa, paixão.

— E você é... — Aprisionei suas palavras ao depositar os lábios sobre os dela.

Provei a textura macia e delicada de seu lábio inferior e, refugiando os dedos em sua nuca, experimentei o gosto quente e entorpecente de sua língua.

A ideia era beijá-la sem pressa, mas meus movimentos imitaram a velocidade das batidas em meu coração.

Quando me dei conta, estava engolindo seus suspiros e inundando sua boca de arquejos.

— Onde fica o banheiro? — perguntei, liberando seus lábios.

Sofia franziu a testa.

— Pra gente transar — expliquei, levantando-me.

Com os olhos fixos no volume em minha calça, ela mordeu o lábio e se ergueu.

— A gente não pode transar na casa do meu tio. Tá louco?

— Tô. Louco de tesão. Vem. — Puxei sua mão e comecei a andar.

— A gente vai ser pego! — ela exclamou, fincando os pés no chão.

— É só a gente não fazer barulho — falei, me virando para fitá-la.

— Você urra quando tá gozando. — Ela riu.

— Você também — acusei.

— Eu não!

Dei uma risada.

— Vamos apostar, então. Se você fizer barulho, eu ganho. Se eu fizer, você ganha — propus, enlaçando sua cintura e beijando seu pescoço.

— Matheus... — Ela gemeu. — Mamãe e tia Liv vão descer a qualquer momento...

— Então vai ser a rapidinha mais rápida de todos os tempos. — Dei um passo para trás e puxei a camiseta pela gola. — Pode ser aqui, se você preferir. — Dei uma piscada.

— Ai, meu Deus... Por que você fez isso? — Sofia se aproximou e espalmou as mãos em meu peito.

Então, rastejou os dedos vagorosamente, até abrigá-los em meu pescoço. Baixei os olhos para o desenho perfeito de sua boca e testemunhei o encontro de nossos lábios.

O beijo, urgente e faminto, durou apenas alguns segundos. Ela logo se afastou e me puxou até alcançarmos o corredor.

Dentro do banheiro espaçoso, tranquei a porta e voltei a beijá-la, enquanto minhas mãos apressadas subiam sua blusa.

Joguei a peça no chão e, sentindo os dedos de Sofia em meu zíper, comecei a desabotoar sua calça, ainda devorando sua boca.

Só percebi que estava me esquecendo de um detalhe crucial quando já estava pelado.

Tinha acabado de colocá-la em cima da bancada de mármore quando me lembrei das camisinhas que eu tinha deixado no carro, na casa dos meus pais, dentro da porra da bolsa de viagem.

Por um segundo, pensei nos prós de ligar o foda-se e molhar a rola. Não consegui pensar nos contras.

Estava prestes a atolar o cacete inteiro, como se não houvesse amanhã, quando Sofia me alertou:

— Camisinha!

Acho que ela percebeu, pela minha expressão, que eu não tinha nenhuma.

— Não acredito.

— A gente faz sem, paixão.

— Não vou transar sem camisinha. Esquece — ela disse e desceu.

— Por que não?

— Existe uma coisa chamada gravidez indesejada, caso você não conheça.

— E existe uma coisa chamada cu, caso você não conheça.

Sofia deu uma gargalhada.

— Já falei que cu não se pede, se conquista.

— Eu faço o que for pra conquistar o seu. — Dei um passo e envolvi sua cintura. — Dá pra conquistar em um minuto? — perguntei, descendo as mãos para apertar sua bunda.

— Leva meses pra conquistar. Tira a mão daí, Miyake! — Ela riu e se afastou quando eu avancei os dedos.

— Sofia, eu preciso... — Fiz minha melhor expressão sofrida.

— Como nenhum de nós tem camisinha, não vai rolar. — Ela fez menção de ir até as roupas espalhadas pelo piso.

— Espera! Vai que seu tio tem camisinhas aqui? — falei, começando a abrir os armários.

Sofia liberou uma gargalhada estrondosa.

— Matheus, tio Max não usava camisinha nem antes de se casar com tia Liv! Como você acha que minhas primas nasceram? Os dois transaram sem nada, e tia Liv ficou grávida, aos vinte e quatro anos!

— Do jeito que você tá falando, parece que foi com treze.

— Pra mim, qualquer idade é ruim pra ser mãe.

— Você não é pediatra?

— O que uma coisa tem a ver com a outra?

— Nunca ouvi falar de pediatras que não gostam de crianças.

— Mas eu gosto de crianças! Dos outros!

— Por que a gente tá falando de crianças? Esse papo tá me broxando.

— Ótimo, porque a gente não vai transar. — Ela abaixou e pegou o sutiã.

— Sua tia só ficou grávida porque, com certeza, não tomava nada. Você disse que toma! — argumentei.

— Não é um método contraceptivo cem por cento eficaz.

— Mas você toma direito? Se toma, é um método bastante seguro.

— É claro que eu tomo direito! Mas ainda há riscos! E ainda nem mencionei as doenças sexualmente transmissíveis! Nunca transei sem camisinha e não estou a fim de experimentar.

— Você não sabe o que tá perdendo.

Boquiaberta, ela me encarou.

— Você já transou sem camisinha?

— Claro.

— Com aquela Débora?

— Tá com ciú... — comecei.

— Responde, Matheus! — ela gritou.

— Não — menti.

Só um idiota teria dito a verdade.

— Você é um péssimo mentiroso, paixão — ela disse, destilando escárnio. — Transou com ela na piscina, sem camisinha. Espero que ela tenha te passado gonorreia.

Não contive uma risada.

— Lamento te decepcionar, mas eu tô cem por cento saudável, Gi. Repeti meus exames recentemente e, desde então, só transei encapado.

— Ah, que pena. Continua transando sem camisinha. Quem sabe da próxima vez você não pega sífilis?

— Ela ergueu uma sobrancelha irônica.

Tive que rir outra vez.

— Você fica linda assim, toda ciumentinha. — Contornei seu corpo com um abraço e beijei sua bochecha.

— E você fica ridículo assim, todo iludido — ela rebateu. — Me solta, Matheus.

— Tá. Só porque mais tarde a gente vai gastar todas aquelas camisinhas.

— Se você está se referindo à festa de Marina, pode esquecer. Não vou. — Ela caminhou até o restante das peças de roupa e recomeçou a se vestir. — Nosso acordo está desfeito. Agora que mamãe já sabe que você é o Chatão, não preciso fingir que você é meu namorado.

— Bem observado. — Fui até minhas roupas. — Mas você ainda precisa fingir que é minha namorada. Foi o que a gente combinou. Você viu como minha mãe ficou feliz. Se você der pra trás agora, ela vai ficar triste, Gi. — Fiz uma leve chantagem emocional, e Sofia fez uma expressão pensativa enquanto subia a calça.

Fiquei parado, observando o jeans moldando-se ao formato das pernas torneadas da Chatona.

— Que fique claro — ela disse, depois de subir o zíper e ocultar minha parte preferida do meu corpo favorito.

— Quê? — Subi o olhar para as delícias carnudas que saltavam do sutiã.

— Que eu só vou por causa da sua mãe. E que, depois da festa... Matheus? Matheus?

— Quê? — perguntei, aproximando-me e apalpando os peitos de Sofia.

— Para... — Ela gemeu, e eu comecei a beijar seu pescoço.

— Você é tão gostosa... — Migrei os lábios e enchi sua bochecha de beijos.

Eu já podia sentir o gosto viciante de sua boca quando um giro na maçaneta fez meu coração galopar.

Sofia arregalou os olhos e, em um silêncio desesperado, indicou minhas roupas.

Fui até elas e comecei a me vestir às pressas.

— Quem tá aí? — Uma voz masculina perguntou.

— Sou eu, Teo! — Sofia respondeu, correndo até a blusa.

— Foi mal, Souf. Pode terminar de soltar o barro em paz.

— Não tô fazendo cocô, idiota!



O sujeito deu uma risada, e, como o som foi morrendo, deduzi que ele estava se afastando.

— Quem é esse cara? — questionei, mantendo a voz baixa por precaução.

— Meu primo, filho caçula de tio Max.

— Você tem um batalhão de primos, né? — comentei, com uma pitada de acidez.

— Além de Teo, tenho só Luisão, que, como você sabe, não é meu primo de sangue, mas é como se fosse.

— Por quê?

— Porque fomos criados juntos. Ele é filho de Piolho, melhor amigo de tio Max. E, quando eu digo “melhor amigo”, tô falando de uma amizade fraterna. É como se os dois fossem irmãos. Na verdade, é mais que isso. Nem sei explicar.

— Piolho... Esse Piolho era um cabeludo? — indaguei, lembrando-me do sujeito engraçado que tinha me dito pra deixar meu “cabelão” crescer e adquirir “um *shape*” no futuro, porque “as minas piram no cabelão e no *shape* do Piolhão”.

— Isso! — Sofia confirmou. — Ele ainda tem aquele cabelão. Fico besta com aquele cabelo. E o de Luisão? Você viu, né? Me dá um ódio! Eles não usam nada, acredita? Nem luzes eles fazem! Eu vou direto ao salão e nunca fica daquele jeito.

— Seu cabelo é lindo, Sofia. Sempre pensei nele como uma cortina de fios de ouro — admiti, acariciando uma mecha sedosa.

Ela fixou o olhar no meu, e patéticas batidas descompassadas agitaram meu coração.

Fazia sentido. O coração bombeava o sangue, certo? Meu pau era constituído de corpos cavernosos e esponjosos que precisavam de muito sangue para mantê-lo devidamente duro. Ou seja, meu coração estava disparado por causa da minha terceira perna apaixonada por Sofia.

Mas, apesar da explicação racional, era estranho sentir aquela pressão dolorida e o ritmo acelerado que parecia um terremoto em meu peito.

— É melhor a gente ir — ela disse de repente, e eu quase respirei aliviado por me ver livre do par de olhos que estava transformando minha caixa torácica em uma escola de samba.

Pouco depois, estávamos espiando pela fresta da porta do banheiro.

Assim que nos certificamos de que a barra estava limpa, saímos juntos e fomos direto para a sala.

Quando cruzamos a entrada, levamos um puta susto.

As duas já estavam sentadas no sofá.

— Espero que não tenha sido na minha cama. — Olívia nos encarou, desconfiada.

— Eu só estava mostrando a casa pro Chatão, tia Liv — Sofia dissimulou.

— Claro. — A esposa de Max usou um tom condescendente. — Achei que eu tivesse um exemplar extra do Descarado aqui comigo, mas não tenho. Vou ficar te devendo, Matheus. Em compensação, eu trouxe uma coisa que vocês vão amar ver! Sentem-se! — ela exclamou, indicando o imenso livro branco que cobria suas pernas.

— Ah, não, tia Liv... — Sofia fez uma careta.

Era impressionante como ela ficava linda até fazendo careta.

— Se Plínio chega e pega uma coisa dessas... — Susanne comentou, preocupada.

— Relaxa, Suze. Ele ainda deve demorar. — Olívia abriu o livro, que logo saquei que, na verdade, era um álbum.

Só podia ser o álbum de casamento dela, o que significava que eu estava prestes a rever o Chatão e a Chatona vestidos de noivinhos.

Pelo jeito, Olívia sabia de cor onde estava cada fotografia do álbum, porque abriu exatamente na foto em que Sofia e eu sorriamos de mãos dadas para a câmera do fotógrafo.

Sentei-me no sofá para ver melhor. Sofia, que já devia ter visto aquilo mil vezes, continuou de pé, fazendo caras e bocas. Todas lindas.

Na foto, ela usava um vestido branco rodado e uma coroa de minúsculas flores brancas na cabeça. E eu era o menino sortudo, usando um miniterno e uma gravata-borboleta, que segurava a mão da garotinha mais linda de todas as garotinhas.

— Olha, Gi. Você já foi do tamanho de uma formiguinha — provoqueei.

— Rá, rá, rá. Que hilário. E você já foi mais seco que um grilo — ela devolveu.

— Vocês dois não cresceram! — Olívia riu.

— Eu cresci, e não foi pouco, né, paixão? — Dei uma piscada.

Olívia gargalhou.

— Por favor, nos poupem dos detalhes sórdidos! — Susanne pediu.

— Não tem nenhum detalhe sórdido, mamãe. Que eu saiba, a única coisa que cresceu no Chatão foi o ego.

— Sofia, eu nasci há trinta e cinco anos! Ou seja, não foi ontem! — Olívia ergueu uma das sobrancelhas escuras.

— Trinta e cinco em cada perna, né, Liv? — Susanne riu.

— Me respeita, vaca! — Ela acertou a cunhada no braço.

— *Mamãããããããããããã!* — Uma voz feminina chamou de repente.

— Aqui na sala! — Olívia gritou e, segundos depois, uma morena espetacular, usando um short curto, apareceu.

— Souf! — As longas pernas expostas a levaram até Sofia.

— Ana! — As duas se abraçaram, e a visão privilegiada da bunda da Chatona cumulada ao rosto sorridente da deusa morena fizeram meu pau latejar.

— Puta que pariu... Quem é essa obra do Olimpo? — a recém-chegada perguntou, afastando-se da prima.

— Lindo, né? — Olívia comentou.

— Lindo? Lindo é o sol, mamãe. Esse Apolo é um pedaço de perfeição na Terra.

— É, mas ele é namorado de Sofia! — Olívia advertiu.

— Ele não é meu namorado! — A Chatona berrou.

— Meu Deus, que notícia maravilhosa, Sofia! — Ana caminhou até o sofá e se sentou ao meu lado, cruzando as pernas compridas.

Meus olhos foram magneticamente atraídos para as coxas grossas. Gostei tanto do que vi que fui subindo até o decote, o qual certamente revelaria um par delicioso de peitos.

Fiquei frustrado ao me deparar com a camiseta larga, nada reveladora. Mas abri um sorriso sacana quando meus olhos encontraram o promissor volume duplo, ocultado pela gola alta.

— Oi, tenho interesse — ela disse, manipulando uma mecha do longo cabelo preto-azulado.

Subi o rosto para fitar o dela.

Os lábios volumosos, pintados de vermelho, curvavam-se em um irresistível sorriso sedutor.

Ela tinha um rosto perfeito, de proporções capazes de hipnotizar um homem.

Os olhos eram grandes e tentadores, e as belas íris prateadas pareciam um casal de luas cheias.

— Ana, Matheus é namorado de Sofia! — Olívia alertou outra vez.

— Ele é ou não é seu namorado, Sofia? — Ela virou o rosto para encarar a prima.

A Chatona permaneceu em silêncio. Eu podia ver, pela expressão em seu rosto angelical, que ela estava se sentindo acuada. Não queria dizer que éramos namorados, mas também não queria a prima dando em cima de mim.

Achei, de verdade, que ela diria algo como “ele é meu”. Mas, em vez disso, ela enfiou uma estaca em meu peito ao dizer:

— Ele não é nada meu.

— Bom saber. — Fiquei de pé. — Ana, quer dar uma volta?

— Só se for agora. — Sorrindo maliciosamente, ela pousou os dedos na mão que eu estendi.



# 7

## MAS EU ME MORDO

“(...) de ciúme”.  
*Ciúme* — Ultraje A Rigor

### SOFIA

Há vinte e sete anos, eu era a única criança da família. Além de Duda, que era minha melhor amiga na época, eu não tinha ninguém com quem brincar.

Quero dizer, tio Max brincava de boneca comigo, mas não era tão legal, porque, por mais que ele tentasse fazer uma voz fofa, a melhor amiga da minha *Barbie* sempre soava como um homem.

Aos seis anos, o que eu mais queria era uma irmãzinha.

Quando mamãe decidiu engravidar de novo, achei que, finalmente, o Papai Noel tinha lido minha cartinha.

Então, Lipe nasceu e, com seus pezinhos masculinos, destruiu meu castelinho de sonhos.

Na mesma época, tia Liv descobriu que seria mãe de duas garotinhas gêmeas.

Então, Isa e Ana nasceram e, com suas mãozinhas femininas, me ajudaram a reconstruir meu castelinho.

Sempre tive mais afinidade com Isa, mas amo as duas como se fossem as irmãs que pedi pro mesmo Papai Noel que me deu uma piscina de bolinhas no Natal daquele ano. Ou seja, tio Max.

Aos dezessete anos, Isa me contou como havia sido seu primeiro beijo, na noite anterior. “Foi tão mágico! Obrigada pelas dicas, Souf!”, ela disse.

Com a mesma idade, Ana me contou como havia sido sua primeira vez, na noite anterior. “Foi foda pra caralho! Valeu pelas dicas, Souf!”, ela disse.

Nunca tivemos segredos. Nossas noites do pijama eram nossos rituais de trocas de confidências e conselhos.

Numa delas, depois de algumas xícaras de chocolate quente, acabei admitindo que gostava do Chatão quando era criança.

Como já tinham visto o álbum de casamento dos pais inúmeras vezes, elas sabiam que ele era o garotinho de cabelinho penteado e terno cor-de-areia ao meu lado.

Aliás, graças ao livro que tia Liv escreveu, minha família inteira conhecia o Chatão.

Assim que confessei, Ana teve a ideia de procurá-lo no *Facebook*.

Como eu não tinha uma conta, ela disse que procuraria usando a dela.

Não deixei. Não queria revê-lo. Só de pensar na hipótese, minha barriga doía.

— Souf, deixa de ser besta! Você já tem vinte e cinco anos e, até agora, só namorou cafajestes. Vai que esse Matheus é o homem da sua vida? — ela especulou.

Dei uma gargalhada.

— Deus me livre! Ele já era insuportável quando era criança! Imagina agora!

— Ele era tão gracinha quando era pequenininho! A coisa mais fofa do mundo! — Isa exclamou.

— Pois é! Com aqueles olhos maravilhosos, ele deve ter virado um deus! — Ana pressupôs. — Sofia, nossa família precisa continuar perpetuando genes de qualidade, querida! Pensa nas criancinhas de olhos claros e puxados que vocês vão ter!

Gargalhei outra vez.

— Não vou ter criancinha nenhuma. Muito menos de olhos claros e puxados! Caso vocês não tenham entendido, eu gostava dele. *Gostava*. Do verbo “eu cresci e deixei de ser ridícula”. Se reencontrasse Matheus Miyake depois de tanto tempo, nem olharia naquela cara horrorosa dele.

— Claramente, você ainda gosta dele. — Ana riu, mexendo no celular.

— Não tenho como gostar de uma pessoa que eu nem conheço mais! — berrei.

— Mas pode conhecer. Pode saber tudinho sobre a vida dele. Só preciso digitar “Matheus Miyake” aqui. Aí, te mostro todas as fotos. Dependendo, a gente cria sua conta agora e envia uma solicitação de amizade! Espero que ele tenha postado *vááááárias* fotos sem camisa, pra gente poder analisar direitinho se ele está à sua altura.

Isa deu uma piscada cheia de cumplicidade para mim e falou:

— Ele só vai estar à altura se for do naipe de Luisão.

Ana virou o pescoço, no melhor estilo “Regan possuída”, e fuzilou a irmã.

Então, mudou rapidamente o semblante para “Regan sem demônio africano” e deu uma risada debochada.

— Sofia merece mais que isso. Precisamos de algo do naipe de Lipe.

— Credo! — Isa e eu fizemos careta.

— Só serviria se fosse do naipe de Teo — declarei, certa de que as duas discordariam.

— Credo! — Como esperado, as gêmeas fizeram uma careta literalmente idêntica.

— Gente, Teo é a cara de tio Max, e meu tio é lindo. Ou seja, Teo também é lindo — argumentei.

— *Papai* — Isa frisou — é lindo. Teo é um bruxo.

Não contive uma risada.

Estava rindo quando notei a expressão boquiaberta de Ana.

Com o celular na mão, ela ergueu os olhos da tela e me encarou.

— Souf, você precisa... — começou.

— Ana, se você tiver pesquisado o Chatão no *Facebook*, esquece que eu sou sua prima. — Usei minha entonação mais fria, embora meu coração estivesse borbulhando em rios fumegantes de desespero.

— Você precisa ver! — Ela fez menção de me mostrar o celular, e eu tapei os olhos com as duas mãos.

— Não! — Pressionando os dedos nas pálpebras, resgatei as imagens do Peter Pan que habitava minha mente.

Eu gostava do garotinho que morava na minha Terra do Nunca. Ele era chato? Era. Mas eu gostava dele, mesmo chato. Não queria substituí-lo! Trocar a imagem infantil pela imagem adulta de Matheus soava como uma enorme traição ao Chatão!

Eu sei, não fazia sentido. Mas, na minha cabeça, fazia todo o sentido do mundo.

Eu não precisava conhecer o Chatão adulto. Não precisava. E não queria.

— Não preciso! E não quero, entendeu? Não quero! — berrei.

Naquele dia, eu só podia estar de TPM. Ou, muito provavelmente, algum personagem de *Grey's Anatomy* tinha morrido no último episódio, e eu ainda estava seriamente abalada. O George O'Malley, com certeza.

Só meus hormônios descontrolados ou a crueldade ilimitada de Shonda Rhimes podiam explicar o que aconteceu em seguida.

Simplesmente, do nada, sem motivo algum, comecei a chorar.

No instante em que minha voz falhou e o primeiro soluço ecoou no quarto iluminado por luzinhas de

LED, Isa me abraçou.

— Já chega, Ana. Ela não quer ver.

— Desculpa, Souf... Eu não queria... — A voz dela morreu em meu pescoço quando seus braços envolveram meu corpo soluçante.

Juro que nunca me senti tão patética quanto naquela noite. Chorei por vários minutos, sem conseguir me conter. Foi ridículo. Mas, pelo menos, o Chatão nunca mais foi mencionado por Ana.

Depois daquilo, achei que o assunto estivesse morto. Achei que não reencontraria Matheus. E achei que minha prima jamais o veria de novo.

Eu estava enganada.

## ANA

Graças ao feriado, o trânsito estava tranquilo àquela hora da tarde.

A avenida vazia ouvia a voz de Humberto Gessinger, que cantava “Infinita *Highway*” dentro do meu carro.

Tenho uma paixão absurda por Engenheiros do Hawaii. E juro que minha obsessão não tem nada a ver com o cabelo loiro e comprido do vocalista.

Eu nem gosto de cabeludos.

Muito menos de cabeludos que cantam.

Aumentei o volume e pisei fundo no acelerador do *Mini Cooper* enquanto a música alta acariciava meus ouvidos e o vento frio fustigava meu cabelo solto.

O conversível foi presente de meu padrinho, que é o melhor padrinho do universo. E isso não tem nada a ver com o fato de que ele é bilionário.

Só quem realmente conhece padrinho sabe que ele é a melhor pessoa do mundo, o tipo de ricaço que ama um churrascão na laje, com *cervas* e espetinhos de gato.

— Ninguém por perto, silêncio no deserto! Deserta *highway*! — Comecei a cantar. — Estamos sós e nenhum de nós sabe exatamente onde vai parar! Mas não precisamos saber pra onde vamos! Nós só precisamos ir! Não queremos ter o que não temos! Nós só queremos viver! Sem motivos nem objetivos! Nós estamos vivos, e é tudo! É sobretudo a lei... dessa infinita *hiiiiiiiiiiiiighwaaaaaaay*!

Eu estava fazendo um show particular para o céu nublado quando senti o celular vibrar no bolso do meu short.

A contragosto, diminuí o volume do som e acionei o comando para atender.

— Alô? — Era a voz de mamãe. — Ana! Não vai buscar sua irmã! Seu pai tá indo!

— Como assim? Tô quase chegando ao aeroporto, mamãe!

— Quê? Volta!

— Mas Isa falou que...

— Volta, porra! Vem direto pra casa!

— Hã? Por quê?

— Depois eu explico! Tchau!

Fiquei sem entender porra nenhuma. Mas, como mamãe às vezes dá umas surtadas incompreensíveis, as quais, na verdade, têm uma explicação racional, fiz o retorno e comecei a dirigir rumo à casa dos meus pais.

Cerca de três músicas depois, eu estava adentrando o condomínio.

Minha família inteira morava ali. Aquele lugar havia sido, até pouco tempo, o lar de todos os meus primos. Mas quase todos nós tínhamos saído de casa há alguns anos.

Na nossa rua, a primeira residência, de fachada contemporânea, era a de tio Tito e tia Lari. Depois, vinha a de tio Plínio e tia Suze, de mesmo estilo arquitetônico. Em seguida, a dos meus pais, que também exibiu uma linda fachada minimalista. E, por último, a dos meus padrinhos, igualmente rica em minimalismo e elegância.

Ao me aproximar da casa onde morei praticamente a vida toda, avistei o Honda de Sofia, estacionado diante da casa ao lado.

Assim que saí do meu carro, fui correndo até lá e toquei a campainha.

Como ninguém atendeu, presumi que todo mundo estava na minha casa. Desci a escada de mármore, ganhei a calçada e comecei a subir os largos degraus de pedra que me levariam à alta porta pivotante da casa dos meus pais.

Agarrei o puxador e entrei.

— *Mamãããããããããããããããã*!

— Aqui na sala! — ela gritou, e eu pude imaginá-la no sofá, fofocando com tia Suze e Sofia.

Dando pulinhos animados, que faziam minhas sapatilhas pretas dançarem sobre o piso, percorri o *hall* integrado e alcancei a sala de estar.

A primeira coisa que vi foi a silhueta esbelta e curvilínea de Sofia, cujas costas estavam cobertas por seu comprido e farto cabelo loiro.

— Souf! — Comecei a me dirigir até ela.

Minha prima se virou, abrindo seu típico sorriso radiante.

— Ana! — Sofia encurtou a distância, e fui engolfada por seu perfume de lichia e morangos quando ela me abraçou.

Foi quando eu o vi.

Ali, sentado no sofá branco, de modernas linhas retas, que eu havia escolhido para mamãe, estava uma versão um pouco mais velha e ainda mais impressionante do rosto que eu tinha visto alguns anos atrás, na foto do perfil de Matheus Miyake.

Eu não podia acreditar que ela finalmente tinha reencontrado o Chatão!

— Puta que pariu... — O palavrão, fruto do meu choque, escapou sem minha autorização.

Dei um passo para trás, encerrando o abraço, e perguntei para Sofia:

— Quem é essa obra do Olimpo?

Estava certa de que ela abriria um sorriso imenso e diria algo como: “ah, Ana, este é o Chatão! Lembra dele? Pois é, a gente se reencontrou, e você estava certa! Ele é o homem da minha vida!”.

— Lindo, né? — mamãe comentou.

— Lindo? Lindo é o sol, mamãe. Esse Apolo é um pedaço de perfeição na Terra. — Lancei um olhar para minha prima, algo que ela deveria interpretar como se eu estivesse dizendo: “sua anta! Eu tentei avisar! Se tivesse deixado, eu teria dito, anos atrás, que ele era isso tudo! Parabéns por ter perdido anos e anos de sexo com esse deus!”.

— É, mas ele é namorado de Sofia! — mamãe, que conhece meu fraco para homens gostosos, advertiu.

Eu estava prestes a abrir a boca para dizer “eu sei! Ele é o Chatão!”, quando Sofia me interrompeu:

— Ele não é meu namorado! — Pela ênfase, pelo modo como ela cruzou os braços e pela expressão desdenhosa que dominou suas feições delicadas, percebi que ela ainda se recusava a aceitar o óbvio fato de que era apaixonada por ele.

Estava escrito na cara de péssima atriz dela.

Como eu não fazia ideia de há quanto tempo eles tinham se reencontrado e em que pé estava a relação dos dois, decidi fazer um teste.

— Meu Deus, que notícia maravilhosa, Sofia! — exclamei e me sentei ao lado dele.

O cara era tão gato que exalava testosterona. Sério. Aquele Matheus Miyake era uma delícia grega. E era cheiroso para um senhor caralho.

Eu, que não tinha visto nenhuma foto do corpo dele naquela época, estava impressionada com o quanto ele era gostoso.

Não chegava a ser um Luisão, claro. Mas, meu Deus, passava perto.

Se Sofia ainda não tivesse transado com ele, eu ia dar uns tapas na cara dela.

Quando me sentei, fiquei chocada com o descaramento do sujeito, que me secou na maior cara-de-pau.

Confesso que *adoooooooooo* um descarado.

Meu Deus. Falou que é sem-vergonha, sem-noção e sem juízo, já quero.

*Maaaaaaaaaaaaas*, aquele descarado específico tinha dona.

Só que a dona só podia estar cega! Achei que, presenciando aquilo, Sofia rodaria a baiana, coisa que eu certamente faria, se pegasse um namorado safado com os olhos grudados nos peitos de uma prima minha!

Mas ela ficou inaceitavelmente quieta! Então, precisei provocar mais um pouquinho de ciúme:

— Oi, tenho interesse — falei, enrolando uma mecha de cabelo no dedo.

Era mentira, claro. Mas era algo que eu com certeza diria àquele monumento, se ele não fosse o prometido de Sofia.

Todo mundo diz que Isa é a romântica incurável da família. Mas eu também sou. Só não demonstro, pra não pegar mal.

Por exemplo, acho essa história dos Chatões a coisa mais romântica do mundo. Para você ter noção, “O Descarado Dorme Ao Lado” é meu livro favorito. Já li centenas de vezes, mas finjo que li uma só, apenas para prestigiar a escrita de mamãe. Não posso deixar que ela acredite que, no fundo, eu sou tão ridícula quanto Isa.

Acho lindo quando Lady Sophie e Lorde Matthew se reencontram em uma hospedaria, depois de tantos anos separados. E morro de rir das briguinhas infantis dos dois. E, às vezes, tenho vontade de matar Lady Sophie, que é a mocinha mais orgulhosa de todos os tempos! Sério. Ela demora décadas para admitir que é apaixonada, desde a infância, pelo lindo, irresistível, e descarado visconde de Miyatti!

Ali estava ele, o Matthew da vida real. Seus olhos, tão exóticos e tão lindos, sondavam meu rosto enquanto eu me impressionava, cada vez mais, com a sorte de Sofia, a mula muda que não fazia nada para impedir aquilo.

Se demorasse mais alguns segundos para fazer alguma coisa, ela provavelmente explodiria de ciúme, porque, sendo uma Theloni com sangue Vetter correndo nas veias, era impossível que ela não estivesse se corroendo por dentro.

— Ana, Matheus é namorado de Sofia! — mamãe me advertiu outra vez.

Tive vontade de gritar: “eu *seeeeeeeeeei*, *mamãããããããe!* Tô fazendo isso pro bem dessa idiota! Quero que ela assumo logo de uma vez! Não aguento esperar essa história se desenrolar até o capítulo final! Vai demorar demais! Quero o final feliz agora! Me deixa interpretar a vilã em paz, pelo amor de Deus!”.

Mas, em vez disso, usando toda a minha boa atuação, que herdei, é claro, de mamãe, perguntei, torcendo para ouvir uma resposta positiva:

— Ele é ou não é seu namorado, Sofia?

Ela ficou calada. E eu precisei controlar o impulso de me levantar e sacudi-la com força pelos ombros.

Achei, de verdade, que o ciúme venceria o orgulho e a teimosia que passeavam por suas feições.

Mas, mantendo uma sobrancelha altiva erguida, ela declarou:

— Ele não é nada meu.

Sério. Se aquilo fosse um livro, eu teria fechado e atirado aquela bosta na parede.

Depois, chorosa, correria até lá e pediria desculpas. Aí, abriria de novo e, desesperada, leria a reação do mocinho.



Só que não era um livro. E eu não precisava ler a reação do mocinho, porque ele estava ali, ao meu lado, tentando esconder o quanto a resposta, crua e ferina, tinha magoado.

— Bom saber — ele disse, colocando toda aquela altura de pé. — Ana, quer dar uma volta? — perguntou, estendendo uma mão.

Fiquei entre a cruz e a espada. Estava decepcionada com Sofia, mas não queria chateá-la. E estava puta com o safado do Matheus, que estava me usando para provocar minha própria prima, mas também estava condoída pela dor dele.

Foi quando eu o vi, de relance, atravessando a porta.

Lindo feito uma estátua de ouro, forjada pelas mãos do próprio Zeus, Luisão entrou na sala, e eu tomei minha decisão.

Pousei os dedos na mão de Matheus e, abrindo meu melhor sorriso malicioso, aceitei:

— Só se for agora.

## LUISÃO

Por que a mão de *Broderzona* tava na mão do namorado de Sofia?

— O que que tá rolando? — perguntei, fazendo o possível para soar tranquilo e relaxado, apesar de sentir a tensão engessando meus músculos.

— Nós vamos dar um passeio — Ana disse, ficando de pé.

— Nós quem? — Olhei para Sofia. — *Cê* tá indo também, né, Souf?

— Não fui convidada — ela respondeu, com acidez.

— Como assim, *mermã*? Ele não é seu namorado? — Arregalei os olhos.

— Ele é um safado, cuja fuça eu não quero ver nunca mais na minha vida! Some da minha frente, Matheus! — ela berrou.

*Mermão*, eu não tava entendendo mais nada. O nome do maluco não era Heitor?

— Eu sou um safado? — Ele riu. — Posso saber por quê?

— Você dá em cima da minha prima descaradamente e ainda pergunta por que é um safado? — Sofia deu uma risada sem humor.

— Eu sou um homem solteiro. E, como você bem disse, não sou nada seu. Posso dar em cima de quem eu quiser.

Foi nessa hora que eu senti um bagulho doido agitar meu sangue.

— *Cê* tava dando em cima de *Broderzona*? *Cê* quer agasalhar o croquete de padrinho, maluco? Se ele te pega, ele rasga seu brioco, valeu? — Usei meu truque habitual para afastar filhos da puta sem revelar minha vontade de socar a cara deles.

— Pro seu governo, papai nem tá aqui, Luisão. — Ana ergueu uma sobrancelha.

— Mas eu estou. — Respirei aliviado quando ouvi a voz de Teo. — Que porra é essa, Ana?

Pronto. Eu não precisava fazer mais nada. Só relaxar e testemunhar o quebra-pau. O clone de padrinho tava ali pra pôr ordem na *bagaça*.

*Mermão*, é por essas e outras que Teozona é meu *bróder* mais *broderzão*. A arrombada sempre me salva.

— Quem é esse cara? — o suposto namorado de Sofia perguntou.

O sujeito não tinha noção do perigo que tava correndo. Teozona é doente, *mermão*. O cara consegue ser mais ciumento que meu padrinho. Na moral.

Tipo, se *cê* conhece meu padrinho, eu sei que *cê* acha que é impossível. Mas *cê* precisa considerar melhor a parada. Teo não é filho só do meu padrinho. Também é filho de minha madrinha. E, se *cê*

conhece minha madrinha, *cê* sabe que um filho dela com meu padrinho só podia resultar na aberração ciumenta que eu chamo de *Broderzão*.

Ele é tipo um irmão caçula comum, que tá sempre sacaneando as irmãs mais velhas. Mas, se um macho chega perto delas, *mermão* do céu...

Teozona é tipo o Soldado Invernal, saca? Ele foi treinado por meu padrinho e sofreu umas lavagens cerebrais violentas até se transformar na versão 2.0 do próprio pai.

— O sujeito que vai quebrar sua cara se você não tirar a mão da minha irmã, filho da puta! — ele respondeu, fazendo uma expressão assassina.

*Mermão*, eu tenho pena de mim mesmo se algum dia Teozona sonhar que eu quebrei a promessa que fiz pra ele quando a gente era moleque.

Deixa eu contar a parada.

Eu devia ter o quê? Uns doze anos. Então, ele tinha onze. Foi bem na época que a gente descobriu que o palhaço não servia só pra ser descabelado (isso tem a ver com um filme pornô que a gente viu. É história pra outro dia).

A gente *tava* de boa, manjando umas minas gatas no recreio, quando, do nada, Teozona virou pra mim e pra Lipeta.

— Minhas irmãs são zona proibida. Tenho dó do filho da puta que chegar perto.

Sabe aquele olhar sugestivo, que diz: “é com você mesmo que eu tô falando, desgraçado”? Foi o jeito que ele olhou pra mim e, em seguida, pra Lipeta.

— Cara, elas são minhas primas — Lipe falou, parecendo verdadeiramente chocado.

— Foda-se. Quero que os dois prometam, agora, que nunca vão chegar perto delas.

— Tranquilo. Eu prometo. — Lipe deu ombros, e os olhos verdes de Teo, um pouco mais claros que os de minha madrinha, fixaram-se nos meus.

Eu, que *tava* de olho nas gêmeas desde que me entendia por gente, engoli em seco.

Se *cê* tá me achando *mó cagão* é porque *cê* nunca teve que encarar o olhar ameaçador de Teozona.

Na moral, é coisa de psicopata endemoniado, *mermão*. Dá um medo do *carai*.

— Promete, Luisão — ele ordenou, e eu quase caguei na roupa? Quase. Mas não deixei a arrombada perceber que eu *tava* me borrando.

O que eu fiz? Contra-ataquei.

— Beleza, *bróder*. Também prometo. Mas a mesma coisa vale pra minha irmã, valeu? Arranco essas bolas de gude dos seus olhos e enfio as duas no seu toba se *cê* triscar em Lulu!

— Luma tem seis anos! — Ele riu.

— É, mas, quando *cê* tiver vinte, ela vai ter quinze! E, quando ela tiver vinte, *cê* vai ter vinte e cinco!

— Ela vai ser sempre como se fosse minha irmã caçula. — Ele me olhou como se eu fosse louco.

— Promete logo esse *carai*.

— Tá, porra. Eu prometo.

É claro que, naquela época, eu ainda não fazia ideia do quanto seria difícil cumprir minha promessa. E juro que tentei cumprir, mas, *mermão* de Deus, a naja não deixou.

Se Teozona descobrir algum dia, vou jogar a culpa nela.

Agora, *bora* voltar pro momento em que o namorado de Sofia foi ameaçado por *Broderzão*.

— Ai, meu Deus! Eu desisto! — Ana ergueu os braços e soltou um suspiro frustrado. — Pode sossegar o facho, Teo, porque Matheus não é nada meu, cretino! Ele é o Chatão! E eu só estava tentando fazer Sofia confes... — Souf deu uma tossida, e Ana se calou de repente.

Chatão?

Rolava tipo uma lenda na família sobre um tal de Chatão. Segundo madrinha, era o *boyzim* que gostava de Sofia quando os dois eram crianças, o qual voltaria no futuro, para atormentar tio Plínio, que, por motivos óbvios, não ia com a cara do moleque.

*Mermão*, eu já queria ver a treta. A família *tava* esperando por aquele dia há milênios, e o momento épico tinha, finalmente, chegado.

— Ele é mesmo o Chatão? Aquele da foto? — Teo olhou para Sofia.

— É — ela respondeu, revirando os olhos.

— Tio Plinieta tá sabendo dessa história? — perguntei, tirando o celular do bolso.

— Não — madrinha respondeu, enquanto eu destravava a tela.

Eu precisava bater aquilo pro meu velho. Ele ia comer meu rabo se eu não comunicasse a iminência da treta insana.

— A gente precisa esconder Matheus, antes que Plínio chegue do hospital! — Tia Suze ficou de pé.

Rapidamente, mandei uma mensagem pro meu pai:

**Veizão, a parada é a seguinte: tá rolando *mó* treta aqui na casa de padrinho.**

**O Chatão tá aqui com Sofia. E tio Plinieta tá chegando do hospital pra dar o flagra, valeu?**

**VEM LOGO, MALUCO!**

Guardei o celular no bolso e notei que Teo também tinha pegado o dele, mas para colocar no ouvido.

— Alô? Pai? Adivinha quem tá aqui?

Tia Liv levantou do sofá que nem um bicho voador, arrancou o celular da mão dele e desligou o aparelho.

Depois de confiscar o telefone, ela deu um tapa no braço do filho.

— Sua putinha fofqueira!

— Ai, mãe! — A cara de arrombada surrada que ele fez foi impagável.

Não aguentei e caí na risada.

— Vai, vacilão! *Cê* é tapado demais, *mermão*! Tinha que ter feito que nem eu, que mandei um *Whats* aqui, na maciota, pro meu velho!

— Você fez o quê? — Meu cabelo conheceu a ira de madrinha. — Outra putinha fofqueira!

— Ai, madrinha! — reclamei, ouvindo as risadas de Teo e Ana.

— Ô bicho burro! — *Broderzona* falou, rindo.

— E depois fala que o tapado sou eu! — *Broderzão* gargalhou.

— Susanne, Piolho vai ligar pra Max! E ele vai ligar os pontos! — Madrinha levou as mãos à cabeça.

— Ai, meu Deus... — tia Suze choramingou. — Max vai ligar pra Plínio e vai contar tudo!

Eu estava prestes a perguntar o que *tava* acontecendo quando a voz de tio Plinieta fez tia Suze arregalar os olhos:

— Me contar o quê, Susanne?



# 8

## ENTRE TAPAS E BEIJOS

“(...) é ódio, é desejo, é sonho, é ternura”.  
*Entre Tapas E Beijos* — Leandro e Leonardo

### MATHEUS

— Me contar o quê, Susanne?

Um silêncio sepulcral se instalou na sala, e todas as cabeças se viraram na direção da voz que pôs fim à balbúrdia.

Parado na porta estava um homem alto e grisalho, cujas rugas ao redor dos olhos revelavam os cinquenta e tantos anos que tinha.

Levando a mão à ponte dos óculos de grau e empurrando a armação prateada, ele encarou a esposa, concentrando as íris castanhas no rosto alarmado de Susanne.

— Reizinho! — Sofia correu para abraçá-lo, como se fosse uma criancinha no final do dia, em êxtase pela chegada do pai.

— Princesinha! — As mangas brancas da camisa de Plínio a apertaram como se estivessem protegendo o que ele tinha de mais valioso no mundo.

Eu estava fodido. Quando descobrisse que meu pau já tinha entrado no palácio da princesinha dele, o pai de Sofia ia me matar.

— Esconde atrás do sofá, porra — Olívia sussurrou ao meu lado, me dando um cutucão.

Não contive uma risada. Se ela achava que eu ia me esconder detrás do sofá, só podia estar louca.

Eu ainda estava rindo quando senti um súbito puxão no braço.

Só fui compreender o que estava acontecendo quando perdi o equilíbrio e caí sentado no sofá.

Mais que depressa, Olívia se posicionou na minha frente, puxando a filha e formando uma barricada diante de mim.

Eu estava abrindo a boca para protestar quando meus olhos se depararam com as costas de Ana, forradas pela cascata negra que desaguava nas proximidades da bunda que, claramente, ela tinha herdado da mãe.

É, não era um lugar ruim para ficar sentado.

— Espera. — Ouvi a severa voz de Plínio. — E aquela cueca, Sofia?

Cueca?

Que cueca?

— Hã? — O murmúrio da Chatona soou dissimulado até para mim, que não estava vendo sua expressão fingida. — Do que o senhor tá falando, papai?

— Da cueca branca que eu vi no chão do quarto! Na foto que você tirou hoje cedo e enviou pra sua

mãe! Quero saber, agora, quem é o filho da puta!

Caralho... Era a minha cueca!

— Ai, meu Deus! — Ana exclamou, e as pontas de seu cabelo roçaram o cós do short. — Vocês dois já... — Ela se calou de repente.

— Matheusola não perde tempo, *mermão!* — Obviamente, o apelido escroto saiu da boca do cabeludo-júnior, que, naquele momento, me viu sentado no sofá.

— *Shhhhhh.* — Ana pediu descrição, e ele estreitou os olhos para mim, como se dissesse: “*cê tá achando que eu sou idiota? Fica esperto, que eu tô de olho, mermão!*”.

— Matheusola! — Teo caiu na risada. — Matheus de camisola! Genial, Luísa! — O clone de Max acertou o braço de Luisão, que continuou me vigiando.

— Matheus? O nome do filho da puta é Matheus? — Plínio vociferou.

— Exatamente, puto. — Eu tinha acabado de ouvir a voz de Max?

— Souf! — Um timbre feminino, muito parecido com o de Ana, acariciou meus ouvidos.

— Isa! — Sofia bradou.

— Ana! Tia Suze! Tio Plínio! *Mamãããããããe!* — A recém-chegada começou a distribuir cumprimentos.

— Irmã! — Ana exclamou.

— Isa, você tá tão linda! Amei essa saia! — Susanne comentou.

— Como foi o Congresso? — Olívia e Plínio perguntaram ao mesmo tempo.

— Linda, né? Também amei, tia Suze! O Congresso foi ótimo! Conheci muita gente! Depois eu conto os detalhes! — Oi, Bruxo. — A voz doce e entusiasmada foi substituída por uma entonação enfadonha.

— Oi o caralho. Quero saber se tem macho no meio dessa gente toda — Teo falou.

— Já perguntei — Max comunicou. — Só médicas, né, minha linda?

— É, papai — ela confirmou. — *Luííííííí!* — A voz de Isa ficou esfuziante de novo.

— *Mermã* de Deus... *Cê tá...* — Ele parou de falar e limpou a garganta. — *Cê tá me tirando, mermã?* — Sabiamente, mudou o tom. — Achei que *cê* tinha esquecido de me cumprimentar, maluca!

— Abre seu olho comigo, Luisona — Max alertou.

— Que que eu tô fazendo, padrinho? Tô *mó* na minha, só cumprimentando a mina.

— Na escola que você tá fazendo o pré eu fiz pós-doutorado, quenguinha.

— Um dia eu chego lá, padrinho. — Ele riu.

— Cuidado pra não acabar chegando primeiro no inferno, Luísa, que é pra onde eu vou te mandar se um dedo seu encostar num fio de cabelo de uma das minhas irmãs — Teo avisou.

Max deu uma gargalhada.

— Tenho um puta orgulho de ter carregado esse moleque no saco! — Ele bagunçou o cabelo do filho.

— Falando em moleque, cadê o porra do Felipe, que não serve pra cuidar da irmã dele? — Plínio perguntou.

Sofia deu uma risada.

— Lipe não serve pra cuidar nem de si mesmo, papai!

— A pergunta certa não é essa, Plínio — Max assinalou. — A pergunta, na verdade, é onde está o porra do Matheus?

Então ele tinha mesmo sacado que era eu. A casa ia cair. Não ia ter jeito. Eu ia ter que me levantar.

Estava prestes a me colocar de pé, a fim de enfrentar meus carrascos com honra, quando um desgraçado me delatou:

— O moleque tá sentado no sofá, Putão!

Girei o pescoço e vi, entrando pela outra porta, o cabeludo-pai, acompanhado de duas beldades loiras.

— Que sacanagem, hein, puto! O evento do século acontecendo e você não convida o próprio irmão?

— Um sujeito parecido com Plínio, que só podia ser o tio Tito, vinha logo atrás, acompanhado de duas

beldades ruivas.

As esposas tinham uns quarenta e poucos anos. A ruiva mais jovem aparentava ter uns dezoito. A loira parecia ter uns vinte.

Infelizmente, eu não estava ali para analisar beldades e idades. Estava ali para servir de atração principal do espetáculo daquele circo, que mal tinha sido armado e já estava pegando fogo.

Aceitando minha sina, virei o rosto e ergui o corpo.

— Oi, tio! — Abri meu melhor sorriso para Max. — E aí, sogrão? — Dei uma piscada marota para o pai de Sofia.

Piolho soltou uma gargalhada.

— Mano de Deus, *cê* é louco, meu? Plinião vai comer seu cu, tá ligado?

— O sogrão também gosta de comer cu? — perguntei.

Uma onda violenta de risadas inundou a sala.

— Aí, Plinião! Seu genro também é papa-cu! — Piolho teve uma crise de riso, enquanto Max e Plínio faziam impagáveis expressões iguais.

— Gente, quem é esse? — Alguém indagou, e eu virei a cabeça.

Então, virei de novo, na direção de Ana, e confirmei. Ela e Isa eram gêmeas. Idênticas.

— Matheus Miyake — Plínio respondeu, e sua voz cortante instaurou um pesado silêncio no cômodo.

Se tinha me reconhecido, ele devia conhecer meu velho.

O que não entrava na minha cabeça era por que todo mundo se lembrava do meu pai.

— É como se eu estivesse vendo um fantasma — Plínio comentou, usando um carregado tom de desdém.

— E olha que é o senhor que tá de branco, hein, sogrão! — observei.

— Meu Deus, ele é um palhaço! — Ana riu.

— *Cê* já descabelou, Souf? Ou *cê* só descabela se o palhaço for de brinquedo? — Luisão perguntou, e novas risadas cortaram o ar.

— Vai pra bosta, Luís — Sofia falou, rindo.

— O Senhor Palhaço... — Olívia riu. — Você ainda tem, Souf?

— Tenho. — Ela deu uma risada.

— De que palhaço vocês estão falando? — questionei, achando que alguém me contaria a história que havia originado a piada interna.

— Não é da porra da sua conta, moleque! — Max respondeu, do mesmo jeito que costumava fazer quando eu era criança.

— Eu cresci, tio. *Data venia*, Excelência, moleque de cu é rola. — Simulei seriedade.

— *Mermão* do céu, me ensina a peitar padrinho assim, maluco!

Max virou o pescoço e encarou o afilhado.

— Tô zoando, padrinho! — Luís deu um amedrontado passo lateral, e o tio de Sofia voltou a me fitar, caprichando na empáfia.

— Olha o jeito que o lacaio fala com um duque!

— Eu sou um visconde. — Ergui uma sobrancelha presunçosa. — E um visconde pode se casar com a filha de um conde.

Um coro de suspiros femininos pontuou minha sentença.

— Nem por cima do meu cadáver! — Plínio declarou, furioso. — Eu te tirei daquela escola por causa desse moleque, Sofia! Achei que estivesse livre! Achei que nunca mais fosse ver a cara desse filho da puta! E você me aparece com ele aqui? O que foi que você viu nesse sujeito? — Ele fez uma breve pausa e deu uma risada ácida. — A mesma coisa que a sua mãe, eu suponho. E então, o que você viu nele, Susanne?

A sala mergulhou em mutismo e tensão, manifestos por lábios cerrados e olhos arregalados.

— Puto, eu acho melhor vocês conversarem sobre isso a sós — o irmão dele entrevistou.

— Você não acha porra nenhuma, Tito! — o sogrão berrou.

— É, Titona. Fica de boa aí, tá ligado? Nós *tamo* aqui pra ver a treta, meu. Falando nisso, ninguém fez pipoca, *véi*? Eu nem curto essa parada, mas alguém podia fazer, né, mano?

— Isso aqui não é um circo, Piolho! — Plínio exclamou.

— Não? Parece demais, tá ligado? — Ele riu. — Vai, Lulu. Vai fazer pipoca pro papai.

— Mas faz daquela de caramelo, *mermã* — Luís acrescentou.

— Não vou dar conta de fazer pipoca pra todo mundo. — A loira riu.

— Eu te ajudo — Teo ofereceu e, estranhamente, ninguém objetou.

Então, os dois cruzaram a porta e desapareceram.

Ou já eram namorados ou os únicos ciumentos patológicos da família eram o pai e o tio preferido da Chatona.

Que sorte a minha.

— Você está proibida de ter qualquer envolvimento com esse sujeito, Sofia — Plínio falou de repente.

— Posso saber por quê? — ela perguntou, com um leve tom de rebeldia.

— É, Plinião, por quê? — Piolho abriu um sorriso maquiavélico.

— Sossega, Lucas — a esposa dele repreendeu, dando um beliscão no marido.

— Doeu pra *carai*, mano! — ele reclamou, alisando o braço.

— É pra doer mesmo! — Ela riu.

— Por que não, papai? — Sofia repetiu.

— Porque eu sou seu pai e estou proibindo — ele respondeu, e Piolho deu uma risada.

— Já era, Plinião! Ela já tá gamada no Chatão, mano! O cara é *mó galã, véi*. *Óia o shape* desse moleque... *Cê* acha que ela já não tá doida nesse *shape*? Só faltou o cabelão, mano! Falei pra deixar crescer, *véi*. *Ó Luisona*... As gêmeas piram no *shape* e no cabelão do Luisão! — Ele gargalhou.

— Piram meu ovo! — Max encrespou.

— Quenga de Deus... Acorda pra vida, mano! — Ele riu. — Tá parecendo Plinião! *Cê* acha que as duas já não conhecem a naja? E *cê* acha que Sofia já não deu uns pegas no Chatão, Plinião?

— Era dele? — Plínio perguntou, lançando um olhar sofrido para a filha.

— Do que o senhor está falando, papai? — Sofia quis saber.

— Da cueca! — ele berrou, e Piolho e o filho caíram na risada.

Riram tanto que caíram no sofá.

Olívia levou os dedos à boca para disfarçar o riso, e as outras mulheres fizeram o mesmo.

— Era sua, filho da puta? — Plínio deu um passo em minha direção.

— Eu nem uso cueca, sogrão! — provoquei, e observei a fúria dominar suas feições enquanto ouvia mais e mais risadas.

— É mentira dele, papai! — Sofia tentou amenizar, e só percebeu que tinha falado merda quando os cabeludos e as mulheres gargalharam ainda mais alto.

— Eu falei, mano! Esse povo é cria nossa, meu! *Tão* tudo fazendo *cosplay* de coelho *nos mocado*, tá ligado? — Piolho acusou.

— Eu não tô fazendo *cosplay* de nada, padrinho! — Luisão garantiu.

— Nem eu, papai! — Isa e Ana responderam juntas.

Piolho desatou a rir.

— E aí, quenga? *Cê* acredita nesse *migué*?

— Minhas filhas não mentem. E a minhoca microscópica que Luisão chama de “naja” sabe onde pode enfiar a cabeça sem ser decepada. — Max lançou um olhar homicida para o afilhado.

— Sabe mesmo, padrinho — Luisão assentiu.

— Mano do céu... *Cê* é cara-de-pau demais, Luisona! — Piolho deu um tapa na cabeça do filho. — É

que nem seu genro, Plinião! *Véi*, eu já virei seu fã, tá ligado? — Ele me deu um soco no braço. — *Cê* tem que fazer uns filhotes com Sofia, mano! Plinião tá doido pra ser avô de uns moleques de olho puxado!

— Meu Deus. — Plínio levou uma mão ao peito. — Tô tendo um infarto. Tô morrendo, Susanne! E a culpa é toda sua!

— Aguenta aí, sogrão! A Chatona precisa do pai pra levá-la até o Chatão no altar, né, paixão? — Busquei os olhos de Sofia.

— Só se for nos seus sonhos, *paixão*. — Ela deu uma risada desdenhosa.

— Eu sei que você me ama, Gi. — Pisquei um olho.

— Gi? — Várias vozes femininas indagaram.

— É a versão curta de “girafinha” — expliquei, e elas emitiram um harmônico som suspiroso.

— A gente devia ter matado esse moleque, Max — Plínio constatou.

— E enterrado no mato, lá na fazenda — o tio de Sofia completou, para o deleite da plateia, que explodiu em novas gargalhadas.

## LUMA

— Deixa que eu pego. — Teo levantou o braço e abriu a porta do armário.

A camiseta verde-musgo subiu, e meus olhos captaram uma faixa de seu abdome.

O pedaço esculpido de pele bronzeada, permeado de ondulações e entalhes, desaparecia no cócs da calça jeans, cuja parte frontal era prova viva da existência divina.

Cada milímetro daquele homem era um atentado aos axiomas de qualquer ateu. Não tinha como conhecer Teo Vetter e não acreditar em Deus.

O Criador, em um dia de inenarrável inspiração, moldou uma criatura perfeita. E, depois de criá-la, decidiu, sabiamente, chamar a obra-prima de “Teo”. Que outro nome um ser tão divino poderia ter, não é mesmo?

Parece exagero, eu sei, mas acredite quando eu digo que Teo faz jus ao nome. Ele é mesmo um deus. Sério. É tão lindo e tão gostoso que é impossível não morrer de tesão perto dele.

Já tentei. Não dá. E olha que eu tento conseguir essa façanha há séculos.

— De quantos a gente precisa? — ele perguntou, e, hipnotizada por aquele volume maravilhoso, continuei invocando meus inexistentes poderes *kryptonianos*.

Na verdade, eu só queria mesmo a visão de raio-x.

Meu Deus, o que eu não daria pela visão de raio-x do Clark Kent?

— Luma? — ele chamou, e eu tive vontade de dar um soco naquele rostinho lindo.

Por que ele não me deixava apreciar a vista em paz?

Que merda. Eu ia ter que subir os olhos.

Foi o que eu fiz, lamentavelmente.

— Hã? Desculpa. Que foi? — Fiz minha melhor expressão de “pessoa avoada que está só pensando na morte da bezerra, não manjando uma delícia de pacote”.

— Pego só esse pacote? — ele perguntou, e eu quis responder: “isso, pega. Pega esse pacotão gostoso e balance essa maravilha na minha boca”.

— Pega uns três — respondi, lutando contra a teimosia das minhas íris, que só queriam descer.

Um a um, ele colocou os pacotes sobre a bancada.

Então, fechou a porta e me encarou.

Eu estava admirando o tom folhoso de suas íris quando seus lábios se moveram e meu nome escapou de sua boca desenhada.



— Luma...

Pelo tom, eu sabia o que viria em seguida. E, sinceramente, não podia falar sobre aquilo.

Desde a noite anterior, eu só conseguia pensar no que tinha acontecido e no que aconteceria se eu sucumbisse à vontade suprema de fazer o que eu sabia que ele também estava louco para fazer.

— A gente não precisa falar disso, Teo — cortei, ignorando cada célula assanhada do meu corpo.

— Eu só queria dizer que... — ele iniciou, mantendo os olhos fixos nos meus.

— É melhor a gente deixar isso quieto — interrompi, guerreando contra o desejo de silenciá-lo com um beijo. — Precisamos de uma panela — desconversei e cruzei a cozinha em busca de uma.

Começamos a fazer a pipoca em silêncio. Mas minha mente era um turbilhão ruidoso de pensamentos sacanas, alimentados pelo aroma delicioso do perfume de Teo.

O cheiro dele é a coisa mais afrodisíaca que existe. Acho que eu seria capaz de gozar se mantivesse o nariz no cangote de Teo por uns cinco segundos seguidos.

Se você acreditou nisso, você tem sérios probleminhas. Estou exagerando, é óbvio. Mas é só pra te dar uma noçãozinha do que o perfume dele faz comigo.

Não é a fragrância em si. É a fragrância misturada ao cheiro de puro tesão que ele tem.

— Posso te perguntar uma coisa? — A voz dele ressoou de repente, sobrepondo-se aos primeiros estouros da pipoca. — Não tem nada a ver com o que aconteceu, eu juro. É só que... — Ele soltou um longo suspiro. — Você tem certeza de que está fazendo a coisa certa?

Não. Eu não tinha mais certeza de nada.

— Tenho. Por quê?

— Eu me preocupo com você, Luma. Você é como se fosse minha irmã caçula e...

Pronto. Lá vinha ele com aquele papo de “irmã caçula”, que me deixava puta desde a minha adolescência, quando ele começou a habitar meus sonhos eróticos mais safados.

— Sua irmã? Tem certeza de que você me vê como irmã, Teo? — Precisei controlar o ímpeto de me aproximar e deslizar a mão naquele tórax perfeito, que me deixava doida, principalmente quando estava exposto.

— Eu já expliquei que... — ele começou a se justificar.

— Que a culpa foi do filme. É, eu sei. O que eu não sei, até agora, é por que você foi ao meu apartamento ontem à noite. Não foi para assistir ao filme, foi?

Não tinha sido. Claro.

Ele tinha chegado por volta das onze da noite.

Vê se isso é hora de um gostoso visitar uma moça que mora sozinha e que tem o sonho secreto de transar com esse gostoso específico!

Eu vestia nada além de uma camisolinha de seda, vermelha e curta.

Abri a porta assim, como se não fizesse ideia de que estava usando algo inapropriado para receber um “irmão postiço”.

A cara que ele fez quando me viu foi impagável. Como sou uma atriz excepcional, fingi absoluta inocência.

— Oi, Teo! — exclamei, abraçando-o e aproveitando para tirar uma senhora casquinha, como sempre fiz.

Discretamente, é lógico.

— Oi, Luma... — ele respondeu quando obriguei meu corpo a se afastar.

Seus olhos, é claro, estavam nos meus peitos.

Fico besta com a cara-de-pau dele de dizer que me vê como irmã. Direto pego o sem-vergonha me secando. Principalmente quando a gente está na piscina. E é óbvio que também dou umas boas manjadas. Todas discretíssimas.

— Entra! — Escancarei a porta, indicando a passagem com uma mão.

Ele entrou, e eu, que sabia exatamente por que o safado estava ali, resolvi atirá-lo usando o truque mais antigo da história da humanidade.

— Você chegou na hora certa! Tô querendo ver um filme de terror, mas tô com medo de ver sozinha. Quer ver comigo?

É claro que ele topou.

— Não. Não foi pra ver o filme — Teo respondeu, enquanto me encarava na cozinha.

— Foi por que, então? — indaguei, e, por um momento, achei que ele fosse confessar. Que fosse abrir um sorrisinho obscuro e dizer algo como: “você sabe por quê”.

Mas, quando falou, ele estava sério. Lindamente sério.

— Fui pra te perguntar isso, se você tem certeza. Queria te dizer que ainda dá tempo de desistir.

— Você quer que eu desista? — perguntei, sentindo o coração pular tanto quanto as pipocas que estouravam dentro da panela.

Ele não respondeu de imediato. Seus olhos, emoldurados por fartos cílios claros, estudaram meu rosto por vários segundos antes de ele finalmente dizer:

— Quero.

— Por quê? — sondei.

Naquele momento, se estivesse competindo com as pipocas, meu coração teria ganhado a disputa de lavada.

— Porque ninguém se casa com uma pessoa que conheceu há quatro meses, porra! Isso não existe!

— Não existe? — Dei uma risada. — Quando seus pais se casaram, eles se conheciam há uns quatro meses, não? Por favor, corrija-me se eu estiver enganada a respeito da história de amor dos meus próprios padrinhos.

— Meus pais são um caso à parte — ele justificou. — Os dois se amam pra caralho, Luma. Por isso deu certo. Você não ama aquele cara.

Soltei minha melhor risada debochada.

— É mesmo? Posso saber de onde você tirou isso?

— Do fato de que, apesar de ter um noivo, você teria me beijado ontem, se ele não tivesse chegado.

Tá. Agora, vamos à minha defesa.

Sim, eu tenho um noivo. E, sim, eu vou me casar em dois dias.

Então por que chamei meu “irmão postiço” pra “ver um filme”?

Você já sabe a resposta. Primeiro, Teo é o protótipo da perfeição masculina, a criatura masculina número um, o modelo-mor de beleza máscula e despudorada.

Eu cresci com ele, então é bem óbvio que ele foi tipo o meu “primeiro amor”.

Ah, Luma, então você é apaixonada por ele?

Lógico que não! O que eu quis dizer foi o seguinte: quando eu tinha uns treze anos (ele tinha dezoito), eu meio que alimentava a clandestina ilusão de que, um dia, ele seria meu marido.

Enfim, era coisa de adolescente iludida. Quem nunca passou por essa fase bizarra que atire a primeira pedra.

O fato é que, com o passar dos anos, minha fantasia romântica foi substituída por meras fantasias eróticas.

Logo, comecei a sonhar em perder a virgindade com ele. Obviamente, isso não aconteceu. E, para ser sincera, não me esforcei muito para realizar esse sonho.

Primeiro, porque Teo é o putão mais devasso que eu conheço. Ele deve transar desde os sete anos de idade.

Exagerinho. É claro que não. Mas deu pra entender, né? Ele é um *cafa* de primeira linha.

Não sei por que ele nasceu assim, tão degenerado. Meu padrinho, pai dele, é tipo o melhor marido do mundo (depois de papai).

Não consigo imaginar Teo como um homem casado. E, francamente, tenho pena da pessoa que se casar com ele. Não desejo essa desgraça nem para a pior mulher do mundo.

O que eu estou tentando dizer é que, como Teo sempre foi tão experiente, eu tinha medo de perder a virgindade com ele, apesar de, na época, sonhar com isso todas as noites.

Na minha cabeça, eu cometeria algum erro grotesco e absolutamente inaceitável durante o ato. Algo que o faria rir de mim por toda a eternidade (olha as coisas que a gente pensa quando é adolescente. Meu Deus).

O segundo motivo pelo qual eu não me esforcei muito é o seguinte: sempre tive muito medo de me insinuar e estragar tudo.

Eu pensava coisas como: “e se ele não quiser nada comigo?”, “e se ele não me achar bonita o bastante?”, “e se essa história de ‘minha irmãzinha caçula’ for algo sério?”, “e se ele disser, na minha cara, que não está interessado?”.

Claramente, já fui muito insegura nesta vida. Mas, naquela época, o problema não era só a minha insegurança. Era o meu medo. Não só de ser rejeitada. Meu medo maior era ser sumariamente rejeitada e precisar mudar de família. Porque, com certeza, eu não teria coragem de olhar na cara dele de novo se levasse um fora.

Enfim, o fato é que só fui perder a virgindade no ano passado (um dia eu conto a história). Acho que demorei tanto porque, no fundo, eu ainda tinha esperanças de perder com Teo.

Infelizmente, não criei a coragem necessária para dar em cima dele e acabei perdendo a paciência comigo mesma.

Depois que finalmente descobri as maravilhas do sexo, comecei a ficar ainda mais obcecada com a ideia de transar com Teo.

Eu só queria umazinha. Podia ser uma rapidinha. Sério. Eu só não queria morrer sem transar com ele.

Só que, como você já sabe, sou muito cagona. Mesmo percebendo os olhares dele, que começaram a ficar mais descarados desde que voltei definitivamente para o Brasil, continuei com medo de deixar claro que estou interessada.

Você deve estar se perguntando por que, sendo um putão, ele já não tomou a iniciativa. Eu sei por que e vou te dizer.

Primeiro, porque Teo é um idiota.

Não acredito que ele acha mesmo que Luisão ainda não traçou as gêmeas.

Não sei se Luís já pegou as duas. Mas posso afirmar, com conhecimento de causa, que meu irmão já transou com pelo menos uma das irmãs de Teo.

Como sei disso? Flagrei os dois se agarrando. Mas estava escuro, e é impossível distinguir as gêmeas até em plena luz do dia. Imagina à noite.

Como eu sei que Ana é apaixonada por Luís desde criança (ela nega, mas todo mundo sabe), nunca comentei nada. Vai que eu pergunto se era ela e, na verdade, era Isa? Ela teria um ataque.

Luís, apesar de também gostar de Ana, é um safado. Acho que ele teria coragem de transar com Isa. E, se transou, não quero estar por perto quando essa bomba explodir.

Sei da promessa ridícula que Teo, Lipe e Luís fizeram quando eram crianças. Todo mundo sabe dessa merda.

Particularmente, me recuso a acreditar que Teo nunca tomou a iniciativa por causa dessa promessa idiota, porque ele e Luís juntos não valem um centavo.

Tenho minha teoria. Acho que ele também tem medo. Não sei, exatamente, de quê.

O fato é que, desde que anunciei meu repentino noivado, para o desespero de papai e para a surpresa de toda a família, Teo virou outra pessoa.

Deixou de lado a capa do “irmão postiço” respeitoso e assumiu a aura devassa que ele destina exclusivamente às mulheres que pretende comer.

Conheço Teo Vetter. Já perdi as contas de quantas vezes testemunhei o gavião rondando as presas (e, aqui, o plural importa).

Conheço todos os truques e sorrisos sacanas dele. Se eu fosse uma boa desenhista, poderia desenhá-los de cor. É claro que nem o artista mais talentoso do mundo seria capaz de transferir para o papel toda a beleza acumulada no rosto do sem-vergonha. Mas, se eu soubesse desenhar, poderia esboçar todos eles, colocando as devidas legendas.

Então, acredite em mim quando eu digo que, desde que fiquei noiva, ele lançou como meta de vida transar comigo antes que eu entre na igreja.

Digamos que a meta dele é a minha meta. Só que, por motivos óbvios, não sei se quero executar a meta.

Quero dizer, é claro que eu quero. É o sonho da minha vida. Mas ainda estou trabalhando minha consciência. Não sei se vou, finalmente, ter coragem para realizar meu grande desejo.

Eu sabia, muito bem, o que Teo Vetter queria quando foi ao meu apartamento às onze da noite. Eu só não sabia se estava pronta.

Por isso, decidir usar o velho truque do filme de terror. Pensei com meus botões: “se rolar, rolou. Se não rolar, não rolou. Mas espero muito que role. Manda a ajuda, Senhor. Prometo que vai ser só essa vez, Pai. Depois, vou ser fiel pra sempre. Eu juro”.

Para você que está achando que Deus mandou a ajuda que eu pedi, aí vai uma grandessíssima revelação: não mandou.

Em vez disso, ele mandou um sinal. Um sinal personificado: o homem com quem eu vou me casar. Um sinal que dizia, claramente, que eu não devia, de jeito nenhum, transar com Teo.

Ali estava ele, me acusando de não amar meu noivo e, ainda por cima, jogando na minha cara que eu o teria beijado, se meu futuro marido não tivesse chegado.

É verdade. Eu teria. Teria me esbaldado naquela boca maravilhosa. E teria ido além, muito além. Mas não ia, nem a pau, confessar uma barbaridade dessas. Tenho vergonha na cara.

— Meu Deus! É claro que não! — Arregalei os olhos, fazendo uma performance digna de uma estatueta de ouro.

Ele fez uma expressão pouco convencida que, é claro, me deixou furiosa.

— A iniciativa foi toda sua! — berrei.

— Minha? Foi você que me chamou pra ver a porra do filme!

— Eu não sabia que era um filme tão... — Fiz uma pausa estudada. — Erótico!

Mentira! Eu sabia, sim. Já tinha visto um milhão de vezes. E escolhi de caso pensado.

Sou um gênio, eu sei.

— Erótico? — Ele deu uma risada. — Luma... Pelo amor de Deus, aquilo era praticamente um pornô!

Olha como ele se faz de santo! O safado tá careca de saber que filme de terror costuma ter umas pegações violentas. E que o casal que tá dando um mata no mato é sempre o primeiro a morrer!

— Pornô? Você ficou louco? — dissimulei. — Tinha só aquela cena superleve.

— Superleve? Meu padrinho sabe que você vê esses filmes indecentes? — ele perguntou, aparentemente chocado.

— Não sou nenhuma virgenzinha, Teo. E duvido que papai ache que vou me casar virgem. Tenho quase vinte e dois anos, sabia?

— Você é uma criança, Luma. Não tem idade pra ver esses filmes. Muito menos para se casar.

— É, mas idade pra ser beijada pelo meu irmãozinho postiço eu tenho, né? — ironizei, controlando minha fúria.

Odeio quando ele me chama de “criança”. Tenho vontade de berrar: “vem cá, deixa a criança brincar de montar no cavalinho!”.

— Eu não te beijei! — Ele teve o descaramento de alegar.

— Você ia me beijar, Teo! — argumentei.

— É claro que não! Eu só estava meio... influenciado pela cena. Aí, você me chamou, e... a atriz também era loira... E eu fiquei meio... confuso. Já expliquei essa porra mil vezes, Luma. Eu não ia te beijar!

Não sei por que ele nega tanto. Na verdade, acho que ele pensa que, se me beijasse, o mundo entraria em combustão. Só isso explica o medo que ele tem de me beijar.

Ontem, quando estávamos assistindo ao filme, eu realmente achei que ia rolar. O casal começou a transar na barraca, e eu pensei: “opa! É agora”.

Arrastei a bunda no sofá e senti o braço dele incendiar o meu. Meus mamilos doíam de tesão e, enquanto inspirava o cheiro dele, eu só pensava em montá-lo e brincar de cavalinho até cansar.

Usando minha visão periférica, comecei a comê-lo com os olhos, descendo o olhar pelo peito largo e musculoso até pousá-lo no volume generoso que empurrava sua calça jeans.

Eu estava maravilhada com aquela delícia, certa de que, finalmente, manusearia aquela arma de destruição em massa, quando Teo se remexeu e tapou minha visão com uma almofada.

Eu não sabia se ria ou se chorava.

Foi quando eu decidi, para a felicidade geral da nação, que precisaria tomar uma atitude.

— Teo... — murmurei, usando uma voz sedutoramente enrouquecida.

Ele virou o rosto, e nossos olhos se encontraram. Vi em suas íris o momento em que ele ligou o “foda-se” e decidiu atacar.

Ele ia me beijar. Ia fazer mais que isso. Sua expressão selvagem me disse, naquele instante, que aquela seria a melhor foda da minha vida.

E ali estava ele, no dia seguinte, negando tudo.

— É mesmo? E o que você ia fazer quando alcançasse a minha boca? — provoquei. — Ia interromper e dizer: “ops, não é a atriz do filme! É minha irmãzinha caçula!”?

— Você não é minha irmã! Que porra, Luma! Eu não sou seu irmão, caralho! — ele bradou, e eu precisei conter um sorriso satisfeito.

— Mas é você quem diz isso o tempo inteiro! — Fiz uma falsa expressão inocente.

— Eu posso dizer. Você, não. E eu nem cheguei perto da sua boca! Só... fiquei te olhando. E, caso você não saiba, um beijo é dado por duas pessoas. Se eu tivesse a intenção de te beijar e tivesse mesmo te beijado, o que você teria feito?

Ai, meu filho... Você tem alguma dúvida? Eu teria subido em cima de você e dado uma sentada nervosa nessa monstruosidade que você chama de pau.

— Teria dado um tapa na sua cara, óbvio — afirmei, cruzando os braços.

Eu sei. Fico me sabotando. Mas não posso confessar minhas fantasias sórdidas! Eu tenho um noivo!

— Duvido. — Teo abriu um sorrisinho enviesado que destruiu meu juízo.

Era o “sorriso matador”. O que ele usava quando queria assassinar cada neurônio da vítima.

— Então por que você não faz um teste? — desafiei, umedecendo os lábios.

Viu? Claramente, meus neurônios estavam todos falecidos, motivo pelo qual eu estava cogitando beijá-lo ali, na cozinha da casa do meu padrinho, a metros de distância de onde meu pai e minha família inteira estavam.

Diante do desafio, Teo ficou calado, com o rosto sério e os olhos fixos na minha boca.

Certamente, estava considerando a hipótese. E, a julgar pela expressão em seu rosto lindo e simétrico, ele estava com medo.

Eu sabia! Era medo. Ele tinha medo de gostar!

— Que foi? Tá com medo de gostar? — aticei, mordendo o lábio.

— Não. Tô com medo de te iludir. Se eu te beijar, é você quem vai gostar, Luminha. E vai gostar tanto que vai cancelar o casamento, achando que está apaixonada por mim.

Não contive uma gargalhada.

— Você está se esquecendo de um detalhe, meu querido — observei, usando todo o meu estoque de escárnio. — Eu te conheço, Teo Vetter. Conheço você desde que nasci. Não sou como as mulheres que fazem fila no seu portão, que só veem essa sua carinha de anjo. Eu sei que, na verdade, você é um demônio.

Um sorriso presunçoso brotou em seus lábios esculpados.

— Já pensou se você se apaixonou por um demônio?

— Impossível — declarei. — Já sou apaixonada por um anjo. E vou me casar com ele.

Teo deu uma risada desdenhosa.

— Aquele filho da puta não é um anjo. E você não é apaixonada por ele.

Isso me deixou possessa! Como ele ousava dizer que eu não estava apaixonada por Zach? Se eu não estivesse, não teria aceitado o pedido de casamento, teria?

Zachary Ward é maravilhoso. Nós nos conhecemos no Carnaval. Antes disso, ele nunca tinha vindo ao Brasil. E eu nunca tinha passado o Carnaval no Rio de Janeiro. A verdade é que detesto Carnaval. Mas meus primos adoram (dá pra imaginar o motivo, né?). Esse ano, depois de muita insistência das meninas, decidi ir com eles. Acabei voltando com um britânico na mala.

Fui para Londres no mês seguinte. E, em abril, ele voltou para cá. Em maio, Zach me pediu em casamento e me contou seus planos de morar comigo no Brasil. Por causa da empresa multinacional do pai, ele pode se dar ao luxo de fazer algo assim.

É claro que papai não apoiou meu casamento quando descobriu que eu estava noiva. Primeiro, ele ficou puto porque Zach não pediu minha mão antes de me fazer o pedido (papai é antiquado demais). E, assim que mostrei o anel, ele ameaçou entrar em depressão se eu não tirasse aquilo do dedo. Vê se pode!

Mas, se tem uma coisa que eu aprendi ao longo dos anos é usar o ciúme de papai a meu favor. Não foi muito difícil convencê-lo usando o seguinte argumento: “papai, já que eu pretendo me casar um dia, não é melhor que eu me case logo? Casada, vou ficar para sempre com um homem só, não com vários, como ficaria se estivesse solteira”.

Depois de muitos “mano de Deus, não faz isso comigo, Lulu. Cê tá ligada que cê tá acabando com a vida do seu próprio pai? Cê tá me assassinando, Luma!”, eu finalmente consegui dobrá-lo.

Meu padrinho e meus tios não perdoaram. Foi zoeira para todo lado. Mas, usando meu argumento genial, papai conseguiu vencer a maioria das batalhas. Agora, todo mundo já se acostumou à ideia de que eu vou me casar.

— É claro que eu sou apaixonada por ele! — bradei, fitando o rosto insolente de Teo. — Zach é perfeito! É romântico, carinhoso, divertido, educado, gentil, ama animais...

— Vou te dizer o que ele é — Teo me interrompeu. — Chato pra caralho. Prosa-ruim da porra. *Playboy* de merda.

— E você é um recalcado! — retruquei, enfurecida.

— Recalcado por quê? Porque meu pai não é bilionário? Porque eu não estou me casando com uma herdeira de duas fortunas?

— Não foi isso que eu... — comecei.

— Meu pai não é bilionário, mas é o melhor pai da porra do mundo inteiro — ele me cortou outra vez.

— É o homem que me ensinou tudo o que eu sei sobre ser um bom homem e um bom advogado. Talvez você não saiba disso, Luma, mas eu amo o meu trabalho, apesar de não ganhar bilhões. E eu não me casaria com uma garotinha mimada feito você nem por todo o dinheiro do universo.

Isso me deixou tão furiosa que meus dedos determinados voaram na cara dele.

Na verdade, não sei por que fiquei tão puta. Foi porque ele me chamou de “garotinha mimada”? Porque ele transava com qualquer vagabunda e se recusava a me dar um único beijo? Porque eu me casaria sem realizar meu grande — e ridículo — sonho? Ou porque ele disse que jamais se casaria

comigo?

Eu não sabia. Só sei que o tabefe foi forte o bastante para descontar metade da minha frustração. A outra metade só seria devidamente descontada com algumas estocadas bem dadas (coisa que, infelizmente, nunca aconteceria).

Quando recolhi meus dedos, Teo levou os dele ao maxilar avermelhado e me encarou, inexpressivo.

Eu, que conhecia todas as expressões que ele fazia, não soube dizer se ele estava com raiva ou chocado demais para expressar alguma coisa.

E nem tive tempo para tentar decifrá-lo, porque, segundos depois, meu irmão entrou na cozinha.

— *Mermã* de Deus! Essa parada tá queimando, maluca!

Foi quando o cheiro de pipoca queimada invadiu minhas narinas. Percebi, tarde demais, que os estouros tinham cessado. Provavelmente, há muito tempo.

— Merda! — bradei, correndo para desligar o fogo.

— Cadê meu caramelo? — Luís quis saber. — *Cês* não fizeram meu caramelo?

— Esqueci de fazer essa droga — falei, tirando a pipoqueira do *cooktop*.

— Ah, Lulu, *cê* sabe que eu só como se tiver caramelo, *mermã*. Que que eu vou comer?

— Bosta, Luís. Come bosta! — gritei.

— *Cê* me respeita, maluca! — Ele deu um tapa na minha cabeça.

— Vai bater na puta que te pariu! — Dei um soco no peito dele.

Luís arregalou os olhos e ficou mudo, me encarando como se estivesse diante de um E.T.

— Quem é você e o que *cê* fez com minha *Broderzinha*?

Soltei um suspiro extenuado, dei um passo e abracei meu irmão.

— Foi mal, Lu.

— Que que *cê* tem? — ele perguntou, acariciando meu cabelo.

— É o casamento. Tô meio estressada — falei, me afastando.

— Eu já te falei que essa parada de casamento não é de Deus, Lulu. Deixa isso pra lá, *mermã*.

— Não começa, Luís — avisei, abrindo a pipoqueira e encarando o pretume dentro da panela.

A parte de cima ainda estava branca, mas, provavelmente, estava com gosto de queimado. E a culpa era toda de Teo.

— Não vou fazer de novo. Faz você, idiota — falei e saí da cozinha sem encará-lo.

Passei pela porta dos fundos, saí no jardim e pulei a cerca que separava a casa dos meus pais da casa dos meus padrinhos.

Fui direto para o banheiro do meu antigo quarto. Tirei a roupa, liguei o chuveiro e deixei a água levar para o ralo o resto da frustração, que jamais seria exterminado do jeito que eu queria.

Eu estava aceitando, de uma vez por todas, minha lastimável derrota quando meu nome, pronunciado numa voz que eu conhecia bem, alcançou meus ouvidos:

— Luma?



# 9



## O MEU DESEJO

“(...) é desejar você”.  
Zero A Dez — Melim

### TEO

Raios de sol maleáveis roçavam suas costas e balançavam-se suavemente enquanto ela caminhava em direção à porta dos fundos.

Eu estava observando o cabelo de Luma, deslizando os olhos pelos fios até alcançar o volume ocultado pela saia do vestido, quando a voz de Luisão me deu um puta susto.

— *Cê tá secando minha irmã, rapá?*

Virei o rosto e me deparei com o olhar letal que transformava os olhos dele em duas armas de raio-laser.

— Quê? Meu Deus, Luísa. Ficou louco, porra? — Simulei perplexidade.

— *Bróder, bróder...* — ele pronunciou, em tom de aviso. — Irmã eu tenho uma só. *Cê* tem duas, valeu?

— A mesma quantidade de punhos que eu tenho pra arrebentar sua cara. — Dei um passo e o agarrei pela gola da camisa.

— *Mermão* de Deus... Relaxa aí, *Broderzão*. Eu *tava* zoando, maluco. — Ele riu, e eu o soltei. — Falando em cara, o que é isso aí na sua? Lipeta *tava* batendo a piroca na sua bochecha?

— Tá vermelho? — Levei a mão à área ardida. — Porra... Falei praquele puto bater devagar.

Luisão deu uma risada, e eu aproveitei para sair de perto antes que ele sacasse que a vermelhidão em meu rosto era composta pelas marcas dos dedos de Luma.

— Onde *cê* tá indo, maluco? *Cê* vai me deixar aqui sozinho, *mermão*?

— Tô indo mijar. Vem junto, pra segurar meu rolão — zoei.

— *Pera*. Vou ali perguntar pra madrinha onde eu acho uma pinça e uma lupa. — Fazendo uma expressão séria, ele começou a se afastar.

— Aproveita e pergunta onde tem um cabo de vassoura, pra eu atolar no seu cu, sua puta — devolvi.

Rindo, ele atravessou a porta.

Não pensei duas vezes. Assim que Luís sumiu de vista, percorri o mesmo caminho que a irmã dele tinha acabado de fazer.

Ela tinha me dado um tapa na cara. Logo, eu tinha a ligeira impressão de que precisava pedir desculpa.

Se Luma fosse uma mulher qualquer, eu estaria me fodendo. Mas ela não é uma mulher qualquer.

Luma é diferente de todas as mulheres que eu já conheci.

Ela é problemática pra caralho.



Não gosto de mulher problemática.

Mulheres problemáticas não cumprem o meu primeiro e crucial requisito pré-trepa: saber enviar os caralhos dos sinais.

Se eu tiver que perder tempo tentando interpretar, passo pra próxima. Não sou intérprete. Não tenho paciência pra essas porras.

Meu negócio é interpretar lei. Não tenho saco pra interpretar mulher.

Mulheres, vocês precisam falar uma língua só. O corpo e a boca precisam transmitir sintonia, pra ninguém ficar confuso. Entenderam?

Se seu corpo tá a fim de trepar, fala que quer trepar, caralho! Boca foi feita pra falar! E eu fui feito pra comer!

Só que não posso comer quem não me diz que quer ser comida.

Não sou adivinho.

Mas Luma acha que eu sou.

Eu não sou a porra de um adivinho, Luma! Preciso que essa sua boca linda pare de desmentir o que esse seu corpo gostoso fica me dizendo o tempo inteiro!

Era o que eu estava indo dizer a ela, antes de morrer de tesão.

Ela era boceta proibida? Era. Mas foda-se. Luma ia se casar em dois dias. Dois dias, porra! Dois *fucking* dias!

Na verdade, estou pouco me fodendo para maridos chifrudos. Transaria com ela e dormiria tranquilo mesmo se ela já estivesse casada.

O problema, no caso, é Luma. Acho que ela não toparia. Sendo sincero, nem sei se ela teria coragem de trair o noivo. Mas espero, para o bem da minha sanidade, que sim. Porque, honestamente, se eu não transar com ela, acho que vou enlouquecer.

Sempre adiei essa foda. Vou explicar por quê.

Quando você abre uma barra de chocolate, tem muitos quadradinhos para comer, certo? Aí, você vai comendo um por um. Vai comendo, comendo...

Até sobrar um só.

O quadradinho final é aquele que você fica com dó de comer, porque sabe que é o último.

Então... Luma é meu último quadradinho.

Ela é o quadradinho especial, que eu destaquei da minha barra e guardei pra comer depois, só para poder saborear cada partícula.

O problema é que, se eu não comer agora, o depois não vai chegar.

Ainda estou no começo da minha barra. Faltam muitos quadradinhos para comer, mas eu só consigo pensar no último quadradinho que eu guardei.

Por isso, presumindo que Luma tinha ido para a casa dos pais, atravessei o jardim de minha mãe, tomando cuidado com as roseiras de meu pai, e pulei a cerca que dividia minha antiga casa e a casa dos meus padrinhos.

A porta dos fundos estava aberta. Entrei e percorri os cômodos iniciais.

Como Luma não estava em nenhum deles, subi as escadas e fui direto para o quarto que ela costumava ocupar quando éramos crianças.

Bati duas vezes e não obtive resposta.

Com o coração aos pulos, levei a mão à maçaneta.

— Luma? — chamei, abrindo uma fresta. — Posso entrar?

— Teo? Entra! — Sua voz, meio distante, alcançou meus ouvidos.

Abri um pouco mais e me deparei com o quarto vazio.

Fechei a porta, notando o inconfundível som do chuveiro ligado.

Meu pau devia ser movido à energia hidroelétrica, porque bastou ouvir o barulho pro desgraçado ficar

instantaneamente duro.

Putaque pariu... Luma estava pelada.

E molhada.

— Tô no banheiro! Entra! — ela disse, e todo o sangue do meu cérebro escoou para a cabeça da rola.

Eu não estava mais no comando das minhas ações quando minhas pernas, guiadas pelas veias do meu cacete, começaram a me levar para o banheiro.

Quando entrei, fui recebido por uma tênue nuvem de vapor. O lugar inteiro tinha o cheiro dela. O mesmo cheiro que me deixava tonto de tesão toda vez que ela me abraçava.

Sentindo o coração martelar dentro do peito, avancei e avistei a caixa transparente que ficava no canto, entre a bancada da pia e a banheira.

Luma estava de costas, desligando o chuveiro, mas a superfície embaçada não me permitia vê-la com nitidez.

Eu estava contemplando sua silhueta nua e indistinta quando ela se virou e esfregou a mão no vidro, emoldurando o rosto num círculo.

— Oi, Teo. — Um sorriso sacana enviou os lábios que eu tinha tanta vontade de beijar.

Em resposta, levei a mão à gola e passei a camiseta pela cabeça.

Jogando a peça no chão, mirei os olhos azul-esverdeados de Luma.

Ela mordeu o lábio e, sem aviso, deslizou a porta, revelando o corpo molhado.

Fiquei completamente hipnotizado, feito a porra de um adolescente vendo uma mulher pelada pela primeira vez na vida.

Dei um passo, ela deu outro, e minha mão refugiou-se em sua nuca.

Luma ficou nas pontas dos pés, e, contemplando suas feições, eu me inclinei e experimentei seus lábios úmidos.

Tinha idealizado aquele momento inúmeras vezes, e nenhuma delas chegou perto do que foi aquele beijo.

Nossas bocas deslocaram-se em um ritmo doce e lento, e nossas línguas perfizeram volteios quentes e vagarosos até a conexão se romper por um instante.

Naquele único segundo, quando nossos lábios se separaram e nossos olhos se encontraram, meu coração bateu o que bateria em um minuto inteiro.

As doloridas pulsações em meu peito eram inéditas e assustadoras. E eu não gostei de sentir aquela porra.

A única coisa que tinha que pulsar era a cabeça da minha rola, que estava doida para sair do cativeiro.

E a única coisa que tinha que bater depressa era minha mão naquela bunda, que eu apertei com força ao colidir nossos corpos e iniciar um novo beijo, tão urgente quanto a minha necessidade de transar com ela.

Suas mãos palmilhavam meu tórax, e os dedos afundavam-se em minha carne enquanto eu percorria cada centímetro de sua pele morna e macia.

Alcançando o cóis da minha calça, Luma desceu a mão e apertou meu cacete.

Gemendo em sua boca, impeli o corpo até ouvir suas costas tombando na superfície de vidro.

Arquejando em meus lábios, ela libertou o botão e começou a descer meu zíper.

Apalpei seus peitos e transferi os beijos para o pescoço que ela inclinou.

— Você é tão gostosa... — Chupei sua garganta e deslizei uma mão por sua barriga, estacionando os dedos entre suas pernas. — Gostosa pra caralho — emendei, lambuzando-me em sua umidade e deliciando-me com a melodia perfeita do gemido prolongado que se aninhou em meu ouvido.

Puxando meu pau para fora, ela o manejou para cima e para baixo.

Gemi em sua pele e me afastei para ver seus dedos frágeis onde eu os tinha imaginado tantas vezes.

— Eu sempre soube que você era um cavalo, Teo Vetter. — Ouvindo sua voz, ergui os olhos e retribuí seu sorriso sacana com um sorrisinho convencido.

Luma balançou a cabeça e o desmanchou com um beijo.

Enquanto sua língua enovelava-se na minha, ela ia descendo minha calça.

Antes de ficar completamente pelado, enfiei a mão no bolso e pesquei uma camisinha.

Felizmente, eu seguia à risca o conselho que o velho me dera na adolescência, no primeiro papo que a gente teve sobre sexo. Nunca saía de casa sem pelo menos cinco no bolso.

— Eu coloco — Luma disse, puxando a embalagem da minha mão e ajoelhando-se no chão do banheiro.

Aquela era a imagem que justificava minha existência na Terra. Eu tinha vivido vinte e seis anos só por causa daquele momento.

Mirei suas feições angélicas e inocentes. Em seguida, percorri as mechas loiras e molhadas que atravessavam os peitos fartos e contemplei a curva de sua cintura, foz de seu cabelo comprido. Desci os olhos e quedei o olhar no vértice perfeito que suas coxas grossas emolduravam.

Abrindo um sorriso safado, ela aproximou o rosto e, segurando meu pau, beijou a ponta.

Seus grandes olhos claros captaram minha expressão de deleite quando sua língua circundou lentamente a região, me fazendo gemer.

Seus lábios se curvaram, e ela mergulhou minha pica na boca, chupando-a lentamente.

Aquela primeira chupada, longa e demorada, quase me matou.

Seus lábios rosados chegaram ao topo, e ela me engoliu outra vez, molhando boa parte da minha extensão enquanto seus dedos acariciavam minhas bolas.

Agarrei seu cabelo e me enfiei um pouco mais.

Ela gemeu e chupou até a base, levando uma mão à boceta.

— Que safada... — murmurei, puxando o ar e observando os movimentos que ela fazia em si mesma ao me chupar.

Aquilo foi demais pra mim. Puxei sua cabeça e ergui seu corpo, trazendo aquela boca carnuda e gostosa até a minha.

Peguei-a no colo e caminhei até a pia, colocando-a sobre a bancada.

— Preciso que você me coma. — Abandonou meus lábios para rasgar a embalagem da camisinha.

Eu estava atônito. Não esperava que ela fosse tão deliciosamente safada.

— Agora, Teo. — Puxou e desenrolou o preservativo no meu cacete com uma agilidade impressionante.

Eu estava prestes a me enterrar dentro dela quando Luma espalmou as mãos no meu peito.

— Espera.

Por um desgraçado segundo, pensei que ela tivesse mudado de ideia. Então, massageando meu tórax, sorriu maliciosamente.

— Quero de quatro. — Dizendo isso, desceu, virou as costas e se inclinou na pia.

Fiquei parado, com os olhos fixos naquele rabo, incapaz de acreditar que aquilo não era um sonho.

— Você vai ou não vai me comer, Teo? — ela perguntou, movendo sedutoramente as pernas.

Puxei seu cabelo com força e, colando nossos corpos, encarei seu rosto no espelho e grudei a boca em seu ouvido.

— Vou atolar minha pica inteira nessa sua boceta gostosa e quero te ouvir gemer feito uma puta — avisei, empurrando-a contra a pia e entrando de uma vez.

A primeira metida, rude e brusca, me fez gemer alto junto com ela. Mirando seu reflexo, saí e meti outra vez, dando um tapa em sua bunda.

— Isso, geme, safada.

Apertando a carne avermelhada, comecei a estocar, ouvindo os sons dos nossos gemidos e arquejos e o barulho dos nossos corpos se chocando.

Dei outro tapa, e ela rebolou, me mostrando um sorrisinho obsceno no espelho.

Enrolei seu cabelo no pulso e puxei até grudar suas costas em meu peito.

— Tão deliciosa... — Beije seu rosto e migrei os lábios para o pescoço.

— *Huuuummm...* — Ela gemeu, erguendo os braços e deslizando os dedos em meu cabelo.

— Quero que você goze gostoso nessa pica — falei, resvalando as mãos por sua cintura e subindo os dedos para apalpar os peitos.

— *Huuuummm...* Que delícia... Isso... Mais, Teo... Mais...

Continuei metendo, mordendo sua pele e sussurrando obscenidades em seu ouvido.

— Ai, meu Deus... — Ela começou a se desmanchar sobre mim.

— Isso, linda, goza... — sussurrei, apertando seus mamilos.

Enquanto Luma se desfazia, dei mais algumas metidas e comecei a gozar junto com ela.

Pouco depois, plantei os lábios em sua bochecha e mirei sua expressão satisfeita no espelho.

— A gente devia ter feito isso antes... — Ela ofegou, fixando os olhos nos meus.

— Devia — concordei, me odiando por ter esperado tanto.

— Quer tomar banho? — Luma moveu a cabeça e beijou meu rosto.

— Quero — respondi, inclinando-me e unindo nossas bocas.

— Com quantos anos você perdeu a virgindade? — ela perguntou, cerca de meia hora depois, quando já estávamos deitados na cama.

Aquela tinha sido uma péssima ideia, a propósito. Tínhamos transado de novo no chuveiro e, após a segunda foda, que foi ainda melhor que a primeira, ela se deitou e me chamou para deitar com ela.

Eu devia ter dito não. Mas ainda não estava pronto para me despedir. Queria mais uma. E sabia que, se fosse embora dali, jamais transaria com ela de novo.

— Treze, eu acho — respondi, mirando-a nos olhos.

Felizmente, Luma não tinha se aproximado e se aconchegado em mim, como se fôssemos um casal. Estávamos deitados um de frente para o outro.

— E como foi? — Ela quis saber.

— Foi do jeito que é pra todo moleque cabaço. Fiquei nervoso pra caralho. Demorei pra conseguir botar a camisinha, levei uma vida pra acertar o buraco, e, quando acertei, gozei em uns cinco segundos.

Ela gargalhou, e eu fiquei admirando o som de sua risada e a beleza de suas feições risonhas.

— Achei que você fosse dizer que foi ótimo — ela disse, ainda rindo.

— Mas foi ótimo. A gente transou de novo, e eu consegui entregar a performance na segunda tentativa.

A expressão de Luma mudou de repente.

— Hum... Foi com quem? — perguntou, séria.

— Amanda.

— Que Amanda? — Ela se sentou bruscamente na cama. — Minha prima? Amanda, filha de tia Drica e tio Laerte? Você transou com a minha prima?

A verdade é que minha mãe teria me capado se eu tivesse perdido a virgindade com a filha da mulher com quem meu pai transou pela primeira vez.

É uma merda saber esse tipo de coisa, mas minha própria mãe me ameaça, praticamente desde que eu nasci, por causa dessa história. Não posso, em hipótese alguma, transar com a filha “*daquelazinha*”.

Dona Olívia não brinca em serviço. Se ela diz que cortaria meu pau fora, ela cortaria meu pau fora.

Eu tinha perdido a virgindade com Amanda Linhares, a menina mais bonita do colégio, quando eu estava na sétima série, e ela, na oitava.

Mas Luma ficava tão linda quando estava puta que decidi dizer que tinha sido com a prima dela, só pra ver o que ela faria em seguida.

— É. Amanda, sua prima.

Ela arregalou os olhos e permaneceu inerte, me fitando.

— Não acredito que você fez isso. Você estragou tudo, seu idiota! — Ganhei um soco no peito.

Fiquei condoído pela voz chorosa, e estava prestes a dizer a verdade quando ela abriu um sorriso maldoso.

— Sabe com quem foi a *minha* primeira vez? Com Lipe!

Sentei-me abruptamente no colchão.

— Você perdeu a virgindade com o porra do Felipe? — berrei. — Com o caralho do meu primo?

— Não é uma coincidência absurda? Você perdeu com minha prima, e eu perdi com seu primo.

— Luma, me fala que é mentira — pedi, pensando em como eu faria para matar e desovar Felipe sem virar notícia no Cidade Alerta. — Se ele tiver transado com você, eu vou ter que matar aquele desgraçado!

— Por quê? — ela perguntou, fazendo uma expressão inocente.

— Porque ele sabe que você é minha! — berrei.

— Sua? — Ela riu. — Eu não sou sua. Não sou de ninguém.

Soltei um suspiro frustrado.

— Eu sei, porra. O que eu quis dizer é que aquele filho da puta sabe que eu sempre quis... — Engoli a palavra final.

— Sempre quis o quê? — ela instigou.

Suspirei outra vez, fitando seus olhos.

— Você, Luma. Eu sempre quis você.

Ela mordeu o canto do lábio e continuou me olhando.

— Eu menti, porra. Não transei com sua prima. Agora preciso que você me diga que não transou com...

— Não transei — ela me interrompeu, abrindo as pernas e montando em cima de mim. — Você jura que não transou com ela? — Enfiou os dedos no meu cabelo.

— Juro. E você jura que não transou com ele?

— Juro — ela respondeu, pincelando os lábios nos meus.

Deslizei as mãos por suas costas, experimentando a textura morna e delicada de sua pele enquanto me deliciava com a textura quente e macia de sua língua.

Devorando sua boca, escorreguei os dedos até atingir os dois montes carnudos que minhas mãos ansiavam por apertar.

Estávamos nos beijando ardentemente quando uma batida à porta, seguida por um chamado, fez com que interrompêssemos o beijo.

— Luminha?

Nós dois nos entreolhamos, de olhos arregalados.

— Isa? — ela cochichou.

— Acho que é Ana — sussurrei.

— E agora? Esconde! — Ela se levantou repentinamente. — Oi, Ana! Só um minutinho!

— É Isa! — Minha irmã deu uma risada, e Luma revirou os olhos para mim.

Dei de ombros, levantando-me da cama. Não era minha culpa o fato de as duas terem timbres praticamente idênticos!

Quando fiquei de pé, Luma pousou os olhos no meu cacete e mordeu o lábio, fazendo uma expressão sofrida.

Eu não podia acreditar que estava de pau duro a metros de distância de uma das minhas irmãs. Felizmente, o fato, por si só, já estava fazendo o mastro descer.

— Mas Ana também tá aqui! — Isa emendou.

— Abre logo, porra! A gente precisa te contar uns babados! — Ana falou. — Primeiro, sobre Sofia! Ela acabou de sair com o Chatão! Tio Plínio, papai e Lipe estão seguindo os dois! — Gargalhou. — Luma do céu! Você perdeu o final da treta! Foi hilário! Mas, como sou boazinha, trouxe outro babado fortíssimo! Adivinha que gato Isa reencontrou nessa viagem!

Arregalei os olhos, e, fitando minha expressão, Luma reprimiu uma risada.

Eu estava abrindo a boca para trovejar um sonoro “que porra é essa?” quando ela tapou meus lábios.

— Esconde! No banheiro! — falou baixinho no meu ouvido.

— No banheiro uma porra! — retruquei, removendo a mão dela.

Puxei o lençol, enrolei no corpo e comecei a me afundar debaixo da cama.

— Teo, não! — Luma deu uma risada.

— Faz as duas falarem — eu disse, sumindo de vez.

— Do que você tá rindo? Abre logo essa porra! Ah, tá aberto, Isa! — Ouvi o barulho da porta se abrindo.

Puta que pariu. Eu tinha me esquecido de trancar o caralho da porta! Minhas irmãs quase tinham me flagrado pelado!

Ao imaginar a cena, eu podia sentir meu cacete se desintegrando sob o lençol.

— Você não queria abrir por que estava pelada? — Uma delas deu uma risada. — Aliás, eu te odeio por ter esse corpo. Queria deixar isso claro.

— Ó quem fala! — Luma riu, e o vestido que estava no chão desapareceu do meu campo de visão. — Meu sonho era ter esses peitões que vocês duas têm.

Meu Deus. O que ela queria? Reduzir meu pau a um monte gigantesco de cinzas?

— Deixa de ser cretina. Quem vê pensa que você não tem essas tetas maravilhosas. — Pelo linguajar, eu estava ouvindo a voz de Ana. — Não é à toa que o cretino do Teo vive babando neles.

Quê? Como assim, porra? Eu sou discreto! Eu sei manjar peitos e bundas sem ser notado!

— Falando naquele bruxo — só podia ser Isa —, você sabe onde ele se enfiou?

— Deve estar escondido debaixo da cama. — Luma fez uma pausa, e eu esbugalhei os olhos. — De algum chifrudo — ela completou, e eu respirei aliviado.

— Não entendo como Teo, Lipe e Luís têm coragem de se envolver com mulheres comprometidas ou casadas. Acho um absurdo. Eu jamais trairia um namorado ou meu marido. E jamais perdoaria uma traição. Se tem uma coisa que eu abomino é infidelidade. — Pelo tom recriminatório, Isa tinha dito aquilo.

E, pelo assunto, ela só podia ser a Mãe Diná.

Você não entende porque não tem rola, Isa. Fica de boa aí.

É o que eu teria dito a ela, se estivesse participando da conversa (só que eu teria dito “pinto”, pra dar uma amenizada).

Minha rola é cega, porra. O único anel que ela enxerga é o cuzinho das safadas.

— Não sei... — Luma falou. — Acho que é relativo. Cada caso é um caso.

— Relativo? Se Zach te traísse, você perdoaria? — Isa perguntou.

Luma deu uma tossida.

— Depende.

— Depende de quê?

— Do motivo.

— Como assim? O motivo é sempre o mesmo: safadeza.

— Nem tudo é preto ou branco, Isa. Principalmente quando o que está em pauta é o sentimento das pessoas.

— Sentimento? — Minha irmã deu uma risada.

— É. Suponhamos que, desde a adolescência, Zach tinha uma espécie de tesão reprimido por alguém, tipo uma paixonitezinha. E que, antes de se casar, ele finalmente teve a oportunidade de transar com a moça em questão. Eu não consideraria isso uma traição. Acharia ótimo o fato de ele ter resolvido a pendência antes de se casar comigo.

— Então tudo bem se ele te trair enquanto vocês forem noivos. Ele só não pode te trair depois do

casamento. É isso?

— É.

— Tá. Suponhamos o seguinte, então. Depois do casamento, ele se encontra novamente com essa moça. Não. Na verdade, essa moça faz parte da vida dele. É uma colega de trabalho. Ou algo assim. Você realmente acha que ele não transaria de novo com ela?

— Acho. Ele saberia que, depois de colocar a aliança no dedo, precisaria ser fiel a mim.

— Tá. Deixe-me reformular, por favor. — Isa usou a eloquência nata que faria dela uma excelente advogada, se ela tivesse seguido carreira jurídica em vez de ter optado pela área médica. — Suponhamos que a parte infiel desta relação não é Zach. É você. E, para tornar as coisas mais realistas, suponhamos que você tenha transado com Teo.

Luma deu uma risada nervosa.

— Teo? Eu jamais transaria com Teo!

Reconheci a gargalhada alta de Ana.

— Luminha, por favor. Não insulte a nossa inteligência. Você acha mesmo que eu nunca te peguei dando umas boas manjadas no... Credo! Enfim... Você entendeu. A propósito, não sei o que você vê no meu irmão.

— Provavelmente, a mesma coisa que você vê no meu.

Ana gargalhou de novo.

— Eu não vejo nada naquele idiota!

— Como vocês duas são ridículas! — Isa riu. — Todo mundo sabe que as duas ainda serão cunhadinhas!

— Seremos mesmo, quando Luma se casar com Teo.

Quê? Ela ficou louca?

— Você ficou louca? — Luma, minha porta-voz, bradou. — Caso você não saiba, eu vou me casar em dois dias, com Zach.

Vai o caralho.

— Mudo meu nome se você não desistir desse casamento. — Ana riu.

— Não desiste, Luma! Vai até o fim! Quero que esse casamento seja bem dramático, que nem nos livros de mamãe! Quero que o Bruxo apareça, bem lindo, na hora do “sim”! Ai, imagina se ele entra na igreja montado num cavalo branco, que nem um príncipe, e te resgata! Seria tão maravilhoso!

Eu jamais faria uma porra dessas!

— Teo jamais faria uma porra dessas. — Ana deu uma risada.

Pelo menos uma das minhas irmãs me conhecia. A outra só podia ter algum problema de cabeça.

— Luma, é sério que você e Teo nunca... você sabe. — Pelo receio em dizer a palavra “transaram”, era Isa quem estava perguntando.

— Muito sério. E você, já transou com meu irmão?

É claro que não! Ela não é louca!

— É claro que não! — Isa respondeu.

— Ela não é louca! — Ana complementou.

Por que todo mundo estava me imitando?

— E você, Ana? Já?

— Óbvio que não. *Broderzão* é meu melhor amigo.

— Ah, tá. — Luma deu uma risada. — E com Lipe, Isa, já rolou alguma coisa?

Isso, Luma. Pergunta.

— Não.

— É só isso que você tem a dizer?

— É.

— Sei...

— Ela tá falando a verdade. — Ana se intrometeu. — Não sei como ela consegue, mas Isa vê Lipe do mesmo jeito que vê Teo. Já eu, acho ele uma delícia.

O quê?

— Aquele furinho no queixo... Meu Deus.

O quê?

— Você concorda comigo, né, Luminha? Lipe não é um tesão?

Agucei os ouvidos.

— Lipe é bonito, sem dúvidas.

O quê?

— Mas o irmão de vocês... — Ela soltou um suspiro. — Ninguém supera *aquela* delícia.

— O quê? Eu ouvi direito? — Ana berrou.

Ouviu, porra. Eu sou uma “delícia” insuperável. E Luma vai ter que retirar essa porra sobre o puto do Felipe.

— Você acabou de dizer que acha Teo bonito? — Isa perguntou. Ou Ana. Não sei. Tanto faz.

Ninguém precisa achar nada. É um fato comprovado por todos os olhos e espelhos do mundo. Nasci boa-pinta. O que eu posso fazer?

Isso. Usar meu dom para comer o máximo de gostosas que eu puder.

— Ao contrário de umas e outras, não tenho problema nenhum em dizer o óbvio. O que eu posso fazer se ele nasceu lindo e gostoso? — Luma disse, e eu abri um sorrisinho convencido para o fundo da cama.

— Eu sabia! Vocês já transaram! Aposto que foi com aquele cretino que você perdeu a virgindade no ano passado, sua mentirosa! Ela mentiu pra gente, Isa!

Quê? Ano passado? Ela era virgem até o ano passado?

— É sério que você mentiu pra gente, Luma? Eu te contei com quem eu perdi a minha!

O quê? Isa não era virgem?

— Não menti! Eu juro! Realmente perdi com quem eu disse que perdi.

Você percebeu que ela não disse o nome do filho da puta? Porque eu percebi.

— Com João Pedro, né? — Uma das minhas irmãs falou, e eu quase dei um pulo.

João Pedro?

Que João Pedro?

O primo dela, filho de Andressa?

— É, mas foi com outro João Pedro! Não foi com meu primo! — Luma falou, em um tom um pouco mais alto.

— A gente sabe. Foi com aquele João Pedro do seu prédio. Com seu primo fui eu que perdi, gênio!

— Eu vou matar aquele desgraçado! — vociferei, antes que pudesse me conter.

— Teo? — As duas, alarmadas, disseram ao mesmo tempo.

— Saiam da porra do quarto, que eu tô pelado! — berrei.

— AAA! — Depois do grito, ouvi os passos desesperados.

Só então saí do esconderijo.

— Não acredito que você fez isso! — Luma me deu um soco assim que fiquei de pé.

— O filho da puta do seu primo comeu qual das minhas irmãs? — perguntei, porque, obviamente, não consegui identificar a voz.

— Não sei. — Ela desviou os olhos.

— Tanto faz. Ele vai morrer de qualquer jeito. — Dei de ombros e caminhei até minhas roupas, que tinham ficado no banheiro.

Terminei de me vestir em tempo recorde e voltei para o quarto. Luma estava sentada na cama, mexendo



no celular.

Quando ouviu meus passos, largou o aparelho e me encarou.

— O que você tá pensando em fazer?

— Vou dar uma surra naquele desgraçado!

— Teo, deixa de tolice... Primeiro, Jotapê é super gente fina. Ela não poderia ter escolhido melhor!

Segundo, isso aconteceu há anos!

— Anos? Quando essa merda aconteceu? Ele estuprou minha irmã?

— Meu Deus! Não! Claro que não! Isa tinha vinte anos!

— Foi Isa? Tô tendo um infarto. — Levei uma mão ao peito, e ela gargalhou. — É sério, porra.

— Espero que você nunca tenha uma filha. — Ela riu.

— Somos dois. Eu não sobreviveria nem à notícia — falei, e ela deu outra gargalhada. — Para de rir, caralho. Eu tô fodido.

— Por quê? — perguntou, limpando os cantos dos olhos.

— Elas descobriram que a gente transou. Vão bater tudo pra Luísa!

— Fica tranquilo. Elas não vão contar. Mas vão usar isso contra você pro resto da vida! — Ela deu uma risada.

— Puta merda... Perdi minha autoridade. — O fato caiu sobre mim com o peso de uma grande tragédia.

Eu nunca mais teria paz. Sempre que ficasse puto com minhas irmãs, elas olhariam para mim como quem diz: “fica *shiu*, que a gente sabe o que você fez no verão passado”.

— Não chora, bebê. — Luma se aproximou e acariciou meu cabelo enquanto beijava minha bochecha.

— Você ainda transa com esse cara do seu prédio? — perguntei, porque não adiantava chorar pelo leite literalmente derramado.

— Claro que não! Eu tenho um noivo! — Ela se afastou, indignada.

— Claro. E isso te impede de transar com outros caras. — Abri um sorriso debochado.

— Sai do meu quarto, Teo — ela ordenou, parecendo realmente ofendida.

— Ele sabe que é corno? — Dei uma risada e ganhei outro tapa na cara.

Ela tinha uma mão pequena, mas batia forte pra caralho.

— Vou descontar esse tapa na sua bunda, na nossa próxima foda — avisei, massageando o maxilar.

Do que eu estava falando? Eu nem ia transar de novo com ela!

— Nunca mais vou transar com você, seu idiota! Sai do meu quarto! Agora!

Viu? Eu disse. Luma é problemática.

Já falei, não tenho paciência pra essas porras.

Saí do quarto sem dizer mais nada, decidido a nunca mais tocar nela.

Desci as escadas, cruzei o *hall* e, quando abri a porta da frente, dei de cara com a última pessoa que queria ver naquele momento.



# 10

## OU ME ODEIA DESCARADAMENTE

“(...) ou disfarçadamente me tem amor”.

*Linha Tênu* — Dani Black

### SOFIA

— A gente devia ter matado esse moleque, Max — papai comentou, sério.

— E enterrado no mato, lá na fazenda — tio Max emendou, e todo mundo caiu na risada.

— Que pena que não mataram. Teriam me feito um grande favor. — Meu desabafo fez com que eles rissem ainda mais, o que me deixou possessa.

— Gi, eu te dei meu coração, e é assim que você me trata? — O descarado provocou mais risadas.

Minhas primas estavam morrendo de rir das gracinhas dele. Até Letícia!

Víboras! Todas víboras!

Eu odiava o Chatão, mas ele era meu!

*Meeeeeeeeeeeeeeeeeu.*

— Preciso ter uma conversinha com você, Miyake. — Puxei-o pelo braço e comecei a caminhar em direção à saída.

— Você não vai a lugar nenhum com esse sujeito! — A voz exaltada de papai me fez parar.

— Plínio, já chega! — mamãe falou de repente. — O que aconteceu, aconteceu há milhares de anos. E nós nem estávamos juntos na época!

Hã? Do que ela estava falando?

— Não estávamos juntos na época? Engraçado, Susanne... Na minha cabeça, nós estamos juntos desde o dia do seu aniversário de quinze anos!

— Começou a treta, mano! — Piolho se acomodou no sofá. — Cadê o *carai* da pipoca, *véi*? Vai ver se tá pronta, Luisão!

— Vou refrescar sua memória, pela milésima vez! — mamãe continuou. — Você foi embora! A gente brigou pelo telefone, e você me disse que eu podia dormir com quem eu quisesse, porque você também dormiria com as suas colegas de faculdade!

Quê? Por que eles estavam me traumatizando?

— Eu fui embora? Eu fui estudar fora, Susanne! Não mudei de cidade porque eu quis! E só falei aquilo porque estava puto com o seu ciúme!

— Meu ciúme? — Mamãe deu uma risada sarcástica. — Era você que tinha ciúme de todos os meus colegas de escola!

Dá pra perceber de onde saiu toda a minha infantilidade, não dá?

Pelo menos, não sou ciumenta. Graças a Deus, não herdei essa parte.

— Com toda razão! — papai bradou. — Você mal me esperou desligar para correr pros braços do filho da puta do Eduardo, sabendo que o desgraçado do Miyake sempre foi apaixonado por você!

Matheus e eu nos entreolhamos, de olhos arregalados.

O quê? Mamãe e Eduardo?

Como assim?

Meu Deus.

Por isso ela tinha reconhecido Matheus! Ela conhecia, muito bem, o pai dele!

E por isso Eduardo ficou me olhando daquele jeito!

E por isso papai odiava o Chatão!

Eu estava absolutamente chocada!

— Isso foi antes ou depois da minha mãe? — Matheus perguntou, e eu fiquei impressionada com a severidade das feições dele.

Nunca tinha visto o Chatão tão sério. Ou tão lindo.

— Meu Deus! Antes! — mamãe exclamou. — Foi no ensino médio!

— Luisona, vai buscar a pipoca, mano! — Piolho riu.

— Que mané pipoca, *Veizão!* E eu vou perder essa treta, maluco? — Luís deu uma risada.

— Vai logo, *carai!* — Piolho deu um tapa na cabeça do filho.

Acho que é por causa desses tapas que Luisão é meio retardado.

— Tudo eu! Tudo eu! Tudo eu! — Ele imitou o Chaves e saiu chutando o chão, arrancando várias risadas.

— Pronto, a pipoca tá vindo! Cês podem continuar, tá ligado? — Sentado no sofá, o pai de Luís relaxou as pernas e entrelaçou os braços.

— Piolho, deixa de ser cuzão, cara — tio Tito repreendeu.

— Se eu fosse cuzão, Plinião já teria me comido! — Ele gargalhou.

Sempre que o assunto é “cu”, papai é mencionado. Nunca entendi essas piadas ridículas.

— Bem lembrado, Piolho! — Mamãe deu uma risada amarga. — Tudo bem! Eu transei com Eduardo, mas o que você fez, Plínio? Hein, o que você fez?

— Susanne, não... — Papai me olhou, e parecia mortalmente constrangido.

Mamãe se calou. Cruzou os braços e soltou um grunhido furioso.

— É, Plinião... — Piolho falou. — Eu nunca te perdoei por ter comido o cu de Andressa, tá ligado?

Meu Deus...

Minha família tinha mais segredos que o diário de Daniela!

Então era por isso que mamãe odiava a irmã de Piolho...

Será que tia Liv também odiava Andressa em solidariedade a mamãe?

— Como você conta uma merda dessas na frente das crianças, Piolho? — tio Tito se manifestou.

— Que crianças, mano? — Ele riu.

— Minha filha tem só dezenove anos, filho da puta! — meu tio reclamou. — Vai pra casa, Letícia!

— Tito, deixa de exagero. — Tia Lari deu uma risada. — Tíci já ouviu coisas muito piores nessa família.

— É verdade, papai — minha prima concordou, rindo.

— Vocês corromperam minha filha! — tio Tito berrou.

— Deixa de ser dramática, Titona. — Piolho riu. — É bom assim, mano. Quando já aprende as paradas em casa.

— E aí, Souf? Você apanhou ou esse pau-no-cu levou uma surra? — A voz de Lipe fez todo mundo olhar para a porta. — Então é você que tá pegando minha irmã? — Ele encarou Matheus.

— No caso, sou eu mesmo. Mas pau no cu é com seu pai. — O Chatão devolveu com uma risada, e Piolho teve uma crise de riso.

— Mano de Deus... Eu vou adotar esse moleque, *vêi!*

— Que *misera* é essa, maluco? — Luisão apareceu de repente, cruzando os braços e erguendo uma sobancelha.

— Vai... Explica essa, Lucas! — Malu deu uma risada.

— Papai tá zoando, Luisona! *Cê* é meu único filhão, tá ligado? — Piolho se levantou e abraçou o filho.

— *Cê* é minha quenguinha que eu amo, mano. — Ele deu um beijo na cabeça de Luís. — Cadê a pipoca, *carai?* — perguntou, afastando-se.

— Queimou. E Lulu nem fez meu caramelo. *Cê* podia fazer pra mim, *Broderzona*.

Ana deu uma risada.

— Senta e espera.

— Cadê Lulu? — Piolho quis saber.

— Foi embora. Acho que foi pra casa — Luís respondeu.

— A gente também tem que ir, né, paixão? — Matheus colocou o braço sobre os meus ombros.

— Já falei que minha filha não vai a lugar nenhum com você — papai encrespou.

— Vou, sim, papai — falei com firmeza. — A irmã do Chatão me convidou pra festa de aniversário dela. E eu prometi que ia.

Eu não ia. Só estava dizendo aquilo para sair dali. Precisava jogar umas verdades na cara de Matheus.

— Você foi à casa dele? — Papai arregalou os olhos.

— A Chatona já conheceu minha família inteira, sogrão.

Os olhos de papai ficaram ainda maiores.

— Os pais dele continuam casados? — Ele me perguntou, e Matheus deu uma risada.

— Meu pai tá na pista, dona Susanne — o sacana mentiu, e papai ficou lívido.

— É mentira! Matheus, para de fazer graça! — Dei um cutucão nas costelas dele.

— Tá. Parei, Gi. — Ele me abraçou por trás e beijou meu cabelo.

— Ai, meu Deus, ele é tão fofo... — Isa soltou um suspiro.

— Ele é meu! — gritei e, no instante seguinte, eu quis morrer.

— Calma, paixão. Todo mundo sabe que a gente se ama. — O ridículo me abraçou ainda mais apertado e beijou minha têmpora.

Enquanto minhas tias e primas suspiravam — achando que o Chatão estava falando sério —, papai me fitava com um desgosto profundo.

— Depois dessa, a única coisa que vocês dois podem fazer é tocar um tango argentino. — Tia Liv riu, dirigindo-se a papai e tio Max.

— Minha linda tem razão. Já era, puto — tio Max falou, em tom fúnebre.

— Se bobear, o casório dos Chatões sai antes do de Luma! — Ana deu uma risada.

— Lulu não vai casar, mano — Piolho afirmou, e eu agradeci aos Céus pela mudança de foco. — Na hora do “sim”, eu vou fingir um infarto, saca? Já planejei a parada toda. *Cês fica* tudo preparado pra chamar o SAMU, tá ligado?

Todo mundo gargalhou.

Aproveitei a distração para tentar escapar de fininho com Matheus.

Não deu certo. Quando estávamos quase alcançando a porta, papai deu uma tossida.

— Vou só conversar com ele, papai — falei, me virando.

— É, sogrão. A gente vai só bater um papo. — Matheus deu uma piscada, e eu dei um tapa no braço dele.

— Para de gracinha, palhaço!

Mais gargalhadas encheram a sala.

— Tô indo, viu? Te amo, reizinho. — Dei alguns passos e beijei a bochecha de papai.

— Tá. Vai, Sofia. Só não sei se eu vou estar aqui quando você voltar. Não fica muito assustada se tiver

um rabeção na porta.

— Reizinho do drama. — Beijei a outra bochecha.

Depois disso, finalmente consegui sair dali.

— Você acha que é genético? — Matheus perguntou, enquanto caminhávamos na direção do carro.

— Do que você tá falando? — questionei, tirando a chave do bolso.

— Da atração que as Theloni sentem pelos Miyake.

Não contive uma risada.

— Você quis dizer “da atração que os Miyake sentem pelas Theloni”, não? — corriji, destravando as portas.

Matheus riu, e nós entramos no carro.

— Agora eu entendo por que seu pai sempre me odiou — ele disse, acomodando-se no banco e afivelando o cinto.

— Papai não te odeia. — Coloquei o meu. — Só não te suporta, o que é totalmente compreensível porque, convenhamos, você é mesmo insuportável, Matheus.

— Suas primas discordam — ele falou, e eu trinquei os dentes.

Virei o pescoço e mirei o sorrisinho do safado.

— Seus primos vão estar na festa de Marina, não vão? Vou pagar a ceninha que você protagonizou com Ana com a mesma moeda, paixão.

— A vingança nunca é plena, mata a alma e envenena — ele citou, bastante sério, e eu precisei me esforçar para não rir.

— Se você tiver primos gatos, garanto que a minha vingança será mais do que plena. — Abri um sorriso malicioso.

Ele estreitou os olhos e contraiu o maxilar.

— Você fica tão bonitinho quando tá nervosinho... — pirracei, alisando o rosto dele. — Pode ficar tranquilo, Miyake. — Dei dois tapinhas na superfície áspera. — Não vou te envergonhar na frente da sua família inteira. Ao contrário de uns e outros, eu tenho decência.

Recolhi a mão e liguei o carro. Dei partida e dirigi em silêncio por alguns segundos antes de ouvir a voz dele:

— Desculpa, Gi.

— Você só está me pedindo desculpa porque acha que eu vou dar em cima dos seus primos. Relaxa, Matheus. Eu nem vou à festa.

— Estou pedindo desculpa porque sei que fiz merda. E você prometeu que ia à festa.

— Não tenho fantasia.

— Você pode ir do jeito que está. Se te perguntarem qual é a sua fantasia, você responde que tá fantasiada de “a mulher mais linda do mundo”.

— As mulheres costumam cair na sua lábia? — perguntei, usando doses cavalares de escárnio e indiferença para mascarar o quanto as palavras dele tinham me deixado ridiculamente derretida.

— Só uso a minha lábia com você, girafinha. — Ele pousou uma mão na minha coxa.

— Fico impressionada com o seu descaramento. — Fingi que a mão dele não estava afetando a minha concentração.

— E eu fico impressionado com o quanto você é gostosa... — Ele subiu os dedos, e eu precisei conter um gemido. — Sabe o que eu estava pensando? Nossa primeira vez foi num hotel. E se a próxima for num motel?

— Não vai ter uma próxima. E a primeira só aconteceu porque você pagou aquele velho escroto, seu safado! — Reuni toda a minha força de vontade para empurrar a mão dele.

— Quanto você pagou por essa informação totalmente inverídica? — Ele quis saber, na maior cara-de-pau.

— Nada. Só precisei mostrar os peitos pro velho. — Dei de ombros.

— O quê? — Matheus berrou, e eu caí na risada.

— Foi de graça, idiota. E fiz o velho me devolver os duzentos reais que te cobrou a mais na diária.

Coincidentemente, o mesmo valor que você pagou pra ele dizer que só tinha um quarto disponível. Ou seja, não vou te devolver esse dinheiro, Matheus. Perdeu, *playboy*.

Ele deu uma gargalhada.

— Como você fez para conseguir o dinheiro de volta?

— Ameacei prender aquele bandido.

Matheus gargalhou de novo.

— Meu Deus, Sofia... — Ele ficou sério de repente. — Preciso te ver fardada.

Foi a minha vez de rir.

— Tô falando sério. Segunda-feira, vou te pegar no trabalho. Que horas você sai?

— Você mora mesmo em Príncipe Serrano? — perguntei, incrédula.

— Moro. No bairro Imperador. E você?

— Não acredito. — Meus olhos estatelaram-se. — Meu apartamento fica bem ao lado, no Imperatriz!

— Sério? Tem algum apartamento disponível no seu prédio?

— Pra quem? Pra você?

— É. Tô pensando em sair do meu.

— Por quê?

— Débora.

A mera menção ao nome me deixou irritada.

— Ela fica no seu pé?

— Mais ou menos.

— Mas não foi ela que terminou com você?

— Foi.

Fiquei esperando o complemento, mas ele não disse mais nada.

— Então ela está arrependida?

— Mais ou menos.

Claramente, ele não queria entrar em detalhes. E, mesmo que estivesse morta de curiosidade, eu não ia fazer mais nenhuma pergunta a respeito daquela Débora.

— Sobre o apartamento, o único que tinha era o que fica ao lado do meu, mas foi alugado há duas semanas — falei, me lembrando do meu vizinho ruim de cama.

— Tem certeza? — ele perguntou, meio desconfiado.

— Absoluta.

— Que pena. Eu ia gostar de ser seu vizinho, paixão.

— Eu ia odiar.

Matheus se limitou a sorrir.

— Pra qual motel a gente tá indo? — ele perguntou, e eu dei uma risada.

Uma risada bem falsa, na verdade. Porque, quando ele disse a palavra “motel”, luzes piscantes invadiram minha mente e partes minhas piscaram com a mesma intensidade do meu letreiro imaginário.

— Já falei que não vou transar com você de novo, Matheus. Esquece.

Eu não ia. Sério. Jamais conseguiria transar com ele sabendo que ele é o Chatão. Se cometesse esse ato de loucura, teria que me matar em seguida, porque nunca mais conseguiria me olhar no espelho.

Eu só queria poder voltar no tempo, quando Matheus era Henrique, um Apolo desconhecido me salvando do sapo e me beijando na chuva. Queria que ele fosse apenas o descarado que dormiu ao meu lado naquele hotel.

Mas ele era Matheus Miyake, e eu não podia transar com o Chatão.

— Quem falou em transar? — Ele fez uma enganosa expressão ultrajada.

— Não sei se você sabe, mas é isso que as pessoas fazem em um motel — ironizei.

— Não sei se você sabe, mas as pessoas podem fazer o que quiserem lá dentro — ele corrigiu. —

Podem ficar só conversando. Ou podem ver televisão. Ou dormir. Não tem nenhuma regra que diz que é preciso transar.

— Tá. Então a gente não transaria, ficaria fazendo uma dessas outras coisas... — falei, em tom de riso.

— Exatamente — ele respondeu, na mais perfeita seriedade.

— Matheus, você acha que eu nasci ontem? — Dei uma risada.

— Sofia, você está dizendo que não consegue ficar no mesmo quarto que eu sem transar comigo? Eu sou irresistível? É isso? — Ele caprichou no cinismo.

Tive que gargalhar.

— Você é tudo, menos irresistível, querido.

Que a Fada Azul não me ouça. E que o meu nariz não cresça. Amém.

— Então tá decidido. Toca pro motel.

— Nem pensar.

— Sofia, a gente não pode ir para a casa dos seus pais. E, a essa altura, o pessoal da festa de Marina está organizando tudo. Deve tá uma bagunça lá na casa dos velhos. Ou seja, a gente não tem pra onde ir.

— A gente pode sair. Ir ao cinema ou... sei lá... — Parei no semáforo, atrás de uma caminhonete. — Tomar sorvete? — Virei o pescoço e encarei Matheus.

Ele deu uma risada.

— Ficou louca? Não mexo com essas porras de namorado. Só namoro na cama.

— Então seu namoro com aquela Débora era todo baseado em sexo?

— Totalmente.

— Hum.

O desgraçado devia transar o dia inteiro com ela! Em todos os lugares do prédio e em todos os motéis da cidade!

— O que você tá fazendo? — Matheus perguntou de repente.

— Buzinando, pra ver se esse filho da puta sai da minha frente! — berrei. — O sinal abriu, idiota! — gritei, ainda que o motorista da caminhonete não pudesse me ouvir.

— Você tá precisando relaxar — Matheus comentou enquanto eu arrancava.

— Aposto que o seu conceito de relaxar tem a ver com o que você fazia o dia inteiro com a sua ex — cuspi.

— Não. Meu conceito de relaxar tem a ver com a gente deitados numa cama redonda, sem fazer nada, além de olhar pro espelho no teto.

— Não é um bom conceito — falei, mal-humorada.

— Não é o *melhor* conceito — ele disse, e eu virei o rosto para vê-lo. — Mas é um bom conceito. Vamos, Gi? — Uniu as duas mãos, em um gesto de prece. — Prometo que não vou tentar nada. Por favor?

Por que ele tinha que ficar tão lindo fazendo aquela cara superfofa de garotinho suplicante?

— Tá — concordei, e ele sorriu. — Mas estou avisando, Miyake. — Ergui o indicador, para enfatizar a seriedade da afirmação. — Se você vier com ousadia pra cima de mim, vou embora e te deixo lá.

Matheus deu uma risada.

— Tô achando isso hilário.

— Isso o quê, palhaço? — perguntei, parando em outro semáforo.

— Você dirigindo. Nunca fui de carona a um motel. Você podia me deixar dirigir, paixão, pra não pegar mal.

Soltei uma gargalhada estrondosa.

Ri tanto que só comecei a dirigir quando fui buzinação.

— Nem pensar — falei, rindo e liberando o pé do freio. — Você vai aí, bem bonitinho, no banco do carona.

— Isso é humilhante, Sofia — ele retrucou.

— Deixa de ser machista.

— Você vai pagar a conta? Quem dirige paga a conta, sabia?

— Claro que vou. Com seus duzentos reais. — Gargalhei, e ele riu junto comigo.

Logo, estávamos a caminho da rodovia, tentando escolher um dos vários motéis que serpenteavam a estrada e coloriam a saída da cidade.

— Que tal o *Dallas*? — Matheus sugeriu com uma risada, e eu olhei pra cara-de-pau dele.

— Não frequento motel de quinta, querido. Tenho duzentos reais pra gastar na suíte que eu quiser. Não vou passar o resto da tarde deitada num quarto de vinte. Inclusive, você vai ter que desembolsar ainda mais, paixão. Quero muito luxo e conforto.

— Não gastarei um centavo a mais — ele disse, em tom de brincadeira. — Você, que vive comendo folhas, devia saber que dinheiro não dá em árvore, girafinha.

— Dinheiro pra molhar a mão de um velho escroto você tem, né, safado? Diária de trezentos reais você paga, né? Pois vou escolher a suíte mais cara do *Mamma*, que é o melhor motel da cidade.

— Posso saber como a senhorita sabe disso? — Matheus cruzou os braços.

Eu poderia insinuar que era por experiência própria, mas decidi dizer a verdade:

— É o motel preferido de Lipe e meus primos.

— Sei... — Ele ergueu uma sobrancelha desconfiada.

— Aposto que também é o seu. — Arqueei uma sobrancelha interrogativa.

Matheus respondeu o gesto com um sorrisinho enigmático.

Tive vontade de dar um soco na cara dele, mas contive o ímpeto com um mero revirar de olhos.

Pouco depois, estávamos diante dos incontáveis estabelecimentos destinados ao *tchaca-tchaca* clandestino.

Liguei a seta, indicando que viraria no *Mamma*, e fui surpreendida por bruscas buzinas altas. Mirei o retrovisor interno, para entender o que estava acontecendo, e quase tive um ataque cardíaco.

Logo atrás, a alguns metros de distância, vinha uma picape preta.

— Por que esse filho da puta tá buzinando? — Matheus perguntou, olhando o retrovisor externo. — Sofia, eu acho que... — Ele olhou para mim, chocado.

— É — interrompi. — Fomos seguidos.



“(...) e vivemos como os nossos pais”.  
*Como Nossos Pais* — Elis Regina

## LIPE

— Lipe, seu carro tá na porta? — meu pai perguntou, assim que Sofia saiu.

— Tá, por quê?

— Me dá a chave. — O velho estendeu a mão.

— Pra quê?

— Me dá a chave, porra! — ele berrou.

— Plínio, o que você... — minha mãe começou.

— Vou seguir Sofia! Vem, Felipe. Você dirige, e eu faço a espionagem.

— Eu vou junto, puto — tio Max avisou.

— Lindo, você não estava conformado? — tia Liv perguntou.

— Conformado o caralho! — tio Max rugiu. — Aquele moleque não vai roubar meu anjo!

— Pelo amor de Deus... — Dei uma risada. — Deixem Sofia viver a vida dela em paz.

Meus pais, meus tios e meus primos são crianças dramáticas e patologicamente ciumentas. Em uma família de lunáticos, sou o único adulto equilibrado.

Tio Max é possessivo até em relação a Piolho. A quenga é só dele. É “minha quenga” pra cá, “minha quenga” pra lá.

Teo tem um ciúme brutal de Luisão. Principalmente da amizade dele com Ana.

Teozona queria ser o *broderzão* exclusivo de Luísa. Mal sabe o puto que a amizade do melhor amigo com a irmã dele é colorida.

Ah, Lipe, você tem provas? Já pegou os dois no flagra?

A resposta é “não”.

A única coisa que eu tenho, e que comprova o fato, é meu cérebro.

Eu teria que ser tão retardado quanto Teo para achar que Luisão nunca transou com Ana.

Isa eu sei que ele nunca pegou. E o motivo é simples: ele é apaixonado pela *Broderzona* dele. Sempre foi. Vive negando e negaria até a morte, mas é. Tá pra nascer sujeito mais camisolão.

Eu daria tudo pra ser primo posição das gêmeas. No lugar de Luisão, teria traçado as duas. Ao mesmo tempo. Transaria com elas todo dia, dia e noite.

Mas fui sacaneado pelo puto do universo, que fez tio Max nascer irmão da minha mãe.

Infelizmente, eu vim ao mundo com esse bloqueio bizarro. Tenho plena consciência de que Isa e Ana são gostosas pra caralho, mas alguma coisa me impede de me imaginar comendo as duas. É a maldição

que eu carrego.

Na verdade, o problema nem é esse. Mesmo se não fosse amaldiçoado, eu não poderia transar com elas.

Ana estaria automaticamente descartada, porque futura mulher de primo meu pra mim é homem. Inclusive, é por esse mesmo motivo que eu nunca me interessei por Luma. Teo acha que é só tesão, mas eu, sendo o cara astuto que sou, sei que ele vai se foder bonito no dia que transar com ela. Quando perguntei se ele já tinha comido e ele veio com o papo do quadradinho, eu vi a merda pronta.

Sou o único sobrevivente, o único não *encamisolado* da família. Luisão nasceu de camisola, e a de Teo tá passada e engomada, à espera no cabide. O putto vai vestir no dia que se lambuzar de chocolate.

Aposto que, com a proximidade do casamento de Luma, ele vai quebrar a dieta. Se já não tiver quebrado. Ou seja, vai dar bosta. E eu vou estar, é claro, na plateia. Pronto pra jogar um punhado no ventilador.

Não posso transar com Ana. Nem com Luma. O que me sobra?

Se você respondeu “Isa”, parabéns, você errou.

Ela é gêmea de Ana, mas é minha irmã siamesa. Estudamos juntos a vida inteira. Fomos da mesma sala do pré-escolar à faculdade. Hoje, ela é minha colega de residência. E vai ser minha colega de trabalho pro resto da vida.

Somos muito unidos. Ela é praticamente minha irmã postiça.

Às vezes meus olhos caem nos peitos dela? Caem. Não sou cego, e ela tem umas tetas que meu Deus. Mas é só admiração do tipo: “nossa, que tetas, Isa, parabéns”, e não do tipo: “puta que pariu, Isa, quero enfiar minha cara nas suas tetas”. Pode confiar no que eu tô dizendo.

Não vou nem mencionar Letícia, porque, na minha cabeça, Tíci vai ser sempre a criança da família.

Não tenho nenhum teto de vidro. Se você achou que eu tinha, se fodeu. Sou um homem limpo. Nunca nem fiquei com nenhuma prima minha. Quiçá transar. Isso não é de Deus. Tenho princípios. E, além disso, tem mulher demais no mundo pra eu mexer com as da minha família. Já bastam meus primos, que agem como se nós fôssemos uma tribo em que os homens precisam, necessariamente, ficar com as mulheres do próprio clã.

Teo nunca vai dar um soco na minha cara por ter beijado uma das irmãs dele. Luisão, por outro lado, vai ser espancado quando a casa cair.

Suspeito que ele e Ana estão no crime desde a adolescência. Se bobear, perderam a virgindade juntos. Eu não ficaria surpreso.

Luís diz que perdeu o cabaço com quinze anos, e eu sei que é mentira, porque, com essa idade, ele contava histórias sexuais ridiculamente surreais, do tipo que só um virjão contaria.

Por exemplo, uma vez, contando sobre uma menina virgem, que ele teria, supostamente, descabaçado, ele disse: “*mermão* do céu, a mina gozou na hora. Eu só enfiei o pinto, e ela gozou. Eu sou muito fodão, maluco”.

Como Teo e eu já tínhamos certa experiência (perdemos a virgindade mais ou menos na mesma época, quando ele tinha treze, e eu, quatorze), estávamos cientes de que Luisão não sabia distinguir boceta de umbigo.

Eu poderia contar pra Teo que, muito provavelmente, Luís aprendeu a diferença com Ana? Poderia. Mas, além de não ser uma criança-adulta dramática e ciumenta, não sou nenhuma putinha fofoqueira.

Claramente, não pertencço à minha família. Fui adotado.

Prova disso era o fato de que eu estava ali, defendendo Sofia contra o ciúme doentio de meu pai e tio Max, quando, no meu lugar, Teo estaria engrossando o coro dos dois.

— Qual é o problema de vocês com aquele sujeito? — perguntei, referindo-me ao cara que tinha saído com minha irmã. — Ele é *zoeiro*, parece ser gente como a gente.

Eu só não fazia ideia de como ele já estava por dentro das piadas sobre eu e meu pai, tudo porque o

velho comeu o cu de Andressa quando era jovem.

Teo, Luisão e eu ouvimos essa história quando éramos moleques, contada, é claro, por Piolho. Na ocasião, também ficamos sabendo que tio Max, devasso aposentado e nossa eterna inspiração, tinha transado não só com Andressa, mas também com Adriana, a outra irmã do melhor amigo (dá pra perceber por que Teo e Luisão têm essa fixação pelas irmãs um do outro, certo?).

— Lipeta, cê tá por fora da parada, *mermão*. — Luís deu uma risada.

— O moleque é o Chatão, mano! E o pai dele já traçou sua mãe, tá ligado? — Piolho riu.

Olhei pro meu pai e vi, pela expressão que ele fez, que aquela não era mais uma das zoeiras de Piolho. Era verdade. O lendário Chatão estava de volta. E seu retorno trazia implicações ainda piores do que as esperadas.

Sou um cara tranquilo. Nada ciumento, nada possessivo. A menos que um desgraçado ouse encostar na minha mãe e envie o filho pra pegar minha irmã.

Aí, a coisa muda de figura. Aí, meu amigo, eu viro um legítimo Vetter-Theloni.

— Vamos logo, o filho da puta tá levando Sofia! — berrei e comecei a andar.

— Liv, faz alguma coisa! — Minha mãe recrutou minha tia.

— Deixa eles irem, Suze. Quanto mais eles tentarem proibir, mais gostoso vai ficar pra Souf e Matheus! — Ela gargalhou, enquanto nós três cruzávamos a porta.

Quando saímos, Sofia estava arrancando. Esperamos um pouco e corremos até meu carro.

Os minutos seguintes foram de pura especulação. Para onde os dois estavam indo?

— Puta que pariu! Eles estão indo prum motel, porra! — tio Max exclamou quando minha irmã pegou a rodovia.

— É claro que não, Max — meu pai discordou, visivelmente apreensivo. — Ficou louco? Minha filha não frequenta motel!

Às vezes, fico impressionado com a ingenuidade do velho quando o assunto é a princesinha dele.

— Pra onde mais eles estariam indo, puto? É pro motel, caralho! O moleque tá levando minha sobrinha prum motel! Eu vou matar aquele desgraçado!

— É Sofia que tá dirigindo, tio Max. Ela que tá levando o Chatão pro motel — falei, rindo.

— Ah, é, porra! Se é meu anjo que tá dirigindo, então eles não estão indo pro motel. — Ele respirou aliviado.

— É mesmo? — Dei uma risada. — Então por que seu anjo acabou de indicar que vai entrar no *Mamma*?

Ele colocou a cabeça entre o banco do motorista e o banco do passageiro, onde meu pai estava sentado, e vociferou:

— Que porra é essa, Sofia?

Levei um puta susto quando meu pai quase me cegou para alcançar a buzina.

Depois, de quase cego passei para quase surdo.

O Honda de Sofia desacelerou, e eu podia apostar que ela tinha reconhecido a placa do meu carro. Talvez tivesse nos visto, inclusive.

Mas, apesar das buzinas insistentes, ela convergiu e guiou o carro até a entrada do motel.

— Não acredito que ela vai entrar! — meu pai bradou, em um misto de fúria e alarde.

— Acelera, Felipe! — tio Max ordenou.

Acelerei, mas, quando me aproximei do motel, ela já tinha entrado, e o portão já estava se fechando.

— Vira! — meu pai mandou.

— Quê? A gente vai entrar? — grasnei, diminuindo a força no pedal direito.

— É lógico! Vamos tirar Sofia daí de dentro!

— Ficou louco, pai? Não vou ser visto entrando no *Mamma* com dois machos no carro!

— Ele tem um ponto, puto — tio Max observou.

— Foda-se! Vira, Felipe! É uma ordem! — meu pai rosnou e, a contragosto, eu virei.

Fiquei parado na entrada por alguns segundos, antes de ter o acesso permitido por uma das atendentes.

O foda era que todas elas conheciam meu carro e minha voz.

O portão foi aberto, e eu comecei a dirigir até a guarita, xingando todo o meu repertório de palavrões mentalmente.

Eu não podia acreditar que estava no motel com meu pai e meu tio. Puta merda.

Eu ia matar Sofia.

— Eles estão entrando naquela ali! Pede a suíte ao lado! — Meu pai apontou, pouco antes de eu parar o carro diante do intercomunicador.

Provavelmente, eu conhecia a disposição das suítes do *Mamma* mais que o arquiteto que havia desenvolvido o projeto do motel. Antes de eleger minha favorita, passei por todas elas.

Dei uma olhada e detectei que Sofia e o Chatão tinham pedido a 12, uma das suítes duplex mais caras do lugar. O desgraçado estava querendo fazer bonito pra minha irmã.

Puto, aproximei a cabeça do microfone e cumprimentei a atendente ocultada pelo vidro escuro.

Só precisei soltar um “boa tarde” para a mulher me reconhecer.

— A mesma de sempre, senhor?

— Não. Hoje vou ficar com a 13.

— Essa é uma suíte máster, senhor. Dentre outras comodidades, oferecemos banheira de hidromassagem, piscina aquecida e sauna. O preço de três horas de prazer é R\$289,00. No entanto, a casa cobra 70% a mais por cada homem extra. Como vejo que o senhor trouxe um casal...

— Não, não! Você não está entendendo! — Apressei-me em dizer.

— A gente não joga nesse time, não, moça! Estamos aqui... — meu pai começou.

— Fique tranquilo, senhor — ela interrompeu. — Nossa casa oferece todo o sigilo e suporte necessários para que casais homoafetivos possam desfrutar de uma experiência prazerosa com o profissional do sexo contratado. Para tanto, só exigimos um *plus* no valor da suíte.

Putaquepariu! Ela estava achando que eu era o prostituto que ia atrasar a janta dos velhos!

— Moça, não é nada disso! Nós estamos aqui... — Tentei explicar.

— Não estou aqui para fazer julgamentos, senhor. Estou aqui para atendê-los da melhor maneira possível. Inclusive, temos uma suíte especial, que certamente será mais satisfatória para os senhores. É a suíte Purpurina, equipada com...

— Ele é meu pai! E o outro é meu tio! — berrei.

Ela ficou em silêncio, e eu percebi a merda que tinha acabado de dizer.

— Caralho, Felipe! — tio Max reclamou.

— E eu achando que já tinha visto de tudo nesse lugar. Meu Deus... — a mulher falou, horrorizada. — Infelizmente, terei que solicitar que os senhores se retirem do nosso estabelecimento. — Elevou o tom.

— O *Mamma* não coaduna com tamanha imoralidade, senhores!

E depois ela dizia que não estava ali para fazer julgamentos!

— Dá ré, porra! — tio Max bradou.

Primeiro, ele falava “caralho”. Depois, me mandava dar ré na frente da mulher que achava que a gente dava ré no quibe!

— Vou a pé! — Meu pai tentou abrir a porta do carro e foi duramente repreendido pela julgadora.

— Não saia do carro, senhor!

— Eu preciso ir atrás da minha fi... — Ele colocou um pé para fora.

— Segurança! Temos um invasor na portaria! — ela gritou, e dois caras com aparência de lutadores de MMA materializaram-se na frente do carro.

Eu daria conta de dar uma surra nos dois, é claro. Mas não estava interessado em passar a noite sendo currado na cadeia.

— Entra, coroa. É melhor a gente ir embora.

— Não vou deixar Sofia aqui! — ele resmungou.

Eu também queria tirá-la de lá. Mas, por mais que estivesse puto com a situação, sabia que nossa atitude era ridícula. Se Sofia queria ficar com o cara, pouco importava de quem ele era filho. Não tínhamos o direito de impedir.

— Pai, Sofia é uma mulher adulta, capaz de fazer as próprias escolhas. Tá na hora de o senhor aceitar que ela cresceu — falei, na esperança de incutir algum discernimento na cabeça do velho.

Ele ficou alguns segundos em silêncio, a expressão tempestuosa, como se seu cérebro estivesse lutando contra todos os instintos aflorados.

Soltando um suspiro derrotado, xingou um palavrão, recolheu a perna e bateu a porta.

No caminho de volta, meu pai não disse uma palavra. Eu nunca tinha visto o velho tão triste. Parecia que tinha morrido alguém.

Tio Max e eu fizemos piadas sobre o engano da atendente o caminho inteiro, mas ele continuou mudo.

Quando chegamos, ele se trancou no quarto, e minha mãe subiu, para tentar reverter a situação. Se ela não conseguisse, ninguém mais conseguiria.

Todo mundo morreu de rir quando contamos o que aconteceu no motel, principalmente Piolho e Luisão.

O dia passou rápido, porque fui pro meu apê e dormi o resto da tarde. Tudo o que eu não precisava era ficar acordado, imaginando Sofia numa suíte que eu mesmo já tinha usado.

Quando acordei, estava escuro e frio. A janela estava fechada, e eu podia ouvir o barulho da chuva fina golpeando o vidro.

Meu celular estava tocando. Tateei o colchão, encontrei o aparelho e atendi. O sono não me deixou checar o visor, e eu tomei no cu.

— Felipe, aconteceu alguma coisa? — uma voz feminina quis saber. — Tô te esperando aqui em casa há mais de meia hora!

Acessei minhas memórias nebulosas e me lembrei de que tinha mesmo combinado uma trepada com alguém. Mas quem?

— Quem é? — perguntei, abrindo um bocejo.

— Lorena! Sua namorada! — ela berrou.

Sempre que esse tipo de merda acontece, eu lamento não ser um seguidor fiel da regra de ouro de tio Max. Eu devia transar uma vez só com cada mulher. Mas, se nem Teo consegue seguir a regra do próprio pai, por que eu conseguiria?

Meu primo costuma transar uma vez só com cada uma. Só que, de vez em quando, abre exceções.

Eu sempre abro exceções. Ou seja, não sigo a porra da regra. Se a mulher é gostosa e a foda é boa, vou querer um repeteco. Ou vários. Mas vou diversificando o cardápio, porque não dá pra comer uma coisa só até enjoar. Gosto de fazer várias refeições diferentes por dia.

O problema é que eu como demais. No dia seguinte, acabo não me lembrando do que eu comi no dia anterior.

Minha memória é péssima. Mas as mulheres que integram meu vasto cardápio costumam ter memória de elefante, além do irritante hábito de confundir algumas trepadas com namoro.

Segundo Teo, meu erro é contar pra elas que eu sou cirurgião. Mas como ele acha que eu pego mulher? Só com meu *six-pack abs* e minha cara de galã de seriado?

Se eu falo que sou médico, elas me dão o cu de primeira. Não tem cu doce. O foda é que minha arma secreta é, também, o motivo pelo qual elas ficam no meu pé.

— De onde eu te conheço mesmo, Laura? — perguntei.

— Laura? — Ela quase estourou meu tímpano. — Meu nome é Lorena! Sou garçonete do Café que fica perto do hospital! Aquele, onde a gente transou na despensa, tá lembrado?

Ah, Lorena. A peituda gostosa pra caralho que fazia uma espanhola que meu Deus. Quantas vezes eu

tinha transado com ela? Três? Quatro?

Não o suficiente, com certeza.

— Lorena, meu amor. Desculpa. Tô meio grogue. Fiz uma cirurgia complicada hoje e estava repondo as energias. Acabei pegando no sono. Por isso me atrasei.

Fico impressionado com a minha genialidade.

— Sem problemas, gato. — Ela adocicou a voz. — Espero que você tenha repostado as energias direitinho, porque preciso de você acordado a madrugada toda.

Combinei de me encontrar com ela em meia hora, desliguei e fui tomar banho. Dei uma caprichada no Lipão. Deixei liso, pra dar uma destacada no moleque.

Quando terminei de me arrumar, fui para a cozinha e preparei uns sanduíches. Comi voando, escovei os dentes e saí pra *maratonar* a safada.



# 12

## MEU FRÁGIL CORAÇÃO

“(...) acelera o batimento e faz turu, turu, turu, turu, turu, turu, tu”.  
*Quando Você Passa* — Sandy & Júnior

### MATHEUS

— Ai, meu Deus, e agora? — Sofia entrou em pânico.

— Continua! Vira! — bradei.

— Ficou louco? Meu pai tá no carro! Ele não pode me ver entrando num motel!

— Ele já viu a seta! Já sabe que você vai entrar. Por favor, Gi, vira? — Tive que implorar, porque minha vida dependia daquela conversão.

Meu pau já estava completamente ensaiado. Eu já tinha imaginado tudo o que faria com a Chatona no motel. Se ela não entrasse, eu ia entrar. Em desespero.

Ela estudou minha expressão suplicante por alguns segundos, soltou um suspiro e girou o volante.

Em resposta, abri um sorriso largo, que exprimia o alívio e a euforia que inundaram meus poros.

— Não sei por que você tá tão animadinho. Não vamos fazer nada. Pode tirar esse sorrisinho ridículo da cara.

— Tá bom, Gi. — Falseei uma expressão triste.

Os olhos de Sofia riram, mas ela conteve os lábios enquanto o portão se abria.

Instantes depois, a dianteira do Honda cruzou a entrada.

— Não acredito que meu pai me viu entrando num motel... — ela lamentou, dirigindo até a guarita.

— Sofia, você tem trinta e três anos, e é uma mulher independente. O que você faz ou deixa de fazer não é mais da conta do seu pai — observei.

— Eu sei! Mas, mesmo assim, fico com um pouco de vergonha, né, Matheus... — ela falou e, por um momento, se transformou numa versão tímida da garotinha extrovertida que eu conheci aos seis anos.

A Chatona ficava tão linda constrangida que tive vontade de envolvê-la em um abraço interminável.

Como as circunstâncias me impediam de tomá-la em meus braços, tirei o cinto, inclinei o corpo e imprimi os lábios em sua bochecha.

O carro parou diante do intercomunicador, Sofia virou o rosto, e suas cintilantes íris azuis desregularam a cadência dos meus batimentos.

Tudo por causa da rigidez da minha terceira perna, que exigia do meu coração um volume incalculável de sangue bombeado. Essa é, e sempre será, a justificativa para o descompasso em meu peito toda vez que Sofia estiver por perto.

— Boa tarde. — A voz da atendente saiu do aparelho num momento que não poderia ter sido mais oportuno.

Aproveitando a proximidade do microfone, desviei os olhos e fiz o pedido:

— Boa tarde. Queremos a melhor suíte da casa, por favor.

— Nossa suíte mais completa é a *Mamma*, senhor.

— Matheus, eu estava brincando sobre o preço — Sofia cochichou.

— Você merece todo o luxo e conforto do mundo, paixão — sussurrei em seu ouvido, enquanto a funcionária do motel recitava as vantagens da suíte.

— Dentre outras benesses, nossa maior suíte duplex oferece hidromassagem com teto solar automático, sauna, piscina térmica com cascata e uma elegante sala de jantar integrada. São R\$589,00 por quatro horas de prazer. O senhor gostaria de confirmar o pedido?

— Sim, por favor — respondi, e ela passou o cartão magnético pela abertura.

— Obrigado — agradei, esticando o braço e pegando o passe-livre para a *fodelância* vespertina.

Logo, o Honda estava começando a se refugiar na garagem privativa da suíte.

Eu estava animado, sentindo o cacete pulsar de expectativa, quando Sofia virou o pescoço e deu uma última conferida na entrada.

— Ai, meu Deus, eu acho que o carro de Lipe acabou de entrar!

Não confirmei a suspeita. Optei por acalmá-la.

— Fica tranquila, Gi. Mesmo se forem eles, estamos seguros agora.

Apreensiva, ela continuou dirigindo até o veículo desaparecer completamente dentro da garagem.

Então, desligou o motor, desafivelou o cinto e me encarou.

— Estamos ferrados. Eles vão invadir o motel!

Mirando seus olhos temerosos, aproximei-me e ajeitei uma mecha de seu cabelo.

— Não vão. Eu prometo. — Resvalei os dedos e abriguei a mão em sua nuca.

Enquanto eu contemplava as nuances cerúleas que compunham as belas íris de Sofia, meu coração ousava, de novo, perturbar o silêncio que nos circundava.

Descendo os olhos, deslizei minha digital em sua bochecha, e, como uma esfera de metal atraída por um ímã, minha cabeça começou a se mover para mais perto da dela.

— Você prometeu — ela disse, e meus olhos captaram o hipnótico movimento de sua boca.

— Prometi — falei, roçando os lábios na deliciosa maciez dos dela.

— Matheus... — Sofia pronunciou meu nome com a delicadeza de um sopro, e eu o aprisionei em minha boca junto com seu primeiro suspiro.

O beijo começou suave como uma dança lenta e harmoniosa, mas logo evoluiu para um baile cinético e alucinado, que só cessou quando meu peito hospedou suas mãos coléricas e imprevisíveis.

— Você prometeu que não ia tentar nada! — ela exclamou, indignada, como se não estivesse, segundos atrás, enredando a língua na minha.

— Tentativa pressupõe risco de insucesso, paixão. Agi com cem por cento de certeza de que lograria êxito. Logo, não tentei nada. Só fiz — argumentei, e suas feições formaram uma adorável expressão furiosa.

— Se eu fosse você, não teria tanta certeza da próxima vez — ela cuspiu e abriu a porta do carro.

Fiquei rindo sozinho enquanto ela descia, toda nervosinha e pecaminosamente deliciosa.

Quando saí, Sofia já estava subindo os poucos degraus que levavam ao primeiro pavimento da suíte.

Bati a porta e ouvi o som do alarme que ela acionou.

Apertei o botão acoplado à parede, que fechava o portão da garagem, e subi a escada apreciando o volume daquele rabo gostoso, que só podia ter sido moldado para endurecer meu cacete.

Só isso explicava o quanto a bunda de Sofia deixava minha terceira perna ereta.

— Abre logo. — Alcançando a porta, ela se virou e, de braços cruzados, bateu um pé impaciente no piso.

— Meu Deus. Isso tudo é pressa pra gente se amar? — pirracei.



Ela revirou os olhos.

— Cala a boquinha e abre essa merda, Matheus.

— Faço tudo que você quiser, paixão. Sou seu escravo. — Beijei-a no rosto, passando o cartão magnético na fechadura.

Empurrei a porta, Sofia entrou, e eu fiz o mesmo.

Enquanto ela andava pela suíte, admirando a decoração luxuosa dos ambientes, eu admirava os contornos que moldavam a curvilínea obra de arte que ela chamava de corpo.

De repente, ela parou de se mover. Ficou de pé, observando a exuberância do lustre.

Encurtei a distância que nos separava e, lentamente, afastei o véu sedoso que cobria suas costas.

Depositando os fios em seu ombro direito, inspirei o perfume de sua nuca e beijei o lado esquerdo de seu pescoço. Mas, antes que eu depositasse outro beijo em sua pele morna e macia, ela se afastou.

— Vou dormir. Faça o favor de não me perturbar — disse, sem se virar.

— Sim, senhora — concordei, observando-a caminhar até a cama.

Assim que se livrou dos sapatos, ela se deitou, mirou o teto e fechou os olhos.

— Você vai dormir de calça jeans? — perguntei.

— Vou — respondeu, mal-humorada.

— Tá. Você que sabe. — Dei de ombros, como se não estivesse me importando, e, depois de tirar os sapatos, comecei a desabotoar minha calça.

Ao ouvir o barulho do zíper, Sofia abriu os olhos e me encarou, alarmada.

— O que você tá fazendo?

— Ficando pelado, ué. — Usei todo o meu estoque de falsa inocência.

— Matheus, não começa — ela avisou, sentando-se no colchão redondo, cercado por cortinas de veludo presas ao dossel.

— Gi, o que eu posso fazer se não consigo dormir vestido?

— Ou você dorme vestido ou fica acordado. Escolhe. — Sofia cruzou os braços.

— Tá. Vou ficar acordado. — Comecei a tirar a calça.

— Você não acabou de dizer que vai ficar acordado? — ela berrou.

— Mas eu vou — assegurei, passando o jeans pelas pernas.

— Então por que você tá tirando a roupa, Matheus? — ela perguntou, impaciente.

— Porque vou tomar banho. — Abandonei a peça no chão. — Não posso tomar banho vestido, paixão.

— Dei uma piscada. — Quer que eu faça um *strip*? — Subi o tecido, revelando o abdome enquanto fazia vagarosos movimentos sensuais.

— Meu Deus, como você é ridículo. — Ela riu, mas mordeu o lábio.

— Você ama esse ridículo, que eu sei. — Abri um sorriso enviesado e comecei a tirar a camiseta.

— Para com isso, Matheus... — Sofia deslizou os olhos pelo meu tórax e estacionou o olhar no meu pau, que já estava, há muito tempo, em ponto de bala.

— Mas eu ainda nem comecei. — Joguei a peça no chão e enganchei os polegares no elástico da cueca. — A melhor parte vem agora, paixão. — Pisquei um olho e entortei os lábios.

— Eu vou dormir! — Ela se deitou bruscamente, virando as costas e me presenteando com minha visão favorita.

Aquela bunda ainda ia me deixar doido.

Subi na cama, encaixei o corpo no dela e sussurrei em seu ouvido:

— Era uma vez uma girafinha muito gostosa, mas muito covarde.

Beijei sua bochecha e transferi os lábios para o pescoço.

— Sai daqui, Matheus... — Ela se remexeu.

— Toma banho comigo? — Migrei a boca para a clavícula.

— Não. — A negativa soou como um gemido.

— A gente não vai transar, Gi. — Deixei uma carícia em seu ombro. — A gente vai só tomar banho.

— Não quero. Sai daqui, Matheus. Por favor...

— Tá.

Fiquei de pé e tirei a cueca.

Completamente pelado, caminhei até as paredes vítreas que separavam a cama suntuosa da área onde ficavam as duchas.

Sofia estava deitada de frente para os chuveiros. Logo, seus olhos velavam meu trajeto e perscrutavam minhas costas nuas.

Ciente de que estava sendo observado, atravessei a porta aberta e alcancei um dos registros dourados.

Antes de liberar o fluxo, girei o pescoço e vi que ela estava fisgando o lábio.

Abri um sorriso lascivo e, quando percebeu que tinha sido flagrada, a Chatona apertou os olhos.

— Gi, quando você vai parar de negar o que sente por mim? Não adianta, tá no seu sangue, paixão! — provoquei, virando-me para observá-la.

— Tá no seu! — ela bradou, mantendo os olhos fechados. — Você é louco por mim, Matheus. Confessa.

— Eu? — Não contive uma risada. — Você que é louca por mim. Assume, Sofia.

Ela deu uma gargalhada.

— Sabe o que eu sinto por você, Miyake? Absolutamente nada!

— É mesmo? Então por que você tá de olhos fechados?

— Os olhos são meus. Eu deixo como eu quiser.

— Isso é medo. Você tá morta de tesão e tá com medo de não resistir. Medrosa!

Assim que fechei a boca, Sofia abriu os olhos e, lançando-me um olhar letal, desceu da cama, caminhou até a vidraça e ficou diante de mim. Então, sem aviso, tirou a blusa.

Surpreso, engoli em seco, expulsando o coração, que havia migrado subitamente para a garganta.

Meus olhos cobiçosos só abandonaram as deliciosas protuberâncias que transbordavam do sutiã de Sofia quando suas mãos começaram a descer a calça.

Meu Deus. A gente ia transar.

A gente ia transar muito.

Sexo.

Sexo.

Sexo.

Sofia.

Sexo.

Sofia.

Sofia. Sofia. Sexo. Sexo.

— Vamos fazer uma aposta — ela propôs, livrando-se do jeans ao chutar a peça.

Mudo, esquadrinhei cada centímetro macio de pele descoberta.

— Uma aposta bem simples — ela continuou, levando as mãos às costas.

Quando o sutiã beijou o piso, Sofia enfiou os polegares nas fitas laterais da calcinha e deslizou o pequeno pedaço de tecido pelas longas pernas torneadas.

Reverenciando as curvas, os volumes e reentrâncias de seu corpo, dei um passo instintivo, e minhas mãos tocaram o vidro.

Do outro lado, ela era uma belíssima escultura em exposição. E eu, o admirador em êxtase impossibilitado de tocá-la.

— O que vamos fazer é tomar banho juntos. — Sofia baixou os olhos e pressionou o indicador na superfície transparente, na altura do meu abdome. — Mas não podemos fazer nada — ela acrescentou, esboçando linhas invisíveis na vitrine, como se estivesse abrasando minha pele com a ponta do dedo.

— Nada? — Arregalei os olhos. — Nem beijar?

— Nem beijar.

Uma risada sem humor escapou dos meus lábios.

— Não dá. Preciso te beijar. E te ensaboar.

“E te foder até morrer”, pensei, enquanto a necessidade de me afundar dentro dela latejava em cada célula do meu corpo.

Sofia inclinou o pescoço e fez uma expressão pensativa.

— A gente pode ensaboar um ao outro. Mas só isso. Sem beijo. E sem sexo, obviamente. Quem resistir, ganha a aposta. Quem fizer qualquer coisa além de ensaboar, perde.

— O problema — abri um sorriso — é que essa é uma aposta que eu faço questão de perder, paixão.

— *Caaaaaaalma*, paixão. Eu ainda não terminei — ela ressaltou, sorrindo maldosamente. — Se você perder, precisa confessar que sempre foi louco por mim. E que o seu maior sonho é se casar comigo.

Dei uma gargalhada.

— Mas eu já realizei esse sonho, paixão. Aos seis anos.

Sofia revirou os olhos.

— Tô falando sério, Matheus. Você vai ou não vai aceitar a aposta?

— Suponhamos que eu aceite — considere. — Nesse caso, se você perder, vai confessar a mesma coisa, certo?

— Eu não vou perder — ela asseverou, arqueando uma sobrancelha presunçosa.

Mostrei meu melhor sorriso sedutor e mirei seu olhar insolente.

— Quando eu fizer você implorar pela minha rola, quero ouvir essa sua boquinha linda admitindo que você é apaixonada por mim desde criança.

Rindo, ela caminhou até a abertura do box e entrou.

— Feito. — Estendeu a mão.

— Feito. — Preenchi a palma estendida e me preparei para a disputa.

Aquela era uma aposta que eu não ia perder.

## SOFIA

Meus olhos contemplavam a expressão confiante de Matheus quando a mão dele puxou a minha e nossos corpos se chocaram.

Não contive um arquejo ao sentir seu braço quente e firme se encaixar em minha cintura.

Com o rosto a centímetros do meu, ele sorriu, e o desenho de sua boca curvada dificultou o trabalho dos meus pulmões.

Seus lábios esculpido, tão fartos e rosados eram tão convidativos que precisei fazer um esforço descomunal para não sucumbir à tentação de beijá-lo.

Tudo bem, eu estava fraquejando na primeira batalha, mas ganharia a guerra. Só precisava ignorar o peito forte e incandescente colado ao meu.

E, é claro, a ereção volumosa pressionada contra a minha pele.

E, obviamente, aqueles olhos lindos e cheios de cílios me fitando.

E aquele cheiro gostoso de homem *tesudo*.

E aquela pegada maravilhosa.

Merda.

Tinha sido uma péssima ideia.

Onde eu estava com a cabeça quando propus aquilo?

Não dava para resistir. Aquela era uma missão impossível.

Quem eu achava que era? O Tom Cruise?

— Você é tão linda... — Matheus disse, descansando a testa na minha e me pegando completamente desprevenida.

Por que ele não dizia algo como “você fica horrível com essa cara de manteiga derretida, Chatona”, para eu poder dizer algo como “e você fica horrível com qualquer cara, Chatão”?

Eu odiava a versão adulta de Matheus, que me desarmava por inteiro. Preferia o Chatão criança, que me dava muita munição para contra-atacar.

Enquanto eu me afogava nas praias exóticas que ele tinha no lugar dos olhos, cheguei à conclusão de que o contra-ataque ainda era a minha melhor defesa. Eu só precisava lutar com as mesmas armas, combater elogio com elogio.

— Você que é lindo... — falei, movendo a cabeça e beijando-o na bochecha.

A textura áspera de sua mandíbula provocou um delicioso formigamento em minha boca, e a torturante brevidade do contato me obrigou a pousar os lábios em sua aspereza outra vez.

Instintivamente, levei uma mão à nuca de Matheus e, sem me dar conta do que estava fazendo, tracei uma linha de beijos em seu rosto. Só parei quando estacionei a boca na esquina da dele.

— Achei que a gente não pudesse beijar — ele sussurrou, e seu hálito morno e entorpecente me deixou momentaneamente acéfala. — Você perdeu a aposta, paixão. A propósito, estou profundamente decepcionado. Achei que você duraria mais de cinco segundos. — O sorriso triunfante que ele abriu me fez recuperar o juízo.

— É claro que a gente pode beijar! Desde que não seja na boca, gênio! — Tentei corrigir. — Eu beijei sua bochecha, Matheus. Bochecha está dentro das regras!

— E pescoço, está dentro das regras? — ele questionou, beijando a lateral do meu.

— Está... — respondi, tentando não gemer.

— Peitos... — Ele foi descendo a boca. — Estão dentro das regras? — perguntou, apalpando os dois e incendiando minha pele com beijos molhados.

Mergulhei os dedos em seu cabelo e soltei um irreprimível gemido quando sua língua envolveu meu mamilo com deliciosa delicadeza.

À medida que os movimentos se tornavam mais intensos, eu me aproximava um pouco mais da derrota, do momento em que colocaria tudo a perder ao me perder nele outra vez.

Precisava virar o jogo, mas o aperto de suas mãos e a perícia de sua boca transformavam minha sede de vitória em fome de pica.

Fiquei ainda mais faminta quando Matheus deslizou as palmas pelas laterais do meu corpo e, estampando minha barriga com o formato perfeito de sua boca, foi descendo até se abaixar diante de mim.

Com as mãos firmes em meu quadril, ele ergueu o rosto, e seu olhar obsceno cumprimentou o meu.

O safado estava prestes a bater o prego no meu caixão, e eu não estava nem um pouco propensa a me salvar. Só queria saber do martelo e das marteladas.

Nenhuma partícula minha protestou quando a maciez dos lábios de Matheus roçou minha virilha. Todas as minhas células festejaram quando minibeiijos o levaram ao epicentro das minhas urgentes pulsações.

Dolorosamente, ansiei pela língua dele. Desesperadamente, fiz uma prece silenciosa.

Em resposta às minhas mudas orações esperançosas, Matheus pressionou a boca e depositou uma carícia suave, sem me entreabrir, como eu precisava tanto que ele fizesse.

Então, levantou a cabeça, e seus olhos, transbordando perversidade disfarçada de inocência, pousaram nos meus.

— Não sei se posso te beijar aqui... — Enquanto falava, ele acariciava a região, sondando a área

interna sem tocar o ponto que suplicava por seu toque. — Posso, paixão? — Seus dedos encontraram o pequeno lago entre as minhas pernas, e o sorrisinho sacana que seus lábios ostentavam foi substituído por uma expressão primitiva, que misturava selvageria e desejo.

Matheus se pôs de pé com a destreza de um felino gigante e, espalmando minha boceta com uma mão, agarrou minha nuca com a outra e rosnou:

— Mudança de regras. A partir de agora, a gente pode se beijar.

Então, sua boca dominou a minha, e sua língua saiu em expedição para explorar cada canto que eu gloriosamente cedi.

O gosto quente do beijo inflamou meu corpo inteiro e despertou uma série de palpitações desenfreadas em meu peito.

Beijá-lo era uma experiência ímpar. Nada se igualava à sensação de tocar os lábios dele com os meus e sentir seu toque vibrando em meu coração.

Ferozes e profundos ou suaves e delicados, os beijos de Matheus provocavam o mesmo cataclismo incontrolável em meu interior, o que não fazia sentido nenhum, porque eu não sentia nada por ele.

Nada.

Nadinha.

Nadinha mesmo.

Então por que meu coração ameaçava esmigalhar minhas costelas quando ele me beijava?

Problemas cardíacos, claro. Cardiopatia era a única explicação possível. Tudo que eu precisava fazer era ignorar as batidas frenéticas até segunda-feira, quando eu marcaria uma consulta. Provavelmente, com o novo cardiologista do hospital.

Naquele momento, não pude assimilar as proporções da minha possível descoberta a respeito da saúde do meu miocárdio. Estava ocupada demais gemendo loucamente enquanto os dedos longos e habilidosos de Matheus moviam-se dentro de mim com a mesma maestria que sua língua governava a minha.

O êxtase estava quase me engolfando quando, de repente, ele parou de me beijar.

No instante em que sua boca desamparou a minha, um vórtice de solidão e abandono revolveu minhas entranhas.

— Meus dedos estão deixando meu pau com ciúme — ele disse, migrando os lábios para o meu pescoço e diminuindo o ritmo, tornando o vai-e-vem dolorosamente lento.

— Minha boceta gosta dos seus dedos, mas prefere seu pau... — murmurei, e o som do ar perpassando os dentes de Matheus acariciou meus ouvidos.

Sem aviso, ele ergueu a cabeça, e o límpido mar esverdeado que consumia seus olhos inundou os meus.

— Você quer que eu use meu pau? — perguntou, retirando os dedos e mordiscando meu lábio inferior.

— Quero... — choraminguei em sua boca e desci as mãos para agarrar a majestosa ereção pressionada em meu ventre.

— Meu Deus, Sofia... — A língua ávida e macia de Matheus reencontrou a minha.

Suas palmas grandes e quentes deslizaram pelo meu corpo, ateando fogo em minha pele enquanto minha mão aninhava o topo volumoso de sua extensão.

— Eu preciso... — Ele liberou meus lábios. — Que você revogue a aposta.

Abri um sorriso malicioso e beijei seu maxilar. Trilhei seu pescoço até chegar ao tórax. Provei a textura firme de seu peitoral e experimentei a calidez dos músculos rijos que revestiam seu abdome.

— Sofia... — Matheus ofegou quando minha boca aterrissou na base de seu cacete. — Você vai revogar a aposta?

— Não — respondi, elevando o olhar e pousando os lábios sobre o conjunto de veias pulsantes que se ramificavam pelo comprimento da delícia que ele chamava de pau.

— Então para. — Ele agarrou meu cabelo na altura da nuca e, erguendo meu corpo, me colocou de pé

em uma fração de segundo.

— Por quê? Tá com medo de não resistir, paixão? — Espalmei as mãos em seu peito e lambi o queixo até alcançar a boca.

Matheus capturou minha língua e desenraizou uma sequência de gemidos e suspiros da minha garganta.

Então, segurou meu rosto e afastou minha cabeça.

— Você é a criatura mais irresistível que eu já conheci — disse, com os olhos fixos nos meus. — A mais perfeita. — Suas mãos deslizaram e deixaram rastros ardentes em minha pele. — A que eu mais quero. — Seus dedos desencadearam uma profusão de arrepios em minha lombar quando suas palmas se fecharam em minha cintura. — A que eu mais preciso. — Sua testa beijou a minha, e eu tatuei minhas digitais em seu peito.

Pincelei meus lábios nos dele e, com um beijo lento e profundo, assinei minha rendição.

Aquela era uma aposta que eu não ia ganhar.



# 13

## OS EFEITOS SONOROS

“(…) de quando você sussurra absurdos no ouvido do meu coração”.  
*Se Eu Corro* — A Banda Mais Bonita Da Cidade

### MATHEUS

Subi as mãos e reivindiquei a nuca de Sofia enquanto seus lábios macios provavam a textura dos meus. Nossas línguas coreografavam movimentos vagarosos, e nossas bocas deslocavam-se com a harmonia de uma dança sincronizada.

Um frenesi inexplicável agitava meu peito. Caos engolfava meu coração. Fogo inflamava minhas veias. Beijá-la era uma experiência ímpar. Nada se igualava à sensação de capturar sua boca e me sentir capturado pelo gosto do beijo.

Aceitando minha derrota com um prazer incomensurável, peguei Sofia no colo.

Seus braços enlaçaram meu pescoço e seus dedos refugiaram-se em meu cabelo.

Durante o trajeto até a cama, seus lábios torturaram minha pele com cálidos beijos úmidos.

Pousei seu corpo sobre os lençóis e, de pé, contemplei a beleza de seus traços e a simetria de suas formas perfeitas.

Mechas de seu cabelo loiro ornamentavam os travesseiros como se fossem fios de ouro bordados em tecido branco.

Seus olhos eram oceanos de luxúria, e sua boca mordida, um convite para a perdição.

Sofia era linda feito uma deusa. E eu era o mortal sortudo que erigiria um altar, me curvaria diante dela e adoraria cada minudência de sua perfeição.

— Você vai ficar aí, me olhando? — Ela usou um tom provocativo.

— Você não faz ideia do que eu vou fazer, paixão — falei, dirigindo-me à primeira coluna do dossel.

Desfiz o laço dourado e libertei o manto de veludo vermelho.

Os lábios de Sofia se curvaram com malícia e, retribuindo seu sorriso, contornei a espaçosa cama redonda e continuei soltando as cortinas atadas aos pilares de estilo greco-romano que circundavam o colchão.

Quando terminei, Sofia estava deitada em uma espécie de santuário.

Aprecei a sublime visão divina e me inclinei.

— Já volto — avisei, beijando seus lábios.

Então, deixei a deusa na tenda sagrada e fui até o painel interativo, instalado a alguns passos de distância.

Respirei aliviado ao avistar o suporte cheio de camisinhas que ficava ao lado. Sequer estava me lembrando de que, para o meu enorme pesar, precisaríamos daquilo. Eu só esperava que aquelas porras

servissem no meu pau.

Antes de pegar algumas, liguei o ar-condicionado e, em seguida, ajustei as luzes.

O quarto imergiu em uma penumbra suave, perturbada apenas pelo fulgor das lâmpadas fixadas ao redor do espelho do teto.

Satisfeito com a iluminação, pressionei o dedo em “música”.

As trilhas sonoras disponíveis dividiam-se em: “*making love*”, “*fucking hard*” e “*making both*”.

— O que a gente vai fazer, paixão? Amorzinho gostoso? Sexo quente e suado? Ou os dois? — perguntei, rindo.

— Matheus, deixa de ser palhaço e vem logo!

Não contive uma risada.

Levei o indicador à opção do meio — que era a única coisa que eu sabia fazer —, e, na sequência, toquei um dos ícones, selecionando um conjunto aleatório de músicas.

Em segundos, uma batida sensual reverberou no ar. Então, um cara começou a cantar em espanhol.

Na tela, li o nome da primeira música: *Chantaje*.

— *Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!* — Sofia deu um repentino grito entusiasmado. — *Malumaaaaaaaaaaaa!*

Peguei as camisinhas, corri até a cama e puxei uma das faixas de tecido.

— Quem é esse cara? — perguntei, jogando os preservativos no colchão.

— Maluma? Um cantor *muuuuuuuuuuito* top! — Sofia exclamou, eufórica.

Eufórica demais pro meu gosto.

Que porra significava “muito top”? Que o cara cantava bem ou que o filho da puta era boa-pinta?

A julgar pela animação de Sofia, provavelmente, a porra da segunda opção.

Fiquei puto. Mas só por uns dois segundos, porque, quando uma voz feminina iniciou a estrofe seguinte, Sofia ficou de pé e começou a cantar para mim enquanto dançava no ritmo afrodisíaco da música:

*Pregúntale a quien tú quieras  
Vida, te juro que eso no es así  
Yo nunca tuve una mala intención  
Yo nunca quise burlarme de ti  
Conmigo ves, nunca se sabe  
Un día digo que no, y outro que si*

Eu, que achei que fosse impossível ficar mais duro do que já estava, descobri que desconhecia a escala de rigidez do meu próprio cacete.

Os movimentos lânguidos e as expressões sensuais que ela fazia, passando as mãos no corpo e no cabelo enquanto remexia o quadril estavam me deixando louco.

Ela estava dançando. E cantando. Em espanhol. Pelada.

Aquela era a visão mais incrivelmente sexy que meus olhos já tinham testemunhado.

Se eu ficasse mais um segundo sem tocá-la, cairia duro. Literalmente.

Subi na cama e me juntei a ela no instante em que o cara cantou: “*yo soy masoquista*”.

Nunca uma frase fez tanto sentido na minha vida. Eu só podia ser a porra de um masoquista para adiar ainda mais o momento pelo qual meu cacete pulsava sem descanso. Em vez de jogá-la na cama e fodê-la do jeito que cada centímetro do meu pau implorava que eu fizesse, comecei a dançar com ela.

Mergulhei uma mão em sua nuca, e Sofia espalmou as dela em meu peito. Suas palmas subiam e desciam enquanto nossos corpos se moviam.

Apalpei sua bunda com a mão livre, e as dela subiram para o meu pescoço.



Roçando a boca em meu ouvido, ela sussurrou:

*Tú eres puro, puro chantaje  
Puro, puro chantaje*

Com um sorrisinho provocante estampado nos lábios maliciosos, ela se afastou e se virou, colando as costas em meu tórax.

Agarrei seu cabelo e trilhei os lábios por sua garganta.

Com a outra mão, alcancei seu peito e apertei a carne abundante e macia, enquanto minha língua estacionava no ponto margeado por sua orelha.

Gemendo e se esfregando em mim, Sofia ergueu o braço e asilou os dedos no meu cabelo, bagunçando e puxando os fios.

Mordi seu pescoço, e ela inclinou a cabeça, cedendo mais espaço para as minhas carícias famintas.

Quando a música acabou, eu já estava no meu limite. O tesão acumulado latejava em cada veia do meu cacete. Eu só conseguia pensar em me perder dentro dela e continuar me perdendo até estar completamente perdido.

— *Un Polvo...* — Sofia suspirou quando a próxima faixa começou a tocar. — É uma das minhas favoritas. — Ela se virou e, grudando a boca na minha, puxou meu lábio inferior.

— Ótimo — rosnei, pegando-a no colo e jogando-a no colchão. — Porque é o que você vai ouvir enquanto eu enterro meu pau na sua boceta.

Abrindo um sorriso sedutor, ela se apoiou nos cotovelos e arrastou o corpo até o início de suas costas alcançarem os travesseiros.

Curvei-me sobre ela e me preparei para adorar cada partícula da minha deusa.

## SOFIA

O peso do corpo de Matheus, o cheiro e o calor de sua pele, combinados ao ritmo envolvente e à letra propícia da música, estavam destruindo minha sanidade.

Ele me beijava com uma fome tão visceral que minhas unhas rasgavam suas costas e os dedos dele castigavam minha coxa.

Labaredas espraíram-se pelo meu corpo quando ele agarrou minha perna e entrou de uma vez, abandonando meus lábios e liberando um gemido rouco em meu pescoço.

Deslizei as mãos por suas costas rijas e usei as pernas para prendê-lo, enquanto o cacete completamente atolado me fazia gemer em seu ouvido.

O modo como a solidez, o comprimento e a espessura compraziam meus músculos internos era surreal. Parecia que o pau de Matheus tinha sido moldado para morar dentro de mim.

Praquela pica maravilhosa, eu daria casa, comida e boceta lavada.

— Tão quente... — Os lábios dele percorreram minha garganta. — E molhada... — Sua boca estacionou em meu queixo. — E gostosa... — Suas palmas cobriram as laterais do meu rosto e sua língua entreabriu meus lábios no momento em que ele saiu e entrou com um movimento vigoroso, sequenciado por várias investidas enérgicas.

Tragando seus gemidos e oferecendo os meus em troca, saboreei cada ângulo de sua boca e desfrutei de cada estocada daquela delícia de foda.

Interrompendo o beijo, Matheus ergueu a cabeça e seu olhar encontrou o meu.

— Eu amo... — Ele estocou de novo e gemeu junto comigo.

Uma sucessão de metidas bruscas provocou uma série de arquejos e roubou o restante da fala.

— Te foder... — ele continuou, ofegante.

Seus olhos queimavam os meus, e seus polegares incendiavam minhas bochechas.

— E eu amo... — Peregrinei suas costas nuas, observando o caminho que meus dedos perfaziam no espelho do teto. — O jeito... — Atingi a musculatura dos ombros largos. — Que você... — Subi as mãos e alcancei sua nuca. — Me fode.

Matheus curvou os lábios, e eu o puxei até seu sorriso safado aterrissar no meu.

Suspiros e murmúrios escapavam de nossas bocas ávidas enquanto ele metia com força, palmilhando minha pele, apertando minha carne.

Longas, profundas e deliciosas, as estocadas preenchiam cada centímetro cúbico do meu interior, emancipando uma miríade de sensações magníficas, que viajavam meu corpo inteiro.

A fricção rude e ruidosa, os beijos incandescentes de Matheus, a intensidade de seus dedos possessivos e nosso reflexo no espelho me colocaram no caminho do gozo em uma velocidade tão vertiginosa quanto a que impulsionava nossos corpos.

Sem parar de meter, ele levantou a cabeça e mirou meus olhos.

Deleite e renúncia navegavam nas águas cristalinas de suas íris.

— Gi... — Sua voz, rouca e arfante, acompanhou o cenho franzido.

Li em seu olhar um aviso velado. Ele estava quase gozando.

— Eu também — arquejei. — Goza comigo, paixão — pedi, naufragando os dedos em seu cabelo denso e macio.

Ele baixou os lábios e aprisionou meu mamilo. O calor de sua boca úmida uniu-se ao atrito das metidas para desenraizar o melhor orgasmo da minha vida.

Ondas poderosas me enleavam em um tsunami de oscilações estupendas quando Matheus jogou a cabeça para trás, liberando um rugido primitivo, que fez minhas células estremecerem de prazer.

Escorreguei as mãos por seu tórax, tocando a camada fina de suor que cobria os músculos de seu peitoral.

Gozando, ele era um espécime ainda mais extraordinário de perfeição masculina.

Inflando e desinflando os pulmões, ele me fitou.

Contemplando seu cabelo desalinhado e sua expressão extasiada, acariciei seu maxilar e puxei seu rosto.

Nossos lábios se enredaram em um beijo rápido, interrompido por nossas respirações alteradas.

Migrando a boca para o meu pescoço, Matheus deixou o corpo cair sobre o meu.

Meu coração acelerado parecia pulsar na mesma frequência das batidas apressadas que vibravam em minha pele.

Minhas pernas entorpecidas e trepidantes eram membros inúteis. Se precisasse me levantar para salvar minha vida naquele momento, eu morreria deitada, com um perpétuo sorriso frouxo na cara.

— Nunca mais vou sair daqui. — O hálito quente de Matheus aninhou-se em minha orelha.

— Do motel? — questionei, ouvindo minha voz alquebrada.

— De dentro de você — ele sussurrou.

Deixei um suspiro escapar e, imediatamente, dei uma risada para disfarçar o lapso. Só que não adiantou muita coisa, porque o som saiu quase inaudível, enfraquecido pela minha falta de ar.

— Gi, eu sou um sem-terra. Posso morar aqui? Aqui pode ser meu lar?

Meu *Deeeeeus*. Por que ele tinha que ser *tããããã* fofo?

— Pode — falei, dedilhando suas costas orvalhadas.

Meus lábios idiotas imitaram o sorriso satisfeito que eu senti em minha bochecha.

— Tô morto. — Ele soltou um longo suspiro extenuado. — Nunca mais vou me levantar desta cama.

— Matheus... — chamei, acariciando os fios de seu cabelo.

— Oi, paixão — ele balbuciou, beijando a região abaixo do meu lóbulo esquerdo.

— Quantos quilos você acha que uma girafa pode aguentar em cima dela sem morrer sufocada? — perguntei, e o corpo dele tremeu sobre o meu.

O som de sua risada embrenhou-se em meus ouvidos e, estranhamente, aqueceu meu coração.

— Você tá com sorte. Eu já pesquisei isso no Google. E a resposta é oitenta e cinco quilos de pura virilidade — ele disse, sem se mexer. — Ou seja, fica tranquila, girafinha. Você vai sobreviver.

Dizendo isso, ele esticou os braços e as pernas, soltando o peso inteiro sobre mim enquanto fingia flutuar.

— Olha, Gi! Eu sou um avião!

— Eu tô morrendo! — bradei, gargalhando e lutando por ar.

Rindo, Matheus apoiou o corpo nos braços e subiu a cabeça.

— Precisa de respiração boca a boca?

Mordi o lábio e assenti.

Então, ele iniciou um beijo lento e inebriante que eletrizou meus poros e disparou meu coração.

Quando seus lábios liberaram os meus, nossas íris se encontraram e mantiveram-se conectadas por vários segundos.

Os acordes de *El Perdedor* ecoavam ao nosso redor, e as cortinas do dossel nos isolavam do mundo.

Eu estava admirando as feições incrivelmente másculas de Matheus quando ele saiu de dentro de mim e deixou as costas tombarem na cama.

Sem dizer nada, tirou a camisinha e, depois de descartar o preservativo no chão, flexionou os braços e entrelaçou os dedos detrás da cabeça.

Quando nossos olhares se cruzaram no espelho, ele desviou os olhos para o meu corpo. Aproveitei a oportunidade para venerar as linhas e os contornos que definiam seu abdome esculpido, as coxas torneadas, os bíceps trabalhados.

Enquanto eu cultuava os músculos de Matheus, Maluma cantava:

*Dime cual fue mi error  
Si mi único delito solo fue amarte  
Hoy soy el perdedor*

Os versos invadiram meus tímpanos, e eu me lembrei da aposta.

Aparentemente, a letra da música também alertou o Chatão, porque exclamamos juntos:

— Você perdeu a aposta!

— Eu perdi a aposta? — Nossas vozes indignadas acasalaram-se outra vez.

Sentei-me abruptamente. Ele fez o mesmo.

— Eu perdi? — Dei uma risada debochada. — Você enfiou o pau em mim, querido! Logo, você perdeu!

— É assim que toda transa começa! Você aceitou transar comigo. Logo, eu precisava enfiar meu pau! — ele justificou, que nem o nariz dele, a propósito.

— Não é assim que toda transa começa! Se eu tivesse sentado no seu pau, eu teria perdido. Mas não senti, não é mesmo? — Abri um sorrisinho triunfante. — A iniciativa foi toda sua, Matheus.

— Toda minha? — ele bradou, com uma risada sarcástica. — Vamos recapitular as coisas, paixão. Você me beijou lá no banheiro, de um jeito que deixava claro que estava louca pra ser fodida. Eu só fiz o que sua boca implorou que eu fizesse. O primeiro impulso foi seu.

— Primeiro, foi você que incluiu beijo na boca nas regras. Segundo, eu só te beijei. Desculpa se o meu beijo é tão maravilhoso que você ficou confuso quanto às minhas intenções!

— Confuso? Eu te perguntei se você queria meu pau, e você disse, com todas as letras: quero!

— Isso fazia parte do meu jogo, que foi bem-sucedido, aliás. *Você* me pegou no colo! *Você* me colocou na cama! *Você* ajustou as luzes, escolheu a música e tudo o mais! E agora vem dizer que o primeiro impulso foi meu?

— E o que você disse quando eu estava escolhendo a música? — Ele fez uma pausa enfática. — Ah, é! “Matheus, deixa de ser palhaço e vem logo!”. — Fui ridiculamente imitada.

— Eu não falei assim, com todo esse desespero! — aleguei.

— Não? — Ele riu. — Você, toda gulosa, praticamente suplicou pra eu levar minha pica até a cama!

— Toda gulosa uma ova! — protestei. — Pro seu governo, eu só estava tentando fazer você quebrar logo a regra, idiota! Burro foi você, que veio correndo!

— Eu não vim correndo!

— Veio, sim!

— Vim andando. Calmamente. Aí, você começou a dançar daquele jeito...

— De que jeito? — perguntei, fingindo inocência.

— Meu Deus, Sofia... Se aquilo não foi você implorando pela minha rola, eu não sei o que foi.

Aquele tinha sido o momento mais deliciosamente erótico da minha vida. A pele dele colada à minha, suas mãos ardentes explorando meu corpo, sua boca quente torturando meu pescoço, os movimentos sensuais que ele fazia, sua pélvis roçando minha bunda com toda aquela malemolência latina... Meu Deus.

Engolindo em seco, fingi a mais absoluta indiferença:

— A dança fazia parte do meu plano friamente calculado para fazer você perder a aposta, Miyake. Nada mais. Aceita a derrota e confessa logo.

— Confessar o quê? — Ele se fez de besta.

— Que você sempre foi apaixonado por mim — respondi, revirando os olhos.

— Por que você quer que eu confesse esse absurdo? — ele perguntou, rindo.

— Tem certeza de que é um absurdo? — Dei uma risada, a fim de mascarar a insegurança que fluía em minha corrente sanguínea.

Eu suspeitava que o Chatão gostava de mim quando era criança. Na época, eu achava que ele me odiava, assim como eu o detestava. Então, anos depois, quando descobri que, na verdade, eu gostava dele, comecei a achar que, talvez, ele também gostasse de mim. Mas não tinha certeza.

Se Matheus sentia alguma coisa, obviamente os sentimentos dele tinham ficado na infância, assim como os meus.

Por isso, eu não estava esperando uma confissão genuína. E, pelo mesmo motivo, não fiquei decepcionada quando ele disse aquele “eu amo” seguido do “te foder”.

Logicamente, eu não esperava que ele finalizasse a frase com um “você”.

Pelo amor de Deus, claro que não! Sério mesmo.

Eu teria que ser louca para achar que ele faria uma coisa dessas.

Matheus e eu nos conhecíamos desde crianças, mas só conhecíamos nossas versões adultas há um dia. Um diazinho.

Que homem faria uma declaração de amor em menos de vinte e quatro horas? E que desequilibrada acreditaria num troço desses?

Sou perfeitamente normal, obrigada. Então, se ele tivesse se declarado, eu teria rido da cara dele. Igualzinho eu fiz com meu vizinho doido.

Já falei, homem bonito e gostoso não faz declarações abruptas de amor. Os bonitos, gostosos, pauzudos e bons de cama, então... Esquece.

Eu morreria sentada se estivesse esperando Matheus se declarar para mim. Graças a Deus, não sou nenhuma garotinha iludida. Sou uma mulher sensata. Provavelmente, a pessoa mais sensata da minha família.

Ainda bem que eu não sinto nada pelo Chatão. Sesentisse, meu coração teria parado depois do “eu amo”. Não parou. Continuou batendo normalzinho.

E ainda bem que Miyake não é perturbado, que nem meu vizinho. Duas declarações bizarras de amor em tão pouco tempo teriam me traumatizado para sempre.

Quanto à falta de declaração de Matheus, eu estava tranquila. O que me intrigava era o seguinte: como eu podia conhecer o Chatão adulto há menos de vinte e quatro horas, se tinha a sensação de nunca ter me despedido dele aos seis anos?

Parecia que ele fazia parte da minha vida.

Mas não fazia.

Matheus tinha ficado para trás no dia da nossa formatura, acenando do lado de fora do carro enquanto papai me levava para longe.

Observando-o pelo vidro traseiro, não bati a mão. Virei o rosto e me sentei no banco. Ele tinha dançado com Duda, minha melhor amiga. Imperdoável.

Durante a dança, fiquei observando os dois o tempo todo. Matheus parecia fascinado pelo cabelo dela, todo cacheado e volumoso.

Por que eu não tinha cachos escuros e bonitos que nem ela? Foi o que eu fiquei pensando enquanto meu par girava minha mão.

Dancei com Igor, o garoto de quem Duda gostava. É claro que não fomos nós que escolhemos os pares. Foi a professora, que só podia ser uma criatura sacana que queria ver o circo pegar fogo, porque qualquer idiota perceberia que minhas briguinhas com Matheus só podiam significar que eu gostava dele, assim como os suspiros de Duda sempre que Igor estava por perto só podiam significar que ele era o amor da vida dela.

O fato é que nossa amizade não sobreviveu à sacanagem deliberada da professora. Aquela foi a última vez que eu vi Maria Eduarda. E teria sido a última vez que eu vi o Chatão, se nossos caminhos não tivessem se cruzado na noite anterior.

— É claro que é um absurdo! — Ele riu.

— Então você nunca foi apaixonado por mim? — sondei.

— Por você? — Ele meneou a cabeça, rindo. — Não.

Foi quando a minha ficha caiu.

— Você gostava de Maria Eduarda — afirmei, sentindo o coração afundar em um poço interminável de desilusão.

— De quem? — Ele franziu o cenho.

Não respondi. Enfiei a mão em uma das aberturas do dossel e saí da cama.

Não podia acreditar que eu tinha cogitado que, naquela época, o Chatão sentia alguma coisa por mim, quando, na verdade, ele gostava da minha melhor amiga!

— Que Maria Eduarda? — ele perguntou, emergindo dos tecidos vermelhos.

Continuei andando e senti sua mão se fechar em meu braço.

— Sofia. — Sua voz, baixa e calma, acariciou meus ouvidos. — Que Maria Eduarda? — Ele repetiu a pergunta quando eu me virei para encará-lo.

— Não sei, Matheus! — ironizei. — A Maria Eduarda com quem você dançou na nossa formatura? A menina do cabelão cacheado, do qual você não tirava os olhos?

Ele sorriu. E, à medida que seu sorriso ia ficando mais largo, minha vontade de socá-lo no meio da fuça aumentava.

— O que eu podia fazer, paixão? O cabelo dela era bonito. — Ele teve a audácia de dizer.

Furiosa, puxei o braço, mas seus dedos se recusaram a me soltar.

— Me larga! — berrei.

Ele agarrou minha nuca e grudou os lábios impetuosos nos meus.

Quando sua boca confiscou a minha, reuni toda a minha força de vontade para empurrá-lo.

Então, realizei meu grande sonho. Dei um tapa na cara do descarado.

O tabefe foi tão forte que eu achei que ele fosse ficar pelo menos meio puto. Mas o cínico alisou o maxilar e enfiou os lábios, visivelmente satisfeito.

— Você deve ser completamente apaixonada por mim, pra ter tanto ciúme de uma garota de seis anos.

— Ele riu.

Não consegui pensar em nada espirituoso para dizer em revide. Estava ocupada demais trincando os dentes e fuzilando aquele idiota iludido.

Completamente apaixonada... Coitado.

— Ela tinha o cabelo bonito — Matheus prosseguiu —, mas eu não estava olhando pro cabelo dela, Sofia. Estava olhando além dele. Na direção de uma garotinha de cabelo loiro, a mais linda do salão.

Minhas íris se transformaram em corações imbecis, minha mandíbula afrouxou, e um suspiro se formou em minha garganta.

Em segundos, virei o retrato ridículo de uma personagem patética de desenho animado.

Antes que o suspiro escapasse e Matheus percebesse minhas indesejadas reações incontroláveis, expulsei o som suspiroso abrindo um sorrisinho debochado.

— Que gracinha. Pena que eu só tinha olhos para Igor. Era dele que eu gostava, não de você.

Uma expressão desolada dominou as feições de Matheus.

Ai, meu Deus, o Chatão gostava de mim!

— Mentirosa — ele disse, com pouca convicção.

— É verdade, Miyake. Ele me deu um beijo no final da formatura, sabia? — blefei.

Matheus arregalou os olhos.

— O quê? O desgraçado te beijou? Na boca?

— Foi só um selinho. — Bati a mão para simular insignificância. — Coisa de criança. Relaxa, paixão.

— Relaxa? Eu vou matar aquele moleque! — ele berrou, como se ainda estivéssemos no pré-escolar e ele fosse dar uns cascudos em Igor na hora do recreio.

Respirei fundo e devolvi, deliciando-me com cada palavra:

— Você deve ser completamente apaixonado por mim, pra ter tanto ciúme de um garoto de seis anos.

Ele me encarou, e a protuberância em seu pescoço subiu e desceu.

— A propósito, você praticamente se declarou lá no banheiro, paixão — continuei. — Então por que você não para com esse teatrinho fajuto e confessa logo que ainda é apaixonado por mim?

É claro que eu não estava falando sério.

E é óbvio que eu não queria que ele confessasse nada.

Nem tinha nada para confessar, aliás.

Aquilo era só uma provocaçãozinha.

Por algum motivo insondável, provocá-lo era um vício que eu não conseguia superar.

E, por alguma razão ainda mais obscura, meu coração infrene galopava pelas campinas do meu peito enquanto eu esperava pela resposta.

Mirando meus olhos com assombrosa intensidade, ele limpou a garganta.

E, então, as palavras vieram.



# 14

## MEU PRIMEIRO AMOR

“(…), o meu coração bate por você”.  
*Meu Primeiro Amor* — Sandy & Júnior

### MATHEUS

— Oi, meu nome é Sofia Theloni. E o seu? — ela disse, estendendo a mão miúda.

— Matheus Miyake — falei, apertando a palma estendida.

— Oi, Matheus Miyake. Minha lancheira é da *Barbie*. Foi meu tio Max que me deu. Quer ver? — Ela se virou, mostrando as costas.

Fiquei hipnotizado pelo cabelo dela. O rabo-de-cavalo loiro, comprido e brilhoso estava atado por um laço de fita azul, que combinava com o uniforme e com os pedacinhos de céu que me fitaram quando ela girou o corpo outra vez.

— E a sua, é de quê? — Sofia perguntou, exibindo uma fileira de dentes de leite minúsculos, emoldurados por lábios cor-de-rosa.

Mirando o coração perfeito desenhado naquele sorriso, eu me apaixonei por ela.

O momento ficou gravado a ferro e fogo em minha memória. Se fechar os olhos agora, posso vê-la usando a saia pregueada do colégio, com a fita azul no cabelo e as alças da lancheira cruzando a camiseta na altura dos ombros.

De olhos fechados, posso ver o coração em sua boca sorrindo para mim enquanto o meu dispara.

— Matheus? Sua lancheira... — ela repetiu, meio impaciente.

— É do Ben 10 — respondi, me perguntando se ela gostaria de lanche comigo no recreio. — Você quer lanche comigo no recreio? — verbalizei o pensamento. — Eu tenho morangos — acrescentei.

Esse foi meu erro. Foi aí que tudo começou a desandar.

— Eu amo moranguinhos! — ela exclamou.

Como o tolo recém-apaixonado que eu era, abri um sorriso idiota, certo de que, se eu desse todos os meus morangos pra ela, ela aceitaria ser minha namorada.

Sofia deu uma risada, e o som melodioso me fez sorrir ainda mais.

— Você tá banguelo! — Rindo, ela apontou o dedo na direção da minha boca.

Cerrei os lábios no mesmo instante, ocultando a lacuna frontal que me causava o maior dos embaraços desde que minha mãe, no ápice da crueldade imperdoável, arrancara meu primeiro dente.

A chacota de Sofia acendeu em meu interior a faísca original, a que deu início a uma fogueira de provocações posteriores.

No nosso primeiro dia letivo, ela feriu meu ego infantil e libertou um monstro que nos acompanharia até o final do nosso pré-escolar.

Uma resposta, rápida e ferina, saltou da minha língua:

— Pelo menos, eu não tô com um laço de palhaço na cabeça!

Arregalando os olhos, ela levou as mãos ao cabelo. Então, rapidamente, trocou a expressão surpresa por adoráveis feições irritadas.

— E, pelo menos, a minha lancheira é da *Barbie*, não essa coisa feiosa do Ben 10!

— E, pelo menos, eu não sou uma chatona que não gosta do Ben10!

— E, pelo menos, eu não sou um chatão que gosta!

— Eu não sou chatão!

— Você é, sim! Chatão!

— Chatona!

Foi assim que tudo começou.

Mas as zombarias não minaram os sentimentos que brotaram em meu coração naquele dia ensolarado de fevereiro. Pelo contrário. Nossas brigas infantis fertilizaram o solo e, na primavera daquele ano, eu conheci o vasto campo de “petalinhas de sol” da fazenda *Sonnenblumen*, onde me casei com Sofia.

Aconteceu no dia 23 de setembro, e eu fiquei tão nervoso quanto o noivo de verdade deve ter ficado.

Sofia estava linda vestida de noivinha. O vestido branco e o aro de flores diminutas que coroava sua cabeça permaneceram indelévels em minha memória.

Minhas recordações são todas vívidas. Quando penso naquele fim de tarde, revejo cada detalhe, como se estivesse revivendo um dos momentos mais marcantes da minha infância.

Não tenho nenhuma foto daquele dia, mas imagino que não consigo disfarçar, nem por um segundo, o quanto eu gostava dela.

E eu gostava tanto que, em dezembro, quando ela partiu, levou meu sol embora, instaurando em meu peito um inverno tão rigoroso quanto o que assolava o hemisfério norte naquela época do ano.

No início de janeiro, minha mãe me levou ao psicólogo. As consultas me renderam vários desenhos de morangos e girassóis, os quais o sujeito nunca foi capaz de interpretar.

Depois do carnaval, voltei para a escola, certo de que tudo não passava de um engano. O pai dela tinha mudado de ideia. Ela estaria lá.

No final do primeiro dia de aula, quando Sofia não apareceu, eu entendi que, a partir dali, todos os meus dias seriam nublados.

Nos meses seguintes, revisitei, vezes sem fim, o momento da nossa despedida. Quando acenei, do lado de fora do ginásio, eu já sabia que ela ia mudar de escola. Ela fez questão de me contar, depois da formatura.

Mas não houve abraço, não houve aceno, não houve nada. Sofia se foi em silêncio, me deixando sozinho com o eco frio de sua voz enregelando meu coração.

Felizmente, o que eu sentia por ela morreu há vinte e sete anos. Nunca mais vou sentir aquela merda.

Não estou apaixonado. Eu teria que ser louco para estar apaixonado por uma mulher que conheço há menos de vinte e quatro horas.

Não sei nada sobre ela. E ela não sabe porra nenhuma sobre mim. Nosso lance é puramente sexual. Estou transformando os sentimentos patéticos do pequeno Matheus em trepadas míticas. Ou seja, estou realizando um sonho que ele sempre teve, mas não fazia ideia. O moleque ficaria orgulhoso de mim, da nossa evolução.

Não vou mentir. Eu gosto de Sofia. Mas minha afeição é fruto da paixão platônica que eu costumava sentir.

Ela marcou minha vida. Foi a primeira e única garota por quem eu me apaixonei, a única que me abandonou. Foi ela que me ensinou a não me apaixonar, a não permitir que outras fizessem comigo o que ela fez. Devo meu estilo de vida à Chatona. Logo, é natural que eu sinta coisas. Mas isso não significa, de jeito nenhum, que eu a amo.



Meu Deus. Não tenho a mínima capacidade de amar uma mulher que não seja minha mãe. Não nasci pra isso, e a prova é o fato de que eu nunca tive uma namorada.

Débora nunca foi minha namorada de verdade. Transei com ela algumas vezes e, como achei que minha mãe gostaria dela, decidi usá-la como minha namorada postiça no dia da festa de Marina, só pra dona Milena parar de me encher o raio do saco com a ladainha desgastada de que eu preciso me casar logo, ter filhos e toda essa merda que as mães acham que os filhos devem fazer, especialmente depois dos trinta.

Para a total fidedignidade da farsa, achei melhor não contar para Débora que ela era meu embuste.

A questão é que ainda faltava um tempo pro aniversário. Então, continuei transando com ela, para garantir que ela viajaria comigo.

Só que eu nasci com um problema no pau, além do fato de ele ser, na verdade, uma perna. Se bem que isso não é um problema. É a solução para todas as gostosas querendo levar umas roladas. Mas isso não vem ao caso.

O fato é que minha terceira perna é severamente alérgica a relacionamentos monogâmicos. Por isso, para o bem do meu cacete — e apesar do meu rolo com Débora —, mantive minha necessária pluralidade de parceiras.

Estava tudo indo muito bem, até eu cometer o vacilo de não resistir ao par de peitos de outra vizinha.

Quis o destino que, antes da viagem, minha falsa namorada flagrasse meu pau escorregando nas tetas da gostosa do 110.

Quis esse mesmo destino que, pouco depois, eu reencontrasse Sofia.

E ali estávamos, cerca de vinte horas após o reencontro.

Minha criança interior estava morta. Morreu quando ela disse que gostava de Igor.

Só Deus sabe quantas vezes eu já sacaneei aquele bosta em sonhos. Ele tá se fodendo na minha mente desde o dia da nossa formatura. Desde os ensaios daquela porra de dança, na verdade.

Meu conforto era pensar que, talvez, Sofia gostasse de mim naquela época. E agora eu descobria que ela gostava dele. Dele, não de mim.

— Mentirosa — falei, falhando em manter alguma dignidade enquanto ocultava minha decepção.

— É verdade, Miyake. Ele me deu um beijo no final da formatura, sabia? — Dizendo isso, ela pisou no coração destroçado do Chatão, que jazia morto no chão do quarto.

A dor que meu eu de seis anos não podia mais sentir se alastrou no meu peito adulto.

— O quê? — berrei, suportando o golpe de mil punhaladas. — O desgraçado te beijou? Na boca?

Por que, quando ela disse “eu amo moranguinhos!”, eu sorri feito um idiota em vez de roubar um beijo dela?

Ah, é. Porque eu era uma criança normal de seis anos, não um maníaco sexual mirim.

— Foi só um selinho. — Ela bateu a mão no ar, como se aquilo não significasse a maior tristeza da minha vida. — Coisa de criança. Relaxa, paixão.

— Relaxa? Eu vou matar aquele moleque! — rosnei, estabelecendo como meta encontrar e assassinar Igor Varela.

Eu já tinha começado a pensar no meu *modus operandi* quando Sofia devolveu, fazendo jus ao clássico “o feitiço virou-se contra o feiticeiro”:

— Você deve ser completamente apaixonado por mim, pra ter tanto ciúme de um garoto de seis anos.

Completamente apaixonado... Ela só podia ser louca.

A merda é que, por alguma razão indecifrável, as palavras dela me fizeram engolir em seco.

— A propósito, você praticamente se declarou lá no banheiro, paixão — prosseguiu. — Então por que você não para com esse teatrinho fajuto e confessa logo que ainda é apaixonado por mim?

Mirando os olhos de Sofia, limpei a garganta e falei a verdade:

— Porque eu não sou.

Eu precisava ser franco. Não podia permitir que ela confundisse meu afeto com paixão. Ou sexo com

amor.

Sofia estreitou os olhos, claramente desconfiada.

Meu Deus. Ela não podia pensar que eu estava apaixonado!

— Então aquelas coisas que você disse no banheiro... — ela começou.

— Você acreditou? — Dei uma risada. — Eu só estava tentando ganhar a aposta, paixão. —

Aproximei-me e toquei seu queixo.

Sofia não precisava saber que mulher nenhuma era tão irresistível quanto ela.

Ou que ela era a mais perfeita de todas.

Ou que eu a queria como nunca quis mulher nenhuma.

Ou que eu precisava tanto dela.

Puta merda! Eu estava apaixonado pela Chatona!

Quero dizer, eu estava apaixonado pela Chatona?

Espera. Vamos analisar os fatos.

O que eu sentia por ela?

Um tesão da porra. Sofia não é só linda. E gostosa. E deliciosamente safada. Ela é a mais linda, a mais gostosa, a mais deliciosamente safada.

Ciúme?

Calma. Preciso de um tempo pra pensar.

.

.

.

.

.

.

É... Um pouco.

Muito tesão e um pouco de ciúme configuram paixão?

Alguém sabe a resposta pra essa pergunta, valendo um milhão de estocadas minhas, que valem mais que barras de ouro?

Dou-lhe uma!

Dou-lhe duas!

Dou-lhe três!

Alguém?

Eu sei a resposta. Tô só enrolando, pra não ter que lidar com a minha própria burrice.

Meu Deus. Não tô acreditando que eu nunca superei Sofia.

Não acredito que um psicólogo, vários desenhos e quase três décadas não foram capazes de me curar.

E o pior nem é isso. O pior é ter demorado tanto pra sacar o que um macaco já teria sacado se tivesse algum lendo esta merda.

Não tô pronto pra isso.

Vou ficar enrolando pra sempre.

Vou criar vários capítulos cheios de embromação.

E parágrafos aleatórios.

Com uma palavra.

Oi.

Ou duas.

Tudo bem?

Foda-se o enredo!

Quem manda aqui sou eu.

De repente, Sofia empurrou minha mão, afastando meus dedos de seu queixo e deixando claro que, infelizmente, eu não tenho controle algum do que acontece nesta história.

Sem dizer nada, ela virou as costas e começou a andar.

Fascinado pelo formato perfeito da minha bunda favorita, fiquei observando o modo como as duas bandas carnudas se moviam a cada passo dado.

Então, ela parou diante do painel e invocou um silêncio abrupto ao desligar o som. Em seguida, iniciou uma caminhada rumo às roupas próximas à parede de vidro.

— Gi, o que você tá fazendo? — perguntei, obrigando-me a interromper meu momento sagrado de contemplação.

— Indo embora. — Ela se abaixou e pegou a calcinha.

Mal tive tempo de admirar a visão. O gesto rápido e as palavras de Sofia me detiveram.

— O quê? Por quê? — Desesperado, venci a distância entre nós.

Abracei seu corpo por trás e coleí a boca em seu ouvido.

— Fica — sussurrei, subindo as mãos e deslizando os lábios por seu pescoço.

Ela soltou um suspiro, mas arreventou meu fio de esperança ao sair do meu abraço.

— Não dá — disse, começando a se vestir.

Eu tinha fodido com tudo.

E agora? Como eu consertaria a merda?

Como eu poderia convencê-la a ficar ali, comigo?

Provavelmente, confessando que sempre fui apaixonado por ela.

Movi os lábios e tentei dizer as palavras, mas, na minha garganta, elas pareciam verbetes tchecos.

Não sendo versado em dialetos eslavos, limitei-me a perguntar, no bom e velho português, por que ela tinha decidido ir embora.

— Esqueci que minhas primas e eu combinamos de sair hoje à noite — Sofia respondeu, sem me encarar, enquanto colocava o sutiã.

— E a festa de Marina? — perguntei, de olho na farta junção entre os peitos dela.

— Eu te disse que não ia, Matheus — ela falou, impaciente, terminando de unir as duas partes de trás.

— E o nosso namoro falso? Sofia, o que eu vou dizer pra minha mãe?

— Isso é problema seu, não meu! — Ela elevou a voz.

— Por que você tá puta? — indaguei, me perguntando se ela realmente esperava que eu fizesse uma confissão.

— Não estou puta. Estou ótima! — Ela abriu um sorriso largo, nada genuíno.

— É por que eu disse que não tô apaixonado? — investiguei.

— Se você tivesse dito que está, eu teria rido da sua cara! — Sofia riu, como se estivesse tentando provar o ponto.

Um ponto falso, a propósito.

— É mesmo? — Dei um passo, e ela recuou.

Continuei avançando, até suas costas roçarem a vidraça.

Quando estava perto o bastante, estiquei os braços e pousei as palmas na superfície fria.

Encurralada, ela ergueu os olhos para me fitar.

À meia-luz, suas íris pareciam mais escuras. Diversos tons de anil formavam o mosaico de cores que cercava suas pupilas dilatadas.

— Quer saber o que eu acho? — Finalizei a pergunta retórica aproximando o rosto do dela.

O calor de sua respiração alterada acariciou minha boca, e o cheiro de sexo que emanava de sua pele não passou despercebido pelas minhas narinas.

— Que você teria pulado no meu colo pra me beijar e dizer, ardorosamente, que me ama. — Entortei os lábios.

Sofia retribuiu meu sorriso presunçoso com uma risada debochada.

— Não sei qual dos dois é maior, seu ego ou seu nível de ilusão.

— Então você não está apaixonada? — Ergui uma sobrancelha.

— Não.

Eu teria que ser muito estúpido para acreditar naquela mentira descarada.

Sofia morria de ciúme de mim, eu tinha um pouco de ciúme dela e nós dois compartilhávamos o mesmo tesão absurdo um pelo outro. Logo, se eu estava apaixonado, ela também estava.

Como eu não tinha sacado isso antes?

Não era uma questão de ego inflado ou autoconfiança excessiva. Era um caso de puro raciocínio matemático.

Se muito tesão mais um pouco de ciúme é igual a paixão, muito tesão mais possessividade é igual a quê?

Exatamente. Quatro pneus arriados.

Eu estava meio apaixonado. Mas a safada estava de quatro por mim!

Só que, orgulhosa e teimosa do jeito que era, ela jamais admitiria.

Nem eu.

Ou seja, estávamos fadados a jogar aquele jogo até um de nós ser vencido pelo cansaço.

O problema era o seguinte: eu já estava cansado.

— Gi — endireitei o corpo e a encarei, sério —, eu sei que você gosta de mim. Você só precisa admitir, paixão.

— Não tenho nada para admitir. — Ela deu de ombros.

Claramente, a Chatona não conhecia minha capacidade de resistência. Eu seria capaz de ficar sem dizer um pio durante anos. Séculos. Milênios.

Não ia ser o primeiro a confessar. Não ia perder a guerra. Nem a pau.

Sou um sujeito perseverante. Minha paciência supera a de Jó.

Outra coisa que ela não conhece é meu poder de persuasão. Eu seria capaz de fazer um monge budista quebrar um voto de silêncio de décadas em menos de um minuto.

— Sofia, não somos mais crianças. — Usei um tom severo. — A quem você está tentando enganar?

— Eu? Ninguém! — ela respondeu, com a ingenuidade de um anjo estampada na face mentirosa.

— Pelo amor de Deus, paixão, confessa! — pedi.

Pacientemente, como se percebe.

Ela fez menção de falar. Meu coração disparou, e meus ouvidos prepararam-se para receber as palavras.

Então, parecendo reconsiderar, Sofia fechou os lábios.

— Não tenho nada para confessar. — Foi o que ela disse, resoluta, segundos depois.

Eu, que tinha duas cabeças duras, descobri que a dela era ainda mais dura que a minha cabeça de cima.

Não ia ter jeito. Eu ia ter que confessar aquela merda.

Assim que pensei em dizer as palavras, elas se amontoaram em minha garganta. Tentei alforriá-las, mas a mistura de vocábulos intraduzíveis recusou minha oferta de liberdade.

— Por que você é tão orgulhosa? — Frustrado, soltei um suspiro.

— Eu não sou... — Tomei sua nuca e calei sua boca com um beijo.

Ela retribuiu minha avidez com a mesma paixão que orientava meus lábios, minha língua, minhas mãos.

Levando os dedos às costas dela, abri o fecho do sutiã. Puxei a peça e, depois de atirá-la no chão, apalpei os peitos de Sofia, libertando seus gemidos e suspiros ao transferir a boca para o pescoço.

Sua pulsação acelerada recebeu meus lábios, e eu desenhei uma linha tortuosa de beijos molhados em sua garganta quente, cheirosa e ligeiramente salgada.

Inspirando os resquícios de perfume empoçados na curva suave de seu ombro, continuei explorando

sua pele até alcançar o mamilo mais próximo.

Envolvi a região sensível e chupei com delicadeza, ouvindo o gemido sofrido que cortou o ar. Deixei a língua passear pela textura macia e chupei o pico intumescido outra vez, com mais intensidade.

Os dedos dela imiscuíram-se em meu cabelo, pressionando meu couro cabeludo com mais força a cada chupada demorada.

Depois de me dedicar ao outro mamilo, tracei uma reta de beijos em seu abdome, enquanto minhas mãos catalogavam suas curvas.

Enganchei os dedos nos elásticos e continuei beijando, deslizando a calcinha por suas coxas grossas.

Quando minha boca alcançou o centro do triângulo e minha língua experimentou a região sem cerimônias, ela abandonou as costas no vidro, soltando um gemido longo e alto.

Puxei uma de suas pernas, pousando-a em meu ombro e deixando Sofia mais aberta para mim.

Intercalando beijos e chupadas e alternando a pressão das lambidas, fui devorando cada espaço succulento daquela boceta gostosa.

Eu poderia morrer ali, com a cara enfiada entre as pernas dela, meu lugar favorito do mundo.

Queria que ela gozasse na minha boca. Queria sentir suas pulsações descontroladas na minha língua, seus músculos internos massageando os dedos que eu tinha acabado de enfiar dentro dela.

Deliciosamente molhada e escorregadia, ela subia e descia, resvalando as costas no painel de vidro e fodendo minha mão enquanto eu chupava o monte inchado que latejava em minha boca.

O volume dos gemidos de Sofia aumentou exponencialmente, até um som poderoso escapar de seus lábios entreabertos.

Erguendo os olhos para apreciar o torpor que se espalhava por suas feições extasiadas, dei meus últimos beijos em seu clitóris e transferi a boca para a parte interna da coxa flexionada.

Gemendo e ofegando, ela mergulhou dedos no meu cabelo, desordenando os fios.

Liberei sua perna e, colocando-me de pé, depus um beijo rápido em seu sorriso satisfeito.

Ela se apoiou em meus ombros, eu agarrei suas coxas e icei seu corpo. Sofia escalou e enlaçou o meu.

— Como você adivinhou que eu não sinto minhas pernas? — Sua voz embriagada caiu em meu pescoço quando eu comecei a me locomover.

— É o efeito Miyake, paixão. Nenhuma mulher é imune ao entorpecimento provocado pelas minhas habilidades linguísticas. Fica tranquila, você não está sozinha — provoquei, e senti minha carne arder. — Meu Deus, Sofia! — reclamei.

— Ops... Acho que unhei suas costas sem querer, paixão — ela ironizou.

— Gi, você precisa aprender a controlar melhor esse ciúme — aticei.

— Que ciúme? — Sofia falou com tanta indignação que qualquer um, não conhecendo a peça, acreditaria no tom exasperado. — Pra onde você tá me levando? Já falei que tenho que ir embora — ela desconversou.

— Quero dar banho em você — expliquei, começando a subir as escadas que nos levariam para o segundo andar da suíte.

— Eu sei tomar banho sozinha, não sou criança — ela alegou.

— Não? — Dei uma risada. — Às vezes, parece que você ainda tem seis anos, paixão.

— Ó quem fala! — Sofia riu. — O supermaduro Matheus Miyake. — Ela empostou uma voz que, provavelmente, era para ser uma imitação da minha.

Não contive uma gargalhada.

— Eu sou bem mais maduro que você — falei, rindo.

Foi a vez dela de gargalhar.

Deleitando-me com o som de suas risadas, que faziam seu corpo chacoalhar sobre o meu, atravessei o mezanino, alcançando o segundo andar.

Portas altas de vidro separavam a segunda cama da área externa da suíte, onde um fluxo de água

cascateava na piscina retangular.

Lá fora, a noite começava a escurecer o crepúsculo. Várias nuances de cinza transformavam o céu numa tela plúmbea.

O vento frio que atravessava as portas abertas, agitando os tecidos fluidos do segundo dossel, era um prenúncio da chuva que, certamente, não demoraria a cair.

Avancei mais um pouco e avistei, do outro lado do quarto, a ampla banheira de hidromassagem, cercada por faixas transparentes e instalada em um patamar elevado.

A fim encher o reservatório e ligar os jatos, deitei Sofia na poltrona mais próxima. Larga, confortável e reclinada, mais parecia uma espreguiçadeira acolchoada. Decerto, aquilo tinha um nome específico. Um que eu desconhecia.

— Já volto, paixão. Vou encher a banheira — avisei, pousando os lábios em sua testa e me afastando.

— Volta logo... — ela disse, toda manhosa, e eu fiz o que ela pediu.

Deixei a banheira enchendo e já voltei duro, louco pra dar uma rapidinha antes de a água atingir a capacidade máxima.

Ia ser ali mesmo, na poltrona.

Comecei a me inclinar sobre Sofia, mas ela me deteve, segurando meu peito.

— Ajoelha. — Seu tom de voz fez meu cacete pulsar.

Solícito, cumpri a ordem.

Descansei os joelhos nas laterais de sua cintura, aprisionando-a entre as minhas pernas.

Soltando um suspiro prolongado, ela deslizou as mãos, percorrendo minhas coxas lentamente, até seus dedos alcançarem minha virilha.

— Eu odeio o fato de você ser tão gostoso — disse, aproximando a cabeça e depositando um beijo em meu abdome.

— Achei que esse fosse o fato que você mais apreciasse, paix... — Puxei o ar quando ela se afastou, segurando meu cacete.

— O fato que eu mais aprecio — ela moveu a mão, me fazendo gemer — é poder calar sua boca enchendo a minha de pica.

Dizendo isso, Sofia engoliu vários centímetros do meu pau, arrancando um gemido do fundo da minha alma.

Chupando tudo até o topo, ela enrodilhou a língua na cabeça da minha rola e subiu os olhos para me fitar.

Forjando um olhar inocente, me abocanhou de novo.

Uma mecha de seu cabelo dourado e sedoso perpassou sua bochecha.

Afastei os fios, mas eles caíram outra vez, ocultando a boca gostosa que eu queria ver engolindo meu cacete inteiro. Juntei todos em um rabo-de-cavalo enquanto ela me chupava, aproximando os lábios da base e arrastando-os novamente até a ponta.

Os dedos de Sofia acariciavam meu saco, e sua língua fazia um tour pelas minhas veias, deixando um rastro quente e molhado em minha pele pulsante.

Aquele orgasmo ia me matar. Mas nem a certeza da minha morte iminente me dava forças para interromper o melhor boquete da minha vida.

Estava me fodendo para o que seria de mim depois daquela gozada. Só sabia que queria encher aquela boca carnuda de porra.

Eu estava quase jorrando quando Sofia tirou a boca, destruindo meus planos de vê-la limpando o canto dos lábios gozados e lambendo sedutoramente o polegar.

Não tive tempo de sequer soltar um palavrão.

— Quero te ver fodendo meus peitos — ela disparou, baixando a cabeça e umedecendo o espaço entre as colinas fartas e macias, onde eu ia enterrar meu pau.

Unindo as duas delícias, ela me encarou, abrindo um sorriso safado.

— Vem, paixão...

— Meu Deus, Sofia... — Enfiei a pica no meio das tetas e fui abundantemente abraçado.

Comecei a meter devagar, observando a ponta subir e desaparecer na junção macia e apertada.

— Gostosa... — Agarrei seu pescoço e aumentei a velocidade das metidas.

Movendo magistralmente os peitos, Sofia mantinha o olhar em meu rosto enquanto afogava meu pau naquela fartura deliciosa.

— Eu vou esporrar tão gostoso nessas tetas... — falei, concentrando os olhos nos mamilos rijos que cercavam o membro ereto.

— Isso... Goza gostoso, paixão... — Um sorriso pecaminoso enviesou seus lábios sacanas.

— Eu vou te lambuzar inteira, sua safada. — Apertei sua garganta e senti a primeira onda do orgasmo minar minhas forças.

Gemendo feito um filho da puta, continuei metendo, enquanto os jatos chicoteavam os peitos de Sofia.

Só parei quando derramei minha última gota de porra, acompanhada do meu gemido derradeiro.

— Parabéns pela obra de arte — ela disse, baixando os olhos e libertando meu pau.

— Obra de arte é esse par de tetas. — Segurando o cacete, deslizei a cabeça da rola em cada um dos peitos esporrados.

Ela subiu o olhar e curvou os lábios maliciosos. Então, como se tivesse lido meus pensamentos, passou o dedo no mamilo e, lentamente, lambeu o polegar.

O que eu havia imaginado não chegava nem perto do que foi a língua úmida e rosada resvalando até a digital de Sofia perpassar seu lábio inferior e alcançar o queixo.

Se eu já não estivesse apaixonado por ela, teria me apaixonado depois daquilo. A melhor espanhola da minha vida e aquela lambida teriam selado meu destino.

Pouco depois, as costas de Sofia estavam grudadas em meu tórax.

Minha boca roçava seu pescoço, e minhas mãos acariciavam seus peitos, cobrindo os dois com a espuma da banheira de hidromassagem.

Movendo a cabeça, ela encontrou meus lábios. Sua boca explorou a minha com delicadeza, sua língua movendo-se vagorosamente e causando um abalo sísmico em meu peito.

A sensação dolorida era incomparavelmente prazerosa. Eu queria sentir aquilo pro resto da vida. Queria beijá-la para sempre.

Quando o pensamento se assentou em meu cérebro, afastei a cabeça de uma vez, interrompendo o beijo.

Tudo bem, eu estava meio apaixonado por ela, confesso. Mas era paixão. Não era nada suficiente para me fazer desejar viver o resto dos meus dias com uma mulher só.

O tesão estava nublando meu discernimento, turvando meu bom-senso, sacaneando meus pensamentos.

Ia passar. Toda aquela paixão ia passar. Assim que eu me enjoasse dela.

Nossos lábios se apartaram, e as pálpebras de Sofia se abriram, revelando a profusão de tons azuis que coloriam suas íris.

— Que foi? — ela perguntou, enquanto meus olhos estudavam cada detalhe de suas feições.

Eu nunca me enjoaria daquele rosto. Nunca me cansaria de apreciar sua testa estreita, as sobrancelhas arqueadas, os olhos claros, o nariz fino, as maçãs altas, os lábios carnudos, o queixo delicado. Nunca me enjoaria de contemplar todas as minúcias que compunham sua beleza extraordinária.

Mas do sexo eu ia enjoar. Inclusive, eu já estava enjoado.

Cinco gozadas haviam colocado um ponto final numa história que tinha começado na minha infância.

Estava passando da hora de virar a página.

— Preciso ir.

— Agora? — A decepção que eu vi nos olhos dela quase me fez retirar, de imediato, o que eu tinha

acabado de dizer.

Aquelas íris eram a minha maior fraqueza.

Sofia detinha o par exclusivo de kryptonitas azuis que me deixavam mais patético que o *Superman* sem poderes. E esse era o motivo pelo qual eu precisava me afastar dela.

— Como você sabe, tenho um compromisso hoje à noite. — Fiz menção de me levantar.

A água perfumada oscilou, e um ruído suave ecoou quando ela ficou de pé junto comigo.

— É. Eu também. Como eu disse, vou sair com as minhas primas.

Pensei em perguntar para onde elas estavam indo, mas não era da minha conta. E, além disso, eu não queria saber.

— Tô atrasada, aliás. Não vou poder te dar carona. Pega um táxi. — Dizendo isso, ela pisou no deck, saindo da banheira.

Se ela achava que eu ia implorar pela carona, podia esperar sentada.

Não queria dar a porra da carona, não dava.

Não sou aleijado. Tenho três pernas. Podia voltar até andando com meu tripé, se eu quisesse.

Tinha sido um erro ir pro motel com ela, no carro dela. Mas, pelo menos, serviu para esgotar minha vontade de transar com a Chatona.

Eu estava, finalmente, curado.

Consegui, usando minha terceira perna, o que os anos transcorridos e o diploma do psicólogo não tinham conseguido.

Sou um herói.

Abaixando-se, Sofia pegou um dos roupões vermelhos dispostos nas proximidades da banheira.

O fato de o meu pau ter reagido à visão daquele rabo molhado não interferia na minha cura. Era uma reação natural, a mesma que eu teria vendo qualquer mulher gostosa virando a bunda na minha direção.

Convencendo-me de que estava tudo certo, saí da água, peguei uma toalha e enrolei na cintura.

— Bem.. — Ela se virou para mim, amarrando a faixa felpuda do roupão em torno de si. — Foi um prazer te reencontrar, Matheus.

— Igualmente — respondi, no mesmo tom gélido que ela usou.

— Tenha uma boa vida. — Sofia se virou e começou a andar.

Nada. Nem um abraço, nem um beijo de despedida. Nada.

Por que eu não estava surpreso?

Se ela achava que eu ia correr atrás dela, estava enganada.

Fiquei parado, vendo-a partir, enquanto me dava conta de que, daquela vez, seria para sempre.

De novo, ela se foi em silêncio, me deixando sozinho com o eco frio de sua voz enregelando meu coração.





# 15

## ISSO É AMOR

“(…), tá rolando amor”.

*A Rosa E O Beija-flor* — Matheus e Kauan

### MATHEUS

— Você tinha que ter contado pra ela — o garoto disse, de cabeça baixa.

Estava sentado no meio do campo de girassóis, as costas escoradas no tronco largo que sustentava a casa da árvore.

As pernas cruzadas apoiavam os braços franzinos, e os dedos pequenos acariciavam o miolo marrom de uma das flores amarelas, que estava deitada em seu colo.

— Contado pra quem? — perguntei, contemplando o tapete infinito de pétalas áureas e compridos caules verdes que se estendia ao nosso redor.

— Pra Chatona. — Devagar, o garoto se levantou, com a flor na mão. — Por que você não contou que a gente é apaixonado por ela? — Ele ergueu a cabeça e me fitou, seus olhos puxados estreitando-se ainda mais por causa do sol, que reinava no límpido céu azul.

— Porque eu não quis. — Cruzando os braços, mirei meu próprio rosto infantil.

— Você precisa contar — ele disse, sério.

— Por quê? — questionei, observando as densas mechas negras que, aticadas pelo vento, flutuavam na testa do menino.

— Porque você sabe que não é só paixão, Matheus. A gente ama a Chatona. — Ele sorriu, e eu fiquei chocado com a expressão lamentável que ele fez.

— Não exagera, moleque. A gente só gosta um pouco dela. Tira essa cara do rosto. Agora — ordenei.

— Ela é o amor da nossa vida. — Em vez de me obedecer, ele suspirou, ficando ainda mais ridículo.

— Você precisa contar isso pra ela. Logo.

— Não vou falar uma merda dessas de jeito nenhum. Muito menos logo — falei, rindo.

— Cada segundo desperdiçado é um segundo a menos da nossa vida ao lado dela. Já perdemos muito tempo, Matheus. O destino roubou da gente todos os anos que me separam de você. Você precisa contar. Se não contar logo, depois vai se arrepender amargamente de cada dia que desperdiçou.

Por que o meu eu criança parecia ser mais sábio que o meu eu adulto?

Ele estava se achando demais. Eu precisava esfregar minhas conquistas na cara dele.

— Eu fiz... coisas com ela, sabia? Coisas que você gostaria muito de fazer, se fosse grande, que nem eu.

— Você beijou ela? — Ele quis saber.

Olha só, até que o moleque não era tolo.

— Beije.

— Que nem meu pai beija minha mãe?

— É, na boca.

E na boceta, eu quis completar. Mas achei melhor não me traumatizar.

— Credo. Que nojo! — Ele fez uma careta, e eu não contive uma gargalhada.

— Achei que você fosse ficar orgulhoso de mim — brinquei.

— Por que eu ficaria? Você brigou com ela e estragou tudo. É por isso que você tá aqui.

— Aqui onde? — Franzi o cenho.

— Aqui, na fazenda. — Ele esticou os braços, indicando os girassóis. — É por isso que você tá sonhando comigo, Matheus.

— Eu tô dormindo? — perguntei, atônito.

— É claro, gênio. Você achou que eu fosse real? — Ele deu uma risadinha.

— É claro que não... gênio! — bradei, envergonhado por sequer ter me perguntado por que eu estava batendo um papo comigo mesmo aos seis anos.

— Vou te contar o que aconteceu. Você achou que ia beijar um tanto de meninas na festa da nossa irmã. Mas acabou dizendo não pra todas, porque nenhuma era a Chatona. E era só nela que você conseguia pensar. A festa nem tinha começado direito quando você decidiu subir pro meu quarto.

— Pra dormir e tentar esquecer — falei, e ele assentiu enfaticamente.

Eu não bebo. Então, não sou como a maioria dos caras, que bebem todas pra tentar esquecer as merdas da vida. Toda vez que eu tô mal, vou dormir e capoto por várias horas seguidas.

— Há quanto tempo eu tô dormindo? — sondei.

— Há um tempão. — Ele confirmou minhas suspeitas. — Antes de mim, você estava sonhando com ela. Tinha uma faixa bem grandona no sonho. *Tava* escrito: “proibida a entrada de menores de dezoito anos”. Aí, não me deixaram entrar, porque eu sou pequeno. Mas perguntei na portaria, e o moço me contou que a Chatona *tava* lá dentro com você.

— Meu Deus! Como eu faço pra voltar pra esse sonho? — perguntei, desesperado.

— Você pode viver esse sonho no mundo real todos os dias, pro resto da vida, Matheus — ele falou, como se fosse um grande mestre da sabedoria. — Pra isso, você só precisa deixar de ser idiota.

O quê? O moleque tinha me chamado de “idiota”?

— Idiota é você — devolvi.

— Você não tem mais seis anos, sabia? — ele zombou, com aquela vozinha irritante de criança.

— E você é chato com borra, sabia? — Fiz uma careta.

— Sou mesmo. Sou o Chatão da Chatona — ele declarou, estufando o peito. — E você estragou tudo. Por sua causa, agora ela tá triste... — completou, cabisbaixo.

— Você nem sabe se ela tá triste... — Engoli o nódulo que confrangeu minha garganta.

— Eu sei, porque não sou idiota que nem você, que brigou com ela e ainda acha que ela não ficou triste.

— Vai dar lição de moral pra sua avó, moleque! Eu briguei com ela uma vez só. Você brigava com a Chatona todo dia, rapaz! O idiota aqui é você!

— Eu posso até ser idiota. Mas você... Você é um idiotão! Pede desculpa pra ela, senão eu vou chutar sua canela! — o tampinha ameaçou.

— Chuta minha canela, que eu te dou um cascudo! — avisei.

É claro que eu ia tomar cuidado pra não dar um cascudo muito forte. Afinal, a cabeça era minha. E eu não ia correr o risco de causar algum dano neurológico que me deixasse com seqüela no futuro.

— Dá, pra você ver! Eu conto pra minha mãe! — ele bradou.

— Filhinho da mamãe! — debochei. — Corre e conta! — Bati as mãos, como quem diz “tô pouco me lixando”.

De repente, uma risada me fez virar o pescoço.

— Você dois são patéticos. — Um garoto de cabelo e olhos castanhos me encarou. — Principalmente você. — A criança de seis anos abriu um sorrisinho vilipendioso.

— Igor Varella — pronunciei, caprichando no desprezo.

— Sofia me ama! E, ao contrário de vocês, eu vou dizer a ela que eu também a amo! — ele gritou e, do nada, começou a correr.

Olhei para a minha versão mirim.

— Você é o único que pode fazer alguma coisa — ele disse. — Toma. Leva pra ela. — Estendendo o braço fino, me entregou o girassol.

Eu já estava correndo com a flor na mão quando ouvi minha voz infantil recomendar:

— Casa com ela, idiota! De verdade dessa vez!

Continuei avançando pelo campo, e logo minhas pernas longas venceram as passadas curtas de Igor.

Enquanto eu me distanciava ainda mais dele, virei o rosto e pressionei o polegar na bochecha, balançando os dedos livres para o perdedor.

Então, eu acordei.

A primeira coisa que fiz depois de abrir os olhos foi procurar o girassol.

Levei alguns segundos para me situar e compreender que estava na casa dos meus pais, sonhando com uma versão muito mais jovem e muito mais esperta de mim mesmo.

Olhei para a janela e me deparei com uma paisagem cinza. As cortinas estavam afastadas, mas o quarto escuro e o céu anuviado roubavam minha noção de quantas horas eram.

Tateei os lençóis à procura do celular e, quando encontrei o aparelho, dei uma olhada no visor.

Meio-dia!

Dei um pulo da cama e corri para o banheiro.

Em meia hora, fiquei pronto. Ajeitei minhas coisas, peguei a bolsa de viagem e desci as escadas, disposto a pegar a estrada.

Eu tinha cinco horas de direção pela frente. E não estava voltando para casa.

Ao cruzar o *hall*, dei de cara com o ex de Sofia.

— E aí, Henrique? — Renato cumprimentou. — Sua namorada não veio à festa, né? Vi você ontem sozinho pelos cantos, meio choroso. Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou, sem disfarçar o sorriso de satisfação.

Cerrei os dentes, controlando a vontade de socar o desgraçado.

Esmurrar um major da Polícia Militar não faria bem à minha carreira, principalmente porque eu não seria indiciado pelo crime de lesão corporal, mas por tentativa de homicídio.

Se o sorriso e o cinismo na voz dele não tivessem me deixado puto, o “meio choroso” totalmente inverídico teria me emputecido.

Mas eu não ia dar ao filho da puta o gosto de saber que tinha conseguido me irritar.

Lutando contra o formigamento nos nós dos meus dedos, abri um falso sorriso largo.

— Marina sabe que você já foi noivo de Sofia?

A fisionomia dele mudou na hora.

— Sofia te contou? — Ele arregalou os olhos.

— Nós nos conhecemos desde a infância. Não temos segredos um com o outro. — Só nos recusamos a confessar nosso maior segredo, completei mentalmente.

— Desde a infância? — ele perguntou, parecendo desconfiar da veracidade das minhas palavras.

— Fomos colegas no pré-escolar — emendei, e ele fez uma expressão surpresa.

— Você é o Chatão? O moleque dos diários?

— Diários? — Franzi o cenho.

— Os diários que ela guarda no baú! — Ele me olhou como se eu fosse idiota. — Você nunca fuçou o

baú?

— Que baú?

Renato abriu um sorriso.

— Interessante... Você nunca esteve no quarto dela. Isso quer dizer que vocês mal começaram o namoro. E já terminaram.. — Ele deu uma risada. — É uma pena, porque ela é das que demoram pra liberar. Ou seja, você nunca vai comer aquele cuzinho gostoso.

Larguei a bolsa e derrubei o desgraçado com dois socos seguidos, que não chegaram nem perto de satisfazer a fúria que controlava meus punhos.

No chão, continuei socando a cara do sujeito, ignorando os berros ensandecidos de Marina, que tinha aparecido na sala.

— *Papaaaaaaaaaaaaaaaaai!* — Ela saiu correndo e voltou segundos depois, com meus pais a tiracolo.

— Henrique! — Ouvi a voz alarmada de minha mãe e senti a mão de meu pai me agarrando com força.

Puxei o braço e dei mais dois murros no desgraçado antes de aceitar a restrição. Infelizmente, eu não podia continuar sem correr o risco de atingir o velho no processo.

— Ficou louco, Henrique? — ele berrou, enquanto Marina corria para o namorado.

— Meu Deus! Olha o que você fez! — ela me fuzilou.

Mirei o rosto do filho da puta. Um dos olhos estava cercado por um hematoma gigantesco. E caudalosos rios vermelhos escorriam do nariz, da boca e do maxilar.

Era pouco, perto do que ele merecia e em comparação ao estrago que eu era capaz de fazer. Mas, pelo menos, aquilo ia ensiná-lo a nunca mais provocar um cara apaixonado que luta boxe no tempo livre.

— A gente precisa ir pro hospital! — Marina exclamou.

— Não — Renato murmurou, tossindo e cuspiendo sangue no tapete imaculado de minha mãe.

Devagar, ele se levantou, me fulminando com os olhos.

— Está tudo bem, Marina — disse, a voz saindo com dificuldade por causa do rasgo no lábio.

— Você pode ter quebrado o nariz! — minha irmã exclamou, mortalmente preocupada.

— Não quebrei — ele afirmou, e, talvez por ser médico, ela não contestou. — Você pode pegar meu kit de primeiros socorros? Tá no meu porta-malas, ao lado da minha mala. — Tirou a chave do bolso da calça e colocou na mão que ela estendeu.

— Vou pegar gelo pra colocar nesse olho! — minha mãe anunciou, correndo para a cozinha assim que Marina saiu.

— Alguém pode me explicar que porra acabou de acontecer aqui? — meu pai vociferou, usando o tom severo que ele guardava para momentos como aquele.

— A culpa foi minha — Renato se antecipou. — Falei o que não devia. Henrique respondeu como qualquer homem apaixonado que acabou de levar um pé na bunda responderia.

Recusei-me a demonstrar que a provocação tinha surtido efeito. Em vez de avançar contra ele de novo, trínquei os dentes e obriguei meus pés a continuarem firmes no chão.

— Dói, não dói? Ser desprezado por ela? — ele prosseguiu, usando o dorso da mão para limpar um pouco do sangue que se acumulava na boca ferida.

— Não tanto quanto a sua cara deve estar doendo — devolvi, quando ele gemeu de dor ao pressionar a área machucada.

— Isso? — Renato deixou outro gemido escapar ao tentar mover a mandíbula. — Não é nada comparado ao que você vai sentir quando se der conta de que a sua vida virou uma merda sem ela. Quando perceber que não há nada que você possa fazer para consertar as coisas, você vai entender que dor nenhuma é páreo para a dor do desprezo de Sofia. Se você também a traiu, pode esquecer. Eu peço perdão desde que ela terminou nosso noivado. Não vou prestar queixa, pode ficar tranquilo. Saber que ela nunca vai te perdoar e que eu não vou ser o único sofrendo por causa dela pro resto da vida me basta.

— Renato? — Marina estava parada na porta, com a maleta na mão. — Eu desconfiei e perguntei se

você já tinha se relacionado com Sofia! Você jurou que não, falou que sua relação com ela sempre foi estritamente profissional! E agora está dizendo que vocês foram noivos? Noivos, Renato? E você a traiu! E, pelo que eu ouvi, ainda gosta dela!

— Marina, eu posso explicar — ele disse quando ela empurrou a maleta e a chave do carro no peito dele.

— Henrique bateu pouco na sua cara! Some da minha vida, seu cafajeste mentiroso! — Dizendo isso, ela correu até as escadas.

— Jesus amado! O que foi dessa vez? — Minha mãe entrou na sala.

— Os dois terminaram. Vai lá conversar com ela, Mi. — Meu pai usou o tom meloso que sempre usa para falar com minha mãe.

Fazendo uma cara nada satisfeita para Renato, ela passou por ele e me entregou o saco de gelo que tinha ido buscar.

— Coloca na mão, meu filho.

Então, começou a subir os degraus.

— Posso pelo menos usar o banheiro pra limpar minha cara? — o desgraçado perguntou.

— Você tem dois minutos — meu pai sentenciou, ríspido.

Assim que Renato saiu, o velho indicou o sofá.

Sentei-me e coloquei as pedras de gelo sobre a carne avermelhada que revestia os nós dos meus dedos.

— Então você se apaixonou por ela... — ele falou, sem cerimônias, sentando-se de frente para mim.

Pensei em negar, mas do que adiantaria, se minhas ações confirmavam o fato?

Não neguei. Nem confirmei. Em vez disso, decidi contra-atacar.

— Então o senhor era apaixonado pela mãe dela... — Usei o mesmo tom irônico que ele usou.

— Susanne Vetter... — ele pronunciou lentamente, parecendo momentaneamente perdido nas próprias lembranças.

Fiquei puto. Ela era a mãe da Chatona? Era. Mas e a minha mãe, porra? Ele não ia enganar minha mãe nem por cima do meu cadáver!

— Se o senhor acha que, por causa de Sofia, vou aceitar seus sentimentos pela mãe dela... — comecei, mas fui interrompido pela gargalhada que ele deu.

— Henrique, eu amo sua mãe! Desde que conheci Milena, meu coração é dela. Suze era, além de minha colega, minha amiga. Quando eu vi Sofia ontem, não tive dúvida de quem ela era filha. Susanne tinha o mesmo cabelo, a mesma altura, os mesmos traços. Eu sempre soube que ela era apaixonada por Plínio. E, quando surgiu a oportunidade de dormir com ela, eu estava ciente de que ela pretendia me usar em algum tipo de vingança. Mesmo assim, aceitei meu papel sem pestanejar. Em nome da futura reconciliação dos dois, é claro.

— Claro — ironizei, e ele riu.

— Como amigo, eu devia ter tentado conversar com ela, para demovê-la da ideia de me usar para se vingar dele. Mas, felizmente, nunca fui santo. E você, mais que ninguém, pode imaginar o quanto seria difícil resistir, mesmo se eu quisesse.

— Minha mãe sabe dessa história? — perguntei, a fim de impedir meu cérebro de conjurar a imagem de meu pai comendo a mãe da Chatona.

— Que história? — Minha mãe quis saber.

Arregalei os olhos quando a vi entrando na sala.

— Marina pediu pra ficar um pouco sozinha, mas me contou umas coisas por alto — ela disse, sentando-se ao lado de meu pai. — Não acredito que Renato foi noivo de Sofia! E que traiu a coitadinha! Por que você não me contou que ela é aquela garotinha que te deixou doentinho de amor, meu filho? A noivinha, Edu, filha de Susanne! A mãe dela é tão gente boa, Henrique, mas tão gente boa que, quando seu

pai me contou que os dois já... — Ela fez uma pausa e me lançou um olhar que me pedia para completar mentalmente. — Enfim... Quando seu pai me contou, na festa do casamento, confesso que fiquei meio abalada. Mas superei rapidinho. Como eu sempre digo, quem vive de passado é museu. Então pode ficar tranquilo! Quando você se casar com Sofia, seremos uma grande família feliz! Quero que o casamento seja naquela fazenda! Vai ser tão lindo! — Ela uniu as mãos e me encarou, com os grandes olhos cor-de-mel brilhando. — Ah, é, de que história vocês estavam falando?

Meu pai deu uma risada.

— Dessa história, Mi. — Ele puxou minha mãe e beijou o cabelo dela. — Henrique estava me perguntando se você sabia sobre Susanne.

De repente, ouvimos o barulho de um motor sendo ligado.

Renato tinha sido esperto o bastante para passar pelos fundos.

— Ele tá indo embora? — minha mãe perguntou retoricamente. — Ai, meu Deus, Henrique, e se ele for à delegacia, meu filho?

— Tô pouco me fodendo — respondi, enquanto meu pai a tranquilizava.

Depois disso, avisei que estava de saída e que, provavelmente, só nos veríamos de novo no próximo feriado.

Quando expliquei para onde estava indo, minha mãe vibrou. Mas enfatizou que eu não sairia de casa sem almoçar.

Enquanto o almoço não ficava pronto, fui ao banheiro e mergulhei a mão debaixo do fluxo d'água, lavando da minha pele os restos de sangue daquele desgraçado.

Saber que a traição de Renato tinha impedido Sofia de se casar com ele diminuía, mas não liquidava a raiva que fluía em minhas veias.

Como aquele filho da puta tinha traído uma mulher como ela? E por que ela ia se casar com aquele imbecil?

Imaginá-la se casando com ele me dava vontade socar a parede até extravasar minha fúria.

Enquanto os nós dos meus dedos iam ficando mais limpos, eu tentava me acalmar. Estava tudo sob controle. Ela não tinha se casado. Em vez disso, tinha me reencontrado.

Eu tinha feito merda? Tinha. Mas estava disposto a corrigir meu erro. Estava disposto a perder a guerra, se isso significasse ganhar o coração da mulher da minha vida.

O garoto estava certo. Eu precisava me redimir. Precisava confessar. Meu orgulho não ia me roubar mais nenhum segundo de felicidade.

Eu amava Sofia, e não via a hora de dizer isso a ela.

— E então, como vocês se reencontraram? — minha mãe perguntou, toda animada, assim que nos sentamos à mesa.

Demolindo minha serra de comida, contei uma versão censurada dos fatos. Quando terminei, ela já estava me implorando para prometer que meu primeiro filho com Sofia se chamaria “Eduardo”.

Nunca me vi casado. Muito menos pai. Mas a ideia de me casar com Sofia e ser pai dos filhos dela não me assustava nem um pouco.

Meu Deus. Só precisei passar algumas horas longe dela para desejar passar cada segundo do resto dos meus dias com ela.

A dimensão do quanto eu a queria também não me assustava, o que só podia indicar que eu tinha perdido completamente a noção do quanto estava fodido.

— Quero chamar meu primeiro netinho de Dudu! — minha mãe exclamou, alheia ao fato de que a realização de seu desejo seria o estopim da Terceira Guerra Mundial.

— O sogrão teria um infarto, mãe. — Dei uma risada.

— Plínio continua ciumento? — meu pai perguntou, rindo.

Contei a história do motel, e ele teve uma crise de riso.

— Tem certeza de que você quer entrar pra essa família, Henrique? Parece que todo mundo é doido.

— Ele riu.

— Por Sofia, vale a pena enfrentar e cometer qualquer ato de loucura — falei, sentindo o coração apertar de saudade dela.

— Ai, meu Deus, que coisa linda! — Minha mãe levou as mãos à gola do vestido. — Só podia ser filho de quem? Do homem mais romântico do mundo! — Ela se inclinou e beijou meu pai.

Na boca.

Baixei os olhos e enchi meu garfo, suportando a dor provocada pelo movimento dos dedos machucados.

— Come logo, menino! — Minha mãe se afastou do meu pai. — Você precisa pegar logo a estrada!

— Estrada? — Ergui os olhos e vi Marina entrando na cozinha. — Você já vai embora? — ela perguntou, arqueando as espessas sobrancelhas escuras.

— Ele tá indo atrás de Sofia! — minha mãe falou, orgulhosa.

— Mãe, o uso dessas palavras me faz parecer um camisolão — reclamei, lembrando-me do termo que Sofia e Luís tinham usado.

— Mas todo homem apaixonado é! — Ela riu.

— Eu, não! — meu pai encrespou, e ela gargalhou.

— Menos você, meu amor. — Alisando o braço dele, minha mãe abriu um sorriso irônico.

— Então você tá voltando pra Príncipe? — Marina indagou, puxando uma cadeira e se sentando ao meu lado.

— Tô indo para Vila do Sol. A prima de Sofia vai se casar lá amanhã — expliquei.

Na verdade, eu não tinha como saber se Sofia já tinha ido. Mas, como não estava certo de que ela me desculparia, achei melhor não pedir desculpa na casa dela. Minhas chances de ser perdoado seriam muito maiores se estivéssemos na fazenda. Eu chegaria no final da tarde, depois de dirigir por quase cinco horas. Ela não me mandaria embora para dirigir mais cinco, mandaria?

— Você vai conseguir dirigir com a mão assim? — Marina pousou o olhar nos meus dedos ardidados.

— Vou — respondi, convicto.

— São praticamente cinco horas de viagem daqui até Vila do Sol. Vai ser difícil passar marcha.

— Não vou passar muita marcha na estrada.

— Eu posso te levar. Deixo você lá e volto. Aí, você vem embora com Sofia. Fala se não é um ótimo plano?

Era um péssimo plano. Da vez que aceitei pegar carona com Sofia, as coisas não tinham terminado muito bem.

Ela não tinha me sacaneado só em relação à carona. Além de me deixar no motel, deixou meus duzentos reais em cima da cama. E, quando eu saí, descobri que ela tinha deixado a porra da conta paga.

Nunca me senti tão emasculado em toda a minha vida.

— Agradeço, mas dispenso, Marina. Dou conta de dirigir numa boa.

— Eu poderia usar essas dez horas de ida e volta para espalhar. Dirigir me ajuda a relaxar. Por favor, Henrique? Eu acabei de sofrer um baque horrível. — A chantagista fez uma expressão entristecida.

— Você me parece perfeitamente recuperada — observei.

— Como você está, minha filha? — meu pai perguntou.

— Estou ótima, papai. Já superei aquele canalha — ela assegurou.

Minha mãe manifestou sua incredulidade com um olhar preocupado.

— Pode ficar tranquila, mamãe. Não vou ficar lamentando a perda de um peso morto na minha vida. Ele não gostava de mim. O coitado ainda está apaixonado por Sofia, que tá cagando pra ele. Vou fazer exatamente o que ela fez depois de dispensá-lo. Vou chamar o próximo da fila, porque comigo é assim: não quer? Tem quem queira!

— Isso mesmo, minha filha! — Minha mãe aplaudiu. — Se Deus quiser, você vai conhecer um rapaz que nem seu irmão. Lindo, de boa família, bem-sucedido, carinhoso, romântico...

— Não tenho a pretensão de encontrar um homem tão perfeito quanto Henrique, mamãe — ela falou, séria. — Ele é peça única. Quem fez jogou a forma fora. Além de ser tudo isso, ele é um irmão maravilhoso e um ser humano inigualável. Tudo que eu quero é dar uma dirigidinha, sabe... Já estou bem, mas queria me sentir um pouco melhor. Só preciso de um pouco de vento na cara. É só isso que eu quero. Você não vai negar um pedido tão simplório à sua irmã caçula, que te ama tanto e só quer a sua felicidade, né, irmãozinho lindo do meu coração?

Abri um pretenso sorriso para demonstrar minha falsa gratidão e, tranquilamente, respondi:

— Vou.

Ela fez uma cara horrorosa de choro.

— Deixa de ser ruim, Henrique... Eu nunca te pedi nada... Fala pra ele deixar, papai. — Marina fingiu limpar uma lágrima.

O velho olhou para mim e disse, com um único olhar, que Marina ia me levar e que isso estava fora de discussão.

“A porra da vida é minha! Eu faço o que eu quiser! Ninguém manda em mim! Tem anos que eu saí desta casa! Eu pago as minhas contas! Não preciso mais carregar Marina pra todo canto! Quero ver quem vai me obrigar!”. Foi o que eu pensei, enquanto me imaginava colocando, figurativamente, o pau na mesa.

— Você não vai trabalhar hoje, Marina? — sondei, ainda tentando me esquivar.

— Dei uma passada lá no Café hoje cedo, assim que acordei. — Ela puxou a travessa de lasanha e colocou um pedaço generoso no prato.

— E como estão as coisas por lá? — comecei a desconversar.

— Ótimas, tirando um probleminha com uma funcionária, que estou pensando em demitir. — Levou uma colherada à boca.

— Por quê? — minha mãe perguntou.

— Ela chega atrasada direto — Marina falou, de boca cheia. — Hoje, por exemplo, chegou às dez da manhã, dizendo que atrasou porque a mãe passou mal de madrugada. Acha que eu sou idiota.

— Tadinha, Marina... A mãe da menina deve ter passado mal mesmo — minha mãe se condoeu.

— Duvido, mamãe. Durante o expediente, eu percebi que ela estava felizinha demais para quem passou a madrugada em claro com a mãe doente num hospital.

— Talvez tenham ligado pra dizer que a mãe dela já estava melhor — minha mãe especulou.

Marina fez uma expressão pouco convencida.

— De todo jeito, vou demiti-la. Devia ter feito isso quando as meninas começaram a fofocar sobre um episódio ocorrido recentemente lá no Café, relacionado a essa moça. Quando perguntei se era verdade, ela negou. Como ninguém tinha provas, eu deixei passar.

— Que episódio? — Minha mãe quis saber.

— Um episódio absurdo, envolvendo um cliente que só vai lá pra dar em cima das funcionárias. Sinceramente, prefiro nem comentar. Enfim... Tirei o fim de semana de folga. Só volto lá na segunda, Henrique. Graças a Deus, minha gerente é bastante competente. Ou seja, posso te levar! Diz que sim, vai, anda, *siiiiiviiiiiiiiim?* — Ela finalizou me abraçando e beijando minha bochecha.

Não ia ter jeito. Eu ia ter que sucumbir.

— Tá — rosnei, e ela comemorou com um grito que quase me deixou surdo. — Mas com uma condição. Você não vai ficar em hipótese alguma. Não tenho convite pro casamento, Marina. Sofia nem sabe que eu vou. Tô indo de gaiato. E penetra não tem direito a *plus one*.

— É claro que eu não vou ficar! — ela bradou, fazendo uma careta ofendida. — Não tenho interesse nenhum nessa festa, Henrique, pode ficar tranquilo.

Cerca de cinco horas depois, a moça do GPS informava que tínhamos chegado ao nosso destino.



Dois seguranças uniformizados velavam o pórtico majestoso da fazenda.

Depois de revelar meu nome, precisei esperar um pouco para que nossa entrada fosse autorizada.

— Nossa, tô me sentindo no cenário de uma novela que se passa numa mansão rural — Marina falou, enquanto guiava o carro pelo caminho pontilhado por altos ciprestes e margeado por gramados muito verdes.

Logo, estávamos diante da sede. Fiquei satisfeito ao constatar que o casarão antigo não tinha sido modernizado. Mas não estava exatamente igual; um andar inteiro havia sido acrescentado.

A casa de três pavimentos se erguia, alta e imponente, exibindo suas janelas amplas e portas altas de carvalho.

— Acho melhor esperar aqui enquanto você entra e pede desculpa, porque, se ela não aceitar, você vai ter como voltar — Marina disse, assim que parou o carro no espaço entre a casa enorme e a imensa fonte que ficava em frente à construção.

Desviei os olhos do anjo de mármore que cuspiam água e encarei minha irmã.

— Você acha que ela não vai aceitar? — perguntei, preocupado.

— Henrique, pelo que você me contou, você cagou feio na pistola. Mulher nenhuma gosta de ser rejeitada. Saber que Renato não gostava de mim doeu. Eu nem gostava tanto dele e a rejeição está doendo, por mais que eu prefira fingir que não. Sofia gosta muito de você, dá pra perceber. E vocês dois estavam lá, no bem bom, quando você se levantou e a dispensou, como se ela fosse uma mulher qualquer. Tenho certeza de que ela está muito magoada. Mas espero que os girassóis amoleçam o coração dela. — Marina lançou um olhar para as flores pousadas em meu colo.

Eu estava me sentindo ridículo por causa delas. Cinco horas atrás, eu nunca tinha entrado em uma floricultura. Mas, por algum motivo idiota, eu precisava fazer aquilo, precisava fazer o que o Chatão tinha me pedido no sonho.

Saí do carro no instante em que Olívia saiu da casa.

— Matheus! Eu sabia que você não ia me decepcionar! — A tia de Sofia abriu um sorriso largo quando me viu e desceu os degraus para me abraçar. — *Huuuuuummmmm*, que cheiroso! Souf vai amar! — Sorrindo, ela se afastou. — Ai, você trouxe flores! Que lindas! Pena que ela vai tacar na sua cabeça!

— Ela já chegou? — perguntei, ansioso.

— Já. Ela tá... Espera... — Olívia inclinou o pescoço. — Tem uma mulher no carro?

Constatando que sim, tinha uma mulher no carro, ela me encarou, cruzando os braços e erguendo uma sobranceira acusatória.

— Ela é minha irmã! — Apressei-me em dizer. — Olívia, esta é...

— A solução para os meus problemas! — ela completou.

— Oi... — Marina cumprimentou, saindo do carro. — Meu nome é Marina. Marina Miyake.

— Muito prazer, Marina! Olívia Vetter! — As duas trocaram beijos no rosto. — Você é do tamanho certinho! Meu Deus, nem tô acreditando que acabei de resolver um problema que agorinha era insolúvel!

— Sofia sabe que eu cheguei? Posso entrar? — perguntei, porque estava pouco me fodendo pro problema que ela tinha acabado de resolver.

Queria era resolver o meu.

— Então... — Olívia cochichou. — Ela não sabe. Tá lá em cima no quarto com Tíci. Estamos só nós três aqui na sede, tá todo mundo espalhado por aí. Quando disseram que você tinha chegado, eu vim correndo! Vem, vou te levar pro quarto dela. Depois, faço ela ir pra lá. Aí, você pede desculpas e tal, faz uma declaraçõzinha... Você vai fazer, né? — Ela arregalou os olhos. — Porque Souf tá puta! Com razão, né, porra? — Ganhei um tapa gratuito no braço. — Vai ter que ser uma senhora declaração! Se não for uma no nível da que Max fez pra mim, nem faz! Aliás, acho que vai chover. — Ela olhou pro céu, fazendo com que Marina e eu também erguêssemos nossas cabeças.

Muitas nuvens escuras se adensavam lá no alto, acima do telhado do casarão.

— Talvez você prefira se declarar debaixo de chuva! — Ela voltou a me fitar.

Então, estalou a língua.

— Não. Esquece o que eu disse. Primeiro, não quero ninguém copiando minha história com o cretino. Segundo, vai ser muito difícil vocês conseguirem se pegar no mato, debaixo do toró. Melhor lá no quarto mesmo, com a cama e tal... A não ser que vocês se peguem aí no carro. Aí, sim... Aí, eu recomendo.

— No meu carro? — Marina gargalhou.

— Deixa, Mari? — pedi, só pela pirraça.

Olívia riu.

— No carro, na cama, no chão, tanto faz. Eu só não recomendo camisinha, porque tô doida pra ser tia-avó! É meu sonho, sabia? Quero ser uma tia-avó tão legal quanto minha tia Ercília!

— E eu sou louca pra ser tia! Também é meu sonho! — Marina exclamou, e as duas deram gritinhos entusiasmados.

Meu Deus. Minha mãe, Marina, Susanne, Olívia... Aparentemente, todas as mulheres que eu conhecia não tinham noção alguma do que era criar uma criança.

Não que eu tivesse, claro.

— Vai logo, Henrique! Vai encomendar meu sobrinho! Não vou te esperar, tá? Tô confiante de que vai dar tudo certo! Então eu já tô indo. Boa sorte! — Marina me abraçou.

— Ficou louca, porra? — Olívia riu. — Você não vai embora! Você caiu do céu, Marina! Tíci torceu o tornozelo hoje cedo. Não foi nada grave, mas ela está com o pé imobilizado. O problema é que ela é uma das madrinhas e, por causa do acidente, não vai poder entrar. Mas olha que coincidência! Vocês duas têm mais ou menos a mesma altura e, pelo que eu tô vendo, basicamente as mesmas medidas! O vestido vai caber feito luva!

— Ah... Sinto muito, mas não vou poder... Eu nem conheço a noiva e, além disso... — minha irmã começou.

— Marina, quem ficou sem par foi Lipe, irmão de Sofia — Olívia interrompeu. — Você vai mesmo negar esse favor ao cunhado do seu irmão? Tem certeza de que vai deixar seu concunhado sem par?

— Eu gostaria muito de poder ajudar, de verdade. Tenho certeza de que ele é uma ótima pessoa, que merece um par e tal, mas só vim trazer Henrique mesmo. Tô só com a roupa do corpo e...

— Isso não é problema! — Olívia cortou. — As meninas vão te emprestar tudo, pode ficar tranquila.

— Ah, eu me sentiria muito mal incomodando...

— Não seria incômodo nenhum, sério. Pelo contrário! Você estaria fazendo um grande favor pra Lipe. Tenho certeza de que ele ficará muito grato.

Marina olhou para mim, em busca de ajuda. Como eu estava ansioso, louco para sair dali, declarei:

— Ela fica.

— Henrique! — minha irmã reclamou, me fuzilando.

— Agora, pelo amor de Deus, Olívia, me leva até Sofia! — implorei, ignorando o olhar letal de Marina.

— Com todo o prazer! Vamos entrar! — Olívia enlaçou o braço no de minha irmã e começou a nos guiar para dentro do casarão. — Prometo que você vai gostar de Lipe. Além de inteligente e divertido, ele é lindo! Não tão lindo quanto Teo, meu minicretino, mas é lindo, eu garanto!

— O sujeito é mais feio que a desgraça, Marina. — Dei uma risada.

— Homens... — Olívia suspirou. — Você sabe, né, Marina? Quanto mais eles dizem que um cara é feio, mais gato ele é. Pode confiar, Lipe é maravilhoso.

— Na verdade, tanto faz. Eu não ligo. — Marina deu de ombros.

— Ah, tá... — Olívia usou um tom sarcástico. — Espera só até você colocar os olhos no pedaço de homem que eu chamo de sobrinho. Você tem namorado? — ela perguntou, quando começamos a subir as escadas.

— Graças a Deus, não — Marina falou, soando ligeiramente amarga.

— Ai, ai... Prevejo um casamento duplo entre Miyakes e Thelonis! Você se importa de esperar um pouquinho pra marcar a data, Matheus? — A tia de Sofia virou o pescoço para me encarar.

— Olívia, para de colocar ideia fraca na cabeça de Marina. Só tem lugar pra um Miyake na família Theloni. E esse Miyake sou eu. O sogrão não sobreviveria a dois.

Ela deu uma gargalhada.

— A gente pode andar mais depressa? Quero garantir logo minha vaga — brinquei, e ela riu mais ainda.

Instantes depois, eu estava no quarto que Sofia estava ocupando na fazenda.

A cama antiga, o dossel de babados, as paredes florais e a decoração clássica davam a impressão de que eu tinha sido transportado para outra época.

Quando me deixou sozinho, Olívia garantiu que esconderia Marina e que traria minha girafinha em dois minutos.

Mas eu já estava esperando há um século. Os girassóis já tinham até secado. Estavam mais secos que minha garganta.

Havia uma jarra de porcelana em cima de um dos criados de madeira escura. Fui até lá e espiei o conteúdo. Água.

Enchi o copo que estava ao lado da jarra e experimentei um gole. Não estava gelada, mas dava para beber.

Quando terminei de saciar minha sede, enfiei as flores dentro da jarra.

Depois, enfiei a mão no bolso e peguei uma pastilha de menta.

Então, enquanto o sabor herbal envolvia minha língua, comecei a andar de um lado para outro, marcando o tapete com meus passos repetitivos.

A ansiedade me fazia coçar a nuca a cada cinco segundos. E meus batimentos acelerados me faziam acreditar que eu não sobreviveria àquilo.

Caminhando pra lá e pra cá, percebi que beber um copo cheio d'água havia sido um erro. Eu estava há cinco horas sem ir ao banheiro, e o acréscimo líquido tinha elevado o volume da minha bexiga ao máximo.

Como eu ia transar direito com vontade de mijar?

Quero dizer, eu esperava (muito) que Gi e eu fôssemos transar (muito).

Durante a viagem, arquitetei um plano. Primeiro, eu pediria desculpas. Depois, eu confessaria que era apaixonado por ela na infância. E, por último, eu diria que nunca deixei de ser, que eu a amo e que sou louco por ela.

Na minha cabeça, Sofia aceitaria meu pedido de desculpas e diria que também me ama. Então, a gente manifestaria nosso amor na cama.

Embora eu soubesse que as coisas podiam acontecer de outro modo, eu não queria pensar em outro desfecho.

Por isso, precisava, com urgência, resolver a situação da minha bexiga.

Desesperado, olhei em volta, torcendo para o quarto ser uma suíte.

Aproximei-me do guarda-roupa embutido, que cobria uma parede inteira, e agarrei o puxador da última porta. Para o meu alívio, me vi em frente à entrada de um banheiro.

Diante do vaso, ergui a tampa, abri a calça, puxei a rola e experimentei a sensação sublime de me esvaziar por completo enquanto minha alma ascendia aos céus.

Aquilo só não era melhor que gozar.

Antes de sair do banheiro, notei, pelo basculante, que estava começando a chover.

Gotículas cristalinas beijavam o vidro quadrado e escorriam tortuosamente pela superfície enquanto o dia virava noite.

Voltei para o quarto e, assim que pisei no carpete, meu coração parou.

Em seguida, disparou.

Sofia estava de costas, acariciando as pétalas dos girassóis.

Usava uma blusa de frio clara e comprida, que cobria metade da saia jeans.

O cabelo loiro, preso em um coque volumoso, se soltou no instante em que ela virou a cabeça, provavelmente alertada pelas palpitações ruidosas que agitavam meu peito.

Quando seus olhos surpresos encontraram os meus, um sorriso brotou em meus lábios.

E, então, aconteceu o inesperado.



# 16

POR QUE NÃO TÁ AQUI?

“(...) a cama tá reclamando, a casa, te chamando, vem logo me ver”.

Nós — Anavitória

SOFIA

— Lipe não tem um par. Eu não tenho um par. Logo, vou entrar com Lipe — concluí, pegando a escova em cima da penteadeira.

Voltei a me sentar de frente para Letícia, que estava confortavelmente escorada nos travesseiros da cama, e comecei a pentear seus fios naturalmente alaranjados.

— Você quer entrar com Lipe? — Ela quis saber, assim que as cerdas macias deslizaram por uma mecha acobreada.

— É claro que não, né, Tíci. — Revirei os olhos, pousando a escova em meu colo. — Tem humilhação maior que entrar num casamento acompanhada do próprio irmão? Ainda mais no meu caso, que é por pura falta de opção.

— Até parece que é por falta de opção. Qualquer convidado gato daria uma das bolas para entrar com você, Sofia. E nós duas sabemos que o que não vai faltar nesse casamento é convidado gato. Pena que eu machuquei o pé. — Tíci soltou um suspiro, lançando os olhos para o tornozelo imobilizado. — Mas você não vai precisar de nenhum deles. — Ergueu o rosto para me fitar. — Porque vai entrar com Matheus. Confio em tia Liv. Se ela diz que ele vem, ele vem.

— Ele não vem — afirmei, categórica.

— E se ele vier? — Minha prima arqueou uma sobrancelha ruiva.

— Já falei que ele não vem! — bufei.

— Tá, mas, suponhamos que ele venha e te peça desculpas. Você vai desculpar, né?

— Nem se ele implorar de joelhos. — Reuni toda a minha altivez para responder.

— E se ele disser que te ama? — As íris castanho-escuras reluziram, revelando um brilho que eu só podia denominar de inocência juvenil. — E se ele fizer uma declaração digna da que o Visconde de Miyatti fez para Lady Sophie quando invadiu o quarto dela?

A espantosa ingenuidade de Letícia me fez gargalhar.

Até parece que o idiota do Matheus seria capaz de falar coisas tão lindas quanto Lorde Matthew!

Eu amo os romances de tia Liv, mas, convenhamos, os personagens masculinos não são verossímeis.

O único que faz jus à realidade é o Duque de Fetcher, que é baseado no meu tio Max. Os outros são homens de contos de fadas.

Todos os lordes são perfeitos. Lindos e fortes. E ricos. E inteligentes. E bem-dotados. E românticos e divertidos e completamente apaixonados pelas mocinhas.

É bom ler as histórias e sonhar com um cara desses? É maravilhoso!

Mas é preciso ter consciência de que, na vida real, é impossível um homem reunir, ao mesmo tempo, todas essas qualidades estupendas.

Matheus é isso tudo e mais um pouco? É. Mas não está apaixonado por mim, a mocinha desta história. Por isso, quero mais é que ele vá à merda.

Matthew Miyatti é pura perfeição. Matheus Miyake é pura decepção.

Eu ainda estava rindo da conjectura inocente de Letícia (e da minha própria desgraça) quando um giro na maçaneta antecedeu a entrada de tia Liv.

— Souf, você não vai acreditar! — ela exclamou, mais efusiva que o normal, e meu peito deu um solavanco.

— Ai, meu Deus! Ele chegou? — Tíci arregalou os olhos, e meu coração saiu a pleno galope, como um alazão recém-libertado num descampado.

— Matheus? Não. — Tia Liv fez uma expressão entristecida, e meus batimentos cardíacos voltaram, gradativamente, ao normal.

Não havia a menor chance de ele aparecer na fazenda. Eu sabia disso. Mas meu crédulo coração era tão ingênuo quanto minha prima.

Prova disso era o fato de que estava apaixonado pelo Chatão.

*Meu coração estava apaixonado, não eu.*

Ele é burro. Eu sou inteligentíssima.

Cheguei à brilhante conclusão de que meu órgão palpitante estava com sérios probleminhas quando Matheus o espatifou em mil pedacinhos.

Eu, Sofia Theloni, quero que ele morra.

Mas meu coração destroçado só quer que ele venha logo colar nossos caquinhos.

Vou fazer um transplante. Não dá pra continuar vivendo com essa burrice anômala pulsando no meu peito.

A pior parte de ter um coração retardado é que, quando ele está partido, quem sente a dor sou eu.

Tô louca pra chegar segunda-feira. Vou ao cardiologista. E ele vai dar um jeito na minha dor.

A segunda pior parte de ter um coração retardado é que, quando ele está sofrendo, meus olhos, por algum motivo bizarro, lacrimejam.

Não é choro de verdade, eu gostaria de deixar isso claro.

É um efeito colateral do sofrimento. Um efeito inevitável, o qual, infelizmente, eu não consigo controlar, o que é bem estranho, porque, quando descobri que Renato me traiu, reprimi o ímpeto de cair em prantos. Não derramei uma lagrimazinha sequer.

Por isso, imagine a minha perplexidade quando, ainda no motel, virei as costas, sentindo uma lágrima involuntária pinicando meu olho, tremulando em meus cílios, desprendendo-se e caindo, quente, copiosa e voraz, em minha pele.

Enquanto descia as escadas, limpei o rosto com força, secando a lágrima raivosa, causada pelo impacto lancinante do desprezo.

Então, várias linhas salgadas, intrusas e desenfreadas inundaram minhas bochechas, e eu atribuí a abundância salina ao ódio visceral que estava me consumindo por eu ter sido rechaçada com tanto descaso.

Mas, depois dos soluços que parei de conter quando alcancei o carro, não consegui mais mentir para mim mesma. Tinha chegado ao meu limite.

Precisei aceitar que não estava chorando de raiva. Estava chorando porque era o fim.

Eu nunca mais veria o sorriso lindo que fazia meu coração disparar. Nem ouviria as piadas e trocadilhos ridículos que me faziam rir. Nunca mais provaria o gosto perfeito do beijo dele. Nem sentiria o cheiro delicioso de seu perfume.

Estava chorando porque meu coração tinha se apaixonado e não era correspondido pelo coração de pedra de Matheus.

Eu avisei, não avisei? Não é só o pau das estátuas gregas que é duro. O coração também é de pedra, lembra?

Por que eu não ouvi meu próprio maldito conselho?

Durante o trajeto, deixei a represa transbordar até meus dutos lacrimais ressecarem. Mas, quando saí do carro, saí decidida a esquecer Matheus Miyake. Enxuguei as lágrimas, engoli o choro e vesti minha capa de amor-próprio, disposta a dar a volta por cima.

Desde então, era exatamente o que eu estava fazendo.

— Não é Matheus, mas você recebeu flores! Acabei de deixá-las no seu quarto! — Tia Liv exclamou, eufórica.

— Ai, meu Deus! — Letícia berrou, afastando-se dos travesseiros. — São dele?

Meu coração idiota saiu galopando sem rumo outra vez, enquanto eu estava pouco me lixando para a resposta.

— Não sei. Vai lá olhar, Souf. — Minha tia se sentou ao meu lado na cama.

— Agora, não. Vou trançar o cabelo de Letícia — falei, indiferente.

— Deixa que eu tranço! — Tia Liv arrancou a escova da minha mão. — Vai logo, porra! Tô curiosa pra saber de quem são as flores!

— Eu, não. Nem de flores eu gosto.

— Mentira! Você ama girassóis! — indignada, ela me fitou.

— É, mas nunca me deram girassóis. — Puxei a escova de volta e recomecei a fazer Letícia de boneca.

Adorava trançar o cabelo dela desde que éramos mais novas. Nunca perdemos o hábito. Ali, na fazenda, era ainda mais divertido, por causa dos móveis antigos e da decoração oitocentista. A gente costumava fingir que Tíci era uma lady, e eu, a criada que fazia penteados elaborados. Tudo influência dos romances de época de tia Liv, claro.

— E se eu disser que as flores que estão te esperando são petalinhas de sol? — Girei o pescoço e me deparei com seu sorrisinho satisfeito.

A expressão que eu costumava usar na infância infiltrou-se em meus ouvidos, e uma lembrança doce eclodiu em meu cérebro sem a minha autorização.

— Essas petalinhas de sol são a coisa mais bonita da fazenda todinha! — declarei, acariciando um dos infinitos girassóis que nos cercavam.

— Não são, não — Matheus discordou, e eu virei o rosto para encará-lo.

— São, sim, Chatão — falei, com rispidez.

Por que ele nunca concordava com o que eu dizia?

— Não são... — Meu colega estendeu o braço e, sem aviso, tocou meu cabelo.

— Que foi? — indaguei, ressabiada, movendo bruscamente a cabeça.

— Tinha uma petalinha nele — respondeu, recolhendo os dedos.

— Cadê? — Olhei para a mão vazia que abandonou meus fios.

— Eu tirei, e ela voou. — Deu de ombros.

— Petalinhas não voam — assegurei.

— Voam, sim — ele disse, contundente.

— Não voam — afirmei, resoluta.

— Voam — insistiu.

— Não voam! — bradei com impaciência.

— Quer ver? — Matheus puxou várias pétalas de uma vez, despetalando metade do girassol mais próximo, e jogou todas para cima.

Movi os olhos para o alto, fascinada com a chuva de petalinhas de sol.

— Isso muda as coisas, não muda? — A voz de tia Liv soprou a recordação para longe.

Pisquei, mirando o rosto que analisava o meu.

— Alguém me enviou girassóis? — perguntei, cética.

— Isso você só vai descobrir se for lá conferir. — Os lábios carnudos que tio Max venerava se curvaram em um sorriso enigmático.

Soltando um suspiro derrotado, larguei a escova, fiquei de pé e ajeitei minha saia.

— Vou lá olhar e já volto.

Ela levou os dedos à boca, como se estivesse tentando conter uma risada. Achei estranho, mas, como tia Liv é doida e eu estava curiosa, caminhei até a porta e, assim que sumi de vista, disparei para o meu quarto.

Não que minha curiosidade tivesse alguma coisa a ver com Matheus. Até porque é claro que as flores não eram dele. Não havia a mais remota possibilidade de serem. Ou seja, elas estavam a salvo. Não iam parar no lixo.

Meu coração retumbante, as gotas que tilintavam no telhado e meus passos apressados ecoando no assoalho eram os únicos ruídos audíveis no corredor silencioso, cujas pinturas penduradas nas paredes velavam minha caminhada veloz.

Ouvindo o rangido da dobradiça, empurrei a madeira e entrei, trancando-me no recinto.

Quando o clique da fechadura ressoou, redirecionei o corpo e deixei os olhos passearem pelo cômodo espaçoso e ricamente decorado.

Ao lado da cama coberta por um edredom rosa pálido e envolta por cortinados e babados do mesmo tom estava a jarra de água, amparada pelo criado-mudo.

Dentro dela, uma dúzia de girassóis exibia suas exuberantes pétalas amarelo-ouro. De longe, divisei um quadrado branco preso entre elas.

Fui até lá e, com o coração aos pulos, circulei um dos miolos, experimentando a sensação de tocar as espinhas escuras que as incontáveis petalinhas de sol rodeavam.

Só então criei coragem para retirar o cartão.

Abri a aba e, com as mãos trêmulas, puxei o pedaço de papel.

A caligrafia inconfundível de Matheus arrancou um sorriso instantâneo dos meus lábios.

Li o que estava escrito, e o sorriso incontrolável não coube em meu rosto.

***“Para a ‘coisa mais bonita da fazenda todinha’.  
Com amor, da segunda coisa mais bonita da fazenda todinha”.***

Sorrindo feito uma idiota, usei as pontas dos dedos para tocar a textura aveludada das flores.

Fechei os olhos e me imaginei roçando os lábios de Matheus com os meus.

Foi quando a fragrância diluída no ar se impregnou em minhas narinas e atestou meu diagnóstico de loucura.

Másculo e amadeirado, o aroma cheio de promessas quentes suscitou uma profusão de arrepios em minha espinha.

Eu estava tão louca que podia jurar que o cheiro dele perfumava o oxigênio que meu nariz inspirava.

Mais que isso, eu podia sentir o calor de sua presença enquanto minhas pálpebras mantinham-se fechadas.

Para comprovar meu manifesto estado de demência, descerrei os cílios e virei o pescoço, sentindo o cabelo se soltar e pesar sobre os ombros.

Quando meus olhos arregalados encontraram as incandescentes águas exóticas que me fitavam, Matheus abriu um sorriso radiante, que aqueceu minha alma e derreteu meu coração.



Ao vê-lo, não contive a explosão de felicidade que me transformou em milhares de partículas faiscantes. Acabei suspirando ridiculamente.

Eu amava aquele idiota.

Verdade seja dita, meu coração e eu éramos a mesma pessoa; a mesma pessoa patética e estupidamente apaixonada por Matheus Miyake.

Mas, se o Chatão achava que ia me comprar com belos girassóis, palavras fofas, perfume envolvente e sorrisos fulgurantes estava redondamente enganado!

Ele não ia me esnobar e voltar, todo lindo daquele jeito — meu Deus do céu, que homem —, achando que podia me conquistar de volta num estalar de dedos!

Ah, mas não ia mesmo!

Se quisesse perdão, ia ter que rastejar chorando e implorando. Depois que lambesse as próprias lágrimas dos meus pés, eu ia pensar no caso dele. Pensar!

Minha estratégia já estava toda arquitetada.

Meu cérebro já estava pronto para agir.

Mas, enquanto eu contemplava aquele sorriso ofuscante, que fazia os olhos dele cintilarem, meu coração indômito tomou as rédeas.

E, então, aconteceu o inesperado.



## DE DOIS CORAÇÕES

“(...) um só se fez”.  
*Dois Corações* — Melim

### SOFIA

— Eu te amo.

As três palavras escapuliram da minha garganta no instante em que abandonaram a de Matheus.

Fiquei muda, atônita por ter dito e maravilhada por ter ouvido.

— Eu ouvi direito? — Estupefato, ele venceu os metros que nos separavam, e suas mãos, grandes e quentes, aninharam meu rosto.

— A única coisa que você ouviu foi você mesmo dizendo que me ama, querido — debochei, com os olhos fixos nos dele.

— Então você não disse que me ama? — perguntou, intensificando o olhar.

Titubeei. Não era nada fácil mentir enquanto eu me afojava naquele par de lagos transcendentais.

— Eu, não — neguei, desviando os olhos para a janela fechada, salpicada de pingos de chuva.

— Mas você me ama? — Matheus aproximou a cabeça e tangenciou os lábios macios nos meus, emancipando uma nuvem de borboletas em minhas entranhas.

A voz sussurrada, a leveza do toque sutil e o frescor do hálito mentolado extraíram a resposta com assombrosa facilidade.

— Amo — murmurei em sua boca.

Enrosquei os dedos em seu cabelo e aprisionei seu sorriso em um beijo longo e intenso, que enfraqueceu meus membros e sobrecarregou meus pulmões.

— Mas você falou primeiro — ofeguei, afastando-me sem abandonar seu pescoço.

Os lábios de Matheus, úmidos e avermelhados, se curvaram.

— Nós falamos juntos, paixão. — Seus braços se fecharam ao meu redor.

— Não vai ser essa a história que eu vou contar, Miyake. — Dei um beijo no maxilar barbeado, ligeiramente áspero. — Vou dizer pra todo mundo que você se ajoelhou e, chorando escandalosamente, implorou meu perdão, confessando seu amor incondicional. E eu, uma alma caridosa, decidi te perdoar, depois que você lambeu meus pés, cumprindo sua penitência.

Uma gargalhada estrondosa, composta por uma miríade de notas perfeitas, embrenhou-se em meus ouvidos, chacoalhando os ombros largos que serviam de apoio para os meus pulsos.

— Eu te amo tanto que sou capaz de confirmar esses absurdos todos — ele disse, pincelando os lábios nos meus. — Mas prefiro a versão original, na qual somos tão feitos um pro outro que nos declaramos ao mesmo tempo.

— Não era pra gente ter dito ao mesmo tempo... — choraminguei. — Era pra você ter dito primeiro! Eu ia enrolar um tempão pra dizer. Não sei o que aconteceu...

— Eu sei. Você me ama demais e não aguentou esperar, paixão. Precisou extravasar todo o amor que sente por mim. — Ele abriu um sorrisinho enviesado.

— Você tá achando que eu tô boa com você, Miyake? — Saí de seu abraço. — Ajoelha e pede desculpas. — Apontei o chão com o indicador.

— Mas você já me desculpou, Gi. — Ele riu. — Tá na hora de a gente selar nosso amor. — Dizendo isso, o descarado tirou os sapatos e, em seguida, puxou a camiseta pela gola, atirando a peça no piso acarpetado.

Não fiz nada para impedi-lo. Estava ocupada demais examinando seu cabelo denso e escuro, os traços fortes e os ângulos retos que formavam o desenho do rosto simétrico, os músculos firmes dos bíceps e do peitoral, as ondulações do abdome, as veias saltadas dos antebraços, os contornos que desapareciam no cóis da calça jeans azul, o volume destacado na região frontal, as longas pernas musculosas e os pés descalços, afundados no tapete felpudo.

Depois de apreciar a visão celestial de alto a baixo, arquejei pateticamente. Então, tratei de recuperar a compostura e o que me restava de dignidade.

— Estou esperando, Miyake. Ajoelha. — Cruzei os braços, tentando disfarçar o tesão insano que me consumia e ameaçava dismantelar meu juízo.

A posição só ressaltou os movimentos céleres do meu peito, que subia e descia em breves intervalos. Desatei os membros, deixando as mãos caírem pelas laterais do corpo, e Matheus começou a se aproximar, afetando ainda mais minha respiração a cada passo dado.

Devagar, ele se curvou diante de mim, um joelho no chão e o outro flexionado.

Fiquei boquiaberta! Não achei que ele fosse me obedecer, muito menos sem resistência!

Tomando minhas mãos, ergueu a cabeça e me encarou.

Desalinhas e curtas, mechas negras e sedosas varriam o início de sua testa, me fazendo lembrar do garotinho que ele fora, do garotinho que me conquistou.

Um sorriso leve, desprovido de malícia, esticava os lábios que eu tanto amava enquanto os polegares alisavam minha pele e os olhos adocicavam os meus.

— Gi, eu tô apaixonado há vinte e oito anos. Amo você desde que a sua boquinha de coração sorriu pra mim, no nosso primeiro dia de aula. Ontem, antes de dormir, fiz as contas e descobri que, na infância, convivemos duzentos e cinquenta e dois dias. Se considerarmos os três da vida adulta, convivi só duzentos e cinquenta e cinco dias com a mulher da minha vida. Mas te amo há mais de dez mil. E quero passar todos os que me restam ao seu lado. — Baixando a cabeça, pontuou a última frase com um beijo casto e delicado no dorso das minhas mãos.

Matthew Miyatti era *reaaaaaaaaaaaaaa!*

Estava vivinho da Silva, bem ali, na minha frente, em pleno século XXI!

E era meu! Meu! Meu! Meu! *Meuzinho! Meeeeeeeeeeeeeeeu.*

Conectando nossos olhares, ele sorriu e completou:

— Quer se casar comigo?

Estatelei os olhos, e as lágrimas represadas em meus cílios cortaram minha face.

— O quê? — murmurei, incapaz de absorver o que tinha acabado de ouvir.

Rindo, Matheus se levantou e, tomando meu rosto entre as mãos, beijou meus lábios entreabertos.

— A cara que você fez foi impagável, paixão! — Afastando-se, ele gargalhou.

— Palhaço! — Irritada, dei um tapa no braço dele. — Não acredito que você estragou o momento mais perfeito da minha vida fazendo piada!

— Não foi uma piada — disse, as feições adquirindo tons de seriedade. — Eu ia te pedir em namoro. Aí, percebi que não fazia muito sentido, porque não quero ser seu namorado, Sofia. Quero ser seu

marido. Quer ser minha esposa, paixão? — As palavras dele emudeceram as minhas por alguns segundos.

Então, mirando as íris azul-esverdeadas que contemplavam meu rosto, forcei minhas pregas vocais a expressarem meu receio:

— Assim que eu responder, você vai dizer que é zoeira. Eu te conheço, Miyake.

Um dos cantos dos lábios de Matheus subiu.

— Responda e corra o risco, paixão.

Abri a boca para falar, mas fui interrompida por dois dedos ávidos.

— Espera! Quero que você responda pelada!

— Você tem tanta certeza assim de que a resposta vai ser positiva? — Subi uma sobrancelha indignada.

— Pelo contrário — assegurou, sério. — Tô com medo de você dizer “não”. Por isso, quero que você responda pelada. Vai ser mais fácil te convencer a mudar de ideia.

— É mesmo? — Fisguei o lábio inferior. — E como, exatamente, você pretende me fazer mudar de ideia? — Inclinando a cabeça, deslizei um dedo pelo tórax exposto, estacionando a digital no limite entre a pele bronzeada e a protuberância que forçava a calça jeans.

— Desce mais que você descobre minha arma secreta. — Ele piscou um olho.

— Secreta? Acho que você precisa esconder isso melhor, paixão. — Pressionei o volume, e o ar silvou entre seus dentes.

— Conheço um esconderijo perfeito. — Um sorriso safado assomou em seus lábios, e sua mão viajou até o meio das minhas pernas, invadindo minha saia e incendiando minha calcinha.

Então, capturando minha nuca, ele monopolizou minha boca.

Nossas línguas afoitas começaram a se mover com a urgência das nossas mãos, que, sôfregas e apressadas, nos livravam das roupas enquanto nossos gemidos e arquejos rivalizavam com os sons da chuva.

Assim que ficamos pelados, Matheus me atirou na cama, ágil e selvagem como um felino indomável.

Seus músculos cobriram meu corpo, e seus lábios famintos migraram para o meu pescoço.

— Você vai se casar comigo? — sussurrou, depositando um beijo abaixo da minha orelha.

— Tô pensando no seu caso — respondi, reprimindo um gemido.

Ele traçou uma listra úmida em minha pele até alojar a língua em meu mamilo.

O movimento, propositadamente moderado, me fez arquear o corpo, em busca de intensidade.

— Já pensou? — O sopro intumescceu ainda mais a área sensível.

— Só vou conseguir pensar direito se você deixar de ser sacana. Chupa. — Enfiei os dedos na raiz de seu cabelo e preendi os fios com força.

— Seu desejo é uma ordem, paixão. — Sorrindo maliciosamente, Matheus confiscou a região inteira, usando os lábios quentes para desencarcerar um som irreprimível da minha garganta.

Depois de alguns segundos chupando, beijando, mordiscando e apalpando meus peitos, seus olhos ansiosos buscaram os meus.

— Tá mais pra “sim” ou mais pra “não”?

— Desce mais que você descobre minha resposta. — Dei uma piscada.

— Que safada... — Ele puxou o ar e começou a beijar minha barriga.

Quando alcançou o fim do abdome, flexionou minha perna e resvalou os lábios na parte interna da minha coxa, até alcançar a articulação que dava início à panturrilha.

Os beijos, compassados e ardentes, inauguraram um festival de arrepios em minha pele.

Como se tivesse todo o tempo do mundo, repetiu o processo na outra perna, do joelho à virilha.

Ao finalizar o caminho inverso, Matheus descansou a boca no centro do vértice, iniciando uma tortura ainda mais deliciosa.

Eu estava gemendo loucamente, quase saindo de órbita, quando ele levantou a cabeça, passando a

Língua magnífica nos lábios.

— Não era aqui que eu ia encontrar minha resposta, paixão?

— Cala a boca e continua. — Agarrei seu cabelo e voltei a posicionar sua boca gostosa em minhas pulsações.

Gozei segundos depois, puxando os fios e gritando feito louca.

Felizmente, os pingos de chuva tinham se transformado em um aguaceiro estrondoso, que abafou meus gritos ensandecidos.

Lá fora, o céu desmoronava. Dentro do quarto, meu coração imitava os barulhos dos trovões que abalavam os vidros da janela.

Arfando, deleitei-me com os resquícios da sensação sublime enquanto Matheus subia, pousando a cabeça ao lado da minha.

— Sim — balbuciei, lutando por ar.

Rapidamente, ele encontrou meus olhos.

— Sim? — Suas íris, brilhantes feito lagos translúcidos, alagaram as minhas.

— Sim — repeti. — Eu quero me casar com você, Chatão! — Dei uma risada.

Um sorriso reluzente expôs duas fileiras de dentes perfeitos.

— Eu te amo, Chatona! — Matheus se inclinou para me beijar, e eu pressionei a mão em seus lábios.

— Também te amo, mas não vou beijar essa boca com gosto de boceta.

Jogando a cabeça para trás, ele explodiu em uma gargalhada frenética, expulsando meus dedos.

— Só um beijinho, paixão? — Rindo, voltou a se aproximar, bafejando na minha cara.

— Credo, que nojo! Sai! — berrei, empurrando o rosto dele.

Matheus riu ainda mais alto.

Sem parar de rir, levantou-se e foi até a calça jeans.

— Não acredito que você estragou o momento mais perfeito da minha vida só por causa da minha boca *embocetada* — reclamou, enfiando a mão no bolso.

— Uma coisa é beijar sua boca *embocetada* quando eu tô morrendo de tesão. Outra, bem diferente, é sentir o gosto da minha própria xana depois que eu já gozei.

— Meu Deus, Sofia, você vai me matar! — Mais risadas lindas ecoaram pelo quarto.

Então, ele voltou para a cama, mastigando o conteúdo do papel que desembalou.

— Pronto, Gi. Tô *desembocetado*? — perguntou, e o cheiro de hortelã entorpeceu minhas narinas.

— Huhum — murmurei, apoderando-me de seus lábios.

O beijo lasso, com sabor de menta, logo se tornou esfomeado e urgente.

Dedos rudes, ásperos e ferozes escavavam minha carne, e minhas palmas possessivas puxavam mechas macias de cabelo.

Enrodilhei as pernas na cintura estreita, e a súbita pressão em minha entrada me fez refrear, de imediato, o peito largo.

Sob minha palma esquerda, o coração infrene retumbava na mesma cadência desvairada que comandava o meu.

— Que foi, paixão? — perguntou, fazendo-se de besta.

— Você tá tentando me comer sem camisinha, Matheus — falei, sem rodeios, e ele riu.

— Gi, eu tô limpo, você toma remédio e a gente se ama. — Meu pescoço ganhou um beijo. — Ou seja, não precisamos de camisinha.

Sou bastante cuidadosa com meu anticoncepcional. Se começasse a transar sem camisinha, ficaria ainda mais vigilante. Então, podia sucumbir à tentação sem peso na consciência. Tenho até um aplicativo no celular que me avisa a hora de tomar as pílulas, além de marcar todas que eu já tomei durante o ciclo. Uso há anos e nunca me esqueci de tomar nenhum comprimido, assim como nunca transei sem nada, apesar de ser louca para saber como é.

A ideia de Matheus era absolutamente tentadora, mas a força do hábito falou mais alto.

— Precisamos, sim. Levanta e vai pegar — ordenei.

— E meus direitos maritais de te possuir sem barreiras? — reivindicou, em tom de riso, e eu caí na risada.

— Inexistem. E você não é meu marido, sabia? — falei, rindo.

— Ainda — frisou.

— Ou seja, você não teria direitos maritais nem se existissem, paixão — completei.

— Tá. E meus direitos pré-maritais, como é que ficam? — ele brincou, e eu gargalhei. — Sofia, é sério que você tá empatando a própria foda? Para de rir, que eu tô querendo transar. — Soltou um suspiro frustrado.

— Você fica tão gostoso quando tá nervosinho... — Aprisionei o canto do meu lábio, imiscuindo os dedos no negror de seu cabelo.

— O bastante pra você realizar meu maior desejo? — Matheus abriu um sorriso travesso.

— Depende. Qual é o seu maior desejo? — perguntei, simulando inocência.

Devagar, ele desceu a cabeça e, despejando beijos em minha bochecha, comprimiu os lábios no meu ouvido.

— Quero sentir sua boceta gostosa encharcando minha pica enquanto eu deslizo cada centímetro da minha rola bem aqui. — Liberei vários gemidos sucessivos quando a mão dele desceu e a boca subiu, apossando-se da minha.

Lento e inebriante, o beijo indolente devastou minhas forças.

Suaves e ininterruptos, os movimentos de seus dedos dizimaram minhas reservas.

Quando me dei conta, Matheus estava em cima de mim outra vez, derramando carícias molhadas em minha pele e puxando minha coxa.

Trancei as pernas em seu entorno, facilitando o acesso.

Minhas paredes internas choravam, desesperadas para envolverem a carne rija que comprazeria minhas células em chamas.

Naquele momento, eu precisava dele, livre e desimpedido, tanto quanto precisava lutar para fazer o ar circular em meus pulmões.

— Olha pra mim, paixão. — Apoiado nos cotovelos, levou as mãos ao meu rosto, cruzando nossos olhares. — Você é perfeita. Eu te amo, Sofia...

Mirei suas íris deliquescentes, que transbordavam amor e desejo, e o último pedacinho solto se encaixou em meu coração.

— Também te amo, Matheus... — Suspirei, e ele colou os lábios sorridentes nos meus, hospedando a ponta do cacete em minha entrada.

Durante o beijo cálido e apaixonado, comecei a ser deliciosamente preenchida.

O primeiro impulso me fez afundar os dedos em suas costas, enquanto a sensação inédita me transportava para um mundo onde não havia nada além de torpor e prazer absoluto.

Quando se enfiou completamente, Matheus se moveu com estudada lentidão.

Gemi em sua boca, e ele liberou meus lábios, elevando o corpo ao deitar as palmas no colchão.

— Não vou durar cinco segundos... — Aterrissou o olhar no meu. — Comendo... — Saiu e entrou outra vez, arquejando. — Essa boceta... — Ele meteu de novo, mais forte. — Gostosa. — Gemendo, começou a estocar.

Revirei os olhos, fincando as unhas nos músculos retesados dos braços fortes.

Abri mais as pernas, ecoando murmúrios indistintos enquanto ele escorregava, surrando minha boceta com metidas impetuosas e profundas.

Subindo os dedos, palmilhei os bíceps, os ombros e o tórax definido, esfregando as mãos com força na textura rígida e simultaneamente macia daquele corpo delicioso.

Puxei sua nuca e devorei sua boca.

— Quero ser fodida de quatro. — Arrastei os lábios para o ouvido.

Tatuando um sorriso obscuro na minha bochecha, ele se mexeu e, rapidamente, me colocou na posição.

O deslocamento brusco me deixou ainda mais excitada, e o tapa que acompanhou a entrada impulsiva quase me matou de tesão.

— Você gosta, né, safada? — Naufragando os dedos em minha carne ardida, meteu outra vez.

Rebolando, olhei sobre o ombro e respondi com um sorrisinho sacana.

Matheus aumentou a velocidade das investidas, as mãos possessivas subindo para a minha cintura.

Os ruídos roucos que ele produzia enquanto me comia sem dó arrancavam sons escandalosos da minha garganta.

— Isso, gostosa, geme... — Reclinando-se, riscou os lábios cálidos em minha pele, provocando um incêndio em minha lombar.

Alcançando meu ombro, lambeu meu pescoço e confinou minha língua em sua boca, sem parar de meter.

Lentamente, fui deixando o corpo pender. Quando pousei no colchão, Matheus ergueu o torso.

Firmando as mãos em minhas costas, ajustou as coxas entre as minhas e continuou metendo.

— Isso, me fode bem gostoso — murmurei, quando o ápice começou a se avizinhar.

— Assim? — Ele resvalou os dedos e apertou minha bunda, dando várias estocadas seguidas, que me fizeram gemer alto. — Ou assim? — Puxando minhas pernas, usou meus tornozelos de apoio e meteu sucessivamente. — Puta merda... Vou gozar.

O anúncio desesperado e a imagem daquela delícia de homem me comendo daquele jeito primitivo me arrebataram.

Feroz, o tesão acumulado expandiu, deflagrando o orgasmo mais intenso da minha vida.

Uma mixórdia de gemidos enrouquecidos alastrou-se pelo quarto enquanto nossos corpos vivenciavam uma miscelânea de sensações gloriosas.

Instantes depois, o rumor das nossas respirações era o único som que competia com a fúria da tempestade.

Retirando-se cuidadosamente de dentro de mim, Matheus soltou um suspiro prolongado.

O líquido escorreu, quente e espesso, e eu permaneci inerte, incapaz de acionar meus membros.

Ouvi um baque no colchão e, obrigando meu corpo letárgico a agir, arrastei-me e escalei o de Matheus.

Ele abriu os olhos, e um sorriso tênue despontou em seus lábios.

— Eu te amo. — Nossas vozes acasalaram-se, e nossos sorrisos alargaram-se.

— Para de me imitar — graciei, e ele puxou minha nuca, unindo nossos lábios e jogando minhas costas na cama.

Ficamos nos beijando por alguns segundos, ouvindo o agradável barulho da chuva.

Então, a falta de ar nos obrigou a interromper o beijo.

Por causa do frio, tivemos que nos levantar para puxar o edredom.

Estávamos deitados e embrulhados, bem agarradinhos, quando Matheus beijou meu cabelo e limpou a garganta.

— Posso te perguntar uma coisa?

— Pode. — O tom atipicamente sério me fez erguer a cabeça.

— Você saiu com as suas primas ontem?

— Saí.

— Hum. Pra onde?

— Pra uma boate.

Ele ficou quieto.

— E a festa de Marina, foi boa? — sondei.

— Quero dormir. — Fechou os olhos.

— E eu quero saber como foi a festa de Marina — falei, começando a ficar puta.

— Pergunta pra ela. Ela tá aí na fazenda. Veio me trazer, e sua tia pediu pra ela ficar, pra entrar com seu irmão no casamento.

— Ela veio te trazer? Por quê?

— Porque sim. — Ele fechou os olhos e, afastando-se de mim, cruzou os braços.

— O que é isso na sua mão? — Só então notei que os nós dos dedos dele estavam machucados.

— Nada.

De repente, eu me dei conta do que tinha acontecido!

Irada, levantei-me da cama.

Assustado com o arroubo, Matheus abriu os olhos.

Fui até as roupas dele e atirei todas.

— Veste, vagabundo!

— Vagabundo? Posso saber por que você tá nervosa? Quem tá putto sou eu! — Afastando as peças da cara, ele se colou de pé, fazendo uma carranca que o deixava ainda mais irresistível. — Com quantos machos você transou ontem, Sofia?

— Em comparação à quantidade de mulheres que você comeu, garanto que foi com poucos! — berrei, alucinada.

— Mulheres que eu comi? — Uma risada sem humor escapou dos lábios dele. — Eu não transei com ninguém!

Dei uma gargalhada histérica.

— É mesmo? Então isso aí na sua mão não é fruto das suas peripécias sexuais? Onde você apoiou essa mão, Matheus? Num poste, enquanto fodia uma puta de beira de esquina?

O descarado riu tanto que as risadas fizeram seu corpo se dobrar.

Que ódio! Por que eu não tinha visto aquilo antes? Por que não perguntei, logo de cara, o que ele tinha aprontado na noite anterior?

Quando o riso cessou, ele endireitou o corpo e me encarou, sério.

— Não transei com ninguém. Ganhei isso socando a cara daquele filho da puta.

— Que filho da puta? — perguntei, apreensiva.

— Não sei, Sofia... — ironizou. — O filho da puta do seu ex-noivo?

— Renato? — Levei uma mão à boca.

— Você tem outro? — Matheus arregalou os olhos.

— Não. — Encurtei a distância. — Então você não transou com ninguém... Mas você beijou alguém? — Senti uma fisgada dolorosa no peito ao imaginar aquela boca linda...

Não. Eu não conseguia imaginar.

— Não! Sofia, qual parte de “eu te amo” você não entendeu? — Ele se aproximou, e meu rosto encontrou abrigo em suas mãos. — Ontem foi o pior dia da minha vida. Quase morri de saudade de você. — Seus dedos mimaram minhas bochechas, e ele soltou um suspiro triste. — Eu quis que você fosse embora e... — Fez uma pausa, engolindo demoradamente. — E eu sei que a culpa foi minha... Mas não me conta. Se você tiver... — Outra pausa. — Eu não quero saber.

Mirei suas íris brilhantes e envolvi seu corpo em um abraço apertado.

— Não beijei ninguém. Não fiquei lá nem dez minutos. Voltei pra casa dos meus pais. E chorei até pegar no sono.

— Desculpa, Gi...

Ergui os olhos, e meu coração doeu quando vi os cantos úmidos dos dele. Enlacei seu pescoço e beijei sua bochecha.

— Eu pensei que fosse possível ignorar o que estava sentindo — continuou, quando afastei a cabeça.



— Achei que, se você fosse embora, eu retomaria minha vida, como se nunca tivéssemos nos reencontrado. Aí, você foi, e eu percebi que a vida que eu queria tinha acabado de partir. Então, eu vim atrás dela.

— Ai, Matheus... — Suspirei. — Você é tão lindo...

— Eu também acho, paixão. — Uma linha torta sorriu para mim.

— Cala a boca e me beija. — Rindo, uni nossos lábios.

Estávamos nos beijando ardorosamente quando a tragédia aconteceu.

— Princesinha? — ele chamou, batendo à porta.



# 18

DEUS ME LIVRE

“(...) e guarde de você”.

*Reza — Rita Lee*

## MARINA

O cômodo exalava uma aura masculina palpável.

Os móveis rústicos, as tonalidades monocromáticas e a decoração sóbria indicavam que Olívia tinha me colocado no quarto de um homem.

O teto forrado por vigas e o tapete de sisal davam um ar campestre ao ambiente.

As paredes cobertas por um papel de tom amadeirado abrigavam pinturas excepcionais de cavalos majestosos, congelados em posições viris.

Nas laterais da enorme cama de cabeceira de ferro jaziam dois criados de madeira de lei, os quais sustentavam duas luminárias idênticas, de luz alaranjada.

Era um belíssimo quarto. Rudimentar, mas com toques de sofisticação.

Olívia prometera voltar logo, mas eu já estava ali há um bom tempo.

Depois de mais de meia hora de espera, decidi que não seria má educação da minha parte sentar-me na cama.

Cansada de ficar de pé, acomodei-me na beirada do colchão e espichei o pescoço para ler o título do livro que descansava ao lado de uma das luminárias.

No alto do calhamaço preto estava escrito: “Mamoplastia: Cirurgia das Mamas Pelos Mestres”.

Depois de uns dois minutos tentando driblar o tédio e a curiosidade, estiquei a mão e peguei o volume.

Assim que levantei a capa, deparei-me com um punhado de fichas, cheias de anotações ilegíveis.

Estava tentando traduzir os rabiscos inclinados, escritos à caneta azul, quando a porta se abriu.

O susto me fez levantar de súbito, derrubando tudo o que estava em meu colo.

Mal tive tempo de registrar as feições do recém-chegado antes de me abaixar e começar a reparar o estrago.

— Quem é você? — uma voz grave perguntou.

— Marina. Desculpa! — pedi, catando os papéis espalhados no piso de madeira. — Eu estava meio entediada e... — Parei de falar assim que me levantei, com o livro e as fichas nas mãos.

Um par de olhos castanho-escuros me fulminava.

O homem estava parado no umbral. A cabeça loira aproximava-se do limiar da porta, e os ombros largos praticamente tocavam as laterais da esquadria.

O tecido da camisa xadrez colava-se aos músculos do peitoral, e a calça jeans agarrava-se às coxas grossas e visivelmente torneadas.

O queixo quadrado e barbeado abrigava uma covinha. E o rosto de proporções simétricas exibia uma expressão pouco amistosa.

Eu teria ficado absolutamente impressionada com a beleza do espécime, se não conhecesse o cafajeste.

Como sabia que o safado era médico, o livro só podia ser dele, o que significava que os garranchos e o quarto também.

— O que você tá fazendo no meu quarto? — Ele confirmou minha tese. — E quem te autorizou a mexer nas minhas coisas? — emendou, relanceando o conteúdo das minhas mãos.

Além de inescrupuloso, era um grosso.

Para ser sincera, eu não estava surpresa. Conhecia o tipo do idiota, e estava longe de me encaixar nos padrões dele.

Não que eu seja horrorosa. Só não sou nenhuma beldade curvilínea de pernas longas e seios exageradamente fartos. Sou magra, baixa e tenho peitos proporcionais à minha estrutura física. Ou seja, pequenos.

Portanto, a abordagem direta, ríspida e desprovida de um clássico sorriso enviesado não me surpreendeu nem um pouco.

Encurtando a distância com passadas rápidas e determinadas, ele puxou o livro e as notas indecifráveis da minha mão.

— Que merda. Você desorganizou meus resumos!

Saboreando a doce satisfação de ter prejudicado o imbecil, levei uma mão à gola do meu lindo vestido vintage — que comprei por uma pechincha num brechó — e fiz minha melhor expressão de garotinha mortificada.

— Jura? Ai, meu Deus, como eu sou desastrada! *Noooooossa! Miiiiiiiiiiiiil* perdões!

Ele me encarou e, pela expressão que fez, notou que eu estava pouco me lixando.

— Você faz ideia do trabalho que eu vou ter pra reorganizar essa merda?

— Imagino, já que a sua letra é um horror. Aposto que nem você sabe o que tá escrito aí.

— É claro que eu entendo a minha própria letra! — exclamou, indignado. — Às vezes — completou, expirando frustração.

Prendi os lábios para não rir, enquanto ele recolocava o material de estudo em cima do criado.

Quando endireitou o corpo, me fitou, examinando minhas feições cuidadosamente.

— Você não me é estranha... — Levou um indicador flexionado aos lábios. — É uma das amigas de Isa?

A única Isa que eu conhecia era uma moça lindíssima e muito educada que frequentava o Café. Também era médica e, frequentemente, aparecia por lá, sozinha ou com ele. Não eram namorados, isso eu sabia. Porque, mesmo quando ela estava por perto, o cafajeste flertava com as garçonetes e baristas.

— Tenho certeza de que te conheço de algum lugar... — continuou, antes que eu tivesse a chance de responder.

— Provavelmente, do Café que você confunde com um puteiro — esclareci, e, depois de alguns segundos, ele estalou os dedos.

— Isso! O Malena! — falou, sem se ofender. — Você é a garota que fica no balcão de vez em quando! Eu sabia que te conhecia, Mariana!

— Marina — corrigi. — Ma-ri-na. M-A-R-I-N-A. Marina.

— Vamos deixar as coisas mais simples? — propôs. — Mari. Pronto. Sem erro.

— “Mari” é só pros íntimos. Pra você é Marina. Marina Miyake.

— Miyake? Você é irmã do puto que tá pegando minha irmã? — Seus globos oculares quase saltaram.

— Você é o irmão de Sofia? — Foi a minha vez de esbugalhar os olhos.

Como eu não tinha percebido o óbvio? Alto, loiro e bonito daquele jeito, só podia ser!

Meu Deus, como o mundo era tragicamente pequeno!

— Então ele tem uma irmã... — Um sorriso obscuro curvou os lábios do safado. — E ela veio parar justamente no meu quarto... — Seus olhos abandonaram meu rosto, e ele inclinou levemente o pescoço, esquadrihando meu corpo.

Eu não podia acreditar que o desgraçado estava verificando se valia a pena me comer para se vingar de Henrique!

Até parece que eu transaria com um babaca daqueles! Já tinha estourado meu limite de cafajestes.

E outra! Até parece que eu transaria com o irmão da minha futura cunhada! Um cara que faria parte da minha família! Um cara que seria tio dos meus sobrinhos! Um cara que eu teria que encarar todo Natal!

Deus me livre! Como eu ia comer o peru pensando no peru dele? Eu amo peru. Não estava nem um pouco a fim de estragar a melhor experiência do ano por causa de um peru que eu nem sabia se era grande e gostoso o bastante para matar minha fome!

Sem perceber, fui baixando os olhos.

Quando me dei conta, estava com a boca cheia d'água.

Jesus amado! Que fartura! E não estou falando da ceia natalina lá de casa!

Aquele peru só podia estar pronto para degustação! Não tinha como aquele volume todo pertencer a um peru fora do ponto.

Eu estava babando diante do forno, feito cachorro espiando franguinhos giratórios, quando uma limpada de garganta me fez subir os olhos.

Merda! Fui pega!

Desviei o olhar e fingi que sou tão vida louca que estava pouco me lixando pro flagra. Mas, por dentro, eu estava gritando. Não podia acreditar que ele tinha me visto doida pra encher a boca de peru!

— Acho que vamos nos dar muito bem. — Fui recebida por um sorriso indecente. — Felipe Theloni, mas pode me chamar de “Lipe”. — Sem aviso, aproximou-se e beijou minha bochecha, bem perto da boca. — É um prazer te conhecer, Mari. — Afastando-se, esticou os lábios, revelando um compêndio de dentes perfeitos.

O desgraçado tinha um sorriso lindo, de tirar o fôlego.

Não o meu, claro. Felizmente, eu era imune àquele cafajeste específico.

Bastou descobrir que Henrique é meu irmão pro sem-vergonha vir pra cima de mim, achando que eu sou idiota!

Aqui, não, meu querido! Tá vendo essa pele de bebê na minha cara? Pois é, parece que nasceu ontem, mas tem trinta anos que tá aqui!

— Igualmente — menti, em nome da boa educação. — Bom, preciso ir. — Comecei a andar, disposta a encontrar Olívia.

Podia ir direto pro carro, mas fui bem criada. Ia me desculpar e dizer a ela que não poderia mais ficar para o casamento. De jeito nenhum entraria com aquele babaca.

— Espera. Pra onde você tá indo? — Ele segurou meu braço.

— Embora — respondi, ignorando a onda de calor que se concentrou no ponto onde nossas peles se tocavam e viajou pelo meu corpo inteiro.

— Seu irmão tá aqui? Você vai voltar com ele? — Íris escuras fitaram as minhas.

— Henrique vai ficar. Vou embora sozinha — expliquei, tentando não me afetar pelo perfume cítrico que vinha daquele pescoço.

— Henrique? O nome dele não é Matheus? — perguntou, confuso.

— Matheus Henrique. Você pode fazer a gentileza de me soltar? — pedi, baixando os olhos para a mão imensa que contornava meu braço.

— Não é uma boa ideia dirigir nessa chuva, Mari. — Ele subiu os dedos até meus ombros descobertos, acariciando minha pele. — Você pode dormir aqui. Se não tiver mais nenhum quarto vago, divido o meu com prazer. — Sua palma continuou subindo até se fechar em minha nuca.

O toque eriçou minha pele e enrijeceu meus mamilos. Precisei fazer um esforço descomunal para não fechar os olhos e me entregar à sensação prazerosa.

Nossas pupilas se encontraram, e, lentamente, ele diminuiu a distância, acariciando minha bochecha. Então, começou a se inclinar, levando o rosto até o meu.

A proximidade ateou fogo em meus poros. O calor que seu corpo emanava, a leve pressão de seus dedos em meu pescoço e o hálito inebriante atijando minha boca instauraram um incêndio entre as minhas pernas.

Tudo bem, eu estava severamente afetada e muito propensa a me deixar levar pela tentação. Mas não ia, de jeito nenhum, sucumbir. Ia refreá-lo. E o melhor jeito de fazer isso era golpeá-lo onde doía mais.

Não, não estou falando das bolas! Estou falando do ego!

Contrariando todas as minhas células em chamas, interrompi o beijo pregando os dedos em seus lábios.

Ele tinha uma boca tão quente, tão macia...

Aquela boca na minha, passeando pelo meu corpo, desaparecendo entre as minhas coxas...

Foco, Marina! É só uma boca, pelo amor de Deus!

Mas é uma boca tão linda... Com uma textura tão maravilhosa...

E daí? É a boca linda e maravilhosa de um babaca! Foco!

Ouvindo minha consciência, incorporei uma postura ativa e preparei-me para me pronunciar sem parecer a criatura patética na qual o quase-beijo me transformara.

— Vou te dar uma dica — falei, com os dedos imóveis. — Tentar me usar para irritar meu irmão não é uma boa ideia. É perda de tempo. Primeiro, porque Henrique não é ciumento. Segundo, porque eu não sou idiota. E, terceiro, porque você não faz o meu tipo, querido. — Fiz minha melhor cara de “foi mal, quem sabe na próxima vida, né?”.

Em seguida, virei as costas e apressei o passo em direção à porta aberta.

— Eu não faço o seu tipo? — A risada mordaz não ocultou o despeito em sua voz.

— Não, lamento. — Dei um sorrisinho, que ele não viu, e continuei andando.

Tinha acabado de fazer minha saída triunfal quando fui alcançada no corredor.

— Mari, meu amor, eu faço o tipo de todas! — Riu, cheio de si.

O ódio que pulsou em minhas têmporas me fez virar o corpo para encará-lo.

— O meu você não faz! — berrei, possessa.

— Sei que faço. — Ele deu uma piscada. — Flagrei você manjando meu pau, lembra? E, agora há pouco, você estava toda derretida, louca pra me beijar. Lembra?

Olha só que filho da mãe! Como ele ousava jogar a manjada na minha cara? Que deselegante!

É oficial. Eu odeio esse cara. Não vou dividir meus sobrinhos com ele! Eu me recuso! Quero ver quem vai me obrigar!

— Se eu quisesse te beijar, teria beijado, querido! Não beijei, beijei? Não estou interessada! Aceita que dói menos!

Dei as costas pro babaca presunçoso e voltei a andar, sem nem saber para onde estava indo. Virei à esquerda e me deparei com uma nova fila de quartos.

A alguns metros de distância, um homem alto e grisalho estava parado, batendo à porta de um deles.

— Sofia! Responde! — gritou. — Lipe! — chamou de repente.

Girei o pescoço e o vi entrando no corredor.

— Sua irmã não abre! E a porta tá trancada! — o mais velho falou, desesperado.

A idade, a estatura, os olhos castanho-escuros e a covinha no queixo deixavam claro que aquele era o pai de Felipe, o que significava que eu estava diante do futuro sogro do meu irmão.

— Minha princesinha tá caída aí dentro! — Levou as mãos à cabeça.

— Relaxa, coroa. — Felipe riu. — Ela deve estar no banho.

— Caída no banheiro! — Estatelou os olhos cheios de pavor. — Meu Deus! Sofia escorregou no banheiro! — O terror que inundou suas feições me deixou horrorizada.

Se eu não soubesse que a filha dele estava do outro lado, pelada por um motivo completamente distinto de tomar banho, teria começado a chorar de pânico ali mesmo.

— Pai, fica frio. Ela não tá morta. Souf não tá abrindo porque deve estar aí dentro com..

— Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá... — Comecei a cantarolar, para abafar o nome de Henrique.

Então, lancei um olhar fulminante ao dedo-duro.

— Com o irmão dela! — Ele estendeu o indicador em minha direção, abrindo um sorrisinho maldoso.

O pai angustiado me encarou, como se só então tivesse notado minha presença.

— Pelo amor de Deus, me fala que você não é uma Miyake — implorou, temeroso.

— Ela é minha irmã, sogrão! — A voz e a risada alta que eu conhecia tão bem atravessaram a porta antes que eu respondesse e tiraram a cor do rosto do pai de Sofia.



# 19

## GUERRILHAS, MOTINS

“(...) perdi a cabeça”.  
*Desculpe O Auê* — Rita Lee

### MARINA

Henrique estava rindo feito um demente quando um coroa bonitão apareceu no início do corredor.

Era loiro, usava camisa xadrez e calça jeans e estava acompanhado por três homens igualmente travestidos de caubóis gostosões: um coroa charmoso, de covinha no queixo, que só podia ser um Theloni; um coroa cabeludo e muito gato; e um cabeludo simplesmente maravilhoso, que devia ter mais ou menos a minha idade.

Gente do céu, que família era aquela?

O coroa cabeludo e sua versão cabeluda mais jovem pareciam tranquilos. Mas o coroa bonitão e o coroa charmoso vinham correndo, visivelmente preocupados.

— Plínio! Aconteceu alguma coisa? — perguntou o Theloni, assim que nos alcançou. — Tá dando pra ouvir sua voz no andar de baixo!

— Cadê meu anjo? — O bonitão quis saber. — Por que ela não tá abrindo a porta?

Fiquei comovida com o desespero tangível que a voz dele ecoava. Fosse quem fosse, gostava muito de Sofia.

— Relaxa, quenga! Tá tudo de boa, *véi*. Souf não deve tá abrindo porque tá aí dentro pelada com o Chatão. Eu te falei, mano! Aquele carro lá fora só pode ser dele! — o cabeludo-pai garantiu.

— É da minha irmã, Piolho! — Henrique respondeu, rindo.

— O moleque tá aí dentro, porra? — o loiro bonitão rugiu, simultaneamente puto e estarrecido.

— Eu acabei de te falar isso, mano! — O tal do Piolho (que apelido é esse?) deu uma risada estrondosa. — Chatão, *cê* é dos meus, *véi*! Tem que peitar o sogrão mesmo, tá ligado? É isso aí, *carai*! Olha aí como é que faz, Luisona! Aprende, pra peitar a quenga!

— Eu? Ficou doido, *Veizão*? Por que eu peitaria padrinho, maluco? — o cabeludo jovem fez uma expressão perplexa, e o coroa bonitão estreitou os olhos prateados.

Não entendi nada. Mas, felizmente, não precisei me esforçar, porque, em seguida, o cabeludo-filho puxou papo.

— *Cê* é irmã do Chatão?

— Sou — respondi, dando uma ajeitada no cabelo.

O dele era tão loiro e tão lindo que humilhava até as madeixas onduladas da Gisele Bündchen!

— Meu nome é Marina. — Estendi a mão. — Mas pode me chamar de “Mari” — acrescentei, toda cocotinha, só pra cutucar certas pessoas.

— O meu é Luís, mas pode me chamar de “Lu”. — Sorrindo, ele apertou minha palma e começou a se aproximar para beijar meu rosto.

— Não é pro seu bico, Luísa. — Felipe afundou os dedos no ombro de Luís, impedindo-o de avançar.

Fiquei possessa! Já estava sonhando com um beijo daquele monumento cabeludo! Bem no canto da boca!

— Mano do céu! Olha isso, *véi!* Lipeta gamou na irmã do Chatão! É a invasão dos Miyake, Plinião! — Piolho explodiu numa gargalhada.

— Você tá proibido de encostar nessa menina! — Plínio declarou, fuzilando o filho.

— Relaxa, pai. Ela não faz meu tipo. — Felipe me lançou um olhar cheio de escárnio.

— Quê? *Cê* só pode tá cego, Lipeta! — Luís pousou um dos braços pesados em meus ombros. — Fica tranquila, Mari. *Cê* faz o meu.

Nunca, na vida inteira, eu senti tanta gratidão por alguém. Nem conhecia o cara, mas já era fã do sujeito.

Para Felipe, mostrei um sorrisinho vitorioso.

— Você também faz o meu, Lu — falei, aconchegando-me no abraço de Luís.

— Então fechou, *mermã!* — Ele deu uma piscada.

De repente, Olívia irrompeu no corredor, acompanhada por uma mulher muito parecida com Sofia, uma loira mais baixa e uma ruiva, ambas na casa dos quarenta.

— Não acredito que vocês estão empatando os Chatões! — Olívia berrou, quando se juntou ao monte de gente que cercava a porta do quarto.

— Fica tranquila, Olívia! A gente já encomendou seu primeiro sobrinho-neto! — Henrique avisou.

— Ai, meu Deus! É sério? Não brinca comigo, porra! — Íris esverdeadas reluziram.

— É mentira dele! Matheus, para de gracinha! — Sofia bradou.

— Abre essa porta, desgraçado! Agora! — Plínio vociferou, esmurrando a madeira.

— Calma, papai, a gente já vai abrir! — minha futura cunhada respondeu.

— Ela tá botando o sutiã, sogrão! — o louco do Henrique atçou. — Veste logo, paixão, seu pai tá com pressa!

Uma onda de risos reverberou ao meu redor.

— Eu vou te matar, filho da puta! — Plínio rosnou, vermelho de raiva.

Comecei a ficar seriamente preocupada com o bem-estar de Henrique.

— O que tá acontecendo? — Uma conhecida voz suave chamou minha atenção.

Isa vinha caminhando pelo corredor, seguida por... Outra Isa?

Meu Deus, ela tinha uma irmã gêmea! Também, era tão linda que merecia mesmo ser duplicada.

Eu estava fascinada pela semelhança absurda das duas, que eram absolutamente idênticas, quando notei que uma delas estava me encarando como se quisesse enfiar as unhas no meu pescoço.

Será que era Isa? Gente, mas por quê? Ela era tão gente fina, tão simpática! A gente sempre batia papo lá no Café!

— Mari? — Quando a outra abriu um sorriso largo ao me ver, cheguei à conclusão de que era a irmã de Isa que estava louca para me enforcar.

Seus olhos cor de prata, do tom exato das íris do coroa bonito, chispavam. Ela estava furiosa! Comigo? Mas por quê? Eu nem conhecia a criatura!

— Oi, Isa. — Sorri para a gêmea boa.

— Você conhece *essazinha?* — A gêmea má questionou, virando-se para a irmã.

Gente, que louca! O que eu fiz pra ela? Nunca nem te vi, minha filha!

— Todo mundo conhece Mari, *Broderzona* — Luís respondeu. — *Cê* lembra do Chatão, né? O maluco que *cê* conheceu lá na casa de padrinho? Pois é. Mari é irmã dele. — Finalizou, acariciando meu braço.

Diferentemente de certas pessoas, ele era um fofo. Lindo, gostoso, fofo e, quem sabe, meu futuro



namorado! Seria o meu sonho?

— Algum problema, Ana? — o coroa bonitão perguntou quando ela estreitou ainda mais os olhos.

— Problema? — A expressão mudou na hora. — Problema nenhum, papai. — Balançou a cabeça, sorrindo.

— Luisona, vigia, mano... *Cê tá cutucando duas onças com vara curta, véi!* — Piolho advertiu. — A fêmea tá irada! E, pela cara da onça macho ali atrás, ela tá doida pra te atacar, tá ligado? — Caiu na risada.

Eu queria olhar para trás, onde sabia que Felipe estava, mas o braço de Luís me impedia de virar o pescoço discretamente.

Então, permaneci quieta, contentando-me em imaginar a cara de egocêntrico despeitado que ele devia estar fazendo.

— Plinião, *cê tá ligado que suas crias tão tudo gamada nos Miyake, né, mano?* — Piolho continuou. — Vai ter casório duplo, e *cês* vão virar a família Theloni-Miyake!

Todo mundo achou graça desse absurdo, enquanto Plínio ficava assustadoramente pálido.

— Nem por cima do meu cadáver! — protestou, tão alto que achei que fosse ficar surda. — Sofia, afasta! Vou arrombar a porta!

— Plínio, desconfia! — A esposa dele recriminou.

— Esse desgraçado não vai triscar mais nenhum dedo na minha filha! — anunciou, tomando distância.

— Acho difícil, papai. — A porta foi aberta repentinamente, revelando o casal. — Já que o desgraçado em questão é meu noivo. Matheus me pediu em casamento, e eu aceitei. Eu o amo, e nós vamos nos casar! — exclamou, os olhos azuis cintilando.

Meu irmão enlaçou a cintura da noiva e pressionou os lábios em sua bochecha.

— Também te amo, minha girafinha!

— Ai, meu *Deeeeeeeeeeeeeus!* Que *lindoooooooooooooooooos!* — Olívia começou a gritar e pular feito louca.

Enquanto as mulheres comemoravam com a noiva, Henrique sorria, triunfante.

— E aí, sogrão, gostou da novidade?

Risadas altas cortaram o ar.

— Aí, Quenga! O moleque quebrou seu recorde, puta! Se bobear, os dois se casam amanhã, no lugar de Lulu! — Piolho gargalhou.

— Plínio, faz alguma coisa, porra! Eu não posso perder meu anjo! — o bonitão exclamou, desesperado.

— Acorda pra vida, Putão! O anjo nunca foi seu! Sempre foi do Chatão, mano! O moleque é apaixonado por Sofia desde criança! Mais camisolão que ele, nem Luisona!

Rindo, Piolho se virou para Plínio, que se mantinha inerte, em estado catatônico.

— É o amor, Plinião! Ninguém manda no coração, meu! Deixa de ser cuzão e aceita que *cê* vai ter que dividir seus netos com o pai do Chatão, tá ligado? Que nem eu vou dividir os meus com a Quenga. E eu vou ser um vô foda pra *carai*, o favorito dos moleques!

— O favorito meu ovo! — o bonitão encrespou. — Aliás, que netos que eu vou dividir com você, Piolho? Ficou louco, porra?

— Mano, em que mundo *cê* vive, Putão? Graças a Teozona, eu nem vou precisar fingir meu infarto amanhã, *véi*. *Cê tá vendo ele aqui?* E Lulu? *Cê acha que é coincidência?*

— Filho da puta! — Luís bradou. — Vem, *Broderzona*, me ajuda a procurar aquela arrombada!

— Eu, não! Vai sozinho! Ou melhor, chama *Mari*. — A tal da Ana fez uma careta exagerada ao pronunciar meu apelido.

Ai, meu Deus! Estava explicado! Como eu não saquei antes? Ela gostava dele! Por isso queria me matar enforcada!

— Vem, Mari! — Luís chamou, e uma expressão indignada tomou as belas feições da gêmea.

— Você vai, Marina? — Felipe arregalou os olhos.

Confesso que me senti particularmente poderosa ao ser disputada por dois loiros maravilhosos, por mais que nenhum deles estivesse verdadeiramente interessado em mim. Luís só queria fazer ciúme em Ana; só estava me usando, o malandro. E Felipe só me queria para sacanear Henrique.

Mesmo assim, me senti na pele de uma mocinha vivendo um triângulo amoroso numa comédia romântica. Na minha cabeça, estávamos só nós três ali no corredor. E eu estava prestes a decidir em que loiro gostoso ia me jogar.

Infelizmente, eu não podia me dar ao luxo de interpretar a emocionante cena cinematográfica.

Não sou o tipo de mulher que sente prazer no ciúme das outras. Então, por mais que eu quisesse contrariar o irmão de Sofia, declinei o convite de Luís.

— Acho que vou ficar — falei, e ele fez uma expressão decepcionada.

— Vai, toma, distraído! — Ana zombou.

— Se fodeu, Luísa! — Felipe gritou, enquanto Luís partia sozinho.

— Mano do céu... — Piolho caiu na risada.

O cabeludo ria tanto que só podia estar bêbado!

— Tá vendo, Quenga? *Cê* só vai ser o favorito dos filhos de Isa! E Plinião vai tomar no cu! Porque tanto os de Souf quanto os de Lipeta vão gostar mais do vovô Edu! — Piolho deu outra gargalhada.

Lívido, Plínio piscou.

Então, em silêncio, começou a caminhar.

— Pra onde o senhor tá indo, papai? — Sofia quis saber, visivelmente preocupada.

— Tô indo me matar, Sofia — respondeu, sem se virar. — Tenha a decência de não comparecer ao meu enterro. E faça o favor de não ir me visitar no cemitério.

— Se a conduta não configurasse o crime de auxílio ao suicídio, eu te emprestaria minha arma, sogrão!

— Henrique deu uma risada.

— Se você tem uma arma, aposto que é um bandido! — O pai de Felipe se virou, gesticulando ferozmente. — Olha aí, Sofia! Você quer se casar com um bandido?

Risadas encheram o corredor.

— Você tem mesmo uma arma? — Mirando meu irmão, ela arregalou os olhos.

— Você não sabia? — Plínio esbugalhou os dele. — Meu Deus! Ele é um traficante, Sofia! Prende esse bandido!

Henrique caiu na risada. E eu também tive que rir da ironia daquilo.

— Pelo amor de Deus, papai! É claro que ele não é um bandido! — Rindo, Sofia beijou a bochecha do noivo.

— O que você faz da vida, vagabundo? Minha filha não estudou a vida inteira pra sustentar macho!

— Estudei até a oitava série, quando fui chamado pra ser modelo, sogrão — Henrique falou, fingindo seriedade. — No momento, eu tô desempregado. Mas tô fazendo uns bicos, numa produtora de filmes adultos. Dá pra tirar uma grana boa.

Os olhos de Plínio quase saltaram das órbitas.

— Matheus, para de palhaçada! É mentira, papai! Ele é... — Sofia olhou para o futuro marido, visivelmente confusa.

— Promotor de justiça! — respondi, quando percebi que ela não sabia ou não tinha certeza. — Henrique passou em primeiro lugar no vestibular de Direito da Federal e repetiu o feito no concurso do Ministério Público, aos vinte e cinco anos! — falei, orgulhosa.

Por um segundo, Plínio pareceu impressionado. Então, seu rosto voltou a transbordar desdém e desprezo.

— Isso não muda nada! Você não vai se casar com a minha filha! Eu nunca vou te entregar minha

princesinha no altar! Nunca! — asseverou, com empáfia.

— Vai, sim, sogrão. E vai me entregar sorrindo. Porque logo vai perceber que sua princesinha é a mulher da minha vida. E que a felicidade dela é uma prioridade que nós dois compartilhamos. Eu sempre amei Sofia. E me considero o homem mais sortudo do mundo por ser correspondido. Nada nem ninguém vai me impedir de realizar o sonho de me casar com ela.

Fala sério. Sou tão azarada que nasci irmã do cara mais fofo e romântico do planeta. Parabéns pra mim.

— Ai, Matheus... — Emocionada, a noiva felizarda pulou em Henrique, unindo os lábios aos dele.

Aplausos, assovios e gritos disputaram com o barulho estrondoso da chuva.

— Preciso de uísque — Plínio murmurou, cabisbaixo.

— Eu também, puto — o bonitão concordou.

— Max, não inventa de beber, lindo. — Olívia riu.

— Vou beber, sim, Lívia — ele falou, e várias gargalhadas ecoaram.

Presumi que fosse uma piada interna dos mais velhos, porque os mais jovens se entreolharam, desorientados.

— Mano, a gente podia fazer aquela parada de novo, né, véi? — Piolho sugeriu.

— Brincar de “Eu Nunca”? — A ruiva deu uma risada.

— Como assim? Que brincadeira é essa? — Isa quis saber.

— Mano, a parada é a seguinte — Piolho começou a explicar. — A gente pega as biritas e faz uma roda, saca? Quem for começar conta uma parada que nunca fez. E quem já tiver feito essa parada precisa beber. Por exemplo, *bora* supor que eu comece o jogo falando que nunca beijei Titona. Aí, sua tia Lari teria que beber. E sua mãe também. Sacou? — Ele teve uma crise de riso, enquanto Isa estatelava os olhos.

— Ficou louco, porra? — Olívia bradou, fuzilando o cabeludo.

— Não vou te falar nada, Lucas. — A ruiva disse, irritada.

— É verdade? Mamãe já beijou tio Tito? — Isa perguntou, chocada.

— Claro que não, mano! — Piolho respondeu, rindo. — Foi só um exemplo, véi!

— Tô achando que você quer que eu comece a dar meus próprios exemplos, Piolho — o bonitão falou, nitidamente puto. — Acabei de bolar um particularmente interessante.

— Não precisa, mano. Isa já entendeu — ele disse, ficando subitamente sério.

— Como vocês percebem, não dá pra gente brincar sem revelar todos os nossos podres pras crianças — o coroa charmoso, que devia ser o tal do Tito, observou.

— Se vocês tiverem podres além dos que a gente já sabe, vou perder de vez a fé na humanidade, tio Tito — Isa comentou.

— Vocês não sabem da missa um terço, Isa. Por exemplo, não fazem ideia das devassidões que seu pai já cometeu nessa vida. — Tito deu uma risada.

— Devassidões? Tio Max? — Sofia fez uma expressão atônita, e a geração mais antiga gargalhou.

— Ninguém vai brincar dessa porra — o bonitão falou, severo.

— Ah, não, papai! Eu quero brincar! — Isa exclamou, entusiasmada.

— Ô gênio... — Felipe ironizou. — Se a gente descobrisse os podres dos velhos, eles também descobririam os nossos!

— Vamos brincar dessa porra! — o bonitão mudou de ideia.

— Na véspera do casamento de Luma? — A loira mais baixa meneou a cabeça. — Não é uma boa ideia. Da última vez, deu muita merda. Além disso, a gente ficou um dia inteiro de ressaca!

— Fica tranquila, mano. Lulu não vai casar. Daqui a pouco ela chega aí com Teozona, anunciando que vai cancelar esse *carai*. Aí, a gente celebra o casamento dos Chatões! O voo de Artur já chegou. Logo ele tá aí. *Bora* botar Ícaro pra fazer o casório de novo!

— Eu ouvi meu nome? — Do nada, outro coroa gato apareceu no corredor. — A gente tá procurando vocês há séculos. Sentiu minha falta, meu lindo? — Piscou para o bonito.

Usava uma calça justa de couro, botas de cano longo, camisa xadrez rosa-choque e um chapéu de caubói todo purpurinado.

— Quase morro de saudade, gato. — O tio de Sofia retribuiu a piscada.

— Que porra é essa, Max? — Olívia o fuzilou, e todo mundo riu.

Furiosa, virou-se para o recém-chegado.

— Tira o olho do meu marido, biscate!

Então, abandonando a atuação, abriu um sorriso enorme e correu até ele.

— Ícaro!

— Cadê Artur? — a ruiva perguntou, preocupada.

— Aqui, Lari! — Um coroa ruivo igualmente bonito, trajando roupas masculinas sóbrias e discretas, apareceu carregando uma mala em cada mão. — Servindo de escravo pro folgado do Ícaro. — Finalizou, pousando as duas no chão.

— Nossa, Artur, achei que você fosse um cavalheiro. Achei que fizesse isso porque me ama. — Ícaro choramingou, levando uma mão ao peito.

— *Drama Queen*. — Revirando os olhos, Artur plantou um beijo na bochecha do companheiro.

Então, se aproximou da ruiva, que, obviamente, era irmã dele. E eu achando que o cabelo laranjinha era pintado!

— E Alice? — Ana e Isa perguntaram em uníssono.

— Toda vez que eu venho ao Brasil, volto pra Irlanda na *bad*. A beleza de vocês duas me deprime! — Ícaro se aproximou para abraçar as gêmeas. — Alice ficou em Dublin — continuou, afastando-se. — Daniel a pediu em casamento ontem, foi tão lindo! — Sua mão foi aos lábios. — Gente, nem acredito que, daqui uns anos, Artur e eu vamos ser avôs!

Subitamente, interrompeu o momento de emoção.

— Meu Jesus Coroado! Quem é essa fonte de pecado sobre duas pernas? — perguntou, encarando Henrique.

— Três. — Meu irmão piscou.

— Santo Deus! — Ícaro pressionou a palma aberta no tórax.

— Tira o olho do meu noivo, biscate! — A imitação de Sofia provocou uma série de risadas.

— Senhor... — Ele se abanou. — Quando eu acho que essa família já estourou a cota de bofes gatos, Souf traz esse escândalo de homem pro clã! Falando em bofe-escândalo, cadê os outros dois integrantes da minha tríade loira? Tô vendo só um. Lipe! — Abriu os braços, caminhando na direção do único membro presente.

— Já chega, né, Ícaro? — Artur reclamou.

— Mas eu ainda nem falei de Piolho, Plínio e Tito! Calma, bofinho! É bofe demais pra pouco Ícaro! Eu fico louco! — Ele se defendeu, motivando um coro de gargalhadas.

Depois de todos os cumprimentos, fui apresentada ao casal. Em seguida, todos nós descemos.

Eu estava adorando as loucuras daquele povo maluco. E, além disso, a curiosidade para saber se a brincadeira rolaria ou não estava me matando. Se rolasse, não seria nada mal descobrir os podres de Felipe. Já que ele seria tio dos meus futuros sobrinhos, eu precisava saber tudo sobre ele. Então, resolvi ficar.

Cerca de uma hora mais tarde, depois de uma votação acirrada, o jogo começou.

Eu só não fazia ideia de que aquilo culminaria em tragédia.



# 20

ESSA MINA

“(...) é uma daquelas fenomenais”.  
*Ela Só Quer Paz* — Projota

LUISÃO

— Eu já falei que ela tá com o noivo, porra! — Teo bradou, a voz sobrepujando o barulho do temporal que desaguava em nossos ombros.

— Não mete essa, maluco! — berrei, pouco convencido. — Eu tô ligado que Zach só chega amanhã, quase na hora do casório!

— O filho da puta já chegou. Passei pelo caramanchão e vi o desgraçado lá, com ela.

— Fazendo o quê? — questionei, antes de a resposta estalar em meu cérebro.

— O que você acha que os dois estavam fazendo, Luís? — ele vociferou.

— *Cê viu Lulu pelada?* — Arregalei os olhos.

Seus lábios permaneceram inertes, mas suas botas encharcadas começaram a se mover apressadamente, pisoteando a grama castigada pela chuva.

— Responde, maluco! *Cê viu minha irmã pelada?* — Obriguei minhas pernas a seguirem seus passos resolutos.

Teo se virou, a expressão envenenada, carregada de fúria.

— Vá se foder, Luís! Vão você, Luma e a porra do mundo pro inferno!

*Mermão* de Deus, o berro que ele deu arrepiou até os cabelos do meu toba. Mas, como meu *hobby* é cutucar onça com vara curta, aticei:

— *Cê tá de TPM, puta?*

— Fica de quatro que eu atolo minha TPM inteira no seu rabo, vagabunda — ele devolveu, e eu dei uma gargalhada.

Puto, Teo recomeçou o trajeto.

Como vim ao mundo pra zoar, continuei cutucando o brioco do felino:

— *Mermão*, aproveita que tio Titeta é ginecologista e pede pra ele trocar seu anticoncepcional. Esse que *cê tá usando* tá te deixando muito alterada, maluca!

Caí na risada quando ele ergueu os braços, apontando os dois dedos médios pro céu, sem parar de andar.

Apressei o passo e o alcancei.

Instantes depois, chegávamos à sede.

Quando cruzamos o *hall*, Ana estava descendo a escada.

Seu cabelo escuro caía em mechas lisas e sedosas do alto do rabo-de-cavalo.

O cós da calça jeans comprimia sua cintura, e a camisa vermelha, de estampa xadrez, estava amarrada

na frente, deixando à mostra uma fina linha de pele bronzeada.

As pernas longas estavam enfiadas em um par de botas pretas de montaria que a deixavam ainda mais gostosa.

Ela estava usando a mesma roupa que havia colocado mais cedo, mas eu podia vê-la várias vezes por dia, usando qualquer coisa, que a reação era sempre a mesma: a naja ficava doida pra dar o bote.

— Cadê Luma? — perguntou, encarando o irmão.

— Na puta que pariu — ele rosnou, raspando o ombro no dela ao subir os degraus.

— Não acredito que você fez merda de novo, cretino! Eu mandei você pedir desculpas! Você não pediu? — Indignada, ela virou o pescoço para encará-lo.

A resposta veio do segundo lance, em forma de silêncio absoluto.

Frustrada, Ana soltou um suspiro, e seu pé alcançou o patamar seguinte.

Depois do que ela disse, comecei a matutar uma parada. No dia anterior, tinha encontrado Teozona saindo da casa dos velhos.

Eu tinha ido lá pra pegar minha moto. Hugo ligou pra avisar que ia rolar surubada vespertina no apê de Caião. Só nós e Marcola pra umas dez minas gatas, recém-matriculadas na academia de Huguera.

Eu nem *tava* muito a fim de ir, mas, como não transava desde segunda-feira, saí da casa de padrinho e fui pegar a lambreta.

Depois de topar com Teo, entrei, peguei a chave e saí no gás, sem nem me tocar que, muito provavelmente, Lulu estava em casa.

E, se ela estava lá, o que *Broderzão tava* fazendo sozinho com minha irmã?

— Que parada é essa de pedir desculpa? O que aquela arrombada fez com Lulu? — perguntei, quando Ana pisou no saguão.

Abrindo um sorriso sarcástico, aproximou-se e colou os lábios irônicos no meu ouvido:

— Não sei. Por que você não pergunta pra Mari?

Quando ela fez menção de se afastar, capturei sua nuca e provei o ciúme que transbordava daquela boca carnuda.

Suas mãos pressionaram meu peito molhado, em uma frágil tentativa de me empurrar, e eu enlacei sua cintura, estreitando nossos corpos enquanto domava sua língua furiosa.

Logo, seus dedos subiram para o meu pescoço, e o beijo se encheu de gemidos e suspiros.

Então, um súbito ruído de passos se aproximando nos fez impelir as cabeças em direções opostas.

De olhos arregalados, ela se afastou segundos antes de tio Tito irromper no *hall*.

Parado a menos de um metro de distância, ele mirou nossas expressões alarmadas.

Em seguida, fixou o olhar nas manchas úmidas que minhas roupas tinham transferido para a superfície seca da camisa e da calça de Ana.

— Ora, ora... Os boatos são verdadeiros... — falou, sorrindo maliciosamente.

— Hã? Do que o senhor tá falando, tio Tito? — Ana fingiu inocência.

— É... Que boatos, maluco? — Dei uma risada.

— Se Max te pega, Luísa... — Ele riu, e eu tranquei o cu.

Botei a naja no comando e esqueci completamente que padrinho podia aparecer e testemunhar o bote do réptil!

*Mermão* do céu, *cê* pode até achar que eu sou cagão, e eu sou mesmo, valeu? Cago mesmo nas calças. Pelo menos, eu assumo. *Cê* tem que me dar um crédito.

Eu queria fazer que nem o Chatão? Queria. Mas não dá. Porque o sogrão dele é *mó tranquilaço*. Só tem gogó. Padrinho anda armado e ameaça decepar a naja desde que eu tenho dois anos de idade. Na moral. Não dá nem pra comparar, maluco. O Chatão deita e rola porque não tá correndo o risco real de levar um pipoco no saco.

Tio Plinieta até eu, que sou cagão, peitava! Quero ver nego peitar padrinho, o terror das najas

assombradas.

— Tem quarto de sobra lá em cima, crianças. — Rindo da desgraça alheia, tio Tito passou por nós e começou a subir a escada.

— A culpa é toda sua! — Ana cochichou, assim que ele sumiu de vista. — Não acredito que você fez isso de novo, Luís.

— Isso o quê, *mermã*? — perguntei, me fazendo de besta.

— Eu já falei pra você parar de me agarrar, porra. A gente tá na *rehab*, lembra?

Pra ninguém ficar boiando, vou explicar como funciona essa parada, que a gente chamou de “*rehab*” e que me lembra aquele trecho da música da Amy Winehouse, que Deus a tenha.

*Cê* sabe de que trecho eu tô falando, né? Aquele, em que ela fala que tentaram obrigá-la a ir pra uma clínica de reabilitação, e ela disse “*no, no, no*”.

Eu entendo a Amy, porque sempre fico querendo dizer “*no, no, no*” quando chega minha hora de ir pra *rehab*, que é uma parada que Ana e eu fazemos a cada dois meses.

Funciona assim: depois de cada período de sessenta dias transando exclusivamente um com o outro, a gente passa os próximos sessenta em fase de desintoxicação, livres e desimpedidos para transarmos com quem quisermos.

Fala se não é o melhor esquema que *cê* já viu na vida! É por isso que eu amo minha *Broderzona*. Com ela eu tenho o melhor dos dois mundos, saca? Fico alternando entre meses de camisolão e meses de surubeiro.

Ana é meu vício. A suruba é minha reabilitação.

Tipo, a gente sente umas paradas aí um pelo outro. Uns bagulhos sinistros, que vão além da amizade e do tesão. Eu nunca disse nada. Nem ela. Mas a gente sabe.

A questão é que nenhum de nós quer mexer com esse negócio. Um dia, pode ser. Agora, nem pensar. Então, a gente meio que fica fingindo que a parada não existe. Tá dando certo há *mó* tempão. Só que esse bagulho é doido demais, *mermão*. Tem hora que a gente perde o controle. Tipo, teve uma época que a gente só transava um com um com outro, todo dia, o tempo todo. *Mó* overdose. Aí, nós sacamos que, se não tomássemos logo uma providência, ia dar uma merda federal. Então, Ana teve a ideia da *rehab*.

Só depois de fazer o tratamento comendo várias minas eu posso voltar a transar com ela por um tempo.

Fizemos uns testes e descobrimos que dois meses é o limite. Se a gente passa disso, começa a dar bosta. Aí, eu tenho que voltar pra *rehab*, pra dar uma recuperada.

O problema é o bagulho que eu te falei. Eu sou noia demais, *mermão*. Não é fácil essa vida de viciado. A abstinência me mata. É recaída atrás de recaída, maluco.

Às vezes, mesmo durante a temporada de surubadas, fico querendo voltar pra *camisolice*. Tô lá, comendo as minas, e, de repente, a naja me fala umas paradas tipo: “*mermão, cê* acha que *cê* pode me alimentar com a boceta de Ana dia e noite, por dois meses seguidos, e depois me dar essas bocetas aqui pra comer? *Assifudê, rapá!* Eu gosto é de qualidade, não de quantidade, maluco. Tô comendo, mas tô passando fome. Me bota dentro da calça e me leva pra casa dela. Agora, valeu?”

*Cê* acha que eu consigo contrariar a naja? Não dá. Ela é a entidade reptiliana que me governa.

Ana e eu nunca conseguimos ficar sem transar durante a *rehab*. A gente tenta se tratar, mas sempre rola umas fraquejadas.

Eu sei que *cê* tá querendo saber desde quando nós estamos nessa vida. E, como eu sou *mó* parça, vou jogar a real. Mas *cê* tem que prometer que não vai bater a parada pra padrinho, saca? Nem pra Teozona, valeu? Não enfraquece a amizade, *mermão*. Aqui é parceria, beleza?

Então tá. *Bora* lá.

Tudo começou num dia dos namorados. A gente tinha dezessete anos. E agora vem o lance. Se *cê* quiser contar alguma pra parada pra Teo, conta que eu tô comendo a irmã dele há dez anos. Conta que eu já comi até o cu dela. Mas não conta que eu perdi o cabaço no terceiro ano, valeu? *Cê* sabe que a

arrombada perdeu na sétima série, né? Nem cabelo no ovo o maluco tinha. E eu, marmanjo barbado de pica cabeluda, lá, *mó virjão* no ensino médio.

É que, nessa época, eu achava que ia casar com Ana, saca? E, como eu sabia que ela era virgem, achei meio injusto perder o cabaço antes dela. Queria que a gente perdesse juntos, *mó* românticos. Então, resolvi esperar até que ela estivesse pronta e tal, porque sou *mó* compreensivo.

*Mermão*, se *cê* acreditou nesse caô, *cê* é otário demais, maluco!

A real é que eu até tentava, mas não conseguia transar com outras minas. Tipo, na hora da pegação, a naja ficava pronta pra dar o bote, mas, na hora do *vamovê*, a maluca hibernava.

Ah, Luisão, *cê* broxava com as minas, vacilão?

Que mané broxar, *rapá!* *Cê* é louco, maluco? A naja não broxa, valeu?

Tá, *misera*. Eu assumo que ficava *mó* bloqueado, e a cobra se recusava a subir. Mas fica *sussa*, que eu nunca passei vergonha, *mermão*. Era só a naja dar sinais de hibernação dentro da calça que eu dava um jeito de sair fora. O segredo é saber jogar um migué na mina sem parecer que *cê* tá de caô. E *cê* tá ligado que eu sou o rei do migué, né?

Apesar da falta de experiência, eu tinha *mó* fama de pegador na escola, porque as minas nunca contavam que não tinham levado a cuspida da naja.

Não sei qual delas inventou primeiro que tinha se lambuzado do jato da cuspidreira. Só sei que minhas (inexistentes) habilidades sexuais começaram a se espalhar pelos corredores e vestiários.

A parada ficou tão séria que, na arte da fodelância, eu, um virjão incubado, só perdia pra Teozona, que era o mito do colégio (prefiro não comentar que essa arrombada era o superdotado popularzão da escola, e eu não tô falando só das notas que o filho da puta tirava sem abrir um caderno durante as aulas).

As histórias que as minas contavam sobre nossas fodas fictícias eram tão detalhadas que, quando eu abri o jogo pra Ana, ela não acreditou que era tudo mentira. Se eu não tivesse feito tanta merda na hora H, ela nunca teria acreditado que eu era virgem.

*Mermão*, pensa num dia hilário. Foi aquele dia dos namorados. Mas a história de como eu perdi o cabaço fica pra outra hora, beleza?

Agora a gente precisa focar no que *tava* rolando antes de eu contar essa parada toda.

— Ah, é... *Mermã* de Deus, eu tinha esquecido que a gente tá na *rehab* — dissimulei. — *Cê* tá se sentindo reabilitada? Porque eu só penso em ter umas recaídas *mó* violentas. Tipo, *cê* acha que, se a gente tiver uma overdose agora, tem como voltar pra *rehab* mais tarde? Tipo, segunda-feira? — Aproximei-me e rocei nossos lábios.

— Não. Péssima ideia — ela disse, me empurrando.

— Já que nós transamos nesta semana, *cê* não acha melhor continuar trepando comigo e voltar pra *rehab* só mês que vem? Aí, a gente fica julho e... — Fiz uma pausa e comecei a contar nos dedos. — Janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto... Agosto! A gente transa o restante de junho e fica sem transar em julho e agosto.

— Aí, a gente vai ficar sem transar no Natal — ela argumentou, sussurrando. — E outra! Segunda-feira foi exceção, Luís. Você tá careca de saber que a gente só transou porque era dia dos namorados.

— Ah, *mermã*... Então *bora* transar só neste fim de semana? Tipo, não tem mais ninguém aqui pra transar comigo. E *cê* sabe que eu não consigo ficar na seca.

— Ué, e Mari? — Ela arqueou uma das sobrancelhas escuras.

— Vou respeitar a invasão dos Miyake. Mari é *mó* gostosa, mas é de Lipeta.

— *Mó* gostosa, né, filho da puta? — Levei um tapa no braço.

— Ué, *mermã*... A gente não combinou que é proibido ter ciúme um do outro durante a *rehab*? — perguntei, rindo.

— Cala a boca, Luís. Você tá molhando o chão, sabia? Para de falar merda e vai tirar essa roupa! — ordenou, furiosa.



— Vem comigo. *Cê* também precisa tirar a sua. *Aí*, a gente tira juntos. — Dei uma piscada.

Desconfiada, Ana olhou para baixo.

— *Ai*, meu Deus, você me deixou molhada! — reclamou, passando as mãos na camisa.

— Sempre, *mermã*. — Abri um sorriso sacana.

— Idiota. — Ela riu, mas mordeu o lábio.

— *Ah*, vocês estão *aí*! — Madrinha apareceu no *hall* de repente. — Tito já foi buscar *Letícia*, então só faltam vocês! E Teo e Luma! Onde os dois se enfiaram?

— Eu tô aqui, madrinha. — Lulu entrou no saguão, acompanhada do noivo.

Os dois estavam ensopados, o que confirmava a história de Teo. Eu só esperava que ele não tivesse visto minha irmã pelada. Tipo, eu vejo a dele? Vejo. Mas eu sou eu, né, *mermão*?

— *Ah...* Zach já chegou. — Madrinha fez uma expressão decepcionada.

Já saquei que ela não vai com a cara dele. Acho que é por causa de Teozona, que não suporta o cara. Tipo, eu também não sou o fã do número um do sujeito, mas até que ele é gente boa. Só que, por causa da arrombada ciumenta, mal posso bater papo com meu futuro cunhado, senão Teozona encrespa.

Às vezes, acho que ele sente uns bagulhos por Lulu (não sou tão tapado quanto pareço, *mermão*). E, tipo, eu ficaria de boa com isso. Só que não posso ficar de boa, já que ele não ficaria de boa se descobrisse meu rolo com Ana. Ou seja, não vou liberar minha irmã, já que ele não libera a dele.

Depois que a gente cumprimentou Zach (em inglês, porque o maluco não fala um “a” de português), subimos pra trocar de roupa.

Infelizmente, Ana foi direto pro quarto de Teo com madrinha. Então, não deu pra gente dar uns pegas.

Assim que saí, devidamente seco, passei no quarto dela, só que *Broderzona* já tinha descido.

Fiquei puto, *mermão*. Mas beleza, a noite era uma criança. A gente ia trepar a madrugada inteira, ou eu não me chamo “*Luisão, o Rei da Surubada*” (não vem questionar meu título, valeu?).

Quando desci, fui guiado pelas vozes e risadas até a sala da lareira.

Havia um círculo imenso formado sobre tapete. As pessoas sentadas contornavam a mesa baixa que ficava no centro, cujo tampo servia de apoio para um punhado de garrafas cheias. Uísque, vodca, tequila.

Em instantes, fiquei por dentro da parada que ia rolar.

Na hora da votação, pra ver se a gente ia jogar ou não, votei contra.

É claro, né, maluco! Ninguém ali tinha o rabo mais preso que eu. Ia dar merda. Tentei meter o louco, falando que não ia participar da treta, mas não deu certo. Nem o *Chatão*, que alegou que não tinha o costume de beber, conseguiu escapar. Todo mundo entrou na roda. Menos Zach, por motivos óbvios.

Então, Luma sugeriu que, em solidariedade, a gente falasse as frases em inglês, o que fez Teo cair na risada.

— *No way. Not gonna happen. We don't give a fucking shit.* — Negando a sugestão de Lulu, ele disse que a gente estava pouco se fodendo e levou a garrafa de uísque à boca.

A arrombada já tinha começado a chapar o coco, o que significava que, logo, ia ficar na mão do palhaço. Nunca vi puta mais fraca pra bebida, *mermão*.

— É isso *aí*, Teozona! Que mané inglês, Lulu! — *Veizão* também riu. — Você está propondo que um ex-professor de Português e vários falantes da excelsa Língua Portuguesa abduquem de uma comunicação cognoscível em seu idioma nativo em prol de um único falante de língua diversa? Onde está o seu ufanismo, a sua empatia por seus compatriotas, minha filha?

— “*Modo Lucas*” ativado com sucesso! — Minha mãe tascou um beijo na boca do velho, e a sala explodiu em gargalhadas.

Depois disso, todo mundo se ajeitou para o início da brincadeira.

Peguei uma garrafa de *Jack* e me sentei o mais distante possível de padrinho, pro caso de eu precisar correr. Se a casa caísse, ia dar tempo de salvar a naja.

— Quem começa? — madrinha perguntou, quando todos os participantes terminaram de escolher as

bebidas.

— Eu nunca fui pro motel com dois machos! — iniciei a parada, e a primeira onda de risadas encheu o ambiente.

— Já vou começar bebendo! — Ícaro anunciou, virando a garrafa.

— Eu também! — Artur tomou um longo gole de vodca.

— Também preciso beber. — Uma voz suave me fez olhar na direção de Mari.

— O quê? — Matheus se sobressaltou.

Lipe arregalou os olhos, e Marina se limitou a dar de ombros, enquanto tomava alguns goles de tequila.

— É, Lipeta... Tô achando que *cê* não vai dar conta do recado, *mermão*! — zoei. — Eu tô aí, na atividade. Se precisar da naja, é só chamar, valeu?

— Vai tomar no centro do rabo, Luísa! — Ele me fuzilou.

— Segue o exemplo de Mari e bebe, que *cê* também curte um *motelzim* só com picas! — Dei uma risada.

— Não vou beber. Esse episódio lamentável só aconteceu por causa de Sofia.

— Por minha causa? — Souf riu. — Eu não mandei ninguém me seguir!

— Meu anjo não tem culpa de porra nenhuma, Felipe! — padrinho declarou.

— Exatamente! A culpa foi toda desse filho da puta! — Tio Plínio apontou o Chatão.

— Minha? O senhor gosta de comer cu cabeludo e a culpa é minha, sogrão? — o maluco atçou, e a gente teve uma crise de riso.

— Tem um tempão que eu não depilo, viu, Plínio? — Ícaro lançou um olhar provocativo, e a plateia se desmanchou em mais gargalhadas.

— Bebe logo, Papa-cu! *Cê* também, Putão! E *cê* também, Lipeta! — meu pai falou, rindo.

Os três estavam bebendo, contrariados, quando Ana perguntou:

— Gente, quem já foi pro motel com três caras também precisa beber?

— Que parada é essa, maluca? — berrei, enquanto padrinho engasgava com os goles de uísque.

Buscando meus olhos, ela curvou os lábios com malícia.

Fiquei puto, *mermão*! Tipo, eu sou surubeiro? Sou. Mas ela sabe dos meus esquemas! Sempre soube! E nunca me contou que transa com vários filhos da puta simultaneamente!

Do nada, comecei a imaginar minha boca favorita fazendo revezamento de picas ao mesmo tempo em que outro desgraçado...

*Mermão* de Deus...

Um bagulho doido ferveu meu sangue.

Mas, pelo bem da naja, eu tinha que parar de dar bandeira. Então, tive que prender os cachorros que eu queria soltar.

— Essa não nega a raça, né, minha Quenga? — Meu pai bateu nas costas do amigo engasgado.

— Com quem será que ela aprendeu, né, cretino? — Madrinha bateu do outro lado.

— Três machos, Olívia? Comigo é que não foi! — padrinho rosnou, recuperado do engasgo. — Que porra é essa, Ana? — trovejou, encarando a filha.

— Calma, papai! Eu só estava tirando uma dúvida — ela falou, com inocência.

— *Cê* para de meter o louco, maluca! Não tem retardado aqui, não, valeu? — Quando me dei conta, já tinha soltado o primeiro Pitt Bull da matilha. — Se liga, padrinho, ela tá achando que o senhor é otário, *mermão*! — Dei uma disfarçada.

Em vez de olhar pra Ana, ele me encarou, estreitando os olhos.

— *Cê* que tá achando que Putão é otário, Luisona! — Meu pai deu uma gargalhada.

Meu próprio pai, o maluco que me carregou no saco, é capaz de fazer uma parada dessas comigo.

— E daí se eu tivesse saído com três caras? — Ana se indignou. — Mas, pro governo de vocês, perguntei por perguntar, pro caso de ter alguém aqui que já fez isso, né, Isa?

Perplexo, padrinho dirigiu o olhar à gêmea indiretamente acusada.

— Que absurdo! É mentira dela, papai! Retira isso, sua vaca mentirosa! — Isa fuzilou a irmã, que caiu na risada. — Você me paga, Ana! Espera só chegar a minha vez!

— Eu retiro! — *Broderzona* se apressou. — Juro pela vida de Teo que era brincadeira, papai!

— É... A vida do Bruxo vale muita coisa mesmo — Isa ironizou.

Estranhamente, Teozona não revidou. Só então eu percebi que ele não tinha trovejado nenhuma vez, o que era *mó* estranho.

Olhei pra arrombada como quem pergunta: “*cê* não vai falar nada, *mermão*?”. Ele deu de ombros, como quem diz “foda-se”, e bebeu outro gole de uísque.

Depois disso, Artur perguntou se alguém mais ia beber e, diante da negativa, mandou a próxima:

— Eu nunca peguei um colega!

Todo mundo olhou pros Chatões.

— Acho que a gente vai ter que beber um tanto. — Sofia beijou o maxilar do noivo.

— Sua mãe também, paixão. — Matheus riu.

— O moleque não perde uma, mano! — Meu pai caiu na risada.

— Tá esperando o quê pra beber a garrafa inteira, Susanne? — Tio Plinieta perguntou, mal-humorado.

— Tô esperando você esvaziar a sua! — tia Suze retrucou.

— Eu? — Ele esbugalhou os olhos.

— E as suas coleguinhas de faculdade, doutor? — ela lembrou, elevando uma sobrancelha.

— Isso mesmo! Eu não especifiquei! Pode ser qualquer colega! De escola, de faculdade ou de trabalho! — Artur esclareceu.

— Vixe, então você vai ter que beber de novo, Henrique — Marina falou, rindo.

— Espero que ela esteja se referindo a ex-colegas de faculdade, não do seu trabalho, Matheus! — Sofia lançou um olhar mortífero ao Chatão.

— Olha só quem está me recriminando por pegar colegas de trabalho! A pessoa que ia se casar com um! — Ele deu uma risada desprovida de humor. — Você vai continuar trabalhando com aquele filho da puta, Sofia! Um sujeito que foi seu noivo!

Tio Plínio teve uma crise de riso.

— Nada como uma pergunta após a outra, hein, Miyake? — falou, satisfeito.

— Até que enfim *cê* marcou um ponto, Plinião! Agora tá de dez mil a um pro Chatão! — Meu pai gargalhou.

Tio Plinieta fulminou o velho e bebeu um gole de uísque. Em seguida, tia Suze tomou um pouco de vodca.

Incentivados pela roda, os Chatões beberam ainda mais.

Enquanto os dois bebiam, Ícaro perguntou:

— Por que você não tá bebendo, Titinho? E você, dona Olívia?

— Ai, meu Deus, era verdade! — Isa bradou de repente, visivelmente chocada.

— Do que *cê* tá falando, *mermã*? — perguntei, sem entender.

— Tio Tito foi colega de mamãe na época que ela fazia Medicina! E, quando você estava lá fora, padrinho disse que eles já se beijaram! — ela explicou.

— Que porra é essa, mãe? — Teo finalmente trovejou.

— A gente só se beijou! Só isso. Uma vez! Há séculos! E não durou nem trinta segundos! — Madrinha se defendeu.

— O desgraçado do Tito ia tirar seu biquíni, Olívia! Só não tirou porque eu interrompi! — Padrinho rosnou.

— Papai! — Tíci, que estava acomodada no sofá ao lado do círculo, repousando o tornozelo torcido, ficou boquiaberta.

— Biquíni? — Isa tapou a boca.

— A senhora já conhecia papai? — Ana perguntou, abismada.

Madrinha revirou os olhos.

— É uma longa história, que tem a ver com o boquete que *aquelazinha* plastificada fez no seu pai!

Ela só podia estar falando de tia Drica, que faz tanta gambiarra na cara que aparece direto com um rosto novo, ainda mais retocado que o anterior.

— Esse filho da puta deixou aquela vadia chupar meu pacotão gostoso! — madrinha continuou, irada.

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA! — Isa levou as mãos aos ouvidos.

— Socorroooooooooooooooooo! — Ana imitou a irmã.

— Puta que pariu... Que porra, mãe! — Teo reclamou.

— Eu nunca te perdoei por isso, cretino! — Ignorando o protesto dos filhos, ela incinerou meu padrinho com um olhar letal.

— Como se eu tivesse te perdoado por quase transar com Tito, que é como se fosse meu irmão caçula! — ele rebateu.

— Foi só um beijo, Max! Deixa de exagero! Um beijo contra um bola-gato, cretino!

— Eu chamei seu nome no final do boquete, Olívia! Enquanto você fazia o quê? Se esfregava no porra do Tito! Eu devia ter te matado, Tito!

*Mermão* do céu! Olha essa treta, maluco! Como é que eu não sabia dessa parada? Tio Titeta, *mó* safadão, pegando madrinha e censurando meus pegas com Ana!

— Puto, é sério que você ainda não superou essa história? — ele perguntou. — Foi só um beijo. E aconteceu há quase trinta anos.

— Se eu tivesse beijado Larissa, você teria superado? — Padrinho quis saber.

Tio Tito ficou em silêncio, pensativo.

— Pois é. Eu acho que não. Pimenta no cu dos outros é fresco, né, desgraçado?

— Acho melhor a gente mudar de assunto — tia Lari pacificou. — Quem é o próximo?

— Tio Titeta e madrinha ainda não beberam! — apontei.

— Nem você, Luís — ele me fitou, levando o gargalo aos lábios.

*Mermão* do céu, eu nem tinha me tocado! *Broderzona* foi minha colega de sala até o terceiro ano!

— É mesmo, maluco! Eu era *mó* pegador na escola — despistei. — *Cês* também, putas! — Direcionei o olhar para Teo e Lipeta, e a gente bebeu.

No final dessa rodada, todo mundo acabou bebendo, o que deixou alguns pais meio putos e algumas pessoas mais distantes da sobriedade.

Depois de algumas frases tranquilas, que renderam gargalhadas e muita bebida, chegou a vez de Ícaro.

— Eu nunca pulei a cerca! — Ele fechou a boca, e a sala mergulhou em um silêncio sombrio.

O único som audível era o da chuva, que caía lá fora com a mesma intensidade da atmosfera pesada que inundou o lado de dentro.



# 21

## DE OLHOS FECHADOS

“(...) eu tento enganar meu coração, fugir pra outro lugar em uma outra direção (...)”.  
*Um Minuto Para O Fim Do Mundo — CPM22*

ANA

— Ninguém vai beber? — Ícaro perguntou, quebrando o silêncio.

— É óbvio que não! Ninguém nesta sala é capaz de trair a esposa com, por exemplo, escritãs e assessoras, né, cretino? — mamãe fulminou papai, como se realmente acreditasse na hipótese absurda.

— Não sei, senhorita Olívia. Alguém aqui é capaz de trair o marido com, por exemplo, editores e revisores? — ele revidou, no mesmo tom acusatório.

Essas cismas ridículas que meus pais têm são hilárias. É tipo uma competição para ver quem tem mais ciúme infundado. Os dois vivem inventando motivo para brigar à toa. Acho que é só para fazerem as pazes, que é uma coisa que eles vivem fazendo, se é que você me entende.

Esses dias, ouvi umas coisas que teriam me deixado traumatizada pro resto da vida, se eu já não tivesse sofrido tantos traumas irreversíveis na infância.

— E será que alguém aqui é capaz de trair com pacientes e profissionais da área da saúde? — Tia Lari encarou tio Tito.

— Também quero saber, doutora Larissa — ele devolveu, erguendo uma sobrancelha.

— O que você acha, Plínio? — Tia Suze lançou um olhar interrogativo para o marido.

— Pra cima de mim, Susanne? — ele berrou. — E o seu contato com arquitetos e engenheiros, como é? Seu pai é engenheiro, né, filho da puta? — Virou o pescoço na direção de Matheus, que estava sentado ao lado de Sofia, com os dedos entrelaçados aos dela.

— É, sogrão. Meu pai trabalha com construção. Ele até mostrou pra dona Susanne como é que se usa um longo e largo cilindro de concreto. — O Chatão caiu na risada.

Luís jamais enfrentaria papai assim, já que é mais frouxo que cu de bêbado.

O mais estranho é que eu gosto disso. Acho o jeito cagão dele a coisa mais engraçada do mundo.

— Eu vou contratar um pistoleiro pra te matar, desgraçado! — tio Plínio ameaçou, enquanto várias gargalhadas ecoavam.

— Plínio, desconfia! Já chega! — tia Suze reclinou.

— É, sogrão... Para que tá feio — Matheus cutucou.

— Aí, tá vendo? Ele fica me pirraçando, Susanne! — Meu tio se defendeu, e mais risadas encheram a sala.

— Meu Deus, quanto mais velho você fica, mais certeza eu tenho de que me casei com uma criança! — Tia Suze riu.

— Quantos anos você tem, sogrão? Sessenta? — O Chatão provocou.

— Sento. Sento a vara no seu cu! — tio Plínio rosnou.

— O Papa-cu ataca novamente! — Padrinho gargalhou.

— Ai, que delícia! Eu quero, Plinião! — Ícaro deu uma piscada. — E também quero saber quem vai beber! Max? Plínio? Titinho? Piolho? Alguma puladinha de cerca?

— *Cê é louco, meu? A gente tem amor à vida, mano!* — Padrinho deu uma gargalhada, mas, quando foi fuzilado por minha madrinha, limpou a garganta, fingindo séria indignação. — Quero dizer, *cê é louco, meu? Cê sabe com quem cê tá falando? Só com membros do CFC! A gente ama nossas minas, tá ligado?* — Ele fez uma pausa curta e acariciou o cabelo loiro da esposa. — Melhorou, mano? — perguntou, usando o tom diferente que sempre usa para falar com ela.

— Ainda bem que *camisolice* não é genético, *mermão!* Se fosse, eu *tava* na bosta! — Luís comentou, e gargalhadas altas estrondearam.

— *Cê nasceu de camisola, todo lambrecado de bosta, Luisona!* — Padrinho causou outra crise de riso generalizada.

— Me respeita, *Veizão!* Meu negócio é suruba, maluco! — Luís protestou.

— Suruba, né, Luísa? Sei... — Tio Tito riu, me fitando.

Engoli em seco e achei melhor desviar o rumo da conversa.

Sabidamente, encontrei uma maneira de matar dois coelhos com uma cajadada só.

— Gente, e a brincadeira? É claro que os casados não têm motivo para beber. Só tem casal apaixonado na família. Mas e os solteiros? Alguém aqui já traiu um namorado ou, sei lá... — Simulei um ar pensativo. — Um noivo, talvez? Souf? Luminha? Alguma de vocês precisa beber?

No dia anterior, pouco depois de Isa e eu sairmos correndo da casa de padrinho com mais um trauma nas costas, ameaçamos e obrigamos Teo a nos contar tudo sobre o rolo dele com Luma.

No final do breve — e nada detalhado — relato do cretino, descobrimos a cagada que ele tinha feito.

Então, cumprindo nossa função de irmãs-cupido de uma criatura intelectualmente prejudicada, explicamos a merda feita e apontamos a solução: um lindo e sincero pedido de desculpas.

Mais cedo, antes de a brincadeira começar, perguntei de novo se ele tinha se redimido por ter insinuado que Luma trai o noivo com qualquer um.

Sabe o que ele disse? Que não era da porra da minha conta.

Ou seja, se tinha pedido desculpa, ela tinha recusado. E, como Zach estava entre nós, sentado na roda sem entender caralho nenhum do que estava sendo dito, o casamento ainda estava de pé.

Eu precisava, urgentemente, dar um jeito naquilo, já que o imbecil do meu irmão estava fazendo o que ele sabe fazer de melhor: vários *nadas*.

— Não preciso beber. Nunca traí ninguém. Se tem uma coisa que eu abomino é traição. — Sofia foi a primeira a se manifestar.

Às vezes, parece que ela é irmã gêmea de Isa, não eu.

— É... Agora você vai ter que andar na linha, Henrique. — A tal da Mari riu.

Não gostei dessa garota, a propósito. Mas isso não vem ao caso.

— Você já traiu alguém? — Minha prima fitou o noivo, alarmada.

— Eu? — Matheus limpou a garganta. — Claro que não, paixão.

Meu faro dizia que ele estava mentindo. E meu faro nunca erra.

Mas quem poderia julgá-lo por mentir? Que cara diria à noiva que já traiu uma namorada? O Chatão teria que ser muito burro para confessar uma coisa dessas a Sofia, que já foi chifrada.

Eu poderia, muito bem, alertá-la. Mas isso só serviria para estragar o romance dos dois. Se ele realmente traiu, a traição ficou no passado, e é lá que deve permanecer.

Não coloco minha mão no fogo por ninguém, mas Matheus parece amar Sofia, e acho que jamais faria isso com ela. Então, em vez de entregá-lo, decidi virar o holofote.

— E você, Luma, precisa beber? — questionei, fazendo-me de desentendida.

Encurrallada pela pergunta e cercada por muitos olhares inquisidores, ela afirmou, resoluta:

— Não.

Teo, que já estava bêbado, deu uma risada nitidamente ébria.

— Fala a verdade, Luminha.

Vários ruídos de surpresa ecoaram no meio do círculo.

— Você traiu Zach? — madrinha perguntou, perplexa.

Ouvindo o próprio nome, o noivo de Luma, que estava distraído, mexendo no celular, ergueu a cabeça.

— *What about me?* — Naturalmente, quis saber por que estava sendo mencionado.

— Sua noiva te traiu — Teo respondeu, rindo.

— *What?* — O sotaque britânico saiu acompanhado por um cenho franzido.

— *Your fiancée...* — Meu irmão começou a traduzir.

— Cala a boca, Teo! — Luma interrompeu. — É mentira dele! Esse idiota não sabe nada da minha vida! Em quem vocês vão acreditar? Em mim ou num bêbado?

— Eu não tô bêbado — meu irmão falou, a voz soando pastosa. — Eu tô bêbado, mãe?

— Claro que não, bebê. — Mamãe abriu um sorriso condescendente.

— Viu, Luma? Eu não tô bêbado. Minha mãe que falou. Eu te amo, mamãe. Minha linda, minha mamãe linda. — Ele fez uma cara hilária, e minhas risadas histéricas se uniram às gargalhadas dos demais.

Quando enche o cu de uísque, Teo sempre tem “amnésia” no dia seguinte. Ou seja, nunca acredita que falou as merdas mais ridículas do mundo durante a bebedeira. Por isso, eu sempre gravo as besteiras que ele fala.

Estava prestes a tirar o celular do bolso quando percebi que Isa já estava gravando tudo. Graças a Deus! Teríamos o “mamãe linda” para esfregar na cara do cretino pro resto da vida!

— Ele fica tão fofinho! Parece que tem cinco aninhos de novo! — Mamãe suspirou. — Eu vou pro inferno por preferir a versão bêbada do meu próprio filho? — Ela riu, provocando mais risadas.

— Fofinho de cu é rola, mamãe. — Teo tomou mais um gole de uísque. — E você vai pro céu, mamãe linda, que nem uma rainha — emendou, descendo o gargalo.

— *Mermão* de Deus... — Rindo, Luís se levantou e tomou a garrafa da mão dele. — Já chega. *Cê* tá passando vergonha, maluco.

— Deixa de ser *cuzão*, Luisona! Deixa o moleque beber, *carai!* — Padrinho reclamou.

— Luísa... — Teo tentou ficar de pé e quase caiu.

Luís o segurou, e meu irmão o abraçou com força.

— Eu te amo, Luísa. — Deu vários tapas nas costas de Luisão. — Mas amo mesmo é sua irmã — sussurrou, alto o bastante para todo mundo ouvir.

Um silêncio súbito povoou a sala, que se encheu de olhos arregalados e bocas abertas.

— Você o quê? — Luís se afastou. — *Cê* pegou minha irmã, desgraçado? *Cê* quebrou a promessa que a gente fez, maluco? — Tive que me controlar para não rir da cara-de-pau de Luisão.

Teo assentiu, fazendo uma carinha de criança travessa, e eu virei o pescoço na direção de Luma.

A declaração repentina de meu irmão tinha estampado um sorriso em seus lábios. Mas, assim que notou meu olhar, ela disfarçou a expressão.

— Aí, eu falei, mano! — Padrinho riu. — Eu não te falei que a gente ia dividir os netos, Putão?

— Seu afilhado tá comendo sua filha debaixo do seu nariz e você não vai fazer nada, porra? — papai praticamente gritou.

— É claro que eu vou, mano! Vou começar a bolar minhas estratégias pra nossa disputa dos avôs! — ele disse, suscitando um coro de gargalhadas.

— Seu melhor amigo tá comendo sua irmã debaixo do seu nariz e você não vai fazer nada, Luísa? — Lipe parafraseou papai, usando um tom de chacota.

— Como que faz, se o rabo dele tá preso? — Tio Tito riu.

— Que mané rabo preso, maluco! E quem disse que eu não vou fazer nada? Agora eu tô liberado pra pegar as irmãs dele!

— *Irmãs?* — rosnei.

Luís deu uma risada.

— Tô zoando, *mermã!* *Cê* sabe que eu te amo, maluca!

— Você também ama minha irmã, Luísa? — Teo riu, o que só comprovava o nível extremo de embriaguez em que se encontrava.

Foi quando Luís percebeu a merda que tinha acabado de dizer.

— Que porra é essa? — papai trovejou, levantando-se.

— Calma, papai, o senhor entendeu errado! — Fiquei de pé. — O que Luís quis dizer...

— É isso mesmo, padrinho — ele me interrompeu. — Eu amo minha *Broderzona*. Mas fica *sussa*, que a gente se ama como amigos, né, *mermã?* — Luís se aproximou e colocou o braço em meus ombros.

— Exatamente! É só amizade, papai! — expliquei, ignorando o arrepio que o contato provocou em minha espinha. — A gente diz isso um pro outro desde pequenos!

— Vocês se amam desde pequenos, isso sim! — Mamãe também se levantou.

— Até quando vocês vão fingir que são só amigos? — Madrinha colocou-se de pé.

Então, todo mundo abandonou o círculo. Estávamos diante de uma plateia erguida.

— Aninha, querida, você quer mesmo que a gente acredite que você nunca viu esse monumento pelado? — Ícaro deu uma risada, apontando Luís com um indicador flexível.

— Aposto que a amizade dos dois é mais colorida que um arco-íris! — Artur riu.

— Confessem logo! Aí, a gente planeja os três casamentos ao mesmo tempo! — Tia Suze se animou.

— Seria lindo, porra! — Mamãe concordou. — Sofia e Matheus, Luma e Teo e Ana e Luís se casando no mesmo dia!

— Já quero meus dois bebês se casando na mesma cerimônia! — Madrinha bateu palminhas.

Loucas! Elas só podiam ser loucas!

E daí que eu nunca vou amar ninguém como amo Luís? Isso não quer dizer que a gente precise se casar!

E daí que a gente transa de vez em quando? Isso não muda nada! Continuamos amigos, como sempre fomos!

Eu não quero me casar com ele, quero?

Não! Meu Deus, é óbvio que não! Não quero me casar. Não quero ter filhos. Não quero nada disso! Por que as pessoas não entendem?

— Se eles estão dizendo que são só amigos é porque são só amigos, caralho! — papai rugiu. — Fim de papo! Não quero mais falar dessa porra!

— Putão, deixa de negação, mano. *Cê* tá careca de saber que eles se pegam. — Padrinho riu. — Fala pra ele, Luisona. Conta pra Quenga que *cê* perdeu o cabaço com Ana.

— Você contou pro seu pai? — Busquei os olhos de Luís, arregalando os meus.

— Eu sabia! — Várias vozes bradaram em uníssono.

Tapei a boca, como se pudesse empurrar as palavras que tinham acabado de escapar.

— Olívia, eu tô passando mal. — Papai levou uma mão ao peito.

Padrinho teve uma crise de riso, acompanhada por inúmeras risadas.

— Não acredito que você contou, Luís! A culpa é toda sua, mongoloide! — Dei um empurrão no peito dele.

— Eu não contei, *mermã!* *Veizão* jogou o verde e *cê* caiu! *Cê* que é a culpada!

— Que mané joguei verde, mano! — padrinho falou, rindo. — *Cê* acha que eu não sei que *cê* perdeu o cabaço com dezessete anos, Luisona?

— Dezessete! — Lipe riu tanto que caiu sentado no sofá, ao lado de Letícia.

Procurei por Teo e vi que ele estava distraído, conversando com Luma no canto da sala. O sono do



Zach estava do outro lado, falando no celular.

— Dezessete? Dezessete? Você tá comendo minha filha há dez anos, filho da puta? — Papai vociferou, com os olhos injetados. — Eu vou te matar, desgraçado! — Ele avançou.

— Max, sossega! — Mamãe o segurou pelo braço.

— Foi só uma vez, padrinho! — Luís se escondeu atrás de mim. — Protege a naja, *mermã!*

A sala explodiu em gargalhadas frenéticas.

— Como você descobriu, Piolho? — Tio Tito quis saber. — Tem dez anos que eles estão nessa vida e eu só peguei os dois juntos hoje!

— Você pegou os dois? Hoje? — Papai esbugalhou os olhos.

— Nem te conto o que eles estavam fazendo, puto. — Tio Tito caiu na risada.

— A gente não estava fazendo nada, papai! Desmente isso, tio Tito!

Em vez de retirar a mentira, meu tio riu ainda mais.

— Tô tendo um infarto, Olívia. — Papai apertou o peito. — Vou morrer aos cinquenta anos, porra.

— Cinquenta e três, quase cinquenta e quatro, cretino — mamãe corrigiu, rindo.

— Tanto faz, caralho! Eu tô morrendo! — Papai começou a sorver o ar com dificuldade. — Tá ficando tudo escuro, linda... É o fim.

Quem o conhece tá careca de saber que é tudo fingimento. Drama puro.

Isso acabou me lembrando do meu aniversário de quinze anos, quando mamãe contou que Luís seria meu “príncipe”.

É claro que eu achava esse tipo de festa a coisa mais cafona do mundo. Mas era o sonho de Isa. Então, tive que botar um daqueles vestidos ridículos. Fiquei parecendo um bolo cor-de-rosa e, ainda por cima, não dancei a valsa com Luisão. Papai fez o maior drama e, infelizmente, não deixou.

Adivinha quem foi meu “príncipe”?

Se você respondeu “Teo, o cretino”, parabéns, você acertou. Isa teve mais sorte que eu; dançou com Lipe, sob o olhar atento de papai.

O que ele não sabe é que, no meio festa, Luís e eu fugimos para a casa da árvore. E a gente dançou. Pena que ele não me beijou. Mas, mesmo assim, aqueles minutos transformaram o dia em um dos mais memoráveis da minha vida.

— Respira, meu lindo. Vem, senta aqui. — Mamãe guiou papai até o sofá mais próximo.

— Aguenta firme, Quenga! *Cê* não pode morrer sem saber de tudo, mano! Deixa eu contar a parada toda — padrinho começou. — Luisona perdeu o cabaço num dia dos namorados. *Cês* deixaram Teozona e as gêmeas na casa de Plinião e foram trepar em Gramado, puta. Naquela noite, Malu e eu fomos prum *motelzim* bem safado...

— Lucas! — madrinha ralhou, visivelmente envergonhada.

— Relaxa, mano. O povo aqui sabe que a gente transa. — Ele riu. — *Aí*, né, a gente chegou de madrugada. Malu foi botar outra parada *sexy*, pra gente fazer o *round* dois, tipo um *pornozim* caseiro, saca?

— Meu Deus... — Madrinha colocou a mão na cara, e padrinho deu uma risada.

— Enquanto isso, eu fui correndo até o quarto de Luisona — continuou —, pra ver se ele *tava* vivo e tal. Essas paradas que os pais têm que fazer, saca? A porta *tava* trancada. Mas, como eu sou um pai *mó* zeloso, olhei pelo buraco da fechadura, pra ver se ele *tava* lá dentro. *Aí*, eu vi um cabelão preto nos lençóis e pensei: mano de Deus, será que é uma mina ou um moleque cabeludo?

— *Coé, rapá?* — Luís reclamou, e meu padrinho achou graça.

— Fiquei curioso, né, *véi*. Corri até o quarto e contei pra Malu. *Aí*, a gente pegou a cópia da chave e voltou pra lá. Ela abriu na maciota, e a gente entrou, fazendo corpo leve, saca? Foi quando vimos o *casalzim*. Os dois *tavam mó* agarrados, *mó* românticos.

— E como *cê* sabia o lance do cabaço? — Luís questionou, tão chocado quanto eu.

— *Cê* malocava as camisinhas dentro das meias, mano! — Padrinho riu. — Eu contava todas, diariamente. Tinha contado naquela tarde, quando *cê tava* na escola, e sabia que *tavam* todas lá. No dia seguinte, contei de novo, pra ter certeza de que a naja tinha atacado. *Tava* faltando uma. Fiquei decepcionado, né, mano. Só uma, *carai*?

— Porra, só uma, Luísa? — Lipe gargalhou junto com os demais.

Eu não podia acreditar que minha vida estava sendo exposta daquela maneira! Na frente de todo mundo! Pior, na frente de papai!

— Eu tô morrendo, Olívia... — Ele começou a inspirar e expirar ruidosamente.

— Max, deixa de drama. — Mamãe riu. — Ana é uma mulher adulta, porra.

— Ela era uma criança quando esse filho da puta... — Ele fez menção de se aproximar, mas foi impedido por mamãe. — Eu vou matar seu filho, Piolho!

— Quenga, *cê tá* pegando o boi que Luisona pegou só uma das gêmeas, mano! Se o moleque não fosse apaixonado por Ana desde criança, tinha rolado *menagezão* com Isa!

— Credo! — Minha irmã fez uma expressão horrorizada.

— Que mané apaixonado, maluco! — Luís retrucou.

— Vocês estão transando há dez anos e Luís ainda não se declarou? — Sofia perguntou, abismada. — Matheus me pediu em casamento depois do quê, umas cinco, paixão? — Ela virou o rosto na direção dele.

Eu quis voar na cara dela. Quis arranhar aquele rostinho de boneca, deixar tudo na carne viva, de tanto ódio. Mas, em vez disso, fiz o que eu sabia que doeria mais.

— Nem todo mundo quer se casar! Nem todo mundo quer ter essa relaçãozinha precipitada de vocês dois! Você é tão burra que não percebeu que seu noivinho perfeito é um filho da puta traidor! Espero que ele coloque outro par de chifres na sua cabeça! Vão se foder, todos vocês! — gritei e corri.

Não ia ficar nem um segundo a mais naquela casa. Eu odiava todos eles! Todos! Podia ir todo mundo pro inferno! Principalmente Luís, aquele idiota!

Lágrimas cada vez mais grossas incendiavam minhas bochechas à medida que meus pés me levavam para longe dali.

Atravessei o *hall*, agarrei os puxadores da porta de madeira e fui recebida pelo temporal. Enfiando a mão no bolso da calça, tirei a chave enquanto descia as escadas.

— Ana! — A voz de Luís rivalizou com o som de um trovão.

Continuei correndo. Alcancei a garagem, acionei o alarme e entrei no carro.

Dei partida, manobrei e saí, fingindo não escutar as batidas na janela.

Minha dianteira cruzava o pórtico da fazenda quando faróis ofuscantes levaram meus olhos ao retrovisor interno. O carro dele vinha logo atrás.

Ao ganhar a estrada, afundei o pé direito.

Os pneus deslizavam no asfalto molhado, e minha mente se transformava em um redemoinho formado por uma única pergunta, repetida infinitas vezes na minha cabeça: por que eu estava com tanta raiva de Luís?

A resposta piscava com força. As palavras tentavam me alertar para uma obviedade que eu tinha ignorado praticamente a vida inteira.

Eu não queria ouvir. Precisava desligar aquela merda.

Levei o dedo ao painel, para ligar o som e abafar meus pensamentos.

Mas a voz de Humberto Gessinger não ressoou. Antes de meu indicador chegar ao botão, um ruído brusco golpeou meus ouvidos.



# 22

TEU CALOR

“(...) pra dividir meu cobertor”.  
*Avião De Papel* — Melim

MATHEUS

O teto do dossel foi a primeira coisa que meus olhos sonolentos detectaram.

Um barulho potente fustigou meus ouvidos.

Água.

Massacrava os vidros da janela, o solo e o telhado.

Rapidamente, concluí que o céu estava desmoronando lá fora.

Devagar, as memórias foram se organizando em meu cérebro latejante.

A noite anterior pulsava dolorosamente, comprimindo meu crânio.

Cerrei as pálpebras enquanto uma espiral de lembranças desconexas se desenrolava em minha mente.

Ana fodeu minha vida.

O fato ganhou um ponto no início da trágica linha temporal que começou a se formar na minha cabeça.

“Débora nem era minha namorada! Vai tentar foder a vida da puta que te pariu!”, pensei, quando ela jogou a bomba e correu.

“Isso, vão mesmo, filhos da mãe! Que o diabo carregue os dois pro inferno!”, bradei mentalmente, no instante em que Luís saiu atrás dela.

— Você traiu minha filha, desgraçado? — Plínio deu alguns passos e agarrou a gola da minha camisa.

Enquanto isso, Max marchava em direção ao *hall*.

— Plínio, desconfia! — Susanne pacificou.

— Deixa os dois conversarem em paz, cretino! — Olívia correu e puxou o braço do marido.

— Eu sou inocente, sogrão! — Tentei, mas não consegui reprimir o tom de riso ao erguer as duas mãos, em um gesto icônico de rendição.

— E se ela pegar o carro, Olívia? Tá chovendo pra caralho, e ela bebeu! — Max berrou do vão da porta.

— Sofia, ele tá fazendo graça! Esse filho da puta te trai! — Plínio acusou, buscando os olhos da filha.

— Luisona vai resolver a parada, Quenga. Sossega o cu aí, mano. Confia no bote da naja, tá ligado? — Piolho deu uma risada do outro lado da sala.

Ignorando o alvoroço de vozes e gargalhadas, pousei os olhos no silêncio estampado no rosto de Sofia.

— Eu te amo, Gi. — Abri um sorriso, certo de que ela sorriria de volta, dizendo algo como “também te amo, paixão”.

— Solta ele, papai — disse, séria, contrariando minhas expectativas. — Vem, Matheus, vamos subir.

— Agarrou meu braço e me puxou.

— O dever me chama, sogrão. — Fiz minha melhor expressão sacana, dando umas batidas no ombro do velho.

— Matheus, para de gracinha e vem logo! — Sofia bradou, me dando um puxão.

— Ela tá nervosa. Você vai se ferrar. — Plínio riu, batendo a palma aberta na mão fechada.

— Minha terceira perna sabe amansar a fera, sogrão — devolvi.

Ele fez uma cara hilária, e eu caí na risada.

— Eu vou atrás deles! — Max alardeou de repente, enquanto minha noiva me arrastava em direção à escada.

Tínhamos acabado de vencer o primeiro lance quando Luma se aproximou, com o braço enlaçado ao corpo de Teo.

— Matheus, será que você pode me ajudar a subir com ele?

— Claro. — Desci os degraus e, ignorando os protestos do bêbado, fiz o que ela pediu.

— E Zach? E o casamento? — Sofia quis saber, assim que começamos a subir.

— Não vai ter casamento, Solange — Teo afirmou. — Luana me ama. Ela me ama, Marcos. — Virou o rosto e abriu um sorriso embriagado.

— Meu Deus... — Sofia riu. — Você vai dormir com ele assim?

— Claro que não! Ficou louca? Nem assim nem de jeito nenhum! Vou só colocá-lo na cama, antes que esse idiota conte tudo pra Zach — ela disse, e Teo teve uma crise de riso.

— Luma, por que você não põe logo um fim nisso? — Sofia perguntou. — Se você transou com Teo, está mais do que óbvio que não ama Zach o bastante para se casar com ele.

— Eu sei. — Ela soltou um suspiro frustrado. — Falei pra Zach que já volto e que precisamos conversar.

— Então vai lá. Deixa que Matheus coloca Teo na cama.

— Sai pra lá, porra — o bebum resmungou, e eu dei uma risada.

— Fica tranquilo, parceiro, eu coloco devagar — zoei.

— Luana, não me abandona! — ele gritou, desesperado, quando Luma começou a descer.

— Relaxa, que vai dar tudo certo, Teodoro. — Rindo, ela alcançou o *hall*.

— Eu não tô a fim de relaxar, Marcos... — Ele balançou a cabeça.

— Vai ser uma delícia, cara — falei, morrendo de rir.

— Matheus, para de dar corda pro bêbado e sobe logo! — Sofia ordenou, ríspida.

— Solange tá nervosa — Teo cochichou, e ela fingiu não escutar nossas risadas.

Pouco depois, chegávamos ao quarto dele. Entrei, mas Sofia estacou no limiar da porta.

— Só saia daí quando ele estiver dormindo — mandou e se afastou, antes que eu pudesse abrir a boca.

Fiquei puto. Além de virar babá de bêbado, eu estava sendo tratado com frieza pela minha própria noiva. Tudo por culpa de quem? Da prima dela, que jogou no ventilador uma merda que eu nem fiz!

Quando Teo finalmente capotou, fechei a porta e fui direto para o quarto de Sofia. Já tinha se passado um bom tempo, e eu ainda estava puto.

Se ela achava que eu ia chegar manso, tentando me justificar por algo que ela presumiu ser verdade só porque Ana decidiu explodir, estava muito enganada.

Para início de conversa, eu sou inocente! Não posso ter traído Débora se ela nunca foi minha namorada de verdade! Eu nunca traí ninguém. Não posso — nem vou — confessar algo que não fiz.

Com isso em mente, girei a maçaneta e entrei.

Ela estava deitada, embrulhada dos pés à cabeça.

Virei o corpo e tranquei a porta.

Então, ouvi um soluço.

— Sofia? — Fui até a cama e me sentei.

Puxei o edredom, mas ela tapou os olhos com as duas mãos.

Só o que eu podia ver era o lábio trêmulo e o vestígio das lágrimas empoçadas em suas bochechas.

Meu coração se contorceu como se estivesse girando dentro de uma centrífuga.

— Que foi, paixão? — Acariciei seu cabelo. — Gi, eu te amo. Você é a mulher da minha vida. Amo você com todas as minhas forças. Jamais faria algo pra te machucar.

— Eu sei. — Ela se sentou subitamente e me abraçou, afundando o rosto em meu pescoço.

— Não chora, girafinha... — Apertei seu corpo, enterrando a mão em sua nuca.

Devagar, ela se afastou.

Delicadamente, sequei sua face, enquanto ela limpava o outro lado do rosto.

— Desculpa. Eu sei que você jamais seria capaz de trair alguém, Matheus. Você é lindo e perfeito. Por fora e por dentro. — Alisou meu maxilar. — Tô chateada com Ana, e acabei descontando um pouco em você, que é totalmente inocente. — Dizendo isso, Sofia se aproximou e me beijou.

Durante o beijo, o diabo sussurrou em meu ouvido:

— É isso aí, mano. *Cê* é inocente. Agora é só meter a rola, tá ligado? — Por algum motivo, o capeta se parecia muito com Piolho.

— Você tá fazendo merda, porra. — O anjo, que era a cara de Max, falou do outro lado. — Confessa logo esse caralho. Sofia vai apreciar sua honestidade.

— Que mané apreciar o quê, *véi*! Ela vai é ficar decepcionada! Deixa essa parada pra lá, mano. Confia no Piolhão.

— Ela vai acabar descobrindo a verdade — Max contrapôs. — E vai interpretar tudo errado. Aí, você vai parecer um filho da puta mentiroso. Conta logo essa porra. É melhor decepcioná-la agora que deixá-la puta depois.

— Como que ela vai descobrir, Putão? *Cê* é louco, meu? Para de jogar merda na cabeça do moleque, mano!

— O universo é um tremendo filho da puta, já dizia minha linda. Ele vai dar um jeito de fazer meu anjo descobrir. E, aí, o moleque vai se foder. E Sofia vai sofrer.

Piolho abriu a boca para contra-argumentar, mas eu já tinha tomado minha decisão.

Por mais que não considerasse Débora minha namorada, ela acreditava que tínhamos um relacionamento. Então, além de usá-la, eu meio que a traí. Com outra vizinha. Não era, de jeito nenhum, totalmente inocente.

Interrompi o beijo no instante em que Sofia começou a puxar minha camisa, o que fez minha terceira perna ereta berrar um “você enlouqueceu?” no pé do meu ouvido.

— Que foi? — minha noiva perguntou, atônita.

Soltei um longo suspiro, incapaz de acreditar que eu ia mesmo fazer aquilo.

Se eu tomasse no centro do rabo, Max ia me pagar.

— Preciso te contar uma coisa.

— Que coisa? — indagou, visivelmente preocupada.

— Primeiro, preciso que você prometa que não vai ficar puta comigo.

— Que coisa, Matheus? — repetiu severamente.

— Eu traí Débora — confessei.

Sofia ficou inexpressiva, com as feições congeladas.

— Então foi por isso que ela terminou com você — disse, em um tom gélido.

— Foi, mas eu posso expli... — comecei.

— Sai do meu quarto — cortou.

Porra! Eu devia ter ouvido Piolho!

— Eu te avisei, mano. Putão só falou aquilo porque quer que você se foda! Agora se fode aí, vacilão!

— Ele gargalhou na minha cabeça.

— Sofia, ela nem era minha namorada de verdade! — bradei.

— Não era sua namorada de verdade? Como assim “não era sua namorada de verdade”?

— Eu nunca tive uma namorada — falei, e, em seguida, esclareci tudo.

Contei que Débora era meu embuste, que eu tinha a intenção de usá-la para enganar minha mãe.

Revelei que, por ter me flagrado com outra, o plano não dera certo.

— Não sou perfeito, como você acha que eu sou. Mas te amo. Sempre te amei. E jamais faria com você o que aquele filho da puta fez. Ou o que eu fiz com Débora — finalizei.

Ela ficou em silêncio, me encarando.

— Você sabe disso, não sabe? — Segurei seu rosto, conectando nossos olhares.

— Sei. — Brevemente, pressionou os lábios nos meus. — Com quem você traiu essa coitada?

— Que importância isso tem? Vem, paixão, agora que eu já te contei, a gente pode continuar. — Puxei sua cintura e tentei beijar seu pescoço, mas Sofia espalmou as mãos em meu peito.

— Com quem, Matheus?

Olhei para o teto, soltei o ar e respondi, entredentes:

— Com outra vizinha.

— Quê? Não entendi.

— Com outra vizinha — repeti, mirando seus olhos.

— Com outra... — Ela bufou. — Não acredito que você transou com duas vizinhas! — berrou, indignada. — O quê? Você transou com mais de duas? — questionou, furiosa, ao ver minha expressão.

— Você nunca transou com um vizinho? — Fiz minha defesa, mas teria sido melhor não ter feito, porque Sofia ficou calada, desviando as íris para o lado. — Você transou com um vizinho? — Fiquei tão puto que me levantei. — Mais de um? — acrescentei, quando ela olhou para o outro lado.

— Nem vem! Você tem um senhor teto de vidro! — Foi o que ela disse.

— Falando em teto, vou me mudar pro seu prédio — avisei.

— Matheus, eu já disse que não tem nenhum apartamento disponível. — Ela revirou os olhos.

— Isso é o que nós veremos, paixão — falei, tirando a camisa.

— O que você tá fazendo? — perguntou, quando comecei a desabotoar a calça.

— Ficando pelado — respondi, deslizando o jeans.

— Não vou transar com você! Quero dormir. — Ela se deitou e se acomodou de costas para mim.

— Tá bom. Então vamos só dormir. — Terminei de me despir, apaguei a luz e me enfiei debaixo do edredom, encaixando o corpo no dela.

Contornei sua cintura com o braço e afundei o nariz em seu cabelo, inspirando o aroma que os fios exalavam.

Queria transar? Muito. Mas, por mim, a gente podia ficar daquele jeito pra sempre. Eu só precisava sentir seu calor e seu perfume.

O eco dos trovões e o barulho da água castigando superfícies sólidas misturavam-se ao ruído das nossas respirações, que iam ficando mais pesadas a cada segundo.

Sem me dar conta, fui subindo a mão até apalpá-la por cima da blusa de frio.

Em resposta, Sofia deu uma esfregada no meu cacete.

Desci os dedos e alcancei a barra da saia. Fui levantando o jeans e apertando sua pele enquanto beijava a garganta.

Firmei a palma em sua bunda, pressionando a carne macia.

Aos poucos, ela foi virando o rosto. Então, nossos lábios encontraram-se no escuro.

Durante o beijo quente e faminto, puxei a calcinha, esticando o pequeno pedaço de tecido para o lado.

Um gemido profundo passeou no interior de nossas bocas quando meus dedos se moveram sobre a região sensível.

Posicionei sua coxa e guiei o pau, deslizando a ponta na entrada escorregadia.

— Ainda quer dormir, paixão? — sussurrei em seu ouvido e comecei a beijar seu rosto inteiro, aquecendo a pele fria.

— Mete logo... — Ela gemeu, remexendo-se para fazer o cacete entrar.

— Gostosa... — Impulsionei a pélvis, agarrando sua mandíbula e reivindicando sua boca.

A metida inicial foi a primeira de uma sequência de investidas rudes. Minha mão se fechava em seu pescoço e nossas línguas roubavam nosso fôlego enquanto os sons da foda mesclavam-se aos rumores da tempestade.

Diminuí o ritmo, deslocando a mão e percorrendo seu corpo até espalmá-la na bunda. Ergui uma banda, entrando e saindo lentamente.

Resvalei os lábios, puxando a gola da blusa e atando um cordel de beijos da clavícula ao ombro.

— Quero você pelada — balbuciei em sua pele.

Então, saí e, em instantes, liberei-a de todas as peças.

Coloquei Sofia de bruços e me alojei em suas pernas.

Alisei a região abundante e macia com as duas mãos. Agarrei as metades e entrei, deleitando-me com a sincronia dos nossos gemidos.

Saí e meti com força, naufragando os dedos e marcando-a com minhas digitais.

Comprimi sua cintura e estoquei múltiplas vezes, ouvindo nossa sinfonia de arquejos e murmúrios se misturar à orquestra conduzida pelas trovoadas.

Inclinei-me e espalhei beijos e mordidas por suas costas até conectar nossas bocas.

Debrucei-me sobre ela, entrelaçando nossos braços e metendo vigorosamente enquanto nossas línguas se devoravam.

Liberei seus lábios quando o espaço se tornou insuficiente para abrigar os sons que escalavam nossas gargantas.

— Te amo... — soprei em seu ouvido, sem parar de me mover.

— Hummm... Quase... — anunciou, rebolando freneticamente.

— Goza, safada. — Mergulhei os dedos em seu cabelo, puxando os fios pela raiz e colando a boca em sua bochecha, pareando nossos movimentos.

Sofia começou a gemer alto, e eu parei de conter o orgasmo.

Deliciando-me com a sonoridade que enchia o quarto, continuei me perdendo dentro dela até me perder por completo.

Estacionei o rosto na curva de seu ombro, arfando e urrando ao sentir a vida se esvaír de mim.

Quando nossas respirações exaltadas se acalmaram, subi o rosto e beijei o dela.

— Tô morta. Quero dormir assim, nessa posição — murmurou.

Sorrindo, deslizei a boca e pinteí uma linha úmida em sua lombar.

Gemendo levemente, Sofia se manteve inerte enquanto eu me retirava e puxava o edredom sobre nós.

— Boa noite, girafinha. — Pousei os lábios em sua têmpora, engaiolando o corpo no dela.

— Não estou boa com você, Matheus — disse, no momento em que eu me empoleirei ao seu lado.

— Tá bom, paixão — falei, aconchegando-me ainda mais.

— Para de concordar comigo — ela reclamou.

— Viu, Gi.

Sofia emitiu um ruído zangado, e eu dei uma risada.

— Te amo — cochichei, perto da orelha.

— Também te amo, mas não estou boa com você.

— Tá bom — respondi, rindo.

— Cala a boca e dorme.

— Viu, Gi. — Enlacei sua perna com a minha.

Ela suspirou e, pouco depois, adormeceu, iluminada pelos raios e embalada pelo rugido dos trovões.

Assim que as lembranças da última noite terminaram de se assentar, virei o pescoço e me deparei com um véu dourado estendido ao redor do travesseiro.

As costas de Sofia descansavam sobre o lençol, praticamente no meio da cama.

Seu semblante adormecido era uma bela pintura delicada, a qual eu jamais me cansaria de apreciar.

Para não acordar minha Gi — nem despencar no chão —, movi o corpo cuidadosamente, o que exigiu dos meus músculos a destreza de um contorcionista.

Apoiei-me no cotovelo e fiquei contemplando suas feições imperturbáveis.

Fios de seu cabelo loiro relaxavam sobre a testa e vertiam para todos os lados, em um emaranhado caótico, mas perfeito.

Cílios claros e compridos cingiam os arcos das pálpebras fechadas, produzindo um sombreado sutil nas maçãs altas do rosto.

Abaixo do nariz, minha parte favorita exibia um desenho impecável. A curva cheia e macia do lábio de baixo sustentava o contorno em formato de coração do lábio superior.

Sua boca avermelhada e volumosa era tão tentadora quanto um morango maduro.

De repente, uma ideia estalou em meu cérebro.

Com muita cautela, levantei-me da cama.

Peguei a calça jeans e a bolsa de viagem abandonadas no carpete e me dirigi ao banheiro.

Enquanto minha terceira perna não descia, escovei os dentes. Depois disso, esvaziei a bexiga, vesti a calça e saí, tomando o máximo de cuidado para não produzir nenhum ruído.

Parei diante do dossel.

Protegida pelas cortinas e babados e coberta pelo edredom, Sofia parecia uma princesa aprisionada em um sono profundo.

Eu poderia me aproximar lentamente e despertá-la com um beijo. Simples, clássico e efetivo.

Mas, no instante em que abrisse os olhos, a bela adormecida se transformaria numa fera. E, para não ser devorado, eu precisava de algo capaz de amolecer o coração do monstro.

Enfrentaria o segundo dilúvio na Terra e partiria em busca da única coisa que poderia amansar a criatura na qual a princesinha do sogrão se metamorfosearia assim que me visse de pé.

Caminhei mais alguns passos e peguei as botas. Então, alcancei a porta, girei a chave e, em seguida, a maçaneta.

O estalido me fez apertar os olhos e trincar os dentes.

Receoso, virei a cabeça e constatei que Sofia havia se mexido levemente, mas sem acordar.

Assim que saí do quarto, liberei o ar que estava prendendo conscientemente e calcei as botas.

Então, mergulhei no corredor silencioso e percorri a tapeçaria desmaiada sobre o assoalho de madeira até alcançar o topo da escada.

Desci os degraus devagar a atingi o *hall*.

Meio perdido, vaguei por alguns cômodos até encontrar a cozinha, que ainda tinha as paredes revestidas por azulejos estampados.

Quando meus olhos pousaram na xícara branca que repousava sobre a mesa de carvalho, eu me vi ali aos seis anos, sentado ao lado de Sofia, na véspera do casamento de Max e Olívia.

Nossos corpos pequenos estavam afundados nas cadeiras de espaldar alto, e nossas pernas curtas flutuavam, distantes dos ladrilhos do piso.

Próximos dali, acomodados nas banquetas, os adultos batiam papo, enquanto todos nós bebíamos chocolate quente e comíamos biscoitos de baunilha, feitos por Lili.

Ela havia amornado nossos leites, e eu já estava bebendo o meu, mas Sofia segurava a alça de sua xícara com firmeza, e a boquinha infantil assoprava o interior.

— O meu já esfriou. Quer trocar? — ofereci, pousando o recipiente no tampo rústico da mesa.



— Você tá de bigode. — A Chatona deu uma risadinha, me fitando com divertidos olhos azuis.

Passei a língua no lábio superior, e ela fez uma expressão pensativa.

— Quando crescer, você vai ter bigode?

— Meu pai não tem bigode.

— Você vai ser igualzinho seu pai?

— Vou.

— Seu pai é como?

— Grande e forte, que nem o Super-Homem! — falei, animado. — Minha mãe diz toda hora que ele é bonito. Então eu também vou ser bonito quando virar gente grande.

— Vó Lili diz que São Sebastião e Santa Rita fazem milagres. Você vai ter que rezar muito pra eles, Chatão. — Sofia riu, usando a mão miúda para sequestrar minha xícara.

Não me importei com a piada. Peguei a dela, me sentindo o garoto mais feliz do universo por deter algo que pertencia à menina mais linda do mundo.

De pé, mirando as cadeiras vazias, não contive um sorriso nostálgico ao abandonar a lembrança.

Dei alguns passos e peguei a xícara.

Infelizmente, a boa educação não me autorizava abrir os armários e a geladeira da fazenda em busca de leite e chocolate.

Então, fiquei com o plano original, que também violava as boas maneiras, mas, pelo menos, não me obrigava a abrir a geladeira de ninguém.

Ao destrancar a porta da cozinha, vi que ainda estava meio escuro. Fui recepcionado por rajadas violentas de vento, que cuspiram jatos glaciais em minha pele.

Protegi o cômodo do aguaceiro e atravessei o caminho ladeado por flores e plantas alagadas.

Enquanto minhas botas perfaziam o trajeto, tracei um mapa mental do percurso.

Achei que pudesse confiar na memória, mas, depois de um bom tempo de caminhada, cheguei à conclusão de que, quando eu era criança, não fazia ideia da extensão daquelas terras.

Demorei mais do que o esperado, mas achei o local.

Quando voltei para a sede, deixei as botas enlameadas do lado de fora e fiz o possível para eliminar ao máximo o excesso de água da calça e do corpo. Passei os pés descalços no tapete e entrei.

Pouco depois, estava agarrando a maçaneta do quarto, com a xícara cheia na mão.

Empurrei a porta e encontrei Sofia sentada na cama. Tinha colocado a blusa de frio. Os braços cobertos pelas mangas longas contornavam os joelhos flexionados, que amparavam a bochecha esquerda.

Seus olhos miravam a janela, de modo que eu não podia ver nada além do cabelo comprido e emaranhado.

— Bom dia, paixão! — exclamei, escondendo a xícara atrás das costas.

Ao ouvir minha voz, ela ergueu a cabeça e virou o pescoço, com um sorriso estampado nos lábios. Então, num átimo, suas feições se enfureceram.

— Você saiu nessa chuva? Ficou louco? — Suas íris passearam pelo meu tórax molhado.

— Eu precisava buscar uma coisa. — Esforçando-me para não tiritar de frio, tranquei a porta e me aproximei.

— Que coisa? E por que você não deixou nenhum bilhete, Matheus? Você sempre deixa bilhetinhos...

— Sua expressão entristecida provocou uma rachadura em meu coração.

— Desculpa, Gi. Achei que não fosse demorar tanto. Pensei que você ainda estaria dormindo quando eu voltasse. — Curvei-me e beijei seu rosto.

— Meu Deus, você tá gelado! Espera, vou buscar uma toalha! — Ela se levantou e correu até o banheiro.

Mais que depressa, coloquei a xícara em cima do criado-mudo e tirei a calça. Joguei o jeans no canto do quarto, resgatei a xícara e caminhei até o guarda-roupa embutido.

Estaquei diante da entrada, segurando a alça em uma posição estratégica.

— Sofia? — chamei, ansioso, depois de cerca de dois minutos de espera.

— Já vou! Só um segundo! — ela gritou.

Instantes depois, começou a caminhar em minha direção, sem a toalha.

— Eu tô horrorosa! Por que você não falou que meu cabe... — A voz morreu quando seus olhos pousaram em mim.

Levando os dedos à boca aberta, ela desceu o olhar, estacionando as íris na xícara.

— Aceita um moranguinho de amor, paixão? — Abri um sorriso enviesado.

Sofia subiu os olhos e me encarou, fisgando a esquina do lábio. Então, deu um passo, pegou um morango e deu uma mordida generosa.

A fruta vermelha encarcerada em sua boca carnuda foi a imagem mais deliciosa que eu já testemunhei. A cena que eu imaginara o tempo inteiro, enquanto enfrentava o temporal, era nada perto daquilo.

Mastigando lentamente, ela se aproximou. Sua mão aqueceu meu pescoço, e seus lábios sedutores roçaram minha orelha.

— Você tá tentando me comprar, Miyake? — sussurrou.

— Claro que não, paixão... — Desci a mão livre, apalpando sua bunda sobre o tecido da blusa comprida.

Seus lábios cálidos arrastaram-se pelo meu maxilar e incendiaram os meus.

Eu estava provando o gosto quente e o sabor de fruta fresca de sua boca gostosa quando batidas inesperadas nos sobressaltaram.

— Sofia! Henrique! — A voz desesperada de Marina ressoou. — Abram a porta! Aconteceu uma tragédia!



# 23

## NOITE GELADA

“(...) sempre melhor que quente”.  
*Coisa De Casa — OutroEu*

### ANA

Enquanto o som golpeava meus ouvidos, minha mente vagueava.

O mundo desacelerou e, em segundos, a vida se passou diante dos meus olhos.

Vi a gente correndo pelas campinas infinitas da fazenda, deitados na casa da árvore, brincando de esconde-esconde no vinhedo.

Vi a gente jogando futebol no campo do condomínio, lanchando lado a lado no colégio, perdendo a virgindade no dia dos namorados.

Depois da nossa primeira vez, só o que fazíamos juntos era transar. Íamos jogar vídeo game na sala e acabávamos subindo pro quarto. Combinávamos de estudar para alguma prova e dedicávamos a tarde inteira ao estudo minucioso das nossas anatomias. Tudo virou desculpa para as nossas trepadas clandestinas.

Era maravilhoso. A gente vivia se pegando escondido e atiçando um ao outro debaixo da mesa durante almoços e jantares em família.

Vivemos seis meses assim, ainda mais inseparáveis do que costumávamos ser.

Então, janeiro chegou. O ensino médio ficou para trás, e, depois de uma vida inteira estudando juntos, nossas escolhas profissionais nos levaram para rumos distintos.

Luís era livre para ser o que quisesse. Podia ser engenheiro, astrônomo, biólogo marinho, tatuador, jornalista, bombeiro, astronauta ou professor, assim como meu padrinho foi um dia. Podia escolher qualquer profissão. Qualquer área. Qualquer curso.

Meus padrinhos nunca tentaram guiar o filho em direção aos negócios da família, mas foi exatamente o caminho que ele decidiu seguir.

No início da adolescência, colocou na cabeça que ia estudar em Harvard.

— *Mermã*, meu sonho é entrar na *Business Harvard School*. Vou ser de uma fraternidade fodona e vou fazer *mó* sucesso na gringa. *Cê* podia ir comigo, maluca — ele disse, com os braços flexionados, os dedos cruzados sob a cabeça.

Estávamos deitados na casa da árvore, admirando as cores intensas do crepúsculo pela claraboia.

— Ficou louco? — Dei uma risada. — Primeiro, eu jamais conseguiria ser aprovada em Harvard. Meu cu não é de ferro, que nem o seu. Segundo, até parece que você não conhece papai, Luís. Se eu conseguir passar na Federal algum dia, duvido que ele vai me deixar morar lá, numa república. Imagina morar numa fraternidade, nos Estados Unidos!

— Dá pra ser aprovado de boa. É só a gente estudar pra boné e fazer umas paradas diferentes, tipo ganhar umas medalhas em alguma coisa que seja foda. Aí, quando a gente passar, *Veizão* convence padrinho a deixar *cê* ir pros *States* comigo.

— Luís, em que mundo você vive, porra? Papai nunca vai deixar a gente ir morar sozinhos em outro país, mané — falei, rindo. — Além disso, estamos falando dos Estados Unidos, não da cidade vizinha.

— A gente pega um dos jatinhos do velho e vem pra cá direto. Tipo, sempre que der. Aí, padrinho nem vai sentir sua falta.

— Não vai rolar, Lu. Conheço o pai que eu tenho.

— Ah, *mermã*, ia ser tão foda se a gente fosse colegas de quarto...

Dei uma gargalhada estrondosa.

— Papai cairia morto antes de permitir um negócio desses.

— *Cê* já decidiu que curso *cê* vai fazer?

— Não tenho a menor ideia. Isa vai ser médica. Teo vai ser juiz. E eu, vou ser o quê? — Soltei um suspiro derrotado.

— *Cê* podia fazer Administração ou alguma parada assim, pra gente trabalhar juntos numa das empresas do velho ou então da minha mãe. Ia ser *mó* da hora.

— Ia, mas acho que não nasci pra isso. Queria fazer alguma coisa mais artística.

— Tipo o quê?

— Sei lá... Design de Moda?

— *Mermã*, *cê* não tem noção nenhuma de moda. *Cê* só veste short e camiseta, maluca. — Ele riu. — Falando nisso, cadê aquela camiseta que *cê* mocou da minha gaveta semana passada?

— Que camiseta? — perguntei, me fazendo de besta.

— A dos Vingadores, que *cê* endoidou querendo.

— Usei pra limpar a bunda — respondi, puta.

Luís caiu na risada, e eu fiquei pensando no que faria da vida.

Quando éramos crianças e perguntavam o que Isa queria ser quando crescer, ela sempre respondia na hora: médica.

Minha irmã levou o desejo infantil a sério. Passou no vestibular de Medicina aos dezessete anos e, durante a faculdade, decidiu que seria cirurgiã plástica, para alegria de nossos avós maternos, que viram seu grande sonho realizado por meio da neta (no dia da colação de grau, os velhos devem ter soltado fogos no caixão).

Desde pequeno, Teo dizia que queria seguir a carreira de papai. Aos dezesseis anos, passou no vestibular de Direito, certo de que queria ser juiz federal. No nono período, foi aprovado no exame de Ordem. Quando se formou, começou a advogar, a fim de cumprir os anos de atividade jurídica exigidos pelo concurso. Então, apaixonou-se pela advocacia e enterrou suas aspirações de ser empossado em um cargo público.

Nos últimos meses do terceiro ano, eu ainda estava à deriva, sem saber que rumo tomar. Luís, que já tinha definido a própria carreira, começou a se desviar do plano que havia traçado anos atrás, antes da nossa primeira vez.

— Vou fazer Administração ou Economia aqui mesmo — ele disse, enquanto descansávamos depois de uma foda. — Se *cê* for estudar na Estadual, eu faço lá. Se for pra Federal, a gente vai juntos.

— Desistir de Harvard? Ficou louco, porra? — Apoiei o braço em seu peito e mirei suas íris verdes.

— Eu nem vou passar, *mermã* — falou, desanimado.

— É claro que vai, caralho! Você tá se dedicando pra isso desde o ensino fundamental! Fala vários idiomas, tem um currículo de atividades excelente, faz trabalho voluntário, ganhou várias olimpíadas de Matemática, tirou nota máxima no TOEFL, escreveu *essays* maravilhosas e foi superbém no SAT! Você vai conseguir, Luís!

— Não vou te deixar aqui. Não sei viver sem minha *Broderzona*. — Seus braços me apertaram com força.

— Você não vai viver sem mim, besta. — Beije sua bochecha. — A gente vai se falar todo dia pelo *Skype*.

— Que mané *Skype*, *mermã*! Como *cê* acha que eu vou sobreviver sem sexo, maluca? Tô viciado nessa parada.

— A gente faz sexo virtual. — Dei uma risada.

— Dá pra ir tapeando a naja, mas *cê* sabe que ela não vai aceitar essa gambiarra por muito tempo, né? O lance do réptil é comida gostosa e quente, *mermã*. Comida real, saca?

O que ele estava tentando me dizer? Que ia transar com outras meninas lá nos Estados Unidos?

Obviamente, eu não queria que Luís transasse com mais ninguém, muito menos com gringas líderes de torcida! Mas como eu diria isso a ele, se tínhamos estabelecido que não éramos namorados nem nada do tipo? Combinamos, desde o início, que éramos amigos que transavam. Só isso. Então, eu não podia exigir que ele fosse fiel a mim, podia?

Depois dessa conversa, perdi toda a minha paz. Só conseguia pensar nos meses seguintes e no que aconteceria quando ele fosse embora.

Em dezembro, prestei vestibular para vários cursos. Levei pau em todos eles. A verdade é que eu sou a ovelha negra da família.

Teo é inteligente pra caralho. Acho que meu irmão é superdotado. Sério. Só isso explica o fato de que ele só sabia trepar no ensino médio e, mesmo assim, passou de primeira no vestibular de Direito na Federal, uma das universidades mais concorridas do país.

Isa foi aprovada em Medicina, mas estudava que nem uma condenada. A única coisa que ela fazia além de comer livros era brincar de *Barbie* com Luma e Letícia. Inclusive, acho que veio daí a inspiração pra se tornar cirurgiã plástica. A perfeição das bonecas deve ter afetado o cérebro dela.

Lipe era o meio-termo. Safadão na escola, mas estudioso em casa. Meu primo teve uma grande vantagem: herdou os cadernos e livros de cursinho de Sofia, que tinham anotações valiosas pra todo lado, no melhor estilo príncipe mestiço. Como não era uma putinha egoísta, dividia as notas de Sofia Snape com Isa.

Luís sempre se destacou. Só não era o melhor da sala porque ninguém conseguia superar o puto do meu irmão.

A gente jogava muito vídeo game? Jogava. Mas Lu compensava qualquer tempo de lazer estudando de madrugada, coisa que eu nunca conseguia fazer (meu sono é sagrado. Só fico sem dormir se for pra trepar. E, mesmo assim, só se o cara for muito bom de serviço. Ou seja, só se for com Luisão).

O Colégio Atena premiava os destaques de cada bimestre em uma cerimônia no auditório principal, onde a escola inteira se reunia com os professores, pais e familiares dos alunos laureados. Mamãe e papai participavam de todos os eventos de premiação, sempre para prestigiar meus irmãos. Nunca ganhei um trofeuzinho sequer.

Era uma aluna bem mediana, do tipo que tira notas razoáveis e, às vezes, pega uma recuperaçãozinha de leve (eu sempre tomava no cu em Física, por mais que tentasse entender aquela porra). Deixava pra estudar para as provas só no último dia, quando não tinha mais jeito. Meus boletins eram cheios de 22, 23, 24. De vez em quando, aparecia um 25 e, raramente, um 26. Mas não passava disso. Eu só tirava 30 em Artes e Educação Física.

Então, quando levei ferro na primeira tentativa, não foi surpreendente pra ninguém. Meus pais não me olharam como se eu fosse um grande erro na vida deles. Mas foi exatamente como eu me senti. Fiquei desolada, principalmente porque Luís tinha passado em Administração na Federal e em Economia na Estadual.

Enquanto todo mundo comemorava o início de uma nova fase, eu chafurdava em tristeza, abatimento e

melancolia. O fracasso caiu sobre os meus ombros com o peso de um cobertor de chumbo.

Em março, no final das férias (dias antes de Lipe e meus irmãos iniciarem seus cursos de gente nerd e dias antes de eu voltar pro cursinho), Luís recebeu o esperado e-mail de Harvard.

Depois de todo o complexo processo seletivo, que incluía até entrevistas, as palavras “*congratulations! You have been selected for the program*” reluziram na tela. Ele tinha sido aceito. Em Harvard, porra!

Sabe quando você acredita no potencial de uma pessoa, mas, quando ela conquista uma coisa excepcional, você fica ainda mais chocado que ela?

Foi o que aconteceu. Até aquele momento, eu acreditava que ele podia ser aceito. Mas não achava que isso ia realmente acontecer. No fundo, eu torcia para que não acontecesse, o que faz de mim uma pessoa muito ruim, eu sei, mas foda-se.

Luís tentou dar uma de que ficaria aqui, cursando Economia na Estadual, mas dava pra ver, nos olhos dele, o quanto ele queria ir pros Estados Unidos. Claro, né? Quem não ia querer estudar na universidade mais renomada do mundo?

Fui uma atriz maravilhosa. Apoiei, insisti e o convenci a ir, como se estivesse explodindo de felicidade. Eu estava orgulhosa dele. E genuinamente feliz pela conquista. Mas o sentimento que sobressaía era o medo de perdê-lo.

Aquela seria a nossa primeira separação. E se ele arranjasse outra melhor amiga? E se ele voltasse de lá com uma namorada? O que ia ser da gente?

Não consegui me abrir com Luís. Não consegui perguntar se ele ia transar com as americanas. Tentei. Juro que tentei algumas vezes, mas, sempre que a pergunta se formava, acabava se transformando em um bolo enorme na minha garganta. As palavras se embolavam e só saíam acompanhadas das lágrimas que pinicavam meus olhos. Para não chorar pateticamente, eu engolia todas elas.

Ele também não me perguntou nada. Não quis saber se eu ia ficar com outros garotos. Eu não ia. Não queria ninguém além de Luís. Nada tinha graça se não fosse com ele.

No dia da despedida, fiz o possível para parecer que estava ótima.

Transamos pela última vez antes de ele ir embora, e precisei sair correndo em seguida, para não cair no choro na frente dele.

— Eu te amo, não esquece — sussurrou em meu ouvido cerca de duas horas depois, enquanto me abraçava com força, diante do jatinho.

Funguei em seu pescoço, incapaz de falar e de deixá-lo ir.

— Tá demorando demais esse abraço! — papai reclamou.

— Pra caralho. Larga minha irmã, Luísa! — Teo engrossou o coro.

— Parem de estragar o momento, cretinos! — mamãe falou, chorosa.

Padrinho estava atipicamente quieto, confortando madrinha, que soluçava como se estivesse enterrando um ente querido. Isso porque ia com Luís no jatinho. Imagina o escândalo que ela faria na volta, quando o deixasse lá.

— Também te amo, Lu, não esquece — respondi e dei um beijo discreto em seu maxilar.

Então, me afastei, limpando os olhos rapidamente e escondendo a tristeza profunda com um sorriso.

Quando voltei para casa, chorei como nunca chorei na vida. Chorei pela despedida e chorei pela minha vida, que estava uma merda.

Por mais que sentisse minha falta, Luís teria a faculdade para se distrair, coisas novas para aprender e descobrir. E eu, teria o quê? Isso, as aulas do cursinho. A mesma coisa chata de novo.

A culpa era minha, claro. Não estudei direito, como todo mundo. Estava colhendo o que havia plantado o ensino médio inteiro.

No dia seguinte, acordei disposta a dar a volta por cima. Vi alguns vídeos na Internet sobre vestibular e organização e montei um plano de estudos, que comecei a colocar em prática naquela tarde.

O problema era que não adiantava nada estabelecer metas de estudo se eu nem sabia qual era a minha grande meta.

Decidi conversar um pouco com mamãe sobre isso. Saí do quarto e fui direto para o *home office*, onde ela costumava estar àquela hora do dia, mas não a encontrei.

Desci a escada e, ainda no *hall*, ouvi as risadas dela e de tia Suze, vindo da sala de estar.

Acabei descobrindo que, apesar do riso frouxo, minha tia não estava lá a passeio, mas a trabalho. Tinha levado uma moça com ela. Era uma das designers de interiores da Vetter Arquitetura & Interiores, que mamãe havia contratado para dar uma repaginada em seu *home office*.

Acabei me sentando junto com elas. No fim da conversa, depois de ter visto tanta coisa linda e ouvido as explicações da designer sobre ambientes e estilos de decoração, voltei pro quarto e fiquei a noite inteira vendo vídeos e lendo sobre o assunto.

Era aquilo. Aquilo era o que eu queria fazer pro resto da vida!

Depois do meu surto epifânico, foi bem mais fácil estudar. A vontade de me tornar uma designer supertalentosa me estimulava a enfiar a cara nos livros. De ensino médio e de decoração.

Tia Suze me emprestou alguns, com muitas figuras, nas quais eu ficava babando em meus raros momentos de lazer.

Luís e eu conversávamos todos os dias pelo *Skype*. Às vezes, pelados. Tirando a saudade que eu sentia dele (de abraçá-lo e de beijá-lo e de transar de verdade com ele), tudo estava perfeito.

Então, num belo dia, meu mundo caiu.

Era sábado à tarde, e meus irmãos estavam em casa.

Teo e Isa moravam com Lipe em um apê perto da universidade. Para resguardar a inocência de minha irmã, papai proibiu o filho e o sobrinho de levarem mulheres pro apartamento e incumbiu os dois de vigiá-la com olhos de lince (como se Santa Isa fosse capaz de aprontar alguma).

Todo fim de semana, o trio saía da capital em direção a Arraial dos Anjos, no carro novo de Lipe. Como tinha atingido a maioria no início do ano, meu primo já tinha habilitação, o que deixava Teo morto de inveja.

Naquele sábado, mamãe me chamou para ir ao shopping com ela e Isa, mas preferi ficar em casa, porque tinha combinado com Luís de entrar no *Skype*.

No horário marcado, entrei e, enquanto esperava, abri o livro de História e comecei a estudar as fases da Revolução Francesa.

Um bom tempo depois, eu já tinha chegado à decapitação de Luís XVI e nada do meu Luís aparecer.

Fiquei puta com o atraso e comecei a imaginar mil coisas, que me levaram à cama, onde eu me enrolei em posição fetal e adormeci sem perceber.

Acordei de repente, com um safanão no braço.

Abri os olhos e dei de cara com Teo.

— Levanta! *Broderzão* tá no *Skype*!

Dei um pulo, sentando-me no colchão. Ele se sentou ao meu lado, colocando o notebook no colo.

— Pronto, Luísa.

Cocei os olhos e mirei a tela. Luís estava sentado no sofá, usando uma camiseta vinho com um “HAVARD” disposto na altura do peito, em letras brancas.

Conversávamos todos os dias, e eu ainda não tinha me acostumado ao cabelo curto. Os fios loiros e fartos já começavam a formar ondas suaves, que caíam feito seda no início da testa.

Sempre amei as mechas compridas. Então, atribuí o fato de que estava apaixonada por aquele corte pós-trote à saudade que eu estava sentindo.

Na verdade, Teo e Lipe tinham cagado o cabelo de Luisão. Mas, felizmente, o tempo e a habilidade de algum barbeiro americano tinham deixado tudo perfeito. Estava lindo, mais lindo que nunca.

Não contive um sorriso enorme ao vê-lo. Então, eu me lembrei de que ele tinha me dado um bolo.

— Por que você não apareceu na hora marcada? — indaguei, tentando mascarar a decepção.

— Foi mal, *mermã*. Rolou um imprevisto — respondeu, desviando os olhos.

— Que imprevisto? — questionei, temendo a resposta.

— Boceta, né, safado? — Teo deu uma risada. — Foi aquela loirinha gostosa pra caralho que te marcou agora há pouco no *Facebook*?

Fiquei de pé na velocidade da luz. Ignorando os chamados de Luís, fui até meu celular e acessei o perfil dele.

Estava lá. A foto havia sido tirada dentro de um carro. Como Luís estava detrás do volante, com os olhos fixos no para-brisa, só podia ser o dele. Ao lado, ocupando o lugar do passageiro, a garota sorria para a câmera frontal do celular. A legenda dizia, em inglês: “com o lindo”.

Dei uma olhada no nome que acompanhava a foto de perfil, e descobri que se chamava Megan Marshall.

Era bonita. Sabe aqueles filmes de Sessão da Tarde, com vilãs loiras e perfeitas, líderes de fraternidades americanas? Pois é.

Não vou fingir modéstia e dizer que sou feia ou ajeitada. Não me senti ameaçada pela beleza da garota. O que doeu — além do óbvio fato de ela estar lá com Luís, e eu não —, foi ver as letrinhas brancas na camiseta vinho que ela também estava usando.

Megan não era apenas bonita. Era bonita *e* inteligente. Era bonita, inteligente *e* estava transando com Luís.

Eu tinha duas alternativas:

a) Demonstrar que a descoberta tinha acabado comigo;

b) Fingir que estava ótima e continuar a conversa como se não estivesse sangrando por dentro.

Voltei a me sentar, engolindo a mistura amarga que inundava minha boca.

— Como tá o tempo aí? — perguntei pateticamente, sufocando a vontade de chorar.

— Teo, *cê* podia ir chamar Lipe — Luís sugeriu, sério.

— Lipeta saiu — meu irmão respondeu. — E a loirinha, puta, já comeu quantas vezes? Como é que foi foder em inglês?

— Vou beber água — anunciei, já me levantando.

Se ficasse mais um segundo ali, suportando o aperto doloroso no coração, deixaria as lágrimas represadas escaparem.

Corri para o quarto de Isa e abafei meus soluços no travesseiro.

Minutos depois, a voz de Freddie Mercury escapou do celular, que ainda estava na minha mão.

*Ooh, you make me live*

(Você me faz viver)

*Whatever this world can give to me*

(O que quer que esse mundo possa me dar)

*It's you, you're all I see*

(É você, você é tudo o que eu vejo)

*You're My Best Friend* me fez soluçar ainda mais alto.

Desliguei o aparelho e fiquei lá, ensopando a fronha cor-de-rosa até ouvir o barulho do carro de mamãe. Isa tinha chegado e subiria em instantes.

Esfreguei os dedos nos olhos, sentando-me bruscamente. Ergui o corpo e disparei para o corredor.

Quando passei pelo meu quarto, vi, pela fresta, que a luz estava apagada. Girei a maçaneta e constatei que Teo não estava mais lá. Fechei a porta e me joguei na cama, refugiando-me debaixo do edredom.

Depois de um tempo, meus dutos lacrimais secaram. No escuro, minhas têmperas pulsavam, e uma



tristeza abissal revolvía minhas entranhas.

Tateei até encontrar o fone de ouvido perdido no colchão. Liguei o celular, desativei o recebimento de chamadas e acessei minha *playlist* de músicas tristes, porque não bastava sofrer, era preciso sofrer com trilha sonora.

*In My Veins*, de Andrew Belle, desenraizou lágrimas ocultas, que escorriam placidamente enquanto a melodia se arrastava em meus ouvidos.

*Dancing On My Own*, na voz de Calum Scott, foi a próxima faixa. A letra casava perfeitamente com a minha dor. Cantarolei baixinho:

*Somebody said you got a new friend*  
(Alguém disse que você tem uma nova amiga)  
*But does she love you better than I can?*  
(Mas ela te ama mais que eu?)  
*There's a big black sky over my town*  
(Há um grande céu escuro sobre a minha cidade)  
*I know where you're at*  
(Eu sei onde você está)  
*I bet she's around*  
(Aposto que ela está por perto)  
*And yeah I know it's stupid*  
(É, eu sei que é estúpido)  
*But I just got to see it for myself*  
(Mas eu preciso ver por mim mesma)  
*I'm in the corner, watching you kiss her*  
(Eu estou na esquina, vendo você beijá-la)  
*(Oh, oh, oh)*  
*And I'm right over here, why can't you see me*  
(E estou bem aqui, por que você não consegue me ver?)  
*(Oh, oh, oh)*  
*And I'm givin' it my all*  
(E eu estou dando tudo de mim)  
*But I'm not the girl you're takin' home*  
(Mas não sou a garota que você está levando para casa)  
*(Uuh, uuh, uuh)*  
*And I keep dancin' on my own*  
(E eu continuo dançando sozinha)

Em seguida, *Mercy*, de Shawn Mendes, começou a tocar. E eu aumentei o volume, cantando junto com ele.

Se você já cantou *Mercy*, sabe que não tem como cantar baixo. A gente meio que berra no refrão, sofrendo junto com o Shawn. Agora, imagina cantar *Mercy* sofrendo de verdade e com a música estourando no seu ouvido.

Provavelmente, meu show de sofrimento estava sendo ouvido até no Japão, porque, de repente, a porta foi aberta. Só percebi, é claro, porque alguém acendeu a luz.

Calei a boca na hora e puxei os fios do fone.

— Ana? — Era a voz de Isa, que se sentou no colchão e puxou o edredom que cobria meu rosto. — Que foi? — perguntou, arregalando os olhos ao ver minha cara.

— Me deixa em paz, caralho — rosnei, voltando a me embrulhar.

— Tem a ver com Luís, não tem? — A voz dela continuou ecoando. — Acabei de passar pela sala. Padrinho tá lá embaixo jogando vídeo game com Teo e papai. Mandou eu te falar que Luís ligou agorinha pra ele e pediu pra você atender o telefone.

— Fala pra padrinho que eu mandei falar que Luís pode ir se foder.

— O que ele fez?

— Marcou de conversar comigo no *Skype* e soverteu pro inferno. Fiquei esperando, que nem uma idiota, enquanto o filho da puta se divertia com a nova amiguinha de Harvard. Quero mais é que ele se foda!

— *Huuuummm...* Ciuminho? — Ela riu.

— Sai do meu quarto, Isa — grasnei.

Rindo, ela se levantou e saiu, deixando a luz acesa. Se achou a porra da luz apagada, era pra deixar apagada! Por que ela nunca deixa as coisas do jeito que acha?

Irritada, sentei-me no colchão, disposta a ir apagar. Pausei a música e, já que estava com o celular na mão, dei uma conferida nas mensagens. Tinha várias, todas de Luís.

Passei os olhos nas primeiras. Basicamente, ele me pedia para atender, dizendo que precisava se explicar:

“*Mermã*, atende”.

“Não é nada disso que *cê* tá pensando”.

“Atende, maluca”.

“Ana, atende essa *misera* e me deixa explicar”.

Aparentemente, tinha desistido da suposta explicação oral, porque a última mensagem, enviada há segundos, continha o seguinte:

“Essa mina é irmã de Ethan, meu colega de quarto. Fui fazer umas paradas da faculdade na casa de um maluco aí, e ela *tava* lá, porque é amiga da irmã do cara. Aí, na hora de ir embora, disse que precisava conversar com Ethan e me pediu uma carona. A gente *tava* quase chegando ao dormitório quando a mina percebeu que tinha esquecido o celular. Se eu dissesse que não ia voltar lá, ia parecer um cuzão, né, *mermã*? Daí, eu meio que tive que voltar. Por isso que eu dei uma atrasada”.

A mensagem me deixou possessa. Eu sabia muito bem por que o filho da puta não queria ser cuzão com a desgraçada da Megan!

Peguei o travesseiro, afundei na cara e gritei. Em seguida, digitei um monte de desaforos. Zerei minha cartilha de palavrões. Então, na hora de enviar, apaguei tudo.

Não ia dar àquele puto o gostinho de saber que eu estava espumando de ódio. Respirei fundo e substituí as ofensas por uma única pergunta:

“Você transou com essa garota?”.

Ele respondeu em instantes:

“Não”.

A resposta monossilábica perfurou meu coração. Onde estava a revolta, a indignação pela pergunta, que deveria ser absurda? Por que ele não respondeu com um “ficou louca, *mermã*?”, seguido de um “é claro que não, maluca!”?

“Você ficou com ela?”, questionei e fiquei esperando, meus dedos trêmulos mal sentindo o peso do celular apoiado nas mãos.

Dessa vez, o balãozinho não apareceu de imediato; piscou na tela vários minutos depois:

“A gente deu uns amassos, mas foi só isso, eu juro. Tô há *mó* tempão na seca, e a mina se jogou em cima de mim! Não tive como me defender!”.

As palavras me golpearam com a intensidade de uma pezada no alto do estômago.

“Tudo bem, Luís”, digitei, tão rápido quanto o fluxo que deslizava pelas minhas bochechas. “Não

somos namorados, então o que você faz com as meninas aí não é da minha conta. Assim como não é da sua com quem eu fico ou deixo de ficar”.

“Você tá ficando com outros caras?”, ele quis saber.

“Já falei que não é da porra da sua conta!”, respondi e desliguei o celular.

Eu não podia acreditar que, enquanto eu cortava as investidas de vários caras gatos do cursinho, Luís estava pegando outras meninas sob o pretexto ridículo de que estava na seca! E eu, porra? Eu também estava na seca, caralho!

Decidi que não ia mais chorar por causa daquele filho da puta. Peguei o material de estudo e me obriguei a focar no que realmente importava.

Não deu certo, é claro. Larguei os livros e chorei até adormecer.

No sábado seguinte, tive plantão no pré-vestibular o dia inteiro. À noite, quando cheguei, ele estava no meu quarto, deitado na minha cama.

— O que você tá fazendo aqui? — vociferei.

— Vim te ver. — Ele se levantou e caminhou em minha direção.

Seus dedos viajaram até minha nuca, e um arrepio chicoteou minhas costas.

O desgraçado estava lindo. Usava jeans claro e uma camiseta preta, que ressaltava o verde das íris e o dourado-brilhante do cabelo, cujo topo mais comprido emoldurava a testa.

Seu cheiro delicioso perfumava o ambiente, e batidas frenéticas ribombavam em meu peito.

A saudade ardia em meus poros, e a vontade de agarrá-lo borbulhava em minha corrente sanguínea. Mas eu não podia sucumbir, não podia ficar por baixo depois do que ele tinha feito.

— Sai do meu quarto, Luís. — Empurrei seu antebraço, afastando sua mão do meu pescoço. — Pro seu governo, estou ficando com um cara do cursinho. Estava beijando a boca dele agorinha mesmo. — Assim que joguei as palavras mentirosas no ar, me arrependi de tê-las deixado escapar.

Ele me encarou, retesando os maxilares. Então, sem dizer nada, saiu, batendo a porta com força.

Liguei o foda-se e fui tomar banho, torcendo pra ele estar na casa de padrinho, chorando copiosamente.

Quando saí do banheiro, Isa estava sentada na minha cama.

— Luís acabou de sair com Teo e Lipe. Espero que você tenha noção do tamanho da merda que acabou de fazer. — Dizendo isso, levantou-se, passou a mão na saia e saiu do quarto.

Eu não tinha contado nada pra ela. Nem sobre ter perdido a virgindade com Luís nem sobre a “traição” dele. Mas, de algum modo, Isa sempre parecia saber de tudo, como se tivesse acesso a câmeras que registravam cada detalhe da minha vida, inclusive meus pensamentos.

Com certeza, ele ia transar com alguém. E eu que não ia ficar para trás. De jeito nenhum ia ficar chorando que nem uma retardada enquanto ele enchia a cara e metia a vara em sabe-se lá quantas bocetas. Se o safado podia pegar geral, eu também podia!

Saquei o celular e mandei uma mensagem pro gato no qual eu tinha dado um fora há menos de meia hora. Então, fui até o quarto de mamãe.

A porta não estava trancada, o que significava que eu não o corria o risco de flagrar meus pais pelados. Sempre que estavam aprontando lá dentro, um deles girava a chave.

Entrei e, como não encontrei ninguém no primeiro ambiente, fui até o *closet*. Mamãe estava sentada diante da penteadeira-camarim, passando iluminador no nariz. O cabelo estava solto, cheio de ondas negras, que caíam em cascata sobre o roupão felpudo.

— Pra onde a senhora tá indo? — perguntei.

— Que susto, porra! — Ela se virou, com a mão no peito.

— Desculpa. — Dei uma risada.

— Vou sair com seu pai — respondeu, voltando a se dedicar à maquiagem.

— Cadê ele? — questionei, sentando-me na *chaise-longue* que descansava sobre o tapete de pelinhos claros.

— Foi levar os meninos. — Mamãe pousou a embalagem da MAC sobre a bancada e pegou um *blush* da NARS.

— Pra onde? E por que Lipe não foi dirigindo? — indaguei, enquanto ela manuseava alguns pincéis.

— Porque eles foram pra uma farra na casa de não sei quem e, como vai ter bebida, seu pai vai levar e buscar os três. — Suas maçãs ganharam um tom levemente rosado após as pinceladas do produto. — Achei que você e Luís iam passar a noite juntos. — Ela se virou, me encarando.

— Quê? — engasguei.

— Vendo alguma coisa na Netflix, jogando vídeo game, conversando... Essas coisas que vocês fazem quando estão trancados no quarto — esclareceu, sem disfarçar o sorriso malicioso.

— Pois é, hoje não vai rolar. Também vou sair — respondi, me fazendo de besta. — A senhora pode me dar cobertura? Vou falar pra papai que tô indo pro shopping com umas amigas do cursinho, mas vou sair com um cara.

— Ana, por que você brigou com Luís? — perguntou, fazendo uma expressão seriamente preocupada.

Meu Deus, como é que todo mundo sabia que a gente tinha brigado? Eles nos espionavam vinte e quatro horas por dia? Nossas casas eram monitoradas por câmeras escondidas?

— O que Luís tem a ver com o assunto, mamãe? — falei, com a voz exaltada. — A senhora vai ou não vai me dar cobertura?

— Com quem você pretende sair, quantos anos ele tem e pra onde vocês estão planejando ir? — Quis saber.

Expliquei que Gustavo era meu colega de cursinho, que tinha dezoito anos e que me chamou pra jantar no restaurante do pai dele, que ficava num dos shoppings da cidade e servia comida italiana. Dei o nome do lugar e o nome completo do cara, além do telefone. Até mostrei o perfil dele no *Facebook*. Mamãe achou gatíssimo, mas não perdeu a oportunidade de comentar que Luís era muito mais.

Como eu não tinha o hábito de sair com garotos, ela me deu alguns conselhos e fez várias recomendações enquanto me maquiava. Depois que passou o batom em mim, pedi um vestido emprestado, e ela arregalou os olhos.

— Um vestido? Você não usa vestido!

— Não posso ir jantar com um cara de calça jeans e camiseta, mamãe.

— Claro que pode! Você pode ir do jeito que quiser!

— Quero ir de vestido — afirmei, resoluta.

Então, ela me deu um preto, que não revelava nada na frente, mas tinha um decote atrás, que ia até o final das costas. Deixei o cabelo solto, pra papai não implicar, mas tinha a intenção de prendê-lo depois.

Quando ele chegou, já estávamos prontas.

— Que porra é essa? — trovejou, quando nos viu em cima dos saltos.

Minha sandália tinha um salto baixo, de sete centímetros. Tentei andar com sapatos mais altos, mas não deu muito certo. O *scarpin* de mamãe era um negócio de quinze centímetros. Ou seja, ela estava em cima de dois cacetes medianos, mas muito finos.

Papai estava lindo, de cabelo úmido e barba feita. Parado na entrada da sala, nos examinava da cabeça aos pés.

— Pra onde a senhorita pensa que vai assim, fantasiada da sua mãe?

— Vou ao shopping com umas meninas do cursinho.

— De vestido? — perguntou, incrédulo.

— É.

— Você não usa vestido! — berrou. — Olívia, eu tô passando mal. — Levou uma mão ao peito.

Dei uma risada, e mamãe deixou escapar uma gargalhada histérica.

Enquanto a gente ria, papai se aproximou e ficou atrás de mim. Então, afastou meu cabelo.

“Merda”, pensei, trincando os dentes.

— Vou buscar um casaco, minha linda. Não quero que você passe frio.

— Tá um calor da porra, cretino! — Mamãe riu.

— Tem ar-condicionado no shopping. Já volto! — Ele subiu e, instantes depois, voltou, trazendo um sobretudo. Rosa, ainda por cima. Só podia ser de Isa.

— Max, para de palhaçada! — Mamãe teve uma crise de riso.

Demorou, mas ela conseguiu dissuadi-lo da ideia de me botar dentro daquela coisa ou de qualquer outra.

Um tempo depois, papai parava o carro no estacionamento do shopping.

— Deixa o cabelo solto e... Puta merda! — De repente, seus dedos da mão direita abandonaram o volante e foram parar na testa. — Você sabe se sentar de vestido? Não sabe! Ela não sabe, Olívia!

— Fica tranquilo, papai. Eu sei. — Rindo, estiquei o corpo no banco traseiro e alcancei sua bochecha. — Tchau, amo vocês. — Beije o rosto de mamãe e abri a porta.

— Cuidado! — ele recomendou, como se eu estivesse prestes a embarcar rumo a um intercâmbio no Iraque. — Quando quiser ir embora, me liga.

— Tá. — Saí do carro e caminhei em direção à entrada.

O jantar foi ótimo. Gustavo tinha um papo bom e era um colírio para os olhos. Após a sobremesa, perguntou no meu ouvido se eu queria ir pra casa dele. Disse que estava vazia e que os pais ficariam fora por um bom tempo. Expliquei que meu pai me buscaria no shopping, e ele disse que estava de carro, que podia me levar de volta pra lá.

Era um convite tentador, que não recusei de imediato. Falei que precisava fazer uma ligação e fui ao banheiro.

Eu queria transar com Gustavo? Queria. Ele era gato, gostoso e parecia ter uma puta pegada. Mas ia dar mais uma chance pro idiota do Luísão.

— Que foi, aconteceu alguma coisa? — Teo atendeu no quinto toque.

O cretino sempre interrompe o que está fazendo, não importa o quê, para atender meus telefonemas, com medo de eu estar precisando de socorro.

— O que Luís tá fazendo? — perguntei.

— Quê?

— Luís, porra. O que ele tá fazendo?

— Não consigo ouvir. O som tá alto pra caralho. Espera, tô indo lá pra fora.

Segundos depois, o barulho do fundo diminuiu.

— Pronto, fala.

Repeti a pergunta.

— Pra que você quer saber o que Luís tá fazendo?

— Responde, Teo.

— Sei lá o que ele tá fazendo! Provavelmente, tá em algum dos quartos, comendo a gostosa que ele *tava* pegando agora há pouco. Foi só pra isso que você ligou?

— Foi — respondi, num sopro de voz, encarando meu reflexo choroso no espelho.

— Ah, que porra, Ana! Atrapalhou meu esquema, caralho! Tchau! — Desligou na minha cara.

Não preciso dizer o que aconteceu em seguida, preciso?

No domingo, a família inteira almoçou na casa dos meus padrinhos. Todo mundo reparou que Luís e eu não estávamos nos comportando como de costume. Para início de conversa, não sentamos lado a lado, como sempre fazíamos.

Aparentemente, o fato significou o início do Apocalipse, porque só se falava disso à mesa. Foi um saco ficar ouvindo teorias acerca do motivo da nossa primeira briga (como estava de ressaca, Teo não se lembrava da minha ligação na noite anterior, o que foi um alívio).

O bafafá me deixou tão estressada que, alegando dor de cabeça, larguei a comida e fui para casa.

Estava deitada há mais de meia hora quando ele apareceu. Só percebi que estava no quarto quando ouvi o som do giro da chave.

— O que você tá fazendo aqui? — Ergui a cabeça.

Sem responder, ele se sentou na beirada da cama e começou a tirar os sapatos e as meias.

— Sai do meu quarto — ordenei, tentando ignorar as palpitações no peito e no meio das pernas.

— Só quero me deitar com você. Só quero sentir seu cheiro, Ana. — Dizendo isso, subiu no colchão e se acomodou ao meu lado.

Seu rosto mergulhou na curva do meu pescoço, e o braço enlaçou minha cintura.

Inspirou profundamente e soltou o ar, incendiando minha pele.

— Senti sua falta — murmurou, beijando minha garganta.

Arrepios eletrizaram minha espinha, e ondas de calor inflamaram meus poros.

— Preciso de você. — Seus lábios quentes e macios rastejaram-se lentamente pela minha bochecha, até estacionarem nos meus.

Foi como voltar para casa após um longo período no deserto.

O sabor do beijo dele era exclusivo. O jeito que sua língua se enredava à minha, algo singular.

Nossas bocas se devoravam, e minhas mãos palmilhavam suas costas, subindo a camiseta.

Luís se afastou por um segundo e a puxou pela gola, atirando-a no chão. Seus lábios voltaram a encarcerar os meus, enquanto os dedos desesperados arrancavam meu short.

Quando me vi livre da peça, impulsionei o corpo, e ele facilitou meu movimento, tombando a cabeça no travesseiro.

Tirou minha camiseta e iniciou um novo beijo, uma mão aprisionando minha nuca e a outra libertando o fecho do meu sutiã, arrastando-o pelos meus braços em seguida.

Suas palmas apertaram minha carne, os polegares perpassando os picos rijos.

Gemi em sua boca e interrompi a coreografia das nossas línguas para livrá-lo da calça.

Luís deixou um gemido escapar quando enfiei a mão no bolso estufado para pegar uma camisinha.

Soltei o botão da casa e desci o zíper. Puxei a naja para fora, enquanto ele empurrava o jeans. Movimentei o cacete e lustrei a ponta. Estava prestes a mergulhá-lo inteiro, mas Luís agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça.

— Quero te foder. Agora.

Em segundos, ficou de pé e terminou de se despir. Engatinhei e me ajoelhei para colocar a camisinha. Ao mesmo tempo em que eu desenrolava o látex, ele acariciava meus peitos.

Assim que terminei, capturou minha nuca e ergueu meu corpo, curvando o dele para dominar minha boca.

Seu tórax foi pendendo sobre o meu até minhas costas capotarem no colchão.

Mãos rudes agarraram minha cintura, conduzindo-me até a beirada da cama.

Alçando o torso, abriu minhas coxas e se posicionou entre elas.

Seus dedos engancharam-se na parte de trás do meu joelho e, de pé, Luís guiou o cacete e entrou. A metida vigorosa me fez gemer alto, emparelhando meu som com o dele.

Pousando minha perna sobre o ombro, apalpou meus peitos, surrando minha boceta com estocadas rápidas e precisas.

Fazíamos muito barulho, mas a possibilidade de haver alguém ouvindo não diminuía o volume dos nossos gemidos e arquejos.

— Vamos ser pegos. — Ele inclinou o corpo e colou o sorriso safado no meu.

O perigo me deixava mais molhada, mais escandalosa.

— Foda-se — murmurei, quando seus lábios deslizaram para o meu pescoço. — Só me come. — Enlacei as pernas, fazendo com que entrasse mais fundo.

Seus dentes torturaram minha garganta na mesma intensidade em que ele metia, produzindo ruídos

deliciosos.

— Ana... — sussurrou, gemendo em meu ouvido.

A voz rouca soou como um canto de pura devoção.

Afundi os dedos em seu cabelo, perdendo-me na maciez dos fios e me entregando às sensações estupendas que inundavam meu corpo.

Cravei as unhas em seus bíceps, e sua boca trancafiou os gemidos que eu alforriei no instante em que minhas células começaram a se desmanchar.

Luís subiu a cabeça e continuou metendo, enquanto eu me desfazia.

Resvanei as mãos para o tórax e, experimentando os vestígios do orgasmo, mirei sua expressão extasiada.

Lindo feito um deus, ele desabou sobre mim, emancipando uma enxurrada de gemidos enrouquecidos em meu ombro.

Deslizei as palmas por suas costas levemente úmidas, inalando o aroma maravilhoso que o quarto exalava. Era uma mistura perfeita do cheiro dele, do meu perfume e dos nossos fluidos.

Pouco depois, estávamos entrelaçados debaixo do edredom, em silêncio. O único som era o das nossas respirações, já normalizadas.

— Ana... — Ele limpou a garganta de repente, apoiando-se no cotovelo para me encarar. — Eu transei com uma mina ontem e foi bom, mas não foi assim. Quando eu beijo outras minas é bom, mas não é assim... — Sua mão encontrou abrigo em minha nuca, e seus lábios entreabriram os meus com delicadeza.

O beijo doce e lento disparou meus batimentos, resfriou meu estômago e incendiou minha pele.

Quando sua boca desertou, deixou um vácuo imenso em meu coração.

Eu entendia perfeitamente o que ele queria dizer. Transei com Gustavo e foi bom, mas não se comparou a nenhuma das minhas transas com Luís. Nenhum garoto beijava como ele, nenhum era tão bonito quanto, ninguém estava à altura.

— *Cê transou com outro cara?* — perguntou, e eu assenti.

Luís ficou sério, e um tremor perpassou os dois lados de seu maxilar.

O sem-vergonha tinha a coragem de ficar puto!

Abri a boca para acusá-lo, mas fui interrompida:

— Não quero transar com outras minas e não quero que você transe com outros caras.

— Isso nos transformaria em namorados — observei.

— E daí? — rosnou, ainda nervoso.

— E daí que eu não vou ficar aqui, sofrendo que nem uma idiota, achando que você tá me traindo lá nos Estados Unidos!

É óbvio que ele transaria com outras, mesmo jurando que não. Luís era um safado, e eu não estava a fim de ser corna. Já que ele ia pegar geral, eu preferia que fosse com o meu consentimento.

— Eu não vou te trair, maluca! — falou, como se fosse um santo.

Soltei uma risada sem humor.

— Você é bonito demais, Luís. Além de inteligente, é gentil, educado, pauzudo e gostoso pra caralho. Elas vão ficar no seu pé e você não vai resistir. Aí, vai começar a mentir pra mim. Nós vamos brigar direto, porque, além de ciumenta patológica, sou paranoica. Não vou confiar em você, eu me conheço. Vai dar merda. Vou ficar enchendo seu saco o tempo inteiro, vou fuçar suas redes sociais, vou conferir curtida por curtida, vou suspeitar que você tá comendo cada menina bonita que te adicionar. Em algum momento, vamos ter uma briga épica, que vai foder com tudo. Não nasci pra ter um namorado. Eu sou louca.

— *Cê é mesmo.* — Ele riu e beijou minha têmpora.

— E você também é ciumento — continuei.

— Eu? Que mané ciumento, *mermã!*

Dei uma gargalhada.

— Ana... — choramingou, afundando o nariz no meu pescoço. — Eu quero que você seja só minha.

— Luís, você acabou de dizer que não é ciumento — falei, rindo.

— Eu sou ciumento mesmo, *misera!* — berrou, e eu caí na risada.

— Viu? Seríamos péssimos namorados.

— *Mermã*, ó padrinho e madrinha. Eles brigam todo santo dia por causa dessas paradas de ciúme e tão aí de boa, no maior *love*, há não sei quantos anos.

— Você está se esquecendo de um detalhe. Mamãe e papai transam feito coelhos. Eles brigam pra fazerem as pazes transando. A gente namoraria à distância. Então, como é que resolveríamos nossas brigas, Luís?

— A gente ficaria um tempo brigados e consertaria tudo quando eu voltasse pro Brasil. Ou quando *cê* fosse pros *States* me ver.

— Isso só aconteceria no mundo ideal. No mundo real, você ficaria puto comigo e se vingaria de mim transando com a primeira boceta gringa que passasse na sua frente.

— *Mermã*, o que *cê* acha que eu sou? Um animal selvagem?

— A naja é um animal selvagem — respondi, e ele riu.

Apoiei-me no cotovelo para mirá-lo melhor. Seus dedos afastaram uma mecha do meu cabelo, prendendo-a detrás da minha orelha.

— Não quero brigar com você — falei, fitando seus olhos. — Nunca mais. Não quero ficar um dia sequer sem ouvir sua voz. — Alisei a superfície áspera de seu rosto. — Prefiro dividir você a correr o risco de te perder. Mas a ideia de te deixar livre me apavora. Tenho medo de tentar salvar nossa amizade e te perder de vez, para alguém que você ame mais que eu. — Uma listra salgada cortou minha bochecha.

Seu polegar limpou a lágrima, e suas íris acarinharam as minhas.

— Isso nunca vai acontecer. *Cê* vai ser pra sempre minha mina favorita, a única que eu amo.

Pisquei, com os olhos fixos no para-brisa. Enquanto a lembrança desvanecia, os limpadores oscilavam em um vaivém ininterrupto.

O ruído que havia ecoado repentinamente ainda retumbava no interior do veículo.

*You're My Best Friend*, de *Queen*, invadiu meus ouvidos e acelerou meu coração.

Enquanto o toque familiar reverberava em meu peito, meus dedos agarravam o volante com força.

*Ooh, you're the best friend that I ever had*

(Você é o melhor amigo que eu já tive)

*I've been with you such a long time*

(Estou com você há tanto tempo)

*You're my sunshine and I want you to know*

(Você é meu raio de sol, e eu quero que você saiba)

*That my feelings are true*

(Que meus sentimentos são verdadeiros)

*I really love you*

(Eu realmente amo você)

*Oh, you're my best friend*

(Você é meu melhor amigo)

A rodovia molhada e escura, cortada pelos faróis, era a única coisa à minha frente.

Ouvindo a voz de Freddie Mercury, mirei o retrovisor interno e me deparei com a dianteira da picape de Luís, que trafegava logo atrás.

Por que não fiz tudo diferente? Por que não falei pra ele, desde o início, que eu o amava não apenas



como amigo? Por que me contentei com parcelas se podia tê-lo por inteiro?

Só agora percebo que estacionei naquela época e nunca mais saí. Ainda sou a mesma pessoa estúpida que eu era aos dezessete anos.

Quando éramos imaturos e inexperientes, fazia sentido deixá-lo livre e aproveitar minha própria liberdade. Mas por que não paramos com isso quando Luís voltou de vez para o Brasil? Ou quando eu me formei?

Não tive coragem de dizer as malditas palavras. Não queria que ele pensasse que eu queria engaiolá-lo depois de tanto tempo incentivando seus voos.

Não quero mais que ele voe, mas não consigo dizer. Quero dizer, mas não consigo, porra.

Um oceano de lágrimas gordas, quentes e desenfreadas alagava minhas bochechas, embaçando minhas vistas. Se continuasse dirigindo, acabaria capotando.

Sinalizei e guiei o carro até o acostamento. Liguei o pisca-alerta e deixei o choro convulsivo tomar conta do meu corpo trêmulo. Chorava por ser tão burra e tão covarde. Não era à toa que Luís e eu éramos almas gêmeas. Éramos dois cagões tapados.

Um súbito baque surdo me fez virar o pescoço. Olhei para trás e o vi, perfilado pela luz dos faróis da picape estacionada atrás do meu carro. Afastava-se da porta que tinha acabado de bater e caminhava a passos largos em minha direção.

A tempestade desabava sobre sua cabeça, ensopando as mechas compridas, desaguando nos ombros avantajados e encharcando a camisa xadrez, a calça jeans e as botas de couro.

Eu ia dizer. Foda-se! Estava cansada de dividir o homem que eu amava com todas as mulheres do mundo. Ofereci a oitava maravilha à comunidade feminina por dez anos! Quem usufruiu, usufruiu. Quem não usufruiu, se fodeu, porque agora ele é só meu.

Funguei, engoli o choro e saí do carro, enfrentando o temporal. Bati a porta e corri.

Nossos corpos colidiram, e minhas mãos subiram para seu pescoço. Seus dedos ajustaram-se à minha nuca, e os lábios se encaixaram nos meus, do jeito que só ele sabia fazer.

Sua boca tinha um gosto quente de uísque, e o sabor mesclou-se à vodca da minha língua. Seu toque em minha pele e os movimentos desesperados e profundos fizeram meu corpo arder em chamas em plena tempestade.

De repente, Luís interrompeu o beijo. Suas mãos aninhavam meu rosto, e os olhos fitavam os meus. As íris claras eram em poços escurecidos pela penumbra, e um mar de sombras oscilava sobre suas feições simétricas.

— Eu... — comecei.

— Te amo — completou.

Fiz menção de falar, mas seus polegares prenderam meus lábios.

— *Shhhhh*. Quando um burro fala, o outro abaixa a orelha.

Uma risada se formou e escapou pela boca presa.

— Ana, eu já falei que te amo muitas vezes. Sempre que eu pensava nisso, lamentava o fato de não haver um jeito novo de falar, pra tornar esta vez diferente. Então, eu me dei conta de que não precisa ser diferente, porque meus sentimentos são os mesmos desde sempre. — Seus polegares acariciaram meus lábios molhados, escorregando pelo meu queixo e se hospedando sob a mandíbula. — Eu te amo. Nasci pra te amar, nasci pra ser seu. Só seu. Quero que *cê* seja minha. Minha melhor amiga. Minha mina. Minha esposa.

Meu coração galopava, e lágrimas invisíveis misturavam-se às linhas aquosas que caíam do céu e atingiam meu rosto.

Sem aviso, Luís tomou minha mão e se curvou diante de mim, afundando um dos joelhos no lamaçal.

Ergueu a cabeça e sorriu, mirando meus olhos. Fios de água escorriam de sua testa, perpassavam os contornos da face, cortavam as esquinas dos lábios, refugiavam-se abaixo da linha do maxilar e

tracejavam a garganta, desaparecendo sob o tecido colado ao tórax.

— *Cê quer se casar comigo, maluca?*

Dei uma risada, que saiu acompanhada de um soluço.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo! Luís estava me pedindo em casamento que nem os lordes dos livros de mamãe! Na *chuvaaaaaa*!

— Socorro! Ai, meu Deus! Ai, meu *Deeeeeeeeeus!* — Balancei a mão livre.

Aparentemente, Isa tinha usurpado meu lugar ou possuído meu corpo.

— Responde logo, *mermã!* Tem uma *misera* duma pedra no meu joelho!

— Quero! — falei, em meio às gargalhadas.

Ele se levantou depressa, e eu pulei em seu pescoço.

— Eu te amo, Lu! — Beijei sua bochecha ensopada. — Te amo! Te amo! Te amo! Te amo! — Fui espalhando beijos em seu rosto inteiro. — Tô há um tempão querendo te dizer que quero você só pra mim. — Abracei seu corpo com força, prendendo-o para não permitir que ele escapasse nunca mais.

— Eu também queria te falar essa parada, mas fiquei com medo de *cê* não me achar suficiente.

— Se olha no espelho, porra! — Abandonei o abraço e dei um tapa no peito dele.

— Eu sei que eu sou *mó* gostoso, né, *mermã*. Mas achei que *cê* ia preferir quantidade em vez de qualidade.

— Você é burro demais, Luisão. — Tive que rir daquele idiota. — Você sempre foi tudo o que eu quero, bocó. Você é tudo que eu preciso pra ser a mina mais feliz do mundo.

Ele me mostrou um sorriso largo.

— Por que *cê* não me falou isso antes, maluca? Já era pra gente tá casado e ter tipo uns cinco moleques já! Vem, *bora* fazer nossos gêmeos! — Do nada, ele me pegou no colo e saiu caminhando comigo sobre o ombro.

— Pra onde você tá me levando? — perguntei, rindo.

Não conseguia parar de rir e sorrir. Minha boca tinha ficado frouxa.

— Pro capô, pra gente imitar a posição que te botou no mundo.

Caí na risada, e ainda estava rindo quando ele me sentou na dianteira do meu carro.

— Você tá me zoando, né?

— Pega na naja e me fala se eu tô zoando. — Puxou minha mão, pressionando meus dedos no volume portentoso que inchava o jeans molhado.

De repente, tudo o que eu queria era trepar ali, no meio do nada, enquanto o aguaceiro encharcava nossos corpos.

Depressa, desafivelei seu cinto. Puxei a tira de couro, passando-a pelas reatas, e a joguei no chão lamacento.

Descasei o botão e abri o zíper, enquanto ele desabotoava minha camisa, beijando meu pescoço.

Quando libertei a naja, Luís me colocou de pé, me virando com um movimento único. Colou os lábios na minha orelha e subiu a mão para a minha garganta.

— Tira a calça e empina o rabo. — A voz deliciosa e o aperto dos dedos me deixaram louca de tesão.

Fiz o que ele mandou, e ganhei um tapa na bunda.

— Isso, safada. Quero te ver rebolando gostoso nessa pica. — Agarrando meu pescoço, ele entrou de uma vez, gemendo em meu ouvido.

— Assim? — Dei uma rebolada lenta, e ele puxou o ar.

— Assim, bem gostosa. — Meteu com força e começou a estocar, apertando minha mandíbula.

Eu adorava o jeito que ele me comia, me dando ordens e atolando tudo, me enchendo de rola.

Depois de algumas metidas violentas, me sentou de novo no capô e entrou mais uma vez.

Estiquei os braços, sustentando-me nas palmas, e abri as pernas, que ele usou de apoio ao meter cada vez mais rápido e mais fundo.

O choque dos nossos corpos, o som descompassado de nossas respirações, a cadência dos gemidos altos e o estardalhaço do aguaceiro açoitando a lataria nos impediram de ouvir o barulho do carro se aproximando. Mas o farol mergulhando no acostamento foi indicativo suficiente de que, se não interrompêssemos aquilo imediatamente, seríamos flagrados.

O problema era o seguinte: eu estava quase gozando. Ou seja, meu foda-se estava ligado, em alto e bom som.

— Não para... — murmurei, quando ele notou a proximidade do veículo. — Não para... Continua, pelo amor...

Luís dominou minha nuca e grudou a boca na minha, sem parar de me foder daquele jeito que me transformava em uma poça de irracionalidade.

Fincando as unhas em sua bunda, gozei ruidosamente, enquanto ele mordida minha boca, gozando e gemendo feito um filho da puta.

A alguns metros de distância, alguém batia a porta de um carro.

— *Misera!* Tem um puto vindo! — Luís berrou, tirando o pau.

Com as pernas bambas, desci do capô e subi a calça às pressas, enquanto ele fazia o mesmo. Em seguida, puxei as duas metades da camisa aberta, cruzando os braços por cima.

Olhei adiante e vi uma silhueta masculina se avizinhandando. Não tive tempo de decifrar a mistura de luz e sombras que dançava no rosto do homem, porque, mais que depressa, Luís se colocou à minha frente e ficou cara a cara com o recém-chegado.

— Fodeu, *mermã* — ele disse, e eu pensei “puta que pariu, é um policial, a gente vai pra cadeia”.

Já comecei a me imaginar na delegacia, o delegado ligando pra papai e espalhando na cidade inteira que a filha do juiz federal Max Vetter foi pega trepando num acostamento. Ia ser a primeira surra que eu ia levar na vida.

Dei um passo e abandonei o escudo humano que me escondia, disposta a implorar pro seu *poliça* que liberasse a gente e não contasse nada pra papai.

Foi quando um trovão estrondeou. E não foi no céu.

— Que porra é essa, Ana?



# 24

VOA

“(…), mas não voa tão alto, que é pra te vigiar. Parece superproteção, mas é medo de não te alcançar”.

*Origami* — Mar Aberto

MAX

Avistei as luzes piscando no acostamento e fui acometido pela primeira manifestação do infarto.

— Graças a Deus! São eles! — Olívia soltou um suspiro de alívio ao meu lado. — Viu? Eu disse que estava tudo bem, lindo!

Não estava nada bem, porra! Alguém tinha decidido transformar o melhor momento de toda a minha vida, vivenciado há vinte e sete anos, numa versão atualizada, que faria Freddy Krueger repensar seu conceito de pesadelo.

— Tá chovendo, e os dois estão no acostamento, Olívia! O que você acha que eles estão fazendo? — berrei.

— Fica tranquilo, lindo. Devem estar só conversando. — Ela prendeu os lábios, levando os dedos à boca.

— Conversando meu ovo! Eu vou matar aquele filho da puta! — Liguei a seta e girei o volante.

— O filho da puta em questão é seu afilhado e seu futuro genro! — ela exclamou, enquanto os faróis invadiam a faixa de terra.

— Futuro genro de cu é rola! — bradei, parando o carro e ligando o pisca-alerta.

— Max, deixa de ser cretino! Você sabe como é gostoso transar na chuva! Deixa os dois treparem em paz! — disse, quando coloquei no ponto-morto e puxei o freio de mão.

— Nem por um senhor caralho! — Tirei o cinto e saí, batendo a porta em seguida.

Esperava que o barulho fosse suficiente para alertar os dois, mas, por precaução, fui caminhando com os olhos fixos nas minhas botas, que pisoteavam o chão enlameado.

Ao passar pela picape de Luís, ergui a cabeça devagar, disposto a dar uma batida violenta na janela.

Então, ouvi um “tem um puto vindo!”, que guiou meu olhar para o carro de Ana.

Ela estava descendo do capô, e o desgraçado estava guardando a minhoca que herdou do pai dele.

Marchei até lá, sentindo as veias pulsarem nas têmporas.

— Fodeu, *mermã*. — Luís arregalou os olhos, cara a cara comigo.

— Que porra é essa, Ana? — tropejei, quando ela entrou em meu campo de visão.

— Papai! — Suas íris, escurecidas pela meia-luz, me fitaram, cheias de espanto.

— Fica tranquila, deixa que eu resolvo. — Ele entrelaçou os dedos aos dela e, no mesmo instante, senti a mão de Olívia enlaçando a minha. — A parada é a seguinte, padrinho: cansei de cagar nas calças. Então, vou mandar a real: tá na hora de cortar o drama, *falô*? *Bora* parar de criancice, beleza? Só tem adulto aqui, só gente que transa. *Cê* sabe que essa não foi a primeira e muito menos a última vez que a

naja atacou. Eu amo minha *Broderzona*. — Seus braços envolveram minha filha. — Ela é a mina da minha vida. O amor que eu sinto por ela é diferente do seu, mas é tão grande quanto. A gente dorme e acorda pensando na mesma coisa: “ela tá feliz? Eu tô fazendo tudo o que eu posso pra ela ser feliz?”. Eu posso fazê-la feliz. Quero fazer isso pro resto da vida. Quero que ela seja a mina mais feliz do mundo. Pedi Ana em casamento. Não preciso da sua autorização pra me casar com ela, mas gostaria muito de fazer isso com a sua bênção.

Eu não estava pronto. Não estava pronto para ver uma das minhas filhas se casando. Não estava pronto para levá-las ao altar. Elas eram bebês, porra! Crianças!

Eu não estava pronto, e nunca estaria. O que eu realmente queria fazer naquele momento era puxar Ana e proibi-la de me abandonar. E queria chorar como se o bebê fosse eu. Mas, em vez disso, engoli o caroço que massacrava minha garganta e lutei contra o impulso de arrancá-la dos braços de Luisão.

— Você seria feliz com ele? — perguntei, mirando os olhos dela.

— Sim, papai. Eu o amo com todas as minhas forças — respondeu, sorrindo e abraçando-o apertado.

Ela o amava e ia ser feliz. Era o que importava. Eu, mais que ninguém, conhecia aquele tipo de felicidade. Queria que meus filhos fossem tão felizes quanto Olívia e eu. Então, estava tudo certo.

Tudo certo meu ovo! Eu estava sendo substituído, porra!

Por que me sentei ao lado de Piolho na sétima série? Se eu não tivesse me sentado ao lado da Quenga, ele nunca teria puxado papo comigo, eu nunca teria virado amigo dele, Ana nunca teria conhecido a Quenginha, e eu não estaria perdendo minha filha pra esse desgraçado!

A culpa é toda minha. Mereço tomar no rabo.

Culpa minha o caralho! A culpa é toda de Piolho! Eu vou matar aquela puta!

Porra. Não posso matar o avô dos meus futuros netos.

Ele tinha razão. Dali a vários anos (uma década, mais ou menos), a gente ia dividir os moleques.

Com certeza, eu seria o melhor avô. Sou o tio preferido de Sofia. É óbvio que vou ser o avô mais pica. E não dá pra ser o avô favorito se eu for o único avô. Não quero ganhar por W.O. Preciso de Piolho vivo, pra testemunhar a predileção das crianças pelo vô Max.

Vou ganhar a disputa dos avôs, mas não posso negar que meus netos seriam crianças sortudas pra caralho, porque teriam, além de mim, outro avô muito foda.

Verdade seja dita, eu amo aquela Quenga.

Pensando melhor, ainda bem que me sentei ao lado de Piolho na sétima série. Se eu não tivesse me sentado ao lado dele, ele nunca teria puxado papo comigo, eu não teria o melhor amigo que alguém poderia ter, Ana não teria conhecido o amor da vida dela, e eu perderia a chance de ter um genro que amo como se fosse meu filho.

— Você tem a minha bênção, filho da puta. — Dei um passo e o abracei. — Mas, se fizer alguma merda — afastei-me, encarando-o —, mesmo que seja uma merda mínima, que faça minha filha sofrer, mesmo que seja um milímetro de sofrimento, eu te mato enforcado nessa peruca e faço parecer um suicídio. — Usei o tom tranquilo de quem faria isso com os pés nas costas.

— *Mermã*, eu tô achando que vou cortar o cabelo, maluca — ele disse, enquanto Ana e Olívia caíam na risada.

Pouco depois, estávamos todos em nossos respectivos carros, deixando para trás aquela *Elm Street* alternativa, que era muito pior que a original.

— Tô tão feliz, Max! E orgulhosa de você. Pela primeira vez na vida, meu maridinho foi sensato e maduro. Parece até um homenzinho! — Minha esposa riu.

— Não conversa comigo, Olívia. Eu tô em depressão. Me deixa em paz com a minha dor.

Ela deu uma risada, mas me repreendeu:

— Para de brincar com coisa séria, cretino!

— A culpa não é minha se você não leva meu sofrimento a sério.

— Finalmente, sua filha vai ter a felicidade que merece. Isso não te deixa feliz?

— Me deixa deprimido.

Ela riu de novo.

— O que eu posso fazer pra te deixar felizinho? — perguntou, pousando a mão na minha perna.

— Nada.

— Nada? Tem certeza? — Abrindo um sorriso safado, ela pôs a mão na minha rola, que reagiu instantaneamente ao toque.

— Eu tô dirigindo, senhorita Olívia... — falei, quando ela começou a pressionar o volume.

A chuva tinha diminuído, mas ainda tamborilava no teto e no para-brisa.

— Eu sei. Presta atenção direitinho na via enquanto eu falo no seu ouvido o que eu vou te dar hoje. — Seus lábios quentes e úmidos roçaram minha orelha, e ela sussurrou meu monossílabo favorito.

— Quero hoje, amanhã, domingo, que é de lei, e segunda — negociei.

— Nada feito, cretino. Hoje e amanhã. Esse domingo não vai ter, porque vai ser meu dia de descanso.

— Meu domingo é sagrado! — berrei. — Sem ele, vou continuar deprimido. — Fiz minha melhor cara triste.

— Eu tô vendo o tamanho da sua depressão, Max Vetter! — Ela estreitou os olhos, apertando meu cacete.

O desgraçado estava fazendo minha alegação de sofrimento perder todo o crédito!

— Eu ainda não contei pra ele que a gente tá deprimido, linda.

Sorrindo, ela balançou a cabeça e beijou minha bochecha.

— Eu te amo, cretino.

— Também te amo, minha linda.

Quando chegamos à fazenda, Luís e Ana passaram feito foguetes pelo *hall* e subiram a escada correndo, ignorando as perguntas de Piolho e companhia.

Fiz o que qualquer pai faria naquelas circunstâncias: uma auto-hipnose, que me convenceu de que eu não fazia ideia do que eles estavam indo fazer lá em cima.

— E aí, Quenga? *Cê* pegou a naja dando o bote, mano? — Piolho riu. — *Cê* deixou a cobra cuspir, né, *véi*? Eu quero meus netos!

— Vá se foder, Piolho — rosnei.

— Olívia, o que aconteceu? — Malu quis saber.

— Luís pediu Ana em casamento! — ela vibrou, e todas as mulheres emitiram gritos de felicidade, abraçando-se efusivamente.

— Putão, a gente vai ser parente, mano! Tipo, real-oficial, saca? É o nosso maior sonho virando realidade, minha Quenga! — Piolho me abraçou, sem se importar com minhas roupas molhadas.

— Me larga, porra — reclamei.

— *Cê* é o pai da noiva — ele disse, ao se afastar. — Ou seja, *cê* que vai pagar o casório inteiro, tá ligado? Não vou desembolsar um centavo. E ainda vou botar Luisona pra exigir um dote do tamanho da naja! — Gargalhou, provocando várias gargalhadas.

— Senhoras e senhores, com vocês: o sogrão de Luisão! — Plínio suscitou um novo coro de risadas.

— Pelo menos, meu genro caga de medo de mim. O seu caga, mas é na sua boca, filho da puta! — devolvi, e mais uma crise de riso generalizada dominou o *hall*.

Tito era o que mais ria.

— Fica rindo, arrombado! — Plínio fulminou o irmão. — Logo chega a sua vez.

— Letícia tem dezenove anos! — falou, como se dissesse que a filha tem seis.

— Ai, ai... — Lari deu uma risadinha.

— O que você quis dizer com isso, Larissa? — Ele esbugalhou os olhos.

— Mano, acorda pra vida, *véi*! — Piolho exclamou. — Com essa idade, Malu já *tava* casada e

Luisona já *tava* no mundo! Se bobear, Tíci já tá de olho em algum professor da faculdade!

Tito ficou lívido, e foi a vez de Plínio morrer de rir.

— Pelo menos, minha filha tá ali no sofá, com o pé machucado. Não tá no terceiro andar, que, neste exato momento, os genros e as filhas de vocês estão transformando no motel da nova geração! — O Theloni caçula caiu na risada.

— Os coelhos tão tudo nas tocas, né, mano? Até Lulu. Mas ela deve tá a ver navios. Teozona *tava* golado demais pra conseguir levantar a bilunga. — Piolho riu.

— Bilunga é meu pau no seu cu, Piolho! — Olívia encrespou. — Meu bebê herdou o palhação do pai. E, se o cretino consegue fazer o circo pegar fogo mesmo de fogo, meu minicretino também consegue! — garantiu, orgulhosa. — Falando nisso, e Zach? — sussurrou, como se, a qualquer momento, o gringo pudesse aparecer e, milagrosamente, entender alguma coisa.

— Luma conversou com ele e cancelou o casamento — Malu informou.

— Cancelou? E como ele reagiu? — Olívia arregalou os olhos.

— Como eu sou um pai *mó* zeloso, fiquei por perto, ouvindo a conversa. — Piolho começou a contar. — O cara quis saber por que ela *tava* botando um fim no casório, né, mano. Achou que tinha jeito de consertar, que dava pra adiar em vez de cancelar. Aí, Lulu teve que contar que tá apaixonada por outro cara.

— Ela disse isso? Com essas palavras? — As íris de Olívia cintilaram.

— Disse, Liv! — Malu exclamou, batendo palmas.

— Nossa, gente, que maldade! — Ícaro se manifestou. — O bichinho ficou arrasado. Deu pena! Zach é um gato. E tem aquele sotaque divino e aquela voz deliciosa! Homem bonito merece cu, não pé na bunda.

— Ele só vai embora amanhã. Aproveita e vai lá dar o seu, então, Ícaro. — Artur fechou a cara.

— Eu, não! Meu edi é propriedade exclusiva do meu maridinho! — Ele beijou a bochecha do marido.

— Sou #teamTeo, óbvio, mas confesso que também fiquei morrendo de dó de Zach — Lari comentou.

— Ele vai encontrar uma moça linda, que o ame de verdade, como ele merece — Malu profetizou. — Mas ainda bem que essa moça não é minha filha, porque não consigo imaginar um genro melhor que meu afilhadinho!

— Exatamente! Lamento muito que ele esteja sofrendo, mas o sofrimento dele significa a felicidade do meu bebê, que é o bebê mais lindo do mundo! Ou seja, tô pouco me fodendo! — Olívia deu de ombros.

— Ai, que malévola! — Ícaro riu. — Mas o que me deixa mais na *bad* nem é a *bad* de Zach. É saber que eu não vou mais ostentar minha *roupitcha* amanhã. As inimigas iam chorar no meu *look babadeiro!*

— No meu também. Meu vestido era tão lindo... — Larissa choramingou.

— Maravilhoso, uma obra-prima! — Artur concordou com a irmã.

— Tinha que ser, né? Ela gastou o salário inteiro naquela porra. E, não satisfeita, usou o meu pra pagar os sapatos — Tito brincou.

— Nossa, Tito, que exagero... — Lari meneou a cabeça, simulando indignação.

— O vestido de Susanne também custou os olhos da cara. A gente vai passar fome esse mês. — Plínio engrossou o coro dos avarentos.

— Não vou nem comentar — Suze riu.

— Pois meu lindo pagou meu vestido de bom grado! Não foi, cretino? — Olívia arqueou uma sobrancelha em minha direção.

— Não, linda. Eu dei meus dois rins de bom grado — corrigi, e ela caiu na risada.

— Mano do céu! Acabei de ter uma ideia! — Piolho alardeou. — A gente podia botar Luisona pra casar amanhã, *véi!* Aí, Ícaro vai poder usar a parada dele, as minas vão poder usar os vestidos, e eu não vou ter que entubar o prejuízo que eu tô levando, saca? Só que *cê* e Teozona, o pivô do cancelamento, vão ter que me ressarcir depois, Quenga.

— Deixa de ser muquirana, Piolho! Meus filhos vão se casar com os filhos de um marajá! Os Vetter

não vão gastar um puto com esses casamentos! E a gente vai querer caviar no *buffet*! — Gargalhei.

— Putão, *cê* acha que as notas de euros que eu uso pra limpar o rego dão em árvore? — Ele se fez de indignado.

— Lucas, deixa de ser unha-de-fome! — Rindo, Malu deu uma cotovelada no marido. — Lamento, mas sua ideia de aproveitar a cerimônia cancelada não vai rolar. Já contatei a equipe organizadora e comuniquei o cancelamento. Agora, a gente precisa planejar os próximos casórios!

— Isso! — Suze se entusiasmou. — Já tenho ótimas ideias!

— Vou trocar de roupa e desço daqui a pouco, pra gente começar a planejar! Vem, Max! — Olívia segurou minha mão.

— Vou buscar champanhe! A gente precisa comemorar a Era dos Sogrões! Vem, mano, me ajuda a pegar as taças! — Piolho enlaçou a esposa.

— Linda, e aquela coisa que você prometeu? — sondei.

— Mais tarde, cretino! — Ela me puxou, e começamos a subir a escada.

## ISA

Ele estava sentado na cama, de cabeça baixa.

O cabelo meio úmido indicava que tinha saído do chuveiro há pouco tempo. Usava nada além de uma calça jeans desbotada.

As mãos firmavam-se na borda do colchão, e os olhos fixavam-se nos pés descalços sobre as fibras do tapete.

Contemplei os contornos do tórax musculoso, as linhas atléticas das costas nuas, as veias saltadas dos braços retesados.

Não contive um suspiro. Então, seu rosto subiu, e suas íris castanhas encontraram as minhas.

Levantou-se e agarrou a maçaneta, alargando a fresta.

Seu cheiro de homem limpo e perfumado golpeou minhas narinas, e precisei controlar a vontade de beijá-lo, aproveitando que sua boca estava tão perto da minha.

— Eu... estava passando pelo corredor, vi você sentado e pensei em perguntar se está precisando de alguma coisa — falei, em inglês, me fazendo de alma prestativa.

Zach ficou em silêncio por alguns segundos, mirando meus olhos. Então, abriu ainda mais a porta.

— Você pode entrar? Acho que preciso conversar com alguém — disse, em sua língua materna, brindando meus ouvidos com seu sotaque maravilhoso.

— Claro — respondi, atravessando o umbral.

Ele nos fechou no cômodo e indicou a cama, onde eu me sentei. Em vez de se sentar ao meu lado, puxou a poltrona e se acomodou de frente para mim.

Uma fragrância deliciosamente masculina flutuava ao meu redor, misturando-se aos aromas do temporal.

— É o seu irmão, não é? — Seu timbre enrouquecido acariciou meus tímpanos.

— É. — Achei melhor não me fazer de desentendida.

Uma risada amarga escapou de sua garganta.

— Ele também está apaixonado por ela?

Assenti.

— Acho que os dois sentem coisas um pelo outro há bastante tempo — completei.

Zach grudou os olhos na vidraça, repleta de riscas tortas e molhadas. Perdeu-se no breu do lado de fora, na face do céu escuro e choroso. Por vários segundos, ficou em silêncio, contemplativo.



— Você já se apaixonou? — indagou de repente, sem me encarar, com os cotovelos apoiados nos braços da poltrona e os dedos cruzados sob o queixo anguloso.

— Não — respondi, presumindo que paixões dos tempos de escola não entravam na conta.

— Quer um conselho? — perguntou retoricamente. — Não se apaixone.

— É o que você pretende fazer de agora em diante?

— Com certeza.

— O problema não é se apaixonar, Zach. É se apaixonar pela pessoa errada.

Ele virou o pescoço e pousou o olhar no meu.

— Fica difícil me apaixonar pela pessoa certa, já que ela não existe. — Seu tom ácido não passou despercebido.

— É claro que existe! — discordei com veemência.

Acredito nisso de verdade. Acho que existe uma pessoa certa para cada um de nós. A questão é que o mundo é vasto, e é habitado por bilhões de pessoas erradas. É realmente difícil encontrar a certa, embora minha família faça parecer tão fácil quanto costuma ser nos romances. Na vida real, é quase impossível encontrá-la, mas que ela existe, existe.

— Jura? Porque eu já procurei bastante, em vários países, inclusive. acredite em mim, ela não existe. — Soltou um suspiro frustrado. — Sabe o que me deixa puto? É que caras sacanas como o seu irmão têm a sorte de sequer precisar procurar pela pessoa certa. Caras como eu, procuram pelo mundo todo e vão morrer sozinhos.

— Você não vai morrer sozinho, Senhor Pessimista. — Usei um tom brincalhão. — A tia-avó da minha mãe costumava dizer que, às vezes, as pessoas viajam o mundo todo e acabam encontrando o amor em casa, bem ao lado delas. Então, sua alma-gêmea deve estar em Londres, à sua espera — falei com sinceridade.

Não queria ser o amor da vida de Zach. Só queria transar com ele.

Se você ficou chocado com essa informação, aí vai um grande segredo: meu nome é Isa, eu tenho vinte e sete anos e já transo.

As pessoas confundem meu comportamento discreto com inocência. Eu só não gosto de alardear minhas conquistas sexuais, como Ana, por exemplo, que participa de orgias e faz questão de me contar, sem fazer ideia de que eu já participei de algumas.

Ou seja, estou longe, muito longe, de ser inocente. Sou uma Vetter, o que você esperava?

Eu gostava de brincar de *Barbie*? Gostava. Mas gostava mesmo era de brincar com a *Barbie* Sereia no tanque. Fingia que era uma piscina, onde a boneca e o Ken davam beijinhos e faziam muitos filhinhos.

Tenho o sonho romântico de me casar com o amor da minha vida e ter bebezinhos fofos com ele? Tenho. Mas, aparentemente, o universo está se lixando para as minhas aspirações românticas, como se percebe comparando minha vida sem graça à vida dos meus irmãos e dos meus primos. Claramente, alguém se esqueceu de que eu existo.

Então, enquanto o pessoal responsável pela minha vida amorosa não se organiza, vou tentando me organizar com as oportunidades que a vida me dá, como, por exemplo, transar com Zach, um ex-noivo lindo, gostoso, britânico, com carinha de cachorrinho abandonado e, no momento, bastante suscetível às minhas investidas sutis.

— Se estiver em Londres, ela vai esperar bastante, porque não vou voltar pra lá tão cedo — ele disse, para a minha surpresa. — Planejei viver o resto da vida aqui. Comprei uma casa, comecei a trabalhar numa das filiais da empresa da minha família, trouxe meus cachorros e meus livros. Então, vou ficar por um tempo.

— Já que vai ficar, você precisa aprender a falar Português. — Dei uma risada.

— É... Luma ia me ensinar. — Seu timbre se entristeceu, e os olhos buscaram a janela outra vez.

Deslizei o olhar pelos músculos de seu peitoral e aproveitei para contemplar a parte recheada do

jeans.

Não era a primeira vez que eu dava uma espiada, óbvio. Dou umas manjadas em Zach desde que fomos apresentados. Ele é uma delícia, e eu não sou cega. Olhar não arranca pedaço, e umas cobiçadinhas ocasionais não matam ninguém. O que eu não faço é cruzar a linha. Cobiço homem alheio? Cobiço mesmo. É gostoso, tô cobiçando. Mas não mexo no que é dos outros.

Felizmente, Zach estava livre, leve e solto. Logo, eu podia transar com ele. A tola da Luma dispensou o monumento britânico, e a esperta da Isa vai dar uma usadinha de leve no gringo; uma usadinha bem inocente, pra combinar com o meu jeitinho inocente de ser (risadas frenéticas).

Nunca que eu vou deixar passar a oportunidade de acrescentar um habitante da Terra da Rainha à minha lista de transas internacionais, que, no momento, tem um total de zero caras, mas tudo bem, porque logo vai ter um. Vou inaugurar minha lista com um senhor espécime!

Cruzei as pernas distraidamente e mordi o lábio enquanto admirava aquele pedaço delicioso de homem.

Luma só podia ser louca. Quem, em sã consciência, trocaria Zach pelo Bruxo? É muita loucura. Trocar um britânico lindo (gente, um britânico, pelo amor de Deus!) por um brasileiro horroroso? Tem que ter sérios probleminhas.

Tá, tudo bem. Teo não é, exatamente, horroroso. Mas, por favor, né? Não tem nem comparação! Tipo, fisicamente, meu irmão é o Dobby. E Zach é o Cedrico Diggory (não que eu ache o ator bonito, mas as meninas de Hogwarts idolatravam o Cedrico. Tadinho, até hoje eu sofro com a morte dele. E a morte do Dobby, gente? Meu Deus, vou parar, senão daqui a pouco eu choro).

— Você poderia me ensinar? — Ele virou o rosto de repente, e fui obrigada a disfarçar o tesão estampado na minha cara.

— Te ensinar? — perguntei, atônita.

— Português. — Levantou-se e se sentou ao meu lado. — Quer ser minha professora?

Só indecências se passaram pela minha cabeça, todas envolvendo uma professora em trajes mínimos e um aluno mau, muito mau.

— Não de graça, claro — acrescentou, diante do meu silêncio. — Posso pagar o que você quiser, desde que as aulas sejam na minha casa.

Eu não tinha tempo pra isso. A residência sugava minha vida. Mesmo assim, me ouvi dizendo:

— Será um prazer ser sua professora, Zach.

Ele abriu um sorriso lindo e me abraçou, cedendo-me o calor de seu peito e o cheiro de sua pele.

Experimentei a sedosidade dos fios castanhos, sorvendo o perfume de seu pescoço.

— Posso confessar uma coisa? — perguntou em meu ouvido.

Quando, na vida, eu pensei que um britânico falaria no meu ouvido?

A voz dele era tão gostosa, e o sotaque, a coisa mais afrodisíaca do mundo. Definitivamente, Zach estava me estragando para os brasileiros.

Assenti, enquanto minha espinha recebia uma maré de arrepios.

— Não faço ideia de qual gêmea você é — disse, o tom meio receoso.

— Isa — respondi com uma risada.

— Isa. — Seus dedos afagaram meu cabelo, e ele se afastou, sem abandonar minha nuca.

Seus olhos fitaram os meus. Ele tinha o que os falantes da língua inglesa chamam de *hazel eyes*. Suas íris eram um mosaico que misturava nuances de marrom, cinza e verde-escuro.

A boca, próxima da minha, só podia ser uma obra olimpiana. O desenho carnudo tinha um formato perfeito, circundado pela barba cheia e curta, do mesmo tom achocolatado do cabelo.

Seu polegar roçou minha bochecha e estacionou em meu lábio. Meu coração deu um salto.

Zach semicerrou os olhos, movendo o dedo lentamente, de uma comissura à outra.

— Eu quero você, mas por todos os motivos errados — disse, cruzando o olhar com o meu.

— Eles não precisam ser certos, Zach. Eles só precisam existir. — Toquei sua face e imitei seu gesto. Resvalei o polegar pela aspereza do maxilar até pousá-lo na maciez de sua boca.

Mirando suas pupilas, fui deixando o dedo escorregar, à medida que aproximava o rosto. Zach fez o mesmo, e nossos lábios se encontraram. Suavemente, eles se moveram, abrindo passagem para nossas línguas.

Provei seu gosto, sua textura. Deliciei-me com os movimentos lentos e com a calidez inebriante do beijo, que logo se tornou intenso e urgente.

Gemi em sua boca e me movi. Escanchei-me em suas pernas, enlaçando seu pescoço, bagunçando seu cabelo, mordendo seu lábio.

Seus dedos desceram e iniciaram a abertura dos botões da minha camisa. Quando chegaram ao último, suas mãos agarraram minha cintura, e eu puxei o tecido xadrez pelos braços, atirando-o no chão.

Migrando os lábios para a minha garganta, Zach abriu o fecho do meu sutiã. Livrou-me da peça e, apalpando meus peitos, desceu a cabeça e espalhou beijos quentes e úmidos em minha pele.

Então, ficou de pé, sustentando minhas coxas. Colocou-me na cama e ergueu o torso. Segurou meu tornozelo e abriu o zíper da bota.

Seu olhar incandescente passeava pelo meu corpo, inflamando meus poros.

Descalçou meus pés sem pressa, estudando minhas curvas durante o processo.

Assim que terminou, começou a tirar minha calça lentamente, apreciando o triângulo de cetim enquanto desembrulhava minhas coxas.

O jeans beijou o tapete, e ele se afastou.

— Um segundo — pediu.

Foi até a mala, abriu o bolso frontal e pegou uma camisinha.

Quando voltou, elevei o tronco e espalmei as mãos em seu abdome. Alisei os músculos, deslizando minhas digitais até meus dedos quedarem no volume apetitoso que empurrava a braguilha.

Zach deixou um gemido escapar, e eu descasei o botão. Desci o zíper e puxei o pau, admirando a espessura e a beleza do instrumento.

Movi a mão, ouvindo um som rouco, e lambi a ponta, mirando seus olhos.

— *Fuck*. — Ele puxou o ar.

O palavrão me deixou ainda mais escorregadia.

Mergulhei o topo na boca e chupei com vontade. Dei várias chupadas, sentindo seus dedos imiscuídos na raiz do meu cabelo.

Engoli quase todos os centímetros, lustrando o pau inteiro. Subi até o final e voltei, estacionando os lábios na base.

Palmilhei suas coxas firmes e percorri os músculos enrijecidos da bunda, enquanto ele fodia minha boca, gemendo, me incentivando e me elogiando o tempo todo.

Engasguei, e ele meteu mais algumas vezes. Então, puxou a mecha que agarrava, me afastando do cacete.

Curvando-se, roubou meu fôlego. Sua língua enredou-se na minha, perfazendo deliciosas voltas esfomeadas.

Tão rápido quanto começou, o beijo terminou.

Zach elevou a cabeça e rasgou a embalagem do preservativo. Tirou a camisinha do invólucro e começou a desenrolar o látex.

Subi na cama e fiquei de quatro na beirada do colchão.

— *Bloody hell...* — murmurou, simultaneamente surpreso e maravilhado.

Virei o pescoço e abri um sorrisinho safado.

Suas mãos subiram pelas minhas coxas, e beijos quentes incendiaram minha pele no momento em que ele afastou minha calcinha.

Sua boca desceu, enovelando minha boceta. A língua entreabriu as duas metades, e um gemido alto e prolongado perpassou minha garganta.

Castigando minha carne, Zach lambeu, sugou e chupou. Então, enfiou dois dedos em minha entrada, sussurrando indecências em seu idioma nativo.

Os palavrões e as sacanagens que ele dizia, cumulados aos movimentos dos dedos ágeis, me levavam cada vez mais rápido para a linha do gozo.

Quando comecei a gemer escandalosamente, enterrou o pau de uma vez só, dando um tapa forte na minha bunda.

Gemi ainda mais alto, rebolando e deleitando-me com o ardor misturado ao prazer absoluto.

Virei o rosto para vê-lo, incentivando-o a meter sem dó.

Depois de várias estocadas, ganhei um puxão no cabelo e uma mordida no lábio.

Gemendo, ele abandonou minha boca dolorida e me empurrou no colchão.

Começou a me comer de bruços, o cacete entrando fundo, os braços entrelaçados nos meus, a respiração pesada em minha pele.

Logo, senti o primeiro estilhaço do gozo estraçalhando minhas células.

Zach buscou meus lábios e manteve o ritmo sonoro, rude e delicioso.

Fechei os olhos, experimentando sensações divinas e escutando os ruídos roucos que ele depositava em meus ouvidos durante o próprio orgasmo.

Ficamos inertes, lutando por ar, por quase um minuto inteiro.

— Já volto — sussurrou, ainda arfante.

Então, beijou a região detrás da minha orelha e se retirou cuidadosamente.

Obriguei meu corpo a se virar, a tempo de vê-lo desaparecendo no banheiro.

Como alguém tinha coragem de dar um pé naquela bunda? Era perfeita. Do tamanho ideal, redondinha, musculosa e linda. Formava um par irresistível com as costas largas. E um trio maravilhoso com as pernas longas e torneadas.

Suspirei, deixando os olhos vaguearem pelas vigas do teto, ouvindo a melodia tocada pela chuva. Então, forcei meus membros débeis a me colocarem de pé.

Tinha ajeitado a calcinha e estava colocando o sutiã quando lábios macios pousaram em meu ombro e braços quentes circundaram minha cintura.

— Você é tão gostosa... — Sua boca percorreu minha clavícula lentamente, galgando meu pescoço. — Fica. Quero te foder a madrugada inteira — falou baixinho em meu lóbulo.

Ai, como eu queria ficar... Mas uma vizinha me dizia que era uma péssima ideia.

— Não sei se é uma boa ideia, Zach — falei, girando o corpo para fitá-lo.

— Por que não seria? — perguntou, mirando minhas feições vacilantes. — Fica tranquila, é só sexo. Não vou te pedir em casamento em quatro meses, Isa. — Abriu um sorriso meio triste.

— Promete? — brinquei, naufragando os dedos em seu cabelo.

Ele sorriu de verdade, me mostrando um compêndio de dentes branquíssimos.

— Prometo. — Pincelou os lábios nos meus.

Decidi que passar a noite com Zach era o mínimo que eu podia fazer depois do que meu irmão e minha prima postiça fizeram com ele.

Fico chocada com os sacrifícios que a gente precisa fazer por causa da família...

Algumas horas depois, adormeci, absolutamente exausta. Então, acordei, com a sensação de que mal tinha pregado os olhos.

Estava sonhando com alguma coisa muito barulhenta. Felizmente, estava livre do sonho e do som.

Mirei a janela chuvosa e constatei que já tinha amanhecido.

De repente, o barulho se repetiu.

Batidas. Rápidas e ruidosas.

Levantei-me de súbito, enrolando-me no lençol, e abri a porta.

Não havia ninguém. Coloquei a cabeça para fora e a vi.

No final do corredor, a irmã de Matheus espancava a madeira.

— Sofia! Henrique! Abram a porta! Aconteceu uma tragédia!

Meu coração acelerou.

— Mari, meu amor, assim você acaba com o meu ego!

Olhei para trás e vi Felipe, só de cueca, desfilando no tapete.

No momento em que ele passou pela minha porta, Zach apareceu atrás de mim.

— O que está acontecendo?



# 25

## PENSO EM VOCÊ

“(...) sempre na hora errada, desde quando acordo até a madrugada”.

*Sentido* — Mar Aberto

### MARINA

Íris escuras incendiavam as minhas. Mãos rudes e quentes apertavam minha bunda, e eu quicava naquela pica maravilhosa, gemendo e bagunçando mechas loiras e macias.

— *Huuuuuum...* Seu gostoso... — Estava quase gozando quando o som da minha própria voz me acordou.

Minha pele ardia, o ponto sensível entre as minhas pernas pulsava loucamente, e eu só queria voltar para o sonho.

Embriagada pelo sono, fechei os olhos e remexi-me no lençol, tentando conjurar a cena que, aparentemente, estava perdida para todo o sempre.

Frustrada, abri as pálpebras, focalizando um lustre que não era o do meu quarto.

Vasculhei minhas memórias e me lembrei de onde estava, o que fez meu cérebro estalar.

O protagonista do sonho erótico que eu tinha acabado de ter era Felipe Theloni, irmão de Sofia, mais conhecido como meu concunhado cafajeste.

Tanto homem gostoso pra habitar meus sonhos e minha mente escolhia justo esse sem-vergonha!

Horrorizada, comecei a acessar minhas últimas lembranças.

— Lulu cancelou o casamento! — Piolho relatou, entrando na sala.

— Cadê ela? — Isa perguntou.

— Acabou de subir, deve ter ido direto pro quarto de Teozona. — Ele riu.

Então, se calou de repente, quando o gringo gato adentrou a sala, visivelmente abalado.

— Esqueci o celular — falou, em inglês, com aquele sotaque divino.

Não dava nem para culpar a noiva por sacanear um homem tão lindo. O gringo era uma delícia, mas o loirão brazuca também era. Ou seja, era um duelo de deuses.

Agora, eu te pergunto: que mundo é esse, no qual uma mulher tem o direito de escolher entre um loiro gostoso e um britânico delicioso, e eu só tenho o direito de escolher entre chupar o dedão da mão esquerda ou o dedão da mão direita?

A mãe da noiva pegou o aparelho esquecido sobre a mesa de centro e foi até o ex-genro, falando algumas coisas em inglês. Basicamente, disse que sentia muito, que ele era um cara incrível, que torcia pela felicidade dele e blablablá.

O lindo agradeceu por tudo e se despediu. Quando ficou claro que estava disposto a dirigir sob condições emocionais e condições adversas nada favoráveis, os pais da garota sortuda insistiram para

que ele passasse a noite na fazenda e voltasse para Arraial dos Anjos no dia seguinte.

Então, o britânico agradeceu novamente, dessa vez pela hospitalidade, e pediu licença, saindo da sala.

Achei tão sexy essa educação toda! O cara parecia mais um lorde, todo polido e cortês. Era um legítimo cavalheiro inglês, diferentemente de certas pessoas grossas e estúpidas, cujo nome não vou mencionar, mas começa com efe.

— Mari, você quer subir comigo? Posso te mostrar seu quarto — Isa ofereceu, assim que o gringo sumiu de vista.

— Seria ótimo — concordei, agradecida pelo convite, porque não via a hora de me deitar.

Toda a loucura daquela família tinha deixado minha cabeça girando, e as doses de vodca só tinham piorado minha confusão mental.

— Também vou subir. — Felipe nos alcançou quando cruzamos o saguão.

“Ninguém te convidou”, pensei, fazendo caras e bocas.

— Que foi, Mari, tá tendo um derrame? — perguntou, dando uma risada.

Comecei a fazer vários movimentos giratórios, olhando para todos os lados.

— O que você tá fazendo? — o idiota questionou.

— Procurando a graça — respondi, sem conseguir evitar um sorrisinho.

— Nossa, como você é madura — ironizou. — Quantos anos você tem? Cinco?

— Não. Trinta — falei, com um ar triunfante.

— Trinta? — Ele arregalou os olhos.

— Trinta? — Isa repetiu, igualmente chocada. — Mentira que você é mais velha que a gente!

— Quantos anos vocês têm? — indaguei.

— Vinte e sete — Felipe respondeu. — O que você acha de papar esse anjo, Mari? — Abriu os braços, revelando um sorriso sacana.

— Meu Deus, como você é ridículo! — Não contive o riso.

— Ai, ai... — Isa deu uma risadinha e começou a subir a escada.

— Que foi? — perguntei, galgando os degraus.

— Cuidado, gente. O cupido tá solto nesta casa. — Ela riu.

— Prendi o safado na despensa, pra gente poder brincar em paz, Mari. — Felipe deu uma piscada e pendurou o braço em meus ombros. — Eu gosto de brincar de médico, e você? — Ele teve o cinismo de perguntar e, imediatamente, meu cérebro criou imagens deliciosas dos meus dedinhos desabotoando certo jaleco.

— Eu gosto de brincar de Seu Mestre Mandou você deixar de ser iludido, Felipe — falei, expulsando os pensamentos obscenos.

Isa gargalhou, enquanto eu fingia que a proximidade e o cheiro dele não estavam atiçando meus hormônios.

Felipe se limitou a enviesar os lábios, me olhando de um jeito que dizia que ele ainda me faria engolir minhas próprias palavras, o que, obviamente, não ia acontecer.

Quando finalizamos os degraus, chegando ao terceiro andar, percorremos um corredor cheio de portas idênticas.

— Mari, o único quarto vago que a gente tem é este — Isa disse, estacando diante de uma delas.

Girou a maçaneta e empurrou a madeira, revelando um quarto lindíssimo. Era requintado e aconchegante; misturava rusticidade e sofisticação, antiguidades e peças contemporâneas. Definitivamente, a pessoa responsável pela decoração dos ambientes daquela fazenda merecia uma salva de palmas.

— É maravilhoso! — declarei, admirando a cama enorme, com aquela cabeceira de rainha, toda acolchoada e trabalhada em detalhes dourados. Parecia um item retirado do quarto de Maria Antonieta.

— Que bom que você gostou, porque, olha só que coincidência: o único quarto disponível fica bem ao

lado do quarto de Lipe. Você acredita nisso? — Isa levou uma mão pretensamente chocada ao peito.

— Realmente, uma *enooooooooooooorme* coincidência — ironizei.

Já conhecia o quarto dele, mas é óbvio que não decorei o caminho para chegar. Então, não percebi que estava sendo guiada pelo corredor onde ficava o cômodo no qual eu estivera trancada algumas horas antes.

Aquele lugar era tão grande e tão cheio de escadarias quanto Hogwarts! É claro que havia mais quartos vazios! Mas eu estava ali de favor. Não podia simplesmente exigir que ela parasse de palhaçada e me desse outro quarto para dormir. Além disso, e daí que o quarto ficava ao lado do dele?

— Talvez isso seja o destino dizendo que a gente tem que ficar juntos, Mari. — Felipe simulou inocência.

Revirei os olhos com ênfase exagerada.

— Você não trouxe mala, né? Espera um pouco. Vou pegar umas coisinhas. — Dizendo isso, Isa começou a caminhar.

Entrei no quarto, e estava fechando a porta quando uma mão imensa refreou a madeira.

— E meu beijo de boa noite?

Com os dedos, fiz um gesto de “vem cá”, pedindo que ele abaixasse a cabeça.

O idiota fez o que eu pedi.

— Na bochecha. — Usei as mãos para direcionar seu rosto.

Então, dei uma lambida na cara dele e me afastei.

Ao ver sua expressão perplexa, joguei a cabeça para trás e dei uma gargalhada.

Quando parei de rir, Felipe já tinha se recuperado do choque.

— Mari, meu amor, você lambeu a cabeça errada. — Sorriu com malícia.

— Felipe, meu amor, essa é a única cabeça que eu vou lambar. — Retribuí o sorriso e bati a porta.

Satisfeita, comecei a observar cada detalhe decorativo do quarto.

Fiquei vários minutos contemplando puxadores, vasos, candelabros, quadros, espelhos e ornamentos diversos.

Estava meio curvada, com as mãos no joelho, examinando os pezinhos intrincados de uma cômoda provençal, quando uma batida me sobressaltou.

— Mari, sou eu.

— Pode entrar, Isa. — Ergui o corpo.

Ela rodou a maçaneta e cruzou o batente, carregando uma mala cor-de-rosa.

— São roupas limpas e itens de higiene pessoal — disse, colocando-a no chão. — Juro que as calcinhas que eu coloquei aí são novinhas. Madrinha pegou algumas do enxoval de Luma.

Fiquei mortificada. Detesto incomodar os outros. Principalmente pessoas estranhas, que não têm obrigação alguma de me oferecer nada. Muito menos coisas tão íntimas.

— Fica tranquila, não é incômodo nenhum — Isa assegurou, lendo meus pensamentos através da minha expressão.

Abri a boca para garantir que iria embora no dia seguinte, mas ela falou primeiro:

— Ah, sobre Lipe, você devia dar uma chance pra ele, Mari. Vai que ele é sua alma-gêmea?

— Terminei um namoro hoje, Isa. Sabe com quem? Com Renato, o cara que traiu Sofia. Se minha alma-gêmea for Felipe, outro médico cafajeste, prefiro morrer sozinha.

— Não ouse comparar meu primo com aquele pedaço de bosta! — exclamou, furiosa. — Pro seu governo, Lipe é umas das melhores pessoas que eu conheço. Eu sei que parece que ele é só um safado e tal, mas garanto que não. Ele é inteligente, responsável, dedicado e um monte de coisas que você só vai descobrir se der a si mesma a oportunidade de conhecê-lo de verdade. Pode ser que vocês se apaixonem ou talvez não. Mas acho que quebrar a cara de novo é um risco pequeno para correr, diante da possibilidade de ser feliz para sempre com o amor da sua vida. — Jogando essa frasezinha de efeito, ela



suspirou e abriu um leve sorriso. — Boa noite, Marina. Se precisar de alguma coisa, o quarto de Sofia é o último do corredor, e o meu fica três portas antes — acrescentou e começou a caminhar.

De um jeito ou de outro, eu seria obrigada a conviver com Felipe, já que a irmã dele se casaria com meu irmão. Eventualmente, poderia acabar descobrindo que havia um ser humano por trás da fachada de cachorro. Mas não cometeria o erro de me envolver com ele, porque não daria certo, e eu não queria transformar as futuras reuniões da minha família em momentos desagradáveis.

Assim que Isa saiu, peguei a mala e a coloquei sobre a cama. Abri o zíper e examinei o conteúdo, composto por vários itens:

- a) Um tubo de creme dental novinho e uma escova de dentes na embalagem;
- b) Sais, gel e espuma de banho;
- c) Xampu e condicionador;
- d) Uma toalha felpuda;
- e) Um roupão igualmente felpudo;
- f) Um pente;
- g) Uma escova de cabelo, daquelas de cerdas macias;
- h) Algumas camisas de estampa xadrez;
- i) Um vestido xadrez;
- j) Duas calças de montaria;
- k) Três pares de meia;
- l) Uma bota de couro, de número 36, que experimentei e ficou ótima no meu pé, apesar de eu calçar 35;
- m) Várias calcinhas lindas, de uma marca chamada *La Perla*.
- n) Uma camisola simplesmente maravilhosa, que também tinha uma etiqueta dessa tal de *La Perla*.

Curiosa que sou, peguei o celular e joguei isso no Google. Meu queixo caiu quando eu vi o preço das coisas. As camisolas mais baratas custavam o equivalente a uns três ou quatro mil reais! Tinha peça que valia mais do que eu teria coragem de pagar pelo meu próprio vestido de noiva! As calcinhas mais simples custavam mais de trezentos dólares! Dólares. Pra você ter uma ideia, a garota propaganda da marca era a Kendall Jenner.

Decidi que não ia usar nada daquilo, já que não estava disposta a ressarcir a noiva pelo uso daquelas coisas absurdamente caras.

Fui para o banheiro e tomei um banho quente, demorado e relaxante, de banheira.

Coloquei o roupão fazendo uma nota mental: reformar meu banheiro e mandar instalar uma banheira gigante, que nem aquela. E uma pia vintage, com torneiras douradas.

Escovei os dentes, pentei o cabelo e voltei para o quarto. Ajeitei a cama, despindo-a dos milhares de travesseiros extras e, em seguida, apaguei a luz.

Como não ia usar a camisola que valia mais que barras de ouro, tirei o roupão e me enfiei debaixo do edredom.

Então, estiquei o braço e desliguei um abajur e, depois, o outro. Aconcheguei-me, fechando os olhos.

A chuva tilintava em meus ouvidos, enquanto meus pensamentos viajavam, me levando para o Malena, meu Café. Várias imagens de Felipe sentado e concentrado no iPad, levando a bebida fumegante aos lábios, pipocaram em minha mente.

Nosso encontro no quarto ao lado, horas antes, repetiu-se inúmeras vezes em meu cérebro sonolento antes de eu me desligar de vez.

E essa é a última coisa que lembro. Agora está explicado por que tive um sonho erótico com o cafajeste! É tipo ir dormir pensando em sorvete. Você acaba sonhando que tá se lambuzando de sorvete!

Sentei-me na cama e constatei que, felizmente, já tinha amanhecido. Eu poderia ir embora daquele

lugar.

Pensei em colocar minha própria roupa suja (que nem estava tão suja assim), mas fiquei com medo de as pessoas pensarem que eu sou porca. Então, botei o vestido xadrez (sem calcinha, porque, né, ainda não assaltei um banco pra ter dinheiro suficiente pra comer durante o mês e restituir o valor de uma calcinha milionária). Calcei as botas, refiz a cama, peguei o celular e saí do quarto, conferindo as horas. Ainda era cedo. Mas o povo acordava cedo numa fazenda, não?

Não. Foi o que eu descobri depois de atravessar o corredor e descer as escadas até o segundo pavimento. Não ouvi um ruído sequer vindo do andar de baixo.

Com medo de me perder totalmente, decidi voltar e esperar mais um pouco no quarto antes de tentar descer outra vez. Cerca de meia hora devia bastar. Dava para matar o tempo em alguma rede social.

Subi os degraus e me vi novamente no corredor do terceiro piso. Alcancei a porta do quarto que eu estava ocupando, agarrei a maçaneta e abri.

Foi quando eu me dei conta de que tinha aberto a porta errada.

## LIPE

Não era mais uma questão de vingança. Eu simplesmente queria transar com Marina. Não conseguia parar de imaginá-la pelada e nas coisas que eu faria com aquele corpo miúdo.

Precisava foder uma baixinha, e tinha que ser ela. Botei isso na cabeça, e nem eu mesmo conseguia tirar.

Ideias fixas não são boa coisa, já dizia Brás Cubas. Tô com essa ideia fixa, e não tenho um bom pressentimento a respeito. Ou seja, eu devia deixar pra lá. Mas não consigo convencer meu pau.

Nunca fiquei tão louco para comer uma mulher específica. E nunca fui rechaçado. Pelo contrário. Geralmente, não preciso fazer nada para uma mulher gostosa — casada ou solteira — demonstrar interesse em trepar comigo.

Então, provavelmente, só queria transar com Marina porque ela estava fazendo cu doce. E eu achando que mulheres difíceis eram criaturas míticas, tão reais quanto testrálhos.

Quando Mari bateu a porta na minha cara, fiquei rindo sozinho, o que me deixou intrigado, porque, em tese, deveria ficar puto. Graças à rejeição dela, eu seria o único homem daquela fazenda que dormiria sozinho, além de Zach.

Mesmo assim, fui pro quarto sorrindo. Tomei banho sorrindo e me deitei sorrindo, o que só podia indicar que eu estava bêbado.

Adormeci pensando em Marina, e sonhei que a comia em todas as posições imagináveis.

Acordei de pau duro, morto de tesão. Meu cacete latejava, ansiando por ela.

Evoquei as imagens do sonho, puxei as cobertas e comecei a bater devagar, aumentando o ritmo à medida que o gozo ia se avizinando.

Estava quase esporrando na mão quando a porta foi subitamente aberta.

Alguém emitiu um ruído de puro espanto, e eu me cobri instintivamente, virando o rosto com o coração aos pulos.

Marina estava me encarando, boquiaberta e de olhos arregalados.

Assim que meu cérebro assimilou que eu não tinha sido flagrado por Sofia ou minha mãe, afastei as cobertas e me levantei.

— Mudou de ideia? — Ergui uma sobrancelha.

Inerte, ela me examinou de alto a baixo, concentrando as íris no meu cacete.

— Meu Deus... — Tapou a boca.

Abri um sorriso pretensioso e comecei a caminhar em sua direção.

— Não faz isso... — murmurou, dando um passo vacilante para trás. — Ai... — choramingou. —

Merda! — De repente, saiu correndo.

Fiquei embasbacado, mirando a porta aberta e vazia.

Como assim, porra? A mulher decide que quer transar comigo, me vê pelado e corre?

Olhei para baixo, pra ver se tinha perdido um pedaço do pau enquanto dormia.

Não, estava tudo lá. Então... por que ela correu?

Tá, tudo bem, eu tenho uma puta rola. Mas não é nada anormal, tipo uma bengala de meio metro. As mulheres não correm de medo do meu cacete. Quando uma delas corre depois de ver minha pica é pra cair de boca.

Eu precisava de uma explicação pra aquele comportamento atípico. Por isso, continuei caminhando, disposto a ir atrás dela. Aí, me dei conta de que não podia desfilar pela fazenda de pau de fora. E duro. Voltei correndo e vesti uma cueca, concentrando-me em fazer o mastro baixar.

Quando saí, Marina estava esmurrando a última porta do corredor.

— Sofia! Henrique! Abram a porta! Aconteceu uma tragédia!

Tragédia? Me ver pelado era uma tragédia?

— Mari, meu amor, assim você acaba com o meu ego! — brinquei, embora meu ego estivesse mesmo destroçado.

Assim que fechei a boca, vi uma das gêmeas num dos quartos, virando a cabeça em minha direção.

— *What's going on?* — Zach apareceu logo atrás, enlaçando a cintura dela.

Foi quando eu notei que minha prima estava enrolada em um lençol.

Ana não dormiria com Zach depois de todo o alvoroço com Luisão. Se tinha passado a noite com o gringo, só podia ser Isa.

Eu não podia acreditar que até o corno tinha se dado bem!

Era oficial. Eu era o único homem daquela casa sem uma boceta pra chamar de minha.

— Que coisa feia, Isa — pirraça, meneando a cabeça em falsa recriminação.

Estava surpreso, mas não tanto. Isa é minha melhor amiga. Não posso dizer que contamos tudo um pro outro, claro, mas ela me conhece mais que Sofia, por exemplo. E eu a conheço o bastante para saber que ela não é tão diferente de Ana quanto todo mundo pensa.

— Coisa feia é você, a essa hora da matina, desfilando seminu! — Fez uma careta e virou o rosto para o outro lado. — Mari, o que ele aprontou?

— Não aprontei nada! — falei primeiro. — Fui flagrado! Estava de boa no meu quarto, batendo punheta, porque preciso esvaziar o saco de alguma maneira, já que ela não quer...

— Cala a boca, idiota! — Marina me interrompeu.

— Marina, que foi? — Matheus finalmente girou a maçaneta do quarto de Sofia.

— Que tragédia? — Minha irmã apareceu, alarmada.

Mari se limitou a apontar o indicador em minha direção, o que fez com que Isa fechasse a porta do quarto de Zach imediatamente, trancafiando-se junto com ele.

— Lipe, o que aconteceu? — Souf começou a caminhar até mim. — Que horror, Felipe! Cadê sua roupa? — Fechou a cara, subindo os olhos para o meu rosto.

Abri a boca para responder, mas Matheus me impediu.

— O que você fez com a minha irmã, desgraçado? — perguntou, me alcançando.

— O que eu fiz? — Caprichei na expressão indignada, mirando o olhar mortífero do Chatão. — Eu estava no meu quarto, dormindo! Sua irmã decidiu abrir a porta, invadindo a minha privacidade, só pra me ver pelado!

— Que mentira! É tudo mentira desse filho da mãe! — gritou, furiosa.

— Então você não entrou no meu quarto, Marina? — Cruzei os braços, alteando uma sobrancelha.

— Eu... — ela titubeou. — Entrei, mas...

— E não me viu pelado?

— Vi... — falou, hesitante. — Mas...

— Vocês estão vendo? — cortei. — Se eu não acordo, teria sido estuprado! Só Deus sabe o que a papa-anjo fez comigo enquanto eu dormia!

— Eu vou te matar, Felipe! — Avançou, socando meu peito ao som das minhas gargalhadas.

— Que *baruiada* é essa, *mermão*? — Luís abriu a porta do quarto dele. — Tem gente tentando dormir nessa *misera*!

— Parem com esse barulho, porra! — Ana se materializou no batente, usando uma camiseta comprida.

— Cadê sua roupa, Lipe? — perguntou, diminuindo o tom.

— Tira o olho, querida. — Mari parou de me bater e usou o corpo para esconder o meu.

Fiz uma anotação mental: jogar na cara de Marina que ela morre de ciúme de mim.

— Ele é meu primo, *querida* — Ana frisou. — E, pro seu governo, eu tenho um noivo! — Seus braços subiram para o pescoço de Luisão.

— Noivo? — Arregalei os olhos. — Tio Max tá sabendo disso?

— Amansei a fera, Lipeta! Pedi a mão de *Broderzona* pro velho, maluco! Agora padrinho tá comendo na minha mão! — Ele se gabou.

— Quero ver você falar isso na cara dele, Luísa! — Caí na risada.

— Se quiser umas dicas, estamos aí. — O Chatão riu.

— Matheus... — Ana falou de repente, meio sem graça. — Eu queria te pedir desculpa por ter te acusado ontem e...

— Tudo bem — ele interrompeu. — Sua acusação me rendeu uma das melhores trepadas da minha vida. — Abraçou minha irmã, beijando-a na bochecha.

— Cara, guarda esse tipo de informação pra si mesmo, beleza? — falei, meio puto.

Ele se limitou a rir, enchendo minha irmã de beijos.

— Souf, a gente pode conversar lá no meu quarto? — Ana quis saber, e Sofia assentiu.

— Não demora, Gi, a gente tem que terminar aquele negócio — Matheus falou, dando um último beijo antes de liberá-la.

— *Cê* também volta logo, *mermã*. A naja acordou com fome. — Luís enlaçou minha prima, grudando os lábios nos dela.

Fiquei chocado com a cena. Tudo bem, eu sempre achei que eles se pegavam. Mas suspeitar e testemunhar aquilo pela primeira vez na vida eram coisas totalmente diferentes.

Eu só queria ver a reação de Teo. Não perderia por nada no mundo.

Assim que Ana e Sofia se afastaram, Mari e eu voltamos para os holofotes.

— Marina, qual era a tragédia? O tamanho do pinto de Felipe? — Matheus caiu na risada, e Luisão gargalhou.

— Então quer dizer que *cê* teve coragem de pegar a mina, Lipeta? Mesmo com essa pingola que *cê* tem?

Abri a boca para falar algo como “a pingola que você gosta de mamar até encher a boca de leite?”, mas fui interrompido.

— Primeiramente, a gente não transou! Eu só vi Felipe pelado! Foi um acidente! Abri a porta dele achando que era o quarto onde eu dormi!

Então estava explicado o motivo pelo qual Marina entrou de supetão. E eu achando que ela tinha decidido que ia transar comigo. Que porra.

— Em segundo lugar — completou —, acreditem em mim, ele não tem uma pingola! — Dizendo isso, virou as costas e caminhou até o quarto ao lado do meu. Abriu a porta e desapareceu.

— Tira esse sorrisinho da cara. — A voz de Matheus me fez virar o rosto. — Quero você longe da

minha irmã.

— Ah, você pode até se casar com a minha, mas eu tenho que ficar longe da sua? — Dei uma risada sarcástica.

— É o seguinte, Felipe. — Ele me encarou, sério. — Marina acabou de terminar um relacionamento. Sabe com quem? Com o filho da puta que traiu sua irmã. Tudo o que ela não precisa agora é de outro filho da puta magoando o coração dela. Quebrei a cara do desgraçado e vou quebrar a sua se, de alguma maneira, você machucar minha irmã. Entendeu?

— O mesmo vale pra você — adverti, no mesmo tom ameaçador, enquanto absorvia a informação de que Marina tinha namorado o bosta do Renato.

Matheus assentiu e avisou que esperaria Sofia no quarto. Então, me deixou sozinho com Luisão.

— Ah, é... Parabéns pelo noivado, Luísa! — Abri os braços e me aproximei, seminu.

— Sai pra lá, *mermão!* — ele encrespou e correu pro quarto.

Fiquei rindo sozinho, enquanto a porta se fechava.

Mal dei um passo e avistei Luma adentrando o corredor. Carregava uma bandeja de café da manhã.

— Quer ajuda? — ofereci.

— Não, obrigada, Lipe. Cadê sua roupa? — perguntou, quando me alcançou.

— Longa história — resumi, tirando o peso das mãos dela. — Isso é pra Teozona?

— É. — Ela deu um suspiro.

— Não devia ser ele te levando café na cama? — observei, intrigado.

— Ué, por que eu não posso levar pra ele?

— Poder, você pode. Mas, do jeito que ele é, acho estranho que tenha aceitado.

— É uma surpresa. Ele tá dormindo — explicou, sussurrando, como se Teo pudesse nos ouvir.

— Vocês dormiram juntos? — indaguei, e Luma anuiu.

Achei irônico o fato de que estávamos diante do quarto onde Zach tinha passado a noite com Isa.

— E Teozona deu conta do recado? Bêbado daquele jeito? — perguntei, dando uma risada.

— Óbvio! Mas me chamou de “Luana” o tempo inteiro — disse, meio irritada.

Rindo, caminhei com ela até a porta do quarto de Teo e lhe entreguei a bandeja.

— Obrigada, mas não precisava, Lipe. Mulheres também têm mãos e braços.

— Eu sei, Luma. — Não contive um sorriso ao abrir a porta.

Assim que ela entrou, segurando as alças de madeira, fechei e comecei a me afastar.

Fui direto pro meu quarto, para pensar claramente, com a cabeça de cima.

Entrei no chuveiro e tive uma longa conversa com meu pau. Convenci o desgraçado de que o melhor a fazer era esquecer essa história de transar com Marina e só tentar ter uma boa relação com ela, já que seríamos da mesma família.

Depois do banho, devidamente vestido, ganhei o corredor.

Os nós dos meus dedos tocaram a porta ao lado, mas não obtiveram resposta.

— Mari? — chamei, mas ela não respondeu.

Girei a maçaneta e me deparei com o quarto vazio.

Ela tinha ido embora.

Um sentimento estranho, de tristeza e abandono, alastrou-se em meu peito.

Então, eu a vi saindo do banheiro.

Usava o mesmo vestido xadrez vermelho e as botas pretas de couro. Mas o cabelo castanho-claro, que antes caía em ondas suaves, agora estava preso. Os fios entrecruzavam-se de um jeito elaborado, formando uma larga trança adormecida sobre o ombro direito.

— Que susto! — Com os olhos arregalados, levou uma mão ao colo.

— Desculpa — falei, fechando a porta. — Eu bati, mas você não respondeu.

— Eu estava no banheiro, trançando meu... — Fez uma pausa, me fitando. — O que você tá fazendo

aqui, Felipe?

— Vim conversar com você.

— Sei... — Estreitou as pálpebras.

— É sério. Não estou mais interessado em transar com você, Marina.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes, dando à chuva a oportunidade de ecoar sozinha.

Então, acomodou-se em uma das poltronas, cruzando as pernas.

— É mesmo? — A passada lenta e sedutora daquelas coxas fez meu cacete pulsar.

— É. — Sentei-me no final da cama, a fim de disfarçar a ereção, que começava a se tornar alarmantemente notória.

— Hum... — Seus dedos enrolaram a ponta da trança, e meu pau cresceu mais alguns centímetros. — Então vamos conversar. — Umedeceu os lábios.

Aparentemente, minha pica já tinha se esquecido do nosso combinado. E meu cérebro, também. Eu só conseguia imaginá-la subindo e descendo no meu cacete, minhas mãos apertando sua bunda, minha boca devorando a dela.

Sem aviso, levantou-se e, sem pressa, eliminou a distância que nos separava.

— Sobre o que você quer conversar, Felipe? — perguntou, montando em mim e provocando um abalo sísmico em minha caixa torácica.

Seus joelhos afundaram-se no colchão, e as coxas aprisionaram as minhas.

Infiltrando os dedos em meu cabelo, mirou meus olhos, o hálito quente acariciando meu rosto.

Subi as mãos, escalando as pernas sob a saia do vestido.

— Isto é uma conversa. Você não pode me tocar. — Ela usou um tom severo.

— Eu tô louco pra te comer. — Continuei avançando, apertando sua pele.

— Ué... Você não disse que não está mais interessado? — Sorriu maliciosamente, enquanto suas mãos percorriam o tecido xadrez colado em meu tórax.

— Preciso te comer. Nunca quis tanto transar com alguém. — Alcancei a bunda, afundando os dedos na carne macia e... — Você tá sem calcinha? — Meu coração perdeu uma batida.

— Cansei de conversar, Felipe. — Tão inesperadamente quanto havia subido, desceu da cama.

Abriu um sorrisinho sacana e começou a sair do quarto.

Levantei-me depressa e fui atrás dela.

Quando cheguei à porta, Marina já estava no corredor, correndo em direção às escadas.

Alcancei-a no final do primeiro lance, enlaçando seu corpo, unindo suas costas ao meu peito com um movimento único.

Palmilhando suas curvas, esfreguei a boca em seu pescoço, prensando seu corpo na balaustrada de madeira.

Sem interromper os beijos, abri a calça, ouvindo seus gemidinhos enrouquecidos.

Enfiei a mão debaixo da saia do vestido, e espalmei sua boceta.

— Que gostosa... — Com a mão livre, agarrei sua garganta, beijando sua bochecha.

— *Huummmm...* — ela gemeu, rebolando e melando meus dedos.

Subi os cinco e agarrei uma das metades redondas, erguendo o tecido. Entrei de uma vez, gemendo em sua orelha.

Marina soltou um gemido alto, e eu tapei sua boca, estocando com força, saindo e entrando sem parar.

Apoiando-se no corrimão, empinou a bunda, recebendo minhas metidas rápidas e desesperadas.

Deliciosamente escorregadia, ela engolia minha pica inteira, que sumia e reaparecia a cada segundo.

Gemia sem parar, o que, além de minar minha resistência, colocava a foda em risco. Pressionei ainda mais a palma, impedindo seus murmúrios de alertarem a casa inteira.

— Geme baixo, safada. — Comprimindo sua cintura, continuei metendo fundo, arfando em seu ouvido.

Logo, Marina começou a produzir ruídos mais sonoros, sons orgásticos, que me fizeram libertar seus

lábios, para ouvi-los em toda plenitude.

Firmei as mãos em seus peitos e dei mais algumas bombadas antes de ser atingido por uma explosão, que me fez explodir dentro dela.

Apertando suas tetas, gozei alto, sentindo sua boceta massagear meu cacete.

Beije sua têmpora, ofegante, enquanto as minhas pulsavam.

Ainda estava com sérias dificuldades para respirar quando ouvi passos apressados vindo do corredor. Alguém estava prestes a descer as escadas.

Rapidamente, tirei o pau, subi o jeans e abotoei a calça. Marina baixou o vestido e puxou minha mão, começando a percorrer os degraus.

Quando pisamos no primeiro pavimento, ela estacou. Não entendi por que até seguir seu olhar e dar de cara com tia Liv, que adentrava o *hall*.

— Bom dia — cumprimentou, nos olhando de alto a baixo.

— Bom dia. — Marina e eu devolvemos o cumprimento, igualmente arquejantes.

Tia Liv curvou os lábios com malícia.

— Cansa, né? Descer as escadas assim, fazendo tanto barulho...

Putaquepariu, ela tinha ouvido. Minha tia tinha me ouvido transando.

Tudo bem que ela não era uma tia convencional, mas fiquei constrangido mesmo assim.

— Lipe, por que você não mostra para Marina onde fica o banheiro? — sugeri, antes que eu tivesse a chance de dizer alguma coisa.

— Banheiro? — perguntei, sem entender.

Ela não disse nada. Só dirigiu o olhar para as pernas da mulher ao meu lado. Fiz o mesmo, e quase tive um ataque cardíaco.

— Putaquepariu... — O palavrão saiu sem aviso.

Eu tinha transado sem camisinha. Tinha me esquecido completamente do caralho da camisinha!

— Espero que você não tome pílula, Mari! Precisamos de bebês nesta casa! — Tia Liv deu uma risada, e um arrepio gelado percorreu minha espinha.

De olhos arregalados, puxei a mão de Marina e comecei a me afastar no instante em que Luma passou por nós, vindo das escadas.

— Luminha, o que aconteceu? — tia Liv perguntou, em um tom preocupado.

Não fiquei para saber. Marchei em direção ao banheiro e, assim que entrei, tranquei a porta e encarei as feições alarmadas de Marina.

— Pelo amor de Deus, me fala que você toma alguma coisa — pedi, com as mãos na cabeça.

— Pelo amor de Deus, me fala que você não tem AIDS — ela disse, com a mesma entonação desesperada. — Responde, Felipe! — bradou, um segundo depois.

— Essa foi a primeira vez na vida que eu transei sem camisinha! — “Por isso foi tão gostoso”, pensei.

— Não acredito em você.

— Acredita no que você quiser, Marina. Só me fala se você toma...

— É claro que eu tomo, idiota! — cortou, e eu respirei aliviado.

— Mas você toma direito, né? — investiguei.

— A criança aqui é você! — Recebi um soco no peito.

Bufando, ela foi até o suporte de papel higiênico. Tirou um pedaço e começou a limpar as pernas, com a bunda virada para mim.

— Se você tiver me passado alguma doença, eu...

— Você o quê? — Aproximei-me, infiltrando os dedos e acariciando a pele macia.

Ela soltou um arquejo e endireitou as costas. Apertei sua bunda e me curvei, colando os lábios em sua orelha.

Marina mexeu o ombro, e pude ver, pelo reflexo no espelho, sua boca mordida.

— Sabe o que eu acabei de notar, Mari? — falei, mirando seus olhos refletidos. — Eu ainda não te beijei.

Lentamente, ela virou o corpo e me encarou, suas íris claras mergulhando na escuridão das minhas.

Então, ficou nas pontas dos pés e subiu a mão para o meu pescoço, puxando minha cabeça.

— E nem vai — sussurrou em meu ouvido.

Seus lábios roçaram minha bochecha, e ela se afastou.

— Quer dizer que eu posso te foder, mas não posso te beijar? — Mascarei a irritação com uma risada.

— Foi só uma foda, Felipe. E já aviso que não vai se repetir. — Ela pegou mais um pedaço de papel e terminou de se limpar.

— Você parte do pressuposto de que eu gostaria de repetir. Não falei isso em nenhum momento. — Fiz o possível para ocultar o despeito.

Como assim ela não queria repetir uma trepada que tinha sido a melhor da minha vida?

Só porque foi a minha primeira vez sem camisinha, eu gostaria de deixar isso claro.

— Ótimo. Que bom que estamos de acordo. — Marina passou por mim e descartou os papéis sujos.

Então, foi até a bancada para lavar as mãos. Usei a pia ao lado para lavar as minhas, observando seu rosto no espelho.

Equilíbrio e simetria dançavam em suas feições. Sua face era perfeita, do tipo que dispensava quaisquer intervenções cirúrgicas.

Marina tinha olhos grandes e arredondados, que estavam fixos no fluxo que desaguava da torneira. Sobrancelhas escuras e espessas ornamentavam a testa estreita e encimavam as pálpebras e os cílios compridos. O nariz pequeno e delicado dividia os malares salientes. E os lábios cheios tinham um formato que eu precisava estudar com os meus.

Mas não ia. Queria transar com ela e transei. Estava livre da ideia fixa. Não ia me torturar com outra. Não ia ficar obcecado por aquela boca. Sou um homem de vinte e sete anos, não um moleque de quinze. Fico doido pra trepar, não pra beijar uma mulher.

Decidido, enxuguei as mãos, enquanto ela fazia o mesmo do outro lado. Então, abri a porta, indicando o caminho.

Em silêncio, alcançamos o *hall* e demos de cara com minha mãe.

— Liv me contou! Se seu pai te pega, ele tem um treco, menino! — Ganhei um tapa no braço. — Mas e aí, eu já tenho um neto? — Seus olhos se iluminaram.

Vemos aqui, claramente, que minha genitora não bate bem.

— Não foi dessa vez, mãe. — Fiz uma falsa cara desapontada.

— Tô vendo que eu vou morrer sem um neto — ela choramingou.

— Sem drama, dona Susanne. — Abracei seu corpo e dei um beijo em seu cabelo.

Ela fungou, fingindo se recuperar de um choro inexistente.

— Já que nenhum dos meus filhos me ama a ponto de me dar um neto, vamos tomar café. A mesa já está posta. Estávamos esperando só vocês e... Teo! — exclamou de repente, me fazendo olhar na direção da escada.

Meu primo descia os degraus com os olhos meio apertados, o cenho vincado e os dedos na têmpora direita. A ressaca brutal estava estampada na cara dele, que estava mais feia que de costume.

— Já tá sabendo da novidade, arrombada? — perguntei, rindo.

— Quê? Puta que pariu! — berrou, desesperado, descendo os últimos degraus às pressas. — Luma já casou? — Suas órbitas quase saltaram.

— Luma? — Dei uma gargalhada. — Vem cá, deixa eu te mostrar quem é que vai casar! — Dei um pescotapa nele e comecei a guiá-lo na direção da sala de jantar.

— Lipe, deixa de ser sacana! — Minha mãe veio atrás, seguida por Marina.

— Eu quero ver sangue, mãe! — bradei, louco pela treta.



Vozes e risadas alegravam o ambiente quando nós quatro avistamos a mesa cheia. A família inteira estava sentada, velando jarras de suco, frutas, pães, geleias, patês e bolos, que forravam o enorme tampo de carvalho, ornamentado por arranjos florais.

— Olha quem chegou, Luísa! — anunciei.

Os olhos de Luisão encontraram os de Teo, e o silêncio engoliu o som.



# 26

## JÁ QUEBREI PROMESSA

“(…), mas não era como essa”.  
*Tô Na Vida — Ana Cañas*

### TEO

O som do aguaceiro espancando o telhado me fez abrir os olhos.

A cantiga da chuva massacrava meus ouvidos, torturando meu cérebro.

Minhas têmporas latejavam, a boca estava seca, e o estômago, embrulhado.

Reconheci meu quarto na fazenda e, apesar da vontade zero de me levantar, obriguei minhas pernas a se moverem.

Caminhei até a janela e, puxando a cortina, espiei lá fora. A claridade do dia quase me cegou. Apertando os olhos, abandonei o tecido.

Arrastei-me para o banheiro, esvaziei a bexiga e escovei os dentes.

Queria tudo, menos tomar banho, mas o cheiro de uísque parecia impregnado em minha pele, e estava piorando a dor de cabeça. Então, a contragosto, liguei o chuveiro e deixei o álcool escorrer pelo ralo.

Um pouco melhor, voltei para o quarto e me enfiei debaixo do edredom. Não conseguia raciocinar, pensar em nada. Só queria dormir, fazer a dor parar.

Caí no sono e, quando abri as pálpebras novamente, não estava sozinho.

Tinha uma deusa sentada numa das poltronas, me observando.

Era linda. O cabelo loiro pendia em um rabo-de-cavalo meio torto, preso por um elástico preto, que combinava com o xadrez da camisa de flanela, com a calça justa e com as botas de couro.

Eu estava sonhando. Por isso ela se parecia tanto com Luma.

— Você acordou — disse, abrindo um sorriso.

Curvei os lábios, contemplando as feições contentes da deusa.

Ela se levantou e se sentou no colchão.

— Fui buscar nosso café e alguns remédios. — Seus dedos acariciaram meu cabelo.

— Eu tô sonhando? — investiguei.

— Não. — Ela deu uma risada. — Você só tá de ressaca. Sua cabeça tá doendo?

Assenti, e ela esticou o braço até o criado-mudo, onde uma bandeja de café da manhã repousava.

Sentei-me bruscamente, o que fez meus neurônios berrarem feito sereianos fora d’água.

— Porra... — Gemi, levando as mãos às têmporas.

— Toma isso, é um analgésico. — Luma me estendeu um copo e um comprimido. — Você tá enjoado?  
— perguntou, assim que ingeri o medicamento.

— Um pouco — falei e ganhei outra pílula.

Se aquilo era real, que porra estava acontecendo? Por que ela estava ali? E por que tinha ido buscar “nosso café”?

Pensei, e não consegui resgatar as lembranças da bebedeira. Mas, pela intensidade da ressaca, eu não tinha economizado no uísque, o que era estranho, porque não costumo beber quando estou na fazenda. Então, por que tinha bebido tanto?

Enquanto eu engolia, ela me observava. O jeito que seus olhos miravam os meus provocava uma porra muito louca no meu coração.

“O que é isso que você está sentindo, meu lindo?”, você deve estar se perguntando. E eu te respondo: eu sou cardiologista por acaso, caralho? Sei lá que porra é essa. Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.

— Obrigado. — Entreguei o copo, e Luma depositou o objeto sobre o tampo de madeira.

— De nada. — Ficou analisando minhas feições, como se estivesse à espera de alguma coisa.

Se eu estava na fazenda, devia ser sábado. Ou domingo. Ou feriado. Estávamos em que mês? Forcei a memória. Junho. Tinha alguma data comemorativa em junho?

— Você não lembra — ela disse de repente, parecendo desapontada.

Meu cérebro deu um estalo. O casamento! O casamento, porra!

Ela já tinha se casado? Quantas horas eram?

Desesperado, baixei os olhos, vasculhando suas mãos.

O anelar esquerdo estava vazio, mas o direito cintilava, adornado por um aro de platina e um diamante de não sei quantos quilates.

O alívio por descobrir que ela não tinha se casado transformou-se em tristeza profunda quando meus olhos pousaram na pedra.

— Toma seu café, Teo — falou e se levantou.

Caminhou depressa e cruzou a porta antes que eu conseguisse encontrar uma forma de mencionar o casamento.

Queria que ela desistisse, mas não podia dizer isso de novo. Não dava para repetir uma coisa dessas sem oferecer uma razão para a minha insistência. Ela perguntaria por quê. “Por que você quer tanto que eu desista, Teo?”. O que eu responderia? Nada. Porque não havia um motivo. Eu simplesmente queria que ela desistisse.

Precisava arranjar um jeito de sabotar aquele casamento. De preferência, antes de a cerimônia começar.

Se meus planos de sabotagem não dessem certo, eu teria que me manifestar na hora do “fale agora ou cale-se para sempre”. Seria mal interpretado? Seria. Mas foda-se. Luma não ia se casar e ponto final. Eu não ia deixar a irmã do meu melhor amigo passar o resto da vida com um filho da puta.

Fiquei de pé e fui até a mala. Peguei uma calça jeans e a primeira camisa limpa que encontrei. Depois de me vestir, calcei as botas e saí do quarto, deixando a bandeja para trás. Não tinha tempo a perder.

No final da escada, dei de cara com Lipe, tia Suze e uma mulher que eu já tinha visto em algum lugar.

— Já tá sabendo da novidade, arrombada? — meu primo perguntou.

— Quê? — Já ia perguntar, despreocupadamente, de que novidade ele estava falando, quando minha ficha caiu e meu sangue gelou. — Puta que pariu! Luma já casou? — Por algum motivo bizarro, que ia além da minha compreensão, ela estava sem a aliança, mas tinha se casado enquanto eu dormia.

Eu tinha perdido meu quadrado. E agora, o que eu ia fazer?

Fiquei sem reação, enquanto a tragédia se assentava em meu cérebro, provocando um rasgo em meu peito.

A sensação de perda e desesperança me encheu de uma tristeza abismal, o que não fazia muito sentido, porque não era o fim do mundo. E daí que ela estava casada? Poderíamos transar de novo, o que me transformaria no outro, o amante.

Amante de cu é rola! Eu a queria para mim. Só pra mim. Minha.

— Luma? — Felipe gargalhou, e eu me permiti acreditar que não, ela não estava casada. — Vem cá, deixa eu te mostrar quem é que vai casar! — Fui arrastado até a sala de jantar, onde a família inteira estava reunida, rindo e conversando, como se aquele fosse um dia comum, e não o mais fodido da minha vida.

Aparentemente, ainda era cedo para o início dos preparativos da cerimônia, o que me dava tempo para pensar em algo que pudesse impedir aquela merda.

Corri os olhos à procura de Luma e a encontrei sentada ao lado de minha madrinha. O corno não estava do outro lado. A cadeira estava vazia. Percorri a mesa inteira e não encontrei o filho da puta, o que me deixou satisfeito.

— Olha quem chegou, Luísa! — Lipe alardeou e, automaticamente, cruzei o olhar com o de Luisão, que estava sentado ao lado de uma das minhas irmãs.

Na fazenda, as duas usavam calça jeans e camisa xadrez, como todo mundo, o que tornava a tarefa de distingui-las um feito impossível. Eu só sabia que aquela era Ana porque os dois sempre se sentavam juntos.

A princípio, não vi nada atípico. Então, meus olhos quedaram nas mãos deles, entrelaçadas sobre a toalha branca.

— Que porra é essa? — vociferei, quebrando o silêncio que havia se instalado subitamente. — Larga a mão da minha irmã, caralho!

— Não — ele disse, tranquilo.

Vários ruídos de surpresa encheram a sala.

— Você ficou louco? — Dei uma risada sarcástica. — Perdeu a noção do perigo?

— Eu não perdi nada, Teo. Quem perdeu foi você. — Nunca, em toda a minha vida, eu o tinha visto tão sério. — No dia em que transou com a minha irmã, perdeu a moral de me dar ordens em relação à sua.

— Vocês contaram pra ele? — berrei, encarando Isa e Ana.

Um coro de gargalhadas explodiu ao meu redor, enquanto eu parava para pensar.

Isa não faria aquilo comigo. Com certeza, a culpada era Ana, que tinha contado tudo pro *Broderzão* dela, mesmo me prometendo que ia ficar de bico fechado. A sangue-ruim tinha traído o próprio irmão.

A verdade é que ela gosta mais de Luisão que de mim.

Não que eu me importe. Tô pouco me fodendo.

Eu tenho Isa, que me chama de “Bruxo”, mas me ama e jamais me trairia.

Ana, por outro lado, me chama de “demônio” e não pensaria duas vezes antes de me apunhalar. Se Luisão e eu estivéssemos à beira da morte, e ela tivesse que matar um de nós para salvar o outro, a última coisa que eu veria seria a Marca de Caim no braço dela. Depois, é claro, de sentir a Primeira Lâmina abandonando minhas vísceras. Eu morreria como o Cavaleiro do Inferno que ela acha que eu sou.

Tudo porque sou um irmão zeloso. Sou o melhor irmão que as duas poderiam ter.

Não sou um demônio, sou um anjo; o anjo protetor delas.

Sou Castiel, um ser de luz e graça. Meu nome é Cass, Cass Vetter.

Amo minhas irmãs. Amo demais. Daria minha vida até por Ana, mesmo que ela tenha contado pra Luisão que eu transei com Luma.

— Quem contou foi você, idiota! — Isa riu.

— Eu? — Arregalei os olhos, o que fez com que mais risadas ecoassem.

— Isso mesmo, arrombada! É nisso que dá encher o cu de pinga! — Lipe deu um tapa nas minhas costas.

— Teozona, *cê* vai arregar, *véi*? — Padrinho me endereçou um olhar decepcionado. — *Cê* já bateu a parada toda, mano. Assumi que quebrou a promessa que *cês* fizeram quando eram moleques e confessou, na frente de todo mundo, que...

— Papai, me passa a manteiga? — Luma pediu de repente.

— Confessei o quê? — perguntei, desesperado, quando ele se calou.

O que eu tinha confessado?

Puta que pariu, o que eu tinha dito, porra?

Preocupado, forcei o cérebro e consegui resgatar borrões indistintos, que foram se revelando em câmera lenta.

Uma roda. Pessoas. Garrafas.

Luma sentada ao lado de Zach. O ciúme corroendo minhas veias. O uísque queimando minha garganta.

A bebida nublando meus sentidos. A raiva evaporando. A sensação de bem-estar espraçando-se pelas minhas células.

As palavras desprendendo-se dos meus lábios.

— Lembrou, bebê? — A voz de minha mãe me tirou do transe.

— Não — menti, convencendo a mim mesmo de que eu só tinha dito aquilo porque estava com o rabo entupido de álcool. — E que porra é essa de “bebê”, mãe? — desconversei.

— Que porra é essa de “mãe”? — ela retrucou, cruzando os braços. — Eu sou sua mamãe linda, lembra?

— “Eu te amo, minha linda! Minha mamãe linda!” — Lipe imitou, gargalhando.

Uma crise de riso alastrou-se pelo ambiente, enquanto eu me abismava com as barbaridades que era capaz de dizer quando estava bêbado.

— Fica tranquilo, Bruxo. A gente refresca sua memória. Temos tudo gravadinho bem aqui! — Isa balançou o celular, abrindo um sorrisinho maquiavélico. — Você está preparado para ouvir a si mesmo dizendo que...

— Teo — Luma interrompeu —, Luís é apaixonado por Ana, sabia? Ele se declarou ontem.

— O quê? — Repentinamente, minha pressão caiu.

— Os dois se amam desde a adolescência — completou.

Por que ela estava inventando aquelas coisas? Pra me matar do coração?

— Desde a infância, na verdade — corrigiu. — Desde que eram bem pequenininhos.

— Mãe, eu tô passando mal. — Levei uma mão ao peito.

— Calma, bebê! Ainda tem mais! — Ela riu, pouco se fodendo para o fato de que o filho caçula estava à beira da morte.

— Ele pediu a mão de Ana em casamento, Bruxo! — Isa contou. — E fez a declaração na chuva, no acostamento! Que nem papai fez com mamãe!

O quê? Ele tinha roubado minha declaração?

— Essa declaração era minha por direito! Eu ia imitar o velho! Eu! — rosnei, subitamente recuperado da minha experiência de quase-morte.

— É mesmo? E *cê* ia se declarar pra quem? — Luís perguntou, e eu engoli em seco, tentando não olhar para Luma.

Fazer uma declaração não estava em meus planos, obviamente. Nunca estive. Eu só pensava, quando era moleque: “se acontecer um milagre e eu me apaixonar um dia, vou querer contar pra ela que nem meu pai contou pra minha mãe”.

Ou seja, a porra da declaração era minha, e o desgraçado a roubara de mim!

— Eu vou te matar, Luisão! — Comecei a andar.

— Calma, Teozona! — Lipe se interpôs em meu caminho. — Ainda falta a melhor parte!

— É, mano! *Cê* ainda nem sabe que Ana e Luisona perderam o cabaço juntos! — padrinho emendou.

— Nem que os dois estão se pegando debaixo do seu nariz há dez anos! — Tio Tito completou.

Alarmado, virei o rosto para o filho da puta que costumava chamar de melhor amigo.

— Isso é verdade?

— É... Mas eu sou inocente, *Broderzão!* A culpa é da naja! — Ele suscitou uma onda de risadas.

— Eu vou te matar, desgraçado! — Disparei a passos largos, disposto a fazer a volta na mesa.

— A casa caiu, Luisona! Agora *cê* tá na bosta, meu! — O pai dele gargalhou.

— Briga! Briga! Briga! — Ícaro entoou, batendo palmas, e meu padrinho engrossou o coro.

Luís se levantou e me encarou, enquanto eu me aproximava.

— Façam suas apostas! — Tio Tito bradou. — Teozona ou Luísa? Quem vencerá o embate do século?

— Luísa! Luísa! Luísa! — Ana começou a torcer.

— Que mané “Luísa”, maluca! Me respeita! — o traidor reclamou.

— Bruxo! Bruxo! Bruxo! — Minha irmã favorita cantou.

Àquela altura, estavam todos de pé, esperando pelo confronto.

— Dez anos, filho da puta! — Dei um empurrão quando o alcancei. — Eu vou quebrar sua cara! —

Estalei os dedos.

— Vai o caralho! — Ana berrou. — Pode sossegar o facho, cretino!

— Porrada! Porrada! Porrada! — Ícaro virou o disco, e padrinho acompanhou.

— Corre pra separar, Felipe! — Tio Plínio exclamou, em um tom preocupado.

— Eu? Eu quero é ver sangue, pai! — Lipe gargalhou.

Preparei o primeiro murro, mas alguém segurou meu braço, e o soco morreu no ar.

— Teo.

Reconhecendo a voz austera de meu pai, virei o pescoço.

— O senhor sabia disso? — questionei, incrédulo.

— Descobri ontem. — Ele soltou meu braço.

— E Luisão ainda tá vivo? — Arregalei os olhos, incapaz de acreditar que o velho não tinha tomado providência.

— Ele ama sua irmã. Sei que vai cuidar bem dela.

Meus globos oculares quase saltaram.

— Abduziram meu pai! — berrei. — Mãe, este homem não é seu marido!

Gargalhadas ressoaram pelo cômodo, e eu girei o corpo, encarando Luisão.

— Meu pai é um E.T. disfarçado, mas eu ainda sou eu mesmo, desgraçado. Eu te avisei, Luís. Falei pra você não triscar nas minhas irmãs!

— Foi mal, *bróder*. — Ele fez uma falsa cara arrependida. — Eu não queria, mas a naja me obrigou. E *cê* não pode falar nada, *mermão!* *Cê* transou com Lulu!

— Eu não tirei a virgindade da sua irmã, arrombado! Não tô trepando com ela há dez anos! Foi uma vez só!

— Que culpa eu tenho se *cê* é otário? O mundo é dos espertos, maluco! — Ele riu.

— Filho da puta! — Avancei, sentindo as veias das têmporas pulsarem ainda mais.

— Me protege, *Broderzona!* — Ele correu e usou minha irmã como escudo.

— Dá uma coça nesse cagão, Teo! Uma sova bem dada, tá ligado? — padrinho incentivou, gargalhando.

— Porrada! Porrada! Porrada! — Ícaro recomeçou.

— Me solta, pai! — rugi, quando a mão firme refreou meu braço.

— Então quer dizer que você transou com Luma uma vez só? Tem certeza? — Ele usou um tom irônico.

— Fala a verdade, Teodoro! — Sofia deu uma risada.

— Engraçado... — Lipe riu. — Ouvi boatos de que você a chamou de “Luana” a madrugada inteira!

Enquanto o riso corria solto ao nosso redor, *flashes* pipocavam em minha mente.

Minha boca escalando seu pescoço, suas pernas enlaçando minha cintura, os dedos infiltrando-se em meu cabelo, uma sensação indescritível aquecendo meu peito e minha voz misturando-se ao som da chuva:

— Eu te amo, Luana.

Ela sabia que era o uísque falando, certo?

Porra. Não sabia. Por isso buscou o café da manhã, por isso me olhou daquele jeito, como se esperasse que minha versão sóbria ratificasse os absurdos que o Teo bêbado tinha dito.

Busquei seus olhos, e meu coração se confrangeu quando ela baixou o olhar para os próprios pés.

Eram mesmo absurdos?

Não. Não eram exatamente absurdos. Mas exageros. Eu não amava Luma. Só... gostava dela. Um pouco.

Porra! Eu tô mentindo! Pra mim mesmo, o que é ridículo. Estamos só nós aqui, Teo. Assuma.

Tá. Acho que gosto muito dela, há um bom tempo. Mas só fui perceber depois do noivado. Não é nada assim muito grandioso. Quero dizer, nada que me obrigue a vestir uma camisola no futuro.

É um sentimento meio estranho, uma mistura de tesão e afeição, que é perfeitamente natural, já que ela é gostosa pra caralho e a gente se conhece desde crianças.

Mas não é só isso.

O problema é a porra do ciúme. É a vontade que eu tenho de esmurrar o gringo toda vez que bato o olho naquele filho da puta. É o desejo insano de assassiná-lo no soco.

Talvez eu seja um pouco psicopata, mas isso não vem ao caso. O que vem ao caso é que meu subconsciente não é retardado. Ele sabe dos meus sentimentos por Luma. E o desgraçado vira uma putinha fofqueira quando eu encho a cara.

Ela tinha ido buscar nosso café, achando que as lembranças estavam perfeitamente nítidas na minha cabeça, quando, na verdade, tudo estava embaçado.

Agora que tinha me lembrado do mais importante, eu simplesmente não suportava o fato de que ela pensava que eu havia me esquecido.

— Pode me soltar, pai — falei, em meu tom mais calmo. — Minha conversa com Luisão acabou.

Nossa amizade também tinha acabado. Não porque ele transou com minha irmã. Isso me deixava extremamente puto, mas também transei com a dele. Não tinha o direito de reclamar. Não por isso. Por mais que deteste admitir, sei, por experiência própria, que certas coisas fogem do controle.

A questão é o tempo. Estou sendo feito de palhaço há uma década! Durante todos esses anos, achei que fôssemos melhores amigos. Achei que, como eu, ele estava cumprindo a porra da promessa, enquanto o desgraçado traçava minha irmã debaixo das minhas fuças!

Fui duplamente traído, e não ia perdoar nenhum dos dois. Não que eles fossem se importar, já que Luís estava se fodendo para a minha amizade e Ana sempre me odiou.

Quando meu pai me soltou, passei direto, sem olhar na cara deles, e fui até Luma.

— Vem comigo. — Puxei sua mão.

— Não, Teo. — Ela manteve os pés firmes. — Se você quer se vingar de Luís, vá procurar outra maneira.

Respirei fundo, dei um passo e segurei seu rosto.

— Não quero me vingar de Luís — falei, mirando seus olhos tristes.

Então, perdi completamente o comando das minhas próprias ações.

— Quero te pedir para não se casar, Luma. — Engoli o nódulo que se formou de repente em minha garganta. — Eu imploro. Por favor, não se case. — A porra de uma lágrima ameaçou cair.

Ali, focando o olhar nas águas verde-azuladas de suas íris e esforçando-me para não chorar diante da minha família inteira, eu entendi que não podia perdê-la porque a amava como nunca pensei ser capaz de amar alguém.

— Eu te amo, Luma. — Uma linha úmida cortou minha bochecha.

Os cantos de seus lábios se curvaram, os olhos marejados fixos nos meus.

— Eu também te amo, Teo. — Seu polegar subiu e secou minha pele, enquanto eu experimentava uma

espécie inédita de felicidade.

Descobri, depois de me sentir completo pela primeira vez na vida, que sempre fui uma fração do que poderia ser.

Seus braços enredaram-se em meu pescoço, e os lábios encontraram os meus.

Gritos, assovios e palmas invadiram meus ouvidos, mas eu só ouvia o som das batidas do meu coração, que pulsava apressado junto ao dela.

— Eu te falei ontem que cancelei o casamento, idiota! — Luma riu, interrompendo o beijo.

— Falou? — Minha confusão mental provocou uma onda de risadas.

— Chorou à toa, arrombada! Bebê chorão da mamãe! — Lipe gargalhou.

— Pau no seu cu, Felipe. — Mostrei os dois dedos médios.

— Daqui uns dias, *cê* que vai tá chorando, Lipeta! — Padrinho profetizou. — *Cê* tem meu respeito, Teozona. Homem que chora pela mina que ama é homem de verdade, tá ligado? *Cê* é o genro que eu pedi a Deus, mano. — Ele se aproximou e me abraçou.

Assim que se afastou, minha mãe envolveu meu tronco em um abraço lateral.

— Tô tão orgulhosa de você, meu minicretino! — proferiu, meio chorosa.

— Bem-vindo ao clube, porra! — Meu pai se juntou a nós.

— Que clube? — Fiz a besteira de perguntar.

— O CFC! Camisolões Futebol Clube! — Padrinho esclareceu. — Putão me passou a braçadeira há vinte e sete anos, e, agora que *cês* tão tudo *encamisolando*, eu tenho que passar pro próximo camisolão-capitão. Assim que Lipeta entrar pro time, a gente vai fazer um campeonato, pra decidir quem vai ter a honra de ocupar o posto, tá ligado?

— Essa honra eu dispenso! Quero é distância dessas camisolas que vocês usam! — Lipe riu.

— Se forem da *La Perla*, acredite, Felipe, você vai querer usar! — A mulher que vi mais cedo falou, e eu não entendi porra nenhuma.

Mas, enquanto as mulheres riam do que eu não havia compreendido, me lembrei de que ela era irmã de Matheus. Marisa. Ou Mariana. Alguma coisa assim.

— Teo, você não está se esquecendo de nada? — Minha mãe aproveitou as risadas para questionar, em voz baixa.

— Não... — hesitei. — Tô?

Letícia, que estava sentada na cadeira atrás de mim, cutucou minhas costas.

— O pedido — sussurrou.

Caralho, eu tinha me esquecido do pedido!

Imediatamente, aproximei-me de Luma e tomei suas mãos.

Vi a porra do anel de noivado e reprimi a vontade pedi-la para tirar aquilo do dedo. Mas era exatamente o que eu faria, se ela aceitasse minha proposta.

Ignorando aquela merda, pousei os lábios na pele delicada do dorso de suas mãos e beijei cada uma, mergulhando o olhar na beleza de suas íris.

Então, ajoelhei-me diante dela, apreciando-a por inteiro.

O gesto acarretou um silêncio súbito, seguido por uma porção de murmúrios femininos.

Clareei a garganta e fiz a pergunta:

— Luma, você aceita ser minha namorada?

— Namorada? — Uma mistura de vozes estarecidas ressoou.

Desconsiderando o espanto alheio, mantive os olhos nos dela.

Não ia pedi-la em casamento só porque, aparentemente, isso tinha virado moda na família. Não queria que ela simplesmente trocasse de noivo. Queria que vivêssemos todas as fases, sem pressa. Enquanto isso, planejava um pedido grandioso, do jeito que ela merecia.

— Quero ser seu noivo e seu marido. Mas, antes disso, quero que você seja minha primeira e única



namorada. Você me quer como namorado?

— É claro que eu quero! — Ela abriu um sorriso luminoso.

— Então tira essa porra do dedo — rosnei, mirando o diamante que reluzia em seu anelar.

— Ai, meu Deus, esqueci de devolver! — Tirou as mãos das minhas e puxou o aro de platina.

— Deixa que eu guardo. — Madrinha se aproximou, e Luma entregou o anel.

Fiquei de pé e beijei seus lábios. Então, contemplei seu rosto, sem acreditar que, finalmente, podia tê-la só para mim.

— Agora *bora* tomar café, *véi!* — padrinho exclamou, puxando uma das cadeiras.

— Nosso café ainda está lá em cima — sussurrei, acariciando suas bochechas. — Quer subir?

Luma abriu a boca para responder, mas foi interrompida por uma voz estranha:

— Oi... Bom dia...

Vários pares de olhos guiaram-se pelo foco da voz.

Uma morena alta estava parada no vão da porta. Era bonita. E gostosa — do tipo que o antigo Teo Vetter teria gostado de comer.

— Os seguranças autorizaram minha entrada, por causa do crachá do estúdio... — Mostrou a plaqueta pendurada no pescoço, entre os peitos fartos. — Chamei à porta, mas ninguém respondeu... E, como estava aberta, eu entrei. Faço parte da equipe fotográfica responsável pelas fotos do Dia da Noiva e...

— O casamento foi cancelado! — Luma comunicou.

— Informei a equipe organizadora a respeito do cancelamento. — Madrinha franziu o cenho. — Presumi que tivessem repassado o anúncio a todas as equipes envolvidas na logística da cerimônia. O estúdio não foi notificado?

— Ah... Bem, eu não sei. Na verdade, meu celular pifou ontem à noite e, como tive um imprevisto esta manhã, vim direto pra cá, não passei no estúdio. — Estranhamente, ela falava com os olhos fixos em Sofia. — Você não está me reconhecendo, né? Nem acreditei quando descobri que o casamento seria aqui na fazenda!

De repente, minha prima ficou lívida. Examinou a mulher de alto a baixo e, quando subiu os olhos novamente, concentrou o olhar no volumoso cabelo cacheado da fotógrafa.

— Sou eu, Souf, Maria Eduarda! Duda, sua melhor amiga!



# 27

## UMA HISTÓRIA

“(...) de amor, de aventura e de magia”.  
*Era Uma Vez* — Sandy & Júnior

### SOFIA

A recém-chegada me encarava, mergulhando as íris castanhas nas minhas.

— Você não está me reconhecendo, né? — Seus lábios cheios, pintados de rosa-claro, esticaram-se sobre os dentes grandes.

A familiaridade de suas feições, que notei assim que ela pisou na sala, tornou-se ainda mais patente.

Quem era aquela mulher? De onde eu conhecia aquele sorriso?

— Nem acreditei quando descobri que o casamento seria aqui na fazenda! — falou, eufórica.

De repente, meu cérebro piscou, me transportando para o dia do casamento de tio Max e tia Liv, vinte e sete anos atrás.

Matheus e eu estávamos na fila, prontos para entrarmos no templo da fazenda. Era setembro, e eu não fazia ideia de que dali a três meses o veria pela última vez e levaria quase três décadas para vê-lo de novo.

— Não pisa no meu pé quando for a nossa vez, Chatão! — bradei.

— Você que pisa no meu, sua chatona! — ele retrucou.

— Parem de brigar, chatões! — Uma garotinha de seis anos, carregando uma cestinha cheia de pétalas de peônias, reclamou.

Usava um vestido atado por um laçarote cor-de-areia, e uma coroa de minirrosas brancas decorava o topo da cabeça dominada por cachos definidos e volumosos.

Afastei a lembrança e lancei o olhar para a mulher parada diante de mim, observando-a por inteiro.

Era Maria Eduarda, a garota que costumava ser minha melhor amiga. A que perdeu o posto depois de dançar com Matheus na formatura do pré-escolar.

Meus olhos estavam fixos nas longas espirais escuras que adornavam seu couro cabeludo quando ela confirmou:

— Sou eu, Souf, Maria Eduarda! Duda, sua melhor amiga!

Sem aviso, venceu rapidamente a distância que nos separava e me abraçou, enquanto o valioso ensinamento de tio Max reverberava em minha mente: “melhor amiga de cu é rola!”.

— Você ficou maravilhosa demais! Socorro! — Seus braços me apertavam com força.

“Socorro digo eu! Alguém me salva!”, pensei, praticamente sem fôlego.

— Por que você não tá em nenhuma rede social? Eu te procurei tanto, Souf! — Ela finalmente se afastou, segurando meus ombros.

Okay, talvez eu pudesse perdoá-la por ter dançado com Matheus. Nem foi culpa dela, tadinha. Só fiquei chateada porque achei que o safado do Miyake estava fascinado pelo cabelo dela e tal. Mas, agora que eu sei que, na verdade, ele estava olhando para mim o tempo inteiro, acho que posso desconsiderar a pseudotraição de Duda.

A propósito, esse negócio de rivalidade feminina é a coisa mais ridícula do mundo. Não precisamos nos estapear pelos homens, gente. Vamos todas ser amigas! Meninas unidas jamais serão vencidas!

Vou aceitar Duda como minha melhor amiga de novo!

— Quero saber tudo da sua vida! — bradou, extasiada. — O que você faz? Casou? Tem filhos?

— Ainda não, mas quase. — A voz de Matheus ressoou ao meu lado.

Duda virou o rosto, arregalando os olhos ao vê-lo.

— Nossa... — Escancarou a boca. — Quem é esse lindo?

Retiro tudo o que eu disse sobre voltar a ser amiga dessa vaca.

— Ai, meu Deus! — exclamou no segundo seguinte. — Matheus Miyake! — Pulou nele, abraçando-o com a mesma intensidade que me abraçara instantes atrás.

E o sem-vergonha do Matheus retribuiu o abraço, esfregando o tórax nos peitos daquela oferecida!

— Duda me reconheceu mais rápido que você, paixão! — O descarado teve a coragem de dizer, com os braços envoltos na cintura dela.

Em silêncio, saí andando calmamente, simulando uma frieza incompatível com o vulcão furioso que explodia em meu interior.

— Sofia? — Sua voz atônita chegou aos meus ouvidos. — Gi, era brincadeira!

Apressei o passo quando notei que estava sendo seguida.

— Cê cavou a própria cova, Chatão! — A risada de Piolho foi morrendo à medida que eu me afastava da sala.

Assim que alcancei o *hall*, uma mão me deteve.

— Me solta! — Puxei o braço, mas os dedos não se abriram.

— Gi, desculpa. Eu estava só te pirraçando, paixão. — Sua mão livre acariciou minha bochecha.

— Já que ela te reconheceu tão rápido, por que você não se casa com ela, Matheus? — cuspi.

Ele tentou manter a falsa expressão arrependida, mas não conseguiu controlar os lábios, que se moveram para conter o riso.

— Idiota! — Aproveitei a guarda baixa e puxei o braço com força.

Libertando-me, corri até o vão, cujas portas abertas anteviam os degraus da entrada da fazenda.

Comecei a percorrê-los, notando a paisagem enevoada pelo tímido chuveiro que caía sobre as superfícies descobertas feito um véu delicado.

— Pra onde você está indo? — Matheus me seguiu.

— Embora! — rosnei, torcendo para que a chave da picape de Lipe estivesse no porta-chaves da garagem, porque a força do hábito me fizera levar a do meu Honda pro quarto.

— Agora? A gente não vai nem tomar café? — perguntou, deslocando-se com a mesma rapidez que impulsionava meus pés apressados.

— Se você quer tomar café enquanto bate papinho com a sua namoradinha de infância, pode ficar à vontade. Aproveita e pede carona pra ela, porque comigo é que você não vai voltar! — berrei, o sangue borbulhando nas veias.

Uma gargalhada deliciosa — aliás, horrorosa — me acompanhou até a garagem.

Assim que entrei, fui até o suporte acoplado à parede e procurei a chave de Lipe. Felizmente, estava lá.

Tirei o chaveiro do gancho e desativei o alarme. Os faróis piscaram, e eu guiei as pernas até a picape.

No instante em que alcancei a porta, Matheus comprimiu meu corpo, colando os lábios quentes em meu ouvido:

— Você era a única namoradina que eu queria ter na infância. — Suas palmas invadiram o tecido da minha camisa, incendiando minha pele. — E qualquer pessoa teria sacado que o homem de olhos meio puxados ao lado de Sofia Theloni só podia ser Matheus Miyake, o cara que sempre foi apaixonado por ela. — Sua boca começou a peregrinar meu pescoço.

— Mentiroso... — murmurei, incapaz de conter um gemido.

Uma das mãos subiu, dominando meu rosto enquanto carícias úmidas, pausadas e incandescentes galgavam minha garganta, perpassando minha mandíbula.

— Você tem ideia do quanto eu te amo? — Seu timbre acariciou meu queixo. — Eu sou louco por você, Sofia. Sempre fui. — Os olhos semicerrados aproximaram-se lentamente, o hálito morno dançando com o meu até aprisioná-lo em um irresistível beijo ardente.

Girei o corpo, e minhas costas beijaram a lataria. Mergulhei os dedos na massa escura e sedosa dos fios de Matheus, embriagando-me com o gosto entorpecente da língua cálida, deleitando-me com a textura perfeita dos lábios macios.

Agarrando minha cintura, ele nos deslocou. Ouvi o som da porta abrindo, e me deixei levar.

Quando me dei conta, estava no banco de trás do carro, meus dedos afoitos liberando os botões da camisa de Matheus enquanto ele desabotoava os meus.

Assim que nos livramos das partes de cima, ele mudou de posição, atirando-me no assento. Arrancou minhas botas e tirou minha calça, torturando minha pele com beijos e chupões impacientes.

Livre do jeans, montei em suas coxas, abrindo seu zíper, descasando o botão e puxando o membro quente e rígido para fora.

Matheus afastou minha calcinha, arrastando o tecido para o lado.

Sentei de uma vez só, libertando um gemido alto, que ressonou no interior do veículo.

Suas palmas subiram pelas minhas pernas, estacando em minha cintura. Espalmei as minhas em seu tórax e subi, descendo e subindo de novo.

Grudei nossos lábios, e sua língua correspondeu aos meus movimentos esfomeados, tão vorazes quanto as escorregadas que eu dava naquele cacete delicioso.

Mordi sua boca e grudei nossas testas, agarrando seu cabelo, arquejando a cada sentada.

— Isso, cavalga, gostosa... — Suas mãos desceram, comprimindo minha bunda.

Gemendo, ele movia o quadril, entrando ainda mais fundo.

Com as unhas fincadas em seu peito, comecei a rebolar, a sensação maravilhosa ditando o ritmo alucinado das cavalgadas.

Logo, minhas células ameaçaram se desmanchar.

— *Huuuummm...* Vou gozar... — avisei, capturando sua boca.

Com um golpe ágil, ele me jogou no banco e começou a meter, enquanto meus derradeiros gemidos escandalosos enchiam o carro.

Aprisionando-os, Matheus devorou meus lábios, estocando até emancipar meus murmúrios, alforriando seus próprios sons orgásticos.

Ao recuperarmos as forças necessárias para nos mover, ele se retirou de dentro de mim, e só fui perceber que estava escorrendo porra no banco quando me sentei, ainda ofegante.

Tudo bem, Lipe nem ia perceber. Era só eu procurar um pano e dar uma limpadinha. Ele jamais descobriria.

Com isso em mente, incentivei Matheus a se vestir logo, e tratei de fazer o mesmo.

Assim que ficamos prontos, ele me deu um beijo vagaroso, cheio de lentos e inebriantes volteios quentes.

Estávamos nos beijando quando uma voz conhecida quase me matou do coração:

— Se você estiver comendo minha irmã no meu carro, eu vou te matar, desgraçado!

Afastei a cabeça de imediato, os olhos arregalados. Em vez de se alarmar, como eu, Matheus deu uma

gargalhada.

Passou os dedos no vidro embaçado e colocou o rosto na área livre de vapor.

— Gozei no banco inteiro, Felipe!

— Matheus! — Dei um tapa no braço dele.

Minhas faces esquentaram, o constrangimento queimando minhas bochechas.

Mortificada, eu me imaginei abrindo a porta e Lipe constatando que, realmente, o banco estava todo lambuzado de porra e outros fluidos corporais.

Papai e tio Max ficariam sabendo, porque é óbvio que ele contaria para a família inteira. E, além de suportar o julgamento hipócrita dos dois, eu teria que aguentar as zoeiras de todo mundo.

Havia duas opções: ficar ali dentro pro resto da vida (o que não ia acontecer, porque eventualmente eu teria que sair) ou fugir (o que seria ótimo, porque eu não teria que encarar meu irmão depois de transformar a picape dele em um motel-móvel).

Ou seja, a única saída era a fuga. Eu fugiria, lavaria o carro (levaria a um lava-jato, na verdade), deixaria o veículo limpinho no prédio dele e fingiria que nada aconteceu.

Mais que depressa, catei o chaveiro caído no tapete e impulsionei o corpo, atravessando a abertura entre os bancos da frente.

— Você vai sair com o carro? — O tom divertido da voz de Matheus alcançou meus ouvidos.

— É óbvio! — respondi, acomodando-me no assento do motorista.

Enfiei a chave na ignição, girei, engatei a ré e comecei a liberar o pé.

— Sofia, se você roubar meu carro, eu vou chamar a polícia! — ameaçou, furioso.

— Ela é a polícia, otário! — Matheus abriu a janela e gargalhou, com a cabeça do lado de fora.

— Lipe, eu vou deixar no seu prédio! E vou mandar lavar, juro! — gritei. — Aproveita e volta com Marina! Pede pra mamãe voltar no meu!

— Volta com Marina, e eu te mato! — Matheus berrou, enquanto eu saía da garagem.

— Eu comi sua irmã, desgraçado! Na escada, bem gostoso, do jeito que ela gosta! — Foi a vez de Lipe gargalhar.

— Sofia, para o carro! — Matheus ordenou, puto.

— Eu acho é pouco! — Dei uma risada e continuei dirigindo, linda e plena.

Instantes depois, a picape cruzava o pórtico suntuoso da fazenda.

— Eu falei pra aquele filho da puta ficar longe de Marina! Eu vou matar seu irmão, Sofia! — disse, ainda nervoso.

— Matheus, deixa de hipocrisia! Derramar seu leitinho no carro dele você pode, né? Mas ele não pode transar com a sua irmãzinha de trinta anos? Me poupe, se poupe, nos poupe, paixão!

Meu noivo inspirou e soltou o ar, exalando aborrecimento.

— Não tô nem aí pras transas de Marina. Só não quero que ela sofra.

Ele não precisou mencionar Renato. Entendi seu receio, que tinha fundamento.

— Lipe não é nenhum santo. Mas sua irmã já é bem crescidinha. — Mirei seus olhos pelo retrovisor. — Ela sabe no que está se metendo. Pode ser que não dê certo. Mas também pode ser que ela seja o grande amor da vida dele. Já parou pra pensar nisso?

— O raio não cai duas vezes na mesma casa — afirmou, resoluto.

— Na minha família, o raio cai quantas vezes quiser — falei, observando o vidro salpicado de gotículas.

Liguei o para-brisa, e os limpadores transformaram a superfície orvalhada em uma vitrine cristalina.

— Não estou gostando de ficar aqui, como se estivesse num táxi. — Matheus se aproximou do banco, o timbre gostoso ecoando bem perto do meu ouvido. — E aposto que você está sem a habilitação.

— Merda! Deixei a carteira no quarto! — Meus documentos, meu dinheiro e meus cartões tinham ficado para trás. Como eu ia sobreviver numa sociedade capitalista sem um tostão furado?

Pensando nisso, dei uma olhada no nível de combustível e percebi, alarmada, que o tanque estava quase vazio.

— Ai, meu Deus, a gente vai ficar sem gasolina! — O desespero me dominou.

— Relaxa, paixão. — Ele alisou meu braço. — Tem um posto daqui a alguns quilômetros, e minha carteira está no bolso da calça, o que significa que, no momento, sou o único condutor em condições de dirigir o veículo. Encosta o carro, capitã. — Seus lábios sorridentes roçaram minha bochecha.

Acabei me dando conta de que, à exceção do momento em que o vi adentrando a garagem daquele hotel, em plena tempestade, eu nunca tinha visto Matheus dirigindo.

Pouco depois, estava no banco do passageiro, incapaz de desviar os olhos do homem lindo e másculo detrás do volante.

— Que foi? — Ele me endereçou um olhar desconfiado.

— Eu te amo. — Não contive um suspiro.

— É fácil me amar, já que eu sou tão bonito, divertido, bonito, educado, bonito... Eu já falei “bonito”? — Um pretenso ar pensativo tomou suas feições.

— Você é horrroso, Chatão... — Revirei os olhos, reprimindo a vontade de rir. — Eu só te amo porque você é um tripé.

Seus ombros tremeram com as risadas deliciosas que escaparam de sua garganta. Quando parou de rir, ele virou o rosto.

— Eu te amo, Chatona. — Seu sorriso genuíno acelerou meu pulso e aqueceu meu coração.

Cerca de meia hora mais tarde, chegamos ao posto de gasolina. Abastecemos o carro e saímos da loja de conveniência abarrotados de gordura trans ensacada e açúcar líquido enlatado.

Comemos salgadinhos e bebemos refrigerante a viagem inteira, feito dois adolescentes esfomeados, enquanto ríamos e conversávamos sobre várias coisas aleatórias.

Nunca, em toda a minha vida, o tempo passou tão depressa. De repente, estávamos em Arraial dos Anjos.

A primeira coisa que fizemos foi passar num lava-jato. Matheus conhecia um no mesmo quarteirão da casa dos pais dele, o que nos possibilitou deixar o carro de Lipe e percorrer a vizinhança a pé, de mãos dadas e fantasiados de caipiras. Pelo menos, era junho. Qualquer coisa, era só dizer que a gente estava indo para uma festa junina.

No caminho, encontramos várias senhorinhas, senhorzinhos e outras pessoas que ele conhecia desde a infância. Aparentemente, o Chatão conhecia toda a população do bairro. Não dava um passo sem cumprimentar alguém, mesmo de longe. Fui apresentada várias vezes, sentindo-me nas nuvens ao vislumbrar o sorriso luminoso que sempre brotava em seus lábios quando ele dizia que eu era sua noiva.

As doninhas teciam um cordel de elogios a Matheus antes de nos liberarem. Não poupavam esforços para me fazer entender o quanto eu era sortuda por ter “um menino de ouro” como noivo. Pareciam velhinhas inofensivas, mas eram velhas assanhadas de olho no menino. E ele dando corda, de papinho com as donas, todo gentil e educado, enquanto elas não paravam de ajeitar os óculos, relanceando vez ou outra o zíper do descarado. Velhas cretinas.

Quando chegamos à casa dos pais dele, anunciamos o noivado. Milena quase morre de felicidade. Eduardo, no entanto, demonstrou preocupação:

— Devo me retirar de imediato! Preciso preparar meu exército! As tropas de Plínio, o rancoroso, já devem estar a caminho!

Gargalhei, pensando em papai, coitado. Ele ainda passaria muita raiva com os Miyake.

— Relaxa, pai. — Matheus riu. — Assinei um acordo de paz com o sogrão.

— A trégua apaziguará os ânimos inflamados da discórdia, meu filho — falou, em um tom solene —, mas não subsistirá até o dia do casamento. A guerra é inevitável!

Meu Deus, o pai dele podia ser ator! Claramente, Matheus teve a quem puxar.

— Para de palhaçada, Edu. — Rindo, Milena deu leve empurrão no marido. — E Marina, não veio com vocês? — Virou o rosto miúdo em nossa direção.

— Mari ficou — respondi. — Provavelmente, vai voltar com meu irmão — emendei, torcendo para que isso acontecesse.

— Com seu irmão? — Eduardo arregalou os olhos, buscando os do filho.

— Marina transou com ele, pai — Matheus contou, mal-humorado.

A versão mais velha do meu noivo caiu na risada.

— Sério? Meu Deus, Plínio vai me matar! — falou, rindo. — Atenção, guerreiros, preparem-se para o Ragnarök!

Ri bastante naquela tarde. Matheus e o pai juntos eram impossíveis. Não sei como Milena e Marina aguentavam aqueles dois.

Na hora marcada, entramos na Hilux — que havia ficado na garagem, já que o proprietário do veículo fora para a fazenda com Marina — e saímos rumo ao lava-jato.

No caminho, meu cérebro, acostumado a emitir alertas por volta daquele horário, me lembrou de que minha cartela de anticoncepcional tinha ficado na fazenda. Entrei em desespero.

— E agora? — perguntei, alarmada, assim que contei pra Matheus.

— A gente passa numa farmácia e compra outra, paixão — ele disse, tranquilo.

Foi o que fizemos. Tomei no carro, com uma garrafinha de água mineral.

Chegando ao lava-jato, peguei o carro de Lipe. A pintura reluzia, e o interior cheirava à limpeza. Dirigi até o prédio dele, com meu noivo guiando a própria picape logo atrás.

Assim que resolvemos isso, voltamos juntos para a casa dos pais dele.

O céu já exibia cores escuras. Tons de roxo, alaranjado e azul-marinho tingiam o mar de nuvens.

O plano era irmos embora ainda naquela noite, mas, quando chegamos, um cheiro delicioso, de comida caseira, flutuava pela casa, atiçando nossos estômagos famintos.

Milena só precisou do chiado da panela de pressão para nos convencer a ficar e pegar a estrada na manhã seguinte.

O jantar fez jus ao aroma da comida. Após a sobremesa, que estava simplesmente divina, fomos para o quarto de infância de Matheus.

— Tô passando mal, Miyake — falei, sentando-me na cama enquanto ele trancava a porta.

— Que foi, Gi? — Correu e se sentou ao meu lado, visivelmente preocupado.

— Comi feito uma leitoa, tô morrendo — choraminguei.

— Porra, que susto, Sofia! Quer me matar? — reclamou, enquanto eu abria o botão da calça, que torturava minha barriga estufada.

Aliviada, suspirei, deixando o corpo tombar no colchão.

— Deixa que eu te ajudo, girafinha. — Achando graça, ele se levantou e começou a me livrar do jeans sufocante.

— Espero que você não esteja fazendo isso com segundas intenções. — Estreitei os olhos, erguendo a bunda para auxiliá-lo.

— Claro que não, paixão. — Deu uma piscada.

— É sério, Matheus, eu tô à beira da morte. Por que você me deixou comer aquele tanto de *tiramisù*, seu irresponsável?

Ele gargalhou, terminando de me despir.

— Desculpa, Gi. — Fez uma carinha fofa. — Fiquei com medo de te pedir pra parar e você devorar minha mão.

— Idiota! — Rindo, dei um chute na coxa dele. — Você também comeu feito um porcão gordo, e fica aí, me recriminando. — Arrastei o corpo cuidadosamente, até minha cabeça alcançar os travesseiros.

— Você ama esse porcão gordo. — Riu, jogando o peso todo na cama. — *Óinc!* — Imitou um suíno,

afundando o nariz no meu pescoço.

Sua boca alcançou a minha e engoliu minhas risadas. O beijo, que começou como uma brincadeira, logo virou coisa séria.

Enquanto nossas línguas se enlaçavam, desabotoei sua camisa, e ele a puxou pelos braços, migrando os lábios para a minha garganta, agarrando minha coxa.

— Um minuto, preciso de um minuto — pedi, arfante. — Tô cheia demais, não aguento.

Matheus caiu na risada, as costas despencando ao meu lado.

— No dia do nosso casamento, você não vai comer bolo, Sofia — falou, rindo.

Então, beijou minha testa e ficou de pé. Foi até o armário e pegou um edredom. Apagou a luz, ligou a luminária e voltou. Tirou a calça, deitou-se e jogou a coberta sobre nós.

— Descansa. — Sua boca pousou em minha têmpora, e eu me movi, encaixando o corpo no dele.

Sua respiração suave acariciou minha pele, e os dedos afagaram meu cabelo. Adormeci sem perceber, e só acordei quando os raios daquele domingo ensolarado beijaram meu rosto.

Remexi-me sob a coberta e, ao abrir as pálpebras, constatei que estava sozinha na cama. Mas não completamente sozinha, porque um envelope jazia no centro do travesseiro vazio.

Ele tinha me deixado um bilhetinho!

Sentei-me bruscamente, eufórica. Estiquei a mão e li o que estava escrito no verso:

***Para Gi, minha girafinha-leitosa***

— Filho da mãe... — murmurei, rindo.

Ergui a aba e puxei o pedaço de papel.

***Bom dia, paixão!***

***Acordei cedo e saí para resolver umas coisas.***

***Deixei alguns itens que você pode precisar no banheiro.***

***Volto logo, pra gente tomar café juntos. Se eu demorar muito, desce e come.***

***Só tenta não comer a casa inteira, minha leitoazinha.***

***Te amo.***

***Com amor, seu porcão gordo.***

Fui para o banheiro rindo das palhaçadas dele.

Quando vi a escova novinha sobre a pia, me dei conta de que tinha dormido sem escovar os dentes. E depois de comer doce!

Avistei a toalha e os produtos de banho e me lembrei de que tinha vinte e quatro horas que eu não tomava banho!

Meu Deus, eu era mesmo uma porca!

Mais que depressa, rasguei a embalagem da escova, espremi o tubo de creme dental nas cerdas e comecei a escovar, rezando para não brotar uma cratera negra em nenhum dos meus dentes.

Matheus tinha deixado uma camiseta limpa sobre a bancada, que vesti assim que saí do banho.

Voltei para o quarto, penteando o cabelo molhado, no instante em que ele entrava, carregando algumas sacolas de papel.

Estava lindo, usando uma calça jeans clara e uma camiseta cinza, as faldas madeixas escuras ligeiramente desalinhadas. Um sorriso largo estampado no rosto, os olhos exóticos me fitando.

— Bom dia, paixão! — Colocou as embalagens na poltrona e se aproximou, enlaçando minha cintura e inspirando o cheiro de sabonete do meu pescoço. — Cheirosa... E gostosa... — Apertou minha bunda, subindo o tecido e colando os lábios nos meus.



Acabamos na cama, pelados em tempo recorde.

Instante depois, eu estava em cima dele, completamente arfante.

— Gi... — O chamado meio rouco me fez subir a cabeça.

Apoiei os braços em seu peito e mirei os lagos cristalinos que ele tinha no lugar das íris.

Seus dedos afastaram uma mecha úmida do meu cabelo recém-lavado, prendendo-a detrás da minha orelha.

— Comprei umas coisas pra você — falou, o olhar embebido no meu.

— Que coisas? — Resvalei o indicador no formato carnudo de sua boca.

— Minha mãe queria te emprestar um dos vestidos dela — ele murmurou, e eu liberei seus lábios, estudando seu maxilar com a ponta do dedo —, e eu não queria te ver usando um dos vestidos da minha mãe. Então, saí pra comprar um vestido pra você. E um casaco, pro caso de esfriar mais tarde. E calcinha. E sutiã. E um sapato.

— Você tá falando sério? — Dei uma risada, e ele assentiu. — Pra quê? A gente não vai embora hoje?

— Vamos, mas quero te levar a um lugar assim que a gente chegar a Príncipe Serrano.

— Que lugar? — Meus olhos saltaram de curiosidade.

— É surpresa. — Ele riu, mudando a posição.

Minhas costas atingiram o colchão, e seu corpo cobriu o meu, enquanto sua boca fazia o mesmo com a minha.

— Vem, vamos tomar café. — Moveu os lábios, sapecando um beijo em minha bochecha. — Se bem que o almoço já deve estar quase pronto. — Ficou de pé e me estendeu a mão.

— Já é tão tarde assim? — Arregalei os olhos, segurando seus dedos.

— Quase meio-dia. — Ele riu, me puxando.

Meu Deus, eu tinha dormido mais que a cama!

Antes de descermos, vesti minha lingerie nova. Era um delicado conjunto azul-turquesa, de renda e cetim.

— Linda. — Matheus se aproximou e palmilhou minhas curvas, contemplando meu corpo. — Em você ficou bem melhor que na vendedora — emendou, mordendo o lábio.

— O quê? — berrei.

— Eu precisava ver como ia ficar, paixão. E a moça tinha mais ou menos o seu corpo. Aí, ela fez a gentileza de experimentar — falou, rindo.

— Jura? Nossa, mal vejo a hora de te comprar cuecas, paixão. Os vendedores das lojas de grife parecem modelos, sabia? Espero que sejam tão solícitos quanto essa moça gentil. — Dei um sorrisinho.

Ele ficou lívido.

— Sofia, para de palhaçada.

Tive uma crise de riso.

— Você sabe que eu estava brincando, né? — falou, preocupado, o que me fez rir ainda mais. — Responde, Sofia!

— É claro que eu sei, Miyake! — Enlacei seu pescoço e pinchei os lábios nos dele. — Cadê meu vestido? Você ficou de papinho com a vendedora na hora de comprar? — Estreitei os olhos.

— Claro que não, paixão. — O descarado fez uma expressão safada que o deixava ainda mais lindo, mas que me irritava até o último fio de cabelo.

— Miyake, Miyake... — Lancei um olhar ameaçador.

Podia apostar que, assim que ele entrou na loja, todas as vendedoras saíram em disparada, loucas para atender o cliente gostosão, que é, na verdade, meu noivo gostosão. E chatão. Meu.

— Fica tranquila, Gi. Eu falei que era pra minha noiva. — Ele beijou minha testa e foi até a segunda sacola, retirando um embrulho, que colocou sobre a cama.

Sentei-me na beirada e abri o papel de seda.

— Ai, meu Deus! — Levei a mão à boca quando vi o vestido.

Tinha um fundo azul-turquesa, que combinava com o conjunto de calcinha e sutiã tomara-que-caia. Mas o que me deixou impressionada não foi a cor, foi a estampa. Era de girassóis!

— *Aaaaaaaaaaaaaai*, que *lindoooooooooo*! — Peguei a peça pelas alças, admirando as flores amarelas, o corte fluido da saia longa, a textura leve do tecido. — Eu te amo! — Pulei nele, enchendo seu rosto de beijos, um para cada girassol estampado.

Quando descemos, eu estava maravilhosa com meu vestido novo — que ficou lindo em mim — e com meus novos tênis de passeio nos pés.

De acordo com Matheus, íamos a um lugar onde eu precisava usar algo confortável. Fiquei tão curiosa e tão ansiosa que só queria que o dia passasse logo. E passou.

Sáímos de Arraial dos Anjos depois do almoço e chegamos a Príncipe Serrano no final da tarde.

O nome da cidade não foi escolhido à toa. A região serrana, localizada a mais de mil metros de altitude, é cercada pelas belas montanhas da Serra Real. As paisagens muito verdes, as araucárias centenárias, a arquitetura inspirada em construções suíças e o clima ameno são atrativos que fazem de Príncipe Serrano uma cidade bastante visitada.

— Eu sempre quis ir ao Mirante do Rei — Matheus comentou, quando cruzamos a entrada da cidade.

— Eu também! É pra lá que a gente tá indo? — perguntei, eufórica, tampando a garrafinha. Tinha acabado de tomar a pílula do dia.

— Se você quiser. — Ele me ofereceu um olhar caloroso, que encheu meu coração de ternura.

— É claro que eu quero! — Inclinei-me e beijei sua bochecha, já nos imaginando no alto da serra.

Não demorou muito para chegarmos ao nosso destino.

O mirante ficava na Trilha da Rainha, em uma área preservada de mata nativa.

O acesso ao topo era rápido e tranquilo. De mãos dadas, caminhamos pelas superfícies praticamente planas, atravessando algumas passarelas e pontes rústicas, onde tiramos várias fotos.

O dia estava indo embora, os tímidos raios solares despedindo-se das copas das árvores, refugiando-se no oeste.

Pássaros chilreavam ao nosso redor, e os cumes escuros dos pinheiros compridos contrastavam com as nuvens rosadas que flutuavam no céu.

Em poucos minutos, estávamos percorrendo o deck de madeira e, por fim, a plataforma de tábuas que estruturava o piso do mirante. Felizmente, não havia mais ninguém ali.

O lusco-fusco nos deu boas-vindas. O horizonte, demarcado por montanhas verde-acinzentadas, surgiu diante dos meus olhos assombrados pela beleza do pôr-do-sol; os matizes de rosa, azul e lilás pareciam um conjunto de pinceladas feitas em tons pastéis de aquarela.

A visão magnífica nos atraiu até o parapeito. Dali, dava para ver a cidade inteira, envolta pela vegetação exuberante e pontilhada pelas belas casas e pousadas das redondezas, que pareciam tão pequenas quanto casinhas de maquete.

A brisa fria ataçava meu cabelo, e só não eriçava minha pele porque eu estava usando o casaco que Matheus comprara mais cedo.

Ele realmente tinha pensado em tudo. Eu mal podia acreditar que ia me casar com um homem tão maravilhoso, tão atencioso, tão perfeito.

Seu braço circundava minha cintura, e ele enchia os pulmões, inspirando o ar terroso das montanhas.

Ali, sentindo o calor que emanava de seu corpo, eu não estava no ponto mais alto de Príncipe Serrano. Estava no topo do mundo.

— Já falei que te amo hoje? — perguntei, buscando seus olhos.

— Já. Mas, como esperei quase três décadas pra ouvir isso, quero ouvir de novo e de novo. — Seu olhar, cheio de expectativa, encontrou o meu.

Abri um sorriso, venerando suas feições.

— Eu te amo. — Roci os lábios em seu maxilar. — Te amo. — Beije do outro lado.

— Falando assim, nem parece que você é uma chatona. — Ele riu, tomando meu rosto entre as mãos.

Revirei os olhos, mas meu movimento foi interrompido quando sua boca capturou a minha. Sua língua moveu-se lentamente, arrancando suspiros da minha garganta.

O beijo doce e reverente pareceu durar uma vida inteira e, ao mesmo tempo, quando seus lábios apartaram, fiquei com a impressão de que havia durado um único segundo.

Eu ainda estava inebriada quando ele enfiou a mão do bolso do próprio casaco e tirou de lá uma caixinha, que combinava com a cor do meu vestido.

— Ai. Meu. Deus. — Finquei os olhos no laço branco, o coração pulsando errático em meu peito.

— Eu já te pedi em casamento — falou, ajoelhando-se —, mas vou pedir de novo, porque nada no mundo é tão bonito quanto o seu rosto visto daqui.

O vento brincava com as densas mechas de seu cabelo, o semblante iluminado pela luz dourada do crepúsculo.

— Você está errado. Nada no mundo é tão bonito quanto o seu rosto visto daqui. — Afastei os fios que chicoteavam minhas bochechas.

Seus lábios esticaram-se de leve, as íris banhadas pelo sol poente exibindo suas nuances mais claras.

Sem desviar o olhar, desfez o laço. Então, retirou a tampa, revelando uma segunda caixinha, negra e aveludada. Depositando a azul no pavimento, abriu a preta.

Meu pulso disparou, enquanto meus olhos captavam a cintilância que reinava sobre a almofadinha de veludo. Duas pedras azuis orlavam o diamante central, que reluzia sob os raios do entardecer.

— Gostou? — O movimento do pomo-de-adão denunciou sua insegurança. — Eu ia comprar um solitário, mas, quando vi esse, achei que as safiras combinariam com os seus olhos.

Qualquer dia, eu acordaria e descobriria que Matheus Miyake é, na verdade, um personagem literário e que eu estou sendo iludida desde a infância. Aquele homem não podia ser real. Talvez eu estivesse vivendo em um dos romances de tia Liv.

— É o anel mais lindo que eu já vi. — As lágrimas embaçaram minha visão.

— Então você aceita se casar comigo? — Ofereceu-me um olhar ansioso.

— Aceito, Chatão. — Estiquei o braço, ofertando meus dedos.

Rindo, ele tirou o aro do suporte, deslizando-o lentamente pelo meu anelar direito.

Então, acariciou minhas falanges com um beijo delicado. Pegou a caixinha azul e ficou de pé, apoderando-se da minha nuca e roubando meu fôlego.

Cerca de meia hora depois, estávamos no carro.

— É tão lindo, Matheus... — Suspirei, espichando os dedos para apreciar meu anel de princesa. — Combina com os meus olhos, mas deve ter custado os olhos da sua cara, né?

De repente, tive uma grande ideia. Ia comprar uma aliança de noivado pra ele. Bem grossa. Do tipo que seria a primeira coisa que as assanhadas veriam quando meu noivo maravilhoso entrasse em algum lugar.

— Só o que eu tenho a dizer é que ainda bem que o sogrão vai bancar o casamento. — Ele riu. — Falando nisso, precisamos marcar a data. A gente podia se casar em setembro. Dia 23, que nem nosso casamento de infância.

— Você lembra a data... — falei, encantada.

— É claro que eu lembro, paixão. — Parou diante do semáforo, virando o rosto para me fitar. — Foi o dia mais feliz da minha vida. Mas logo vai ser o segundo dia mais feliz. — Sua boca encontrou a minha e só abandonou meus lábios quando buzinas frenéticas ressoaram logo atrás.

Durante o percurso, combinamos de ir para o meu apartamento. Conseguimos entrar graças à chave extra, que solicitei ao porteiro do prédio.

Depois de uma transa intensa e suada, que nos deixou famintos, decidimos sair para jantar. Ligamos

para o restaurante escolhido e garantimos nossa mesa. Em seguida, traçamos o seguinte plano: tomaríamos banho juntos, e eu me arrumaria enquanto Matheus me esperava ficar pronta. Então, passaríamos em seu apartamento, onde ele trocava de roupa. De lá, seguiríamos para o restaurante.

Estávamos no banheiro, atrasando a saída com beijos e carícias, vendo o vapor espiralar ao nosso redor.

— A gente vai perder a reserva — murmurei, os braços envoltos em seu pescoço, o hálito roçando o dele.

Fisgou meu lábio inferior e continuou me beijando, nem um pouco propenso a interromper o que estava fazendo.

— Matheus... — balbuciei, tentando resistir ao magnetismo daquela boca.

— Tá... — falou, apalpando meus peitos.

Peguei um pouco de sabonete líquido e espalhei em seu tórax, minhas mãos percorrendo os músculos molhados de seu abdome. Deslizei os dedos e alcancei a terceira perna, deliciosamente rígida.

— De quem é esse pau, Sofia? — rosnou, subitamente carrancudo.

— Ué, é seu... Meu que não é. — Dei uma risada.

Quando percebi que ele ainda estava sério, segui seu olhar, e meu coração quase parou.

A rola gigantesca que eu tinha desenhado no box, antes da viagem, estava exposta no vidro embaçado, revelada pelo vapor.

— É só um pinto aleatório que eu desenhei — expliquei.

— Sei... — Estreitou as pálpebras. — Você já tomou banho com outro macho nesse banheiro?

— É claro que já. — Dei de ombros, e ele arregalou os olhos. — Mas você é o único macho que eu amo. Deixa de besteira. — Resvalei as palmas em seu peito e depus um beijinho em sua mandíbula áspera.

Não teve jeito. Matheus ficou meio putinho durante o banho. Mas não me importei, porque, de alguma maneira, ele conseguia a proeza de ficar ainda mais gostoso quando estava enciumadinho.

Assim que terminamos, fui para o *closet* para me vestir e me maquiar. Ele disse que me esperaria no quarto. E lá ficou, deitado na minha cama, feito um príncipe lindo.

Quando voltei, com um suave reboco na cara, usando um vestido azul — para combinar com meu anel —, saltos pretos e uma *clutch* da mesma cor, ele estava sentado no colchão, com um livro aberto no colo.

Internamente, torci para não ser meu exemplar supergasto de “O Descarado Dorme Ao Lado”, que era meu livro de cabeceira.

Acabei descobrindo, da pior maneira possível, que não, não era o romance de tia Liv que estava sobre as pernas de Matheus. Era uma coisa muito pior.

Ao ouvir meus saltos clicando no porcelanato amadeirado, ele começou a ler, fazendo as pausas necessárias e ressaltando os erros ortográficos que eu cometi aos seis anos:

— “O Matheus é *muito irritante*, e ele acha que é o menino mais bonito da sala. Nem é. Coitado. Eu tenho dó do Matheus, porque ele é retardado e acha que é bom em matemática. Nem é. Ele é burro. Eu sei fazer continhas de menos melhor que ele. A Duda acha que o Igor é o mais inteligente e o mais bonito da sala. Eu já disse que a Duda disse que vai casar com o Igor, né? O Igor é legal, *mais* eu falei pra Duda que o Matheus é mais bonito que ele. A Duda disse que não é, e eu falei que o Matheus é chato, *mais* ele tem olhos claros e puxadinhos, que é uma coisa bonita. *Mais* é só isso que ele tem de bonito. E o cabelo dele é liso e *muito* preto, *ingual* de índio. Isso também é um pouco bonito. *Mais* ele não é marrom *ingual* os índios, é da minha cor. E é chato. E eu odeio o Matheus e o Ben10”. — Ele caiu na risada. Riu tanto que as costas tombaram no colchão.

— Eu não acredito que você fuçou meu baú e mexeu nos meus diários! Seu ridículo! — Peguei a primeira coisa que vi e atirei nele.

Infelizmente, era a almofada da poltrona, e não um vaso capaz de sangrar a cara daquele insuportável.

— Eu vou te matar, Miyake! — Disparei até a cama e montei em cima dele.

Larguei a *clutch* e agarrei um travesseiro, pressionando-o na cara do descarado, a fim de matá-lo sufocado.

Sem dificuldade, e muito rapidamente, ele se livrou da tentativa de sufocamento, afastando minha arma nada mortífera.

Então, segurou meus pulsos, mirando minhas feições enfurecidas.

— Você é linda. — Seus olhos examinaram as ondas do meu cabelo, a maquiagem em meu rosto, o decote do vestido. — Então quer dizer que eu era mais bonito que seu namoradinho de infância? — perguntou, o tom doce adquirindo uma pitada de azedume.

— Eu inventei aquele negócio do beijo, idiota. — Decidi desmentir.

— Então você não gostava dele? — sondou, arqueando uma das sobrancelhas.

— Eu nem conversava direito com ele, Matheus. — Revirei os olhos.

— É, mas dançou com aquele filho da puta! — Cruzou os braços, nervosinho.

— E você dançou com Maria Eduarda! — acusei.

— Não por escolha minha — retrucou.

— Eu também não queria dançar com Igor! Queria dançar com você, imbecil! — Dei um soco no peito dele e me levantei, enquanto os cantos de sua boca me mostravam um sorriso. — Tô puta com você, Miyake. — Ajeitei a saia do meu vestido.

— Por quê? — Ele também ficou de pé. — Porque eu acabei de confirmar que você sempre foi absolutamente louca por mim? — Suas mãos se encaixaram em minha cintura.

— Eu te odeio! — bradei.

Ele se limitou a rir e a puxar meu rosto até sua boca.

Minutos mais tarde, estávamos em seu apartamento. Era bastante amplo, muito masculino e surpreendentemente organizado, principalmente o escritório, cheio de livros jurídicos, pastas processuais e muito estofamento em couro. Não fiz um *tour* completo porque estávamos atrasadíssimos. Ficamos apenas o tempo suficiente para Matheus ficar simplesmente divino, de camisa social branca e blazer de corte *slim-fit*, lindamente ajustado àquele corpo maravilhoso.

Nosso primeiro jantar juntos foi inesquecível. O restaurante francês era um dos mais elegantes da cidade. Depois dos pratos deliciosos, harmonizados com vinho *rosé*, degustamos a sobremesa. Matheus pediu *tiramisù*, só para me provocar. Escolhi profiteroles, e não exagerei na quantidade.

Finalizamos a noite com uma trepadinha romântica e adormecemos de conchinha, o domingo perfeito despedindo-se à medida que nossas pálpebras iam ficando mais pesadas, e nossas vozes, mais sussurradas.

A segunda-feira me deu um ruidoso bom-dia quando o despertador estridulou no pé do meu ouvido.

Sem esforço, eu me lembrei de onde estava. Busquei o corpo firme e quente sob o edredom, mas não o encontrei.

Que merda. Por que ele sempre acordava mais cedo que eu?

Não que eu estivesse reclamando, porque, certamente, não queria que meu noivo descobrisse meu bafo matinal antes do casamento.

Tinha outro bilhetezinho envelopado em cima do travesseiro. Dei uma risada ao ler o verso:

***Para Gi, minha capitã***

Puxei a folha e passei os olhos pelo conteúdo:

***Bom dia, paixão!***

***Sai para pegar nosso café, e configurei o despertador do meu celular, para você não se atrasar pro trabalho.***

*Veste a farda. Quero te comer vestida de capitã antes de te deixar na clínica.*

*Com amor, seu futuro marido e eterno subalterno.*

Não tô falando que ele é irreal? Vê se tem condições de esse homem existir e, ainda por cima, ser meu! Dobrei o bilhete, peguei a farda e corri para o banheiro da suíte. Fiquei pronta em alguns minutos.

Quando voltei para o quarto, o visor do celular de Matheus marcava seis e meia, o que significava que eu precisava estar no trabalho em meia hora.

Enquanto ele não chegava, tentei dar uma fuçada no telefone, mas tinha senha. Ódio.

Inseri a data de aniversário dele, que seria dali a alguns dias, mas não consegui destravar. Então, comecei a digitar números aleatórios. Nada.

— Qual é a senha desta bosta? — Foi a primeira coisa que eu perguntei, quando ouvi o barulho da porta se abrindo.

— Sua data de aniversário — a voz grave respondeu.

Virei a cabeça e quase tive um ataque cardíaco.

Tinha um deus engravatado no quarto.

— Meu Deus... — falamos juntos, quando eu me coloquei de pé.

Nossos olhos fizeram o mesmo movimento, subindo e descendo por nossos corpos.

O resultado disso foi o primeiro atraso significativo da minha carreira. Cheguei à clínica toda amassada e esbaforida, porque corri da entrada à porta de acesso dos funcionários. E, de lá, fiz uma maratona até o estacionamento, que me levaria à porta dos fundos.

Cruzando o ponto de chegada da minha minicorrída de São Silvestre, acabei trombando feio em uma muralha, que, definitivamente, não devia estar ali.

— Desculpa! — pedi, arfante, quando percebi que era um homem.

Um homem muito bonito, na verdade. Fardado, as divisas de capitão coladas nas mangas brancas e curtas que revestiam os bíceps musculosos.

Aparentemente, tinha esquecido alguma coisa no carro, já que vinha de dentro da clínica.

— Sou eu quem pede desculpas! Machucou? — perguntou, segurando meus braços.

— Não, estou ótima — respondi, e ele me liberou, dando um passo para trás.

Então, ficou me fitando.

— Capitã Theloni, muito prazer. Sou pediatra. — Estendi a mão e abri meu melhor sorriso cordial. — Você deve ser o cardiologista transferido, certo?

— Certo. Sou o capitão... — começou.

Mas não terminou. Porque um barulho forte ressoou no estacionamento silencioso.



# 28

## UMA RECEITA

“(...) pra curar meu coração”.  
*Me Cura* — Ana Muller

### LETÍCIA

— Mãe, Sofia acabou com o meu carro! — Lipe anunciou, assim que entrou na sala. — Não quero nem saber, ela vai ter que me dar outro!

— Acabou com o seu carro? Como assim, Felipe? — Tia Suze questionou, preocupada.

Então, ele contou que Souf e Matheus transaram no carro dele e que, após o flagrante, fugiram da cena do crime, usando o veículo como meio de fuga.

— O Chatão cavou a cova, saiu da cova e conseguiu comer a Chatona. O moleque é um zumbi, mano! — Piolho chegou à brilhante conclusão, e a sala irrompeu em um coro de gargalhadas.

— Bom saber — tio Plínio comentou. — Da próxima vez que eu bater o olho nele, vou meter uma bala no cérebro do desgraçado.

— Eu empresto a arma, puto — tio Max avisou.

— Max, fica caladinho, meu lindo? — Tia Liv deu um beijo nos lábios do marido. — Mas eles foram embora mesmo, Lipe? Não vão voltar pra cá? — perguntou, direcionando o rosto para o sobrinho.

— Estão voltando para Arraial dos Anjos — meu primo confirmou.

— Como Sofia faz uma coisa dessas? Que vergonha, meu Deus. — Tia Suze levou os dedos à testa. — Duda, desculpa a falta de educação da minha filha. Como eu te expliquei, ela e Matheus estão noivos, e Sofia é um pouquinho ciumenta, sabe? — Abriu um sorriso sem graça.

— Um pouquinho o caralho! Souf é pior que eu! — Tia Liv deu uma risada.

— Não exagera, linda. — Tio Max a abraçou por trás. — Ninguém consegue te superar, senhorita Olívia.

— Só você, né, cretino? — Ela estreitou os olhos, buscando os dele.

— Como você pode ver, Maria Eduarda, minha filha herdou o ciúme dos tios, que são pessoas patologicamente ciumentas, além de psicologicamente desequilibradas. — Tio Plínio indicou o casal, e gargalhadas estrondosas cortaram o ar.

Eu também estava rindo quando percebi que a coitada estava nos fitando sem entender nada.

— A verdade, Maria Eduarda, é que só tem gente doida e possessiva nesta casa. Aqui, é um mais lunático que o outro. Fica até difícil eleger o pior. Eu sou a única normal, mentalmente sã, madura e nada ciumenta — esclareci, e mais gargalhadas ressoaram.

— *Mermã*, a verdade é que *nós tudo temos* problema, até Letícia. A gente é tudo farinha do mesmo saco, não salva um. — Luís riu.

— Posso saber por que você tá conversando com ela sem ter sido chamado na conversa, Luisão? —

Ana ergueu uma sobrancelha, provocando mais risadas.

— Vai, Luísa! Abre mais essa bocona sua de chupar rola, arrombada! — Lipe gargalhou.

— Felipe! Olha o palavreado na frente da visita, menino! — Tia Suze ralhou. — Duda — sorriu com ternura, abrandando a voz —, você está mais que convidada a ficar e tomar café com a gente.

— Ah, não, obrigada, já estou de saída — ela respondeu, provavelmente louca para fugir do nosso manicômio particular. — Sobre o incidente, eu gostaria de esclarecer que não fiz por mal. Abracei Matheus no impulso. Fiquei feliz demais quando o reconheci, porque a presença dele só podia significar que os dois estavam juntos. Souf dizia que não, mas eu sempre soube que ela gostava dele, assim como eu gostava de Igor. — Fez uma pausa curta e, meio sem graça, colocou um cacho detrás da orelha. — Será que você poderia me passar o telefone dela? Eu gostaria de ligar depois, para explicar tudo.

Depois que tia Suze deu o número, ela se despediu e foi embora. Em seguida, Marina comunicou que também iria.

Um escarcéu se formou. Minhas tias se manifestaram ao mesmo tempo, pedindo para ela ficar. Tia Liv insistiu tanto que a coitada não teve como negar.

Fiquei de olho em Lipe, que não abriu a boca para tentar convencê-la, mas não conteve uma expressão extremamente satisfeita ao saber que ela ficaria.

Após o café da manhã, Isa disse que precisava conversar comigo. Papai me levou no colo até o quarto. Então, nos deixou sozinhas.

— O que você tá fazendo? — perguntei, quando ela se levantou, assim que ele saiu.

Em resposta, Isa pregou o indicador nos lábios e se abaixou, posicionando o olho na fechadura. Esperou um pouco. Cuidadosamente, girou a maçaneta, puxou e colocou a cabeça do lado de fora. Ato seguido, fechou a porta e passou a chave.

— Estava verificando se tio Tito tinha mesmo ido embora — explicou, sentando-se na minha cama, onde meu pé machucado repousava.

Tinha torcido o tornozelo na manhã anterior, durante um jogo de handball. Estava correndo pela quadra e, de repente, o vi, sentado nas arquibancadas.

— Papai confia em nós duas — falei, afastando a lembrança.

— Tadinho de tio Tito... — Os lábios de Isa se curvaram em um sorrisinho malicioso. — Não faz ideia do que a filhinha dele anda aprontando...

Estava prestes a iniciar minha defesa, alegando que não aprontei nada — ainda —, quando ela completou, com ar de mistério:

— Ou do que eu ando aprontando.

Arregalei os olhos, em êxtase.

— Pelo amor de Deus, me conta! — implorei, a curiosidade impulsionando meu corpo, afastando minhas costas dos travesseiros que papai posicionara.

— Adivinha com quem eu dormi essa noite. — Sorriu, enrolando uma mecha preto-azulada nos dedos.

Imediatamente, comecei a pensar em todas as possibilidades. Teo, por motivos óbvios, estava descartado. Luisão, idem. Matheus, também. Só sobrava...

— Ai, meu Deus! Lipe? — Levei as mãos à boca.

— Claro que não! Ficou louca? Já cansei de falar que vejo Lipe da mesma maneira que vejo o Bruxo. Ou seja... — Isa fez uma careta.

— Eu sei, mas... — Franzi o cenho, tentando me lembrar se, na noite anterior, havia outro cara jovem na fazenda. — Não tinha mais ninguém aqui ontem... — De repente, minha ficha caiu. — Além de Zach! — berrei. — Você dormiu com Zach? — Minha voz se transformou num sussurro.

Ela suspirou.

— Você tá apaixonada por ele? — Estatelei os olhos.

Isa revirou os dela.



— Claro que não! Pelo amor de Deus, Letícia!

— Você suspirou, Isa! — acusei.

— Só porque foi maravilhoso... — Outro suspiro.

— Sério? Achei que Luma tinha trocado o gringo por Teo porque o ex não manjava muito bem dos paranauês.

— Ai, ai... — Isa deu uma risadinha. — Acredite, ele manja dos paranauês. *Very well, by the way.*

— Eu tô chocada... — falei, rindo. — Não acredito que, depois de tudo, ele se deu bem ontem à noite! Então foi por isso que o safado foi embora todo felizinho hoje de manhã!

— Ele não estava todo felizinho — ela discordou.

— Ele tentou disfarçar, mas deu pra perceber que estava, sim, Isa. Até achei estranho. Inclusive, fico aliviada em saber que Zach vai voltar pra Inglaterra. Porque, se vocês se apaixonassem, o caos se instalaria nesta casa.

— Por quê? Por causa de Luma? Não que eu vá me apaixonar por ele, óbvio. Tô perguntando no caso de ela descobrir que eu transei com o ex-noivo dela. Você acha que ela ficaria chateada? Sinceramente, eu acho que não. Quero dizer, um pouco, talvez. Mas não com razão. Ela o traiu. E desfez o compromisso, colocando Zach de volta no mercado. Pouco importa quem aproveitou a oportunidade para removê-lo por uns minutinhos da prateleira.

— Por uns minutinhos, né? — Estreitei os olhos.

— Já usei e já recoloquei o britânico na mesma prateleira que eu achei — assegurei.

— Sei... — Dei uma risada. — De todo jeito, Luma seria o de menos. O problema seria Teo. Como você acha que ele reagiria se virasse cunhado do cara que costumava transar com a mulher da vida dele? Ainda bem que Zach vai embora, porque não quero nem imaginar o que seria das nossas reuniões familiares se você se envolvesse seriamente com ele.

— Primeiro, não tenho intenção alguma de me envolver seriamente com Zach. Mas, se eu quiser, eu me envolvo. O Bruxo pode ir cagar. Ele não tem que dar pitaco no que eu faço. A vida é minha, transo com quem eu quiser. Segundo, Zach não vai voltar para Londres. Vai ficar um tempo no Brasil, motivo pelo qual aceitei a proposta de ensiná-lo a falar Português.

— Ai, meu Deus... Já vi tudo. Você vai se apaixonar por ele, Isa — profetizei, sem conseguir mascarar a preocupação.

Quero que ela encontre o príncipe encantado, mas não quero que meu primo se transforme no grande vilão da história!

— Relaxa, Tíci. O que aconteceu entre a gente foi coisa de uma noite só. *One-night stand*, como ele diria. Na verdade, só dormi com Zach para recompensá-lo pelo que Teo e Luma fizeram, uma verdadeira covardia, se me permite expressar a minha opinião. Fiquei com dó dele, tadinho... E resolvi oferecer um pouco de consolo.

Dei uma gargalhada.

— Você é terrível, Isa.

— Eu? — Ela levou uma mão dissimulada ao peito. — Sou uma alma caridosa, que zela pela reputação desta família, nada mais. Agora, chega de falar de mim. Como anda seu rolo com aquele cara?

— Que cara? — Cocei o nariz, me fazendo de besta.

Isa era minha maior confidente, mas eu já tinha me arrependido de ter contado pra ela que eu meio que estava apaixonada.

— Você fez o que eu te falei? — Minha prima ignorou a tentativa pífia de me esquivar.

— Não tive coragem — confessei.

— Mas eu só disse pra você se aproximar e puxar assunto, Letícia!

— Você acha que é fácil? Ele é lindo demais. E inteligente demais. Não consigo!

— Você também é linda, Tíci. E inteligente.

— Mas tem muitas meninas lindas e inteligentes a fim dele — ponderei.

— Mas aposto que você é a única ruiva! — ela contra-argumentou.

— Ele deve preferir as loiras. Não tenho chance, Isa. Acho que vou desistir. É até bom, porque, se desse certo, papai jamais aprovaria.

— Acho que tio Tito ficaria meio surtado no início, mas acabaria se acostumando.

Fiz uma expressão pouco convencida.

— Nem adianta fazer essa cara. Não vou deixar você desistir, Tíci.

— Sou muito travada. Não tem jeito, Isa, não consigo chegar num cara. Patético, eu sei. Mas fazer o quê? Eu sou assim. — Dei de ombros.

— Você não tem coragem de falar com ele, mas tá sempre por perto, né? O cara só precisa te notar. Tenho certeza de que isso vai bastar para que ele se aproxime.

— Sempre que dá, tô por perto. Não te contei da palestra? — perguntei.

— Que palestra? — Ela se animou, e eu comecei a contar.

## TALES

Eu estava detrás do púlpito, prestes a cumprimentar os acadêmicos e autoridades presentes, quando a vi, sentada na primeira fila.

Meu coração golpeou as costelas e, de repente, toda a minha autoconfiança foi embora. Minha inata habilidade para falar em público bateu em retirada, me deixando sozinho, desnorteado e gago, diante de um auditório lotado, composto por uma plateia circunspecta.

Desviei os olhos do par de íris castanhas e mirei as últimas fileiras, tentando me convencer de que ela não estava ali.

*Você consegue, Tales. Isso. É só fingir que ela não está te observando, atenta a cada sílaba gaguejada que você porventura proferir.*

Podia sentir o suor porejando em minhas palmas, o nervosismo avolumando-se em meu estômago.

*Pelo amor de Deus, recomponha-se, homem! Ela é só uma garota, e está esperando você começar. Todo mundo está esperando você começar.*

Inspirei e exalei o ar, preparando-me para dar início aos cumprimentos.

As palavras brotaram em minha garganta, e eu senti o ímpeto de olhar para baixo.

*Não olha pra ela. Se fizer isso de novo, você não vai conseguir ir adiante. Vai sair correndo, feito um moleque envergonhado, coisa que você deixou de ser há muito tempo. Vai, começa.*

Posicionei o microfone, engolindo em seco. Com os olhos distantes da primeira fila, iniciei:

— Na pessoa do presidente da mesa de honra, cumprimento os demais colegas, com os quais tenho o privilégio de compor esta douta mesa. Senhoras e senhores, boa noite.

Eu gostaria de dizer que discurssei brilhantemente, que não me perdi em nenhum momento e que aquela foi a melhor palestra da minha vida.

Mas a verdade é que não resisti ao impulso. Cometi o vacilo de baixar os olhos uma vez. Perdi completamente o fio da meada. Paguei um puta mico e, quando consegui retomar o assunto, não levei nem trinta segundos para baixar o olhar de novo.

Ela tinha começado a trançar o cabelo. Do nada. Puxou os fios alaranjados sobre o ombro e começou a entrecruzar as mechas. Só podia ser de propósito, para me tirar do eixo. O rosto delicado e as feições angelicais eram uma fachada para a mente diabólica que se ocultava sob a cabeleira ruiva.

Juro que tentei. Tentei ignorar a lentidão dos movimentos dos dedos delgados, tentei não pensar na textura daquele cabelo, tentei não imaginar o cheiro que as belas madeixas teriam.

Fiz de tudo para continuar focado no discurso. Mas minha mente ia longe, me levando para lugares proibidos ao mesmo tempo em que minha boca expulsava as palavras decoradas.

Ao lado do auditório havia um salão ornamentado, para onde as pessoas se dirigiram após a palestra, a fim de participarem do coquetel que sucederia o seminário.

Qual seria a atitude mais sensata? Isso, voltar para casa e preparar tudo para o domingo seguinte.

O que eu fiz? Exatamente. Fiquei perambulando entre os presentes, jogando conversa fora com alguns colegas de trabalho enquanto meus olhos procuravam por ela.

Encontrei-a em um círculo de acadêmicos, bebericando um drinque. Seus olhos assustados fugiram no instante em que colidiram com os meus.

Provavelmente, ela já tinha percebido que eu não conseguia parar de encará-la e estava com medo do psicopata que eu havia me tornado.

Estava obcecado. Definitivamente, desenvolvi uma espécie de obsessão pela garota ruiva. Já tinha passado da idade de nutrir paixões platônicas, mas estava meio que apaixonado por ela. Pela beleza dela, na verdade. Não sabia nem como se chamava. Nunca nem tinha ouvido sua voz. Mas não conseguia parar de pensar nela.

Era o cabelo. Finalmente compreendi o pessoal da inquisição, que queimava mulheres ruivas sob o pretexto de que eram bruxas. Eram mesmo. Eu tinha sido enfeitado por uma.

Depois daquele coquetel, prometi a mim mesmo que sossearia o facho. Precisava parar, deixar de ser ridículo. Estava realmente disposto a deixá-la em paz, a fim de ficar em paz comigo mesmo, mas, aparentemente, o destino tinha outros planos.

A universidade estava participando de um torneio, no qual os acadêmicos competiam, em diversas modalidades esportivas, com acadêmicos de outras instituições da cidade.

Na sexta-feira, quando topei assistir ao jogo de handball, não fazia ideia de que ela estava jogando. Apenas cedi à insistência de Maurício — cuja namorada é professora de Educação Física e treinadora do time —, já que meu amigo não queria ficar nas arquibancadas sozinho, “no meio da molecada”.

Quando a feitiçeira ruiva caiu durante o jogo, tentei alcançá-la, mas não cheguei a tempo. No momento em que pisei na quadra, ela já estava rodeada pela equipe do centro médico da universidade.

Foi levada rapidamente à clínica. Não pude fazer nada além de me informar após o atendimento, que apontou uma entorse no tornozelo esquerdo. Felizmente, sem ruptura de ligamentos, só algumas microlesões, de acordo com o ortopedista.

Fui para casa preocupado, o que não fazia sentido algum, porque, primeiro, ela estava bem e, segundo, eu nem conhecia o caralho da menina!

— É só chegar nela, ué. Você é bonitão, cara. Não tô entendendo qual é a dificuldade. — Foi o que Maurício disse, no sábado, quando eu contei essa porra toda, durante uma rodada de chope.

Não tive escolha. Ou dividia meu tormento com alguém ou enlouqueceria de vez.

— Não tá entendendo porque é uma anta! — falei, nervoso. — Ela deve ter uns dezoito anos, Maurício. Eu tenho trinta e cinco. Trinta e cinco!

— E daí? Vai que ela curte um *daddy*? — Ele riu.

— Exatamente! Tenho idade pra ser pai dela! Meu Deus do céu — levei as mãos à testa —, quando ela tiver trinta e cinco, vou ser um ancião de cinquenta e tantos!

Maurício caiu na risada.

— Você é dramático demais, Tales. Deixa de ser otário e chega nela. Não precisa casar com a menina, mané. É só dar uns pegas e pronto, liberar pra garotada.

— Não é assim tão simples. Ela é acadêmica, e eu sou professor — observei.

— Você nem é professor dela. — Ele deu de ombros, levando o copo à boca.

— É, mas, provavelmente, vou ser. Não sei em que período ela está, mas presumo...

Maurício estalou a língua, me interrompendo.

— Tanto faz, porra. Você só vai dar uns pegadas mesmo. E outra, o que mais rola é professor pegando aluna, cara. Dá nada, não. Eu mesmo já peguei algumas, antes de conhecer Ludmila.

— Não sei, não, Maurício... Vai que eu transo com ela e me apaixono?

Ele teve uma crise de riso.

— Tá séria a coisa, hein?

— Ela é linda, cara. De um jeito que ninguém mais é. Se ela for divertida e boa de cama, eu tô perdido.

— Fica tranquilo. Se você acabar se casando com ela, Viagra tá aí, pra te ajudar a dar conta da novinha na velhice. — Gargalhou.

— Vai tomar no cu, Maurício — rosnei. — Não vou me casar com ela, desgraçado. Não vou nem chegar perto dela. Não posso correr o risco.

— Você vai perder a chance de foder uma xota ruiva? — Ele ergueu as sobrancelhas. — Vai deixar pra mim, cara? Porra, valeu! Eu sempre quis comer uma ruivinha, não acredito que chegou minha hora!

— Eu te mato, filho da puta! — berrei, dando um pulo da cadeira.

— Ih, relaxa, parceiro. — Ele ergueu as duas mãos, rindo. — Eu tô te zoando. Você tá careca de saber que Lud é a detentora do meu coração e da minha pica. Falando nisso, aí, ó... Minha bebezinha já tá ligando. — Apontou o celular, que vibrava em cima da mesa. — Oi, bebezinha linda! — falou, colocando o aparelho no ouvido.

Naquela noite, fui para casa pedindo a Deus para nunca me transformar em um cara tipo Maurício.

No domingo de manhã, deixei tudo pronto para mais tarde e fui almoçar na casa dos meus pais.

Voltei exausto, depois de um dia inteiro brincando com meus sobrinhos. Então, tomei banho e tirei um cochilo, enquanto não dava a hora de sair.

Fui para o aeroporto de madrugada, com bastante antecedência, mas minha precaução não adiantou porra nenhuma, porque o voo atrasou.

O avião só decolou às seis e quinze da manhã. Aterrissou às seis e quarenta cinco. Se saísse imediatamente, eu chegaria a tempo. Mas ainda precisava alugar um carro.

Não tinha nada ali. Nem um apartamento nem um automóvel. Enrolei e não providenciei nada, mesmo sabendo que, a partir daquele dia, moraria naquela cidade de segunda a quinta.

Era loucura continuar lecionando na minha cidade natal, que ficava a cerca de 400 km de distância do meu novo lar. Mas fiz questão de manter pelo menos minhas aulas da sexta-feira, porque não conseguia abandonar a ruiva. Viajaria toda quinta à noite, só pela possibilidade de vê-la no dia seguinte.

Saindo do aeroporto, direcionei-me até o estabelecimento de locação de veículos mais próximo.

— Obrigado pela compreensão — agradei, com o celular entre o rosto e o ombro enquanto segurava a mala e a mala com uma mão e abria a porta do carro recém-alugado com a outra.

Tinha acabado de informar à recepcionista que me atrasaria alguns minutos.

Por causa do trânsito conturbado, acabei me delongando mais do que previ. Se tem uma coisa que eu detesto é me atrasar. Planejei chegar cedo, mas, aparentemente, o universo tinha decidido me foder. Justo no meu primeiro dia na clínica nova.

Quando fui aprovado no concurso e me tornei um médico-militar, comecei a trabalhar em Arraial dos Anjos, e lá fiquei até ser transferido recentemente para a unidade de Príncipe Serrano, em razão da saída de um colega de profissão, que acabou de reformar.

Adentrei o estacionamento do meu novo local de trabalho, coloquei o carro na vaga e saí, apressado.

Ao entrar na clínica, cumprimentei os pacientes que aguardavam na sala de espera e fui até o balcão.

— Bom dia. — Decidi que não ia tentar justificar meu atraso. Pensariam que era migué meu. Achariam que, na verdade, dormi mais que a cama, o que não podia estar mais longe da verdade.

— Bom dia... — As duas moças sorriram.

— Sou o doutor... — comecei.

— Tales Marchiori Fontana — uma delas completou. — Seja bem-vindo, doutor Fontana. Permita-me conduzi-lo até o seu consultório. — Levantou-se.

— Eu posso fazer isso, Rose, não se preocupe. — A outra ofereceu, colocando-se de pé.

— Faça questão, Sílvia. Não se incomode. — Rose fechou a cara.

— Não é incômodo nenhum, Rose. Será um privilégio acompanhá-lo, doutor. Venha comigo. — Sílvia avançou em direção à saída do balcão.

— Eu vou levá-lo, Sílvia! Sai! — Rose deu um esbarrão na mulher e, rapidamente, fez o contorno. — Por aqui, capitão. — Indicou o caminho.

— Sua cretina! — a outra rosou. — Você me paga, Rosemeire!

Fiz o possível para manter a expressão séria enquanto seguia os passos de Rosemeire.

— Você é casado? — ela sussurrou.

— Não — respondi com franqueza.

A pergunta direta não me surpreendeu. Estou acostumado a ouvi-la umas setenta vezes por dia.

— Mas tem namorada, né? — sondou, fazendo a segunda pergunta que eu mais ouço nesta vida.

— Também não.

— Ai, meu Deus... — lamentou. — Então você é gay?

E aí está a terceira pergunta que meus ouvidos mais escutam; geralmente, logo após as duas primeiras.

— Na verdade, não.

— Jura? — Ela arregalou os olhos, me mostrando duas íris esperançosas. — É que médicos assim, tão bonitos, ou têm mulher ou são gays. Nunca são héteros solteiros!

— Não sabia que eu era uma exceção. Agora que já sei, você poderia, por favor, me mostrar o meu consultório? Os pacientes estão aguardando. — Usei um tom firme, mas polido.

Você não é ruiva, mulher. Não tem nenhuma chance comigo.

— Claro, doutor. — Adotando uma postura mais profissional, ela fez o que eu pedi.

Assim que fiquei sozinho na minha sala nova, acomodei-me na poltrona, acessei o sistema e me deparei com a lista de pessoas que tinham agendado uma consulta para aquela manhã.

Estava prestes a chamar a primeira quando me dei conta de que, na pressa, tinha esquecido a maleta no porta-malas do carro.

O consultório tinha seus próprios aparelhos, como esfigmomanômetros e estetoscópios, mas gosto de usar minhas coisas. Por isso, saí da sala e voltei correndo para o estacionamento.

Ao cruzar a porta que dividia a clínica dos carros estacionados, fui atingido em cheio.

— Desculpa! — a mulher pediu, após o choque.

— Sou eu quem pede desculpas! Machucou? — sondei, segurando seus braços para examinar seu corpo.

Porra, que peitos...

— Não, estou ótima — assegurou.

Então, eu me afastei, a fim de observá-la por inteiro.

Era uma loira alta e muito bonita, que devia ter mais ou menos a minha idade. E também tinha a minha profissão. E a minha patente.

Talvez, nosso encontro fosse um sinal divino. Um sinal de que eu devia esquecer a garota ruiva e continuar me envolvendo apenas com mulheres de idade compatível, como minha nova colega de trabalho, por exemplo.

— Capitã Theloni, muito prazer. Sou pediatra. — Ela estendeu a mão, e seus lábios cheios se curvaram em um belo sorriso. — Você deve ser o cardiologista transferido, certo?

— Certo. Sou o capitão... — Fui interrompido por um baque súbito.

Alguém tinha acabado de bater a porta de um carro.

Um homem pontilhou o mar de veículos e começou a caminhar em nossa direção, a expressão severa

direcionada a mim.

A pele ao redor de um dos olhos estava arroxeadada, o que indicava que o hematoma era recente. Devia ter levado um bom soco há uns quatro ou cinco dias.

Era major, notei pelas divisas. Prestei continência quando ele se aproximou, e a capitã Theloni fez o mesmo.

— Bom dia, Renato — cumprimentou em seguida, com familiaridade. — Como está o seu olho?

— Ótimo — ele respondeu, com certa arrogância. — Já tá à procura de outro trouxa, Sofia? Cuidado, capitão. Semana passada, ela fez um pobre coitado chorar. O cara ficou tão desolado pelo pé na bunda que se viu no direito de me agredir, só porque Sofia e eu temos um passado. — Colocou um braço sobre os ombros dela.

— Não encosta em mim! — Fazendo uma careta, ela empurrou o braço do sujeito. — Pro seu governo, Renato, Matheus e eu estamos noivos. — Com um sorrisinho triunfante estampado no rosto angelical, ela mostrou a mão direita, adornada por um anel que parecia ter custado os olhos da cara de algum tolo apaixonado. Sob a luz do sol matinal, o trio de pedras cintilava, quase cegando o major.

Agora, eu te pergunto: onde eu estava com a cabeça para achar que um mulherão daqueles estava disponível? Tô careca de saber que a teoria também se aplica às médicas gostosas. É praticamente impossível encontrar uma que não ostente um belo anel ou uma chamativa aliança no dedo.

— Bem, se me dá licença, preciso trabalhar. — Ela recolheu a mão e virou-se para mim. — Foi um prazer conhecê-lo, capitão. Seja muito bem-vindo. — Estendeu a mão novamente.

— O prazer foi meu. — Apertei sua palma macia. — A propósito, sou o capitão Fontana.

Ela sorriu e começou a se afastar.

O tal do Renato ficou lá, parado, visivelmente destruído.

Como eu estava atrasado, resolvi seguir adiante.

— Com licença, major.

Com um leve meneio de cabeça, ele assentiu.

Fui até o carro, peguei a maleta e, quando retornei, o sujeito já havia desaparecido.

O primeiro dia na clínica foi um dia como qualquer outro. Atendi pacientes da ativa e da reserva e vários segurados, dependentes de militares. Pedi e analisei o resultado de diversos exames, principalmente de eletrocardiogramas.

No horário de almoço, fui para o refeitório. Tinha acabado de ocupar uma mesa quando a capitã Theloni se aproximou.

— Posso me sentar com o senhor, capitão?

Fiquei meio atordoado. O que ela queria? Fazer amizade comigo? Aproveitar minha presença para, na ausência do noivo, fazer ciúme no ex?

Eu queria distância daquela mulher. Gosto dos meus dois olhos sem hematomas. E gosto dos meus punhos intactos. Não estava nem um pouco a fim de levar nem de desferir socos.

— Fique à vontade, capitã. — Mirando suas belíssimas feições, abri meu melhor sorriso.

Gosto tanto dos meus olhos que pensei melhor. Não faria mal presenteá-los com um pouco de colírio, certo?

— Você é casado? — Dessa vez, a pergunta me pegou completamente desprevenido. — Ufa, ainda bem que não! — ela comemorou, com os olhos fixos na minha mão esquerda. — Tem namorada? Por favor, me diz que não!

O que estava acontecendo? Ela mentira para o ex a respeito do noivo? Estava solteira, era isso? E dando em cima de mim assim, descaradamente?

— Calma, eu não tô dando em cima de você! — Provavelmente, minha expressão alarmada tinha revelado meus pensamentos. — Pelo amor de Deus, se fosse o caso, eu seria mais sutil que isso! — Deu uma risada. — Como eu disse, tenho um noivo. E ele é tão lindo e maravilhoso quanto um príncipe! Sou

completamente apaixonada por ele...

“Filho da puta sortudo”, pensei, enquanto ela soltava um longo suspiro, aparentemente arrebatada para outro lugar.

Levou vários segundos para perceber que ainda estava ali, sentada diante de mim, no refeitório da clínica.

— Tô querendo saber se você tá na pista porque conheço uma pessoa que daria certinho com você! E aí, você tá solteiro? — Seus olhos azuis arregalaram-se, cheios de expectativa.

— Estou... — respondi, receoso.

— Ótimo! Mas, agora, vem a pergunta decisiva. Essa pessoa é uma mulher. Você estaria interessado?

Não contive uma gargalhada.

— Se você quer saber se eu sou gay, a resposta é não. Sou só uma aberração mesmo. Ou seja, um médico heterossexual solteiro.

Ela riu.

— Desculpa chegar assim, na lata, mas sabe como é, né... Médico bonito e solteiro não dá pra marcar boqueira. A gente pisca e pam! — Ela fez um som, chocando os dedos na palma aberta. — Não tá mais solteiro.

De onde as pessoas tiram isso? Sou médico há anos e sempre fui solteiro!

— Enfim... — ela prosseguiu. — Essa pessoa mora em Arraial dos Anjos, mas dou um jeitinho de arrastá-la para cá no próximo fim de semana, se você estiver disponível.

— Acho que não será preciso. Sou de Arraial. Ainda leciono lá. Viajo toda quinta à noite — informei.

— Ai, meu Deus, é o destino! — ela bradou, alto demais.

Várias cabeças se viraram em nossa direção, inclusive a do major, que nos observava a algumas mesas de distância, com um estranho sorrisinho na cara.

— Não acredito que achei o príncipe da minha prima! — Sofia diminuiu o tom, mas continuou efusiva.

Fiquei interessado. Se era prima dela, havia uma grande chance de ser tão bonita quanto.

— Tenho certeza de que você vai gostar dela. Ela é linda. Tipo, linda mesmo. Parece uma modelo. Juro que não tô exagerando! E não é só isso. É inteligentíssima. E divertida!

— Quantos anos ela tem? — perguntei, para ter certeza de que não estava caindo na mesma cilada na qual estava metido.

— Vinte e sete! E o melhor de tudo: também é médica! Está fazendo residência em cirurgia plástica. Você vai amar Isa! Ela é maravilhosa!

Eu estava certo. A capitã Theloni era um sinal. O universo estava providenciando a minha cura. Essa Isa, a qual eu seria apresentado, era o meu antídoto contra a minha obsessão pela garota ruiva.

Talvez, eu estivesse prestes a conhecer a mulher da minha vida.

## ISA

— Quê? — perguntei, atônita, pousando o copo de café sobre a mesa.

— Um encontro às escuras! Que nem nos filmes, Isa! — A voz de Sofia saiu do celular pressionado contra a minha orelha. — Ele é meu novo colega de trabalho. Tô sentindo que encontrei seu príncipe encantado! Sério!

— Souf, só porque você reencontrou o seu, não quer dizer que achou o meu — observei, cética. — Falando nisso, como está sua nova vida perfeita?

— Não tão perfeita assim. — Ela soltou um suspiro.

— Por quê? O que aconteceu? — indaguei, preocupada.

— Que foi? — Lipe, que estava sentado à minha frente, quis saber.

Era sábado de manhã, e estávamos no Malena, durante o intervalo da residência.

— Agora já está tudo bem, mas tive uma briguinha com Matheus esta semana. E por sua culpa! — Sofia berrou no meu ouvido.

— É só drama — sussurrei para Felipe, que voltou a encarar o balcão.

Se eu o acusasse de estar procurando por Marina, ele negaria até a morte. Mas era exatamente o que estava fazendo. O fato de ela não ter demonstrado interesse em transar com ele de novo — nem na fazenda nem na semana seguinte — estava acabando com o ego bastante ferido de meu primo. Eu já estava cansada de ouvi-lo dizer, o tempo inteiro, que não ia dar o braço a torcer. “Não preciso disso, Isa. Mulher querendo dar pra mim é o que não falta. Se ela acha que eu vou ficar correndo atrás, tá muito enganada. Não tô nem aí pra Marina, ela que se foda!”.

Coitado, mal sabe que já está apaixonado. Vou estar no camarote, pronta para gargalhar quando ele se der conta disso.

É uma boa técnica, a de não liberar pro cara. Mas, particularmente, acho que prefiro a estratégia de dar bastante, até ele descobrir que não consegue viver sem mim. Não que eu tenha a intenção de aplicar isso num futuro próximo, óbvio.

— Minha culpa? — questionei, incrédula.

— Exatamente! Eu estava conversando com seu príncipe no refeitório da clínica, combinando o encontro de vocês. Renato estava por perto, tirou várias fotos e enviou pra Matheus, acredita? E, ainda por cima, inventou um monte de absurdos, como, por exemplo, que me viu beijando o cara no estacionamento!

— Vindo daquele pedaço de merda, não me surpreendo com nada. Mas e aí, Matheus não acreditou, né?

— Não, mas ficou puto, todo enciumadinho por causa das fotos. O pior é que nem tive como ficar muito nervosa com ele, porque, pelas imagens, eu parecia muito entusiasmada por estar conversando com o capitão. Mas eu tinha meus motivos! Adivinha! Descobri que ele é de Arraial! Já está aí, inclusive. Marquei o encontro para hoje à noite.

— Hoje à noite? — grasnei. — E você me avisa assim, em cima da hora?

— Estive ocupadíssima a semana inteira, planejando umas coisinhas e organizando minha vida. Desculpa, acabei me esquecendo de ligar com antecedência.

— Lamento, mas não posso, Sofia. Tenho compromisso no final da tarde e não sei que hora estarei livre.

— Que compromisso? Alguma cirurgia?

— Não. Aula. — Com Zach, mas ela não precisava saber disso, não é mesmo?

Marcamos nossa primeira aula para aquele sábado, uma semana depois daquela madrugada maravilhosa. Não que eu tivesse a intenção de transar com ele de novo, claro.

Mentira, eu tinha, sim! Óbvio! Já tinha até preparado meu traje de professorinha ingênua, que consistia em: uma saia cor-de-rosa bem rodadinha, uma camisa branca, sapato de boneca e um par falso de óculos de grau, de armação lilás, que eu ia fingir que usava para leitura. No cabelo, eu faria um rabo-de-cavalo.

— Aula? A gente não tem aula hoje à tarde — Lipe falou de repente.

Levei o indicador aos lábios, fuzilando-o e ordenando que ele calasse a boca.

Meu primo estreitou os olhos, desconfiado. Desviei os meus, ignorando suas suspeitas.

— Não quero nem saber! Dei seu endereço pra ele. Esteja pronta às oito! — Sofia declarou.

— Souf, de verdade, não sei se vai dar... — Continuei me esquivando.

— Isa, ele é lindo! Sério, você não faz ideia do quanto!

— Como é que é, Sofia? — Ouvi uma conhecida voz masculina do outro lado da linha, e não contive uma gargalhada.



— É mentira minha, paixão! Eu tô só tentando convencê-la! — justificou, com uma vozinha amorosa.

— Se for o cara das fotos, é mais feio que encoxar a mãe no tanque, Isa. — Provavelmente, ele se aproximou dela, porque a voz ficou mais nítida.

Gargalhei ainda mais alto.

— Matheus, sai daqui! Vai tomar banho logo, palhaço, que a gente tá de saída! — Souf recriminou. — Pronto, ele já foi. Sobre o capitão, é verdade o que eu falei, viu? — sussurrou.

— Eu não sou surdo, Sofia! — O berro do Chatão atingiu meus ouvidos.

Nós duas gargalhamos.

— Enfim.. Você tem que ir, Isa. Eu falei maravilhas a seu respeito. E outra! Tentando cavar sua felicidade, acabei me estrepando com Matheus! Você me deve essa!

— É que eu realmente não sei se... — comecei, ainda tentando me safar.

— E se ele for mesmo seu príncipe encantado? — ela interrompeu. — Olha a chance que você tá deixando escapar! Você precisa sair, conhecer pessoas! Sua vida não pode se resumir a essa residência! Vai, aceita logo, que eu preciso correr, pra tomar banho com Matheus.

— Pra onde vocês estão indo? — desconversei, enquanto tentava bolar uma desculpa melhor.

— Hoje é aniversário dele. Preparei várias comemorações, surpresas e presentes — ela cochichou. — Meus favoritos são a aliança que eu comprei, supergrossa, que eu vou obrigá-lo a nunca mais tirar do dedo, e um anelzinho muito especial, que eu vou dar pra ele hoje à noite, se é que você me entende.

Dei uma risada alta.

— Ai, meu Deus! Sério? Você não devia deixar isso pra noite de núpcias?

Lipe fechou a cara imediatamente, dando-se conta do teor da conversa. Então, levantou-se e começou a caminhar em direção ao balcão.

— Ele é um noivo tão maravilhoso que merece esse adiantamento! — ela exclamou, exultante.

— Vocês estão no seu apartamento ou no dele? — perguntei, rendendo o assunto na tentativa de ganhar tempo para pensar em uma saída.

— No meu. Dormi algumas noites no dele, mas não deu certo. O safado já comeu todas as vizinhas bonitas! Não aguentei ficar lá, cruzando caminho com aquela Débora e com a peituda do 101. E ontem ele quase saiu no soco com aquele vizinho meu, o ruim de cama, lembra?

— O que você comentou que era quase tão alto quanto o Jared Padalecki? — investiguei.

— O próprio. Enfim.. A gente decidiu se mudar para um apartamento novo, em outro prédio. Vamos começar nossa mudança amanhã. E adivinha quem comprou o antigo apartamento de Matheus? Isso mesmo, seu príncipe!

De onde ela tirou que esse cara é meu príncipe? O pior é que não posso nem contar que meu nível subiu. Agora, só quero saber de príncipes da realeza britânica.

— Isa, preciso desligar! Ele vai te pegar às oito! Boa sorte! — ela disse de supetão e desligou na minha cara, sem me dar a chance de retrucar.

Dei uma olhada no visor do telefone e percebi que estava na hora de voltar para o hospital.

Subi os olhos, à procura de Lipe, e encontrei o sem-vergonha na bancada, de papinho com uma barista.

Marina atravessava a portinhola, abandonando o balcão. Estava visivelmente puta. Mas, ao me ver, abriu um largo sorriso, disfarçando a expressão furiosa.

— Oi, Isa, tudo bem? — cumprimentou, quando alcançou minha mesa.

— Tudo ótimo, Mari, e você? — Fiz o possível para não rir.

— Maravilhosamente bem! — mentiu.

Foi quando eu tive uma ideia genial!

— O quê? Um encontro? Hoje à noite? Com um médico? Que maravilha, Marina! — Usei uma entonação alta, repleta de euforia.

Ela franziu o cenho, sem entender. Lipe quase caiu da banquetta. Veio correndo.

— Boa sorte no seu encontro, Mari. Lipe, tá na hora de a gente voltar pro hospital. — Enfiei a mão no braço dele e comecei a puxá-lo.

— Como é que é? Você vai se encontrar com algum filho da puta? — Como esperado, ele ignorou meu puxão, mordendo a isca.

Ela não disse nada. Abriu um sorrisinho e saiu andando.

— Marina, espera. — Ele foi atrás.

— Lipe, você vai se atrasar pra cirurgia! — avisei, saindo do Café.

Enquanto venciam a distância até o hospital, comecei a maturar minha própria ideia genial, que, de repente, ficou ainda mais genial! Tudo o que eu precisava era arranjar uma substituta pro encontro! Alguém para se passar por mim!

Esse era o momento em que ter uma irmã gêmea viria a calhar. Mas, por motivos óbvios, Ana não podia ser minha usurpadora. Nem Marina. Nem Luma. Só sobrava Letícia, mas eu tinha certeza de que ela não toparia. Além disso, se Souf tinha falado de mim pro cara, ele devia estar esperando encontrar uma mulher mais velha, não alguém tão novinha quanto Tíci.

O jeito era ir. Nem sei por que o fato me deixava tão desanimada. O homem é médico, além de capitão. E lindo, segundo Sofia. Basta dar uma manjada em Matheus para confirmar que ela tem muito bom-gosto.

Eu só precisava ensinar umas palavrinhas em Português para Zach, dar uma transadinha de leve com ele e voltar para casa a tempo de me arrumar pro encontro.

Talvez, eu estivesse prestes a conhecer o homem da minha vida.



## VOCÊ ME BAGUNÇA

“(...) e tumultua tudo em mim”.  
*Você Me Bagunça* — O Teatro Mágico

### ISA

Eu estava impressionada com a beleza daquele homem.

Ali, parada no meio sala, observando-o caminhar em minha direção, era como se eu estivesse vendo Zach pela primeira vez.

— *Thank you, John.* — Agradeceu, dirigindo-se ao senhor que tinha acabado de me receber.

O sujeito com cara de mordomo de filme estrangeiro fez uma ligeira mesura.

— *Excuse me, Sir* — proferiu em tom solene. — *Madam.* — Virou-se para mim e começou a se retirar.

Enquanto John se afastava, Zach me examinava, em silêncio.

Decidi, por precaução, que não usaria meu traje de professorinha. Caso eu demorasse muito e não desse tempo de me arrumar para o encontro posterior, poderia ir do jeito que estava: usando uma saia mídi de tule azul pálido e um *cropped* branco de manguinhas. Nós pés, sandálias delicadas, da mesma cor da blusa. No ombro, uma bolsinha combinando. No cabelo, uma tiara de pérolas.

— Você é uma princesa? — O sotaque britânico ressoou no cômodo requintado.

— Você é um príncipe? — devolvi, em inglês, mirando sua vestimenta impecável.

Zach vestia calça cinza e camisa social, cujo tecido alvo contrastava com a pele bronzeada dos antebraços, visíveis em razão das mangas esgarçadas até os cotovelos.

O cabelo úmido estava penteado, os fios lisos formando um topete lateral. Um belo sorriso coroava a barba cheia e curta. Estava lindo feito um príncipe, realmente. E aquela casa, tão majestosa quanto um palácio, combinava à perfeição com a aura real que ele emanava.

— Se a princesa for você, eu sou o príncipe mais afortunado que já pisou neste reino. — Aproximou-se e tomou minha mão, os lábios quentes pincelando o dorso.

Suas palavras e modos galantes eram propositalmente zombeteiros. Mesmo assim, meu coração romanesco deu uma leve mexidinha.

Sua boca desertou, e ele ergueu o torso, endereçando-me um sorriso travesso.

— Não sou dada a rubores nem me impressiono com lisonjarias. Quiçá com triviais atos de cavalheirismo, Alteza. Rogo que reserve seus encômios a princesas mais impressionáveis — brinqueei, caprichando no linguajar provinciano, que absorvi dos romances de época que já li, tanto em inglês quanto em minha língua materna.

Zach riu. Deu um pequeno passo e segurou meu rosto.

— Acho que acabei de me apaixonar por você, princesa.

— Já chega dessa brincadeira. — Baguncei seu cabelo, na tentativa de torná-lo menos principesco.

Os cantos de sua boca me mostraram um sorriso obscuro, que fez um combo perfeito com a aparência selvagem dos fios recém-desarrumados.

— Então vamos brincar de outra coisa. — Ele segurou minha mão e começou a me puxar no instante em que um morador canino adentrou a sala.

Era um animal gigantesco, de pelagem bege e focinho preto. Quando me viu, avançou. Arregalei os olhos, certa de que seria atacada.

— Merlin, não. Senta — Zach ordenou, e o cão obedeceu prontamente.

Ficou sentado, me encarando, a cabeçorra ligeiramente inclinada, o pelo claro reluzindo. Era um cachorro magnífico e igualmente assustador.

— Que raça é essa? — perguntei, e não ficaria surpresa se ele mencionasse uma raça bovina, porque Merlin tinha praticamente as proporções de um boi.

— É um *Old English Mastiff* — respondeu, rindo da minha expressão espantada. — Eu sei que ele parece uma fera, mas é um gigante do bem. Só ataca vilões. — Começou a fazer carinho no pescoço musculoso do cachorro. — Isa é uma princesa, Merlin. Seja gentil com ela, grandão.

Não bastava ser lindo, gostoso, bom de cama e britânico. Ele tinha que ser fofo. Pelo amor de Deus!

— Oi, Merlin — cumprimentei. — Eu sei que você é um mago muito poderoso, então, por favor, não faz a minha mão desaparecer dentro da sua boca, tá? — Devagar, fui esticando o braço, enquanto Zach ria.

Comecei adulando a cabecinha — que de “inha” não tinha nada —, e logo estava ajoelhada no tapete, abraçada ao cachorro.

— Ai, meu Deus, ele é tão fofo! Eu quero me casar com ele! — Apertei o bicho. — Me dá ele? Por favor, Zach, eu nunca te pedi nada!

— Esse putto tá tentando te roubar de mim. Larga ela, Merlin! — Ele fingiu indignação. — Lance, Gwen! Preciso de reforços! Lance, Gwen, aqui na sala!

Não demorou muito, e dois cachorrinhos minúsculos vieram correndo, feito foguetinhos. Eu não podia acreditar que ele tinha um casal de Yorkshires!

— Ai, que lindos! Ataque de fofura! — exclamei, quando começaram a pular em mim.

Peguei um deles no colo e fiquei de pé, alisando o peludinho.

— Que coisa mais linda, *modezo!* Olha esse nenenzinho *gracinhudo* da mamãe! — falei, em Português mesmo, com aquela vozinha retardada que a gente usa para falar com cãesinhos, gatinhos e bebês.

Então, fiquei esmagando o cachorrinho, emitindo meus ruídos de psicopata canina.

Zach deu uma gargalhada, e eu me dei conta de que aquela era a primeira vez que eu ouvia aquele som.

Grave e calorosa, a melodia estampou um sorriso em meu rosto. Parei de assassinar o pobre animal indefeso e fiquei contemplando seu dono.

— Que foi? — ele perguntou, parando de rir de repente.

— Qual é o nome dele? — desconversei, desviando os olhos para a bolinha de pelos que tinha nas mãos.

— Esse aí é o Lancelot. E esta aqui — abaixou-se e pegou a outra — é a Guinevere. — Abraçou a cachorrinha, que soltou um suspirinho de satisfação. — Ela me ama, e eu sou completamente apaixonado por ela, né, Gwen? — Beijou a carinha miúda.

É pecado sentir inveja de um animalzinho fofo? Se for, eu tô no inferno.

Tive vontade de jogar na cara de Zach que, em “O Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda”, Guinevere é apaixonada por Lancelot. Ou seja, a cachorrinha não estava nem aí pra ele. Só queria saber de Lance. Mas, como tenho noção do ridículo, me contive.

— Já chega dessa brincadeira. — Coloquei Lancelot no chão e tomei Guinevere de Zach.

— Você se cansa muito rápido das brincadeiras, Isa — ele observou, enquanto eu descia a cadelinha.

— Tem uma brincadeira da qual eu dificilmente me canso. — Ergui o corpo.

Encontrei seu sorriso malicioso, que casava perfeitamente com o meu.

— Minha piscina ficou pronta esta semana. Quer inaugurar comigo? — convidou, aproximando-se e acariciando meu rosto.

— Mas eu não trouxe biquíni — falei, na mais completa inocência juvenil.

Então, seus lábios se alargaram, transformando-se em um curvar deliciosamente pecaminoso.

— Nadar pelados? — Fisguei o lábio inferior. — Mas e os empregados?

— É só eu dispensar todos eles. — Refugiu os dedos em minha nuca, fixando os olhos nos meus. —

Você acreditaria se eu dissesse que senti sua falta? — perguntou, o polegar traçando linhas de fogo em minha garganta.

— Você não sentiu minha falta, sentiu falta do meu corpo — corrigi. — E eu senti falta do seu. —

Deslizando as mãos pelo peito largo, fiquei nas pontas dos pés e alcancei sua boca.

Seu braço envolveu minha cintura, enredando-me ao calor e à rigidez de seu tórax.

Lábios quentes devoraram os meus, a língua enovelando a minha, os dedos queimando meu pescoço.

De repente, Zach interrompeu o beijo. Então, sem aviso, me pegou no colo.

Não questionei. Em vez disso, ancorei as mãos em sua nuca e me embriaguei de seu aroma afrodisíaco enquanto suas pernas nos tiravam da sala.

Os cachorros ameaçaram nos acompanhar, mas bastou uma palavra de Zach para que desistissem da ideia.

Depois de algum tempo de caminhada, ele atravessou uma das portas amplas que davam acesso à área da piscina. Só percebi que estávamos ao ar livre porque uma lufada de ar fresco beijou meu rosto e atíçou meu cabelo.

Ergui a cabeça para apreciar os arredores.

Palmeiras compridas e plantas ornamentais enraizavam-se nas extensas faixas gramadas que circundavam o deck de pedras claras.

No alto, nuvens rosadas flutuavam, estendendo um manto algodoadado sobre uma límpida superfície azul-turquesa, de dimensões olímpicas.

Espreguiçadeiras descansavam sobre o piso, ladeando a piscina de bordas infinitas.

O deck sustentava um gazebo enorme, orlado por tecidos azulados e decorado em tons de branco e azul.

E foi lá, sobre um espaçoso sofá retangular, que Zach me deitou, inclinando-se sobre mim.

Distribuindo beijos pelo meu pescoço, foi subindo minha saia, a palma cálida serpenteando minha pele.

— Vou dispensar os empregados e pegar umas coisas — murmurou, alcançando minha boca.

Depois de um beijo lento e profundo, desgrudou nossos lábios e me encarou por vários segundos, sem dizer nada.

— Que foi? — sondei.

— Já volto. — Elevou-se e começou a se distanciar.

Observando-o caminhar, contemplei os contornos das costas atléticas, venerando a maneira como o tecido aderira aos músculos ao formar desenhos distintos a cada movimento.

Subitamente, Zach se virou. E me mostrou um sorriso bem diferente do que eu esperava. Em vez de expressar convencimento e vaidade por ter me flagrado admirando seu corpo, sorriu com ternura.

Meu coração deu um salto. Imediatamente, desviei o olhar, fingindo admirar a decoração do gazebo enquanto tentava serenar o peito.

Se não tomasse cuidado, acabaria me apaixonando! Já pensou que tragédia?

Não, não estou dizendo que seria trágico me apaixonar. Quero amar alguém de verdade um dia.

Inclusive, acho que já está passando da hora de o meu príncipe encantado aparecer. A tragédia seria me apaixonar por um homem que minha prima já viu pelado. Imagina só: estamos todos sentados à mesa, em plena ceia de Natal. E Luma do outro lado, bastante ciente de qual é o tamanho, a espessura e o gosto do peru do meu marido. Deus me livre! Não tenho maturidade pra isso, desculpa.

Como não podia, de forma alguma, me apaixonar por Zach, achei melhor ir embora.

Tinha sido uma péssima ideia, tudo aquilo. Onde eu estava com a cabeça quando decidi de me envolver com ele? Era arriscado demais. Ele era perfeito demais, e eu era fã demais de romances de época para não me apaixonar por um lorde inglês do século XXI.

Sentei-me bruscamente, pronta para me levantar e inventar qualquer coisa que me ajudasse a sumir dali, para nunca mais voltar. Busquei o ponto exato onde Zach estava, mas ele já tinha desaparecido por uma das portas.

Frustrada, tirei a bolsa do ombro e voltei a me deitar. Fechei os olhos e, enquanto o sol morria na linha do horizonte, concentrei-me em bolar mil e uma desculpas.

Estava com a melhor delas na ponta da língua quando uma súbita mudança de luminosidade me fez descerrar as pálpebras.

A noite já tinha começado a escurecer o céu, percebi, ao notar que alguém tinha acabado de acender todas as luzes da área da piscina. Postes coloniais e refletores espalhavam-se pelo gramado, iluminando a chegada do anoitecer.

Ouvi um tilintar suave e me sentei, olhando na direção do ruído. Ele caminhava até mim, descalço, com uma garrafa em uma mão e duas taças na outra. Usava só a calça cinza.

Resfoleguei ao admirar o tórax malhado, a luz dançando nas ondulações do abdome.

— Estamos sozinhos — informou, pousando a bebida e as taças sobre a mesinha de centro.

— Zach... — chamei, sem saber ao certo o que diria a seguir.

O bom-senso me incitou a comunicar minha decisão de ir embora, mas desobedeci, engolindo em seco ao admirar os músculos expostos. Umedeci os lábios, estacionando os olhos no volume que empurrava o zíper da calça.

Então, ele se moveu, ajoelhando-se diante de mim. Sua mão tomou meu calcanhar com gentileza, levando-o até sua coxa flexionada.

Sem pressa, tirou minha sandália, pousando-a no chão. Suavemente, suas palmas abraçaram meu pé direito, irradiando uma sensação deliciosa, que escalou minha perna e se refugiou em meu ventre.

Zach descalçou também meu pé esquerdo, demorando-se um pouco mais na massagem. Seus lábios roçaram meu tornozelo, perfazendo uma trilha de beijos em minha pele.

À medida que ele avançava, os dedos iam erguendo o tule, abrindo passagem para as carícias úmidas.

Quando alcançou o limiar entre a panturrilha e a coxa, agarrei seu cabelo.

— Não vim aqui para isso, Zachary. — Usei minha melhor entonação séria.

Convenci a mim mesma de que estava realmente me esforçando para não transar com ele. Interromperia aquilo e começaria a aula, no mais absoluto profissionalismo.

Mas, na verdade, eu sabia que era puro teatro, a fala inicial do nosso *role-play*.

— Tem razão. — Ele simulou seriedade, contendo a vontade de rir.

Até o safado sabia que era atuação!

Abandonou minhas pernas e ficou de pé. Então, foi até a garrafa.

— Vinho? — ofereceu, pegando uma taça.

— Não é uma boa ideia. Afinal, precisamos manter o raciocínio inalterado, já que eu estou aqui para ensinar, e você, para aprender. — Ajeitei a saia, unindo as mãos no colo, em uma posição austera.

— Uma taça não vai fazer mal, professora. — Ergueu uma sobrancelha, estendendo o braço.

— Tem razão. — Sorrindo, aceitei a taça.

Habilmente, Zach abriu a garrafa e aproximou o gargalo da borda. O líquido vermelho-escuro dançou

no interior, perfumando as paredes transparentes do bojo.

Depois de encher as duas taças, ele descansou o recipiente da bebida no tampo da mesa e se sentou ao meu lado.

— Posso sugerir um tópico para a aula? — indagou.

Assenti, experimentando o aroma e dando meu primeiro gole. Sabor, acidez e textura uniram-se e formaram um círculo perfeito em minha boca.

— *Dirty talk*. — O sotaque acariciou meus ouvidos ao mesmo tempo em que os elementos do vinho deixavam um rastro suave e aveludado em minha língua.

— Você quer que eu te ensine a falar sacanagens durante o sexo? — Mordi o lábio instintivamente.

— Já estou ansioso para a aula prática. — Zach levou o vinho aos lábios enviesados.

Abri um sorriso sedutor e, dando uma leve contorcida nas coxas, cruzei as pernas.

— Tenho uma pergunta. — Ele pousou a taça sobre a mesa.

Enquanto eu tentava adivinhar o que ele queria saber, Zach sentou-se mais perto de mim e aproximou a boca da minha orelha, afastando uma mecha do meu cabelo.

— *How can I say “I miss your pussy and I want to ruin it with my cock, fucking you hard underwater” in Portuguese?* — sussurrou, provocando uma sucessão de arrepios em minha espinha. — *Can you please teach me?* — pediu, arrastando os lábios em meu pescoço, produzindo ruídos deliciosos em minha pele.

Ele apalpava meus peitos, e eu gemia, imaginando aquela foda. Zach me fodendo na piscina, estocando com força e arregaçando minha boceta com aquele cacete maravilhoso, do jeito que ele tinha acabado de falar que queria fazer.

Pedi que eu o ensinasse a dizer aquilo em Português. Mas eu não queria ensinar. Queria demonstrar.

— *I can show you* — comuniquei, levantando-me e abandonando a taça de vinho sobre a mesa.

Mirando seu sorriso sacana, levei as mãos às costas, descendo o zíper da saia. O tule azul desmaiou, anuviando meus pés.

Os olhos de Zach transitaram pelo meu corpo coberto apenas pelo *cropped* e pela calcinha minúscula.

— Ainda mais gostosa do que eu me lembrava. — Ficou de pé, alojando as mãos em minha cintura. Os dedos resvalaram, empurrando para baixo os elásticos que circundavam meu quadril.

Movi as pernas, auxiliando-o ao mesmo tempo em que enganchava as mãos na barra da miniblusa, puxando-a para cima. Atirei-a no chão no instante em que a calcinha aterrissou.

Dando um passo para trás, Zach me observou, desabotoando a calça. Desceu o zíper e, antes de deixar o tecido cair, retirou uma camisinha do bolso.

Arfei, admirando o membro deliciosamente rígido enquanto ele rasgava a embalagem e desenrolava o preservativo no mastro.

Quando chegou à base, venci a distância e rocei meus mamilos em seu peito, enredando os braços em seu pescoço. Devorei sua boca, os resquícios de vinho saborizando o beijo.

Agarrando seu cabelo, pressionei nossos corpos. Zach palmilhou minha bunda, as mãos possessivas apertando minha carne com força.

— Quero que você monte em mim. — Puxou-me na direção do sofá, tombando no assento e me levando para cima.

Segurou o cacete, e eu me acomodei, sentindo cada célula se regozijar com a sensação de completude.

Apoiei as mãos em seu rosto e dei uma rebolada lenta, mirando suas íris castanhas.

— Esperei a semana toda por isso — murmurou, buscando meus lábios.

Cavalguei várias vezes, gemendo em sua boca e tragando seus gemidos. Zach comprimia minhas coxas, minha bunda, minhas costas. Suas mãos estavam em todo lugar, ateando fogo em minha pele.

Cessei o beijo e, com os dedos em seus fios, continuei subindo e descendo, mirando suas feições tomadas pelo tesão.

— *Do you like the way I ride you, as if you were a fucking horse?* — aticei, perguntando se ele gostava do meu jeito de cavalgá-lo como se ele fosse um cavalo.

— *I am your fucking horse. Ride me.* — Sorrindo com malícia, tirou as mãos do meu corpo, presenteando-me com a chance de montá-lo livremente.

Espalmei seu peito e cavalei por alguns segundos, antes de ele sucumbir e agarrar minha bunda, movendo a pélvis junto comigo.

Continuei me esfregando, indo e voltando até sentir a proximidade do gozo.

— Eu amo surrar a boceta nessa pica gostosa. — O bom e velho Português saiu sem esforço. — Vou gozar, safado — avisei, fitando aquela cara linda.

Gemendo, sentei com força. Uma, duas, três vezes. E, então, o orgasmo fez tudo explodir.

Quando as ondas abrandaram, grudei nossas bocas. Mas a respiração ofegante me obrigou a deitar a testa sobre a dele.

— Não entendi um caralho do que você disse, mas foi a coisa mais sexy que eu já ouvi — disse, o hálito misturando-se ao meu. — Você tá me deixando louco, Isa.

Ergui a cabeça e conectei nossas íris.

— O que você quis dizer com isso? — investiguei, o pulso martelando em meus ouvidos.

— Que o sensato seria parar de transar com você, mas isso é o que eu menos quero na vida. — Zach apalpou meus peitos, descendo o olhar para as próprias mãos.

— A gente devia parar — concordei.

Ele encontrou meus olhos e me mostrou um meio-sorriso.

— Mas não vamos. — Acariciou meu rosto, examinando minhas feições. — Pensei em você o tempo inteiro desde que deixei a fazenda. Não posso ficar tantos dias sem te ver, Isa.

— Zach... — O coração batia rápido contra as costelas. — Não diz essas coisas. — Colei o indicador em seus lábios.

Então, o substituí pela minha boca. Ele me beijou delicadamente, a língua enlaçando a minha em uma cadência branda, incentivando-me a acompanhar os movimentos vagarosos.

Seus braços envolveram minha cintura, comprimindo meu corpo em um delicioso abraço quente.

— Quer ir pra piscina? — sussurrou, o rosto a milímetros do meu.

Assenti, e ele se levantou, sem sair de dentro de mim. Amparei os braços em seu pescoço, firmando as pernas ao seu redor.

Zach caminhou até a ducha.

— Preparada? — perguntou, com a mão no registro.

— No três. Um, dois... Três! — Atei nossas bocas no instante em ele liberou o jato morno, que caiu sobre nós como uma poderosa cachoeira.

Enquanto a água deslizava sobre nossos corpos, ele começou a me foder, entrando e saindo lentamente, sustentando minhas coxas.

Depois de algumas metidas, desligou o chuveiro e me desceu. Dei um rápido beijo em seus lábios e comecei a correr.

— Te vejo do outro lado, Zachary! — gritei, antes de pular na piscina.

Sou ótima nadadora. Sempre ganho de Ana. E já ganhei uma vez de Teo, mas o Bruxo alega que foi empate. Pura mentira dele!

Assim que a água aquecida me recebeu, comecei a nadar o mais rápido que pude, no estilo borboleta, que é o meu favorito. Mas minhas braçadas e pernadas graciosas não foram páreo para Zach. Ele logo me ultrapassou e, quando cheguei à borda oposta, já estava lá, me esperando.

Que ódio que me deu!

— Nadando crawl, qualquer um ganharia! — acusei.

Ele deu uma risada.



— Quer apostar de novo? Posso nadar borboleta também.

— Não. — Cruzei os braços, emburrada.

Grudei as costas nos azulejos, e ele me cercou, ficando de frente para mim.

— Vamos, Isa? Prometo que deixo você ganhar na próxima. — Riu, me abraçando.

— *Fuck you* — falei, e ele gargalhou.

— Você fica ainda mais bonita assim, toda bravinha. — Beijou meu pescoço.

Comecei a cantar “*Fuck You*”, da Lily Allen, o que fez com que ele tivesse uma crise de riso. Então, calei a boca, já que não estava obtendo o efeito pretendido, que, no caso, era irritá-lo.

— Sua voz é linda. Tudo em você é perfeito. — Seus olhos acariciaram meu rosto, enquanto meu coração estrondeava.

Pousei as mãos em seu peito e notei que o lado esquerdo palpitava no mesmo compasso alucinado.

Uni nossas bocas e resvalei as palmas, afogando-as para alcançar seu abdome. Continuei descendo, até encontrar o cacete submerso.

— Você tirou a camisinha antes de entrar? — questionei, ao finalizar o beijo.

— Não tá aí? — indagou, olhando para baixo.

— Não. — Dei uma risada ao compreender que devia ter escapado enquanto ele nadava.

— Porra. — Riu, chegando à mesma conclusão.

Achando graça, fui tracejando seu maxilar, enchendo a barba castanha de beijos até alcançar o ouvido de Zach.

— *See you soon* — murmurei um “até logo” e me afastei, a tempo de vislumbrar sua expressão confusa.

— Pra onde você vai? Embora? Por causa da camisinha? — perguntou, alarmado, depois da minha breve despedida. — Isa, eu tenho mais no bolso da calça! Espera, vou buscar.

Segurei seus ombros, impedindo-o de se afastar.

— *I’ll be right back*. — Abri um sorriso sacana, dizendo que voltaria logo.

Então, enchi os pulmões de ar e impulsionei o corpo para baixo.

De olhos abertos, contemplei a magnificência das coxas e do pau de Zach, cercado pela imensidão azul.

Com os dedos em torno daquela delícia de rola, aproximei a boca e chupei algumas vezes, antes de precisar voltar à superfície.

— *Bloody hell...* — murmurou, quando emergi.

Estoquei oxigênio e fiz um novo mergulho. Chupei um pouco mais, os dedos trafegando pelo corpo musculoso enquanto a boca escorregava, sorvendo a espessura.

— Minha vez — ele disse, ao ver minha cabeça aflorando no exterior.

Eu ainda estava afastando os fios colados no meu rosto quando Zach afundou, as mãos esteando minhas coxas, tirando meus pés do chão.

Prendi o ar e naufraguei no instante em que ele hospedou a cabeça entre as minhas pernas.

Aquilo era diferente de tudo. A sensação era extraordinária. O corpo, ciente de que logo seria privado do prazer, pela falta de oxigênio, dava tudo de si, brindando meus sentidos com uma excitação inigualável.

Flutuávamos no fundo da piscina, que parecia um cenário mágico.

Completamente aberta e exposta para Zach naquele mundo subaquático, eu me sentia uma sereia, o cabelo escuro e comprido ondulando ao meu redor, as bolhas se formando à medida que o ar ia escapando.

Ficamos submergindo e subindo para respirar até a vontade de transar se tornar insustentável.

— Espera aqui, vou buscar uma camisinha. — Ele iniciou um beijo, que logo se tornou voraz e faminto.

Subitamente, um ruído ecoou, perturbando o sutil barulho da água. Era o som de um interfone.

A língua de Zach dançou com a minha por tanto tempo que o visitante tocou mais uma vez.

— É aqui? — questionei, afastando-me por um segundo.

— É, mas foda-se — falou, imprimindo a boca na minha.

— E se for alguém importante? — Passei os dedos por seus fios molhados.

— A única pessoa importante neste momento está bem aqui, comigo. — Seus braços enroscaram minha cintura.

Uma onda de contentamento rodopiou em meu peito, fazendo meu coração saltitar.

Tomei seus lábios e, quando nos afastamos, quase sem fôlego, fomos juntos buscar a camisinha.

Mergulhamos e, lado a lado, cruzamos nosso oceano particular até a extremidade que ostentava o gazebo.

Enquanto Zach ia até a calça, sentei-me na borda e fiquei admirando aquela bunda linda.

Munido do preservativo, ele voltou rapidamente e se sentou ao meu lado, beijando meu pescoço.

Estava prestes a rasgar o invólucro preto quando um latido cortou o silêncio.

— Merlin é um cão de guarda, só late em sinal de alerta — falou, pondo-se de pé.

Levantei-me depressa e o segurei pelo braço ao vê-lo avançar em direção às portas.

— Ficou louco? E se for um bandido?

De repente, uma voz ressoou, distante:

— Calma, Merlin, sou eu, a mamãe!

O reconhecimento me atingiu em cheio.

— *Easy, boy... That's me* — ela corrigiu, mudando para o inglês.

Olhei para Zach, que parecia tão surpreso quanto eu.

— *Zaaaaaaaaaach, heeeeeelp!* — O pedido de socorro chegou até nós, alto e perfeitamente nítido.

Ele correu. Rápido demais para o meu gosto.

Também corri, segurando os peitos. Mas, em vez de atravessar as portas de vidro, como ele fez, estaquei, espremendo-me na lateral da sebe e esticando a cabeça para além da esquadria, tomando cuidado para não ser vista.

Luma estava com as mãos firmadas no canto da parede. Em pose leonina, Merlin a encurralava, o focinho a curta distância.

— Merlin, *stay back* — Zach ordenou, e o cachorro obedeceu, afastando-se. — *Sit.* — Ele emitiu uma nova ordem, e o gigante se sentou. — *Good boy.* — Elogiou, passando a mão na cabeça do animal.

— Eu... — Luma começou, encontrando bastante dificuldade em desviar os olhos do cacete semirrígido de Zach.

Um ódio mortal me consumiu. Eu ia contar tudo pra Teo, ela ia me pagar!

— *Sorry.* — Percebendo que estava pelado, Zach se cobriu com as duas mãos.

— Ah, você está acompanhado — Luma falou, em inglês, e eu me perguntei como ela sabia. Então, me lembrei da camisinha, que ele estava segurando. — Eu volto outra hora, Zach. — Ela se virou e começou a se afastar, a passos largos.

— Luma, espera — ele pediu, partindo meu coração.

Minha prima estacou, de costas.

— Desculpa entrar na sua casa assim. Toquei o interfone, e ninguém atendeu. Então, usei as chaves que vim te devolver. Do lado de fora, vi as luzes da piscina acesas, mas não ia te incomodar. Ia só deixar o chaveiro e... — Ela começou a abrir a bolsa pendurada no ombro. — Isto. — Ergueu uma caixinha de veludo.

Aproximou-se do aparador e depositou os objetos sobre o tampo.

Então, virou-se novamente.

— Fico feliz em saber que você está bem, de verdade. — Caminhou até ele, ficou nas pontas dos pés e o beijou na bochecha.

Olha que filha da mãe! Vou contar tudo pro Bruxo! Ele vai ficar sabendo que a namoradina dele beijou o ex-noivo pelado! Ah, se vai! Não vou deixar essa cretina fazer isso com meu irmão!

— Se aquele filho da puta não te tratar como você merece, me avisa que eu dou um jeito nele — Zach disse, todo solícito.

O idiota é chifrado e ainda se importa com a mau-caráter que o traiu! Tem mais é que se ferrar mesmo! Possessa, saí do meu esconderijo e comecei a andar na direção do gazebo.

Estava calçando as sandálias quando ele apareceu.

— Ela já foi. O que você tá fazendo?

— Você é cego? — perguntei, ríspida.

— Isa, o que aconteceu? Por que você tá nervosa?

Terminei de afivelar a segunda correia no tornozelo e fiquei de pé, pegando minha bolsa.

— Por que você deixou ela te beijar? — Cruzei os braços.

— Mas foi na bochecha — ele argumentou.

— Você estava pelado! E meio duro! — contra-arguntei.

— Nada que ela não tenha visto antes. — Fez uma pausa, analisando minha expressão furiosa. — Você tá com ciúme? — Estreitou os olhos.

— Ciúme? — Soltei uma risada desprovida de humor. — Eu só não estou a fim de transar com um cara que, claramente, ainda está apaixonado pela ex!

— Apaixonado? — Ele riu. — Posso saber de onde você tirou isso?

— “Luma, espera” — imitei, usando a mesma ênfase desesperada.

Zach gargalhou, e eu me amaldiçoei por apreciar o som.

— Eu só queria saber o que ela tinha vindo fazer aqui — justificou, rindo.

— E saber disso era mais urgente do que voltar para transar comigo? Aliás, o que você achou? Que ela tinha voltado correndo pros seus braços? — Dei uma risada sarcástica. — Quer saber, Zach? Você é um idiota sem sangue nas veias, que ainda se importa com uma mulher que não pensou duas vezes antes de te meter um belo par de chifres!

— Um idiota sem sangue nas veias? — repetiu, com a mesma entonação calma. — Por quê? Porque eu não bati no seu irmão? Porque entendi que Luma não me amava o bastante para se casar comigo? Porque não a recriminei por me trocar pelo homem que ela verdadeiramente ama? A vida é curta, Isa. Curta demais para ser desperdiçada com a pessoa errada. Eu te disse que não acreditava que existia uma pessoa certa para mim, mas já não tenho tanta certeza. Talvez, você tenha razão. Pode ser que ela esteja mais perto do que eu imagino. Luma encontrou a pessoa dela, e quero que ela seja feliz, assim como almejo a minha própria felicidade, ao lado da minha. Não posso dizer que a traição não me feriu. Ser traído mexe com os brios de qualquer um. Mas, honestamente, eu devia agradecê-la, porque o que ela fez me impediu de cometer o maior erro da minha vida.

A resposta me deixou momentaneamente muda.

Como ele podia ser tão bom, tão nobre, tão apaixonante?

Eu tinha 87% de certeza de que estava 52% apaixonada por Zach (essas estatísticas são confiáveis, juro).

Não o conhecia o bastante para amá-lo de verdade, mas não podia negar que estava meio apaixonada. Simplesmente porque não tinha como não nutrir sentimentos por ele. Agora eu entendia por que Luma se apaixonou tão rápido.

Aquele homem era um perigo ambulante para qualquer mulher. Nenhuma de nós era imune à beleza, à gentileza e ao bom coração de Zachary Ward.

— Não estou mais apaixonado por ela, Isa. — Ele se aproximou, aninhando meu rosto entre as mãos.

— Passou, no instante em que meus lábios pousaram nos seus pela primeira vez. — Seus dedos acariciaram minhas bochechas. — Não quero me precipitar de novo, mas acho que estou..

Meu coração batia na garganta, ansioso, quando Zach foi brutalmente interrompido.

— Você não vai atender? — perguntou, ao ouvir meu celular berrando dentro da bolsa.

— Não — falei, ignorando a música que havia configurado como toque para as ligações de Letícia.

— E se for alguém importante? — ponderou.

Meus lábios se esticaram.

— A única pessoa importante neste momento está bem aqui, comigo. — Enlacei seu pescoço.

Nossos sorrisos se encontraram e, enquanto nos beijávamos, ao som de “*Girls Just Wanna Have Fun*”, eu não fazia ideia da confusão em que Tíci se metera.



# 30

## NOSSOS DESTINOS

“(...) foram traçados na maternidade”.  
*Exagerado — Cazusa*

### LETÍCIA

A passos de tartaruga, deixei a ala ortopédica do Hospital São Cipriano, entrando no elevador.

Meu pé não estava cem por cento, mas, pelo menos, eu estava livre das muletas e da imobilização no tornozelo.

Meus pais estavam por ali, participando de uma reunião administrativa com tio Plínio e outros membros do Conselho, motivo pelo qual, a princípio, eu iria à consulta sozinha. Porém, acabei me deparando com Lipe no caminho, e ele fizera questão de me acompanhar.

Após o atendimento, insistira em me levar para casa, recusando-se a me deixar voltar de táxi, já que eu ainda não estava autorizada a fazer certas atividades, como dirigir.

— Você tá no hospital desde cedo, né? — comentei, quando abandonamos a caixa metálica, adentrando o estacionamento privativo dos funcionários.

Caminhávamos lentamente, porque ele ditava o passo. Desde que deixáramos o consultório do ortopedista, oferecia-me o cotovelo como apoio, embora eu fosse perfeitamente capaz de andar por conta própria.

— Por quê? Eu tô fedendo? — Lipe ergueu o braço livre e fungou o sovaco. — Não tô! Eu acabei de colocar essa roupa! — Olhou para a calça alva e para a camisa branca.

— Tô perguntando por causa da sua cara de cansaço — esclareci, rindo.

— Ah, tá. Já era pra eu ter ido embora, mas fiquei enrolando depois da última cirurgia, fazendo rondas desnecessárias.

— Por quê? Isa já foi pra casa há um tempão — falei, ciente de que, àquela hora, minha prima já devia estar com Zach.

— Não tenho nada melhor pra fazer. — Felipe deu de ombros.

— É sábado à noite, e você não tem nada melhor pra fazer, além de ficar vagando pelo hospital? — estranhei. — E os meninos? Vocês saem juntos todo sábado.

— Liguei pra Teo. O puto vai sair com Luma. Liguei pra Luísa. A arrombada vai sair com Ana. Perdi meus primos pras minhas próprias primas! — Ele soltou um suspiro frustrado.

— É mesmo, tinha me esquecido desse detalhe. Agora, tá todo mundo noivo ou namorando... — Também suspirei. — É, Lipe... Parece que só sobrou a gente na família.

— Pois é. Pena que você é nova demais pra mim. — Ele riu.

— Você acha? — questionei, decepcionada.

Ele me encarou, alarmado.

— Credo, Felipe! Não tô dando em cima de você, idiota! — Apressei-me em esclarecer. — Estou só comentando sobre idades e casais. Assim, num relacionamento e tal, você acha que oito anos de diferença é muito? — averigui, como quem não quer nada.

Ele estreitou os olhos, as íris castanhas me fitando com incontestável desconfiança.

— Tíci, por acaso você tá a fim de um cara oito anos mais velho?

— Eu? Oito anos? Claro que não! — “São dezesseis”, respondi em pensamento.

— Tem certeza? Tô doido pra ver tio Tito se fodendo! — Lipe deu uma risada.

— Se eu estivesse a fim de um cara mais velho, você acha que papai reagiria muito mal? — Levantei a hipótese, que de hipotética não tinha nada.

Ele gargalhou.

— Puta que pariu! Quem é o cara?

— Que cara? — dissimulei.

— Letícia, se você não me contar quem é, eu vou contar pra tio Tito que você tá gamada num coroa da idade do meu pai!

— Ele não é um coroa! Tem só trinta e cinco anos!

— Quê? — Meu primo estatelou os olhos. — Trinta e cinco?

— Fala baixo! — sussurrei, dando um puxão no braço dele.

— Tíci, pelo amor de Deus, me fala que ele é seu professor — pediu.

— Não, mas ele dá aula lá na faculdade. Passo por ele de vez em quando.

De repente, Lipe começou a rir como se estivesse morrendo.

Depois de um tempo gargalhando, parou de andar, segurou meus ombros e me fitou, subitamente sério:

— Letícia, promete pra mim que você vai me chamar quando for contar pra tio Tito.

— Você ficou maluco? Não vou contar pra papai!

— Uma hora você vai ter que apresentar seu namorado velhote pro seu pai. — Pousou minha mão em seu braço novamente e recomeçou a caminhar.

— Namorado? Em que mundo você vive, Felipe? Ele nem sabe que eu existo!

Lipe riu um pouco mais.

— Do que você tá rindo?

— Tíci, vai por mim, ele sabe que você existe.

— Você acha? — Meu semblante se entristeceu. — Isso é péssimo! Significa que ele não tá nem aí pra mim. Se estivesse interessado, teria se aproximado.

— Tíci, vai por mim, ele está interessado — afirmou, convicto. — O cara é solteiro, certo?

— É claro! — exclamei, ofendida. — Obviamente, eu pesquisei no *Facebook* antes de alimentar minhas ilusões.

— Então, o mais provável é que ele não chegou em você ainda porque é gay.

— Ai, meu Deus, será? — Arregalei os olhos, aterrorizada pela trágica possibilidade de o melhor candidato a amor da minha vida gostar da mesma fruta que eu.

— Qual é o nome dele? — Lipe perguntou de repente.

— Tales.

— Tales de quê?

— Marchiori Fontana — emendei. — Felipe, você sabe que não pode contar pra papai, né? Se contar, eu fico com raiva de você pra sempre.

— Fica tranquila, não vou contar — assegurou, tirando o telefone do bolso da calça branca. — Tem um jeito de a gente descobrir se ele é gay.

— Como? — indaguei, ansiosa.

— Esta semana, descobri a senha do *Facebook* de Luísa. Eu entro e passo uma cantada no cara. Aí,

— Você torce pra ele não pirar no *shape* e no cabelão do Luisão. — Deu uma risada, digitando no celular.

— Qual é a senha de Luís? — A curiosidade me obrigou a perguntar.

— broderZONA1206. Depois que descobri o lance do dia dos namorados, tentei várias combinações, com o apelido de Ana e a data que os dois perderam a virgindade. Não deu outra. — Gargalhou.

— Você não presta, Felipe — censurei, rindo.

— Entrei! — ele anunciou. — É Tales de quê mesmo?

— Marchiori Fontana — repeti.

Lipe digitou o nome no campo de pesquisa, e a foto de Tales apareceu.

Soltei um suspiro involuntário ao contemplar os fios dourados e curtos que coroavam sua cabeça, o largo sorriso alvo e os belíssimos olhos azuis, encimados pelas sobrancelhas claras e espessas.

— É gay, Letícia — Lipe afirmou, assim que acessou o perfil. — Não preciso nem fazer o teste. O cara parece uma *Barbie*!

Dei uma risada.

— Você tá é com inveja da beleza dele! — acusei.

— Inveja de quê? O sujeito é mais feio que bater na mãe pelada!

Tive uma crise de riso enquanto ele digitava.

— Pronto, enviei — comunicou. — “Oi, gato. Seu brioco felino tá a fim de conhecer minha naja reptiliana?”. — Leu, fazendo uma voz afeminada hilária.

— Lipe do céu! Luís vai te matar! — Caí na risada.

Rindo, ele alcançou o carro e abriu a porta do passageiro para mim.

Entrei e coloquei o cinto de segurança. Lipe fechou, deu a volta e se acomodou no banco do motorista, dando uma conferida no celular.

— Ele tá on-line!

Estiquei o pescoço, a fim de enxergar a tela.

— Visualizou! — Lipe riu.

Instantes depois, Tales começou a digitar, e meu estômago começou a doer, como se estivesse prestes a liberar tudo o que havia dentro.

O que eu ia fazer se ele fosse gay? Só de pensar nisso, eu já sentia vontade de pedir o pinto de Felipe emprestado, no intuito de nunca mais devolver.

Subitamente, um balãozinho novo surgiu no visor:

“Cara, meu brioco está e vai continuar intacto. Meu negócio é boceta, parceiro. Mas tenho um amigo que ia curtir sua naja. O nome dele é Maurício. Vou te enviar o link do perfil”.

Respirei aliviada enquanto Felipe gargalhava.

— A *Barbie* hétera é sacana! Quer apostar quanto que esse Maurício também é hétero?

Assim que recebeu o link, clicou e confirmou suas suspeitas. Acabei descobrindo que eu conhecia o Maurício em questão. De vista, na verdade.

— Ele tem até namorada — informei. — Namora a treinadora do time de handball da faculdade.

— Essa aqui? — Lipe clicou em uma foto de Lud ao lado do amigo de Tales. — Morenaça gostosa, hein? Cé tá doido, olha esse rabo!

— Felipe! — recrimei, tomando o celular da mão dele. — É por isso que Marina não te dá bola, sabia? — Joguei o aparelho no porta-copos.

— O que você sabe sobre Marina? — conferiu, assustado.

— Todo mundo sabe o que vocês aprontaram lá na fazenda. E fiquei sabendo que, desde então, você tá atrás dela que nem um cachorrinho, mas ela tá dando o maior gelo em você. — Não contive uma risada.

— Quem te contou essa porra? Foi Isa, né? Aquela filha da mãe me paga! Vou contar pra Luma que ela deu pra Zach!

— Como você sabe? — perguntei, abismada.

— Flagrei os dois na manhã seguinte. Quero só ver a cara de Teo quando souber que o gringo traçou a namorada e a irmã dele! — Gargalhou.

— Lipe, você não pode contar. Já passou. Isa nunca mais vai ver Zach — asseverei, como se não soubesse onde minha prima estava naquele momento. — Inclusive, ela tem um encontro hoje à noite, com um cara que Sofia arranjou.

— Que cara? — Ele quis saber.

— Só sei que é um médico. — Dei de ombros.

— Ah, então quem tinha um encontro marcado era ela, não Marina... — Sorriu, satisfeito.

— Lipe, você sabe que tá gostando dela, né? — sondei.

— Não estou gostando dela. O problema é que a gente ainda não se beijou, e eu cismei que preciso ter aquela boca na minha antes de morrer. Só que ela fica fazendo cu doce, como se me beijar fosse um grande sacrifício! — Puto da vida, puxou e afivelou o cinto.

— Ué, vocês transaram e não se beijaram? — questionei, sem entender.

— Foi por trás. Peguei a safada de jeito na escada, meti fundo, até o talo, e...

— Lipe, pelo amor de Deus! — Tapei os ouvidos.

— Foi mal, Tíci. — Rindo, ele enfiou a chave e girou.

Então, engatou a ré e começou a manobrar o carro, saindo da vaga.

— Posso te perguntar uma coisa? — A pergunta veio assim que deixamos o estacionamento.

— Claro — concedi, vendo o carro entrar na avenida.

— Você é virgem? — Ele cravou os olhos nos meus.

— Não — respondi, com as bochechas em chamas.

— Com quantos caras você já transou? — indagou, na maior naturalidade.

— Felipe, não vou conversar sobre isso com você! — exclamei, mortificada.

— Mais de um? — investigou.

— É claro, né!

— Mais de cinco?

— Três — confessei.

— É pouco, Letícia. Se você quer se relacionar seriamente com um homem mais velho, precisa entender que ele já transou com várias. Um sujeito de trinta e cinco anos já está pensando em casamento e filhos, enquanto você está na fase de se divertir, de curtir a vida. Não é justo que se prenda a um cara experiente tendo tão pouca experiência.

— Acho que a gente encontra a pessoa certa quando tem que encontrar. Não dá pra pedir pra felicidade esperar até que tenhamos transado com o máximo possível de pessoas, Lipe. Quando ela aparece, a gente agarra. Não sei se Tales é a pessoa certa pra mim. Mas, se for, vou agarrá-lo, para nunca mais soltar. É o que você deveria fazer com Marina.

Ele ficou em silêncio, pensativo.

— Marina é muito irritante — falou de repente.

Tive uma crise de riso.

— Você sabe o que isso significa, né, Felipe?

— Sei. Significa que ela é insuportável. Além de convencida. Acha que só porque é gostosa eu vou ficar correndo atrás dela. Não preciso disso. Olha pra mim, Letícia, eu sou o arquétipo da beleza masculina!

— Mas não é mesmo, meu querido! O arquétipo da beleza masculina chama-se Tales Fontana — corrigi.

— Eu sou mais boa-pinta que a *Barbie* hétera, confessa.

— Ah, então você acha ele bonito! — Gargalhei.

— E eu lá acho macho bonito, porra? — rosnou.



— Lipe, vou te dar uns conselhos de ouro — falei, rindo. — Primeiro, você precisa deixar de ser presunçoso. Mulher não gosta de homem que se acha. A gente gosta de caras bonitos que nem sabem que são bonitos.

— Não tem como eu ser bonito e não saber que sou bonito. Tem espelho na minha casa.

Revirei os olhos.

— Tá, Lipe. Você pode continuar se achando bonito. O que você não pode é ficar jogando na cara de Marina que você é lindo, tesão, bonito e gostoso e que, num estalar de dedos, consegue a mulher que quiser. Isso só vai motivá-la ainda mais a provar que você não pode tê-la.

— Faz sentido... — observou, contemplativo.

— Outra coisa. Você precisa parar de tentar transar com ela.

— Mas eu não quero transar com ela! Quero só dar um beijo nela. É só isso que eu peço, e ela se recusa a dar! — A entonação sofrida arrancou uma gargalhada da minha garganta. — É isso que me deixa putto! Eu só quero um beijo, e ela não me dá! — exclamou, nervoso.

Como ele não percebia que estava apaixonado por Marina? Quero dizer, eu não sabia se o que ele sentia por ela se transformaria em amor. Mas que era paixão, isso era.

— Depois de beijá-la, você vai deixá-la em paz? — Virei o rosto para fitá-lo.

— Vou! Já falei isso pra ela. Mesmo assim, ela não me dá a porra do beijo. Tô ficando louco, Letícia. Botei isso na cabeça, e não consigo tirar. Quanto mais ela nega, mais eu quero.

Não reprimi a segunda onda de gargalhadas que me assaltou.

— Para de rir, porra. A situação é grave.

— Lipe, você precisa parar de pedir — declarei.

— Como assim? Tentar roubar um beijo dela?

— Não, gênio. Você precisa fazer com que ela *queira* te beijar.

— E como eu faço isso, gênio? — ironizou.

— É simples. Você só precisa fazer duas coisas. A primeira é deixar de ser um babaca. Ou seja, precisa parar de se achar a última Coca-Cola do deserto, de se humilhar por um mísero beijo e de manjar outros peitos e bundas, principalmente quando estiver com Marina. Não tem coisa mais ridícula que homem safado babando em outras mulheres na frente da própria mulher.

— Não tenho olhos para mais ninguém quando estou com Marina — ele disse, e pareceu se arrepender no ato. — Quero dizer, quando estou com ela, fico focado no meu objetivo, que é beijá-la.

— Ótimo. Ela precisa mesmo ser o centro da sua atenção. — Fingi não perceber nada. — Bem, a segunda coisa que você precisa fazer é um pouquinho mais complicada. Depois de abandonar seus velhos hábitos, você precisa conquistá-la. A má notícia é que não existe uma fórmula mágica para se conquistar uma mulher, porque todas nós somos diferentes.

— E muito complicadas — ele emendou, e eu dei uma risada.

— Vocês é que são rudimentares demais. Nós somos criaturas multidimensionais. — Gesticulei, fazendo um gesto amplo.

— Multiproblemáticas, você quer dizer. — Ele fez uma careta.

— Cala a boca, Felipe. — Dei um tapa no braço dele. — E presta atenção na aula que eu tô te dando. Aproveita que é de graça. — Clareei a garganta. — Enfim, não existe uma fórmula, mas existe uma diretriz, que se aplica à conquista de toda e qualquer mulher.

— Qual é essa diretriz, Mestre dos Magos? — ele pirraçou.

— Só por isso, não vou te contar! Se vira! — Cruzei os braços.

— Pelo amor de Deus, cara, me conta! — implorou, parando em um semáforo.

— Vou contar, mas só porque é uma informação de utilidade pública. A diretriz é a seguinte: para conquistar uma mulher, você precisa tratá-la bem e respeitá-la, acima de tudo. Um pouco de romantismo e gentileza não fará mal, no caso de Marina. Acho que ela é do tipo que aprecia gestos cavalheirescos.

— Não sei fazer essas merdas — resmungou, arrancando ao vislumbrar a luz verde.

— Lê algum romance de tia Liv que você aprende — simplifiquei.

— Tá me estranhando, Letícia? Os livros de tia Liv devem ser bons, como dizem, mas são coisa de mulher.

— Você não precisa ler e suspirar, Felipe. Leia como se estivesse lendo um manual de instruções.

— Preciso fazer isso tudo só pra ganhar um beijo? — perguntou, derrotado.

— Nada que vale a pena é facilmente conquistado — filosofei.

Uma expressão reflexiva dominou suas feições.

Lipe dirigiu em silêncio por alguns instantes, até sua voz ranzinza ecoar no interior imperturbável do veículo:

— A gente pode passar na porra de uma livraria?

— Pode — concordei, rindo.

Então, sugeri meu lugar preferido para comprar livros.

Pouco depois, a picape estacionava diante da vitrine repleta de capas coloridas.

Lipe achou melhor que eu esperasse no carro, para não forçar o pé. Mas de jeito nenhum eu perderia a oportunidade de visitar minha livraria favorita.

— Boa noite, posso ajudar? — Um rapaz se aproximou assim que começamos a observar as prateleiras.

— Boa noite. Meu primo quer comprar um livro de Olívia Vetter. — Indiquei Felipe.

— Não é pra mim! — Ele se apressou em explicar. — É... pra minha namorada — improvisou.

— Ela vai gostar — o vendedor garantiu. — Comprei um box dessa autora pra minha noiva, e nem te conto o que eu ganhei depois que ela leu. — Abriu um sorriso nitidamente sacana.

— Cara, não brinca com uma coisa dessas. — Lipe arregalou os olhos. — Quero esse box!

Tive uma crise de riso enquanto os dois seguiam batendo papo, como se fossem velhos amigos.

Estava rindo quando me dei conta de que havia enlouquecido de vez. Podia jurar que tinha acabado de ver Tales passando diante da vitrine.

Para confirmar meu estado de demência precoce, corri até a porta, o mais rápido que meu pé permitiu. Ao atravessá-la, vi um homem alto e loiro entrando na floricultura que ficava ao lado da livraria.

Eu já o tinha visto de costas vezes suficientes para ter certeza de que era ele.

Com o coração esmurrando a caixa torácica, obriguei minhas pernas repentinamente amolecidas a me guiarem até lá.

Era uma construção vintage, enfeitada por inúmeros vasos de flores diversas, os quais eu sempre admirava quando passava pela Rua dos Ipês, a caminho da Rua das Cerejeiras, onde Isa morava.

Minha prima residia numa casinha cor-de-rosa que parecia uma casa de bonecas. O prediozinho antigo, herdado por tia Liv, fora reformado pelo escritório de tia Suze quando Isa saiu de casa para morar sozinha. Teo ficara com a casa ao lado, que pertencera a tio Max quando ele era solteiro. E Ana ganhara um apartamento novo, no mesmo bairro, o Nova Estrela.

Era onde eu estava. Como visitava meus primos com frequência, estava habituada a frequentar o comércio local. Inclusive, meu cabeleireiro ficava a duas quadras da livraria. Minha sorveteria predileta, na esquina. Eu pertencia àquele bairro, embora morasse em outro.

Mas e Tales? Morava por ali? Ou estava só de passagem?

Minha mente era um turbilhão de pensamentos difusos quando entrei na floricultura praticamente vazia.

Assim que o avistei, a alguns metros de distância e ao lado de uma funcionária, comecei a fingir que apreciava alguns vasinhos de suculentas.

— Olá! Posso ajudá-la? — Uma simpática moça uniformizada veio em meu auxílio.

— Não, obrigada, estou só dando uma olhadinha — falei, o mais baixo que pude, embora o lugar fosse

grande o bastante para que eu não fosse imediatamente notada.

— Se precisar de alguma coisa, é só me chamar. Meu nome é Roberta. — A mulher me mostrou um sorriso e duas covinhas.

— Chamo sim, Roberta, obrigada. — Assenti, e ela se afastou, mas não muito.

— E você tem alguma preferência? — A outra florista estava perguntando a Tales, a voz distante, mas, ainda assim, audível.

— Não entendo nada de flores. Ficarei muito grato se você puder me ajudar a escolher. — Ele usou um tom polido.

— Estou aqui para isso — ela disse, esbanjando todo o estoque de charme, a julgar pela entonação indubitavelmente sedutora.

Em outras circunstâncias, o excesso teria me incomodado. Mas, naquele momento, eu precisava lidar com questões mais preocupantes, que mereciam urgente atenção, como, por exemplo, o motivo de Tales estar ali, comprando flores. Para quem seriam?

Um vigoroso aperto confrangeu meu peito quando a imagem de uma mulher linda e bem-sucedida, mais ou menos da idade dele, cruzou minha mente.

Então, meu cérebro tratou de me tranquilizar, aventando a válida suposição de serem para um ente familiar internado ou para a mãe dele, que podia estar fazendo aniversário naquele dia.

— Quantos anos ela tem? — A pergunta da funcionária cavou um buraco em meu estômago.

Angustiada, esperei pela resposta, que não tardou:

— Vinte e sete.

Meu mundo caiu, junto com o vasinho que eu tinha nas mãos.

O ruído da cerâmica atingindo o piso lustroso fez meu corpo enregelar.

Olhei para o chão e vi os cacos misturados à terra preta e à plantinha folhosa.

Não precisava me virar para saber que vários pares de olhos estavam grudados em mim. Podia senti-los dardejando meu cocuruto enquanto minhas pulsações aceleradas martelavam em meus ouvidos.

Tive a impressão de ouvir alguém me acusando de causar prejuízo, e tudo o que eu quis foi aproveitar aquela porção de terra para enterrar minha cara.

— Desculpa! E não se preocupe, eu vou pagar! — assegurei, morta de vergonha, quando Roberta venceu a curta distância entre nós.

— Nossa, você tá vermelhinha! Não precisa ficar constrangida, meu bem. Essas coisas acontecem. Na minha primeira semana aqui, quebrei três vasos. — Ela abriu um sorriso acolhedor. — Você é tão linda... E esse cabelo maravilhoso? Tô louca pra ficar ruiva também! Que tinta você usa?

— Ele é dessa cor mesmo — respondi, meio sem graça.

— É o cabelo mais bonito que eu já vi. — Uma voz masculina ressoou ao meu lado, fazendo meu pulso disparar.

— Vou buscar uma pá. — Roberta me endereçou uma piscadinha cúmplice e saiu andando.

Virei a cabeça e me deparei com o estonteante sorriso de Tales.

Meus olhos nunca tinham registrado, ao vivo e em cores, os detalhes daquele rosto celestial tão de perto.

E era a primeira vez que seu perfume se infiltrava em minhas narinas. O aroma marinho, que remetia ao cheiro de orvalho e maresia, ficaria marcado para sempre em minha memória olfativa.

Estava absolutamente divino, de blazer azul-escuro e camisa social azul-clara, quase do mesmo tom das íris mergulhadas nas minhas.

Sustentando seu olhar, engoli, tentando empurrar o coração, que insistia em bater apressado na minha garganta. Não adiantou. Pulsava com tanta força que inutilizava minhas pregas vocais.

— Meu nome é Tales. — Diante do meu silêncio, ele se pronunciou.

Foi quando a minha ficha caiu. Ele era o tipo de cara que flertava com desconhecidas ao mesmo tempo

em que comprava flores para uma mulher de vinte e sete anos, a qual, para todos os efeitos, podia ser uma namorada recente. Tão recente que ele ainda não tinha mudado o status do *Facebook*. Ou, talvez, fosse tão sem-vergonha que nem pretendia mudar.

Descobrir que minha paixão platônica era um homem comprometido craquelou meu coração. Constatar que era um safado, como tantos outros cafajestes, transformou os estilhaços em pó.

— Letícia! — De súbito, a voz de Lipe atingiu meus tímpanos.

Virei o corpo em sua direção, disposta a sumir dali. Queria me enrolar em posição fetal e chorar, de tanta tristeza.

Mas a culpa era toda minha. Estimulei meus próprios devaneios. Fertilizei minhas tolas utopias. Idealizei um homem perfeito, que era um sujeito lindo, mas que acabou se revelando um ser humano tão broxante quanto grande parte dos representantes do gênero masculino.

Enquanto eu me afogava em um oceano de decepção, meu primo me alcançou e me abraçou.

— Você sumiu! Achei que tivesse acontecido alguma coisa com você! Quase morro de preocupação! — Seus braços me apertaram com força.

— Desculpa, acabei me distraíndo — falei, quando ele me soltou. — Lipe, espera só um pouco? Quebrei um vaso, e preciso pagar. Já volto. — Distanciei-me o mais depressa que pude, pois já sentia as lágrimas pinicando meus olhos.

Ao me aproximar de um dos balcões do caixa, fui abordada pela funcionária que havia atendido Tales.

— O vaso já foi pago — informou, mal-humorada.

— Pago? — Franzi o cenho. — Como, se eu ainda não paguei?

— O bonitão ali pagou. — Indicou com a cabeça.

Girei o pescoço e vi que ela se referia a Tales. Ele estava de costas, conversando com Felipe.

Entrei em pânico. O que Lipe estaria dizendo a ele?

Dei um passo, disposta a impedi-lo de falar o que não devia, mas não fui adiante, porque mal me movi, e a vendedora golpeou meu coração:

— Ele é seu pai?

Virei o rosto, encarando a mulher.

O que aquela idiota achava? Que era natural um homem tão jovem ser pai de uma mulher da minha idade?

Tales tinha trinta e cinco, e eu, dezenove. Então, o que ela achava? Que era normal um adolescente de dezesseis anos se tornar pai da noite para o dia?

Tá, tudo bem que foi com essa idade que o pai de Malu engravidou a mãe dela. Mas e daí? Não era algo tão comum assim!

— Não. Ele é meu avô. — Abri um sorriso falso. Não ia deixar aquela ridícula saber que tinha me abalado. — Posso saber quanto vovô pagou pelo vaso?

Por que ele tinha pagado aquilo? Já não bastava a minha humilhação de derrubar uma pobre planta inocente? Eu tinha mesmo que passar pela vergonha de ter o cara que eu gostava cobrindo meus danos e, ainda por cima, ser tida como filha dele?

— Ai, como você é engraçada — a vendedora ironizou. — Quero ver se vai continuar tão engraçadinha quando seu papai gostosão descontar da sua mesada o estrago que você causou. — Ela riu.

— Ele não é meu pai, sua cretina! — Avancei, pronta para deixá-la careca.

## TALES

Um som abrupto ecoou e, por instinto, eu me virei.

Palpitações cardíacas começaram a reverberar em meu peito.

Eu estava tendo um episódio de taquicardia. Provavelmente, do tipo sinusal. Mas não estava em condições de fazer um autodiagnóstico preciso naquele momento.

Inacreditavelmente, ali estava ela, a ruiva dos meus sonhos, uma ninfa em meio às flores.

Contemplava, atormentada, os cacos de um vaso espatifado no chão. Com certeza, a origem do barulho.

— Foi só uma cliente desatenta dando prejuízo à loja. — O tom maledicente da funcionária que estava me atendendo não me agradou.

— Quanto custa aquele vaso? — perguntei, tirando a carteira do bolso.

— Desculpa! E não se preocupe, eu vou pagar! — Um timbre doce acariciou meus ouvidos. Sua voz era ainda mais suave do que eu havia imaginado.

— Trinta reais, mas você não precisa pagar! — assegurou a vendedora.

— Preciso. — Tirei as notas e as entreguei, guardando a carteira.

— Por quê? Você é pai dela? — Ela riu.

A pergunta me nocauteou. Um *solar plexus blow* teria doído menos.

— Namorado — respondi, a fim de testar a reação daquela filha da puta.

— Ah — ela murmurou, parecendo desapontada.

— Agradeço pelo atendimento, mas não quero mais as flores. — “Enfia no cu”, pensei, e saí andando.

Estava puto, mas simultaneamente feliz.

Ter visto a floricultura a caminho da casa de Isa Vetter foi providência divina. Ou uma jogada do destino. Eu nunca tinha comprado flores para ninguém antes. Do nada, vi a fachada florida e tive a ideia comprar um ramalhete para a prima de Sofia, o que me fez encontrar a ruiva.

Era a porra de um sinal, que eu não tinha como ignorar. Isa não era a mulher da minha vida. Era só uma mulher qualquer, que o destino decidira usar para me fazer enxergar que estava na hora de ligar o foda-se pro que os outros pensavam e agir.

— E esse cabelo maravilhoso? — outra funcionária estava dizendo quando me aproximei. — Tô louca pra ficar ruiva também! Que tinta você usa?

— Ele é dessa cor mesmo — ela falou, visivelmente sem jeito.

Era linda e não fazia ideia do quanto.

— É o cabelo mais bonito que eu já vi. — As palavras, há tanto tempo encarceradas em minha mente, ganharam sua esperada carta de alforria.

— Vou buscar uma pá. — A mulher de uniforme começou a se mover.

A ruiva se virou, e a proximidade de seu rosto provocou uma avalanche em meu peito.

Era a primeira vez que meus olhos catalogavam tão de perto cada minúcia daquelas feições perfeitas.

Ela tinha sardas. Minúsculas manchinhas amarronzadas pontilhavam o nariz pequeno e as maçãs altas.

Usava um vestido verde-escuro, as compridas mechas alaranjadas cobrindo as alças e as laterais do corpo, até a cintura.

As íris castanhas se perdiam nas minhas enquanto eu a imaginava completamente nua, as faixas de cabelo ocultando os mamilos, meus dedos afastando os fios, minhas mãos se enchendo daqueles peitos.

De repente, a arritmia se agravou. Meus batimentos cardíacos aumentaram. E, considerando-se as pulsações em meu cacete, o inchaço na calça era patente.

— Meu nome é Tales. — Obriguei-me a dizer, a fim de manter os olhos dela em uma altura segura.

Tudo o que eu não queria era ser confundido com um maníaco obcecado por ruivas, do tipo que envia escaravelhos em caixinhas.

— Letícia! — Alguém bradou de repente.

Ela se virou, e eu busquei o foco da voz.

Apressado, um homem alto, loiro e boa-pinta caminhava em nossa direção. Parecia ter menos de trinta

anos, e as roupas brancas que usava me fizeram suspeitar de que fosse médico.

— Você sumiu! Achei que tivesse acontecido alguma coisa com você! Quase morro de preocupação!

Fiquei parado, observando o estranho abraçá-la ao mesmo tempo em que a doçura de seu nome rodopiava em meu interior, junto com a amarga descoberta de que Letícia tinha um namorado loiro e médico, mas mais novo que eu.

Alguma coisa morreu dentro de mim. Eu não sabia o quê. Só sabia que, por dentro, eu estava devastado.

— Desculpa, acabei me distraindo — ela disse, quando ele se afastou. — Lipe, espera só um pouco? Quebrei um vaso, e preciso pagar. Já volto.

Não consegui dizer ou fazer nada enquanto Letícia se distanciava.

Por isso ela tinha me ignorado completamente. Era comprometida. E eu achando que alguém tão linda quanto ela estava disponível para mim.

Por que o universo fazia essas coisas? Por que gostava tanto de brincar com as vidas das pessoas?

Não, a culpa não era do universo. Era minha. Eu coloquei Letícia em uma redoma, como se ela fosse uma rosa delicada, para a minha livre e exclusiva apreciação. Fui eu que previ um resultado positivo sem considerar todas as incógnitas da equação.

Nunca fui de observar uma mulher interessante por mais de um ou dois minutos. Sou um homem prático. Se quero transar com alguém, demonstro interesse e pronto. Não fico me iludindo. Não me encho de esperanças.

Dessa vez, me rendi a patéticas ilusões. Cultivei um milhão de expectativas e acabei me afogando em todas elas.

Olhei para trás e a vi se afastando, como um bote inalcançável, levado pelas mesmas ondas que me engolfavam naquele mar de desalento e agonia.

— Por que você tá olhando pra ela? — A pergunta me fez virar o rosto.

O namorado de Letícia estava sério, os olhos escuros estreitados, os braços cruzados diante da camisa.

A postura hostil me incomodou. O sangue esquentou nas veias. As falanges e metacarpos coçaram de vontade de acertá-lo em cheio. Mas, embora estivesse louco para descontar minha frustração naquele desgraçado, não ia brigar com um sujeito que, em tese, não tinha me feito nada.

— O quê? Do que você tá falando, cara? — Fiz minha melhor expressão aérea.

— Não sou cego. Vi o jeito que você olhou pra ela, meu chapa.

A conduta mais sensata era continuar me fazendo de desentendido, em vez de iniciar uma defesa que, provavelmente, culminaria em socos.

— Eu só estava olhando aquelas... — Apontei umas flores amarelas. — Margaridas.

— São girassóis — corrigiu. — E aquelas ao lado são flores do campo, as favoritas de Letícia, caso você esteja interessado em saber. Lá na fazenda tem um monte, e ela gosta muito delas.

— Por que eu estaria interessado em saber quais são as flores favoritas da sua namorada? — indaguei, no instante em que um grito feminino retumbou.

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaai! Me solta, sua louca!

Girei o corpo e me deparei com uma cena totalmente imprevisível.

Letícia e a funcionária que havia me atendido estavam engalfinhadas.

Fiz menção de ir separá-las, mas o cara segurou meu braço.

— Calma, *Barbie*. Não é todo dia que a gente tem a oportunidade de ver duas gatas brigando. — Ele riu.

— Que porra é essa de “*Barbie*”? — encrespei.

— Você não é da família ainda. Tá proibido de usar essa expressão. — Meteu o dedo na minha cara.

Em outra conjuntura, eu teria socado aquele filho da puta. Mas Letícia tinha entrado em uma briga sem poder, e eu precisava alcançá-la antes que se machucasse ainda mais.

— Ela tá com o pé machucado, imbecil! — Comecei a me locomover.

— Porra! É mesmo! — Ele me acompanhou.

Agarrei a ruiva no momento em que o outro enlaçou a morena.

Enquanto meu peito se chocava contra as costas de Letícia, uma vendedora apareceu, segurando uma pá.

— Gente do céu, o que tá acontecendo? — perguntou, alarmada.

Três funcionárias e uma cliente se juntaram a ela, formando uma pequena plateia.

— Vou chamar a gerente! — Uma delas correu, atravessando o balcão.

— Essa maluca me atacou, só porque eu fiz uma brincadeirinha de nada! Eu sei que ele é seu namorado, sua burra! Ele me contou! — A mulher descabelada cuspiu uma mecha escura.

Ah, então Letícia estava brigando porque estava com ciúme do namorado.

Uma dor excruciante alastrou-se em meu peito, distendendo meus músculos. Afrouxei o braço e liberei meu corpo.

— Olha pra ele! Eu teria que ser muito doida pra achar que um homão desses é seu pai! — Ela apontou os braços para mim.

— Você me perguntou se eu era pai dela — acusei, quando as engrenagens do meu cérebro começaram a se ajustar.

— Foi na zoeira, cara! Porque você quis pagar o vaso que ela quebrou! Meu Deus, qual é o problema de vocês dois? Já pode me soltar, moço. — Virou o rosto na direção do sujeito que a segurava. Então, abriu um sorriso sedutor. — Nossa. Hoje é um dia abençoado aqui na loja, hein? Você tem namorada, gato?

— Não — ele respondeu, mas olhou diretamente para mim.

— Você não é namorado dela? — Mal contive a felicidade expressa na pergunta.

— Primo. Só estava tentando descobrir qual era a sua. Ele gosta de você, Tíci. — Dirigiu os olhos para a prima. — E ela tá a fim de você, *Barbie* — completou, me fitando.

A fim de mim? Ela estava a fim de mim? Ele estava falando sério?

— Felipe! — Letícia exclamou, a face clara adquirindo mil tons de vermelho.

— O que está havendo? — Uma mulher mais velha, de feições austeras, apareceu detrás do balcão. Só podia ser a gerente.

— Nada. Foi só um mal-entendido, dona. Já estamos de saída. — Letícia girou nos calcanhares e começou a andar depressa.

— Você não pode forçar o pé. — Fui atrás.

— Você se esqueceu de comprar as flores pra sua namorada — observou, mirando minhas mãos vazias.

— Não tenho namorada. — Isso fez com que ela parasse e me encarasse.

— É mesmo? Então você não veio comprar flores para uma mulher de vinte e sete anos? — Lançou-me um olhar desafiador.

Parecia uma leoa. O cabelo alaranjado estava todo bagunçado. Os fios emaranhados partiam para todos os lados. Estava linda. Tão linda que por pouco não a beijei.

Não queria beijá-la enquanto não colocasse tudo às claras. Ela tinha ouvido sobre as flores e merecia um esclarecimento.

Pensei em dizer que eram para a minha irmã caçula, que, coincidentemente, tinha vinte e sete anos. Não seria uma inverdade completa. Estaria mais para uma meia-mentira. Porém, contemplando as nuances de marrom em suas íris, fui incapaz de proferir algo que não fosse cem por cento verídico.

— Eram para uma mulher que mora aqui perto, na Rua das Cerejeiras. Eu ia conhecê-la hoje. Uma colega de trabalho achou que a prima dela e eu formaríamos um bom par, mas...

— Na Rua das Cerejeiras? — Letícia cortou. — Qual é o nome dela? — perguntou, apreensiva.

— Isa Vetter — respondi.

Seus olhos arregalaram-se, em uma inequívoca expressão de reconhecimento.

Eu estava prestes a perguntar se ela realmente conhecia a prima da capitã Theloni quando Felipe nos alcançou.

— Tíci, seu cabelo tá parecendo uma vassoura! — Deu uma risada.

Mais que depressa, ela levou as mãos à cabeça, passando os dedos ligeiros nos fios. Depois de ajeitá-los, enfiou a mão na bolsa.

— Preciso fazer uma ligação — avisou e continuou saindo da floricultura.

— E eu preciso bater um papo com você, *Barbie*. — Felipe deu um tapa nas minhas costas, começando a caminhar.

— Cara, de onde você tirou essa porra de “*Barbie*”? Meu nome é Tales, caralho — rosnei, acompanhando o filho da puta.

— Você vai se dar bem com Teo. — Ele riu.

— Quem é Teo?

— Não vem ao caso. O que vem ao caso é que eu quero saber quais são as suas reais intenções com a minha prima. — Um vinco se formou em sua testa.

— Essa não deveria ser uma pergunta feita pelo pai dela? — perguntei, em tom de riso.

— Quando o pai dela te fizer essa pergunta, você vai estar todo cagado. Aproveita a chance que eu tô te dando e treina sua resposta sem cagar na roupa. — Ele parou no passeio, diante da loja.

A alguns metros, sob a luz do poste mais próximo, Letícia andava de um lado a outro, com o celular na orelha.

— Vai, finge que eu sou tio Tito. — Felipe incentivou.

Era ridículo, mas limpei a garganta, decidido a simular aquela palhaçada.

— Minhas intenções com a sua filha são as melhores possíveis, senhor Tito. — Impostei uma voz séria.

— Pra você é doutor Thomas Theloni, rapaz. — Ele acertou meu braço.

— Theloni? — indaguei, surpreso.

— É, por quê? — questionou, intrigado.

— Letícia tem uma irmã médica, chamada Sofia Theloni? — sondei, abismado com a coincidência.

O pai de Letícia era médico. A capitã Theloni era médica. Letícia fazia Medicina. Logo, era uma família de médicos!

— Não. Tíci é filha única. Sofia é minha irmã — ele esclareceu.

Se Felipe era irmão de Sofia, então Sofia também era prima de Letícia!

E de Isa.

Putaquepariu! Isa era prima de Letícia?

— Isa e Letícia são primas? — Verbalizei a dúvida.

— Não de verdade, mas é como se fossem. De onde você conhece Isa e Sofia?

Resumi a história, o que o deixou tão boquiaberto quanto eu.

— *Barbie*, se isso não é coisa do destino, eu não sei o que é — comentou, parecendo verdadeiramente impressionado.

— Cara, você vai mesmo ficar me chamando de “*Barbie*”? — perguntei, puto.

— Você tá reclamando de barriga cheia, *Barbiezola*. Espera só até conhecer Luisão e Piolho. — Deu uma gargalhada.

Letícia se aproximou, nitidamente irritada, com o celular na mão.

— Ela desligou o telefone, acredita? Deve estar ocupadíssima com Zach!

— Isa está com Zach? — Felipe indagou.

— Foi pra casa dele, “ensiná-lo a falar Português”! — Ela desenhou aspas no ar.



— Vai dar treta. Já tô vendo a merda pronta. — Ele meneou a cabeça. — Meu Deus, como eu amo essa família! — Deu uma risada alta.

— Eu falei pra ela que isso não ia prestar, mas ela me escuta? Não, não me escuta! Aposto que já está apaixonada por Zach! — Letícia conjeturou, guardando o aparelho na bolsa.

— É, Tales, seu encontro melou — Felipe informou o que, para mim, pouco importava. — Minha prima te trocou por um gringo, que foi trocado por meu primo. Sua sorte é que eu tenho outra prima pra você. — Pendurou o braço nos ombros de Letícia.

— Felipe, pelo amor de Deus, cala a boca — ela pediu, entredentes.

Ele se afastou, segurando-a nos ombros.

— Como sou um primo muito bom, seu favorito, vou te deixar sozinha com *Barbie*, mas tenho umas considerações a fazer. Se for transar com ele, usa camisinha. Em hipótese alguma, deixa esse cara enfiar o pau desencapado em você. Se ele tentar alguma coisa que você não queira, chuta o saco dele, corre e chama a polícia. E, por último, não faça nada que eu faria, beleza? Se cuida, Tíci. — Ele a envolveu em um abraço.

— Eu vou te matar — ela sussurrou, mas eu ouvi.

Rindo, Felipe a soltou, virando-se para mim.

— Eu sou o irmão mais velho que Tíci não tem. Faz alguma merda com ela que eu arranco suas bolas e transformo seu pinto numa neovagina, *Barbie* — ameaçou. — Eu sou cirurgião plástico, só pra você saber. — Abrindo um sorriso maquiavélico, começou a se distanciar.

Balancei a cabeça, rindo daquele absurdo. Não podia negar que tinha gostado daquele sujeito.

— Ah! Lipe, e os livros? — Letícia se virou e perguntou.

— Já comprei, estão no carro. — Ele enfiou a mão no bolso, tirou a chave e destravou as portas.

Os faróis de uma picape estacionada ali perto iluminaram as adjacências.

A ruiva permaneceu de costas para mim, observando o primo entrar, dar partida e ganhar a rua.

Examinei cada centímetro de seu corpo, estacionando os olhos na bunda empinada, coberta pela saia curta do vestido verde-escuro.

Uma cortina acobreada ocultava suas costas, as pontas do cabelo roçando a base da coluna, onde as duas metades redondas começavam a se formar.

Uma rigidez familiar abrangeu minha virilha. Dei um passo e estaquei ao lado dela.

— Por que você começou a trançar o cabelo no dia da palestra? — perguntei em voz baixa e pausada, a milímetros de seu ouvido.

— Calor — ela respondeu devagar, girando o pescoço até nossos olhos se conectarem. — Você me deixa com calor, Tales.

O mundo sumiu naquele segundo. Estávamos sós, diante de uma vitrine florida.

Alberguei as mãos em sua nuca e acariciei seus lábios com o polegar.

E, então, eu a beijei.



# 31

## PAPAI DO CÉU

“(…) na hora de fazer você, ele deve ter caprichado pra valer”.

*Desenho De Deus — Armandinho*

## MATHEUS

Enquanto encaixotava meus últimos pertences, eu não conseguia parar de admirar o largo aro de platina que circundava meu anelar direito desde a noite anterior.

Tinha sido meu segundo presente preferido. O favorito ocupava o topo da lista, como a coisa mais perfeita que já ganhei na vida.

Aquele aniversário havia sido memorável; o melhor de todos e o primeiro de muitos que eu passaria integralmente com a mulher que eu amo.

— Não acredito — ela falou de repente.

Sofia estava sentada ao meu lado, esvaziando uma das gavetas do meu escritório.

Virei o rosto e contemplei seu cabelo desgrenhado, a testa ligeiramente suada, a manga da camiseta folgada despencando do ombro. Mal podia acreditar que aquela mulher tão linda tinha aceitado se tornar minha esposa.

— Não acredita em quê, paixão? — Inclinei o pescoço e beijei a clavícula exposta, deleitando-me com o toque da pele aveludada.

— Que você guardou esse desenho. — Ela ergueu o porta-retratos que tinha nas mãos, e um sorriso brotou em meus lábios.

Diante dos meus olhos estava uma superfície de vidro emoldurada, que protegia um pedaço de papel meio amarelado, com um rabisco feito a lápis de cor. Era um boneco com uma coisa rosa nas costas e uns fiapos amarelos saindo da cabeça.

Eu me lembrava perfeitamente do dia em que fizera aquele desenho. A professora havia pedido para desenharmos nossos animais de estimação, bichinhos que a gente amava. Como eu não tinha nenhum, desenhei Sofia, que não era um bichinho, mas era a dona do meu amor.

Ela desenhara um gato cinza e o que eu supus ser um cachorro com um laço na cabeça. Então, escrevera dois nomes, com a caligrafia grande, redonda e desproporcional. Quando terminou, fez um coração com giz de cera ao redor e espiou o que eu estava fazendo.

— Isso é uma menina de mochila? — O dedinho pousou na folha branca.

Entrei em pânico. Ela não podia descobrir que eu gostava dela.

— É. Eu desenhei você, porque você é um animalzinho — respondi, dando uma risada.

— Ué, você me ama? Era pra gente desenhar animaizinhos que a gente ama! E você que é um animalzinho, Chatão! Um burro que nem sabe entender o que é pra desenhar! — Ela me mostrou uma

careta.

— Eu *tava* brincando, Chatona! Nem é você! É uma tartaruga ninja! Isto — mostrei a lancheira que eu havia desenhado — é aquela coisa que as tartarugas têm nas costas. E isto — indiquei os fiapos na lateral da cabeça — é a máscara dele, que tá amarrada. Daí, sobram essas partinhas aqui, ó.

— Parece mais um cabelinho amarelo, que nem o meu — ela observou.

— Mas é a máscara do Michelangelo! — aleguei, mesmo sabendo que, se fosse, eu teria usado o lápis alaranjado.

Abandonei a lembrança, concentrando-me no desenho envelhecido. Nem de longe o traço tosco fazia jus às formas perfeitas da musa inspiradora do pouco habilidoso artista-mirim. Se a criança tinha algum mérito, era no campo da audácia, já que ousara retratar a obra-prima do Criador.

— Há algum tempo, minha mãe pegou um punhado de desenhos que ela guardava e me mostrou — contei. — Quando vi esse, decidi emoldurar, porque o Michelangelo sempre foi minha tartaruga ninja favorita.

Minha noiva deu uma risada alta. O som melodioso ondulou no ar e agasalhou meu coração.

— Confesso que sua desculpa foi genial, Chatão, mas eu sempre soube que isto aqui — seu dedo acariciou o vidro — era meu cabelinho.

Desviei os olhos do porta-retratos e olhei para Sofia, incapaz de acreditar que ela estava mesmo ali, ao meu lado, na minha vida.

A luz dourada do entardecer escorria pela fresta da janela, derramando-se em suas madeixas loiras e transformando os fios desalinados em uma trama de ouro puro.

Tinha sido um pecado imperdoável tentar ilustrar aquele cabelo. E reduzi-lo a dois fiapos amarelos, uma transgressão capital.

Banhada pelos raios do crepúsculo, ela parecia uma criatura divina, embora eu soubesse, por experiência própria, que era igualmente profana.

— Você é a mulher mais linda do mundo, sabia? — Toquei uma mecha alourada, a maciez desmanchando-se em meus dedos.

— Não sou uma mulher, sou um animalzinho — ela falou, com acidez.

Uma risada estrondosa chacoalhou meus ombros.

Não me orgulhava — nem um pouco, para ser honesto — das coisas absurdas — e às vezes cruéis — que eu costumava dizer para manter meu venerado segredo protegido. Mas, naquele caso específico, precisava congratular minha versão infantil, que, pelo visto, era vidente.

— Eu estava certo. Você é mesmo um animalzinho, minha girafinha! — Envolvi seu corpo e beijei sua têmpora.

— Sai daqui, seu ridículo — ela disse, rindo e me empurrando.

Afastei a cabeça e mirei suas íris, clareadas pelo fulgor do sol.

— Desculpa pelas minhas canalhices infantis, paixão. Se eu pudesse voltar atrás, retiraria todas as besteiras que eu já disse. E substituiria todas elas pelos elogios que nunca professei. Você era linda, sempre foi linda, linda demais pra mim. — Deslizei o polegar por sua face mais escura, onde as sombras brincavam de dançar.

Sofia prendeu meu pulso e beijou minha palma. Então, foi liberando meus dedos, que se abrigaram em sua nuca, acarinhando sua pele morna enquanto seu olhar se diluía no meu.

— Eu amo e odeio quando você é tão perfeito assim e me deixa sem fala.

— Mas eu não te deixei sem fala. Não ainda. — Lentamente, curvei o corpo e confinei seus lábios nos meus.

Quente e úmida, sua boca se moveu sobre a minha, a língua deslizando e roubando meu fôlego e minha sanidade.

O coração estrondeou, uma aglomeração de batidas retumbando ao mesmo tempo.

Beijá-la era caótico e, ainda assim, um remanso. Em seus movimentos havia fogo e ternura, paixão e amor.

Puxei-a para o meu colo, e ela se acomodou durante o beijo, as pernas enlaçando minha cintura, os braços entrecruzando-se em meu pescoço.

Apertei-a junto ao peito, e o calor de seu corpo inflamou o meu, dispersando-se como um rastro de pólvora.

Era incrível a maneira como suas curvas se assentavam em mim. Éramos um par de peças que se encaixavam perfeitamente. Se não estivéssemos grudados, o quebra-cabeças perdia o sentido.

Minhas mãos erguiam a barra de sua camiseta quando ela abandonou meus lábios.

— A gente não tem tempo — choramingou, com os dedos infiltrados em meu cabelo. — Tá quase escurecendo, daqui a pouco o pessoal da mudança chega.

— Foda-se. Quero me despedir do meu apartamento fazendo amor com você bem aqui, no chão. — Alcancei seu pescoço e deixei a língua circular pela pele levemente salgada à medida que meus dedos escalavam suas costas.

— Fazendo o quê? — ela perguntou, cedendo mais espaço para as minhas carícias.

— Amor — sussurrei em seu ouvido, subindo a blusa que ela vestia.

A ausência de sutiã me permitiu atirar a peça e venerar os picos enrijecidos, que clamavam pela minha atenção.

Juntando as duas delícias redondas, comecei a beijar a pele cálida, iluminada pelo sol.

Abocanhei um mamilo e chupei, deliciando-me com a textura e com os gemidos curtos e enlouquecedores de Sofia. Fiz o mesmo com o outro, enquanto ela bagunçava meu cabelo, esfregando-se sobre a rigidez que preenchia minha bermuda.

— Que pressa é essa, paixão? — Busquei seus olhos, apalpando seus peitos.

— Isso é pressa pra sentir essa pica gostosa escorregando na minha boceta. — Seus dedos empurraram meu tórax, me incentivando a esticar os braços.

Abrindo um sorriso sacana, espalmei as mãos no piso. Ela se deslocou um pouco, apenas o suficiente para abrir o botão e o zíper, agarrando o membro ereto.

O ar trespassou meus dentes quando sua mão oscilou, subindo e descendo.

Cortinas sedosas desaguaram de seus ombros instantes antes de sua língua se enroscar na ponta do meu pau.

Um gemido escapou da minha garganta, e outro escapuliu em seguida, quando ela hospedou meu cacete na boca.

Após algumas chupadas, Sofia ergueu a cabeça e terminou de me despir. Levei a mão à gola da camiseta, acelerando o processo.

Depois de tirar minha bermuda, ela se levantou e ficou de costas. Olhou sobre o ombro e, sorrindo maliciosamente, começou a tirar o short junto com a calcinha, movendo o quadril de um lado a outro e arrastando o jeans pelas coxas maravilhosas.

— Puta que pariu... — murmurei, fascinado pelo espetáculo.

Ao deslizar a peça pelas pernas compridas e torneadas, foi se abaixando, brindando meus olhos com uma visão que me deixou tonto.

A pele rosada e carnuda estava coberta por uma deleitante camada aquosa, que reluzia sob a claridade.

Endireitei o torso e corri as palmas pelas panturrilhas de Sofia até alcançar as popas tentadoras, que sustentavam toda aquela abundância de carne macia e gostosa.

Apertei e massageei sua bunda enquanto ela afastava o short com o pé, apoiando as mãos na mesa.

Pintando uma porção de beijos em sua pele, fui descendo a cabeça até encontrar e sugar o ponto deliciosamente úmido. Lambi e chupei, adorando os sons que ela produzia e a maneira como se mexia, pedalando em minha boca.

Atravessei suas pernas abertas, movendo-me de modo a alcançar a região inchada que precisava tanto da minha língua.

Desbravando suas coxas, deixei os lábios envolverem a área sensível.

Ela gemia, entoando uma prazerosa melodia ao pronunciar meu nome entre murmúrios indistintos.

— Preciso de você — falei, quando as pulsações em minha virilha e em meu peito ameaçaram avassalar meu juízo.

Ela se abaixou e me entorpeceu com um beijo lento e profundo, fazendo meu coração desacelerar por um instante e retomar o ritmo alucinado no segundo seguinte.

E, então, estendeu-se sobre mim, seus vales delicados e elevações suaves acomodando-se às planícies rígidas do meu corpo.

Deixei a cabeça encontrar o assoalho morno e explorei seus contornos quentes, reverenciando seu calor, sua maciez e seu aroma de flor e sal.

Durante o beijo, rolei no chão, albergando suas formas sob as minhas. Encontrei o caminho de casa ao me fundir a ela, absorvendo seu gemido e despejando o meu em seus lábios.

Suas pernas se atrelaram em minha cintura, empurrando-me mais fundo. Seus dedos naufragaram em minhas costas, imergindo no mar de luz dourada que aquecia minha pele.

Trilhando seu pescoço, eu me movia lentamente, saboreando cada partícula de Sofia antes de devorá-la por completo.

— Eu te amo — ela disse em meu ouvido, as mãos subindo para a minha nuca.

Elevei a cabeça e mirei as esferas azuis que me olhavam com um misto de desejo e doçura.

— Eu te amo — ecoei as palavras, que eram um eco perene em meu interior.

Fisquei sua boca e continuei executando movimentos longos e demorados, adorando a sensação de tê-la para amá-la sem pressa, pelo resto da vida.

Naturalmente, a cadência das metidas foi se alterando, acompanhando o ritmo ensandecido dos beijos.

Nossos corpos se mexiam com loucura e paixão, resvalando sobre a película salina que se formava entre nós.

Sofia abriu mais as pernas, e eu segurei seu rosto, afundando os dedos em seus cabelos.

Apoiando os polegares nas laterais de sua mandíbula, rastejei os lábios pelo queixo e percorri a linha do maxilar, entrando e saindo com investidas rápidas e vigorosas.

Suas mãos riscaram listras em minhas costas úmidas até se firmarem na minha bunda, apertando minha carne, incentivando-me a ir além.

Aumentei a velocidade, arfando em seu ouvido enquanto ela gemia mais alto, pareando os movimentos com os meus, fincando as unhas em minha pele.

— Isso, paixão, goza comigo — sussurrei, quando seu corpo estremeceu sob o meu, chicoteado pelo vigor do gozo.

Apoderei-me de sua boca e de seus gemidos, entregando-me ao poderoso arroubo que me fez jorrar dentro dela.

Desejei que a eternidade congelasse aquele momento, transformando aqueles segundos em uma realidade perpétua.

Não foi o que aconteceu. Demorou, mas a força do orgasmo foi esmaecendo, relaxando meus músculos e transformando-me em um peso morto sobre Sofia.

As pontas de seus dedos traçavam círculos em meu couro cabeludo, e os lábios acariciavam minha bochecha.

— Você é perfeito. — Ela soprou em meu ouvido.

Hasteei a cabeça e, sustentando-me nos cotovelos, mirei suas feições ainda anestesiadas pelo êxtase.

— Não sou. — Delicadamente, afastei alguns fios colados em seu rosto. — Mas você me faz querer ser o melhor homem do mundo, porque merece nada menos que isso.

Sofia sorriu, roubando uma batida do meu coração já descompassado.

— Se algum dia eu acordar e descobrir que você não é real, eu te mato, Matheus.

Dei uma risada e pousei os lábios em sua testa.

— Eu sou real, paixão. Tão real quanto o bebê que acabei de colocar na sua barriga.

Ela arregalou os olhos, me empurrando.

— Sai, tá na hora do meu anticoncepcional!

Rindo, retirei-me de dentro dela e deixei o dorso tombar no chão.

— Gi, eu espero que você saiba que eu quero ser pai de muitas girafinhas — falei, quando a superfície fresca recebeu minhas costas quentes.

— Acabei de te encontrar. Quero ser a única girafinha do nosso zoológico por muito tempo, Miyake.

— Sofia se colocou de pé, e eu não contive o riso.

Flexionei os braços e amparei a cabeça nos dedos cruzados. Deitado, observei o líquido espesso escorrer pelas longas pernas dela, ao mesmo tempo em que um tremor primitivo reverberava em meu peito. Ela era minha. Minha para adorar até o fim da vida.

— Tô indo tomar meu remédio, para me certificar disso. — Sofia se abaixou e pegou as roupas. Lançou um beijo ao vento para mim e começou a caminhar.

Fui imediatamente hipnotizado pelo rebolar daquela bunda magnífica, que formava um conjunto surreal com a cascata brilhante que balançava suavemente em suas costas, desembocando na base da coluna.

Em instantes, ela desapareceu em direção ao quarto, onde tinha deixado a bolsa.

Sozinho, fechei os olhos e inspirei, sorvendo o cheiro de sexo, suor, fim de tarde e Sofia.

Cochilei e, quando descerrei as pálpebras, o cair da noite já consumia os derradeiros raios de sol, tingindo o dia com suas primeiras pinceladas escuras.

Em algum lugar ali perto, em meio às caixas cheias de livros, pastas e papéis, meu celular começou a vibrar.

Alcansei o aparelho e constatei que era Marina. Como não ia atender minha irmã estando completamente pelado, levantei-me, coloquei o telefone sobre a mesa e comecei a me vestir.

Assim que me enfiei na camiseta, o celular vibrou mais uma vez, sobre o tampo de madeira. Peguei-o e estava prestes a atender a ligação de minha irmã quando Sofia voltou, com as pernas limpas e, infelizmente, com as roupas no lugar.

Ao vislumbrar sua expressão pouco amistosa, afundei o aparelho no bolso. Marina teria que esperar.

— Que foi, paixão? — perguntei, preocupado.

— Adivinha quem acabou de me ligar? — Seu tom irritado ressoou no apartamento silencioso. — Sua amiguinha!

Claro. Estava tudo perfeito demais. De algum modo, o universo tinha que arranjar um jeito de me sacanear.

— Pediu desculpas e convidou a gente para uma festa — ela continuou. — Um reencontro de turma, na verdade.

Percebi que só podia estar falando de Maria Eduarda. Mesmo assim, o convite me deixou surpreso.

— Um reencontro de turma? Com a turma do pré? — Estatelei os olhos.

— Exatamente! Ela disse que decidiu organizar essa reunião porque se inspirou no nosso reencontro. Aposto que te viu, todo gostosão, e tá com esperanças de que outro ex-colega também tenha virado um monumento! Até parece! — Ela riu, sem realmente achar graça. — A gente não vai à festa dessa garota!

Não consegui refrear a risada que me assaltou. Então, no meio do riso, a cara infantil daquele filho da puta piscou em minha mente.

Eu não estava nem um pouco interessado em saber em quem Igor Varella tinha se transformado. E tampouco deixaria Sofia descobrir.

— Não vamos mesmo — concordei.

— Falei que ia conversar com você a respeito e que retornava, confirmando ou não a nossa presença. Mas Maria Eduarda só pode ser louca se acha que a gente vai.

— Se nós estamos noivos, é possível que muita gente já tenha se casado — comentei, torcendo para ser o caso de Igor.

— É... — Sofia falou, pensativa. — Deve ser por isso que ela disse que todo mundo vai ter direito a um *plus one*. Você acredita que a sem-vergonha teve a coragem de me perguntar se eu não podia dar meu convite extra pra algum irmão seu? E ainda riu, falando que era “brincadeirainha”. Quase que eu solto um “brincadeirainha de cu é rola!”.

Fui até ela e a envolvi em meus braços, abafando minhas risadas em seu pescoço.

— Você gosta né, safado? Eu queria ver se fosse o contrário! Me larga, Matheus! — Ela se remexeu, e eu estreitei nossos corpos.

— Se fosse o contrário, eu agiria normalmente, porque sei que você me ama. E eu confio em você. Além disso, diferentemente de certas pessoas, eu sou maduro — provoquei, beijando sua bochecha.

Sofia virou o rosto, me encarando. Então, explodiu em uma gargalhada.

— Você cuspiu na minha cara, paixão. — Dei uma risada, de olhos fechados.

— Desculpa! — ela pediu, rindo e limpando meu rosto com as duas mãos.

Quando voltei a enxergá-la, fiquei frente a frente com um sorrisinho sacana.

— Acabei de decidir que vamos à festa, Miyake — disse, depositando um brevíssimo beijo em meus lábios.

— Não, nós não vamos — afirmei, resolutivo.

Nem fodendo eu submeteria Sofia aos olhares dos meus ex-colegas. Quando a vissem, cada um daqueles desgraçados certamente lamentaria o fato de não ter tido a sorte que eu tive ao me deparar com um sapo e uma girafinha naquela estrada chuvosa.

— Como será que Igor ficou, né? — ela atçou, e eu senti um misto de fúria e alarde se agitar e contorcer minhas entranhas.

— Nunca saberemos, já que não vamos a essa merda! — Liberei os braços, e ela me fitou.

— Ué, você não era o maduro da relação? — Riu. — Fica tranquilo, paixão, você não é obrigado a ir. Posso perfeitamente ir sozinha. — Minha noiva deu de ombros.

Foi a minha vez de gargalhar como se tivesse acabado de ouvir uma piada hilária. E realmente tinha ouvido.

— Nem por um senhor caralho — declarei, quando a graça se perdeu. — Nenhum de nós vai. E ponto final.

— Eu estava só brincando. Mas, agora que você cometeu o terrível erro de me dar uma ordem, eu vou. E ponto final. — Ela entrelaçou os braços e me mostrou uma linda expressão insolente.

— Ótimo. Também vou. Não vejo a hora de rever minhas coleguinhas — pirraçei.

Sofia arregalou os olhos e fez menção de soltar uma chuva de impropérios.

Estendi a mão, em um pedido de espera.

— Um minuto, paixão. Tem alguém me ligando. — Aproveitei que o celular não parava de vibrar e o tirei do bolso.

— Não acredito que ela conseguiu seu número! — minha noiva bradou, chocada.

— É minha irmã — respondi, rindo, ao checar o visor. — Oi, Marina. — Levei o aparelho à orelha.

— Henrique... — Sua voz libertou um péssimo pressentimento, que se enrolou em mim como uma mortalha de chumbo.

Eu não estava pronto para ouvir aquilo. Nunca estaria.

Quando as palavras de Marina se dispersaram, atravessando meu ouvido e cortando a densa atmosfera que me cercava, meu mundo entrou em colapso.



# 32

## BEIJO BOM

“(...) de fruta ou beijo de café”.  
*Beijo É Bom* — Sandy & Júnior

## LIPE

Eu tinha acabado de me deitar, depois de colocar o livro sobre o criado-mudo, quando um som fustigou meus ouvidos, me obrigando a abrir os olhos recém-fechados.

Sentindo as horas não dormidas pesarem nas pálpebras, tateei os lençóis até encontrar o celular, a origem do ruído.

Encarei o visor e vi que eram seis e cinco da manhã. Então, identifiquei o filho da puta que estava me ligando àquela hora, em pleno domingo: Luisão.

Havia uma grande chance de não ser nada, além da típica falta de noção de Luísa. Mesmo assim, fiquei preocupado. E se algo grave tivesse acontecido? E se alguém da família tivesse morrido?

Só consegui pensar em Letícia, esquartejada por *Barbie*, a boneca assassina.

Assombrado pela hipótese de ter me enganado completamente a respeito de Tales, causando a morte precoce de minha prima, arrastei o dedo trêmulo pela tela e coloquei o telefone na orelha, sentando-me na cama.

— O que aconteceu? — perguntei, o coração aos pulos, o ar preso na garganta.

— *Mermão*, tô precisando de um favor — ele disse, e uma onda de alívio inundou meus pulmões, reativando o funcionamento do meu sistema respiratório.

Tíci estava viva, graças a Deus.

— Que favor? — indaguei, depois de exalar o susto.

— Preciso de ajuda pra fazer as pazes com *Broderzão*. — Luís usou um tom angustiado.

— E você me liga uma hora dessas por causa disso? — reclamei.

— É um caso de vida ou morte, Lipeta. Não tô conseguindo viver sem aquela arrombada.

— Mas vai ter que viver, já que escolheu arrombar a irmã dele. — Não contive o riso. — Aliás, por que você não tá fazendo isso neste exato instante?

— Ela acabou de dormir, tá nocauteada lá no quarto. A naja trabalhou a noite toda, *mermão* — falou, satisfeito.

Tive vontade de socar aquele filho da puta. E todos os filhos da puta que tinham passado a madrugada transando.

— Também fodi a noite toda — menti.

— *Cê* conseguiu convencer Mari? — Pela entonação, pude imaginar seus olhos saltados.

Letícia tinha razão! Todo mundo estava sabendo do meu fracasso retumbante!



Fiquei puto. Com a pirracenta da Marina, com a linguaruda da Isa e com o desgraçado do Luisão, que achava que eu, Felipe Vetter Theloni, não era capaz de conquistar uma mulher.

Estava na hora de os humilhados serem exaltados, nem que fosse uma exaltação de mentira.

— Fala baixo, ela tá dormindo — sussurrei. — Espera, tô indo pra sala.

Tirei o telefone do ouvido, coloquei sobre o colchão e estendi os dois dedos médios pro aparelho, fazendo careta enquanto subia e descia uma mão por vez.

— Pronto, já saí do quarto. — Peguei o celular de volta, recolocando-o na orelha.

— Até que enfim, Lipeta! — Ele quase me deixou surdo. — Achei que *cê* não ia conseguir um repeteco com a irmã do Chatão, maluco! E aí, *cê* já tá apaixonado?

— Claro. Afinal, algumas transas são mais que suficientes para fazer um homem se apaixonar por uma mulher — ironizei.

— *Mermão*, quando a mulher é a mulher da sua vida, *cê* só precisa de uma. Às vezes, nem disso. Às vezes, *cê* se apaixona primeiro pelo sorriso dela.

O rosto de Marina invadiu minha mente, sem aviso. Seus lábios rosados me mostravam uma curva provocativa, que combinava com o par de olhos claros e desafiadores, encimados pelas espessas e petulantes sobranceiras escuras.

— Lipeta? — A voz de Luís me resgatou do devaneio.

Engolindo um palavrão, afastei a imagem inoportuna do cérebro.

— Você é o sujeito mais camisolão que o mundo já viu, Luísa. Ou seja, não é parâmetro para ninguém — falei, tomando as rédeas dos meus próprios pensamentos.

— Um dia *cê* ainda vai me dizer que eu *tava* certo — ele profetizou. — Mas não é pra falar do meu amor por Ana que eu tô ligando.

— É pra falar do seu amor por Teo — afirmei, em um tom sacana.

— *Cê* tá com ciúme, Lipeta? A naja também te ama, *mermão*. *Cê* chupa mais gostoso que Teozona. — Ele riu.

— Para de falar merda e fala logo o que você quer. Passei a madrugada acordado, tô com sono. — Como que para provar que precisava de descanso, meu corpo emitiu um bocejo.

— Liga pra *Broderzão* e fala pra ele parar de ser *cuzão* comigo. Mas tem que ser agora, porque mais tarde tem churrasco na casa dos velhos, e eu quero comer *minhas carne* com uma família feliz.

— Carne, né, safado? Você tá doido é pra encher a boca de linguiça. — Dei uma risada. — E não vou ligar uma hora dessas. Teo deve tá ocupado, comendo sua irmã — alfinetei.

— Provavelmente — ele concordou. — Mas liga pra ele, valeu? Eu tô sofrendo sem aquela arrombada. Na semana que passou, fui todo dia ao Departamento Jurídico. Mas ele só conversou comigo em ocasiões estritamente necessárias, só paradas relacionadas à empresa. E só quando tinha outro advogado por perto. E me chamou de “Senhor Guerratto”. E nem riu das minhas piadas. Tô *mó* deprimido.

Dei uma gargalhada estrondosa.

— Sai do armário, Luísa! Conta logo pra Ana que é pelo irmão dela que você sempre foi apaixonado!

— Eu quero meu *Broderzão* de volta. — Ele ignorou a zoeira. — Liga pra ele, Lipeta, por favor? *Cê* é tipo nosso Grilo Falante. Quebra essa pra mim, *mermão*? Que que custa?

Ele continuaria enchendo o raio do saco até eu dizer que ia resolver. Como tudo sempre sobrava pra mim, de um jeito ou de outro, decidi aceitar de uma vez. Assim, eu evitava a fadiga.

— Tá — concordei, bocejando.

— *Mermão*, *cê* é o melhor primo de mentira que eu poderia ter! Depois de Ana, meus velhos, meus padrinhos, Lulu e Teozona, *cê* é a pessoa que eu mais amo no mundo, na moral.

— Valeu, Luísa. Agora vou desligar, senão eu choro — zoei e desliguei.

É foda ter que bancar o mediador de dois marmanjos se comportando como duas garotinhas brigadas?

É. Mas o que a gente não faz pela família?

— Você ainda tá puto com Luís? — perguntei, me fazendo de besta, pouco depois de iniciar a conversa com meu primo, via telefone.

— Vou continuar puto com ele só pelos próximos dez anos. — O rancor em sua voz era palpável, e o sarcasmo não passou despercebido.

— Teo, deixa de besteira — apaziguei. — Vocês dois são muito mais que primos postiços. São praticamente irmãos.

— Se isso fosse verdade, ele não teria feito o que fez, sabendo quais seriam as consequências. — Palavras frias se infiltraram em meu ouvido.

— Cara, ele não teve escolha — continuei pacificando. — Luisão gosta de Ana desde que era moleque.

— Exatamente! Eles me enganaram a vida toda! Luís me conhece, Lipe. Sabia que eu ficaria puto e, mesmo assim, ligou o foda-se. Ele não tá nem aí pra nossa amizade! Nunca esteve! — acusou, com a mesma inflexão de uma criança emburrada.

— Você tem um pau, porra! — explodi. — Tá careca de saber que não dá pra controlar. E que, entre um amigo e uma boceta, a gente sempre vai escolher a boceta, por melhor que seja o amigo. É inevitável.

— Meça suas palavras! É da minha irmã que você tá falando, caralho! — ele encrespou, e eu dei uma risada.

— Ué, você não sabia que ela tem uma boce... — comecei, só para espezinhar.

— Felipe, cala a porra da boca — ele cortou, me fazendo rir ainda mais. — Vou desligar essa merda.

— Espera. Tenho mais uma coisa pra dizer. — Fiz uma pausa breve. — Deixa de ser essa putinha dramática, hipócrita, briguenta e egoísta que você é, Teo. Enfia o orgulho no cu e assume que você também tá sentindo falta de Luísa. — Lancei a cartada final.

— Ele disse que tá sentindo minha falta? — questionou, subitamente interessado.

— Disse. E você sabe que tá. — Mantive a voz séria, reprimindo a vontade de caçoá-lo pela carência lamentável.

— Tá o caralho! — resmungou. — Ele tem a traidora. Só se importa com ela. E ela só quer saber dele. Espero que os dois se casem e vão morar na puta que pariu!

Isso me fez perceber que o problema era pior do que eu pensava. Ele não estava tão puto assim por ter descoberto o caso “secreto” de Ana e Luís. Na verdade, a grande questão era o fato de Teo achar que os dois gostavam mais um do outro do que dele. Em sua cabeça imatura, ele tinha perdido a irmã para o melhor amigo. E o melhor amigo para a irmã. Era esse o nível de infantilidade da criança. Não era à toa que tia Liv o chamava de “bebê”.

— Lipe, não tenta ter uma conversa sensata com uma criatura com idade mental inferior a dois anos. É impossível. — A voz de Luma ressoou de repente, bastante nítida.

— Luma, devolve meu telefone! — Teo exclamou.

— Ai! Me solta, Teodoro! — Ouvi uma risadinha.

Então, tudo o que comecei a escutar foram certos ruídos inconfundíveis.

Os filhos da puta, em vez de valorizarem minha inestimável ajuda, ficavam se esfregando nas minhas fuças!

Puto da vida, desliguei o celular e me deitei.

Nunca tinha me sentido tão solitário. E a culpa era de quem?

Exato. Toda de Marina.

Eu poderia estar transando naquele momento? Poderia. Não precisava ser, necessariamente, com ela.

O problema era a ideia fixa, que sugava minha vontade de sair em busca de outra mulher. Meu corpo estava totalmente dominado pela minha obsessão. Recusava-se a me libertar, enquanto eu não satisfizesse o desejo que me consumia.

Frustrado, fechei os olhos e respirei fundo, relaxando os músculos tensos.

Meu cérebro viajou. Imagens magníficas começaram a flutuar sob minhas pálpebras. A mente catalogou uma por uma, ângulo por ângulo, emoldurando todos.

Adormeci admirando uma belíssima exposição de fotos de Marina.

Um tempo depois, abri os olhos. Raios de sol atravessavam os vidros da janela, e partículas de poeira bailavam na luz dourada.

Divisei o livro sobre o criado-mudo, banhado pela claridade que inundava o quarto.

A capa era a foto de um cara mais feio que gozar na cara da tia, usando um traje típico do século XIX.

“A Perdição do Conde” era o título do romance que me mantivera acordado a noite toda.

No início da narrativa, o Conde de Baxter era um Felipão. Depois, o cara começou a *encamisolar* e virou uma Luísa. E eu achando que tia Liv escrevia romances...

Ela escreve histórias de terror!

O foda é que não percebi, antes que fosse tarde demais, que o conde estava se apaixonando por Lady Susan. Quando me dei conta do que estava acontecendo, eu também estava irremediavelmente apaixonado pela bela, obstinada e astuta heroína da história. Na minha cabeça, ela era baixinha, tinha longas madeixas castanho-claras, grandes olhos azulados e sobrancelhas marcantes.

Fiquei assustado com o quanto gostei de ler aquele negócio. Era uma porra viciante.

Primeiro, eu me identifiquei com o conde libertino, que vivia em prostíbulos, casas de jogos, clubes de cavalheiros e leitos alheios. Depois, quando ele conheceu Lady Susan, não consegui afastar da mente o meu primeiro encontro com Marina, no meu quarto da fazenda. Aí, o aristocrata começou a ficar levemente obcecado pela mulher que conhecera por acaso em um sarau, após um incidente bastante peculiar. Então, decidi comparecer a todos os eventos sociais da temporada, dando a si mesmo a chance de contemplá-la e de, com sorte, valsar com ela.

Confesso que, em alguns momentos, tive vontade de ter vivido naquela época. Teria sido foda. Eu seria um conde e teria muitas propriedades. Seria rico e nobre — bonito eu já sou. E poderia sediar um baile, só para dançar com Lady Susan. E convidá-la para um passeio nos jardins de Baxter Hall. E furtar-lhe um beijo sob a luz da lua e sob o escrutínio das estrelas, em meio às sebes altas das cercas-vivas que velariam o princípio da minha perdição.

Puta que pariu, o que estava acontecendo comigo?

Tinha sido uma péssima ideia ler um livro de tia Liv. As palavras tinham algum tipo de feitiço que grudava na cabeça da gente. E as porras dos capítulos sempre terminavam de um jeito que eu precisava ler o próximo, senão enlouqueceria.

Tio Max tinha razão. Ela era mesmo uma bruxa indiana!

Ignorando o livro enfeitiçado sobre o criado-mudo, levantei-me da cama e caminhei até o banheiro.

Esperei o pau dar uma baixada e esvaziei a bexiga. Então, fui até o espelho e me deparei com o reflexo de um zumbi.

Como eu continuava boa-pinta até com a aparência de um morto-vivo era um grande mistério, que a humanidade jamais seria capaz de solucionar.

Depois de fazer a barba, escovar os dentes e tomar um banho rápido, voltei para o quarto. Em seguida, coloquei uma calça jeans e uma camiseta preta, porque, segundo minha mãe, eu fico ainda mais bonito de preto. É aquela coisa, né? As mães estão sempre certas.

Peguei a carteira, o celular, as chaves e o embrulho sobre a poltrona. Saí do apartamento e, minutos depois, estava entrando no Malena, muito mais porque precisava de café do que pela possível presença de Marina.

Ela não era Lady Susan, o amor da minha vida. Era só uma mulher pequena e altamente teimosa, que se recusava a me dar um beijo que nem devia ser tão bom quanto eu imaginava que seria.

Ao cruzar as largas portas de vidro, com o pacote em mãos, fui recepcionado pela nuvem aromática,

de café e chocolate, que pairava sobre as mesas do estabelecimento.

Meus olhos pousaram no ambiente ruidoso e começaram a esquadrihá-lo por inteiro. Procuravam um assento vago, obviamente, já que o local estava apinhado de pessoas.

Aos domingos, o Malena costumava receber mais famílias e amigos que profissionais apressados, ansiosos pela primeira dose diária de cafeína. Por isso, crianças lambuzadas de torta e chantilly davam risadas, e jovens e adultos conversavam uns com os outros, bebericando suas xícaras tranquilamente.

Meu olhar atento vasculhava o balcão quando uma funcionária me cumprimentou:

— Bom dia, doutor Felipe! Não acredito que você fica ainda melhor de preto que de branco!

— É — falei, distraído, sem desviar os olhos do balcão. — Mari veio hoje?

— Quem?

— Sua chefe. — Inclinei o pescoço, a fim de ver além de um careca grandalhão, que tinha acabado de se aproximar de uma banqueta recém-desocupada.

— Ah. Tá na sala dela.

Isso me fez direcionar os olhos para a garçonete. Era bonita, mas não o suficiente, motivo pelo qual não conhecia meu Lipão.

— Onde fica a sala da sua chefe... — Fiz uma pausa enfática, indicando que eu não fazia ideia de qual era seu nome.

— Gisele! — ela disse, exasperada, como se eu fosse obrigado a saber. — E fica em uma área exclusiva para funcionários.

Enderecei-lhe um consciente sorriso sedutor e incorporei os modos galantes que havia aprendido na noite passada.

— Por favor, permita-me esclarecer o propósito de minha visita. Minha irmã acabou de ficar noiva do irmão de Marina. Estou encarregado de entregá-la, pessoalmente, este embrulho. Então, ficaria demasiado grato se a senhorita pudesse me guiar até a sala de minha futura concunhada.

Ela piscou, sorrindo de um jeito inédito. Não era um sorriso malicioso. Era um curvar de lábios cheio de deslumbramento.

— Não sei o que deu em você, mas isso foi a coisa mais gentil que já saiu da sua boca, doutor Felipe.

— Muito obrigado, senhorita Gilda. — Fiz uma leve mesura.

— Gisele. — Ela revirou os olhos, mas sorriu. — Venha comigo. — Começou a andar.

Fui atrás, comportando-me como um legítimo cavalheiro ao manter o olhar no penteado da senhorita Gisela, em vez de ceder ao pouco honroso impulso de movê-lo para partes bem mais interessantes da jovem.

Putá merda, eu estava falando que nem o conde! Tia Liv ficaria orgulhosa. Pena que jamais saberia que eu era um leitor dela.

— É aqui. — A moça estacou diante de uma porta escura. — Ela não está bem hoje. Tá super mal-humorada. Então, se perguntar quem te trouxe, faça o favor de não dizer que fui eu, okay?

Assenti, e ela se foi, deixando-me à mercê da fera que se escondia do outro lado da parede.

Respirei fundo e, mentalmente, repassei as lições de Letícia e tudo o que o Conde de Baxter havia me ensinado.

Quando me senti preparado, bati à porta.

— Entra. — A voz rude chegou aos meus ouvidos.

Girei a maçaneta e adentrei o cômodo.

Assim que a vi, pancadas abruptas fizeram meu peito vibrar. Era o nervosismo por não saber se minha nova tática surtiria os efeitos pretendidos.

Marina estava debruçada sobre alguns papéis, sentada detrás de uma comprida mesa de tampo de madeira e pés de cavalete.

— Só um minuto, Cibele — falou, sem erguer os olhos.

Ondas de seu cabelo castanho-claro esparramavam-se pelas laterais do rosto concentrado. Ela remexia a papelada, detendo-se em uma folha antes de passar rapidamente para outra.

Ali, acomodada na cadeira de espaldar alto, parecia uma rainha. Uma pequena e encantadora rainha.

— Achei! — exclamou de repente, satisfeita.

Então, desviou os olhos do punhado de páginas.

— Pronto, Ci... — A voz morreu quando suas íris se detiveram nas minhas.

Ela entreabriu os lábios, um vislumbre de surpresa perpassando o rosto de feições delicadas.

Abri um sorriso, cuidando para que a força do hábito não o transformasse em algo pecaminoso.

— O que você está fazendo aqui, Felipe? — perguntou com brusquidão, aparentemente recuperada do instante de espanto.

— Vim apenas trazer-lhe um presente. — Fui até a mesa e depusitei o embrulho, que continha o box que eu havia comprado junto com “A Perdição do Conde”.

Se o vendedor tinha conseguido eu, eu conseguiria meu beijo, que era só o que eu queria.

Marina lançou o olhar para o pacote vermelho. Então, buscou meus olhos.

— Meu aniversário já passou, foi semana passada. — Cruzou os braços sobre a camisa branca e, infelizmente, sem nenhum decote.

— Sinto muito pelo descortês atraso, mas espero que aceite o presente e meus parabéns, em nome da estima que tenho pela senhorita — falei, imaginando o que ela estaria usando na parte de baixo. Esperava que fosse uma saia. De preferência, curta.

— Felipe, você tá bêbado? — Examinou meu rosto.

— Nunca estive tão lúcido em toda a vida — assegurei.

— Você tá com uma cara péssima. Parece que não pregou o olho esta noite. Imagino o motivo. — Seus lábios se contorceram, e eu recebi um olhar cheio de censura.

Ela estava morrendo de ciúme, supondo altas safadezas de minha parte! E tinha a coragem de me negar um reles beijo, como se não estivesse remotamente interessada em mim!

Precisei me esforçar para não jogar essas nuas e cruas verdades na cara dela. E também tive que fazer um esforço sobre-humano para não ressaltar que as olheiras não prejudicavam em nada a minha notória e incontestável beleza.

Em vez de me comportar como de costume, refreei o impulso natural de destilar provocações e autoelogios e caprichei no linguajar retrógrado:

— Asseguro-lhe de que a razão de minha aparência insone não é a imaginada pela senhorita. Nosso interlúdio na escada foi o último do qual tive o prazer de participar.

— Por que você tá falando assim? Para com isso! — ela ordenou, impaciente. — E você acha que eu sou o quê? Uma idiota? — Deu uma risada. — Conheço sua fama, Felipe. Não acredito, nem por um segundo, no que você está dizendo.

— A senhorita é livre para acreditar no que lhe aprouver. Mas minhas palavras foram tão-somente verdadeiras — falei, com sinceridade.

Sendo honesto, nem tentei transar com outras mulheres na última semana. É como eu disse, estou focado em concretizar meu atual objetivo. Sou um soldado em campo de guerra, lutando em uma missão que não comporta distrações, pois qualquer descuido pode ser fatal.

Sem dizer nada, ela ficou de pé e começou a rodear a mesa. Movi o corpo para apreciá-la por completo.

Marina usava uma saia preta, que ia até os joelhos, mas que se moldava perfeitamente às coxas e ao quadril. Nos pés, saltos muito altos, da mesma cor.

Os vários centímetros extras oferecidos pelos sapatos não a equiparavam a mim em altura, mas tornavam a diferença muito menor, ideal para um beijo.

— O que você veio fazer aqui? — ela perguntou, aproximando-se com a premeditada lentidão de um

felino.

— Entregar o presente — respondi, engolindo em seco.

Meus dedos formigavam, doidos para percorrerem as curvas daquele corpo, loucos para libertarem cada pérola daquela camisa, desesperados para encontrarem o zíper da saia.

Eu tinha planejado deixar os livros e me despedir, sem dar em cima dela, sem demonstrar nenhum interesse de cunho sexual. Mas, puta merda, como estava sendo difícil me ater ao plano.

— Só isso? — ela sondou.

Não era um convite implícito. Era um teste. Marina era uma criatura artilosa. Eu não podia cair na armadilha. Precisava manter o foco.

— E convidá-la para um piquenique — improvisei, inspirado pelas ações do Conde de Baxter. — Conceder-me-ia a honra de sua presença esta tarde, senhorita? — Tomei suas mãos e levei suas falanges aos lábios.

Então, mirei seus olhos, estudando sua reação.

— Um piquenique? — Suas sobrancelhas subiram. — Você tá falando sério? — Riu, incrédula.

— Hoje, às quatro da tarde. Em um local público, é claro, para que sua imaculada reputação não corra o risco de ser arruinada. — Quase não contive o riso.

Marina, por sua vez, gargalhou, e não pude deixar de notar o quanto sua risada era gostosa.

— Ai, Felipe! Graças a Deus, vivemos nesta época, porque, em outros tempos, nossa aventura na escada teria me deixado totalmente imprestável para o matrimônio, a menos, é claro, que eu me casasse com você. E esse inferno particular eu dispensaria em qualquer século!

Foi a minha vez de rir.

— Mari, meu amor, seja menos óbvia! Assim, você tá deixando claro que seu maior sonho é se casar comigo!

— Olá, Felipe verdadeiro! — Ela sorriu com escárnio. — Estava me perguntando quando você daria as caras.

— Sentiu minha falta? — Sorrindo maliciosamente, dei um passo, enlaçando sua cintura. — De qual Felipe você gosta mais? Deste ou do outro? — Estreitei nossos corpos.

Seu calor alastrou-se pela minha pele, infiltrou-se em minhas células e fez meu peito arder e implorar pelo corpo colado ao meu.

— Estou completamente apaixonada pelos dois. — Ela enredou os braços em meu pescoço e, por um instante, desejei que suas palavras não fossem irônicas, como seu sorriso mordaz.

Meu coração batia depressa, porque a proximidade era a minha grande chance de colocar fim ao martírio que me massacrava há dias. Ia beijá-la e pronto. Estaria finalmente livre de Marina Miyake.

Estava prestes a iniciar o movimento quando alguém bateu à porta, fazendo com que ela pulasse meio metro longe.

— Dona Marina, posso entrar? — Uma voz feminina perguntou.

— Não! Ela tá ocupada! — Tomei a liberdade de responder àquela filha puta, empata-foda do caralho.

Tudo bem que não estava acontecendo nenhuma foda que pudesse ser empatada, mas ia acontecer! Eu ia beijá-la e...

Só isso. Retiro o que eu disse sobre a foda. Eu não estava em meu juízo perfeito agora há pouco, quando falei que ia transar de novo com Marina. Não vou.

— É mentira dele! — ela me fuzilou. — Não estou ocupada. Pode entrar, Cibele.

A porta se abriu.

— Desculpa, eu não queria incomodar. Mas é que a senhora mandou me chamar.

— Não se preocupe, Cibele. O senhor Theloni já estava de saída. — Ela me mostrou um sorriso educado.

— Posso pegá-la às quatro? — perguntei.

Marina pensou por alguns segundos. Então, me passou um endereço, que decorei no ato.

Fui até ela e suspendi sua mão, depositando um beijo suave no dorso.

— Até mais ver, senhorita. — Sustentei seu olhar, e meu coração perdeu uma batida.

Era a emoção de vencer uma batalha tão crucial para a minha vitória naquela guerra.

Não ia passar daquela tarde. Eu ia beijá-la durante o romântico piquenique que ia organizar. E, então, estaria livre. Assinaria minha carta de alforria com aquele beijo.

Tudo daria certo. O que poderia dar errado em um domingo ensolarado?

Depois de me despedir de Marina, virei as costas e comecei a sair da sala.

A funcionária estava parada no batente, com uma expressão derretida estampada no rosto maduro. Era uma dona.

— Com licença, senhora. — Fiz uma curta reverência antes de abandonar o escritório, deixando duas mulheres suspirosas para trás (na verdade, só ouvi o suspiro da dona, porque Marina estava muito longe. Mas sei que ela também suspirou).

Fiquei impressionado com as minhas habilidades nobiliárquicas. Talvez, eu tenha sido um conde em outra vida. Ou melhor, um duque!

Não. Provavelmente, fui filho de um dos reis da Grã-Bretanha. A realeza combina mais comigo. Príncipe Philip, que tal?

Assim que saí do Malena, passei na livraria que tinha visitado na noite anterior. “A Perdição do Conde” era o primeiro volume de uma trilogia, conforme descobri na última página. Eu precisava dos outros dois. Tinha que saber o que acontecia com o irmão e com o melhor amigo do Conde de Baxter.

Abandonei o local com as minhas próximas — e secretas — leituras enfiadas numa sacola de papel. O foda era que eu não poderia passar outra noite acordado, porque teria que estar no hospital bem cedo na segunda-feira. Então, nem abriria o segundo livro, para não correr o risco de varar a madrugada de novo.

Minutos mais tarde, eu estava cruzando a entrada do condomínio. Naquele domingo, o almoço aconteceria na casa de Piolho, então fui direto pra lá.

Assim que entrei, fui abordado por Luisão, que estava sozinho, sentado em um dos sofás da primeira sala.

— *Mermão* do céu, *cê* demorou demais, Lipeta! Tô te ligando tem é horas, maluco! — Ele ficou de pé quando me viu.

— Desliguei o celular — informei. — O que você tá fazendo sozinho aqui? Cadê sua *Broderzona*?

— Agora ela é minha *Lovezona*. E ela tá lá em cima com as minas, só na fofocaiada. Falando em *Lovezona*, aconteceu uma treta insana comigo, Lipeta. — Ele me mostrou feições preocupadas. — Entrei hoje de manhã pra mudar minha senha e descobri que alguém entrou no meu *Facebook*.

— Puta merda... Sério? — Fiz minha melhor expressão chocada, enquanto sufocava a vontade de rir.

Ele provavelmente ia mudar a senha para loveZONA1206, e isso estava me matando. Eu queria gargalhar.

— *Mermão* de Deus, *cê* acredita que o *fidaputa* tá passando cantada em tudo que é macho? E teve *uns maluco* que toparam sair comigo e até me mandaram fotos de piroca! — ele sussurrou a última parte.

Ontem à noite, depois do episódio da floricultura, cheguei ao apartamento e, antes de começar minha leitura, entrei no *Facebook* de Luísa e mandei mais mensagens para vários caras aleatórios, como uns amigos de Ícaro e os irmãos de *Barbie*. Fucei o perfil e descobri que Tales tem três, tudo com cara de boneca. Também descobri que ele tem uma irmã gostosa, mas isso não vem ao caso.

O que vem ao caso é que, diante da declaração de Luís, eu não consegui segurar a risada. Acabei gargalhando.

— Para de rir, *mermão*! A parada é séria! O maluco que me sacaneou me conhece, porque fez propaganda da naja pros caras. Só pode ser Teozona! Ele tá se vingando de mim, Lipeta!

Tive outra crise de riso. Ri tanto que caí sentado no sofá mais próximo.

— Como que aquela arrombada descobriu minha senha? É uma parada *mó* forte, com letras maiúsculas e números e tal. Ele só pode ter contratado um hacker!

Meu Deus. Eu ia morrer de rir.

— *Mermão*, para de rir da minha desgraça, valeu? — Ele deu um chute na minha canela. — *Cê* tem que me ajudar, Lipeta. *Cê* manja dessas paradas de computador. Preciso de ajuda pra hackear Teozona e foder a vida dele!

— Ué, você não queria fazer as pazes com ele? — perguntei, rindo.

— Quero mais é que ele se foda! Por culpa daquela arrombada, eu tive que ver aquele monte de pinto! — Ele fez uma careta.

— Desse monte de pinto, teve algum que te agradou? — zoei.

— Não sou especialista em picas, mas não tinha uma que chegava aos pés da naja, *mermão*! E olha que tinha *umas puta* rola lá! — Ele riu.

Eu estava prestes a dizer que, em comparação ao meu Lipão, só tinham enviado pingolas — o que me faria revelar minhas supostas habilidades de Lisbeth Salander — quando o som de passos ecoou no piso da sala.

Virei a cabeça e me deparei com Teo, que caminhava de mãos dadas com Luma.

Fiquei de pé e me preparei para testemunhar o combate.

— Bom dia, Lu! — ela cumprimentou, abraçando Luís.

— Bom dia, Lulu! — ele retribuiu o cumprimento, beijando o topo de sua cabeça.

— Bom dia, Lipinho! — Ganhei um abraço em seguida.

Abri a boca para responder no instante em que Teo venceu a testa.

— Que porra é essa de “Lipinho”? — vociferou.

— Não começa, Teodoro — ela advertiu, com severidade.

— Luminha, quando é que você vai parar de me chamar de “Teodoro”, meu amor? — Teo perguntou, a voz carinhosa fazendo pouco para mascarar a frustração.

— Quando eu quiser, Teodoro. — Ela abriu um largo sorriso inocente. — Lu, cadê Ana? E as meninas? — indagou, fitando o irmão.

— Lá em cima — ele respondeu, conciso.

— Te vejo daqui a pouco, Bebê. — Luma se aproximou do namorado e segurou-lhe o rosto, beijando-o nos lábios.

— Pelo amor de Deus, Luma! Já basta minha mãe! — ele chiou.

— Tá... Vou parar com o “Bebê”. — Rindo, ela começou a se afastar.

Assim que ficamos sozinhos, Luisão acusou:

— *Cê* me hackeou, maluco!

Sentei-me no sofá, estiquei as pernas, cruzei os pés e os braços e observei o início da treta abrindo um sorriso de satisfação.

— Do que esse cara tá falando, Lipe? — Altivo, Teo me encarou.

— Do *Facebook* dele. O que você fez foi uma puta sacanagem, Teo. — Meu Deus, eu poderia ser ator!

— Quê? — Meu primo franziu o cenho. — Que sacanagem, porra?

— Descobrir a senha de Luisão e mandar mensagens sacanas pra um monte de macho? — continuei, balançando a cabeça em falsa reprovação. — Cabeluda e gostosa do jeito que é, Luísa recebeu uma chuva de pirocas no *Messenger*.

Teo se manteve sério por um ou dois segundos. Então, explodiu em uma gargalhada.

— *Cê* me paga, arrombada! — Luisão ameaçou.

— Não fui eu — Teo disse, ainda rindo.

— Corta essa, *mermão*! *Cê* falou da naja pros caras! Não vem com esse migué pra cima de mim, não, maluco! O que é seu tá guardado! Lipeta vai me ajudar a te dar o troco!



Teo parou de rir de repente, pousando o olhar em mim. Quando ele estreitou os olhos, eu soube. Tinha sido descoberto.

— Deixa de ser otário, Luísa! Quem te hackeou foi o puto do Felipe! Olha a cara desse desgraçado!

— Eu? — Fiquei de pé, levando uma mão indignada ao peito. — É sério que você vai ter coragem de culpar o próprio primo por algo que você fez só pra chamar a atenção de Luís?

— Foi você, filho da puta! Tá na cara que foi ele, Luísa! — Apontou o dedo em minha direção.

— Isso é intriga dele, Luisão. Teozona tá com ciúme, porque deixou de ser seu amigo, e agora eu sou seu melhor amigo, né, meu *bróder*? — provoquei, pendurando o braço no ombro de Luís.

— Ia matar dois coelhos com uma cajadada só. Ia me safar e ia restabelecer a amizade dos dois.

— Você não é o melhor amigo dele, seu porra! Eu sou o melhor amigo dele! — Teo exclamou, furioso. — Vem, Luísa, *bora* jogar vídeo game. — Ele abrandou o tom.

— *Bora, Broderzão!* — Luís correu pra lambar o cu de Teo, aparentemente esquecido das pirocas.

Deixei os dois patetas lá, dividindo os controles, e saí da sala sem ser notado, grato por ser tão bom em resolver conflitos usando manipulação, mentiras deslavadas, psicologia reversa e, é claro, uma boa discórdia.

Passei pela casa, a fim de encontrar e cumprimentar os coroas, mas descobri, por meio de uma das cozinheiras, que os velhos tinham saído para comprar as coisas do churrasco. E minhas tias e minha mãe estavam na academia do condomínio.

Como sabia que minhas primas ocupavam o andar de cima, subi as escadas. Precisava me certificar de que Letícia tinha usado camisinha com a *Barbiezola*. Não que eu fosse a pessoa mais indicada para passar sermão sobre sexo seguro. Depois daquela transa mítica na escada, perdi a credibilidade. Mas ainda tenho hipocrisia para dar e vender. Então, foda-se.

Ao estacar diante da porta do antigo quarto de Luma, ouvi uma porção de vozes femininas. Não resisti. Colei o ouvido na parede.

— Pois é, ele já tá transando com alguém. — Identifiquei a voz de Luma.

— E isso te incomoda? — Pelo interesse no assunto, supus ser Isa a autora da pergunta, em vez de Ana.

— Não. Só achei rápido demais — Luma respondeu.

— Rápido demais? — Isa deu uma risada sarcástica. — Você transou com meu irmão enquanto era noiva dele! Achou o quê? Que ele ficaria que nem um besta, chorando pelos cantos?

— Não, claro que não. É que Zach é muito romântico, não é como a maioria dos homens bonitos. Por isso, não pensei que ele fosse se envolver com outra pessoa assim, tão cedo.

— Ah, pois é. Mas se envolveu! E você tem toda razão! Zach não é como a maioria. Ele é...

— Isa! — Letícia interferiu. — Esqueci que preciso tirar uma dúvida com você, sobre... Medicina. Vem, tenho que te mostrar no livro. Tenho prova amanhã, é urgente!

Voltei para o início do corredor e comecei a caminhar como se estivesse indo para o quarto. Estava quase chegando quando a porta se abriu, revelando Isa e Letícia.

— Preciso falar com vocês duas. Mas, antes, tenho que falar com Ana e Luma. Esperem só um minuto. — Comecei a atravessar o vão.

— A gente te espera lá na pracinha — Tíci falou, puxando a mão de Isa.

Assenti e entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim.

— Precisamos falar sobre Teo — anunciei, dirigindo-me à poltrona que ficava perto da cama, onde as duas estavam sentadas.

— O que que tem o cretino? — Ana perguntou.

— Você precisa conversar com ele, Ana. — Acomodei-me no assento.

— Já tentei, mas não adianta, o criancão fica me ignorando! — disse, revoltada. — Não posso pedir desculpas a ele por amar Luisão, Lipe. É a primeira vez que me sinto inteiramente feliz e completa. Mas

Teo é tão ciumento e tão egoísta que é incapaz de aceitar a felicidade da irmã e do melhor amigo dele.

— Não acho que a questão seja essa — ponderei. — É claro que ele tem ciúme de você com um cara. Sempre teve, com qualquer um. O problema, Ana, é que, além de ser um cara, Luís é o melhor amigo dele. E vocês dois sempre dividiram Luisão como melhor amigo. Então, o ciúme de Teo extrapola o fato de Luís ter um pinto e usá-lo em você.

— Naja — ela corrigiu, mordendo o lábio. — Uma naja tão...

— Pelo amor de Deus, Ana, me poupe! — Luma queixou. — Enfim... É exatamente o que Lipe disse. Teo tem ciúme da amizade de vocês. E, principalmente, dos seus sentimentos por Luís. Acho que ele pensa que você gosta mais de Lu que dele, já que ama meu irmão como amigo e como amante. E, agora que vocês dois vão se casar, meu namorado está se sentindo traído e abandonado por duas das pessoas que ele mais ama. É como se vocês tivessem decidido se juntar para isolá-lo, entende? Como se, agora, não precisassem mais dele, só um do outro. — Ela fez uma pausa curta. — Eu sei, é ridículo. Mas Teo só sente todo esse ciúme besta porque ama vocês demais. E todo mundo sabe que ele não cresceu. Ainda é a mesma criança de sempre. Uma criança linda, a propósito. — Ela soltou um suspiro apaixonado.

— Caralho! Faz todo o sentido! Como eu não pensei nisso antes? — Ana se perguntou. — É bem a cara daquele bocó pensar esse tipo de merda. Sério, gente, acho que Teo bateu a cabeça na caçamba quando os pais verdadeiros o jogaram no lixo. Mamãe e papai o tiraram do lixo já com graves probleminhas mentais. — Minha prima deu uma risada. — Tadinho do meu bichinho. Vou lá adular meu demônio favorito. Ele tá lá embaixo, né? — Ela se levantou.

— Tá jogando vídeo game com Luisão. — Também me coloquei de pé.

— Quê? Eles fizeram as pazes? — perguntou, chocada.

Resumi a história enquanto nós três saíamos do quarto e descíamos as escadas. Dei uma floreada. Conteí que entrei no *Facebook* de Luisão com tudo milimetricamente planejado, no único intuito de usar a coisa toda para salvar a amizade dele com Teo.

— Eu sei, sou um gênio — esnobei, no final do relato.

— Realmente, Lipe. Parabéns! Estou impressionada! — Luma aplaudiu.

— A senha dele era mesmo broderZONA1206? — Ana perguntou, e eu assenti, rindo.

— Ai, gente... Luís é tão lindo e tão fofo... Mas ô bicho burro! — Ela riu. — Você tá proibido de entrar no *Facebook* dele de novo, filho da puta! — Do nada, deu um beliscão no meu braço.

— Ai, porra! — reclamei, esfregando a área castigada.

— Vou falar pra *Lovezão* criar uma senha menos linda e menos óbvia — continuou, enquanto Luma ria.

Deixei as duas na sala, com seus respectivos, e, instantes depois, estava do lado de fora, caminhando na direção da praça principal do condomínio.

Isa e Tíci estavam sentadas na grama, protegidas pela enorme sombra de uma das árvores. Fui até lá e me juntei a elas.

— Você transou com Mari? — as duas perguntaram ao mesmo tempo, assim que me sentei, no banco em frente.

Merda. Luísa tinha contado pra Ana, que tinha dado com a língua nos dentes.

— Não — confessei. — Só deixei Luisão pensar que sim.

— Ah — Elas emitiram um idêntico som pesaroso.

— Mas eu a vi hoje — emendei depressa. — E a convidei para um piquenique. Vou buscá-la às quatro.

— Mentira! — Isa exclamou, sorridente, arregalando os olhos.

— Sério? — Tíci me mostrou uma expressão equivalente.

— Preciso de ajuda pra organizar esse negócio. Não faço ideia de como fazer. O Conde de Baxter teve a vantagem de contar com os serviços de seus criados. Não tenho criados — lamentei.

— Você leu “A Perdição do Conde”? — Tíci vibrou. — E, a julgar pela sua cara, passou a noite lendo!

— Não consegui parar de ler aquela porra! — admiti, derrotado. — Quando vi, o dia já estava

nascendo!

As duas caíram na risada.

— Mamãe é uma escritora maravilhosa! Não vou dizer que “A Perdição do Conde” é um dos meus romances favoritos porque digo isso de todos os livros dela. Mas o que eu posso dizer é que o Conde de Baxter é perfeito! — Isa suspirou.

— Põe perfeito nisso! — Tíci concordou.

— Perfeita é Lady Susan — objetei.

— Lady Susan é, de fato, uma mocinha incrível — Isa concedeu. — Mas o conde é tão... — Outro suspiro.

— Já chega — falei, impaciente. — Quero saber se vocês vão me ajudar.

— Claro! — Tíci se animou. — Vai ser tão romântico, Lipe! Ela vai amar!

— Mamãe tem uma cesta igualzinha àquelas de filme! — Isa disse, entusiasmada. — E tenho certeza de que ela também deve ter uma daquelas toalhas quadriculadas. E a gente pode fazer uma lista de comidinhas pra você comprar! Vai ser perfeito! Zach bem que podia me convidar para um piquenique, eu ia amar!

— Falando em Zach — comecei —, o que foi aquilo lá no quarto? Você ia contar pra Luma? — Arregalei os olhos.

— Você estava escutando, safado? — ela recriminou, batendo na minha perna.

— Só ouvi essa parte — assegurei. — Mas e aí, você ia contar que tá pegando o ex dela?

— Não. Foi um lapso. Só que, como eu estava comentando com Tíci, agora estou achando melhor contar.

— Por quê? Você tá a fim dele? — indaguei.

— Claro que não! — Ela riu. — Mas, além de lindo, fofo, romântico e britânico, ele é um deus do sexo. Não estou a fim dele. Só estou muito a fim de continuar transando com ele. Então, acho sensato contar pra Luma. Não que eu precise da aprovação dela. É só que eu me sentiria melhor se tirasse esse peso da consciência.

— Eu acho perigoso — Tíci opinou. — Por mais que ela tenha traído Zach, acho que não vai aceitar muito bem o fato de que a prima postiga transou com ele logo após o rompimento.

— Você falou bem. Logo após o rompimento. Zach era um homem livre quando eu transei com ele. — Isa fez a própria defesa.

— Eu sei, Isa. Mas tenha em mente que ela pode ficar meio chateada. Inclusive, pode ser que ela pense que você estava de olho em Zach desde quando os dois estavam juntos — Letícia observou.

— Você estava? — perguntei. — Estava, né? Cobiçando o macho da prima... Que coisa feia, Isa... — Balancei a cabeça, rindo.

— Deixa de ser ridículo! É claro que eu não estava, idiota! Mas não vou ser hipócrita a ponto de dizer que não reparava nele. Zach é maravilhoso, e eu não sou cega.

— Hum... Você manjava o pau dele, né, safada? — provoquei.

— É claro que não! Me respeita, Felipe! — bradou, “ofendida”, socando meu joelho.

Letícia e eu caímos na risada.

— Até você, Letícia? — ela acusou.

— Como foi sua “aula” — fiz aspas no ar — com o gringo ontem?

Ela fulminou Letícia, por ter me contado.

— Não que seja da sua conta, mas ontem foi um dos melhores dias da minha vida. A gente transou a tarde inteira, inclusive na piscina. Mais tarde, pedimos pizza e tomamos vinho, vendo um filme no telão da casa dele. Zach é tão lindo que me deixou escolher uma comédia romântica! Foi tão mágico!

Não contive uma gargalhada.

— O gringo não deixou você escolher porque é “lindo” — sinalizei novamente. — Deixou porque

precisava manter a boceta da noite.

— Cala a boca, Felipe. — Isa revirou os olhos. — Enfim... Eu dormi na casa dele, e foi maravilhoso! Hoje cedo, ele levou café da manhã na cama pra mim! Com uma *flooooooooooor*... — Ela abriu um sorriso imenso, as íris cinzentas cintilando.

— Em algum momento você se lembrou de *Barbie*? — perguntei.

— Hã? O que a minha *Barbie* Sereia tem a ver com isso? — ela questionou, confusa.

Letícia deu uma risada.

— “*Barbie*” é o apelido que ele colocou em Tales — explicou.

— Ah! — Isa riu. — Esqueci completamente! Hoje de manhã, Tíci me contou a história. Fiquei chocada! Mas, mesmo que eu tivesse ido ao encontro, os dois acabariam juntos. Eu saberia quem ele é, pelas fotos que ela já tinha me mostrado. E Tales é tão loiro, e os olhos são tão azuis que parece mesmo a versão masculina da *Barbie*! Genial, Lipe! Aliás, preciso te parabenizar pela belíssima atuação como cupido! Nem mamãe faria melhor!

— Realmente, foi uma intervenção digna de aplausos. — Eu me gabei. — Às vezes, fico besta comigo mesmo. De verdade, não sei o que vocês fariam sem mim. Eu sou a pedra angular desta família, carrego todo mundo nas costas.

— Menos, Felipe, deixa de ser convencido — Isa repreendeu, em um tom enfadonho.

— Me trata assim agora, mas vai chorar que nem condenada no meu enterro — brinquei.

— Credo! Bate na madeira! — Letícia deu três toques no banco.

— Você não vai morrer tão cedo, Felipe, porque vaso ruim não quebra — Isa provocou.

— Falando em vaso quebrado — aproveitei a deixa —, como foi seu encontro, Letícia? Você usou camisinha, né?

— Não aconteceu nada desse tipo — ela respondeu, as bochechas claras adquirindo uma cobertura afoqueada.

— Como assim? Você não transou com ele? — Ebugalhei os olhos.

— É claro que não! Foi nosso primeiro encontro! — ela disse, como se eu fosse louco. — A gente tomou sorvete, conversamos...

— Que decepção, Letícia! — cortei. — Não foi pra isso que eu servi de cupido! Vocês deram uns amassos pelo menos, né? Se você me disser que a *Barbiezola* não te deu uns pegas, eu vou perder o respeito pelo cara.

— Felipe, não vou falar sobre isso com você! — Ela ficou de pé, ainda mais vermelha.

Isa deu uma risada, levantando-se em solidariedade.

— Sim, Lipe, ela me contou! Rolaram uns pegas violentos e...

— Isa! — Tíci deu um tapa no braço dela. — Já chega de falar de mim. Vamos ajeitar as coisas do piquenique — ela disse e começou a caminhar.

— Depois eu te conto os detalhes — Isa sussurrou em meu ouvido.

Assenti e acompanhei as duas até a casa de tio Max. Pegamos o que precisávamos e guardamos tudo no meu carro. Na hora do almoço, comentamos com tia Liv sobre o empréstimo.

— Vocês vão fazer um piquenique? Eu quero ir! — Suas íris esverdeadas brilharam de contentamento.

— Não, mamãe. É pra Lipe! — Isa soltou a língua enorme, antes que eu pudesse impedir.

Definitivamente, eu precisava cortar um bom pedaço daquela língua de tamanduá. De preferência, com uma das tesouras de jardinagem de tio Max.

— Ai, meu Deus! Que coisa linda, porra! Você vai convidar Marina para um piquenique? — minha tia perguntou, alto demais.

— Pelo amor de Deus, tia Liv, fala baixo — pedi, dando uma olhada ao redor.

Estávamos na cozinha, enquanto o restante do pessoal se concentrava nas proximidades da churrasqueira. Mas, a qualquer momento, alguém poderia entrar e nos ouvir.

— Tá. Prometo guardar segredo — ela cochichou, cruzando os dedos nos lábios.

Tive plena certeza de que dali a menos de um minuto minha mãe ficaria sabendo daquela merda.

— Ai, isso me lembra o meu querido Conde de Baxter! Você devia ler “A Perdição do Conde”, Lipe!

Modéstia à parte, tem umas cenas lindas que acontecem durante um piquenique! — ela disse, animada.

Minhas primas tiveram uma crise de riso.

— Qualquer dia eu leio, tia — falei, enquanto as duas gargalhavam feito hienas insanas.

Tinham visto os dois últimos volumes da trilogia no meu carro. Então, estavam bem cientes de que eu tinha virado um fã inveterado e enrustido da minha própria tia.

Sobre o segredo, eu estava certo. Obviamente, tia Liv, tão linguaruda quanto a filha, dividiu a informação com dona Susanne.

Descobri isso depois do almoço, quando fui me despedir de minha mãe, munido da lista de compras que Isa e Tíci tinham feito.

— Eu te amo, Lipe. Sua felicidade é tudo pra mim. Espero que dê tudo certo, meu filho, mesmo sabendo que, se der, seu pai vai ter um ataque. Boa sorte. — Foi o que ela disse, ao me abraçar e beijar minha bochecha.

Eu deveria ter ficado puto. Com tia Liv, por ter contado meus planos; e com ela, por supor que o piquenique com Marina era algo sério, em vez do que realmente era: uma abordagem menos lasciva e um pouco mais romântica para conseguir o beijo que, por alguma razão insondável, eu tanto queria.

Mas não fiquei. Agradei e a abracei com força, beijando seu cabelo.

Ao passar pela porta da casa dos meus tios, furtei uma rosa do jardim de tio Max, correndo o sério risco de ser flagrado e assassinado durante o processo.

Deixei o condomínio com a flor na mão e um bom pressentimento nas costas. Tudo ficaria bem. Daria tudo certo.

O que eu não sabia era o quanto estava errado.



# 33

## SEUS OLHOS

“(...) e seus olhares, milhares de tentações”.

*Garotos* — Leoni

## MARINA

Eu estava no banheiro, passando a segunda camada de rímel, quando a campainha reverberou no apartamento silencioso.

Desesperada, terminei de aplicar o produto e larguei a embalagem na pia. Em seguida, corri para o quarto, indo até a penteadeira.

Como o dia estava quente, decidi usar meu perfume mais suave, com notas de gardênia, lichia e violeta. Esguichei um pouquinho detrás das orelhas e nos pulsos. Então, disparei até o olho mágico.

Eu já havia autorizado a entrada de Felipe na portaria. Por isso, ele tinha subido sem o prévio aviso do porteiro. Estava parado lá fora, com as mãos para trás.

Do lado de dentro, recuei um passo e me repreendi pelo nervosismo. Por que meu estômago estava tão frio, e meus batimentos, tão descontrolados?

Nem era um encontro de verdade! E eu nem sabia por que tinha aceitado participar daquela farsa. O piquenique era, obviamente, um ardil. Outra das muitas tentativas vãs de Felipe. O problema era que aquela tentativa específica era tentadora demais. Que mulher obcecada por roupas e objetos vintage recusaria um convite para um piquenique?

Eu estava usando um dos meus vestidos de brechó. Era lindo. Um clássico modelo *halter neck* com decote de coração e saia godê. O leve tecido azul-claro cobria o busto e as pernas, até os joelhos, deixando as costas e os ombros à mostra. Para ressaltar o recorte, eu havia prendido o cabelo com um lenço, em um rabo-de-cavalo meio retrô.

Quando abri a porta, Felipe me olhou de alto a baixo, sem dizer nada por alguns segundos.

Então, seus olhos buscaram os meus.

— Você está linda. Parece uma atriz saída de um filme da década de 1950.

— Obrigada — respondi, ignorando o quanto o elogio me agradou. — Você não está lá essas coisas, mas fazer o quê, né? É o que tem pra hoje. — Dei de ombros.

É claro que o cafajeste estava divino. Era tão bonito que chegava a ser irritante. O que eu mais queria era poder apontar pelo menos um defeito naquele rosto de proporções harmônicas e ângulos retos. Porém, não havia nada na cara dele além de pura perfeição, a começar pela covinha que enfeitava o queixo quadrado. E ainda tinha o corpo alto e largo, coberto pela calça jeans de lavagem clara e pela camiseta verde-militar.

Era uma bela combinação, que o deixava ridiculamente gato, mas o que eu via quando olhava para Felipe não era a roupa que ele estava usando. Era uma extensão maravilhosa de pele nua e bronzeada,

talhada por uma porção de músculos definidos e muito bem distribuídos naqueles cento e tantos centímetros de altura. Isso é um cacete delicioso.

Tudo o que eu não precisava era saber que o tio dos meus futuros sobrinhos tinha um pau tão lindo quanto cada mínimo detalhe que compunha sua beleza devastadora. Aí, eu o flagrei batendo punheta e, meu Deus, o que era aquela mão imensa agarrando aquela delícia de rola?

Desde que eu presenciara aquilo, a cena se repetia em meu cérebro com mais frequência que as reprises de A Usurpadora no SBT.

Não dava para apagar aquela imagem da mente. Era impossível ver aquele homem pelado e simplesmente esquecer aquilo tudo.

Acredite, eu tentei. Estava tentando arduamente desde o fatídico episódio.

Logo após o ocorrido, quando ele apareceu — já vestido, infelizmente — no quarto da fazenda, juro que fiz o possível para não sucumbir. Até me sentei na poltrona, tentando manter certa distância entre nós, mas minha resistência durou o quê? Um minuto?

Não aguentei. Fui até a cama, montei em cima dele e, quando me dei conta, estava dando loucamente na escada, onde qualquer um poderia ter nos flagrado!

A coisa fugiu do controle e, como resultado, precisei adicionar aquela foda, que talvez tenha sido a melhor da minha vida (só porque foi sem camisinha, eu gostaria de deixar isso claro), à lista de coisas que eu precisava, urgentemente, esquecer.

Só que mais de uma semana já tinha se passado, e as lembranças daquele dia permaneciam nítidas em minha memória e gravadas em cada poro do meu corpo.

Era um erro, o piquenique. O mais sensato era me afastar dele até conseguir exterminá-lo por completo do meu sistema.

Eu o queria longe de mim, e a melhor maneira de me libertar era dar logo o beijo que ele tanto queria e pronto. Felipe sairia do meu pé, como prometera, e eu ficaria livre de uma vez por todas.

Ah, Marina, então por que você não beija logo e se livra desse encosto?

Pois é. Por que não faço isso?

Estava imersa nesse pensamento em particular quando a voz dele me tirou do devaneio.

— Muito obrigado por permitir que eu seja o que você tem pra hoje, Marina, apesar da minha aparência pouco convidativa — disse, em um tom pretensamente humilde, que transbordava ironia.

Tive vontade de dar um soco na cara dele.

— Imagina. Não precisa agradecer, Felipe. — Usei minha entonação mais gentil, recheada com uma boa dose de sarcasmo. — Sua aparência pouquíssimo convidativa não importa. Para mim, o mais importante é a beleza que vem de dentro. E você é um ser humano i-ni-gua-lá-vel. — Pontuei a sentença curvando os lábios com exagerada candura.

— E você é uma mulher muito generosa, Marina. Muito obrigado mesmo por essa oportunidade única. Eu sei que não sou merecedor de tanta benevolência, mas espero poder recompensá-la por esse ato de misericórdia — o cínico falou, sem um traço sequer de riso na voz. — E gostaria de começar com esta flor. — Tirou as mãos das costas e me mostrou uma rosa.

Quando pousei os olhos nas grandes pétalas vermelhas e aveludadas, um sorriso genuíno brotou em meus lábios. Mas tratei de escondê-lo com uma pitada de escárnio.

— Ó que gesto lindo! — exclamei, estendendo a mão para o caule sem espinhos.

— Uma flor para outra flor. — Ele abriu um sorriso debochado.

— Você é tão romântico! — Falseei um suspiro. — Muito obrigada! Não gostaria de entrar para tomar uma xícara de café? — convidei, toda melosa.

Ele deu uma risada, mas logo incorporou o papel.

— Não seria muito incômodo? — perguntou, tentando se manter sério.

— Ah, mas é claro que não! Queira entrar! — Controlando o riso, apontei a entrada.

— Depois da senhora. — Felipe fingiu tirar o chapéu da cabeça, indicando a passagem.

Cruzei o vão, e ele veio atrás, fechando a porta. Então, eu me virei e me deparei com seu sorriso largo, que espelhava o meu.

Nossos olhares se fundiram por alguns segundos antes de o divertimento evaporar-se, deixando em seu rastro uma atmosfera silenciosa e desconfortável.

— Estou esperando a minha xícara de café — ele falou de repente, retomando o tom de brincadeira.

— Não sei fazer café — confessei.

— O quê? — Felipe arregalou os olhos. — Mas você não é dona de um Café?

— Casa de ferreiro, espeto de pau — justifiquei, dando de ombros. — Além disso, hoje o café é por sua conta. Inclusive, espero que você tenha trazido muitas comidas, porque tô faminta. Falando nisso, vou pegar minha bolsa, tá? Já volto, fica à vontade. — Coloquei minhas sapatilhas em movimento e comecei a sair da sala. — Mas não tanto — ressalvei, girando o corpo e erguendo o indicador. — Nada de ficar pelado e nada de bater punheta no meu sofá.

Ele deu uma risada.

— Ouviu, né, Lipão? — Olhou para baixo, agarrando a parte frontal da calça.

Fiquei inerte, admirando as veias protuberantes do antebraço esticado e os dedos cravados no volume sob o zíper.

Fisquei o lábio, e precisei disfarçar quando ele virou a cabeça em minha direção.

— Pronto, Mari, ele vai se comportar — garantiu, fazendo uma carinha séria.

— Acho bom. — Subi uma sobancelha ameaçadora e continuei andando, torcendo para voltar e encontrá-lo pelado.

Não que eu fosse transar com ele de novo. Já tinha cometido o erro uma vez. Agora, estava craque no autocontrole. Eu só queria ver mesmo. Com os olhos, porque, obviamente, a gente vê com os olhos, não com as mãos.

Fui até o quarto e coloquei meu celular e outros objetos pessoais dentro de uma bolsinha vermelha, da cor dos meus sapatos e da rosa que eu ia levar para o piquenique, só porque combinava com os meus acessórios.

Quando voltei, precisei lidar com a tristeza de encontrá-lo devidamente vestido. Estava diante do aparador, onde ficava a minha *Crosley Cruiser*.

Não era a minha vitrola favorita, mas era a mais bonitinha, por causa do formato de maleta. Por isso, eu a deixava ali, enfeitando o móvel, junto com umas garrafas e outros itens decorativos.

Felipe estava cutucando o interior da mala turquesa, e eu não ia perder a chance de revidar.

— Quem te autorizou a mexer nas minhas coisas? — perguntei, com premeditada acidez.

— Olha pelo lado bom — ele disse, me encarando com um sorrisinho. — Eu não derrubei nem desorganizei seus discos. — Com um meneio de cabeça, ele indicou a prateleira de baixo, que abrigava uma pequena parte da minha vasta coleção de vinis. — Apenas escolhi um e o coloquei na vitrola. Agora, é só...

— Você vai quebrar! — berrei, ao vê-lo mexendo na agulha sem retirar a trava.

— Relaxa, Mari, eu sei como esse troço funciona. — Ele riu. — Já vi nos filmes. É só botar esse negócio aqui no disco. Aí, a música começa a tocar.

Dei uma gargalhada.

— Sabe mesmo. Que nem seu nariz! — Aproximei-me do aparador. — Isso que você chama de “negócio” na verdade se chama “agulha”. E a música não vai tocar se você não ligar a vitrola, gênio. — Girei o botão do volume até a luzinha vermelha acender. — Agora, a gente tem que tirar a trava da agulha. Delicadamente. Assim. — Segui minha própria instrução. — Aí, a gente mexe nesta alavanca aqui. E o disco começa a rodar, tá vendo? — Virei a cabeça para fitá-lo e encontrei seus olhos grudados em mim.



As íris escuras passeavam sem pressa pelo meu rosto, e o modo como ele me olhava provocava uma ebulição em meu corpo e um burburinho em meu peito.

Aparentemente, eu não tinha ligado a vitrola; tinha acionado as batidas e aumentado a frequência do meu coração.

Aterrorizada pelo vigor das pulsações, desviei o olhar. Precisava de algo para abafar o batuque. Então, posicionei a agulha e desci o braço de metal até a ponta afiada tocar a lustrosa superfície negra do vinil.

A melodia de *Listen To Your Heart* encheu a sala.

Percebi, tarde demais, que colocar aquilo para tocar havia sido um erro colossal. Dentre vários discos modernos, Felipe escolhera um que só tinha canções antigas e românticas, daquelas que o pessoal da geração passada costumava dançar nos bailinhos da década de 1980.

Assim que completei o pensamento, ele estendeu a mão.

— Dança comigo?

Obviamente, a escolha havia sido proposital. O safado queria dançar agarradinho. Besta é que ele não era. E eu, muito menos.

— Você acha que eu nasci ontem? — perguntei, com uma risada.

Ele nem se deu o trabalho de se fazer de inocente. Mirando minha expressão, subiu o canto esquerdo daquela boca linda.

— Você tá com medo de não resistir? — desafiou, arqueando uma sobrancelha.

Tudo bem, ele tinha uma boca maravilhosa, e eu realmente queria beijá-lo. Mas não ia. E não seria uma dança lenta e colada que me faria mudar de ideia.

Eu, Marina Miyake, tinha autocontrole suficiente para me esfregar em Felipe Theloni e não o beijar?

Tinha. Claro que tinha!

Sem pensar duas vezes, tirei a bolsa do ombro e a coloquei sobre o aparador. A rosa, enfiei dentro de uma das garrafas que complementavam a decoração.

— Você não é irresistível, sabia? — Usei todo o meu estoque de desdém, aceitando a palma estendida.

Felipe entortou ainda mais o sorriso, me puxando até seu calor se embolar no meu.

Nossos olhares se conectaram, e ele levou minha mão ao próprio pescoço.

Subi a outra, enredando os braços em sua nuca. Então, os dedos dele desceram, incendiando minhas costas nuas até alcançarem minha cintura.

Abriguei o rosto em seu peito, inspirando seu inebriante perfume cítrico enquanto o ritmo arrastado da música embalava nossos movimentos brandos.

Ele era alto demais para mim, mas nada era tão perfeito quanto aquela posição. O tórax junto ao meu e os braços ao meu redor suscitavam uma enxurrada de fenômenos inversos: meus poros quentes contrastavam com a frieza do estômago; os passos vagarosos destoavam do compasso alucinado dos meus batimentos; e a respiração pesada se opunha à leveza dos meus pés, que pareciam flutuar.

Arrepios percorreram minha espinha quando ele começou a trilhar minha coluna, migrando o rosto para o meu pescoço.

Os beijos úmidos e pausados defraudaram minha sanidade em poucos instantes. Movi a cabeça, rendendo-me às carícias. Sua língua percorreu minha mandíbula, e meu corpo inteiro ardeu, como se labaredas lambessem minha pele.

Uma de suas mãos decaiu, apalpando minha bunda. A outra se arrastou até minha nuca, deixando uma listra de fogo em minhas costas.

Seus lábios alcançaram minha bochecha, e meu coração parou por um segundo. Então, voltou a pulsar, batendo com força em meus ouvidos.

Cada célula minha implorava por ele, ansiava por seus dedos, clamava por sua boca.

Eu estava de pé, à beira de um abismo. Se fosse adiante, cairia no precipício, e a queda seria fatal.

Para me salvar, precisava retroceder, mas a ideia de ir além era tão sedutora quanto o homem que enchia minha face de beijos ardentes.

— Felipe — murmurei, acariciando seu cabelo.

Ele colou a testa na minha, e suas palmas ladearam meu rosto.

— Transa comigo? — Seu hálito morno se enlaçou no meu. — Você não precisa me beijar, Marina. Só... transa comigo. Eu quero você, só você. — Seus polegares escorregaram, alisando minha garganta.

Era papo de cafajeste. Eu podia apostar que ele usava o mesmo discursinho com todas.

Ainda assim, não consegui evitar a agradável sensação de exclusividade. Ouvindo aquilo, dei vazão ao anseio de me sentir especial, pelo menos daquela vez. As palavras tiveram em mim o mesmo efeito que teriam em uma garotinha crédula e inexperiente.

Suspirando, resvalei as mãos por seu peito até atingir as dele.

— Vem. — Enredei nossos dedos e o puxei.

Pouco depois, estávamos no meu quarto. O disco ainda rodava, mas o som que atravessava a porta entreaberta não passava de uma cantiga suave.

Assim que entramos, Felipe puxou a camiseta, abandonando a peça no piso.

Mal tive tempo de contemplá-lo, porque ele logo me virou de costas e, beijando meu ombro, desceu o zíper do meu vestido. Em seguida, libertou o botãozinho que prendia a gola em minha nuca, fazendo o tecido fluido deslizar e aterrissar aos meus pés.

Por um momento, não se moveu. Ouvi um arquejo e, tirando as sapatilhas, mordeu o lábio, ciente de que estava completamente pelada.

— Você ia ao piquenique sem nada por baixo? — Aproximou-se, palmilhando minha pele desnuda.

Assenti, e ele gemeu.

— Que safada... — Deu um tapa e um apertão na minha bunda, arrancando um gemido brusco da minha garganta.

Agarrou meu pescoço e puxou meu rosto, dando um beijo molhado em minha bochecha. Então, me soltou, levando as mãos ao lenço que atava meu cabelo.

— Você não gostou do rabo-de-cavalo? — perguntei, ridiculamente insegura, quando percebi que ele estava desfazendo o nó.

O que estava acontecendo comigo? E daí se ele não tivesse gostado? Quem tinha que gostar era eu!

— Gostei. Gostei muito. Gosto de você de qualquer jeito, Marina. Mas quero te ver sem nada. — Ele terminou de falar, e os fios caíram, cobrindo meus ombros.

Ao me virar, deparei-me com uma expressão que ficaria impressa em minha mente. Era uma mistura de desejo e algo mais, que não consegui identificar, mas que tornava aquele olhar diferente de todos os outros.

— Você é perfeita. — Sua voz ressoou, ligeiramente enrouquecida, enquanto seus olhos admiravam meu corpo.

Eu não era perfeita, obviamente, e duvidava muito de que ele realmente achava isso. Mas ali, sob sua apreciação, eu me senti a própria Kate Winslet exibindo-se para o Leonardo Di Caprio.

— Me desenhe como uma de suas garotas francesas, Jack — falei, enrolando uma mecha no dedo.

— Jack? — Felipe franziu o cenho por um segundo, mas se distraiu com os meus peitos, e a confusão em seu semblante se foi, como se nunca tivesse estado ali.

— Titanic — expliquei, correndo os olhos pelos músculos que desapareciam no cóis da calça, onde um volume poderoso se concentrava.

— Nunca vi — ele disse, vencendo a pequena distância.

— Mentira! — exclamei, surpresa.

— Sério. — Ele pinçou meus mamilos.

Soltando um gemido, descasei o botão de sua calça.

— Mais tarde a gente vê, eu tenho o filme. — Puxei o zíper.

— Tá — concordou, beijando meu pescoço.

Abri as duas metades do jeans, e ele se afastou, me ajudando a despi-lo.

Fiquei momentaneamente aturdida quando o cacete pulou para fora, livre e desimpedido. Precisei de vários segundos para conseguir formular as palavras:

— Você ia ao piquenique sem nada por baixo?

Felipe balançou a cabeça afirmativamente, abrindo um sorriso sacana. Desceu a calça até os pés, tirou os sapatos e, completamente pelado, me pegou no colo como se eu pesasse menos que uma pluma.

Colocou-me na cama e subiu no colchão. Debruçou-se sobre mim e espalhou beijos pela minha garganta, subindo até o queixo e estacionando a boca a centímetros da minha.

Por um instante, achei que ele fosse me beijar. Ansiei pela aparente maciez daqueles lábios, mas, em vez de capturar os meus, Felipe tracejou minha bochecha.

Refazendo o caminho pelo meu pescoço, perpassou minha clavícula, ganhou o colo e enrodilhou um mamilo.

Escondi os dedos em seu cabelo, resvalando as pontas na nuca.

Ele continuou ericando minha pele com carícias úmidas e cálidas. Riscou uma linha em minha barriga e, quando chegou ao vértice que se formava entre as minhas coxas, depositou um beijo longo e lambeu a região, desenraizando um prolongado gemido, sequenciado por vários outros, um a cada lambida.

Envolveu a área sensível e deu uma chupada demorada. Então, ergueu o torso, abrindo minhas pernas.

Posicionando-se no meio delas, puxou meu quadril, eliminando o espaço entre nós e me fazendo lembrar da camisinha.

Baixei o olhar, e a visão daquele membro majestoso, prestes a se afundar em mim, apagou minha memória, deixando apenas a inesquecível lembrança de sentir tudo aquilo mergulhando e escorregando sem barreiras.

Unindo minhas pernas, ele as segurou no alto e se empurrou para dentro.

Cerrei os olhos, entregando-me ao prazer de ser lentamente preenchida, os largos centímetros abrindo passagem e recuando devagar.

Felipe roçou os lábios em minha panturrilha, abafando um gemido em minha pele.

Levantei as pálpebras para vê-lo no instante em que ele apoiou meus pés no lado direito do peito, movendo as mãos incandescentes para as minhas coxas.

Começou a entrar e sair mais rápido, firmando os dedos em minha carne e pressionando a boca em minha perna, enchendo-a de beijos carinhosos.

— É tão bom te foder, Mari... É melhor que qualquer coisa. — Depositando um último beijo, ele separou meus joelhos, segurando-os e metendo com mais força, me fazendo gemer alto.

Felipe provocava meus sons escandalosos, e meus olhos registravam o quanto ele era magnífico.

Ajoelhado no colchão, com os músculos bronzeados e o cabelo loiro expostos à luz do sol vespertino, parecia um deus dourado.

Curvando-se levemente, ele transferiu as mãos para os meus peitos, apertando os dois enquanto estocava.

— Você tá tão molhada, tão gostosa... — Suas íris eram dois lagos escuros que transbordavam em mim, e seu rosto, contorcido pelas ondas de deleite, era uma verdadeira obra de arte.

Depois de algumas metidas curtas, deliciosas e desesperadas, ele deixou o corpo pender sobre o meu.

O peso maravilhoso veio acompanhado de estocadas rudes e gemidos incessantes.

Abracei suas costas e circudei sua cintura, como se pudesse me fundir àquele homem.

Felipe grudou a testa na minha, nossas respirações pesadas se tornando uma só.

— Isso é tão... — ofegou, sem interromper os movimentos vigorosos.

— Gostoso — emendei, sentindo uma quantidade absurda de fluidos tornar as investidas ainda mais

escorregadias.

Era gostoso demais. Eu queria experimentar aquilo para sempre, retardar o fim daquela foda estupenda. Mas podia sentir o gozo, quente e intenso, esgueirando-se, pronto para explodir.

— Vou gozar — choraminguei, a milímetros de sua boca.

Liberei um gemido arrastado, que acompanhou as primeiras manifestações do orgasmo.

Ele desceu a cabeça e chupou meus peitos, sem parar de meter. Então, minha pele absorveu o som rouco e feroz que escapou de seus lábios.

Quase um minuto após a gozada, minha mente ainda girava, e meu corpo parecia inexistir. Não sentia pernas, os braços, nada.

Felipe ainda estava dentro de mim, os quilos todos sobre o meu torso e membros inúteis. Seu hálito, ainda alterado, aquecia a curva do meu ombro enquanto eu tentava organizar os próprios pensamentos.

— Formulei uma teoria — ele falou de repente, movendo o tronco e se sustentando nos cotovelos.

Contemplei sua expressão ébria e o cabelo bagunçado. Daquele jeito, todo grogue e desalinhado, ele conseguia a façanha de parecer ainda mais bonito.

— No dia em que eu te beijar, vou me apaixonar por você — completou, os olhos cravados nos meus.

— Você já está apaixonado por mim — provoquei.

— Mari, meu amor, sinto desapontá-la, mas não estou. — Beijou minha testa e rolou para o lado, tombando o dorso no colchão.

Dei uma risada sarcástica, amparando os braços em seu peitoral e conectando nossas íris.

— Tem certeza? — Elevei uma sobrancelha.

Felipe ajeitou uma mecha do meu cabelo, permanecendo em silêncio por alguns instantes.

— Absoluta — respondeu, lançando os olhos para o lustre. — É bonito.

— O lustre? — indaguei, buscando o teto.

— É.

— Obrigada. — Voltei a fitá-lo. — Então estou livre de você?

— Como assim? — Suas pupilas se fixaram nas minhas.

— Bem, obviamente, você não quer se apaixonar por mim... — comecei. — Logo, por causa da sua teoria, você desistiu de me beijar, certo?

— Menos de uma hora atrás, tudo o que eu queria era beijar você. — Ele acariciou minha bochecha.

— Achei que o beijo me libertaria. Mas eu estava enganado, Marina. — Seu polegar estacionou em meu lábio inferior e o tocou suavemente, de um lado a outro. — Se eu te beijar, vou fechar as portas da jaula na qual fui lançado desde que pousei os olhos em você.

Ironicamente, o sentimento ideal, de que as pessoas tanto falavam, não era uma prisão. Quando genuíno e correspondido, o amor era libertador, segundo pregavam os verdadeiros apaixonados.

Mas entendi o que Felipe quis dizer. Em sua visão prematura, apaixonar-se por uma mulher era o mesmo que se fechar em uma cela, privando-se de todas as outras.

Apesar de distorcidas, suas palavras eram sinceras. E seu manifesto receio de me beijar e cair de amores por mim foi o bastante para atordoar meu pulso, que instaurou uma súbita fanfarrinha em meus ouvidos.

— Isso soou quase como uma declaração — brinquei, no afã de ocultar o abalo em meu peito.

— Não foi uma declaração. — Ele riu. — Tem alguma coisa em você, Marina. E eu não quero descobrir o que é — emendou, sério. — Quero me levantar e ir embora... — Fez uma pausa curta, apenas o suficiente para que o pomo-de-adão subisse e descesse. — Mas, por alguma razão, não consigo.

— Então fica. — Pousei a cabeça em seu braço e estiquei o meu, envolvendo seu tórax. Seus lábios pincelaram meu cabelo, e meu corpo encontrou abrigo em seu abraço.

Adormeci e, durante o sono, tive a impressão de ser ligeiramente movida, mas a letargia pós-orgasmo, mesclada ao torpor da sonolência, me impediu de abrir os olhos.

Quando ergui as pálpebras, os raios do ocaso atravessavam a janela aberta e recaíam no interior do quarto, imergindo o ambiente em um espectro de tons alaranjados.

Em um átimo, percebi que estava sozinha, embrulhada por um lençol.

Felipe tinha ido embora.

A decepção mal se assentou, e seu corpo alto e atlético surgiu no vão da porta, a silhueta banhada pela luz dourada do crepúsculo.

Ao vê-lo, não contive o sorriso que sucedeu a alegria de descobrir que ele não havia partido.

Um manto quadriculado estava jogado sobre seu ombro esquerdo. Fora isso, usava apenas a calça jeans e trazia uma grande cesta de vime em uma das mãos.

— Pronta para o piquenique? — Ele me mostrou uma fileira de dentes lindos e reluzentes, de tão brancos.

— Não vai ser em um local público? E a minha reputação, *milorde*? — graciei, sentando-me e usando o lençol para me cobrir, a fim de dar mais credibilidade ao teatro.

— Duplamente arruinada, *milady*. — Ele riu, adentrando o cômodo. — Creio que não haja mais salvação para a senhorita. — Colocou a cesta sobre a cama e tirou o pedaço de tecido do ombro.

Era vermelho e branco, bem tradicional, e Felipe o forrou aos pés do colchão. Em seguida, agarrou a alça e depositou a cesta no meio. Sentou-se ao meu lado e abriu as duas metades do recipiente. Fiquei observando, com água na boca, enquanto ele retirava uma porção de quitutes de lá de dentro.

Quando terminou, estávamos diante de um banquete, composto por sanduíches, pães de queijo, *muffins*, bolos, *cookies*, frutas, suco e chá gelado.

Assim que começamos a comer, ele encetou o primeiro assunto:

— Como é que você não sabe fazer café? Até eu sei fazer café.

— Eu sei fazer café, só não sai muito bom — expliquei, mordendo um *cookie*.

Ele riu, deixando vários farelos de bolo de chocolate caírem sobre o lençol.

— Desculpa — pediu, sujando ainda mais a superfície branca.

— Para de falar de boca cheia — recriminei, rindo.

— Você também — ele disse, partindo mais um pedaço de bolo e emporcalhando tudo, que nem um papagaio.

— Eu posso — falei, depois de engolir. — E vou fazer você catar seus farelos.

— Que farelos? Isso foi você! — acusou.

— É... — Peguei uma bolinha marrom e mostrei a ele. — Eu que tô comendo bolo de chocolate, né?

— Isso aí é resto de *cookie* de chocolate — o cínico alegou.

— Deixa de ser cara-de-pau, Felipe! — exclamei, indignada.

— Por que você não me chama de “Lipe”? — Ele jogou o pedaço recém-partido na boca.

— Sei lá. — Dei de ombros. — Acho que me acostumei com “Felipe”. “Lipe” é estranho.

— É... Tão estranho quanto a dona de um Café não saber fazer café — cutucou.

— A dona do Café não trabalha fazendo café. Apenas gere o Café. Para lidar com a moagem e com a transformação dos mais diversos grãos em bebidas saborosas, a proprietária conta com o *know-how* de profissionais qualificados, que recebem uma contraprestação pecuniária mensal em troca de seus serviços. E eu já falei que sei fazer café, idiota. Só que ou sai doce demais ou sai sem doce. Ou fica forte com borra ou fica aguado. Já desisti de tentar. E, além disso, eu nem gosto tanto assim de café. Bebo fazendo favor. Mas não conta pra ninguém, tá? — Dei uma risadinha.

Ele estatelou os olhos, como se eu tivesse acabado de dizer que rasgo dinheiro.

— Então por que você decidiu abrir um Café? — perguntou, alarmado.

— Empreendedorismo. Sou formada em Administração de Empresas. Pouco antes de eu terminar a faculdade, papai forneceu o capital inicial e me deu o ponto comercial de presente, para eu abrir um negócio de minha escolha. Depois de uma aprofundada análise de mercado, combinada a outros

procedimentos essenciais, concluí que um Café seria uma opção viável e lucrativa. É claro que, no começo, não deu muito certo. Eu tinha uma sócia, que é filha de um cafeicultor, mas ela conheceu um gringo rico, e nós desfizemos a sociedade quando essa minha ex-colega se casou e foi morar com o marido na Holanda. Enfim, depois de vários tropeços e algumas quedas, acabei obtendo certo êxito. Estou em vias de inaugurar a minha primeira filial. Então, orgulho-me em dizer que foi a decisão mais acertada que já tomei.

— E você deve mesmo se orgulhar de si mesma e do que construiu. O Malena é um lugar incrível, Mari. — Seus olhos me presentearam com respeito, admiração e ternura.

— Obrigada. — Meu peito deu uma estremecida, e continuou vibrando enquanto ele me olhava, calado e contemplativo.

— E o nome do Café? Tem algum significado? — perguntou de repente.

Dei uma rápida clareada na garganta antes de responder:

— Na verdade, tem. É uma mistura de “Marina” com “Milena”, que é o nome da minha mãe. Na época em que escolhi, achei que seria legal nomear o Café de “Malena”, porque era o nome que eu gostaria de dar para a minha filha, se um dia eu tivesse uma. — Dei uma risada nervosa, me perguntando mentalmente por que aquilo tinha saído da minha boca. Era o tipo de confissão ridícula que as pessoas escreviam em seus diários, não o tipo de coisa que se contava pros outros, muito menos para futuros concunhados com os quais a gente já tinha transado!

— Malena — ele pronunciou devagar, venerando cada sílaba. — Aposto que ela vai ser tão linda e tão pequena quanto você. — Afagou meu rosto, os olhos vertendo doçura.

Meu coração acelerou tanto que temi que Felipe ouvisse as batidas. Tive um ligeiro vislumbre do que aquilo significava e, mais que depressa, varri tudo para debaixo do meu tapetinho imaginário.

— E você, porque decidiu ser cirurgião? — desconversei, cantarolando um lalalalalá mental, a fim de sufocar os pensamentos intrusos.

Ele recolheu os dedos depressa, como se, do nada, tivesse percebido que estava acariciando o rosto de um *alien*.

— Você quer a resposta sincera ou a resposta padrão? — perguntou e indicou as garrafinhas vermelhas, espalhadas no forro quadriculado. — Chá de morango ou suco de melancia?

— Chá de morango — respondi, e ele pegou uma garrafinha, removeu a tampa e me ofereceu. — E quero as duas respostas — acrescentei, aceitando a bebida e levando o gargalo aos lábios.

Depois de alguns goles docinhos, esqueci completamente do tapetinho e do monstro que eu havia enfiado debaixo dele.

— Bom, a padrão gira em torno do legado da minha família. — Felipe pegou uma garrafinha de suco para si mesmo. — Sempre começo dizendo que minha avó e meu avô paternos eram médicos e que fundaram o Hospital São Cipriano, que meu pai e meu tio herdaram.

Quase engasguei com o chá.

— O quê? O São Cipriano é da sua família?

— Você não sabia? — ele indagou, surpreso.

— Não! Então é por isso que você é metido desse jeito! — Não contive uma risada.

— Eu não sou metido. — Ele pareceu se ofender. — Não por isso. Posso até ser convencido, mas é por ser bonito. E, como tio Max costuma dizer, quando a gente sabe que é boa-pinta, não faz sentido fingir pros outros que não é, porque ninguém gosta de falsa modéstia.

— Não precisa se fazer de feio, mas também não tem necessidade nenhuma de ficar jogando na cara de todo mundo que é bonito — ponderei.

— Você tem razão. Eu, um deus personificado, preciso parar de ficar humilhando os meros mortais — brincou.

Revirei os olhos com ênfase desnecessária, e ele deu uma risada.

— Enfim, depois de dizer que venho de uma família de médicos, digo que escolhi ser cirurgião plástico para ajudar as pessoas que não nasceram com a minha sorte. — Ele abriu um bellissimo sorriso enviesado, que me irritou até o último fio de cabelo.

— Já chega, Felipe! Cala a boquinha. — Tapei seus lábios, imprimindo os dedos naquela maciez lindamente esculpida.

Ele deslizou meu pulso, deixando uma gargalhada deliciosa escapar.

— Mari, eu tô só te alugando! — falou, rindo. — Na verdade, a minha resposta padrão é: escolhi ser cirurgião plástico para dar a pessoas insatisfeitas com o próprio corpo a chance de se sentirem bem consigo mesmas. E a resposta sincera é: tetas.

— Tetas? — grasnei.

— É. Silicone e tal. — Ele deu uma piscada.

— Você é um safado, seu sem-vergonha! — Dei um tapa no braço dele.

Felipe gargalhou ainda mais alto.

— Eu nunca disse que não era. — Ele piscou de novo, e eu cogitei enfiar o dedo naquele olho piscante até cegá-lo.

Mas, em vez disso, tomei um longo gole de chá, para me ajudar a deglutir minha fúria, que queria rugir aos quatro ventos.

— Tá na hora de você ir embora, Felipe. — Desci a garrafa, limpando o buço.

— Mari, meu amor, era brincadeira! — Ele me abraçou, sapecando um beijo em minha bochecha.

— Eu vi seu livro de peitos, esqueceu? Cirurgia das mamas e não sei o quê lá! — Tentei me afastar, incapaz de controlar a patética e inexplicável crise de ciúme.

Rindo, ele me apertou com mais força, afundando o nariz em meu cabelo.

— Você é tão cheirosa...

— Me larga, Felipe — ordenei, me esforçando ao máximo para não gemer.

Ele me soltou e me encarou, com um ar divertido.

— O livro é uma leitura obrigatória da residência. E a minha resposta sincera, a que eu não dou para os pacientes, é: escolhi cirurgia plástica porque quero ser rico. Agora, deixa de ser ciumenta e vem cá. — Ele me abraçou de novo.

— Que ciumenta o quê! Se enxerga, meu filho! — Dei uma risada. — Eu tô pouco me lixando pro seu ganha-pão! Quem tem que se preocupar com isso é a sua futura esposa, que vai ter que ser muito compreensiva. Eu que não me casaria com um homem que trabalha vendo peitos e bundas, por mais rico que ele fosse!

— Um médico examina o corpo de qualquer paciente de maneira absolutamente profissional, não tem malícia nenhuma — ele justificou, e eu tive que rir. Rir, não. Gargalhar.

— Ah, tá — zombei.

— É verdade. E, mesmo se não fosse, minha futura esposa não teria com o que se preocupar. Não vou cometer o erro de me casar com uma pessoa que não amo. Se eu me casar um dia, vai ser com a mulher da minha vida.

Um silêncio se interpôs entre nós. Felipe bebeu um pouco de suco de melancia, e eu puxei um fiozinho da costura do lençol enquanto o imaginava casado, com uma mulher alta e esguia. Médica, certamente. Cirurgiã, talvez. E metida. Nojenta. Fresca. Cheia de não-me-toques.

Não gostei dela. Mas só porque essa criatura insuportável se tornaria tia dos meus sobrinhos.

— Você acha que vai encontrá-la? — sondei, encobrindo o desprezo que eu já sentia pela perua.

— Se eu não encontrar, vou ser a única pessoa miseravelmente infeliz da minha família. — Ele baixou os olhos, fazendo uma carinha triste.

— Pobrezinho... — Afaguei seu cabelo, torcendo para que não a encontrasse nunca.

Não queria que ele fosse infeliz, mas também não queria que meus sobrinhos tivessem uma chata como

tia. Então, por mim, Felipe poderia ficar solteiro para sempre. Se eu provavelmente ia ficar para tia, ele podia muito bem ser o tiozão solteiro das crianças.

Comemos mais um pouco, conversando sobre coisas aleatórias, que levaram a assuntos ainda mais aleatórios. Acabei descobrindo, por exemplo, que ele fazia aniversário no dia primeiro de fevereiro. E que tinha trauma de palhaço desde pequeno, por causa de um boneco que Sofia tinha.

Quando já estava anoitecendo, desfizemos o piquenique, guardando o que havia sobrado.

— A gente podia ver o filme — propus, indicando a televisão na parede, assim que ele se levantou para colocar a cesta sobre a poltrona.

— Que filme? — indagou, retornando e se sentando ao meu lado.

— Aquele, nada famoso, sobre um jovem casal que vive uma linda, proibida e efêmera, mas eternizada história de amor a bordo de um navio que afunda.

— Eu conheço a história. Só não vi o filme. — Ele pegou uma mecha do meu cabelo.

— Por que não? — questionei, enquanto seus dedos massageavam os fios.

— Romance. — Ele fez uma careta.

— Você não gosta de romance? — perguntei, rindo.

— Não... — respondeu, meio vacilante.

— Gosta ou não gosta? — insisti.

— De modo geral, não. Mas... — Ele se calou.

— Mas? — incentivei.

— Nada.

— Ah, fala, Felipe, por favor? — Fiz minha melhor expressão suplicante.

— Só se você chupar meu pau. — Abriu um sorrisinho sacana.

— Não posso. Prometi que só ia lambar a cabeça de cima, lembra?

Ele deu uma risada.

— Você chupa sem lambar. Vai, Mari, só um pouco. — Mordeu o lábio.

— Sou uma mulher de palavra. — Beijei sua bochecha e me levantei, enrolando-me no lençol. — Vou buscar o DVD. Fica quietinho aí.

— Vou te esperar pelado. E batendo uma, pra preparar meu Lipão — avisou.

Deixei o quarto rindo e fui até a sala de tevê, onde ficava a minha coleção de filmes e seriados.

Estava voltando, com o encarte de Titanic em mãos, quando ouvi um som.

Identifiquei o ruído como o toque do meu celular, que estava na bolsinha vermelha, em cima do aparador da sala de visitas.

Fui até lá, abri o zíper e peguei o aparelho. Conferi o visor e vi que era minha mãe.

— Oi, mamãe! — Atendi.

— Marina... — Ela estava chorando.

Meu coração acelerou, e não foi do jeito gostoso que havia disparado a tarde inteira. O pânico pulsou com força, massacrando minhas costelas.

— Mamãe? O que foi? — O medo latejava em meu peito.

Um choro convulsivo ecoou do outro lado da linha.

— Seu pai... — ela começou e, enquanto ouvia as palavras, misturadas aos soluços altos, eu ruía como se fosse um transatlântico naufragando e se perdendo para sempre no fundo inóspito e sombrio do oceano.





# 34

## O ACASO

“(...) vai me proteger enquanto eu andar distraído”.

*Epitáfio — Titãs*

## EDUARDO

Num sábado à noite, você vai dormir com uma ideia na cabeça: amanhã eu vou limpar as calhas do telhado.

Obviamente, você não limpa. Acorda de pau duro, sentindo os beijos da sua esposa, e dá sua primeira trepada dominical; dorme de novo, ignorando o barulho da garotada, que já está de pé, batendo bola na rua; levanta depois do meio-dia e se empanturra de frango assado na hora do almoço; tira um cochilo vespertino; bebe umas cervejas à tarde, vendo o jogo de futebol; fode a sua mulher depois da partida, para comemorar a vitória do seu time ou para superar a derrota; vê as dançarinas do Faust... quero dizer, o programa do Faustão; sai para jantar fora com o amor da sua vida; volta a tempo de rir com ela das pegadinhas do Sílvio Santos; e encerra a noite com um clássico papai-e-mamãe, seguido por um abraço de conchinha.

No sábado seguinte, você vai dormir com duas ideias na cabeça: amanhã eu vou limpar as calhas do telhado. E vou aproveitar para trocar as telhas que os caras da manutenção quebraram esta semana, quando foram trocar a porra da antena da internet.

O dia amanhece e, obviamente, você não limpa. E muito menos conserta o telhado. O ciclo se repete durante meses, até que, num fatídico domingo, você se levanta bem antes do meio-dia, porque ouviu um barulho ainda mais alto que os sons dos filhos dos vizinhos.

Você se levanta, ainda grogue por causa da gozada de minutos atrás, veste um calção e caminha até a sacada do quarto. De lá, você vê um punhado de crianças na rua, olhando para a sua casa.

— Foi mal, seu Miyake! — a filha caçula do morador da frente se desculpa. — O perna-de-pau do Junim deu uma bicuda na gorducha, e ela caiu aí dentro. Tem como o senhor jogar ela pra cá?

Você fica puto, com vontade de furar a gorducha e o bucho do Junim. Mas lembra dos seus tempos de moleque, da vez que você chutou forte demais, e a bola caiu na casa ao lado, esmagando as amadas hortênsias do jardim da dona Josefa. E daquela outra vez, que a redonda acertou o para-brisas e foi parar dentro do Chevette do seu Antônio, o marido da dona Josefa. Então, sorri para a garota e fala que vai descer para resgatar a gorducha.

Você desce e roda a área inteira, fuça o jardim e procura na garagem, mas não encontra a bola. O sol queima suas costas nuas, e você ergue o olhar para o céu, impressionado com a intensidade dos raios àquela hora da manhã. Então, a vê em cima do telhado da varanda, os pentágonos pretos e brancos reluzindo.

Primeiro, você cogita dizer às crianças que elas se enganaram, que a bola não caiu na sua casa. Fodam-se as crianças e a bola. Aí, você se lembra do seu Antônio, que, quando viu o vidro estilhaçado, pegou sua bola novinha e, feito um demônio, rasgou a pelota na sua frente. Com um canivete corneta. E ainda contou pro seu pai, que pagou o prejuízo e te deu uma surra inesquecível. Você não quer ser o filho da puta do seu Antônio. Nem o filho da puta do seu pai. Você quer ser a bondosa dona Josefa, que, apesar de chateada pelas flores esmagadas, entregou sua bola e afagou seu cabelo com uma expressão misericordiosa estampada no rosto idoso.

Soltando uma chuva de palavrões — porque não é nenhuma Madre Teresa, que nem dona Josefa —, você pega a escada e sobe no telhado. Resgata a gorducha e salva o domingo da molecada.

Aí, você aproveita o embalo e, finalmente, faz o que vem planejando fazer há meses, certo?

Errado. Como um bom procrastinador, você volta para a cama e deixa a tarefa para mais tarde.

— Você vai mexer no telhado depois do jogo, né? — sua esposa pergunta, no intervalo da partida.

— Vou deixar pra domingo que vem — você diz, tomando um gole despreocupado da garrafa de cerveja.

— Todo domingo você diz isso! — ela reclama. — As árvores do quintal entupiram as calhas de trás da casa! Fica aquela coisa mais feia lá, tudo cheio de folha. E, por causa das telhas quebradas, na última vez que choveu vazou água na biblioteca. Já que você não quer subir no telhado, deixa que eu subo. — Dizendo isso, ela começa a se afastar.

— Isso você só faz se eu estiver morto. — Você levanta o rabo do sofá, agarra sua mulher pela cintura e sapeca um beijo em sua bochecha.

Até parece que vai permitir que sua esposa — sua delicada e preciosa esposa — suba num telhado em seu lugar!

Você promete que vai fazer tudo, assim que o jogo acabar, é claro.

Aos quarenta e cinco do segundo tempo, puto com a vergonhosa derrota do seu time, você pega a porra da escada e sobe.

Primeiro, limpa as calhas. Depois, troca as telhas. Você sobe e desce muitas vezes antes de dar a missão por encerrada. Já está escurecendo quando finaliza, descendo os degraus pela última vez.

É possível que tenha sido o efeito do álcool. Você não estava bêbado, mas a cerveja circulando em seu sangue pode ter feito você pisar em falso e se desequilibrar. Ou, talvez, tenha sido só distração. Ou puro azar. Ou culpa do seu time, que perdeu de goleada. Ou mera obra do acaso. Vai saber.

O fato é que você cai. E não levanta mais.

## PLÍNIO

— Não é uma boa ideia, puto — falei, quando Max sugeriu que subíssemos para ouvir a conversa de nossas esposas.

Elas tinham decidido subir, a convite de Olívia, que, depois de uma ligação, voltou sorrindo como quem está prestes a dividir um grande segredo.

— Deixa de ser frouxo, porra! — o marido dela reclinou.

— É, mano, deixa de ser camisolão, tá ligado? — Piolho engrossou o coro. — *Bora* subir e sapear o que as minas tão falando. Eu tô curioso pra *carai*.

— Nada de bom pode sair disso, Piolho — Tito observou. — Às vezes, a ignorância é uma bênção.

— É o caralho! E se for alguma coisa sobre Isa? Não vou esperar dez anos pra saber! — Max se manifestou, aparentemente curado das crises de cegueira seletiva, que costumavam ser tão frequentes.

— Quenga, fica *sussa*. Elas devem tá falando de piroca. Aposto que tão comparando o tamanho dos

nossos pintos! — Piolho opinou, achando que o mundo delas girava ao nosso redor. Ledo engano. — Eu já sei que minha anaconda cuspidreira ganha de cês tudo. Só quero saber quem tem a bilunga menor. Acho que é Titona! — Gargalhou.

— Chupa aqui e engasga, filho da puta! — Tito fechou a palma no saco.

— Pega na minha e mama, Titeta! — Piolho riu, imitando o gesto.

— Meu Deus. Dois velhos agindo feito moleques. — Dei uma risada.

— Velho eu vou ser quando tiver sessenta — meu irmão provocou.

— Só que, com essa idade, você não vai ser broxa que nem certos idosos, né, Tito? — Max lançou um sorriso zombeteiro em minha direção.

— Idoso é meu pau no seu cu. E, se eu fosse broxa, coisa que você pode confirmar com a sua irmã que eu não sou, pelo menos eu seria com uma loira só — devolvi e caí na risada.

Piolho e Tito me acompanharam, gargalhando alto.

— Muito me admira o fato de você ainda se lembrar de um acontecimento de quase três décadas. Ouvi dizer que a senilidade afeta a memória. — Ele continuou cutucando.

— E aumenta as chances de câncer de próstata — emendei, e Piolho, Tito e eu tivemos uma crise de riso.

Max ficou puto, como ficava toda vez que eu o lembrava daquela noite, em que ele me ligara achando que estava canceroso. Tinha broxado com duas loiras gostosas e, por isso, pensou que estivesse morrendo. O que meu cunhado não sabia é que não precisava ter se consultado com um oncologista. Qualquer um era capaz de proferir o diagnóstico, que não se relacionava à próstata, mas aos testículos: ele estava amarrado pelas bolas.

— Falando em câncer próstata — disse, disfarçando a raiva —, você tá fazendo seus toques retais, né, puto? Nessa idade, não dá pra descuidar. Tem que socar o dedo no rabo todo dia.

— Realmente, puto — concordei. — Inclusive, tá na hora da minha dedada diária. — Mostrei o dedo do meio. — Depois que eu enfiar, você cheira?

Os três quase morreram de rir.

— Mano, cês são muito escrotos, véi — Piolho falou, rindo.

— Nós — ironizei.

— Eu vou chorar que nem um condenado quando *cê* morrer, Plinião! — Ele me deu um abraço.

— Plínio é imortal. Esse velho é de aço. — Tito bateu nas minhas costas.

— Vem, Titona, abraça também! Vem, Putão! Junta aqui, véi! — Piolho chamou.

— Sai fora! — Max riu.

— Deixa de ser *cuzão* e vem logo, Quenga! Eu quero *foursome* com *grandpas*, tá ligado? — Ele começou a foder minha perna.

Max e Tito gargalharam, enquanto eu me afastava, empurrando o desgraçado.

— Arrombado do caralho! Velha cabeluda! — berrei.

— Plínio! — A voz chorosa de Susanne me fez girar o pescoço. — Aconteceu uma tragédia!

Ela descia as escadas correndo, acompanhada por Liv, Lari e Malu.

— Sofia? — Arregalei os olhos, levando uma mão ao peito no instante em que meu coração parou de bater.

Se aquele moleque tivesse feito alguma coisa com a minha princesinha, eu ia matá-lo com as minhas próprias mãos!

— Não! — Minha esposa se apressou em negar.

— Lipe? — A voz mal saiu, o pânico confrangia minha garganta.

— Os dois estão bem. — Ela terminou de descer os degraus.

O alívio jorrou em minha corrente sanguínea, e os batimentos cardíacos retomaram a frequência normal. Se Sofia e Felipe estavam bem, tragédia alguma tinha acontecido.

— Mas, ao mesmo tempo, não estão — ela emendou, angustiada. — Liguei pra Lipe, pra perguntar como tinha sido o piquenique com Marina...

— Piquenique com Marina? — cortei. — Piquenique? — Meu Deus, eu teria que ter uma conversa séria com meu filho. Não era possível que ele tinha planejado um piquenique só por uma transa. Se tinha se dado o trabalho de arquitetar uma coisa dessas, ele estava apaixonado! O que me levava à preocupante identidade da mulher. — Espera... Marina é aquela garota Miyake? — perguntei, com o cu na mão.

— Isso mesmo, Plinião! — Piolho riu. — É a invasão dos Miyake, mano! Eu te avisei que essa parada ia acontecer, *véi*! Se prepara, tá ligado? Daqui uns dias, *cê* vai tá cara a cara com o vovô Edu!

Susanne caiu no choro.

— Suze? — Dei um passo e segurei seu rosto. — Que foi, amor?

— Eduardo... — Ela soluçou, os olhos azuis cheios de lágrimas.

— Plínio, Eduardo morreu — Olívia disse, e as palavras ressoaram como morfina sendo injetada em minhas veias.

Eu estava livre! Livre! Finalmente, poderia viver em paz, sem a sombra do passado ameaçando arruinar meu presente.

Então, o fato assentou de verdade em minha cabeça, e minhas mãos abandonaram as bochechas de Susanne.

Ela estava chorando por ele. Meu Deus, parecia uma viúva enlutada! Nem a mulher do defunto devia estar chorando tanto!

— Mano de Deus... — Piolho levou as mãos à cabeça. — Não acredito que o pai do Chatão bateu as botas, meu... Como é que Miyakão espicha a canela assim, de uma hora pra outra? Ah, *véi*, que sacanagem do *carai*, mano... O *fidaputa* sacaneou meus planos com essa morte! E agora, como é que eu vou zoar Plinião? *Assifudê*, meu... Eu *tava mó* ansioso pra disputa dos avôs... — ele choramingou.

— Lucas! — Maria Luísa cobriu a boca para abafar o riso. — Para de falar besteira! — Ela recuperou a seriedade.

— O desgraçado foi tarde! — Expus meu contentamento, e Susanne me endereçou uma expressão absolutamente chocada, que fiquei mais que satisfeito em ignorar.

Morto. Meu arqui-inimigo estava morto! Até que enfim!

— Ele não morreu! — Suze berrou de repente.

— O quê? — rugi, impressionado com o quão pouco durava a alegria do pobre.

— Mas você disse que ele morreu, porra! — Liv bradou, atônita.

— Eu não disse isso! — Susanne exclamou.

— Você disse que ele sofreu um traumatismo craniano e, em seguida, começou a chorar descontroladamente, Susanne! — Malu reforçou a afirmação de Olívia.

— A gente pensou que ele estivesse morto! — Lari concluiu a tese.

— Ele está em coma. — Minha esposa fungou, passando os dedos na face molhada.

Aquilo me deixou puto. Eu podia apostar que, se fosse eu quem estivesse em coma, ela choraria muito menos! Talvez, nem chorasse!

— Mano do céu! Graças a Deus que Miyakão ainda não partiu dessa pra melhor! — Piolho ergueu as mãos para o alto. — Enquanto há vida, há esperança, tá ligado? A esperança é a última que morre, mano. Vai dar tudo certo. Ele vai sobreviver, *véi*.

— Qual é a pontuação na escala de Glasgow? — perguntei a Susanne, torcendo para ser três pontos, o que indicaria que ele estava em coma profundo e, portanto, mais propenso a nunca mais recobrar a consciência.

Minha esposa me olhou como se eu a tivesse pedido para recitar um poema em aramaico, e eu me dei conta de que não estava no hospital, conversando com um colega de trabalho. No ímpeto de saber quais eram as chances de sobrevivência, tinha feito uma pergunta técnica a uma pessoa leiga.

— Sei lá! Como é que eu vou saber? Lipe disse que, aparentemente, ele caiu de um telhado, sofreu um trauma na cabeça e foi preciso fazer uma coisa... — Ela fez uma pausa e uma expressão pensativa. — Esqueci o nome. Mas, quando perguntei o que significava, ele traduziu, dizendo que é o que a gente chama de “coma induzido”.

— Sedação — esclareci, meio desanimado.

Obviamente, seria muito melhor se ele estivesse naturalmente inconsciente, porque a probabilidade de melhora, que já seria mínima, diminuiria ainda mais com o passar do tempo. Não era o caso de Eduardo, que estava com o nível de consciência reduzido em razão das drogas sedativas administradas pelos médicos. Provavelmente, tinha sido sedado por precisar de ventilação mecânica. Não deixava de ser grave, mas podia ser pior.

Eu precisava saber qual era o prognóstico do infeliz. Precisava me inteirar de todas as informações relativas ao quadro clínico, principalmente da gravidade da lesão traumática.

— Levaram para qual hospital? — perguntei.

— O nosso. — Ela limpou uma nova lágrima.

— Por que você tá chorando, Susanne? — explodi. — Tá com medo de perder seu querido Eduardo? Fica tranquila, os médicos do São Cipriano devem salvar o amor da sua vida.

— Plínio, desconfia! — Ela me fuzilou. — Não vou nem comentar esse absurdo!

— Mano, *cê* tá velho demais pra ter essas crises ridículas de ciúme, tá ligado? — Piolho interferiu. — Suzinha tá chorando porque eles eram amigos, né, *véi*. Amigos com benefícios, saca? — Ele deu uma risada.

— Cala a boca, Piolho! — Suze gritou e se virou para mim. — Estou chorando porque Eduardo é o futuro sogro dos nossos filhos! Como você acha que Sofia e Lipe estão? Quando a pessoa que a gente ama está sofrendo, a gente sofre junto. Então, é óbvio que os nossos filhos estão sofrendo, seu idiota! E, quando os filhos sofrem, a mãe também sofre! Além disso, Eduardo é um homem bom, não merece passar por uma coisa dessas.

— Vovô Edu é bom ou bom de cama, Suzinha? — Piolho atಿçou.

— Lucas, eu vou te amordaçar! — Malu ameaçou.

— Que nem aquele dia, que *cê* me amarrou na cama e...

Ela tapou a boca do marido.

— Sofia e Matheus devem estar desesperados. Não é bom que nenhum dos dois venha dirigindo — considerou, com os dedos pressionados na boca de Piolho.

— Eles devem ter comprado passagens de avião — Lari comentou.

— Será que acharam? Você podia ver isso, Suze. Se o voo não tiver saído ainda, a gente pode mandar um dos jatinhos, né, Lucas? — Malu liberou os lábios dele.

— É pra já, mano. — Ele enfiou a mão no bolso da calça.

Susanne ligou para Sofia e descobriu que os dois estavam no aeroporto. O avião ainda demoraria quarenta e cinco minutos para decolar. Isso se o voo não atrasasse.

Assim que ficou acertado que uma das aeronaves executivas dos Guerratto aterrissaria em Príncipe Serrano, agradei a Maria Luísa e ao puto do Piolho.

— Mano, *cê* acha que é de graça? Em troca, *cê* vai ter que fazer a anaconda cuspir, tá ligado? — Ele deu uma risada.

Ignorando a palhaçada, virei as costas e comecei a sair da casa de Max, disposto a ir direto para o hospital.

— Eu vou com você. — Susanne me alcançou, adivinhando meu intento.

Os demais também manifestaram seu interesse em ir, mas consegui convencê-los a postergar a visita para o dia seguinte, quando a mulher e os filhos do desgraçado estivessem mais preparados para receber conforto. Nas horas iniciais, quando tudo era tão incerto, nada superava o consolo dos membros da

própria família. Pessoas estranhas só serviam para atrapalhar.

Com minha esposa, no entanto, não tive a mesma sorte. Tentei, é claro, mas não consegui demovê-la da ideia de me acompanhar.

— Você está indo à toa, porque não vai poder ver seu amado Eduardo hoje — falei, quando entramos no carro.

— Está passando da hora de você parar com isso — ela disse, séria, enquanto eu tirava o veículo da garagem. — Tem mais de quarenta anos que eu transei com Eduardo. Quarenta, Plínio. Quarenta!

— Pois é. Também tem mais de quarenta anos que eu transei com Andressa, e até hoje você joga isso na minha cara, Susanne — argumentei.

— É completamente diferente — ela alegou.

— Claro — ironizei.

— Você comeu o cu dela, Plínio.

Eu já tinha perdido as contas de quantas vezes tivéramos aquela mesma discussão. O assunto nunca morria. Quando parecia que finalmente pararíamos de discutir pelas mesmas razões, a irmã de Piolho aparecia em nosso caminho e tudo vinha à tona. Sempre começava com um comentário.

— Olha lá, a filha da mãe está de olho em você — Susanne dizia, já irritada.

— Suze, ela não está de olho em mim. Ela tem um marido. — Eu tentava evitar o início da briga.

— Aquele é o quarto marido dela, Plínio. A vagabunda deve ser apaixonada por você até hoje. Aposto que nunca esqueceu as estocadas que você deu no cu dela! — Minha esposa estreitava os olhos, me fulminando.

A expressão furiosa sempre provocava alguma coisa em mim. Eu simplesmente não conseguia evitar. Tinha que pirraçá-la. Era mais forte que eu.

— É claro que ela não esqueceu, amor. Você já viu o jeito que eu como um cu. É memorável.

Depois de me lançar um olhar mortífero, cheio de labaredas faiscantes, ela sorria, caprichando na expressão nostálgica:

— Alguns homens não precisam comer o cu para serem memoráveis.

Eu sabia, exatamente, a quem ela estava se referindo.

A partir daí, a porra toda degringolava. Brigávamos como se fosse a primeira vez, como se estivéssemos revivendo a noite da descoberta.

Eu estava cansado daquilo, de toda aquela merda.

O problema é que eu queria que ela parasse de desengavetar o assunto “Andressa”, mas não estava pronto para arquivar o assunto “Eduardo”.

— E você foi pra cama com um cara que eu sempre odiei. Espero que esse sujeito morra. — Firmei as mãos no volante, dirigindo até o pórtico.

— Conheço você o bastante para saber que isso não está saindo do seu coração — ela disse, pousando a mão na minha perna. — Você não é capaz de desejar a morte de ninguém, Plínio. Não de verdade. Nem mesmo a de Eduardo.

— Você está enganada — asseverei, deixando o condomínio para trás. — Não só desejo que ele morra, como seria capaz de matá-lo. Talvez eu até desligue os aparelhos daquele infeliz.

— Retira esse absurdo — ela ordenou.

— Tive uma ideia melhor. Vou remover o micropinto dele! — Dei uma risada. — Do que você está rindo, Susanne? — perguntei, quando ela gargalhou.

— Dessa ideia ridícula, ué! Do que mais poderia ser? — Deu de ombros.

— Susanne, Susanne... — falei, desconfiado.

A gargalhada não podia significar o que eu achava que significava, podia?

— Olha que gatinho bonitinho! — Ela apontou o dedo na direção do para-brisas.

Instintivamente, procurei pelo gato, mas só vi o asfalto e as calçadas vazias. Àquela hora, em pleno

domingo, as ruas estavam praticamente desertas.

— Ah, ele correu e subiu no muro — ela lamentou.

Fingi acreditar na patética tentativa de me distrair. Eu não ia perguntar. Não queria saber de porra nenhuma.

Ele tinha um micropinto, que não se comparava ao meu rolão. Eu tinha um braço de anão, e ele tinha um mindinho de bebê entre as pernas.

— Vou passar o bisturi naquela merda — avisei. — Vou, enfim, me vingar daquele filho da puta.

— Mágoa faz mal, sabia? — Ela subiu os dedos para o meu cabelo. — Dizem que causa câncer. Como o oncologista prestigiado que é, você devia saber disso.

— Como o oncologista prestigiado que sou, posso afirmar que isso é mito — assegurei.

— Não é — ela disse, resoluta.

— Tá bom, doutora. Se você diz, quem sou eu para discordar. — Soltei uma risada irônica.

— Tá bom, doutora. Se você diz, quem sou eu para discordar. — Susanne me imitou, engrossando a voz.

Contive o riso, e ela se calou. Permanecemos em silêncio até chegarmos ao hospital.

Estacionei na vaga privativa e tirei o cinto. Estava prestes a abrir a porta do carro quando a mão dela tocou minha coxa.

— Plínio...

Busquei seus olhos e encontrei as íris que eu tanto amava me fitando com ternura.

— Eu te amo. Amo tudo em você, até seu ciúme idiota e absolutamente sem sentido. Quando acho que te amo demais, consigo te amar mais ainda. Você é o amor da minha vida, Plínio Theloni. Nunca se esqueça de que meu coração é e sempre foi seu.

Puxei sua nuca e uni nossas testas.

— Eu sei. E eu te amo, Suze. Meu amor continua crescendo a cada bom-dia, assim como o seu aumenta a cada amanhecer. — Beije seus lábios devagar, enroscando os dedos em seu cabelo, sintonizando nossas línguas.

Quando desconectei nossas bocas, ela segurou meu rosto.

— Promete pra mim que você nunca vai cair de um telhado.

— Eu não sou seu irmão, Susanne — falei, lembrando-me da vez que Max caíra.

O pestinha era pequeno e, como escorregara do telhado úmido da varanda, que era razoavelmente baixo, tivera a sorte de sobreviver, sem grandes traumas.

Embora ele tenha quebrado duas pernas e um braço, o incidente tinha sido particularmente proveitoso para mim. Naquele dia, beije Susanne pela primeira vez. Foi um beijo puro, coisa de criança. Mesmo assim, nós o consideramos como o primeiro.

Aparentemente, minha esposa também tinha recordado o momento, porque voltou a me beijar.

— Promete — sussurrou, ao interromper o beijo.

— Não posso prometer que não vou cair. Então, prometo que nunca vou subir.

Ela sorriu e me abraçou com força, pincelando os lábios em minha bochecha.

Minutos depois, chegávamos à Unidade de Tratamento Intensivo. A sala de espera era um viveiro de soluços, murmúrios e lamentos.

Familiares dos pacientes internados espalhavam-se pelo local, abraçando-se, chorando, rezando baixinho.

Desesperança e agonia espessavam o ar, que era mais pesado ali que em qualquer ala do hospital.

Eu estava acostumado àquilo. Aquela unidade era a minha segunda casa. Naquele lugar, eu anunciava a hora da morte da maioria dos meus pacientes terminais. Testemunhar o auge do sofrimento humano fazia parte da minha rotina e, embora a dor das pessoas ainda me comovesse, eu tinha aprendido a lidar com as tristezas alheias sem permitir que elas entristecessem a minha vida.

Mas, para quase todo mundo, a unidade de cuidados intensivos era uma bolha perniciosa. Quando se entrava nela, era impossível não se contagiar pelo horror que havia dentro.

Susanne estava visivelmente abalada. Observava, com lágrimas nos olhos, o choro convulsivo de duas mulheres que, a julgar pela expressão do doutor Fragozo, tinham acabado de receber a notícia do óbito de um ente querido.

— Não fica assim, amor — sussurrei, alisando seu braço e puxando-a em outra direção. — Me ajuda a procurar Felipe — falei, no intuito de distraí-la.

Assim que fechei a boca, eu o vi. Estava sentado a alguns metros, com os braços em torno da garota, cuja cabeça repousava no peito de meu filho.

Afagava o cabelo castanho-claro da menina e olhava para ela como se estivesse amparando uma boneca de porcelana quebrada. Não pude deixar de notar que seus olhos escuros, tão parecidos com os meus, estavam marejados.

Eu só podia ter algum defeito congênito. Meus espermatozoides tinham algum problema grave. Não era possível que a minha porra só servia para produzir criaturas apaixonadas pelos Miyake!

— Lipe! — Suze exclamou, encontrando-o antes que eu indicasse a localização.

Ele ergueu a cabeça, e a garota fez o mesmo. Caminhamos até eles, e os dois se colocaram de pé.

Pequena e frágil, a filha de Eduardo Miyake nos mostrou um rosto contorcido de angústia e enormes olhos úmidos e avermelhados.

— Marina... — Minha esposa se curvou e a abraçou.

As duas se mantiveram abraçadas, chorando uma no ombro da outra.

— A gente precisa ter uma conversa séria, Felipe. — Usei minha voz de pai autoritário.

— Eu te amo, coroa. — Sem aviso, ele me abraçou com força.

Do nada, um cisco caiu no meu olho.

— Eu te amo demais, meu filho. — Bati em suas costas, comprimindo o corpo que, há tão pouco tempo, pertencia a um garoto.

Eu não poderia estar mais orgulhoso do homem que ele tinha se tornado (tirando a parte que o puto fode a minha vida se apaixonando pela mulher errada).

— E sua mãe? — Susanne perguntou, afastando-se de Marina.

A pergunta fez com que Lipe e eu interrompêssemos o abraço.

— Mamãe precisou ser medicada. Minhas tias estão com ela na enfermaria — ela respondeu, sem parar de chorar.

Meu coração se retorceu. As lágrimas desciam sem descanso pela face pálida, e a imagem daquela menina, tão vulnerável e tão chorosa, arrancou palavras inesperadas da minha boca:

— Vai ficar tudo bem. Seu pai vai ficar bem, eu prometo.

De onde tinha saído aquilo? Primeiro, eu não queria que ficasse tudo bem. Segundo, eu não queria que o pai dela ficasse bem. E, terceiro, eu não estava em condições de prometer porra nenhuma! Então, por que tinha prometido?

Sem dizer nada, Marina se jogou em mim. Os braços finos circundaram minha cintura, e a cabeça encontrou abrigo em meu peito. Então, ela caiu no choro.

Sem saber onde colocar as mãos, fiz o que Lipe estivera fazendo. Afaguei seu cabelo e deixei que chorasse, enquanto fingia não ver as lágrimas que meu filho tentava ocultar.

Quando ela me soltou, estava um pouco mais calma. Limpou as bochechas e tentou sorrir.

— Você se importa se eu pegar Lipe emprestado só por um instante? — questionei.

Ela meneou a cabeça, negando. Abri um sorriso caloroso e peguei Felipe pelo braço, deixando-a com Susanne.

— E aí, qual é o prognóstico? — indaguei, em voz baixa, quando me afastei o suficiente.

— Reservado. Ele teve um TCE grave e um hematoma subdural — Lipe respondeu, com o pesar de



quem sabe que as chances de sobrevivência são mínimas e, mesmo assim, com a possibilidade de sequelas neurológicas, o que só poderia ser confirmado após vários dias de suspensão dos sedativos.

— Alguma intervenção cirúrgica? — sondei.

— Ainda não.

— Você já o viu?

— Não. Não queria deixar Marina sozinha.

— Fica com ela. Eu vou lá. Quem é o médico responsável?

— Moretti — ele disse, referindo-se a um dos melhores traumatologistas do São Cipriano.

Instantes depois, eu estava dando uma olhada no prontuário eletrônico, enquanto conversava com Moretti.

Depois de confirmar a gravidade do caso, coloquei o uniforme hospitalar e higienizei as mãos. Entrei no quarto e me deparei com um cenário usual. O ambiente estéril tinha o aroma asséptico com o qual eu estava acostumado. As máquinas produziam seus ruídos típicos, ressoando sua melodia incansável.

Caminhei na direção do leito de cuidados intensivos, aproximando-me do monitor cardíaco, das bombas infusoras e do ventilador mecânico.

Ali estava ele, Eduardo Miyake. Estável, porém em estado grave. Deitado, intubado, apático.

Tinha imaginado nosso confronto inúmeras vezes e, em todas elas, eu o encarava com raiva e desprezo. Mas ali, diante do meu rival inconsciente, não consegui sentir nada além de um profundo vazio.

Era uma merda, a vida. Você está bem e, no segundo seguinte, não está mais. Pensa que vai conhecer seus netos e, então, o futuro começa a desvanecer.

Aproveitei que estávamos provisoriamente sozinhos e me aproximei um pouco mais.

— Eduardo, sou eu, Plínio. Plínio Theloni. — Clareei a garganta. — Fica tranquilo. Sua família está bem. Matheus, Marina, sua esposa... Estão todos bem.

Não sei por que eu disse isso. Talvez, porque era o que eu gostaria de ouvir se estivesse no lugar dele. Ficaria angustiado, preocupado com Susanne, Lipe e Sofia.

Mas que merda era aquela? Eu não queria aniquilar as aflições daquele filho da puta, queria puni-lo! Estava na hora da minha vingança!

— Se estiver me ouvindo, saiba que os benzodiazepínicos que foram administrados durante a sedação provocam amnésia anterógrada. Então, quando acordar, você não vai se lembrar de nada que eu disser ou fizer — expliquei.

Era pouco provável que ele estivesse me escutando, uma vez que o grau de sedação era elevado. De acordo com o prontuário, o sexto na escala de Ramsay, o que significava que ele estava inconsciente e não responsivo ao estímulo auditivo alto. Mesmo assim, dei mais um passo, para tornar minha voz mais nítida.

— Você está no meu hospital, e eu estou aqui com uma equipe cirúrgica, Eduardo. Vamos proceder à mudança de sexo que você solicitou. — Fiz uma pausa curta, para deixar que ele absorvesse e se assustasse com a informação. Então, dei uma risada. — Tô brincando, cara. Relaxa. Não vamos cortar seu pinto e transformá-lo numa vagina. Vamos só arrancar seu pinto. Enfermeira, bisturi. — Outra pausa e outra risada. — Você devia ver a sua cara, Miyake!

Eu não ia mutilar um paciente do meu hospital, é óbvio. Tenho uma carreira e um nome a zelar. Mas aquela era a minha chance de confirmar que aquele puto tinha um micropinto. O problema era que eu não podia simplesmente levantar a camisola hospitalar e observar os órgãos genitais de um paciente sedado.

Estava amaldiçoando meus princípios éticos quando vi a bolsa coletora, presa na lateral do leito. Nela, estava acoplada a sonda vesical, que havia sido inserida na uretra de Eduardo. Como o bom médico que sou, eu precisava checar se tinham introduzido o cateter corretamente.

— Vou verificar se a sua sonda está bem colocada, porque aposto que confundiram seu pinto com o de uma criança e trouxeram uma sonda pediátrica. — Com cautela, pincei a barra da camisola, ergui o

tecido e curvei o corpo para espiar o interior.

Esperava encontrar o tubo que coletava a urina devidamente enfiado na minhoca raquítica de Eduardo. O que eu não esperava era encontrar o tubo enfiado naquilo.

Fiquei puto, considerando a real hipótese de capar aquele desgraçado. Então, me lembrei de um detalhe: edema!

É claro! Aquilo era puro inchaço, mero acúmulo de líquidos! Pacientes internados, principalmente os que estão em estado grave, costumam ficar bastante inchados, e isso vale para todas as partes do corpo. Tô falando sério. É um fato científico.

— Você quase me enganou, Miyake — falei, aliviado. — Por um momento, achei que você estivesse à minha altura, filho da puta, mas isso aqui é um pinto japonês passando um dia na África.

Enquanto olhava pra ele, notei que a cara não estava inchada. Nem os braços. Nem as pernas. Mas isso não significava nada. Só que o inchaço tinha começado pelos órgãos genitais. Tinha que começar por algum lugar, certo? Dali a pouco tempo, a cara dele estaria imensa.

De repente, a porta se abriu. Um enfermeiro entrou e me flagrou com a camisola levantada.

— Eu... estava só checando a sonda — apressei-me em dizer, descendo o tecido e endireitando o corpo.

O recém-chegado franziu o cenho e me olhou de um jeito estranho.

Porra. Por que expliquei isso? É claro que eu estava só checando a sonda! Eu sou um médico, o que mais eu estaria fazendo naquelas circunstâncias? Não tinha necessidade nenhuma de justificar aquela merda!

— A propósito, está tudo certo — informei e me volvei para Eduardo. — Mais tarde eu volto, Miyake. — Dei uma última olhada no homem deitado e deixei o enfermeiro fazer seu trabalho.

Enquanto higienizava as mãos novamente, eu não conseguia parar de pensar na brevidade da vida. Não pensava nisso com frequência, embora lidasse diariamente com a fragilidade do corpo humano. Mas ver Eduardo Miyake entre a vida e a morte provocou um sentimento ruim, de medo e impotência, em meu interior.

De repente, a possibilidade de morrer de uma hora para outra, sem conhecer meus netos, pareceu vívida demais, real demais.

A vida era curta, tão curta que, quando a gente parava para pensar nisso, o pânico ameaçava se alastrar.

Eu não estava pronto para morrer. Eduardo não estava pronto para morrer. Ninguém estava.

Quando o enfermeiro saiu, volvei ao leito e me inclinei o máximo que pude.

— Não morre, desgraçado. Eu nunca vou gostar de você, Eduardo. Mas não quero que você morra, porra — falei, com a garganta doendo. — Max e Piolho vão participar da disputa dos avôs. A gente também tem que participar dessa merda. Você está em boas mãos aqui, eu garanto. Só precisa fazer a sua parte. Vou me certificar de que a sua família fique bem. Prometo que vou cuidar deles enquanto você se recupera. E pode ficar tranquilo, não vou comer sua mulher, filho da puta. — Interrompi a fala. — É isso. Só... não morre.

Minutos depois, eu estava de volta à sala de espera. Ainda no início, vislumbrei Sofia e Matheus, que estavam de pé, abraçando Felipe e Marina.

Eu já tinha visto muitos irmãos chorando pelo medo concreto de perder um pai. Era sempre uma cena dolorosamente tocante. Mas, ao me aproximar, eu me deparei com a mais comovente de todas.

Não sei o que fez as lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas. Talvez, a imagem dos meus filhos chorando junto. Ou o fato de que eles se afastaram um do outro e abraçaram os Miyake, formando um quarteto no meio da sala. Ou os olhos molhados de Susanne, que observava aquilo como se fosse desmoronar a qualquer momento.

Limpei o rosto, fui até ela e amparei o braço em suas costas, beijando sua face.

— Como ele está? — A pergunta fez com que os quatro desfizessem o abraço e me fitassem, ansiosos pela resposta.

— Estável — falei, porque era o melhor que eu podia dizer, sem precisar mencionar a gravidade do quadro clínico.

— Eu posso vê-lo? — Matheus perguntou, os olhos vermelhos implorando por uma resposta afirmativa.

— Ainda não — respondi, com o coração apertado.

Era estranho vê-lo daquele jeito, tão destroçado. Eu, que não era fã da risada sacana do moleque, daria tudo para ouvir uma daquelas piadas irritantes — e geniais — que ele costumava fazer, só para não ver o sofrimento estampado em suas feições.

Detestava admitir, mas, no fundo, gostava dele. Muito mais do que deveria.

— Vai ficar tudo bem, Matheus. — Dei um passo e o abracei.

Bati em suas costas enquanto ele chorava, odiando me sentir tão incapaz de curar sua dor. Queria poder apertar um botão e fazer tudo aquilo sumir. Então, ele poderia amar minha filha e me pirraçar à vontade, e eu nem iria reclamar.

Sofia se aproximou e acalentou o noivo, deslizando os dedos no cabelo dele.

— Eu te amo. — Ela moveu os lábios para me dizer.

Abri um sorriso, esforçando-me para não chorar. Mas uma lágrima obstinada cortou minha bochecha no instante em que Matheus saiu do abraço, limpando os olhos.

— Obrigado, Plínio — disse, da maneira mais honrada que conseguiu.

Merda. Eu gostava mesmo daquele moleque. Aliás, estava na hora de parar de chamar meu futuro genro de “moleque”.

— Vem, paixão, senta um pouco. — Sofia enlaçou o braço no dele, direcionando-o para o assento.

— Preciso ver minha mãe. Onde ela tá? Por favor, Gi, me leva — ele pediu, recusando-se a sentar.

Ela assentiu e começou a guiá-lo até a enfermaria. Susanne foi junto. Marina, Lipe e eu ficamos, para o caso de haver alguma alteração no estado de Eduardo.

Não houve. O infortúnio se delongou por vários dias até o quadro mudar. E, quando finalmente mudou, a família Miyake ruiu.



# 35

ME FAÇA ESQUECER

“(...) o mundo inteiro”.  
*Onde Está O Amor?* — Tiê

## LIPE

Os sedativos foram reduzidos de maneira progressiva, até a suspensão completa, que ocorreu em meados de julho.

Com a interrupção dos medicamentos que o mantinham sedado, esperava-se que Eduardo recobrasse a consciência, mas não foi o que aconteceu.

A família Miyake desmoronou quando ele permaneceu inconsciente. Em tese, podia abrir os olhos a qualquer momento, mas continuava desacordado.

A cada dia que se passava, o fio de esperança ia se tornando mais tênue, e o estado vegetativo persistente, uma perspectiva mais concreta.

Embora a situação não fosse particularmente positiva, o otimismo cintilava em minhas feições sempre que eu estava com Marina.

Ela mal saía do hospital, e eu mal saía do lado dela. Não ia mais para casa depois da residência. Passava todo o meu tempo livre no São Cipriano, fazendo o possível para consolá-la.

Tínhamos dias ruins, dias muito ruins e dias péssimos. Nos melhores, ela conseguia rir de uma piada ou outra. Conversava um pouco, sem que eu precisasse incentivar muito. Contava histórias de infância. Falava do pai, e não conseguia conter as lágrimas.

Nos piores dias, eu não ouvia sua risada, por mais graça que fizesse. Ela permanecia em um doloroso silêncio, a menos que eu perguntasse alguma coisa. Não contava histórias, apenas ouvia as minhas. Não falava do pai, mas, ainda assim, chorava.

Nos dias mais terríveis, ela simplesmente queria ficar sozinha. Então, eu pedia para ficar ao lado dela, segurando sua mão, sem dizer nada. Às vezes, ela permitia. Outras vezes, eu tinha que me levantar e fingir que estava indo embora. Não conseguia ir. Não conseguia deixá-la. Ficava de longe, observando, detestando não poder salvá-la de todo aquele sofrimento.

Marina parecia ainda menor. Estava mais magra. O pouco que comia, graças à minha insistência, mal parava no estômago.

De vez em quando, ela passava no Café, que estava sob administração da gerente. O Malena parecia funcionar perfeitamente bem, embora aquele lugar jamais pudesse ser o mesmo sem a proprietária.

Matheus e Sofia não dispunham da mesma flexibilidade. Os cargos públicos dificultavam a permanência dos dois em Arraial dos Anjos. Mas o jatinho dos Guerratto tornava possível a extensão dos fins de semana. O casal chegava todas as sextas-feiras, logo após o expediente. E só voltava para

Príncipe Serrano quando os domingos começavam a prenunciar as segundas.

Milena vivia no hospital, acompanhada de suas inseparáveis irmãs: Mirna, a mais velha do trio; e Michele, a caçula. Parentes e amigos apareciam o tempo inteiro, oferecendo-lhes força, ânimo e companhia.

Marina também recebia visitas, de amigas, ex-colegas, primas e filhos da puta, que a abraçavam apertado demais para o meu gosto.

Ela sempre me apresentava como o irmão da noiva do irmão dela. Era exatamente o que eu era, mas a apresentação genérica me incomodava, porque os desgraçados presumiam que não havia nada entre nós. Havia. E sempre haveria, porque eu queria cuidar dela e protegê-la pelo resto da vida.

Tempo suficiente tinha se passado para que eu me desse conta do que devia estar escancarado para qualquer um: eu estava apaixonado por Marina.

A descoberta foi gradual. Não acordei e descobri que estava fodido. Fui percebendo aos poucos, a cada meio-sorriso que eu conseguia colocar em seu rosto melancólico, a cada abalo que meu coração sofria quando uma lágrima cortava sua bochecha.

E, por causa de toda aquela situação tormentosa, eu me perguntava se podia confiar no que estava sentindo. Em meus instantes de negação, convencia a mim mesmo de que sua dor só doía em mim porque eu era um ser humano bastante empático. Mas tinha perfeita ciência de que o rasgo em meu peito ultrapassava os limites da minha empatia. Meu sentimento por Marina só podia ser chamado de compaixão se a primeira sílaba fosse omitida.

Eu estava vivendo o maior período de seca da história da minha vida. Não transava desde o piquenique, que tinha ocorrido há tanto tempo que parecia um acontecimento do século passado.

Urgia em mim um desejo pulsante de despi-la e venerar seu corpo. E a vontade de beijá-la lacerava minha alma.

Queria desfrutar de cada partícula de Marina, mas, mais que isso, eu queria confortá-la.

Às vezes, dormíamos juntos, no apartamento dela. Eu a abraçava e inspirava o perfume de seu cabelo enquanto ela tentava adormecer.

Era quinta-feira, e eu estava fazendo exatamente isso. Meu peito abrigava suas costas, meu nariz encontrava apoio em sua nuca, meu braço envolvia sua cintura e meus dedos se entrelaçavam aos dela.

Meu coração batia contra sua espinha, e a suavidade morna de sua lombar pressionava o tecido da minha camiseta.

Minhas células reagiam ferozmente ao contato. Ardiam pela mulher colada em mim.

Deixei os lábios tocarem a parte de trás de seu pescoço, roçando sua pele por alguns segundos.

Mais que me mover dentro dela, eu queria ficar ali, imóvel, velando seu sono no quarto escuro.

De repente, Marina se mexeu, alterando a posição até seus olhos encontrarem os meus. A luz da noite enluarada atravessava a janela aberta e clareava as linhas de seu perfil, expulsando algumas sombras de sua face.

— Que foi? — perguntei, preocupado.

Em resposta, ela deslizou as pontas dos dedos pela minha testa, perpassando minha têmpora e estacionando as digitais em meu maxilar.

Nossas respirações se emparelharam no curto espaço entre as nossas cabeças.

Mantive os olhos nos dela, enquanto o polegar pequeno e delicado acariciava meu lábio inferior.

Lentamente, o dedo foi descendo, e uma avalanche começou a ganhar força em meu peito à medida que o rosto de Marina se aproximava ainda mais, oferecendo-me a promessa de um beijo.

— Não faz isso — implorei, a milímetros de sua boca.

Não havia nada que eu quisesse tanto quanto aquele beijo. Mas não era certo. Naquele momento, não era certo.

— Você ainda está com medo de se apaixonar por mim? — ela sussurrou, o hálito quente ameaçando

meu autocontrole.

Amparei uma mão em sua mandíbula e uni nossas testas.

— Eu já estou apaixonado por você, Marina.

O silêncio recaiu sobre nós, cedendo a acústica do quarto para as batidas do meu coração.

— Não está — ela disse de repente, afastando-se sem aviso. — Você está com pena de mim, Felipe, só isso.

— Marina... — iniciei, disposto a contestar o argumento, que era um eco das minhas antigas tentativas de ignorar o que eu sentia por ela.

— Está tudo bem, de verdade. — Sua voz emocionada me interrompeu. — Acabei descobrindo que Isa tinha razão. Você não é só um safado, como todo mundo pensa. É um homem gentil, carinhoso e altruísta, cheio de qualidades que passei a admirar. E eu agradeço muito pela sua companhia e por tudo o que você tem feito por mim. Seria muito mais difícil se você não estivesse ao meu lado. Mas você esteve, o tempo inteiro. E é por isso que eu sei que está confundindo as coisas.

Ergui a cabeça e, apoiando-me no cotovelo, mirei seus olhos, escurecidos pela penumbra.

— Você acha que não cogitei isso? Acha que eu não quis me enganar, como você está fazendo agora?

— Eu não estou...

— Está — cortei. — E eu entendo seu receio. — Abrandei o tom, afagando seu queixo. — Entendo seu medo de acreditar no que eu estou dizendo. Mas é a verdade. Eu não ia dizer nada. Ia esperar, até seu pai ficar bom. Mas acabei dizendo, e nunca fui tão sincero. Você não precisa acreditar em mim. Quando tudo isso passar, quando seu pai melhorar e a vida voltar ao normal, vou fazer o que estiver em meu alcance para te convencer de que eu realmente te amo.

Ela me fitou por vários segundos, boquiaberta.

— Você o qu... — Começou a dizer, mas pressionei seus lábios, impedindo-a de prosseguir.

— Dorme. — Depositei um beijo em sua testa.

— Felipe... — murmurou, contra os meus dedos. — Eu também te...

Eu queria liberar sua boca e ouvir aquelas palavras mais do que tudo no mundo. Mas não podia, porque, depois disso, ia beijá-la. Ia, finalmente, beijá-la. E sabia que não conseguiria parar.

— Não — interrompi, lutando contra cada molécula do meu ser.

— Mas... — ela balbuciou.

— Marina, não é uma boa ideia.

— Por que não? — Segurei meu pulso, empurrando minha palma.

Meu peito subia e descia em intervalos absurdamente curtos. Tudo o que eu queria era capturar sua boca e roubar seu fôlego. E fodê-la até perder o meu.

Mas, em vez disso, entrecruzei a mão na dela, levando o dorso aos lábios.

— Só dorme comigo, Mari — pedi, mirando os contornos de suas feições.

Distingui um vislumbre de sorriso, e ela se acomodou, me puxando para junto de si.

Encaixei o corpo no dela, inspirando seu aroma de flores desconhecidas.

— Eu te amo. — Marina soprou na atmosfera escura e silenciosa.

Abracei-a ainda mais apertado enquanto uma chama se acendia dentro de mim, espalhando-se e aquecendo meu interior.

— Trapaceira — acusei, sorrindo em sua nuca. — Eu te amo — sussurrei em seu ouvido e beijei sua bochecha.

Ela suspirou e, pouco depois, adormeceu.

Não ouvi gritos e vozes durante a madrugada, porque, pela primeira vez em muito tempo, Marina não despertou de nenhum sonho ruim.

No dia seguinte, levantei-me antes das sete e preparei o café da manhã, como costumava fazer quando dormia em seu apartamento. No início da semana, tinha passado em um supermercado e comprado

algumas coisas enquanto ela conversava com o pai inconsciente, na companhia da mãe.

Naquela manhã, Marina acordou bem-disposta, e até comeu o que eu havia preparado sem que eu precisasse passar meu sermão usual sobre a importância de não sair de casa de jejum.

Durante a refeição, ela entabulou uma conversa divertida. Presenteou-me com vários sorrisos e beijou meu rosto algumas vezes, elogiando os ovos beneditinos que eu tinha aprendido a fazer com minha mãe. Parecia ter esquecido completamente o resto do mundo. Éramos só nós dois, naquela cozinha pequena e colorida.

Por alguns minutos, achei que a mulher espirituosa que eu havia conhecido estava de volta. Não cabia em mim de felicidade, porque há mais de um mês não tinha uma manhã feliz como aquela.

A alegria começou a se transformar em tristeza no caminho para o hospital. Marina ensimesmou-se, permanecendo calada e alheia aos meus comentários ao longo do trajeto.

O dia, que tinha começado tão bem, virou um pesadelo. Depois que viu Eduardo, eu mal podia tocá-la sem que ela se afastasse, me isolando como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Passou a manhã inteira grudada na mãe e nas tias.

Não tardei a compreender a razão do repentino comportamento esquivo: culpa.

Não era difícil imaginar como ela se sentia. Era óbvio que se culpava pelo surto de entusiasmo que tivera enquanto o pai permanecia hospitalizado.

Conversei com ela e tentei minimizar seu remorso, mas, como era a fonte da culpa, não obtive muito êxito, e me odiei por ter me precipitado em minha declaração.

A melhor coisa que eu podia fazer sob tais circunstâncias era deixá-la na companhia da família. Além de não querer impor minha presença, que tinha se tornado mais nociva que benéfica, eu precisava dar uma revisada nos procedimentos da cirurgia que faria mais tarde. Então, despedi-me dela e, depois de retirar meu material do escaninho, fui para o centro de estudos dos residentes.

Estava percorrendo o ambiente amplo e iluminado quando divisei um inequívoco rabo-de-cavalo preto azulado.

Isa ocupava uma das cabines individuais, no canto mais vazio da sala. Meus pés trilharam o piso claro até estacarem diante da cadeira na qual ela estava sentada, debruçada sobre algumas anotações.

— Estudando para a cirurgia? — perguntei, puxando a cadeira ao lado.

Eu seria auxiliado por ela e supervisionado por um dos mais prestigiados cirurgiões plásticos do país.

— Sim! — Minha prima virou o rosto animado em minha direção. — Que cara é essa? — Franziu o cenho.

— A única que eu tenho — respondi, me sentando.

— Geralmente, você é menos feio que isso — brincou, mas ficou séria no instante seguinte. — Aconteceu alguma coisa? Tem a ver com Marina?

Larguei meus objetos sobre a bancada e me virei para fitá-la. Contei o que havia acontecido na noite anterior e as consequências desastrosas da minha impulsividade.

— O que importa é que agora vocês sabem o que um sente pelo outro — ela disse, após o relato. — Logo, tudo isso vai passar, e vocês poderão viver a plenitude desse amor! — Arrematou com um suspiro, juntando os dedos na lateral do rosto.

— Pelo visto, sua noite foi boa — comentei.

— Foi perfeita. Jantei com Zach. — Ela suspirou outra vez. — E ele me pediu em namoro!

— Presumo que você aceitou — falei, observando seu sorriso radiante.

— Aceitei, e ele disse que está tão apaixonado que, provavelmente, vai me pedir em casamento no mês que vem! É um maluco mesmo. — Ela riu.

— Põe maluco nisso — concordei. — Mesmo amando Marina, não pretendo me casar tão cedo.

Não poderia, nem se eu quisesse. Antes de me casar, precisava terminar a residência e iniciar minha carreira como cirurgião plástico. Só começaria a pensar em constituir uma família quando já estivesse

suficientemente rico.

— Nem eu! Você acha que eu seria louca de me casar com um homem que conheço há tão pouco tempo? — Isa perguntou, retoricamente. — Falei que só vou aceitar o pedido de casamento quando ele estiver fluente em Português. Ou seja, se a gente se casar, vai ser só no próximo século, porque, em mais de um mês de aulas, ele só aprendeu a dizer uma ou duas palavrinhas de baixo calão — finalizou, rindo.

Dei uma risada.

— Depois do que você disse, aposto que ele correu e se matriculou em um curso de verdade. Provavelmente, em um intensivo. Daqui uns dias, tá falando melhor que eu.

Isa gargalhou. Então, colocou a mão na boca, ao receber alguns olhares cheios de censura.

— Agora que você tá namorando, eu vou poder contar pra Teo, né? — questionei, ansioso. — Pelo amor de Deus, Isa, me deixa contar pra ele? É a única coisa que eu te peço. — Uni as duas mãos, em um gesto de súplica.

— O Bruxo vai saber junto com todo mundo. Convidei Zach pro próximo almoço de domingo. Vou apresentá-lo como meu namorado, para a família inteira. — Ela abriu um sorrisinho maquiavélico.

— Puta que pariu... Teo e tio Max vão infartar! — Dei uma gargalhada alta, e fui recriminado pelas carrancas insatisfeitas de alguns colegas.

Pedi desculpas silenciosas, fazendo minha melhor expressão arrependida, e me volvei para Isa.

— E Luma? Você disse que ia contar pra ela que estava pegando o gringo. Já contou? — perguntei, em voz baixa.

— Eu não te contei? — Ela arregalou os olhos. — Ah... É que eu contei pra ela naquele domingo do acidente do pai de Marina, e, desde então, só te vejo na residência. Acho que acabei esquecendo de te contar. Enfim... Naquela noite, as meninas e eu fizemos uma festa do pijama no apê dela. Acabei revelando tudo. Aí, a cretina da Ana ligou pra mamãe e contou que Zach e eu...

— Como Luma reagiu? — interrompi, curioso.

— Você ama uma fofoca, né, cachorro? — Isa riu.

— Que fofoca o quê! Só estou interessado nesses fatos específicos porque dizem respeito à solidez da minha família — aleguei, na mais absoluta seriedade.

— Me engana que eu gosto... — ela zombou. — Bem, inesperadamente, ela ficou feliz.

— Feliz? — Dei uma risada incrédula.

— Ela disse que eu sou perfeita para Zach. Que mereço um homem como ele, e que ele merece uma mulher como eu. Não aprovo o que Luma fez, mas sei que ela torcia muito para que Zach também encontrasse a pessoa certa. E, quando eu contei sobre nós, acho que ela ficou aliviada, se sentindo menos culpada por ter feito o que fez.

— Faz sentido — comentei, começando a mexer nas minhas fichas. — E Tíci? Tem um tempão que eu não conversei direito com ela. A *Barbiezola* já arribou a saia?

— Tem é tempo! — Ela riu. — Lipe do céu, você não faz ideia de onde eles transaram na semana passada, eu tô chocada até agora!

— Com licença. — Um R3 se aproximou. — Vocês dois podem ser parentes dos donos do hospital, mas todos nós temos os mesmos direitos aqui dentro. Isto é uma sala de estudos, não o programa da Sônia Abrão. Estudem ou façam o favor de ir fazer fofoca lá fora.

— Fofoca, não, meu amigo. Repasse de informações familiares — corriji. — Mas foi mal, cara, agora a gente vai estudar, sério mesmo — prometi, porque o sujeito tinha razão.

Isa ficou mortificada com o esporro. Mais que depressa, enfiou as pernas debaixo da mesa e puxou a cadeira.

— Depois eu te conto os detalhes. — Ela moveu os lábios para dizer, assim que o residente se afastou.

Rindo, aprumei a postura e pousei os olhos na minha primeira ficha. Demorei meia hora para conseguir me concentrar, porque minha mente só tinha espaço para Marina.



Quando finalmente focalizei o texto, não consegui entender porra nenhuma do que eu tinha escrito. Então, me lembrei do nosso primeiro encontro, quando ela disse, na minha cara, que a minha letra era um horror.

Eu devia estar sorrindo feito um idiota, porque senti um cutucão nas costelas, seguido pela voz sacana de Isa:

— Você fica bem bonitinho com essa carinha fofa de quem tá arriado.

— Vai pra porra — resmunguei, e ela riu.

Duas horas mais tarde, após traduzir meus garranchos e revisar cada detalhe, eu estava iniciando o preparo pré-operatório.

Realizei os procedimentos cirúrgicos tranquilamente, sem nenhuma eventualidade.

Ao final da cirurgia, encaminhei o paciente para a recuperação anestésica e, um tempo depois, estava livre do avental, das luvas, da touca e da máscara.

Abandonei o Centro Cirúrgico e fui direto para a UTI.

Matheus e Sofia já tinham chegado. Minha irmã estava sentada, conversando com Marina. Ele estava de pé, a alguns metros de distância, conversando com meu pai.

A relação entre os dois tinha mudado bastante no último mês. O coroa só sabia falar do Chatão.

“Pai, fiz uma cirurgia foda ontem”.

“É mesmo? Matheus massacrou a defesa ontem no Tribunal, num julgamento que parou Príncipe Serrano. O pai dele ficaria orgulhoso”.

“Pai, fiz uma cirurgia foda hoje”.

“É mesmo? Matheus ganhou o julgamento hoje. Jogou na cadeia um pedaço de bosta que estuprou e matou um menino de treze anos”.

Matheus isso, Matheus aquilo. Felipe que se foda.

Matheus, o bonzão, o maioral, o salvador da Pátria, o verdadeiro super-herói, o Super-Homem, o próprio Clark Kent.

Felipe, o imprestável, o inútil, o *playboy* de merda, o herói de araque, o Arqueiro Verde, o porra do Oliver Queen, que não tem superpoder nenhum e só serve pra fazer a mulherada suspirar.

Aparentemente, Plínio Kent estava me trocando pelo filho alienígena dele. A sorte do coroa é que eu não sou uma putinha ciumenta e insensível, como certos primos que eu tenho.

Sou uma pessoa nobre. Meu coração é bom. Posso emprestar meu pai enquanto o do meu cunhado melhora (espero que seja logo, porque não aguento mais ver esse filho da puta tentando roubar meu pai).

— Lipe! — Sofia se levantou e me deu um abraço, quando eu me aproximei. — Que carinha cansada é essa? Estava fazendo cirurgia? — Deu um passo para trás, escrutinando meu rosto.

— Estava.

— Como foi?

— Tranquilo.

— Que orgulho do meu irmãozinho cirurgião! — Ela me abraçou de novo.

Pelo menos, minha irmã tinha orgulho de mim. Não era muita coisa, né? Mas era melhor que nada.

— Não, Sofia, não adianta puxar meu saco. — Eu a empurrei. — Não vou operar seu nariz. Esquece.

— Meu nariz? — Ela levou as mãos à cara. — O que tem de errado com o meu nariz?

Dei uma risada, e ganhei um tapa no braço.

— Seu ridículo!

Rindo, eu me sentei ao lado de Marina e segurei sua mão.

— Tá melhor?

Ela assentiu, e seus lábios tocaram minha bochecha.

— Desculpa.

— Não peça desculpa, você não tem motivo nenhum. — Eu a puxei em direção ao meu peito e beijei o

topo de sua cabeça.

— Ai, meu Deus, vocês ficam tão lindos juntos que eu tô passando mal! — Souf exclamou, eufórica.

— Mamãe vai ficar louca quando eu contar que vocês dois finalmente assumiram que se amam!

Marina se afastou e me encarou.

— Quando eu me dei conta, ela já tinha arrancado a verdade de mim — justificou.

— Tudo bem, Mari. — Coloquei uma mecha de seu cabelo detrás da orelha. — Por mim, o mundo inteiro pode saber.

— Ai, meu Deus, alguém me socorre! — A dramática da Sofia bradou.

Rapidamente, um médico que passava por ali a alcançou.

— O que a senhora tá sentindo?

Matheus chegou ao mesmo tempo, desesperado.

— Gi, que foi?

Meu pai estava logo atrás.

— Princesinha! — berrou, como se estivesse anunciando o prenúncio do fim.

Enquanto Marina e eu ríamos, minha irmã ficava mais vermelha que o *Hellboy*.

— Eu tô ótima, foi só modo de falar! Desculpa!

Minutos mais tarde, Mari e eu fomos tomar banho, avisando aos nossos irmãos que voltaríamos logo.

Quando retornamos, recebemos a melhor notícia de todos os tempos: Eduardo tinha acabado de acordar.



## ALEGRIA

“(…), esperança, amor”.  
*Peça Felicidade* — Melim

## MATHEUS

Eu tinha sido alertado sobre a possibilidade de sequelas. Estava ciente de que meu pai podia nunca mais ser o homem que costumava ser.

De acordo com a equipe multiprofissional encarregada do caso, era possível que ele apresentasse algumas deficiências e incapacidades, transitórias ou não.

Eu conhecia todas elas. No último mês, sonhara diariamente com cada uma.

Em alguns sonhos, meu pai acordava mudo ou com a fala alterada. Em outros, ele não podia mexer um lado do corpo, porque perdia completamente a sensibilidade dos membros. Às vezes, eu acordava no meio da madrugada, assustado com as fortes crises epiléticas que o faziam babar e se contorcer violentamente.

Todas essas situações que assombravam meu sono faziam parte de um único e terrível pesadelo, que me atormentou durante intermináveis dias, até o momento da grande e esperada notícia.

Eu estava na sala de espera da UTI, conversando com Plínio e Sofia, quando o doutor Moretti se aproximou, com um largo sorriso no rosto.

Segundo o médico, meu pai havia recobrado a consciência e já tinha passado por uma série de exames e testes neuropsicológicos. Portanto, estava apto a receber visitas.

Não perguntei pelas sequelas. Sequer me lembrei de que poderiam existir. Simplesmente disparei na direção do quarto.

— Pai! — exclamei, ao escancarar a porta.

Médicos e enfermeiros se afastaram, e eu o vi, acomodado no leito reclinado. O curativo ainda estava na cabeça, mas muitos dos fios e tubos que saíam de seu corpo haviam desaparecido.

As pálpebras oblíquas estavam abertas, e as íris verde-azuladas me fitaram.

Meu coração se rebelou dentro do peito. Eu me sentia como um garotinho vendo o pai pela primeira vez depois de uma longa viagem.

Com lágrimas nos olhos, corri até ele e o abracei. O alívio me inundou, e a represa cedeu. Por um bom tempo, só pude chorar e soluçar sobre o corpo do homem que eu sempre veria como um herói.

Quando ergui o tronco, limpando as bochechas, notei que seus olhos também estavam úmidos. Então, ele secou o rosto e golpeou meu estômago:

— Quem é você?

Enquanto as palavras retumbavam em meus ouvidos, eu me perguntava se meu pai estava com amnésia

ou se aquilo era o que os médicos tinham chamado de afasia. Se fosse, ele tinha perdido a capacidade de reconhecer e identificar não só indivíduos, mas objetos, sons e até o próprio corpo! Conforme tinham me explicado, uma pessoa com esse negócio pode olhar para uma caneta e não fazer ideia de que serve para escrever; pode ouvir uma música e sequer entender que se trata de uma canção; pode olhar para o próprio pau e se perguntar o que é aquela coisa feia para um senhor caralho.

Desesperado, virei para trás, em busca de respostas, mas os médicos e enfermeiros tinham saído do quarto, e Plínio estava entrando.

— Bem-vindo de volta, Miyake! — Meu sogro sorridente se aproximou do leito.

— Plínio? — Meu pai franziu o cenho.

Graças a Deus! Era amnésia! Tinham me alertado para o fato de que pacientes em coma induzido podiam acordar sem se lembrar do acidente e de outras recordações mais recentes. O que eu não esperava era que meu pai se esquecesse dos últimos trinta e tantos anos!

— Meu Deus! Por que você tá tão velho? — ele perguntou, analisando as rugas ao redor dos olhos castanhos de Plínio.

— Velho? Eu pareço ser bem mais novo que você, filho da puta! — o sogrão encrespou. — Ninguém fala que tenho sessenta! Pareço ter no máximo quarenta e cinco! Você tem cinquenta e sete, mas eu chutaria uns setenta! — Ele riu.

— Cinquenta e sete? Eu acabei de fazer dezessete! — Meu pai achou graça. — Cara, você parece muito com meu pai — disse, olhando para mim. — Agora que tá caindo minha ficha... Pai, é você, né? Só que eu tô te achando mais novo, coroa!

— Plínio, ele perdeu a memória! — alertei, em pânico.

— É, deu pra perceber. — Ele deu uma risada.

— Puta que pariu! — Levei as mãos à cabeça. — Meu pai acha que eu sou pai dele!

Plínio teve uma crise de riso.

— Não tô entendendo — falou, rindo. — Moretti não mencionou nada sobre amnésia retrógrada.

— Consegui falar com Milena! — Sofia entrou de repente. — Ela já tá voltando da missa! Lipe e Mari já devem estar chegando, então achei melhor não ligar e... Oi, Eduardo! — Minha noiva abriu um sorriso imenso ao alcançar o leito.

— Susanne... — Ele sorriu de volta. — Susanne, meu amor, que saudade!

Meu sogro perdeu a cor. E eu fiquei tão chocado quanto.

Putá merda... Meu pai estava tentando me usurpar! Meu próprio pai, tentando roubar minha girafinha!

Do nada, ele gargalhou.

— Meu Deus, não acredito que vocês caíram nessa! Você acredita, Sofia?

— Filho da puta! — Plínio berrou.

— Seu sacana! Quase me mata de susto! — resmunguei.

Ele riu ainda mais.

— Foi mal, filho, foi mais forte que eu. Vem cá, dá um abraço no seu paizão. — Rindo, impulsionou o tronco e abriu os braços.

Então, eu o abracei, feliz em constatar que sua memória estava intacta, e os membros, também.

— Eu te amo, moleque. — Bagunçou meu cabelo.

— Também te amo, pai. — Firmei as mãos em suas costas. — A gente quase morre de preocupação. Vê se para de fazer merda, coroa.

— Vou tentar. — Ele riu. — Essa missa que sua mãe foi é muito longe? Tá de noite? Ela não foi sozinha, né? — perguntou, quando eu me afastei.

— A igreja fica na mesma rua do hospital, e tia Mirna e Moisés foram com ela.

— Então minha baixinha já deve estar chegando. — Sorriu, satisfeito. — E Marina? Como tá sua irmã?

— Ela estava aqui ainda agora, quase não sai do hospital. Foi tomar banho, daqui a pouco chega.

Ele assentiu.

— E aí, Plínio? Gostou da zoeira? — provocou. — Tô planejando essa atuação digna de um Oscar desde que me disseram que eu estava no seu hospital. Mas, falando sério, Theloni, você envelheceu demais, bicho.

— Pau no seu cu, arrombado. Da próxima vez, tira o cascavel do bolso e paga alguém pra consertar o telhado. Lugar de idoso é dentro de casa, tentando fazer a minhoca murcha levantar.

Meu velho deu uma risada.

— Você tá careca de saber que eu não tenho uma minhoca murcha, Plinião.

Subitamente, Plínio ficou lívido.

— Do jeito que você é, tenho certeza que aproveitou meu estado de inconsciência pra dar uma conferida nos meus documentos — meu pai continuou, estreitando os olhos.

— Tá me estranhando, Miyake? — Ele riu.

— Confessa, sogrão! Deve até ter chupado! Até o talo! — Soltei uma gargalhada.

— Olha esse linguajar na frente da minha princesinha! — Ele se aproximou e tapou os ouvidos de Sofia.

— Desconfia, papai! — Ela tirou as mãos dele. — Vou sair, mas só porque ainda preciso fazer umas ligações. Já volto, paixão. — Beijou minha bochecha e começou a andar.

Dei uma boa olhada naquele rabo, incapaz de acreditar que, logo, ele seria todo meu.

Eu não transava desde o acidente. Não por falta de vontade. Apesar da tristeza, era difícil pra caralho dormir com Sofia todos os dias e mal triscar nela. A questão era a culpa. Eu meio que tinha medo de transar e, sei lá, o universo me castigar. Tipo: “ah, você tá transando, né, safado? Vou matar seu pai!”.

— E aí, Plínio, gostou da minha terceira perna? — o velho perguntou, assim que Sofia saiu. — Só pra você saber, Henrique também tem uma.

— E a minha é maior, sogrão!

Plínio deu uma risada.

— Vocês são dois japas, com pintos japas. Se o micropinto nipônico do seu pai me matou de rir, eu imagino o seu, Matheus!

— Ele manjou mesmo meu pinto, Henrique! — meu pai falou, bestificado.

— Eu não manjei porra nenhuma! — Plínio se defendeu. — Só conferi a sonda, em um caso de vida ou morte! Obviamente, eu não queria, mas, como médico, precisei agir! O Juramento de Hipócrates...

— Henrique, ele pegou no meu pinto! — O velho arregalou os olhos, horrorizado.

— Não peguei! Ficou louco? — Plínio berrou.

— Pai, isso é o de menos! O senhor deve ter sido sodomizado pelo Papa-cu! — Caí na risada. — Meu pai foi violado! Eu vou processar o hospital, sogrão!

— Vem cá, que eu te mostro o que é ser violado, filho da puta! — Ele fez menção de puxar meu braço, mas eu escapei, morrendo de rir.

— Plínio, se você não assumir que eu tenho uma puta rola, vou contar pra Susanne que você manjou meu pinto. — Meu velho cruzou os braços sobre o peito, abrindo um sorrisinho ameaçador.

— Acho bom você não chegar perto de Susanne. — Meu sogro ficou subitamente sério.

— Vai ser difícil. Nossos filhos vão se casar, certo? E você é o pai da noiva. Logo, no dia do casamento, vai entrar com Sofia. Eu sou o pai do noivo. E com quem o pai do noivo entra mesmo? — Ele fez uma pausa curta. — Ah, é. Com a mãe da noiva!

Plínio soltou uma risada sem humor.

— Nem por cima do meu cadáver!

Meu pai se limitou a sorrir.

— Plínio, em breve, nós vamos dividir os netos, cara. Tá na hora de você deixar essa história no lugar dela. Ou seja, no passado. Aconteceu há mais de quarenta anos. Eu era um garoto. Se o que te aflige são

as minhas possíveis lembranças, saiba que minha memória sempre foi péssima. Se o que te incomoda são os meus possíveis sentimentos, saiba que eu nunca fui apaixonado por Susanne. E ela sempre amou você. Isso é a única coisa que deveria importar. Mas, se você precisa de mais, saiba que eu sou completamente louco pela minha esposa. Milena é a mulher da minha vida, eu mato e morro por ela. A princípio, você pode não acreditar nisso, mas sei que vai perceber. Quando o amor de um homem é tão grande quanto o que eu sinto por aquela baixinha, é impossível passar despercebido.

— Eduardo! — A voz chorosa de minha mãe me fez olhar para a porta.

Estava parada, o rosto pequeno banhado de lágrimas.

— Mi! — Meu pai sorriu, e os olhos subitamente marejados cintilaram.

Ela correu até o leito, jogando o corpo sobre o dele. Como eu não queria presenciar nenhuma cena traumatizante, comecei a sair do quarto. Plínio me acompanhou, e logo estávamos no corredor.

Caminhamos um tempo em silêncio. Ele estava contemplativo, e achei melhor deixá-lo com os próprios pensamentos por alguns instantes.

Quando estávamos chegando à sala de espera, pendurei o braço em seus ombros.

— É verdade, sogrão. Meus pais são como você e Susanne, Max e Olívia, Sofia e eu.

Ele me olhou com uma expressão cansada.

— Seu pai tem razão. — Soltou um suspiro frustrado. — Isso não deveria importar. O que realmente importa é o amor de Susanne. Vou tentar enterrar essa história de uma vez por todas. Não sei se vai dar certo, porque cachorro velho não aprende truque novo. — Deu uma risada triste. — Mas você é jovem, Matheus. Não faça como eu. Não deixe seu ciúme por Sofia assombrar sua vida inteira. Ela te ama desde criança. E vai te amar pra sempre. Nunca se esqueça disso.

Assenti, com um nó na garganta.

— Plínio — falei, depois de engolir. — Obrigado por tudo. — Parei de andar e o abracei.

— Não tem de quê, moleque. — Ele riu, batendo nas minhas costas.

— Seu ladrão de pai! — A voz de Felipe chegou aos meus ouvidos. — O seu já acordou, ladrão!

Rindo, desfiz o abraço.

— Que foi, Lipeta?

— Quem te deu autorização de me chamar de “Lipeta”? E você, hein, doutor Plínio? — Lançou um olhar de censura ao pai. — Trocando o próprio filho por um alienígena?

— Alienígena? — Plínio e eu perguntamos ao mesmo tempo.

— Olha a sincronia deles, Marina! — Ele olhou para o lado. — Marina? — Virou o pescoço, à procura de minha irmã.

Indiquei o final do corredor com a cabeça, onde ela estava abraçada a um cara, que devia ter encontrado pelo caminho.

— Duplamente traído! — Felipe exclamou, em choque.

Quando os dois se separaram, vi que o cara era, na verdade, meu primo Moisés. A mãe dele, tia Mirna, estava a alguns metros de distância, com o celular no ouvido. Provavelmente, contando para todo mundo que meu pai tinha acordado.

Felipe fez menção de caminhar até Marina, mas Plínio o segurou pelo braço.

— Aonde o senhor pensa que vai?

— Averiguar quem é aquele filho da puta!

— Relaxa, Lipeta. É meu primo. Chegou hoje da Holanda.

— Ah, tá. Tô bem tranquilo agora. Afinal, eu nem tenho primos que transam!

Plínio e eu caímos na risada, enquanto ele fitava Moisés de longe.

Eu poderia amenizar suas preocupações contando que meu primo é casado com um holandês. Mas isso não era o mais importante.

— Lipe, o que importa é que minha irmã te ama — falei, buscando a aprovação de Plínio. Ele abriu um

sorriso orgulhoso, e eu me senti como um filho satisfeito em agradar a um pai. Era o que ele tinha se transformado nos últimos dias, meu segundo pai.

— Sofia já bateu com a língua nos dentes, né? — Felipe se virou para me encarar. — Antes que você ameace arrancar meu saco caso eu faça alguma merda, quero dizer que realmente amo Marina. A única coisa que eu quero é fazer sua irmã feliz.

— Eu sei — afirmei, sorrindo.

Dava para perceber. Eu teria que ser cego para não ter notado que os sentimentos dele eram verdadeiros. Meu pai tinha razão. Quando um homem ama de verdade, é impossível passar despercebido.

— Você tem a minha bênção, cunhado. — Estendi a mão.

— Não me lembro de ter pedido a sua bênção, ladrão de pai. — Felipe usou um tom cáustico. — Mas obrigado. — Sorriu, apertando minha palma.

De repente, Marina apareceu. Agarrou a cintura dele, enfiando-se debaixo de seu braço. Então, me viu.

— Henrique! — Pulou em mim, pendurando-se no meu pescoço. — Papai acordou!

— Acordou, Mari! — Tirando seus pés do chão, rodopiei com ela.

— Eu te amo! — Ganhei um beijo na bochecha quando a coloquei no piso.

— Também te amo. — Segurei seu rosto e beijei sua testa.

Instantes depois, ela entrava no quarto de meu pai.

Quando retornei à sala de espera, tudo parecia diferente. Aquele lugar, que outrora fora cenário de angústia e desespero, tinha se transformado em um palco de alegria e gratidão.

## LIPE

Sofia estava falando ao telefone quando Marina e eu entramos na sombria e lutuosa sala de espera da UTI.

— Preciso desligar, mamãe! Lipe chegou! Tá, beijo! Tchau! — Ela tirou o celular do ouvido e venceu a pequena distância aos pulos. — Gente, vocês não vão acreditar! Eduardo recobrou a consciência! — exclamou, eufórica.

— É verdade? — Marina perguntou, após os primeiros segundos de choque.

Seus dedos estavam retesados, apertando minha mão com força. A voz não denotava nenhuma inflexão animada. Sua entonação era uma mistura de receio, descrença e um enorme desejo de poder acreditar naquelas palavras.

— É! Acabei de sair do quarto! Ele tá ótimo, Mari! — Minha irmã, por outro lado, era um poço de entusiasmo.

— Tem certeza? É meu pai mesmo? — Ela soluçou, e eu a abracei.

— É, meu amor, é seu pai — falei, certo de que Sofia não daria a notícia se não tivesse certeza de que meu sogro estava bem.

Marina aninhou o rosto em meu peito, chorando em meu abraço. Pela primeira vez, lágrimas de alívio e felicidade.

Igualmente feliz e aliviado, afaguei seu cabelo, enquanto Souf mirava o visor do aparelho, que tinha começado a tocar.

— É tio Max! Já volto! — Ela se afastou para atender.

Marina saiu dos meus braços e me fitou. Seu rosto molhado exibia um sorriso radiante, que fazia o verde-azulado das íris reluzir. Ali, naquele lugar frio e escuro, ela era a luz que aquecia meu coração.

Ficando nas pontas dos pés, entrelaçou os dedos em meu pescoço.

— Eu te amo, Felipe. — O hálito quente dançou no curto espaço entre as nossas cabeças.

Não pude responder, porque, no instante seguinte, seus lábios entreabriram os meus. A boca se encaixou perfeitamente, e meu peito estremeceu.

O gosto morno e a textura macia provocaram um redemoinho em meu estômago e um incêndio em meus poros.

Suas digitais acariciavam meu cabelo, e meus dedos brincavam em suas costas. A língua se movia lentamente, experimentando o sabor da minha. Deixei que ela conduzisse o beijo e fui me rendendo aos inebriantes movimentos suaves, que, aos poucos, foram se tornando mais velozes e profundos.

Beijá-la era um misto de doçura e loucura. Sensações deleitosas me inundavam e, ao mesmo tempo, minhas células ardiavam, a mente girava, e tudo o que eu queria era me enterrar dentro dela e devorar sua boca pelo resto da vida.

— Mais tarde a gente continua — sussurrou, roçando os lábios nos meus e se afastando com minha sanidade a tiracolo.

Uma lacuna se formou em meu peito, mas o vácuo foi se fechando à medida que eu imaginava tudo o que faria com ela assim que estivéssemos sozinhos.

Precisei refrear os pensamentos, que estavam cristalinos para qualquer pessoa que baixasse os olhos para a parte frontal da minha calça.

Quando o inchaço diminuiu, começamos a caminhar na direção dos leitos.

Ao adentrar o corredor, avistei, a alguns metros de distância, meu pai e o ladrão de pai, que estavam abraçados, como pai e filho. Rapidamente, soltei a mão de Marina para apontar a traição.

— Olha lá, seu irmão continua tentando roubar meu pai!

Ela deu uma risada.

— Já emprestei meu velho demais! Agora chega! Quero a devolução do coroa! — Comecei a marchar até os dois.

Só percebi que ela não tinha me acompanhado quando Matheus apontou o suposto primo.

Assim que Marina entrou no quarto do pai, para fazer companhia à mãe, fui apresentado ao tal do Moisés.

Era um sujeito boa-pinta, mas gente boa. Casado, de acordo com o anel na mão esquerda. Não que isso importasse. Matheus era um ladrão de pai, mas estava certo. O importante era o que ela sentia por mim. Nosso amor era tudo o que importava.

E eu mal podia acreditar que, enfim, poderia vivê-lo em toda plenitude.





# 37

EU E VOCÊ

“(...) e tuas sardas”.  
*Sardas* — Lucas Gutierrez

## TALES

Ela estava tão bonita que, quando abriu a porta, meu coração esmurrou o peito.

Usava um vestido florido e praticamente nenhuma maquiagem no rosto. Pelo menos, eu achava que não, já que podia ver os compridos cílios claros e as pequenas sardas que pontilhavam sua pele.

Os fios acobreados estavam soltos e mais curtos. Na verdade, bem mais curtos. Ela tinha cortado bastante. As pontas retas que ora alcançavam a cintura tinham desaparecido. Desconexas, agora roçavam os ombros.

Estava ainda mais linda, as ondas fartas e brilhantes emoldurando o rosto delicado.

Assim que me viu, ela baixou os olhos para o buquê em minha mão.

— São as minhas favoritas! — exclamou, com um misto de entusiasmo e surpresa.

— Eu sei. — Abri um sorriso, entregando-lhe as coloridas flores do campo.

Letícia se distraiu, admirando o ramalhete, tocando as pétalas e aspirando o perfume. Acabou não perguntando como eu sabia. E eu não precisei dizer que a informação partira de Felipe, no dia em que nos encontramos na floricultura.

— Eu amei! Você é tão lindo! — Maravilhada, ela enlaçou meu pescoço com a mão livre e beijou meus lábios. — Vem, entra, antes que alguém te veja! — Dizendo isso, usou o braço para me puxar.

Eu tinha passado — e muito — da idade de namorar escondido, mas não podia negar que ainda era tão excitante quanto nos meus tempos de moleque.

Ali estava eu, um homem feito, aproveitando a ausência dos pais de Letícia para transar no quarto dela.

A propósito, não era a primeira vez que fazíamos isso. Na sexta passada, quando fui pegá-la em casa, ela me disse que estava sozinha e, com um sorrisinho deliciosamente sacana, me perguntou se eu gostaria de entrar.

Não deu outra. Subimos para o quarto, correndo o sério perigo de sermos pegos com a boca na botija. Foi a transa mais rápida e mais gostosa da minha vida. Bastou uma vez para eu ficar completamente viciado em sexo de alto risco.

Nas últimas vezes em que nos vimos, sempre que dava, eu entrava e a gente se pegava em tempo recorde. Depois, saíamos para jantar ou íamos direto para a minha casa, onde eu podia desfrutar de cada partícula de seu corpo, como se tivesse a vida inteira para venerá-lo.

Naquele sábado à noite, quando ela me ligou e disse que tínhamos cerca de uma hora antes de os pais

voltarem da rua, peguei a chave do carro e corri para o condomínio. Por sorte, as flores que eu encomendara já tinham chegado, e eu tinha acabado de tomar banho, porque havíamos combinado de sair mais tarde.

Assim que ela trancou a porta, me guiou para dentro da casa e colocou as flores no vaso que ornamentava a mesa da sala. Então, começou a desabotoar o vestido.

— Quê? Aqui? — perguntei, sentindo o cacete crescer.

— Tá com medo de ser pego, capitão? — Ela me endereçou um sorriso malicioso.

Dei um passo e apoderei-me de sua nuca, colando nossos corpos e apreciando a expressão pecaminosa naquele rosto angelical.

— Nem um pouco. Eu tô armado. — Dei uma piscada, retribuindo a malícia.

— Eu percebi. — Ela fisgou o canto da boca e, sorrindo, eu capturei seus lábios.

Devorando sua língua, iniciei um beijo urgente e faminto, que libertou nossos arquejos e encheu a sala dos nossos sons.

Suas digitais serpentearam meu abdome, subindo minha camiseta. Puxei-a pela gola, afastando-me por um segundo. Larguei a peça e voltei a beijá-la, tomando seu rosto entre as mãos enquanto as dela lidavam com meu zíper.

Comecei a beijar seu pescoço, apalpando seus peitos. Terminei de abrir os botões, expondo e afundando os dedos na carne macia.

Ela soltou um gemido arrastado.

— Você gosta, safada? — Pressionei os mamilos.

Letícia gemeu ainda mais alto, enfiando a mão dentro da minha calça e colocando meu pau para fora. Foi caminhando para trás, me puxando até se jogar no sofá.

— É disto que eu gosto — respondeu, abocanhando meu cacete.

A boca avermelhada engoliu minha pica lentamente, a língua deslizando e enovelando a ponta, me fazendo soltar um palavrão.

Fechei os olhos e aproveitei alguns segundos no paraíso. Ela chupava devagar, saboreando a superfície, lambendo as veias pulsantes.

Descerrei as pálpebras e me deparei com os picos enrijecidos que apontavam em minha direção. Alcancei um deles e apertei suavemente.

Ela produziu um ruído, sorvendo vários centímetros de uma vez. Foi até o final, engasgou e voltou. Lambeu o topo, acariciando minhas bolas, e mergulhou o membro inteiro novamente.

Afastei seu cabelo e meti um pouco, reverenciando a beleza do rosto e da boca cheia de rola.

Ela ergueu o olhar, satisfeita com os meus gemidos. Enterrei um pouco mais, fodendo aquela boca gostosa.

Quando senti que poderia gozar a qualquer momento, tirei o pau.

— Tira a calcinha e abre as pernas.

Ela mordeu o lábio, erguendo o vestido.

De pé, contemplei o minúsculo triângulo vermelho.

Letícia enfiou os dedos nas laterais, esticando os elásticos. Elevou o quadril e deslizou as tiras. Levantou as coxas, apoiando as costas nas almofadas.

Enquanto ela se livrava do pedaço de tecido, com os pés no alto, eu observava a região úmida e carnuda, louco para me enfiar entre as duas metades.

Atirando a calcinha no chão, ela abriu as pernas, revelando a boceta deliciosa.

— Assim? — Lançou-me um falso olhar inocente.

Se eu não soubesse o quanto ela era safada, teria acreditado na ingenuidade daqueles olhos castanhos.

— Assim. — Ajoelhei-me no tapete, afastando suas coxas ainda mais. — Você é tão gostosa... — Espalhei a umidade acumulada na entrada.

Curvei o torso e castiguei sua boca enquanto afundava um dedo.

Letícia agarrou meu pescoço, gemendo e se abrindo cada vez mais, ansiosa pelas investidas.

Migrei os lábios para a garganta e adicionei um segundo dedo.

Lambendo e mordiscando sua pele, fui descendo, espalhando beijos entre os peitos.

Suguei cada mamilo e trilhei seu abdome até alcançar minha parte favorita.

Envolvi a área sensível, chupando lentamente. Ela se remexeu no sofá, firmando as unhas em minha nuca.

Deixei a língua passear pelo centro inchado, sem pressa. Gradativamente, aumentei a pressão, intercalando chupadas e lambidas. A cada carícia, ela ficava mais molhada e mais escandalosa.

Decidi que era hora de comer aquela boceta encharcada.

Fiquei de pé, peguei uma camisinha no bolso e terminei de me despir. Letícia tirou o vestido e, enquanto eu desenrolava o látex no membro ereto, ela se tocava com uma mão, apertando o peito com a outra.

Fazendo aquilo, ela era o verdadeiro retrato da perdição.

Assim que coloquei o preservativo, inclinei-me e enfiei o pau, sustentando as palmas no sofá e firmando os pés no tapete.

Então, comecei a fodê-la, ouvindo seus gemidos altos e os ruídos das metidas rápidas e vigorosas.

Mudando a posição das mãos, comecei a me apoiar em seu corpo, comprimindo sua pele, oprimindo seu pescoço.

Com os olhos fixos em suas íris, eu estocava com força, escorregando múltiplas vezes e gemendo feito um filho da puta.

Baixando a cabeça, aprisionei seus lábios e enclausurei suas manifestações sonoras, misturando nossos murmúrios.

Foi quando escutei um barulho, semelhante ao funcionamento de um motor. Parecia que um carro estava estacionando nas imediações da casa. Na garagem, talvez.

Continuei metendo, incapaz de interromper a foda.

Não havia uma gota de sangue no meu cérebro. Tinha descido tudo pro pau. Eu não estava em condições de parar. Só queria meter e continuar me perdendo dentro dela.

De repente, o som cessou. Lá fora, porque a sala era uma orquestra de gemidos.

Tinham desligado o motor, e eu estava tocando o foda-se. Ia gozar, e queria ver quem ia me impedir!

Dei um pulo de quase dois metros de altura ao ouvir o tilintar de chaves, seguido pelo rangido da porta da frente.

Mais que depressa, Letícia se pôs de pé.

— As roupas! — Indicou as peças esparramadas no piso e começou a catá-las, visivelmente desesperada.

Corri para ajudar, enquanto vozes ecoavam no *hall*, bem perto de onde estávamos. À medida que íamos recolhendo as coisas do chão, a conversa ia se tornando mais audível.

Assim que reunimos todas as roupas, ela puxou minha mão e me arrastou para detrás do sofá. Um segundo depois, o diálogo chegou à sala:

— Ela nem era de sair. Agora não para em casa. — Uma voz masculina, que presumi ser do pai dela, exprimiu frustração.

Rapidamente, Letícia usou o vestido para se cobrir. Estava mortificada, e eu me odiei por colocá-la naquela situação. Pelada, a metros de distância do pai.

— Não exagera, Tito. — Ouvi um timbre feminino, que decerto pertencia à mãe.

— Você quer apostar quanto que ela vai sair hoje de novo? — ele perguntou.

— E daí? Hoje é sábado. A menina só estuda. Tem que sair mesmo.

— É, mas não com macho!

— Quem te falou que é com macho?

— Eu não nasci ontem, Larissa!

— De onde você tirou isso? — Ela riu. — Tíci é lésbica.

Olhei para Letícia, que me fitou com grandes olhos arregalados.

— Sério? — Uma pausa breve. — Graças a Deus! Por que você não me contou isso antes, Larissa?

Teria me poupado anos de noites maldormidas!

Uma gargalhada histérica encheu a sala.

— Você é muito idiota — ela disse, rindo. — É mentira, besta. Sua filhinha gosta da mesma coisa que a mamãe dela gosta. — Um inconfundível som de beijo chegou aos nossos ouvidos.

Letícia fez uma careta exagerada, e eu tapei a boca, reprimindo a vontade de rir. Mas fiquei preocupado. Só faltava os pais dela começarem a transar bem ali, no nosso sofá-esconderijo!

Putá merda, pelos barulhos, a coisa estava ficando séria.

Quando uma pressão atingiu nossas costas, ficou claro que os velhos tinham acabado de se jogar no estofado!

Letícia entrou em pânico. Fez várias perguntas mudas com os olhos saltados. O rosto se contorcia em expressões atormentadas, que traduzi como: “e agora, o que a gente faz? Socorro, estou prestes a ouvir coisas traumatizantes, que vão me causar pesadelos pelo resto da vida e prejudicar meu desempenho sexual para sempre, me ajuda, pelo amor de Deus!”.

Ela me ganhou no “prejudicar meu desempenho sexual para sempre”. Eu precisava me manifestar. Ia subir o tronco e me revelar. O pai dela ia me matar? Ia. Mas era a única maneira de impedir aquilo.

Estava prestes a me erguer quando a mãe dela me salvou:

— Tito... *Huummm...* Não dá... Letícia tá em casa.

Ele soltou um suspiro frustrado e, instantes depois, o peso do encosto diminuiu.

— Vem, vou te comer no banheiro.

Quase explodi numa risada ao ver a expressão chocada de Letícia. Pela cara dela, tinha acabado de descobrir que os pais ainda transavam.

Assim que a sala ficou em completo silêncio, ela espiou e, ficando de pé, fez sinal para eu me levantar. Foi o que eu fiz, tentando controlar minhas risadas.

— Eu tô horrorizada! — sussurrou, passando o vestido pela cabeça.

Não aguentei. Deixei o riso escapar.

— Para de rir e se veste! — ordenou, ajeitando o tecido no corpo e começando a abotoar os botões.

— Relaxa, seu pai ainda vai tomar o Viagra. — Gargalhei.

— *Shhhhhhhh!* — Ela tapou minha boca.

— Tá, parei — murmurei, e ela tirou a mão.

Rindo, comecei a colocar a cueca. Mas meus ombros tremiam, e eu não conseguia me vestir.

— Tales, anda logo! — Ela me apressou, terminando de ocultar os peitos, para a minha tristeza. — Nunca mais vou sentar nesse sofá. Eles já devem ter feito coisas horríveis aqui — disse, enfiando as pernas e subindo a calcinha.

— Ainda bem que eu nem sentei. — Dei uma risada, e Letícia arregalou os olhos subitamente, aguçando os ouvidos.

— Tem alguém vindo! — Abaixou-se e pegou minha calça, a camiseta e os sapatos.

— Letícia? — A voz de Tito vinha do corredor mais próximo.

Sem perder tempo, ela suspendeu o tronco e empurrou tudo no meu peito. Em seguida, indicou a escada, fazendo um gesto desesperado.

Não dava tempo de argumentar. Tive que subir, com o saco balançando.

Assim que comecei a galgar os degraus, ela correu na direção do pai, enquanto eu pisava nas pedras frias discretamente e, ainda assim, o mais rápido possível.

Fui direto para o quarto dela. Vesti a roupa e me sentei na cama, onde tínhamos transado na semana anterior.

Tinha sido bom enquanto durou. Eu estava cansado daquilo.

## LETÍCIA

— Quem estava rindo aqui? Ouvi risada de homem! — papai bradou, alarmado.

— Risada de homem? — dissimulei, ao mesmo tempo em que meu cérebro trabalhava, em busca de uma desculpa minimamente convincente.

Não precisei me esforçar muito. Fui salva pelo gongo. Ou melhor, pela gargalhada de Piolho.

— Na moral, Putão! *Cê* se prepara, tá ligado? Daqui uns dias, Ana aparece buchuda. A naja tá trabalhando sem descanso e sem capa, mano! Fala pra ele, Luisona! — A voz foi ficando cada vez mais próxima, até ele irromper de repente na sala.

Essa era uma das desvantagens de se morar em um condomínio, na mesma rua dos parentes. Qualquer um podia aparecer de supetão. Por isso, eu tinha trancado a porta ao entrar com Tales. Mas, pela força do hábito, papai e mamãe tinham deixado aberta.

Eu estava diante de um batalhão. Todos os homens da família estavam presentes, até Matheus. E todos estavam rindo, menos tio Max.

— Ué, Titona, cadê os petiscos, mano? — Piolho indagou.

— Petiscos? — Papai franziu o cenho.

— O pôquer, porra — tio Max explicou.

— Ah, é... Esqueci que ia ser aqui. Então era você que estava rindo agora há pouco, né, Piolho?

— Mano, eu só sei que eu tô morto de fome, *carai*. Luisona, vai pra cozinha fazer uns petiscos. Mas faz direito. Não bota aquela parada do caroço verde, tá ligado?

— Ah, não, *Veizão*. Manda Lipeta!

— Eu, não! — Lipe resmungou. — E já falei que vou jogar só uma mão. Vou sair daqui a pouco com Mari.

— Então vai lá, Teozona! Vai fazer sacanagem com Luisão! Mas eu quero bem apimentada, saca? — Piolho gargalhou, provocando várias risadas e novos comentários.

Aproveitei a deixa e saí de fininho. Estava subindo as escadas quando mamãe se materializou, não sei de onde, e me entregou a carteira e a chave do carro de Tales.

Merda! Deviam ter caído da calça!

— Ele tá lá em cima? — perguntou, arqueando uma das sobrancelhas ruivas.

Assenti.

— Vocês continuam usando camisinha, né?

Assenti outra vez.

— Vai, sobe. Daqui a pouco eu levo alguma coisa pra vocês comerem. E amanhã cedo eu enrolo seu pai e vocês descem antes de a gente se levantar — sussurrou.

Dei um beijo em sua bochecha e subi os degraus correndo, toda animada. Pela primeira vez, eu ia passar a noite com Tales!

Minha mãe era a melhor mãe do mundo. Eu contava tudo pra ela. Então, é claro que ela sabia tudo sobre ele.

Quando entrei no quarto, Tales estava deitado, com meu travesseiro no rosto.

Sorrindo, girei a chave na fechadura e me virei, a tempo de vê-lo se sentando de modo brusco.

— A luz estava ofuscando meus olhos — disse, colocando a fronha acolchoada no lugar.

— Hum... Jura? Porque parecia que você estava inalando meu cheiro — provoquei, com um sorrisinho.

Ele ficou de pé.

— A gente precisa conversar — falou, sério.

Ai, meu Deus, ele ia terminar comigo!

Não que a gente tivesse alguma coisa. Não éramos namorados nem nada. Só saíamos juntos e tal. Mas eu estava completamente apaixonada por ele!

Tales era perfeito. Além de lindo e tudo o mais, era divertido, inteligente e romântico. Tudo nele era maravilhoso. E, apesar da diferença de idade, a gente sempre tinha coisas legais pra conversar. Ele gostava de praticamente tudo o que eu gostava, como Astronomia, por exemplo. Quase ninguém que eu conhecia sabia quem era Carl Sagan, mas Tales tinha lido “Cosmos”!

E, além disso, ele tinha começado a ver *Grey’s Anatomy* comigo, só porque eu disse que ele era a minha Cristina Yang. Quando expliquei o motivo, falei que era por causa da cardiologia, mas o que eu realmente quis dizer é que ele é a minha pessoa.

E agora ele ia me abandonar, que nem a Yang abandonou a Mer na décima temporada. A diferença era que Tales estava me dizendo adeus no episódio piloto.

Eu estava mascarando a tristeza, tentando me preparar para o golpe, quando ele se aproximou, segurando minhas mãos.

— Letícia, não dá mais.

Mantive as íris fixas nos mares encapelados que me fitavam.

Os cantos dos meus olhos arderam, e a umidade ameaçou transbordar. Mas eu não ia chorar por causa de homem. Tenho amor-próprio. Se ele não me queria, amém. Vida que segue.

Lá, lá, lá, lá, lá... Não tô nem aí!

Lá, lá, lá, lá, lá... Dane-se!

— Cansei de namorar escondido — Tales continuou, acariciando os nós dos meus dedos.

— Namorar escondido? — perguntei, atônita. — A gente namora?

— Como assim? — Um vinco se formou em sua testa. — É claro que a gente namora! — Ele fez uma pequena pausa. — Espera... — Ebugalhou os olhos, soltando minhas mãos. — Você tá transando com outros caras?

— É óbvio que não! Mas... você não me pediu em namoro! — acusei.

— Não pedi porque, na minha cabeça, você sempre foi minha namorada, mesmo quando não era. Mesmo quando eu te via passar por mim e sonhava em ser seu. Eu te amei antes mesmo de saber seu nome, Letícia. Então, eu soube uma porção de coisas sobre você. E amei todas elas. Você é minha namorada, a mulher que eu amo. E, se você precisa de um pedido oficial, eu...

— Não preciso! — interrompi, enlaçando seu pescoço.

O sorriso não cabia na minha cara, e o coração estava a ponto de explodir, de tanta felicidade.

— Eu te amo, Tales! — Sapequei um beijo em seus lábios. — Desde a primeira vez que pousei os olhos neste rostinho lindo! — Firmei as palmas em seu maxilar.

— Você tá me chamando de “Barbie”? — Ele ergueu uma sobrancelha, e eu dei uma gargalhada.

— Claro que não! Meu Deus, você não tem nada a ver com a *Barbie*! — falei, soando indignada de propósito. — Mas é a cara do Ken! — completei, e não contive o riso.

Tales fez uma carinha zangada, e as feições insatisfeitas o deixaram ainda mais bonito.

Rindo, enchi sua bochecha de beijos, trilhando um caminho até a boca.

Acabamos na cama, pelados e embolados nos meus lençóis.

As ondas do gozo ainda oscilavam em meu corpo quando ele se apoiou no cotovelo e ficou me observando.

Deixei os olhos passearem pelos ângulos e proporções simétricas que formavam seu belo rosto. Ergui

o braço e acariciei a mandíbula lisa e quadrada.

Após alguns segundos, ele segurou e beijou minha palma.

— O que você acha de eu conversar com seu pai? — perguntou, liberando minha mão.

— Hoje? Agora? — Meus olhos quase saltaram.

Ele assentiu, comprovando minhas suspeitas de que tinha perdido completamente o juízo.

— Eu saio despistado e entro de novo, fingindo que acabei de chegar. Aí, você me apresenta como seu namorado.

É, ele tinha enlouquecido de vez.

— Primeiro, não posso apresentar você assim, sem mais nem menos. Antes, preciso amaciar papai. Segundo, tem gente lá embaixo. Meus tios e primos vão jogar pôquer. Daqui a pouco começa a barulheira.

— É truço que faz barulho. — Ele riu.

— Claramente, você nunca viu aquele povo jogando pôquer. Eles não precisam de motivo pra fazer alvoroço. Tudo é motivo de zona, tudo vira zorra.

— Tenho a impressão de que vou gostar muito da sua família. — Ele sorriu. — E já tô ansioso pra você conhecer a minha. É bem grande. Tenho doze sobrinhos.

— Doze? — Estatelei os olhos.

Ele balançou a cabeça, rindo.

— Isso é ótimo! Nossos filhos vão ter vários primos! — comemorei e, imediatamente, me dei conta da merda que tinha acabado de falar. — Quero dizer... Eu não quis dizer que...

Ele baixou a cabeça e depositou um beijo suave em minha testa.

— Ainda bem que você quer ter filhos, porque sou apaixonado por crianças — disse, me fitando com ternura. — Tenho três irmãos e uma irmã. Sou o único sem filhos, para a decepção de minha mãe. Mas quero um montão, todos com esse cabelinho de cenoura. — Deu uma risada.

Abri a boca e levei a mão ao peito, fazendo uma falsa expressão estarrecida.

— Você acabou de insultar meu cabelo?

Ele riu, tocando uma mecha e experimentando a textura macia, um oferecimento de *Bepantol Derma*.

— Seu cabelo é perfeito. Suas sardas, seus olhos, seus cílios, tudo. Pensei que não tinha como você ficar mais bonita do que já é. Aí, você cortou o cabelo, e eu percebi que me enganei.

Meu coração se encheu de alegria, porque achei que ele não tinha notado ou que preferiu não comentar nada sobre o corte, por ter percebido que estava meio torto.

— Eu mesma cortei — confessei. — Que nem meu nariz, mas tudo bem, porque foi por uma boa causa.

— Como assim? — Ele quis saber.

— Às vezes, eu visito a Unidade de Oncologia Pediátrica do hospital. Gosto de ir lá com tio Plínio. Hoje de manhã, fui brincar com as criancinhas internadas. E uma garotinha com câncer se encantou pelo meu cabelo. Disse que ia pedir pro papai do céu fazer o dela crescer de novo igualzinho ao meu, da mesma cor, “bem grandão” e logo. Quando estava indo embora, cortei e dei pra mãe dela fazer uma peruquinha pra ela.

— Você acaba de ficar ainda mais linda, e eu acabo de me apaixonar um pouco mais por você. — Suas íris brilhantes pareciam conter todo o amor do mundo.

Sua boca encontrou a minha e continuou se deitando sobre os meus lábios pelo resto da noite, que foi a melhor da minha vida, mesmo com a algazarra que vinha do andar de baixo.

No dia seguinte, acordei com a cara derretendo. Eu devia estar toda vermelha, mas Tales estava divino. Parecia uma entidade dourada. Os raios solares se derramavam em sua pele bronzeada e se infiltravam em seu cabelo, transformando os fios em cordéis de ouro.

Fiquei contemplando seus traços adormecidos até me dar conta de que, se o sol estava tão quente, já devia estar tarde!

Estiquei o braço, com o máximo de cuidado possível, e peguei o celular.

Tínhamos mesmo dormido mais que a cama!

Era domingo, o que significava que, àquela hora, a família inteira estava reunida para os preparativos do almoço.

Ao colocar o aparelho de volta no criado-mudo, captei um pedaço de papel no chão do quarto, perto da porta.

Levantei-me devagar e fui até lá. Peguei a folha, desdobrei e, de imediato, reconheci a caligrafia de mamãe:

*Tíci,*

*Estamos indo pra casa de Max e Liv.*

*Falei pro seu pai que você ficou deitada porque tá com muita cólica. Mas não demora. Além de ginecologista, ele é seu pai. Ficou duplamente preocupado. Queria entrar, mas inventei um monte de coisas.*

*Você tá me transformando numa mentirosa patológica!*

*Se seu pai descobrir, vou jogar a culpa em você, hahahaha!*

*Anda logo! Não sei até quando vou conseguir mantê-lo lá sem que ele cisme de voltar pra conferir se você tá bem.*

*P.S.: Mais tarde quero todos os detalhes!*

*P.P.S.: Queima esse bilhete, não quero provas contra mim!*

*Beijos!*

*Com amor,*

*Mamãe.*

Rindo, dobrei a folha e guardei na gaveta. Lidaria com a destruição de evidências em um momento mais oportuno.

Ao ouvir o som da madeira correndo nos trilhos do criado, Tales abriu os olhos, e eu vi o céu sem precisar olhar para a janela.

— Você fica lindo com essa carinha de sono. — Curvei o corpo e beijei sua bochecha.

Sorrindo, ele se remexeu nos lençóis, espreguiçando-se. Vislumbrei o volume sob o tecido branco e lamentei não poder desfrutar da ereção matinal. Do jeito que papai era cismado, era realmente capaz de voltar para conferir meu estado de saúde.

Por isso, fiz o enorme esforço de me apressar. Corri com Tales para o banheiro e, pouco depois, estava abrindo a porta da minha casa.

Ele nunca estacionava o carro diante da fachada. Por precaução, deixava na rua de trás.

Como sempre, após a despedida, caminharia um pouco e chegaria ao veículo. Mas, daquela vez, não foi o que aconteceu.

Tudo teria dado certo naquela manhã, se meus parentes não fossem meus vizinhos.

Assim que saímos lá fora, dei uma boa olhada ao redor e avistei tio Max no jardim. Estava com a tesoura de jardinagem na mão. Logo, presumi que estivesse podando as roseiras. Até aí, tudo bem. A casa dele não ficava ao lado da minha, mas depois da de tio Plínio. E ele estava de costas, não veria Tales.

Só que tio Max não estava sozinho.

Um automóvel esportivo, do tipo que eu só tinha visto de perto na garagem dos Guerratto, estava parado diante da porta.

Quando divisei Isa e Zach próximos a tio Max, eu já tinha ligado os pontos. O carrão pertencia ao gringo, e aquele era o domingo que minha prima ia apresentá-lo como namorado!

De repente, ouvi um grito, que estrondeou no condomínio inteiro:



— Olívia, eu tô passando mal! Um ataque! Tô tendo um ataque!

Sequer tive tempo de rir. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Tales já estava correndo.

— Eu sou cardiologista!



# 38

## NÃO VOU DEIXAR

“(...) você se afastar de mim”.

*Sentido* — Mar Aberto

### TEO

— Ah, merda, não tem leite. — Balancei a caixa praticamente vazia.

— Não tem problema, eu tomo assim mesmo. — Luma encarou a bebida fumegante.

— Você não gosta de café puro. — Fechei a geladeira. — Nem Isa. Ela deve ter leite. Vou lá pedir um copo.

— Não! — Luma gritou. — Quero dizer... — Abrandou o tom. — Ainda é cedo, ela deve estar dormindo.

— São nove da manhã — observei, colocando a embalagem na pia.

— Nove horas em um domingo é a mesma coisa que seis em uma segunda-feira — ela argumentou.

— Isa acorda cedo todos os dias. — Fui até ela e beijei sua testa. — Já volto.

— Teo, é sério. Não precisa incomodar sua irmã por causa de um pouco de leite. Agora eu tomo café puro. Olha! — Ela levou a xícara aos lábios. — Hum, que gostoso! — Abriu um sorriso.

— Você nem tomou! Mentirosa! — Dei uma risada.

Estava rindo quando me dei conta de que ela estava se esforçando demais para me manter longe da casa de Isa, o que só podia significar uma coisa.

— Tem algum filho da puta lá, né?

Luma se levantou e espalmou as mãos em meu peito.

— O que você acha de me comer em cima da bancada? — perguntou, deslizando os dedos em minha pele.

— Uma ótima ideia, que podemos colocar em prática assim que eu assassinar o desgraçado que está pegando minha irmã debaixo do meu nariz! — Comecei a andar.

— Se você sair por essa porta, não vai me encontrar aqui quando voltar. — O tom frio me fez virar.

Ela tinha cruzado os braços sobre a minha camiseta e me encarava com uma severa sobrancelha erguida. O cabelo loiro, todo bagunçado, era um adendo que a deixava ainda mais gostosa.

— Luma, eu não gosto de ser ameaçado — falei, com os olhos fixos nos peitos em evidência.

— Estou pouco me fodendo pro que você gosta! De agora em diante, você vai andar na linha, Teo Vetter. Madrinha te mimou demais. Você não conhece a palavra “limites”. Mas não tem problema, porque eu vou te ensinar. E a primeira lição é: você não manda em porra nenhuma! Muito menos na vida das suas irmãs. Isa tem o direito de transar com quem ela quiser. E isso não é da sua conta.

— É da porra da minha conta, sim! — retruquei. — E se ela estiver lá dentro com um psicopata? Isa é inocente, não tem malícia nenhuma! E o mundo tá cheio de desgraçados que se aproveitam...

A gargalhada de Luma me interrompeu.

— Inocente é você! Acorda pra vida, Teo! Sua irmã tem quase trinta anos! Nunca precisou e continua não precisando da sua proteção. Ela cresceu, e você não se deu conta disso porque ficou parado no tempo. Ainda é uma criança! A única coisa que cresceu foi seu pau!

— Bastante, diga-se de passagem. — Abri um sorriso enviesado. — Eu só sou tão imaturo porque meu cacete pegou todo o meu crescimento para si próprio. É por causa desse grandessíssimo egoísta que eu sou assim, Luminha. Não é minha culpa. — Fiz minha melhor expressão triste.

— Como você é idiota. — Rindo, ela revirou os olhos. — Para de gracinha e me escuta, Teo. Isa não é inocente, coloca isso na sua cabeça. Assim como você, ela transa. E é tão safada quanto eu. Ela chupa piroca, rebola, engasga com pica, cavalga, geme, adora um puxão de cabelo, leva estocada de quatro, engole porra, fala sacanagem, leva tapa na bunda, vê filme pornô, toca siririca, usa vibrador, todas essas coisas.

Meu Deus. Minha namorada estava tentando me matar. Eu estava tendo um infarto. Aos vinte e seis anos!

— Você não gosta de foder? Pois é. Suas irmãs também adoram. As pessoas gostam de trepar, Teo. Isa não é diferente de ninguém. Não é porque ela ama coisas fofas e se veste feito uma princesinha que ela não gosta de ser bem comida. Entendeu?

— Luma... — Levei uma mão ao peito.

— Eu sei. — Ela riu. — Você tá passando mal. — Aproximando-se, colocou os dedos sobre os meus. — Você idealizou suas irmãs, principalmente Isa. Mas já passou da hora de perceber que elas não são fadinhas frágeis e ingênuas. São seres humanos, mulheres fortes e determinadas, com desejos e direitos iguais aos seus.

Ela tinha razão. Uma parte de mim sabia disso. Mas, porra! Era difícil pra caralho acreditar que Isa... Quero dizer, não sou idiota. Eu sei que ela... faz *tanã*. Só que, puta que pariu, não dá. Não quero pensar nessa merda!

Eu já perdi uma irmã. Não posso perder Isa. Se ela arranjar um cara, ela vai se casar. E provavelmente vai embora. E não vai mais ser minha vizinha. E não vai mais gritar comigo toda vez que eu botar meu lixo na lixeira dela. E não vai me pedir pra podar as roseiras da fachada. Ou ligar implorando pra eu salvá-la de alguma barata ou besouro. Não vai berrar da sacada, ordenando que eu abaixe o som. Não vai precisar de mim para protegê-la em dias de tempestade. Não vai me bater nem me chamar de “Bruxo” o dia inteiro. Nem brincar com as *Barbies sereianas* dela na piscina que fica na minha casa, mas que é nossa.

Eu nunca mais vou ver minha irmã!

— Eu vou lá na casa dela — avisei, afastando a mão de Luma.

— Não, Teo, você não vai. — Ela segurou meu braço.

— Eu só quero falar uma coisa pra ela. — Eu ia dizer que a amava e que não queria que ela me abandonasse.

— Daqui a pouco a gente vai pra casa de padrinho. Aí, você fala.

— Mas eu quero agora — queixei.

— Você fica tão bonitinho choramingando. — Ela beijou minha bochecha.

— Eu não tô choramingando. E bonitinho de cu é rola!

Rindo, ela transferiu os lábios para o meu pescoço e começou a brincar com o cóis da minha calça de moletom, descendo e subindo de maneira provocativa.

— Eu sei o que você tá tentando fazer, e não vai funcionar — falei, embora já pudesse sentir o cacete inchando sob o tecido.

— Eu acho que vai. — Ela enfiou a mão e agarrou o membro semirrígido.

Puxou para fora e se afastou um pouco. Então, foi se abaixando até se agachar diante de mim.

— Vou beber meu leite direto da fonte. — Dizendo isso, engoliu minha pica inteira.

O calor da boca gulosa me fez gemer, enquanto as veias pulsavam em sua língua quente e molhada. Chupando daquele jeito que me deixava louco e me desarmava por completo, ela logo me deixou no limite. Tirei o pau no último segundo.

— Não... — murmurou, feito uma gatinha manhosa.

— É leite que você quer? — perguntei, manejando o cacete.

Luma fisgou o canto do lábio, assentindo lenta e sedutoramente.

— Então toma, safada. — Aproximei-me no instante em que o primeiro jato me tirou de órbita.

Rugindo, continuei movendo a mão, vendo a porra branca e viscosa golpear seu rosto e a boca deliciosamente aberta.

Quando terminei, ela se levantou, lambendo os lábios.

Peguei-a no colo e a levei para o banheiro mais próximo. Debaixo do fluxo d'água, abaixei-me, colocando a cabeça no meio de suas pernas até meu pau implorar para se enfiar entre elas. Então, a fodi no chuveiro, entregando-me à prazerosa sensação de me afundar dentro dela.

Pouco depois, fomos para o condomínio. Saí de casa feliz da vida, certo de que nada nem ninguém arruinaria meu dia e meu bom humor.

Mal sabia o quanto estava errado.

## MAX

O sol raiava num infundável céu azul quando meus pés alcançaram o gramado do jardim.

Era um daqueles dias bonitos, em que você inspira o ar fresco da manhã e agradece por estar vivo.

O perfume das rosas se infiltrava em minhas narinas, misturado ao aroma terroso da grama recém-irrigada.

Percorrendo a superfície úmida, alcancei o primeiro canteiro e iniciei a poda.

Tinha percebido, minutos antes, enquanto ligava os irrigadores, que algumas roseiras continham folhas secas e pétalas murchas. Portanto, precisavam ser aparadas, para brotarem ainda mais exuberantes na primavera, que não tardaria a chegar.

Voltei para dentro da casa e peguei minhas ferramentas de jardinagem, deixando Tito e Larissa, que tinham acabado de entrar, na companhia dos demais.

Cortei a primeira roseira e verifiquei o centro do ramo. Satisfeito, encarei o miolo branco, que me garantiria um jardim repleto de magníficas rosas vermelhas.

Se estivesse viva, vó Ercília ficaria orgulhosa. Lili, também. Seu Francis me zoaria, dizendo que cabra macho não mexe com flor, mas depois me pediria algumas para presentear Lili.

Quando a tristeza começou a me abater, cortei outro caule. Concentrei-me na tarefa até ver um Jaguar estacionando diante da casa.

Instintivamente, fui me aproximando, a fim de averiguar quem era. Primeiro, pensei que fosse um dos carros de Luisão. Aí, me lembrei de que ele estava lá dentro, jogando vídeo game com Ana e Teo.

Assim que finalizei o pensamento, quase chegando à calçada, um sujeito alto, de óculos escuros, saiu do veículo. Rapidamente, fez a volta até o lado do passageiro, abriu a porta e estendeu a mão.

Uma mulher a tomou e se juntou a ele no passeio. Foi quando eu senti a primeira fisgada do infarto.

— Bom dia, papai! — Assim que me viu, ela acenou.

— Que porra é essa, Isa? — rosnei, com os olhos fixos nos dedos do filho da puta, entrelaçados aos dela.

— *Surprise, motherfucker* — ele disse, tirando os óculos.

Foi quando a segunda pontada golpeou meu peito.

Arregalei bem os olhos, para ter certeza de que o sol não estava afetando a minha visão.

Não estava. Era mesmo o gringo, dando uma de James Doakes. Mais uma razão para eu detestar

*Dexter.*

Segurando a mão dela, o desgraçado começou a andar e, a cada passo que eles davam, meu coração ia ficando mais fraco.

Cinquenta e três anos. Eu ia sentar no colo do diabo com cinquenta e três anos!

Não ia dar tempo nem de fazer aniversário, porra!

E a minha tradicional sessão comemorativa de cu a semana toda, que Olívia sempre me dava de presente? Faltava só um mês!

E a nossa festa de aniversário de casamento, que aconteceria sete dias depois?

Não ia ter mais. Nada disso ia acontecer. Eu estava morrendo. Era o fim.

— Meu lindo! — Ela me abraçou, beijando minha bochecha. — Tenho que te contar uma coisa, mas, por favor, sem drama, papai!

E desde quando eu faço drama? A vida é que me coloca diante de situações absurdamente desesperadoras! A única coisa que eu faço é reagir à altura!

Isa se virou para o gringo, abrindo um sorriso radiante.

— Zach e eu...

— Olívia! — gritei, porque morreria no ato se ela continuasse. — Eu tô passando mal! Um ataque! Tô tendo um ataque! — Larguei a tesoura, levando a mão ao peito.

— Eu sou cardiologista! — Ouvi alguém anunciar.

Olhei na direção da voz e vi um cara correndo.

Porra! De onde o desgraçado tinha saído?

— Volta! É mentira dele! — Letícia tentou avisá-lo.

— Max, o que foi dessa vez, cretino? — Minha adorável esposa apareceu no jardim, acompanhada da família inteira, que, de repente, me cercou.

— Olívia, eu tô morrendo. Isa... Ela...

— O que o senhor está sentindo? — A despeito do alerta de minha sobrinha, o médico me alcançou. — Desconforto? Dor no peito? Falta de ar? — perguntou, visivelmente preocupado. — Por favor, afastem-se!

Isa começou a rir. Na verdade, gargalhou.

Eu ia dar àquela ingrata um motivo pra chorar!

Soltei um gemido alto e súbito, fingindo que tinha acabado de ser acometido por uma dolorosa pontada. Para dar mais credibilidade, caí no chão, coisa que eu raramente fazia em minhas crises cardíacas. Só usava o artifício em última instância.

Mais que depressa, o médico tirou o celular do bolso e, abaixando-se para me socorrer, digitou e levou o aparelho à orelha.

— Preciso de uma ambulância no condomínio...

— Me dá isso aqui! — Olívia tomou o telefone. — Max, chega de teatro, cretino!

Merda. Eu tinha sido descoberto. Por que ela nunca caía nas minhas artimanhas?

— Ele precisa de um hospital! O homem está morrendo, senhora! — O médico se sobressaltou, e gargalhadas estrondosas ecoaram pelo jardim.

— Primeiro, “senhora” é a mãe! — ela encrespou. — Segundo, puta que pariu, como você é gato!

— Que porra é essa, Olívia? — vociferei, erguendo a cabeça.

— Viu? — Ela lançou um sorrisinho para o cara. — Ele tá ótimo!

— O senhor está bem? — o cardiologista indagou, confuso.

— Tô, caralho! — Comecei a me levantar, e ele fez o mesmo. — E se eu estivesse morrendo de

verdade, Olívia? — De pé, encarei minha esposa. — Você ia me deixar morrer!

— Fica tranquilo, meu lindo. Se você estiver morrendo de verdade, eu vou saber. — Ela acariciou meu rosto.

— Meu Deus! O senhor estava fingindo? — O cara perguntou, abismado.

— Era só drama, Tales. Papai vive fazendo isso. — Isa riu.

— Ah, então você é o filho da puta que tá pegando minha irmã! Eu vou te matar, desgraçado! — Teo se atirou na direção do médico.

— Calma, arrombada! — Lipe se interpôs. — O que tá pegando sua irmã tá atrás dele.

Por instinto, o cardiologista se afastou. Os olhos de meu filho identificaram o gringo e, imediatamente, as íris verdes chisparam.

— *I'm back, bitch* — o britânico provocou.

— Zach! — Isa repreendeu.

— *Sorry, love* — ele se desculpou.

O vocativo e a inequívoca cara de camisolão me deixaram estupefato. Olhei para Teo, que exibia uma expressão praticamente idêntica, mas que logo voltou a se transformar em fúria.

— Mano do céu! — Piolho gargalhou. — Putão, olha como eu sou o melhor padrinho, mano! Dei meu filho pra Ana, minha filha pra Teo e meu ex-genro pra Isa!

Risadas altas explodiram no ar. Plínio e Tito quase se mijaram de tanto rir.

— Vem. — Ouvi Tíci cochichar, atrás de mim.

— Seu filho da mãe! — Sem aviso, Teo avançou e socou o gringo.

O riso foi substituído por manifestações de surpresa e alarde.

— *Pera*, o negócio tá ficando bom — o médico sussurrou, aparentemente fascinado pelo espetáculo.

— Seu idiota! — Isa bradou, empurrando o irmão.

Então, virou-se para Zach, que levava a mão ao queixo, movendo o maxilar.

— Eu amo a sua irmã, nada que você faça vai mudar isso — disse, em inglês, com aquele sotaque de merda dele.

Mentalmente, implorei para que Teo desse mais um soco naquele desgraçado. Mas, em vez disso, ele riu. Deu uma sonora risada sarcástica.

— Ama minha irmã? — Imitou o sotaque, dando às palavras inglesas um tom debochado. Era por essas e outras que eu amava meu filho. — É mesmo? Há dois meses, você ia se casar com a minha namorada, e agora você ama minha irmã?

— Esse filho da puta tá te usando, minha linda! — Tentei fazer com que ela enxergasse o óbvio. Tudo bem, ele parecia um legítimo camisolão. Mas tinha convivido conosco por tempo suficiente. Com certeza, tinha aprendido a emular nossas expressões! Era tudo fingimento! — Ficar com você é o jeito dele de se vingar de Luma e do seu irmão! Dois meses, Isa! Você acha que ele se apaixonou por você em dois meses?

— Não, papai, eu não acho. Ele se apaixonou por mim antes disso. Levou mais ou menos o tempo que o senhor levou para se apaixonar por mamãe.

— *Ouch!* Essa doeu, papai! — Ana riu.

— Vai, toma, distraído! — Olívia socou meu braço.

— Vocês sabiam disso? — Teo e eu perguntamos em sincronia. — E você, Luma, sabia? — ele continuou.

— É claro! — Olívia e Ana responderam juntas.

Minha afilhada permaneceu em silêncio.

— Você sabia! — Teo exclamou. — Hoje de manhã! Era ele, e você sabia!

— Sabia, mas não cabia a mim te contar. — Luma deu de ombros.

— De que lado você está? — Ele se exaltou. — Do meu ou do filho da puta com quem você ia se

casar?

— Se eu estivesse do lado dele, teria me casado com ele, você não acha? — Ela usou uma entonação serena.

— Ele ainda ama você, eu tenho certeza! Isso é um plano pra tentar te reconquistar — afirmou, fuzilando o estrangeiro.

— Você está redondamente enganado — ela corrigiu. — Zach nunca me amou, assim como eu nunca o amei de verdade. Ele está realmente apaixonado por Isa, acredite você ou não. E, mesmo se não estivesse, ele jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas, porque tem um coração imenso.

— Um coração imenso? Que porra é essa, Luma? — Teo cuspiu, furioso.

— Conta pra ele o que mais o gringo tem de imenso, Isa! — Lipe atçou. — Aproveita e ensina pra Teozona como é que fode em inglês. Ele precisa aprender, Luminha deve tá com saudade!

— Você tá morto, Felipe. — Meu filho fez menção de atacar o primo, mas foi rapidamente detido pelas mãos de Luís. — Me solta, porra! — Ele começou a se sacudir, mas Luisão o segurou com mais força.

— É, arrombada... A bandeira britânica já subiu pras duas! Elas não só conhecem como já usaram e abusaram das joias da Coroa! — Lipe gargalhou, suscitando um coro de risadas frenéticas.

— Fica calmo, *Broderzão*. — Luís tentou suavizar a ira do amigo, cujas narinas estavam mais dilatadas que as de um touro enfurecido na arena. — E eu não sei por que *cê* tá zoando, Lipeta! *Cê* quer que eu chame Renatão? Pelo que eu sei, ele quase casou com Sofia e, depois, deu uns pegas em Mari! Pegou sua mina e sua irmã! E *cê* tá no mesmo barco, Matheusola! *Cês* parem de rir do meu *Broderzão*, valeu?

Foi a vez de Felipe e Matheus ficarem putos, o que me fez gargalhar e amar Luísa um pouco mais.

— É por isso que eu te amo, *Lovezão*! — Ana se aproximou e o beijou na bochecha.

Retiro o que eu disse sobre amar esse filho da puta.

— E eu também te amo, cretino. — Ela fez o mesmo no rosto do irmão.

— Você é minha irmã favorita, Ana. Minha única irmã, na verdade. A partir de hoje, só tenho você.

— Não faz isso comigo, Bruxo... — Isa fez uma expressão triste.

— Não faz isso comigo? — Teo elevou a voz. — E o que você está fazendo comigo, Isa? Eu sempre odiei esse cara! Ele quase se casou com a mulher que eu amo, e agora quer te roubar de mim! Ela é minha irmã! Fica longe dela! — Com um puxão, ele se soltou e agarrou o gringo pela gola. — Você não vai roubar minha irmã, desgraçado! Nem por cima do meu cadáver! — rosnou, com os olhos injetados.

— Max, dá um jeito! — Olívia me cutucou.

— Pode continuar, Teo! Eu quero mais é que esse gringo se foda! — berrei.

Ela revirou os olhos.

— Teo, sossega o facho! — ordenou.

Ele continuou prendendo o gringo, que conservava um porte reto e uma irritante fisionomia pacífica.

— Faz o que eu tô mandando, porra! — Olívia foi até lá e deu um beliscão no braço do filho.

— Ai! — ele gritou, largando o rival. — Doe pra caralho, mãe! — choramingou, alisando a área castigada, o que quase matou todo mundo de rir.

Eu, que às vezes sentia literalmente na pele o quanto aqueles dedinhos de brasa eram potentes, tive a decência de prender o riso.

— Isso é pra você aprender a me obedecer! — Ela passou uma mão na outra, satisfeita com o resultado. — E agora me escuta. Você também, Max. — Afundou o indicador no meu peito, olhando de mim para Teo. — Vocês são cegos? Olhem pra ele! — Indicou Zach, que, alheio à conversa, olhava para Isa como se estivesse hipnotizado. Se estivesse falseando aquele olhar, o filho da mãe era um puta de um ator! — Ninguém precisa acreditar que Zach está apaixonado por Isa, embora isso esteja bastante óbvio. Mas todos os céticos vão dar uma chance a ele. Tenho certeza de que, logo, ninguém duvidará de que minha bebezinha e ele foram feitos um para o outro! Então... *Welcome back*, Zach! — Ela sorriu, mas o

gringo permaneceu em transe. — Zach? Zach!

— *Yes!* — ele respondeu de repente, assustado. — *I... I'd like to...* — Limpou a garganta e, olhando para mim, começou a falar em Português, com um sotaque ridículo: — Eu... gostaria... de... pedir... a... — Coçou a nuca meio sem jeito, olhando para Isa. — *Hand?*

— Mão — ela traduziu, com um sorriso enorme no rosto.

Eu conhecia todas as feições das minhas filhas. Em minha mente, estavam catalogados todos os sorrisos, todos os olhares. Porém, a maneira como os lábios de Isa se esticavam e o modo como as nuances de cinza reluziam em suas íris eram inéditos.

Embora eu nunca a tivesse visto sorrir e olhar daquele jeito, seu rosto expressava uma variação do mesmo sorriso deslumbrado e do mesmo olhar caloroso e cheio de admiração que Olívia me lançava todos os dias, há vinte e sete anos.

Ao me dar conta do significado daquilo, senti uma pressão no peito, que nada tinha a ver com um ataque cardíaco. Tinha acontecido. O futuro que me assombrava desde que eu peguei minha filha no colo pela primeira vez tinha se transformado em presente. Um cara tinha saído da puta que pariu, do outro lado da porra do mundo, para fazer morada em um coração que, antes, era só meu.

Eu estava em pânico. O sentimento de perda me sufocava. Por mais que tentasse racionalizar aquilo, me convencendo de que sempre haveria um espaço para mim, o desespero pulsava em meu interior.

— Eu... gostaria... de... pedir... — ele reiniciou, agravando o pavor que corroía minhas entranhas. — A mão de Isa... em... namoro.

Um silêncio sepulcral se instalou no jardim. Só se ouvia o uivo do vento e o pio dos pássaros, alheios à tragédia que se abatia sobre a minha vida.

O gringo me encarava com uma expressão respeitosa e britanicamente polida. Mas eu podia ver a ansiedade e a apreensão estampadas no olhar esperançoso.

— A... resposta... é... — imitei o sotaque. — NÃO! — berrei. — Você não vai roubar minha filha! A resposta é não! Mil vezes não! Nunca!

— Max, deixa de ser infantil! — Olívia me reprimou, enquanto os outros riam.

— É, puto, o jeito é aceitar — Tito pirraçou. — Os dois se amam, cara. Deixa de besteira e dá um abraço no seu novo *son-in-law!* — Gargalhou.

Todo mundo riu, mas as risadas de Felipe foram ainda mais altas. Meu sobrinho riu tanto que teve que se firmar em Piolho, que estava mais perto.

— Vem, doutor, examina Lipeta, que ele tá passando mal! — meu melhor amigo zoou, provocando mais gargalhadas.

— Ele vai ter que examinar é tio Titeta! — Lipe deu uma risada.

— Tales... — Letícia cochichou, puxando a camisa do médico.

— Por quê? Eu tô ótimo! — Tito riu. — Melhor, impossível! Sou o único homem da família que não precisa dividir a filha com nenhum desgraçado.

Felipe teve uma crise de riso.

— Tem certeza, tiozão? — Pendurou o braço nos ombros do tio.

A essa altura, Tíci estava lívida. E eu já tinha sacado que ela estava envolvida com o cardiologista, que, com certeza, era muitos anos mais velho.

— *Barbie*, esse é seu sogrão. Tio Titeta, esse é *Barbiezola*, o cara que tá comendo sua filha única. — Morrendo de rir, Lipe fez as apresentações.

Letícia estava em choque, com os olhos arregalados, a boca aberta e o rosto adquirindo preocupantes tonalidades de vermelho.

— Tudo bem, senhor Tito? — O médico estendeu a mão, e eu explodi numa risada estrondosa.

Não fui o único. Plínio e Piolho disputaram comigo pelo prêmio de gargalhada mais alta.

Tito encarou o médico como se só então tivesse se dado o trabalho de reparar nele. E, em vez de



apertar a palma estendida, levou a mão ao peito.

— Larissa — chamou, olhando para baixo.

— *Page cardio!* — Susanne bradou, rindo.

— Boa, Suze! — Lari riu, pouco se fodendo para o ataque do marido.

Por que as mulheres são tão insensíveis à dor masculina?

— Vai, Tales, acode o sogrão! — Lipe incentivou.

— Letícia, quem é esse cara? — Aterrorizado, Tito buscou os olhos dela.

— Eu amo a sua filha, senhor — o médico respondeu. — E, com a sua permissão, gostaria de me tornar namorado dela.

Tito fez uma cara impagável.

Rindo, tirei o celular do bolso. Precisava registrar o momento.

— Se ele é a *Barbie Médica* e Tíci faz Medicina, eu acertei, mano! O cara é professor dela! — Piolho comemorou.

Tirei a foto no instante em que Tito arregalou ainda mais os olhos.

— Ele dá aula na faculdade, mas não é meu professor! — Letícia se apressou em dizer, enquanto eu guardava o aparelho.

— Quantos anos você tem, seu porra? — Fulminou o futuro genro. — Se você tiver triscado na minha filha, eu vou te processar por pedofilia! — ameaçou, com o dedo em riste.

— Deixa que eu faço a denúncia, Titeta! — Matheus gargalhou.

Minha barriga doeu de tanto rir. Plínio só faltou rolar no gramado.

— Eu tenho trinta e cinco anos, sua filha é maior de idade, e confesso que fiz mais que triscar nela, senhor — o médico disse, tranquilamente.

— Tales! — Letícia exclamou, mortificada.

— Meu Deus do céu... — Tito levou as mãos à cabeça.

Eu ia morrer. Não aguentava mais rir.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida! Tô realizando meu maior sonho! — Plínio caiu na risada. — Tá gostando, filho da puta? — Deu um tapa nas costas do irmão.

— Pimenta no cu dos outros é fresco, né, desgraçado? E agora? — provoquei.

— Mano, seu genro é dos meus, Titona! *Barbie Médica*, eu já sou seu fã, véi! Bem-vindo à família, tá ligado? — Piolho abraçou o sujeito.

— Sai daí, Piolho! — Tito o puxou pelo cabelo.

— Ai, mano! *Cê* é louco, meu? — Ele se afastou, massageando o couro cabeludo.

— Letícia, você tá proibida de sair com esse cara! Proibida!

— Posso te dar um conselho, senhor? — Tales perguntou, mas não esperou a resposta. — Não proíba, vai ser pior.

— *Barbiezola* tem razão. Proibido é mais gostoso, tio Titeta! Ó eu e *Lovezona*, dez anos de proibidão, maluco! — Luís riu, e eu o fuzilei.

— Tio Tito, o capitão Fontana é meu colega de trabalho, e posso dizer que ele é um homem maravilhoso e... — Meu anjo iniciou.

— Como é que é, Sofia? — Matheus cortou.

Lipe e Luisão caíram na risada.

— Pelo amor de Deus, paixão! Eu tô tentando ajudar minha prima! — Ela firmou o indicador nos lábios, requisitando silêncio.

— É, fica *shiu*, Chatão — Lipe zombou.

— Você também, Felipe. *Shiu*. — Marina imitou o gesto de Sofia.

— Obrigada, Mari. — Minha sobrinha sorriu para a cunhada. — Enfim.. O capitão Fontana é um médico prestigiado, um oficial competente e um homem íntegro. Posso garantir que Tíci está em boas

mãos.

— Onde será que o bom doutor tá colocando essas “boas mãos”? — Plínio começou a rir.

— Boa, puto! — Gargalhei.

— Chega! — Tíci deu um berro. — Papai, não era pro senhor ter descoberto assim, mas, já que aconteceu, eu gostaria de dizer umas coisas. Eu amo Tales. Ele é o amor da minha vida... — Olhou para o médico, suspirando. — Sei que o senhor pensa que eu sou uma criança — voltou a olhar para o pai —, mas eu não sou. Deixei de ser há muito tempo. Tenho dezenove anos!

— Exatamente! Só dezenove! Esse cara tem trinta e cinco, Letícia! Trinta e cinco! Quando você nasceu, ele já estava aprontando!

— E daí, mano? — Piolho interveio. — Larga mão de ser otário, Titona. Isso não tem nada a ver, véi. Tíci é maior de idade, e o cara ama a mina. Então tá de boa. Deixa de ser *cuzão* e para de tentar privar os dois de ter o que *cê* tem com Lari.

— Não ouse comparar o que eu sinto por Larissa ao que esse sujeito diz que sente por Letícia! — Tito berrou. Eu nunca o tinha visto tão fora de si. Era engraçado pra caralho. — Ele só quer te usar, minha filha! Você é linda, inteligente e perfeita, que nem a sua mãe. E esse safado tá se aproveitando de você e da sua ingenuidade! Ele não te ama, Tíci. Só te disse isso pra te iludir e continuar te usando! Eu vou te processar, vagabundo! Não vou descansar até te colocar na cadeia, por corrupção de menores!

Nunca ri tanto em toda a minha vida. O riso era geral. Todo mundo ria, inclusive Teo, que oscilava entre risadas e expressões de ódio dirigidas ao gringo.

— Eu entendo o seu receio, senhor. — Tales se manifestou. — Se eu tivesse uma filha como a sua, teria a mesma reação. Respeito e admiro a sua postura enérgica. Não esperava uma atitude diferente de quem tem uma filha tão perfeita em casa. — Ele pegou as mãos de Letícia, fixando os olhos nos dela. — Mas eu a amo, como nunca amei e como nunca vou amar ninguém. Por ela, eu seria capaz de esperar a vida inteira. Mas, sem ela, não sou capaz de sobreviver um único segundo.

As mulheres emitiram murmúrios e suspiros, encantadas pelo mais novo camisolão da família.

— É, puto, o jeito é aceitar. Os dois se amam, cara. Deixa de besteira e dá um abraço no seu genro! — Soltei uma gargalhada.

— Max, para de estragar o momento, cretino! — Ganhei um tapa no braço.

— Eu preciso de uma bebida. — Tito começou a se afastar, e Larissa foi atrás.

— Relaxa, *Barbiezola*, tio Titeta ladra, mas não morde. Daqui a pouco tá lambendo seu cu de plástico. — Lipe riu.

— Respeita seu tio, Felipe. — Plínio rosnou. — Acho bom você realmente amar minha sobrinha. — Virou-se para Tales. — Porque, se estiver de palhaçada, eu mesmo vou quebrar sua cara.

— Eu te ajudo, sogrão! — Matheus pousou o braço nos ombros dele.

— Eu já falei pra você largar meu pai, Matheusola! — Lipe resmungou, empurrando o braço do cunhado e fazendo todo mundo rir.

— E aí, *mermão*, beleza? — Luís se aproximou de Tales.

— *Barbie*, este é Luís, também conhecido como Luisão, Luisona, *Broderzão*, *Lovezão* e Luísa. Depende do gosto de cada um. Ele é primo postiço de Tíci e, como você pode ver, também tem cara e cabelo de boneca. — Felipe apresentou. — E este é meu tio Max, que também é uma boneca, daquelas bebezonas. Ela vem com um estoque ilimitado de drama, um simulador de ataques cardíacos e um repertório infinito de palavrões, mas só sabe falar duas frases completas: “que porra é essa, Olívia?” e “Olívia, eu tô passando mal!”. — Caiu na risada.

— Filho da puta! — Rindo, dei um tapa na cabeça dele.

— Ah, esqueci de falar! Ela vem com um clone de brinde, que é aquele ali. — Apontou Teo, que estava na varanda, conversando com as irmãs.

— As panelas! — Susanne gritou de repente e disparou pelo jardim.

Minha esposa foi atrás, correndo e me presenteando com a visão da bunda gostosa em movimento.

— Aquela que acabou de entrar com a loira desesperada é minha tia Liv, também chamada de “Olívia”, “minha linda” e “mamãe linda”. Mas, se você quiser continuar vivo, nunca use as duas últimas opções, pois são exclusivas da boneca bebezona e do clone. A loira desesperada é minha mãe, que faz a melhor lasanha do mundo e planeja as casas mais bonitas de todas. O nome dela é “Susanne”, e o apelido é “Suze”. Mas, *Barbie*, não confunda com a sua amiga Susi, beleza?

— Você tá sabendo demais de bonecas, não? — Marina riu.

— Culpa de Sofia e Isa — ele justificou. — E esta — beijou a cabeça dela, abraçando-a por trás — é a minha boneca inflável. — Gargalhou.

— Que horror, Felipe! — ela reclamou, rindo.

— Respeita minha irmã, palhaço! — Matheus deu um soco no ombro dele.

— Esse desgraçado você já deve conhecer. É meu cunhado, vulgo ladrão de pai. — Mostrou os dedos pro Chatão. — E o coroa atlético e boa-pinta que ameaçou quebrar sua cara sou eu daqui uns cinquenta anos.

— Cinquenta anos... — Plínio resmungou.

Felipe deu uma risada.

— E aquele que tá ali agachado, mexendo nas ferramentas de tio Max, é Zach, um dos genros de dele. Só então eu me dei conta de que o gringo estava fuçando meu caixote!

Mais que depressa, marchei até lá.

— O que você pensa que tá fazendo, filho da puta?

Quando ele ergueu a cabeça, me olhando como se eu fosse de outro planeta, revirei os olhos e repeti, em inglês:

— *What the hell do you think you're doing, dickhead?*

Rindo, ele ficou de pé.

— Quer ajuda para podar as rosas? — indagou, em sua língua materna.

Tive que rir dessa piada.

— Até parece que você sabe — desdenhei.

— Eu sei. — Ele se curvou e pescou uma tesoura telescópica.

Manejando a ferramenta, cortou alguns galhos secos e finos.

Grandes merdas. Isso qualquer um sabia fazer.

Como se tivesse lido minha mente, ele se abaixou e pegou uma tesoura de poda com maior capacidade de corte. Escolheu um ramo e o decepou na diagonal. Verificou o centro e sorriu para mim.

— Vão crescer saudáveis e bonitas.

— É claro que vão! Sou eu quem cuida delas! — berrei.

— Quem te ensinou? — A pergunta me pegou desprevenido.

Pensei em responder que não era da porra da conta dele, mas comecei a me lembrar de vó Ercília e das tardes que passávamos juntos no roseiral.

— Minha avó.

— Ela fez um excelente trabalho.

— É, fez. — Senti um aperto na garganta e uma indesejável ardência nos olhos.

— Quem me ensinou foi meu avô — disse, cortando um novo caule. — Ele era jardineiro.

— Jardineiro? — estranhei, porque sabia que a família dele era rica de berço.

— Minha avó é que era rica. — Ele pareceu ler meus pensamentos outra vez. — Ela se apaixonou e se casou com um dos jardineiros da mansão.

— Sério? — perguntei, incrédulo. — O pai dela deixou?

Zach parou de cortar as flores e me fitou.

— Não. Mas ela se casou mesmo assim. Depois de um tempo, meu bisavô acabou aceitando. Quando

ele morreu, minha avó, que era filha única, assumiu o império, enquanto meu avô ficava em casa, cuidando dos filhos, dos jardins e, anos depois, dos netos. — Ele reiniciou a poda. — E o pai da sua esposa, deixou você se casar com ela?

— Ele já tinha morrido quando eu a conheci.

— E você acha que ele teria deixado?

Eu nunca tinha parado para pensar nisso. Como teria sido a minha primeira conversa com meu sogro? Ele teria ficado puto? Provavelmente. Teria aceitado um devasso como marido da preciosa filha dele? Provavelmente não.

Putá merda, eu não teria sido aceito! O velho teria me escorraçado!

— Ele me aprovaria — menti.

— Sorte a sua. — Ele sorriu. — Como um genro rejeitado, posso afirmar que a sensação não é das melhores.

Uma coisa estranha se instalou dentro de mim. Parecia... empatia?

Porra. Eu estava com pena daquele filho da puta?

— Eu cresci acreditando no amor, Max, porque era o que eu via quando era criança; nos olhos do meu avô, nas rosas que ele plantava, no sorriso da minha avó. Procurei a vida inteira, com medo de nunca encontrar. Quebrei muito a cara por ter me precipitado, achando que tinha chegado a minha vez. Quando Luma me trocou pelo seu filho, pensei em desistir. Achei que essa coisa de amor não fosse para mim. Cheguei à conclusão de que algumas pessoas, como Teo, tinham sorte; outras, como eu, não. Abdi quei do sonho de encontrar a pessoa certa, achando que ela não existia. Então, ela apareceu e me disse uma coisa que eu nunca vou esquecer. Falou que a tia-avó da mãe dela costumava dizer que, às vezes, as pessoas viajam o mundo todo e acabam encontrando o amor quando menos esperam, bem ao lado delas. Foi o que aconteceu comigo. — Ele me mostrou um semblante emocionado.

Fiquei mudo, sentindo uma puta vontade de chorar; pela saudade de vó Ercília e pelas lembranças do início da minha história com Olívia.

— Não espero que você acredite no meu amor por Isa — prosseguiu. — Sei que o meu histórico não ajuda. Mas é ela. Essas coisas a gente sabe. Quando a pessoa certa aparece, faz todas as outras desaparecerem. Eu a amo, e o que eu sinto por ela não se compara a nada que eu já senti. O sorriso dela acende tudo em mim. Meu único desejo é fazê-la feliz. Mas sozinho eu não consigo. Preciso de você e da família inteira. Ela te ama demais, Max. Você e Teo são os homens que ela mais ama no mundo. Não tenho a pretensão de roubá-la de vocês. E não conseguiria, mesmo se quisesse. Pode ficar tranquilo, não preciso de tudo. Uma gota do amor dela é o bastante para me fazer feliz pelo resto da vida.

Porra. Eu não podia acreditar que ia fazer o que estava prestes a fazer.

— A resposta é sim — falei e, ao compreender, ele abriu um largo sorriso, os olhos reluzindo e sorrindo junto. — Mas sou capaz de te matar com as próprias mãos se você fizer minha filha sofrer, entendeu?

Ele assentiu, e o sorriso continuou estampado em seu rosto, o que era um bom sinal. Significava que ele não tinha a menor intenção de fazer algo que tornasse a ameaça factível.

— *Thank you!* — Sem aviso, me abraçou.

Foi quando eu vi meu filho parado, a alguns passos de distância.

— Que porra é essa, pai?



# 39

## FOI POR MEDO

“(...) de perder que eu perdi”.  
*Sonho Lindo* — Paulo Ricardo

### ANA

— Isa, por favor, não coloca esse sujeito na nossa família — Teo pediu, fazendo uma carinha tão sofrida que fiquei morrendo de dó do bichinho.

Mas é aquela coisa, né? Irmão foi feito pra gente zoar.

— Não chora, bebê. — Dei um abraço nele.

— Ana, respeita a minha dor. — Acomodou a mão no peito, todo tristonho.

Quem não conhecia, comprava fácil.

— Tá bom, bebê. — Alisei seu cabelinho.

— Isa — voltou a fitá-la —, não deixa aquele cara estragar a nossa irmandade. Ana, pede pra ela parar com isso. — Concentrou um par de esmeraldas suplicantes em meu rosto.

O cretino era um chantagista emocional com um talento nato para comover qualquer um, até as criaturas mais insensíveis.

Embora eu soubesse disso, estava tentada a ajudá-lo, porque entendia o sofrimento dele. Provavelmente, reagiria da mesma maneira se, de uma hora para outra, ele se envolvesse com uma hipotética ex-noiva de Luisão e me obrigasse a virar cunhada de uma mulher que não só conhece a naja, mas que quase se tornou proprietária dela — graças a Deus, a naja sempre foi minha, embora eu tenha feito uns empréstimos, por pura burrice. Ai, se arrependimento matasse!

Apesar de me sensibilizar pela situação de Teo, eu pendia mais para o lado de Isa, porque, numa disputa entre apoiar o egoísmo do meu irmão e a possibilidade de ter sobrinhos metade britânicos, é claro que criancinhas falando inglês com sotaque ganham!

Eu estava pensando no que dizer quando Lipe me salvou, aproximando-se de Teo e indicando as roseiras.

— Eu não queria semear a discórdia, mas dá só uma olhada em quem tá semeando amor no coração de tio Max, arrombada.

Olhei na direção que ele apontou e vi papai conversando com Zach. Estranhamente, o diálogo fluía de modo civilizado, sem berros e gestos acalorados. Observando a cena, qualquer um diria que os dois estavam se entendendo muito bem. E um indício disso era o fato de que o gringo estava podando as rosas, coisa que papai não deixava ninguém fazer, exceto Teo.

Ao testemunhar aquilo, meu irmão arregalou olhos. Então, levou uma mão ao peito, as íris refletindo o sentimento de traição que borbulhava dentro dele.

Furioso, começou a marchar até lá.

— Ele vai atrapalhar tudo! — Isa lamentou. — Você é um ridículo, Felipe! — Fuzilou nosso primo e se pôs em movimento.

Lipe e eu nos entreolhamos e, em seguida, corremos atrás dela.

— Que porra é essa, pai? — Teo vociferou, no instante em que os dois se abraçaram.

Papai se afastou de Zach e encarou meu irmão. Soltou um longo suspiro e iniciou seu discurso:

— Eu sei, por experiência própria, o quanto é uma merda ter um cara que já transou com a mulher que você ama fazendo parte da sua vida. Por um bom tempo, odiei Ícaro com todas as minhas forças, mas...

— Ícaro é gay! — Teo cortou. — E não tá pegando sua irmã!

— É, puto... — Tio Plínio se aproximou. E não veio sozinho. Aos poucos, o povo foi se juntando ao nosso redor. — Acho que você não é a melhor pessoa para aconselhar meu sobrinho. Mas talvez eu seja, devido à invasão dos Miyake na minha vida.

— É por isso que eu te admiro tanto, sogrão. Eu não suportaria essa barra. — Matheus jogou o braço sobre os ombros do meu tio.

— E, agora, eu tenho que aturar esse desgraçado e o pai dele — Tio Plínio completou.

— Eu sei que você me ama, sogrão. — Rindo, Matheus bagunçou os fios grisalhos do sogro.

— Eu vou acabar cometendo um assassinato — Liipe rosou.

— Somos dois, Felipe. — Teo fulminou o gringo.

— Teozona, cê e Lipeta tão na bosta, né, véi? Arrumaram dois ladrões de pai, que também são ladrões de irmãs! — Padrinho gargalhou.

— Mas minha irmã esse filho da puta não vai roubar! — Teo bradou.

— Deixa de criancice, cretino! — Dei um tapa no braço dele. — Zach não vai roubar Isa, mongoloide.

Olhei para o gringo e me dei conta de que ele me observava atentamente, como se eu fosse um objeto em estudo. Então, olhava para Isa. E, de novo, para mim. Com certeza, procurava alguma pinta, cicatriz, mancha ou sei-lá-o-quê capaz de diferenciar nossos rostos. Coitado, não ia encontrar nada.

— Eu te amo, Bruxo. — De repente, minha irmã abraçou Teo. — Às vezes, você é um bruxão chato, mas é o melhor irmão que eu poderia ter. Vou te amar pra sempre. — Ela deu um beijo na bochecha dele.

— Sai daqui, Isa, eu não tô bom com você — Teo resmungou, mas dava para ver, pela carinha dele, que estava amolecido.

— Sua irmã merece ser tão feliz quanto você e Ana — papai disse. — A felicidade plena ao lado da pessoa que a gente ama, e que nos ama da mesma maneira, não é a coisa mais comum do mundo, Teo. Nós é que somos uma família sortuda pra caralho. Temos sorte de as pessoas certas aparecerem e somos espertos o bastante para agarrá-las na primeira oportunidade. Se Isa acha que pode ser feliz ao lado de Zach, não somos nós que vamos tentar impedi-la. Não temos esse direito, ninguém tem. Deixa de ser egoísta, porra. Se você ama sua irmã, como vive dizendo que ama, precisa parar de pensar só em si mesmo para pensar no que é melhor pra ela. Não precisa gostar, mas você vai respeitar a escolha que ela fez, sem discussão. Entendeu?

— Isso aí, Quenga! — Padrinho bateu palmas. — Bota o pau na mesa e mostra quem é que manda nessa bagaça, tá ligado?

Meu irmão ficou meio murchinho com a comida de rabo que levou. Mas eu o conhecia o suficiente para saber que, até a aceitação completa, ele ainda enfrentaria muitas fases.

— Agora, bora entrar e ajudar Suzinha no rango, né, véi? Eu tô morrendo de fome, mano. Hoje eu que vou fazer o arroz, tá ligado? — Padrinho bateu no peito.

— Lucas, seu arroz sai papado, deixa que eu faço. — Madrinha se prontificou.

— Que mané papado! Aquele dia lá eu fiz foi risoto! Eu manjo das paradas *gourmet*, mano. Vou fazer um risoto *masterchef*, tá ligado? — Dizendo isso, ele começou a andar.

— Que Deus nos ajude. — Rindo, madrinha o seguiu.

— Vem, Ana, vamos entrar. — Teo passou um rabo de olho no gringo e puxou minha mão.

Assim que nos distanciamos, ele sussurrou:

— Eu tenho um plano.

— Teo, você não ouviu nada que papai disse? Ele tem razão, porra. Você precisa respeitar a...

— Ouvi — interrompeu. — Mas quero sacanear aquele filho da puta, e preciso da sua ajuda.

Luís logo nos alcançou, mas meu irmão o expulsou:

— Luísa, esse é um momento crítico da minha vida. Estou perdendo a única irmã que tinha sobrado, e agora eu gostaria de ficar sozinho com a que você roubou. Será que você poderia, por favor, se não for muito incômodo, se não for pedir muito, me dar um tempo a sós com o caralho da minha irmã? — berrou a última parte.

— Tá, mas anda logo, *mermão*. Eu também tô com fome. E, se eu tô com fome, imagina a naja!

Teo trincou os maxilares, mas *Lovezão* ignorou, me puxando e me dando um selinho.

— Eu nunca vou me acostumar com essa merda — meu irmão reclamou.

— Luisona! — Padrinho se virou. — Vem me ajudar com o risoto, malandrão! *Cê* vai ser o maluco que corta as paradas.

— Um dia *cê* se acostuma, Teozona. — Luís riu, liberando meu rosto. — Tô indo, *Veizão*! — Correu até o pai.

Instantes depois, Teo e eu estávamos no meu antigo quarto, onde teríamos a privacidade que, segundo ele, era essencial para o sucesso do tal plano.

— Não é uma boa ideia — declarei, após ouvir o que ele tinha a dizer.

— É claro que é, porra! É genial! Infalível!

— Não sei, não. — Balancei a cabeça. — Acho que não vai dar certo.

— Vai, sim! — retrucou.

— Se der, vai sobrar pra mim, caralho! — protestei.

— Por favor, Ana... — Ele juntou as mãos em um gesto de prece. — Faz isso por mim, pra compensar todos os anos que você enganou o próprio irmão, se aproveitando da confiança e da credulidade desse pobre ser humano inocente, ludibriado por uma década pelas duas pessoas que...

— Tá, porra. — Revirei os olhos, me rendendo de uma vez, já que ele só sossegaria quando conseguisse me convencer.

— Então, vamos à primeira etapa do plano! — proclamou.

Com uma coisa eu tinha que concordar: o cretino tinha pensado em tudo.

Pouco depois, eu já estava em ação. Passei rapidamente na adega e enchi uma taça com vinho tinto. Em seguida, vasculhei a casa, à procura de Isa e Zach.

Encontrei os dois em uma das salas, após passar por tio Tito e tia Lari, que ocupavam o cômodo vizinho.

Minha irmã e o namorado estavam sentados, acompanhados por praticamente todos os nossos primos, que riam e conversavam em inglês, para incluir meu futuro cunhado.

Acomodei-me no braço do sofá, ao lado de Isa, e comecei a prestar atenção à conversa.

— Zach, agora a gente vai te ensinar o que é tipo o nosso verbo *to be* — Lipe comunicou. — Repete comigo: “eu amo rola”.

Risadas ecoaram pelo ambiente.

— Não repete, Zach, ele tá te zoando — Isa alertou.

— Eu sei — ele falou, no próprio idioma. — Seu primo queria que eu dissesse que amo alguma coisa. Como ele é um sacana, deve ter sido pau.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Como você sabia?

— Tô aprendendo a conjugação do verbo “amar” no curso.

— Que curso?

— O intensivo que eu me matriculei na sexta-feira.

Lipe deu uma risada.

— Eu falei, Isa! O gringo já tá correndo atrás do casamento!

— Olha o que eu aprendi! — Zach limpou a garganta. — Você. É. Perfeita. Eu. Te. Amo.

— *Aaaaaaaaai*, que lindo! Também te amo! — Ela apoiou as mãos no rosto dele e deu um beijo em seus lábios.

De imediato, procurei por Luma. Inacreditavelmente, ela sorria, como se estivesse vendo uma cena fofinha de um filme meloso.

A maneira como ela estava lidando com o relacionamento dos dois provocava sentimentos antagônicos em mim. Ao mesmo tempo em que eu admirava toda aquela sororidade, ficava chocada com o quanto Luma era desapegada. De todo jeito, o que sobressaía era a minha admiração, porque, no lugar dela, eu jamais conseguiria agir com tanta maturidade.

Um bom exemplo da minha falta de sensatez era o que eu estava prestes a fazer. Mas, em minha defesa, estava certa de que o plano de Teo daria errado. O cretino daria com os burros n'água. E, então, seria forçado a aceitar o fato de que Zach realmente amava nossa irmã.

Assim que o casal se afastou, iniciei a execução. Fingi desequilibrar a bunda no braço do sofá e derrubei um pouco de vinho nos peitos de Isa.

Ela deu um gritinho, e eu pedi desculpas, sugerindo que fosse se trocar. Quando ela se levantou, fui junto. Subimos as escadas e percorremos o caminho até o antigo quarto dela, que tinha um armário com algumas roupas, que nem o meu. Deixávamos as peças para serem usadas quando decidíamos passar o fim de semana na casa e fazer festa do pijama com mamãe, para o desespero de papai, se é que você me entende.

— E Teo? — Isa perguntou, tirando o vestido manchado.

— Tá no quarto dele, tadinho. Você podia ir lá, né, pra tentar consolar o bichinho.

— Você não costuma ser tão boazinha assim com ele. — Ela estreitou os olhos, indo até o móvel e abrindo uma gaveta.

— Isa, Teo sempre foi muito apegado a nós duas. E, numa pancada só, tá perdendo a gente.

— Ele não tá perdendo a gente. — Ela puxou um vestido lilás, com minúsculas bolinhas brancas.

— Você sabe como ele é dramático. Na cabeça dele, tá sendo abandonado.

Ela soltou um suspiro, passando a roupa limpa pela cabeça.

— Vou lá adular o bebê — disse, ajeitando o tecido no corpo. — Fecha meu zíper? — Virou as costas.

Fiz o que ela pediu e, logo, fiquei sozinha. Era a vez de Teo de seguir com a segunda parte do plano, enquanto eu cuidava da etapa final.

Mais que depressa, fuzei a gaveta e peguei o primeiro vestido que encontrei. Era rosa-claro, com estampa floral, babado nos ombros e bordas em renda. Mais feminino, impossível e, por isso mesmo, um negócio que eu jamais usaria, se não fosse para brincar de A Usurpadora.

Tirei minha camiseta, que tinha a cara do Walter White estampada, passei o short jeans pelas pernas e coloquei o vestidinho frufu em tempo recorde. Soltei o cabelo do rabo-de-cavalo e usei os pés para remover os tênis. Peguei uma sandália na sapateira, calcei e saí. Estava ajeitando as alças do vestido quando notei o anel de noivado no dedo.

A pedra de dezoito quilates era a coisa mais linda e uma das gemas mais raras do mundo. O musgravite cinza, ladeado por diamantes incolores, tinha sido escolhido para combinar com os meus olhos. Luís tinha me dado o anel logo após o pedido, quando saímos da fazenda e voltamos para Arraial dos Anjos.

Odiando ter que fazer aquilo, passei o aro pelo anelar direito, fui até meu quarto e guardei a joia direitinho, louca para colocá-la de volta no dedo.

Desci as escadas treinando a mente: “não posso falar palavrão, não posso falar palavrão, não posso falar palavrão”.



Quando pisei no *hall*, dei de cara com a minha divindade dourada.

— Luís, você viu Ana? — questionei, me fazendo de Isa, mesmo sabendo que não daria certo, não com ele.

Meu noivo me olhou de cima a baixo. Então, abrindo um sorriso lindo, fixou os olhos nos meus.

— Estou olhando pra ela.

— Tem certeza? — Ergui uma sobrancelha provocativa.

— Absoluta. — Ele se aproximou e, tomando minha nuca, me beijou.

Enredei os dedos em seu cabelo, entorpecendo-me com o gosto quente de sua boca e com a pressão que o corpo rígido exercia sobre o meu.

— Como você sempre sabe? — perguntei, interrompendo o beijo.

— O mérito não é meu, é da naja. Ela sempre acorda quando *cê* tá por perto.

Sorri em seus lábios e voltei a beijá-lo, mas logo precisei parar.

— Depois a gente continua, preciso fazer uma coisa urgente.

— Que coisa?

— Vem. — Puxei sua mão e, no caminho até a sala, expliquei tudo.

Ele não gostou nadinha do plano de Teo.

— Zach vai achar que é Isa e, se triscar em você, vou ter que subir o maluco.

— Ele vai perceber — falei, confiante.

— *Lovezona*, nem Teo, que é seu irmão, consegue diferenciar vocês duas. Eu consigo graças aos poderes reptilianos da naja. *Cê* acha mesmo que o gringo vai sacar?

— Ele já deve ter se perguntado se seria capaz de nos diferenciar. Hoje mesmo, estava olhando de uma para a outra, como se estivesse à procura de traços distintivos.

— Eu faço isso desde que era moleque e posso afirmar que não tem nenhum. *Cês* são idênticas.

— É, mas, lembra o que você me disse na nossa primeira vez? Você falou que Isa é igualzinha a mim, mas meus olhos...

— Sua boca e todos os seus detalhes perfeitos são únicos. Seu olhar é inigualável, e seu sorriso é só seu. — Ele citou, palavra por palavra, me fazendo voltar àquele momento, que aconteceu no melhor dia da minha vida.

— Eu te amo tanto, Lu... — Enlacei seu pescoço. — E é exatamente por isso que eu sei que, quando amamos alguém, passamos horas catalogando tudo sobre a pessoa. Conhecemos e admiramos cada detalhe do rosto dela e todas as coisas que compõem sua essência. Isa e eu somos gêmeas, mas, por mais idênticas que sejamos, não somos iguais. Vou ficar muito decepcionada se ele não perceber. Agora, promete pra mim que você não vai me entregar.

— Prometo, mas vou ficar de olho no maluco.

Rindo, sapequei um beijo em sua boca e recomecei a caminhada.

Ao me aproximar da porta, inspirei e me preparei para dar uma de Paulina Martins.

— Eu vou, e você entra depois, pra não levantar suspeitas. — Combinei com Luís.

— Tá. — Ele beijou meu pescoço.

Entrei e ocupei o assento ao lado de Zach. Como esperado, ninguém estranhou. Meus primos e agregados continuaram conversando normalmente. Porém, assim que me sentei, o namorado de Isa olhou para mim e me observou por alguns segundos.

Abri meu melhor sorriso, e ele sorriu de volta, mas continuou me examinando, como se pressentisse que algo estava errado.

Em seguida, Luís entrou e ficou de pé junto a mim, feito um guarda-costas, atento a cada movimento do gringo, como se ele fosse um possível sequestrador.

— Ué, Luís, você não estava ajudando papai com o risoto? — Luma perguntou, rindo.

— Já terminei de cortar as paradas. Vim ver se *Lovezona* tava aqui, mas não tá, né?

— Não, só Isa — Tíci respondeu.

— Ana ficou lá em cima com Teo. — Olhei para meu noivo, na mais pura inocência.

— Isa, Zach estava contando pra gente que não sabe cantar. — Lipe me fitou. — Aparentemente, ele, o ladrão de pai e eu somos os únicos caras normais nesta família. *Barbie*, como era de se esperar, é cantora, e já tá doida pra participar de musicais com todas as outras bonecas loiras, né, *Barbiezola*?

— Eu gosto mais de duetos. — Tales zoou.

— Eu quero ouvir você cantar! — Tíci bradou. — Isa, tem como você emprestar seu violão?

— Claro, vou pegar! — Fiquei de pé, e Zach segurou meu pulso.

— Aproveita e chama sua irmã.

— Ana? — dissimulei.

— Isa. Chama Isa, *Ana*. — Ele frisou meu nome.

— O quê? Elas trocaram de lugar? — Letícia falou, chocada.

— Que merda! Por que eu nunca percebo? — Luma se perguntou.

— Como você descobriu? — questionei, satisfeita.

Os lábios de Zach se curvaram em um sorriso.

— Você não tem o cheiro dela.

— Agora larga minha *Lovezona*! — Luís me puxou para junto dele.

— Luísa, não sei por que você tá com ciúme, cara — Lipe disse, em inglês. — Se Zach vê Isa pelada, também vê Ana. E, se você vê Ana, também vê Isa. Quem vê uma, vê a outra. É como se vocês transassem com a mesma mulher. Ou seja, o gringo também pegou sua irmã e sua mina, Luísa! Você e Teozona estão no mesmo barco! — Deu uma gargalhada.

— Para de falar merda, Felipe. — A voz de Isa ecoou de repente, e eu me dei conta de que ela estava na sala, acompanhada do nosso irmão.

— Teozona, o gringo também pega Ana por tabela! — Lipe continuou atijando.

— *Mermão*, *cê* tá pedindo pra levar uns sopapos — Luís ameaçou.

— Tá doido pra morrer — meu irmão completou.

— A verdade dói, meus amigos. — Lipe riu. — E agora, Luísa? Você e tio Max não são mais os únicos que conseguem distinguir as gêmeas. Zecão mal entrou pra família e já é ninja! É, Teozona... A coisa ficou feia pro seu lado. “Eu amo minhas irmãs, eu amo minhas irmãs!” — arremedou. — Mas não sabe qual é qual! — Gargalhou.

— Eu sei, sim, seu porra! — Teo resmungou.

— Eu te desafio! — Lipe ficou de pé. — Vamos jogar “qual é a gêmea?”! Elas trocam de roupa algumas vezes, e vocês três tentam adivinhar quem é quem. E, agora, vem a grande sacada: quem acertar mais, vence! E, se Zach ganhar, você deixa de ser *cuzão* e aceita o namoro dele com Isa. Topa?

— E se *eu* ganhar? — Teo quis saber.

Risadas de chacota ressoaram ao nosso redor.

— Se você ganhar, eu termino meu namoro com Zach — Isa respondeu.

Sons de surpresa encheram a sala.

— Você tá falando sério? — Teo indagou, esperançoso.

— Estou. Mas, se você perder, nunca mais vai abrir a boca para reclamar do meu relacionamento com ele. E vai tratá-lo bem, com cortesia e sem implicâncias e ressentimentos de qualquer gênero. Você consegue fazer isso?

Meu irmão olhou para o britânico, e os músculos em sua mandíbula retesaram-se.

— Consigo. — Pousou os olhos em Isa. — Nós temos um trato. — Para firmar o acordo, estendeu a mão, que ela apertou.

— *Let the game begin!* — Lipe deu início ao jogo.

— *Pera aí, mermão!* E se eu ganhar a parada? — Luisão questionou.

— Você é carta branca, Luísa! — Lipe riu. — A verdadeira disputa é entre Teozona e o gringo.

— Se você ganhar, hoje tem aquela coisinha que você ama, *Lovezão*. — Pendurei os braços em seu pescoço, beijando sua bochecha.

— Que porra é essa, Ana? — Teo vociferou.

— Você quer mesmo saber, cretino? — provoqueei.

A sala caiu na risada.

Instantes depois, Isa e eu estávamos no meu quarto, vestindo minhas roupas.

— Você vai mesmo terminar com Zach se Teo ganhar? — perguntei, colocando uma camiseta do *Avenged Sevenfold*.

Ela me olhou como se eu tivesse algum probleminha mental.

— É óbvio que ele vai perder — assegurou, abotoando um short jeans.

— Isa, ele tem cinquenta por cento de chance de acertar. Não precisa saber nos distinguir. Só precisa de um pouco de sorte.

Ela arregalou os enormes olhos acinzentados.

— Ai, meu Deus, eu não pensei nisso!

Tive que rir.

— Você tá fodida!

— Tive uma ideia! A gente rouba! Quando Teo acertar, a gente fala que ele errou!

Tive uma crise de riso.

— Ora, vejam só... Santa Isa querendo passar a perna no próprio irmão! — pirraçei.

— Ana, é sério. Pelo amor de Deus! Ele não pode ganhar! Por favor, me ajuda. Você me deve essa, depois de ter me usurpado, sua cretina!

— Eu sabia que Zach ia perceber. Só fiz aquilo pra jogar na cara de Teo que ele estava errado.

— E como você sabia que ele ia perceber?

— Pelo jeito que ele olha pra você. Quem olha pra uma mulher daquela maneira conhece cada poro dela.

Ela suspirou.

— Não quero perdê-lo — choramingou. — Por favor, Ana, me ajuda.

— Tá, porra. — Revirei os olhos.

Por que eu nunca conseguia dizer “não” pros meus irmãos?

Reunimos todas as roupas e sapatos que usaríamos e levamos para um dos banheiros do andar de baixo. Assim, não precisaríamos subir e descer as escadas usando os saltos de Isa.

Quando nos juntamos aos demais, a sala estava toda organizada. O pessoal tinha afastado os sofás, onde os mais velhos se sentaram. Os mais novos acomodaram-se numa das extremidades do extenso tapete que decorava o piso. A outra ponta estava livre. E foi lá que Isa e eu nos posicionamos.

— Chamei tio Max para ser o juiz, já que, tirando os participantes, ele é o único capaz de diferenciar vocês duas — Lipe informou. — E adianto que ele vai conduzir o jogo com a mesma imparcialidade com que faz julgamentos no Tribunal. Assim, a gente elimina a possibilidade de vocês terem combinado de, por exemplo, mentir quando determinado competidor errar ou acertar.

Isa olhou para mim, visivelmente desesperada.

— Que absurdo! — Fingi indignação. Na verdade, falei “*total fucking bullshit!*”, já que estávamos todos falando em inglês, para Zach não ficar perdido. — Você acha que nós seríamos capazes de fazer uma coisa dessas?

— Todo mundo já sabe quem é você, só por essa reação, minha linda. — Papai me mostrou um sorriso condescendente. — Vocês não podem falar. As regras do jogo são as seguintes: Zach, Luís e Teo ficam sentados ali nos bancos, com blocos de papel e caneta em mãos. — Indicou a lateral, onde os três estavam acomodados, munidos dos materiais. — Um por um, eles se levantam e fazem suas análises a um

passo de distância, sem encostar em nenhuma. Então, identificam cada gêmea escrevendo o nome correspondente, assinando o papel e entregando a vocês, que não podem dizer nada nem enviar sinais por meio de sorrisos, piscadas ou qualquer porra nesse sentido. Estarei atento. Entenderam?

— Sim, senhor — Isa e eu respondemos juntas.

— Agora, troquem de roupa de novo. Até Teo e sua mãe sabem que o “*total fucking bullshit*” veio de você, Ana.

— Valeu, pai — meu irmão ironizou.

— Me respeita, Vetter. — Mamãe, que também era um fiasco em nos identificar, reclamou.

Papai se limitou a rir.

— Da próxima vez, voltem em silêncio e inexpressivas — acrescentou. — E, só pra vocês saberem, eu tomei os celulares deles. Ou seja, nada de enviar mensagens com dicas. Eu vou saber. — Mostrou os telefones na mão.

Papai não brincava em serviço e, pouco depois, estava nos observando atentamente.

Isa e eu estávamos de pé, na frente de Luís, usando novas roupas. Dessa vez, vestidos fofos. O que eu estava usando tinha estampa de gatinhos. O dela, de chihuahuas.

Meu noivo nos observou por alguns segundos, escreveu os nomes, nos entregou e voltou a se sentar. Então, foi a vez de Zach, que demorou cerca de dois minutos em sua análise. Teo levou mais ou menos o mesmo tempo para voltar para o banco.

— Prontos? — papai perguntou, e os três assentiram.

Então, foi até mim e pegou meus papéis.

— Zach respondeu “Ana” — afirmou, mostrando o nome escrito em letra de forma. — Luís respondeu “*Lovezona*”. — Ergueu a prova, grafada em uma linda letrinha cursiva, que eu conhecia tão bem quanto a minha. — Teo respondeu “Ana”. — Mostrou a caligrafia requintada de meu irmão. — Parabéns, todos vocês acertaram!

— Teozona, que cagada foi essa, mano? — Padrinho riu.

— Cagada nada! Conhecimento, padrinho! Eu vou ganhar essa porra! — falou, convicto.

Isa olhou para mim, nitidamente preocupada. Tentei confortá-la, dizendo com os olhos que ia dar tudo certo, mas eu tinha minhas dúvidas.

Depois de nove rodadas, *Lovezão* reinava absoluto no placar. A naja não errou nenhuma vez, o que não me surpreendeu nem um pouco. Luís conseguia nos diferenciar desde bem pequeno, e essa era só mais uma das coisas que eu tanto amava nele.

Os que pensaram que Teo perderia feio se enganaram bonito. Meu irmão errou apenas três vezes, a mesma quantidade de Zach. A diferença era que, provavelmente, o bom resultado de Teo se devia mais a pitacos de sorte, e o do britânico, a palpites fundamentados.

A décima e última rodada chegou permeada de tensão. Após a análise, os três se sentaram, à espera da apuração e do resultado do jogo.

— Teozona, é agora ou nunca, mano! Se *cê* errar, vai ter que lambar o cu do gringo pra sempre! — padrinho zouou.

— Zach! Zach! Zach! — Isa começou a torcer.

— Teeeo! Teeeo! Teeeo! — Luma entoou.

— Luísa! Luísa! Luísa! — cantei.

— Eu já ganhei a parada, maluca! — Luís riu. — E vou querer aquele negócio que *cê* prometeu.

— Que negócio? — Os olhos de papai quase pularam para fora.

— Que que *cê* acha, Putão? — padrinho perguntou, enquanto os outros riam.

— Olívia... — Meu pai levou a mão ao peito, e mais risadas explodiram.

— Você acha que é só a gente que gosta, cretino? — Mamãe riu.

— Eu tô morrendo. — Papai caiu sentado no sofá.

— Ele faz isso o tempo todo? — Tales indagou, e gargalhadas estrondearam.

— Você não viu nada ainda — Letícia assegurou.

— É, mano, espera só até a Quenga descobrir que a naja já expulsou um moleque do saco de Luisona!

Já tá no bucho de Ana! — Padrinho gargalhou.

— Deus que me defenda! — bradei.

— Vira essa boca pra lá, *Veizão* — Luís falou, assustado. — A gente é *mó* novo ainda, maluco!

— Que mané novo! *Cê* é louco, meu? Quase trinta anos no lombo, Luisona! *Cê* não brinca comigo, mano! Eu quero meus netos, *véi*!

— Eu também! A gente precisa começar logo o enxoval, Liv! — Madrinha se animou.

— Ai, Malu, vai ser a coisa mais linda do mundo, porra! Já pensou se eles têm gêmeos? — mamãe conjecturou, toda sonhadora.

— *Cês* querem netos? Então vão pedir pra Teo e Lulu! — Luís passou a bola.

Luma arregalou os olhos. Meu irmão fez a mesma expressão estarecida.

— Pra mim, não! — Ela balançou a cabeça.

— Quer me foder, me beija, Luísa! — ele encrespou.

— Mano de Deus... — Padrinho levou as mãos à cabeça. — Só falta Isa embuchar e Putão virar avô primeiro que eu! Eu morro, *véi*!

— Pode ficar tranquilo, padrinho, meus irmãos vão ser pais antes de mim — ela afirmou.

Teo e eu nos entreolhamos, igualmente horrorizados, enquanto padrinho respirava aliviado.

— Só porque é o velho da família, tô vendo que *cê* que vai ser o primeiro avô, Plinião! — ele provocou.

— Vai mesmo, sogrão! — Matheus concordou. — Inclusive, minha girafinha e eu temos um anúncio a fazer.

Murmúrios de expectativa romperam ao nosso redor, e ele clareou a garganta, preparando-se para o pronunciamento.

— Nossa Chatinha já está a caminho! — contou, feliz da vida.

Eufóricos gritinhos femininos, seguidos de “ai, meu Deus!”, encheram a sala.

— Susanne... — tio Plínio murmurou, lívido.

— Matheus, deixa de ser palhaço! — Rindo, Sofia deu um tapa no braço dele. — É mentira, papai!

— Você não sabe, paixão. Pode ser que eu tenha colocado ela aí hoje de manhã. Oi, Chatinha? — Pousou a mão na barriga da noiva. — Você já tá aí, girafinha-bebê?

As mulheres soltaram um suspiro prolongado e coletivo.

— Isso foi tão fofo... — Sofia acariciou o cabelo dele. — Mas não tem nada aqui dentro, paixão.

— Talvez tenha na barriga de Mari, né, Lipeta? — Padrinho atçou.

— É bem provável, Piolho. — Mamãe lançou um olhar sugestivo para Lipe, e eu notei que ele ficou atipicamente mortificado.

— Não tem nada na minha barriga! — Marina garantiu.

— É, Titona... Parece que sobrou pro seu lado, *véi*. E aí, Tíci, já brincou muito de médico com sua *Barbie*? — Padrinho gargalhou.

Tio Tito ficou tão baqueado que não conseguiu dizer nada. Só pressionou o peito, boquiaberto.

— Pode ficar tranquilo, senhor Tito, a gente só brinca em segurança. — Tales provocou uma nova onda de risadas.

— *Bora* parar de falar desse assunto, tá me dando dor de barriga — Luís disse, e eu caí na risada, junto com os demais. — Palavra tem poder, valeu? *Cês* ficam brincando com coisa séria... Isso atrai. *Lovezona*, *bora* voltar a usar camisinha, beleza?

— Vocês não usam camisinha? — Papai quase perdeu os globos oculares.

Gargalhadas histéricas estremeceram as estruturas da casa.

— Falou o embaixador do sexo seguro! — mamãe ironizou.

— Quenga, *cê* comeu sua mina na chuva, sem camisinha, mano! E tá até hoje fodendo no pelo! Que moral *cê* tem pra querer encapar a naja? Luisona, eu te proíbo de emborrachar o réptil, tá ligado? Deixa de ser otário, mano! Foda boa é foda melada, é pele com pele, é cobra lisa escorregando no ninho encharcado! Né, Malu? — Abraçou madrinha.

— Lucas! — Ela levou os dedos à boca, morta de vergonha.

Novas risadas altas ameaçaram os alicerces da sala.

— Já chega! — papai vociferou. — Vamos ao resultado desta merda. — Pegou os papéis na mão de Isa. — O filho da puta do meu afilhado, o arrombado do caralho chamado Luisão, respondeu “Isa”. — Mostrou o primeiro papel. — Parabéns, você acertou todas, desgraçado.

— *Weeeeeee are the champions, my frieeeeeeend!* — Luís e eu cantamos juntos, erguendo os braços.

Corri até ele e o abracei, colando nossos lábios.

— Ana, volta pra porra do seu lugar — papai ordenou.

— Tá bom, meu papaizinho lindo, meu amor! — Beije a bochecha dele.

Meio puto, ele abriu o segundo papel. E, em seguida, o terceiro, que selou o destino dos meus irmãos.



# 40

## NÃO QUERO TE PERDER

“(…), não quero dividir você.  
*Se Fosse Tão Fácil* — Mar Aberto

### TEO

Eu tinha vencido o jogo, e o fracasso estampado na cara de Zach me encheu de satisfação.

Comemorei, zoei, provoquei. Então, eu vi o rosto de Isa.

Os grandes olhos acinzentados pareciam conter toda a tristeza do mundo. Feito prata líquida, as íris cintilantes me encararam por um ou dois segundos antes de uma gota cair e molhar sua bochecha.

Em um átimo, o doce sabor da vitória evaporou-se, junto com a minha alegria. A lágrima cortou sua face e, no mesmo instante, dilacerou meu coração.

Foi quando eu me dei conta de que meu pai, como sempre, estava certo. Eu estava deixando o meu egoísmo atropelar a felicidade da minha irmã. Ela realmente amava o gringo, e tinha o direito de ser feliz com ele, assim como eu era ao lado de Luma.

Não, eu não tinha nenhum motivo concreto para odiá-lo. Na verdade, se tinha que odiar alguém, devia dirigir o ódio a mim mesmo, por ter sido tão imbecil. Luma sempre esteve na minha vida, e eu sempre soube que ela era meu último quadrado. Mas o medo de comê-lo fez com que eu o tirasse do meu alcance, deixando-o disponível para quem quisesse. A única coisa que o gringo fez foi aproveitar a oportunidade de ouro que, estupidamente, eu dei. E, depois de permitir que se lambuzasse, decidi que estava na hora de tomar dele. Que espécie de monstro dá chocolate para alguém e resolve pegar de volta?

Como se percebe, era ele quem tinha uma justificativa palpável para me odiar. Mesmo assim, eu não gostava daquele filho da puta. Jamais gostaria. Simplesmente, não podia gostar de um cara que tinha sido noivo da mulher que eu amo e, ainda por cima, virou namorado da minha irmã. Ia contra os meus princípios.

Eu nunca iria com a cara do sujeito. Mas a infelicidade de Isa não era uma opção. Minha antipatia pelo britânico podia ir se foder. Nada era mais importante que a minha família. O sorriso das minhas irmãs era a maior prioridade da minha vida. Ser o responsável pelo choro de uma delas quase me matou de culpa e arrependimento.

Atravessei a sala e a abracei.

— Desculpa, Isa. Desculpa por eu ser tão egoísta. — Tentei, mas não consegui segurar as lágrimas, e me odiei por chorar diante de todos os meus familiares.

Esperei alguns segundos, até recuperar o controle da minha própria voz.

— Esquece o trato que a gente fez. — Afaguei seu cabelo. — Você merece toda a felicidade do mundo. E, se acha que pode ser ainda mais alegre ao lado dele, prometo que não vou implicar. Tudo o que eu

quero é que você seja feliz.

Ela liberou meu corpo e me encarou.

— Eu te amo, Teo. — Suas bochechas estavam tão lavadas quanto as minhas. — Obrigada por ser o melhor irmão de todos! — Subitamente, me deu um abraço apertado, soluçando em meu ombro.

Tentei sufocar a emoção, mas a desgraçada transbordou, inundando meus olhos.

Enquanto Isa não parasse, eu não seria capaz de conter o choro.

— Para de chorar, caralho — supliquei —, eu tô passando vergonha.

— Tá mesmo, arrombada! — Lipe zombou. — Senhoras e senhores, dos mesmos criadores da boneca bebezona, com vocês: a boneca chorona!

— Enfia a zoeira no rabo, Felipe! — Ana repreendeu. — Não liga pra ele, Teo. Isso tudo foi lindo! — Ela se juntou ao abraço.

— Max, olha os nossos bebês! — A voz chorosa de minha mãe chegou aos meus ouvidos. — Eu vou tirar uma foto!

— Não! — berrei. — Me larguem! — Dei um passo para trás e me apressei em limpar o rosto, enquanto todo mundo ria.

— Tô muito orgulhoso de você, meu filho. — Meu pai se aproximou, segurando meus ombros. — Finalmente você tá crescendo, porra. — Ele me abraçou com força.

— Meu bebê tá virando um homenzinho! — Minha mãe riu.

Quando o velho me soltou, ela também me deu um abraço.

— Olha que neném! — Apertou minhas bochechas. — Olha esse rostinho! — Beijou uma delas.

— Chega, mãe — resmunguei, em um tom enfadonho.

Rindo, ela se afastou.

— Agora que Teozona já aceitou lambar o cu do gringo... — padrinho começou.

— Tá pra nascer o dia que eu vou lambar o cu desse filho da puta — interrompi, caminhando na direção do sujeito e fixando os olhos nos dele. — Eu te sacaneei — falei, em inglês —, mas, se você sacanear minha irmã... — Soltei uma risada ácida, desprovida de humor. — Sou capaz de te matar. E não pense, nem por um segundo, que esta é uma ameaça vazia, porque não é. — Carreguei o tom de frieza e hostilidade. — Quem me conhece sabe que eu sou um psicopata — emendei, e uma onda de gargalhadas flutuou pela sala.

— Psicopatas não abrem o berreiro quando veem as irmãzinhas caindo no choro, arrombada — Lipe zoou.

— Vai tomar no centro do cu, Felipe. — Estendi os dois dedos médios e voltei a olhar para o gringo. — Fui claro?

— Perfeitamente — ele respondeu. — Mas pode ficar tranquilo, eu não pretendo fazer nada além de amar sua irmã. — Enlaçou a cintura de Isa, levando-a para mais perto de si.

Tive vontade de arrebentar a cara do desgraçado, mas, ao ver a expressão dela, tão contente e exultante, refreei os punhos.

Eu teria que suportá-lo, mas meu santo jamais bateria com o dele. Nada me faria gostar de Zachary Ward.

— Agora que Teozona tá de boa — padrinho quebrou o silêncio —, *bora* voltar pra cozinha, mano. Eu ainda nem comecei meu risoto.

— Lucas, pelo amor de Deus, esquece esse arroz. Silvana chegou e já tá terminando a comida — madrinha disse, referindo-se a Sil, que trabalhava na nossa casa desde antes de eu nascer e, às vezes, comparecia aos domingos, para nos salvar das presepadas culinárias de padrinho e da pouca habilidade gastronômica de minha mãe.

Não demorou muito e o almoço ficou pronto. A comprida mesa da sala de jantar tinha inúmeros lugares, de modo que houve assento para todos os agregados.



Enquanto comia, ouvindo os animados papos que provocavam risadas ao meu redor, eu observava o gringo, sentado na lateral oposta, ao lado de Isa.

O cara era bizarro. Mastigava olhando para minha irmã, contemplando o modo como ela usava os talheres, a maneira como levava a taça à boca e tudo o que ela fazia. Parecia um idiota.

Não tinha nada mais ridículo que um homem cativo, dominado pelos movimentos de uma mulher. Era uma porra absolutamente...

— Coloca mais lasanha pra mim? — Luma estendeu o prato, interrompendo minha reflexão.

Fiz o que ela pediu, devolvendo uma enorme montanha de bolonhesa e queijo derretido, porque tinha ciência do quanto ela gostava da especialidade de tia Suze.

— Obrigada! — Recebi um beijo na bochecha, e ela pousou o fundo de porcelana sobre a mesa.

Então, deu uma garfada, aprisionando a massa entre os lábios rosados e fechando os olhos, como se quisesse potencializar o sabor. Moía o alimento devagar, triturando sem pressa.

Ficava linda comendo, mesmo com o canto sujo de molho de tomate e principalmente por causa das manchinhas e respingos vermelhos no tecido claro do vestido.

— Que foi? — perguntou de repente, e eu me dei conta de que suas íris me fitavam.

— Eu te amo. — Puxei seu rosto e beijei sua têmpora, inalando o perfume suave dos fios dourados.

— Também te amo, mas acho que prefiro a lasanha de tia Suze. — Ela riu, movendo os olhos para me enxergar.

Espalmei o peito, deixando um pretenso semblante sofrido tomar minhas feições. Então, simulei uma expressão vingativa.

— Eu vou acabar com a sua vida, lasanha! — Peguei meu garfo e enfiei no prato dela. Em seguida, abocanhei uma porção generosa, mastigando furiosamente.

Ela caiu na risada.

— Você é muito idiota.

— E você é uma mentirosa — falei, depois de engolir. — Eu sei muito bem que você não prefere lasanha, Luminha — sussurrei em seu ouvido. — Sua comida favorita é calabresa.

Fisgando o lábio, ela se afastou. Lançando-me um olhar inocente, que continha toda a malícia do mundo, pousou a mão na minha coxa.

Olhei ao redor, para me certificar de que não tinha ninguém olhando. Estavam todos distraídos, bastante animados com alguma coisa, que eu não fazia ideia do que era. E continuei não fazendo, porque Luma foi avançando até estacionar sobre o zíper da minha calça, que logo começou a ficar estufada.

Esgueirei a palma, subindo a barra de seu vestido e apertando a pele quente e macia. Alojéi os dedos entre as pernas dela, alcançando a virilha e me imaginando entre as coxas lisas e torneadas.

— Né, Lulu? — A súbita voz de padrinho fez com que ela desse um pulo na cadeira, tirando a mão como se meu cacete estivesse pegando fogo — e estava.

— Hã? Quê? — murmurou, desnorçada.

O susto, a impressionante camada rubra que coloriu as maçãs de seu rosto, os olhos esbugalhados e os lábios entreabertos escancaram nossas secretas atividades libidinosas.

— Teozona, o que *cê tava* aprontando aí debaixo da mesa, mano? — Padrinho estreitou o olhar, e burburinhos maliciosos dominaram a sala.

— O senhor quer mesmo saber, padrinho? — Entortei os lábios.

Meu pai e meus tios tiveram uma crise de riso.

— A gente não estava fazendo nada! É mentira, papai! Você me paga, Teodoro! — Luma encontrou meu antebraço e me deu um beliscão.

— Ai! — Puxei o membro castigado. — Caralho, Luana, doeu! — Usei a versão bêbada do nome dela, massageando a área extremamente dolorida. — Mãe, Luana me beliscou! — bradei, na esperança de minha adorável genitora reivindicar exclusividade quanto ao direito de arrancar pedaços da minha pele

usando apenas o polegar e o indicador.

— É mesmo, bebê? — Minha própria mãe, a mulher que me colocou no mundo, deu uma gargalhada, pouco se fodendo para o fato de que, provavelmente, meu braço seria amputado. — Vem cá, deixa a mamãe dar um beijinho que passa — ela emendou, e risadas irromperam no ar.

Depois dessa humilhação materna, bastante zoada pelo putinho do Felipe, que fez as piadas patéticas de sempre, sobre eu ser um bebê chorão da mamãe — pau no cu dele —, a mesa retomou o assunto que estava entusiasmando todo mundo.

— Mano, o luau podia ser na casa de Teozona, pra gente ter mais privacidade, né, véi? — padrinho sugeriu. — Aqui no condomínio vão aparecer uns malucos querendo sentar na roda.

— Realmente, Piolho — minha mãe concordou. — Não quero nenhuma vagabunda suspirando pela voz do meu lindo. — Enlaçou o braço do velho, plantando um beijo na bochecha dele. — Vai ser na sua casa, Teo — decidi, em um tom ditatorial. Ai de mim se dissesse que não. — A gente podia ir ao shopping, né, meninas? Comprar umas coisinhas pra decorar a área da piscina e umas roupinhas pra gente usar.

— Onde você vai encontrar espaço pra guardar mais roupas, Olívia? — Meu pai quis saber.

— No seu cu, Vetter. — Ela caiu na risada.

— Hoje é domingo, minha linda. Mais tarde, eu vou descontar essa má resposta no seu. — Um ridículo sorriso obscuro assomou nos lábios dele.

— Puta que pariu... — Tapei os ouvidos, e minhas irmãs fizeram o mesmo, retorcendo as bocas idênticas.

— O que eu fiz pra merecer esses pais, Deus? — Ana olhou para o alto, como se realmente conversasse com o Criador.

— Ainda bem que Zach não tá entendendo nada. — Isa expirou alívio.

— Vocês são três santinhos do pau oco! — minha mãe acusou. — Tudo farinha do mesmo saco! O saco do seu pai, no caso. — Ela riu, provocando mais risadas.

— Que horror, mamãe! — Ana fez uma careta.

— Meu Deus... — Isa balançou a cabeça, recriminadora.

— Meu pau não é oco — retruquei.

Enquanto os demais gargalhavam, minhas irmãs faziam expressões pré-vômito.

Após o almoço, todas elas foram para o shopping, e nós fomos ao supermercado, para comprar as comidas e bebidas do luau.

Ao chegarmos, dividimos as tarefas e nos separamos em dois grupos. Os velhos ficaram responsáveis pelos alimentos, e os mais novos encarregaram-se dos ingredientes dos drinks.

Seguíamos rumo ao último corredor, onde ficavam os principais itens da nossa lista. Luísão ia à frente, conversando com o gringo. Lipe, Tales e eu caminhávamos logo atrás. Matheus aproveitara a tarde livre para visitar o pai, que ainda estava sob observação no hospital. Então, éramos só nós cinco.

— É, parece que Luísa tá se dando bem com o gringo — Felipe comentou, como se eu fosse cego e não estivesse vendo meu melhor amigo enfiar uma faca no meu peito.

— Bom pra ele. — Dei de ombros, fingindo descaso.

— Agora que os dois estão fodendo suas irmãs abertamente, devem se tornar grandes amigos. — Lipe continuou soprando merda no meu ouvido.

Eu tinha uma grande suspeita. Felipe Vetter Theloni era o Anticristo, enviado à Terra para disseminar o ódio e propagar a fúria entre os homens. Sua missão era desestabilizar pessoas calmas e equilibradas, como eu. Mas o putinho não ia conseguir. Eu estava pouco me fodendo para a incontestável e inadmissível traição de Luís.

— Imagina só, arrombada — meu primo prosseguiu. — Zecão e Luísa na casa de um dos dois, brincando com os filhos deles, seus sobrinhos. Os filhos de Isa são completamente apaixonados pelo excêntrico tio Luís, e os filhos de Ana idolatram o amável tio Zach. É... — Ele estalou a língua, me

fitando com pena. — Talvez você não seja o favorito de nenhum sobrinho.

Em vívidas cores, a cena se desenrolou em minha mente. Garotinhas de cabelo preto-azulado correndo pelo jardim e pulando em Luís e no gringo. Eu parado, e nenhuma criancinha se jogando em mim.

— Acho que, daqui uns anos, teremos uma disputa dos tios! — Lipe deu uma risada repentina, me libertando do pesadelo. — O que você acha, *Barbiezola*?

— Eu não acho nada. Tenho certeza de que vou ganhar de vocês. Já tenho doze sobrinhos e sempre fui o tio preferido de todos eles. Lamento, meus caros, mas essa eu já venci. Vou ser o melhor tio posição dos filhos de vocês. — Ele riu, seguro de si.

— Você tá fora da jogada, *Barbie* — Lipe decretou. — Por uma questão de paridade competitiva, não vamos aceitar tios com experiência na disputa.

Enquanto meu primo falava, Luís e Zach riram alto, de alguma coisa que não consegui ouvir.

Quem aquele gringo pensava que era para tentar tirar todas as pessoas que eu amava de mim?

Com a voz do Anticristo ecoando na mente e o próprio Satanás pulsando no corpo, apressei o passo e me enfiei entre os dois.

— Luísão é meu melhor amigo! Meu! Para de tentar roubar tudo que é meu, filho da puta! — Dei um empurrão nele.

Luísa caiu na risada. E o britânico de merda também riu.

— Você me deve mil libras, Zach — meu amigo declarou.

— Puta merda, você acertou cada palavra! — o gringo falou, impressionado.

— São quase trinta anos convivendo com essa arrombada. — Luís jogou o braço sobre os meus ombros. — Fica *sussa*, *Broderzão*, a naja é sua, maluco! — Beijou minha bochecha.

— Sai pra lá, *bocetudo*! — Saí de perto, esfregando a mão no rosto.

— E você me deve duzentos pilas, *Barbiezola*! — Lipe anunciou. — Eu te falei que a arrombada ciumenta ia partir pra cima do gringo! Aprende, cara, Teozona é a puta mais previsível do mundo! — Deu uma risada.

— Vão fazer aposta com os cus de vocês! — rosnei, me perguntando quando aqueles desgraçados tinham planejado aquela merda. — E previsível é a cabeça da minha pica rasgando seu rabo, Felipe!

— Que maravilha... Um pitelzinho boca-suja... — Ouvei uma voz rouca e trêmula e me deparei com uma senhora, parada no meio do corredor, com os dedos nodosos presos ao carrinho. — Oi, gracinha. Meu nome é Arlinda, mas pode me chamar de “Linda”, porque o ar eu perdi quando te vi. — A dona piscou e sorriu, me mostrando uma fileira de dentes de porcelana, emoldurados por finos lábios lambuzados de batom vermelho.

Os caras morreram de rir e, achando graça da cantada da vovó, decidi presenteá-la pela ousadia.

— Oi, Linda. — Curvei a boca em um dos meus melhores sorrisos.

— Virgem Santíssima! Ai, minha angina! — As mãos enrugadas subiram para o peito.

— Vai, Tales, acode a dona! — Lipe riu.

— A senhora tá bem? — ele sondou, dando um passo na direção da mulher.

— Eu achei que estava na seção dos frios, mas tô morrendo de calor! — Ela se abanou. — Vê aqui debaixo se tem algum problema, garotão! — Fez menção de levantar a saia.

— Por Deus, dona! — Tales virou o rosto, e, obviamente, fizemos o mesmo.

Ela deu uma risadinha.

— Nem me dei conta de que estava era na padaria, mas que bom que estão distribuindo esse montão de pão corado! Quero todos pra viagem, seu padeiro! Inclusive o cabeludo!

A gente caiu na risada, mas, quando ela pediu para apertar nossas bundas, caímos fora.

Assim que nos colocamos em movimento, comecei a notar os olhares das mulheres, que sempre se surpreendiam em nossa presença.

— Santo Deus... — uma moça murmurou ao nos ver virando o corredor.

— Misericórdia... — Outra se abismou quando passou por nós.

— Nossa Senhora... Que isso, hein? Tá tendo desfile no supermercado? — Uma jovem cutucou a amiga ao cruzar nosso caminho.

Essas foram as mais discretas. Houve as que nos abordaram diretamente, dando em cima sem pudores. Várias delas enfatizaram que topavam de tudo, absolutamente tudo.

Foi chocante perceber que até as bonitas me incomodavam. Eu queria que parassem de nos importunar com sorrisinhos sugestivos e propostas indecentes, que deixassem a gente fazer as compras em paz. Pela primeira vez na vida, nada daquilo elevou minha autoestima, como costumava acontecer. Em vez de me sentir bem, eu me senti enjoado, louco para voltar para casa, para a única mulher capaz de inflar meu ego.

Quando terminamos de pegar tudo e nos encontramos com os coroas, eles estavam putos.

— Que foi, pai? — perguntei, ao ver a expressão pouco amistosa.

— Uma velha filha puta passou por nós e perguntou como foi que a gente envelheceu tanto em tão pouco tempo. Me chamou de velho, porra! Uma idosa me chamando de velho! — resmungou, inconformado.

— Putão, aquela velha é esclerosada, mano! — padrinho esbravejou. — Uma dona da cabeça branca falando que eu ainda dou um caldo, mas que prefere meu cabelão todo loiro, sem os fios grisalhos! *Assifudê, véia desgraçada!*

— Que decepção, *Veizão*, as minas não piram mais no seu cabelão! — Luís gargalhou, e a gente quase morreu de rir.

— Minha mãe vai gostar de saber que o senhor não faz mais sucesso, pai — provoquei.

Ele me mostrou um par de olhos arregalados.

— Não conta isso pra sua mãe!

Os caras e eu tivemos outra crise de riso.

— Vocês dois estão reclamando de barriga cheia! — A voz irritada de tio Plínio sobrepujou nossas risadas. — E eu? A velha olhou pra mim morrendo de dó e disse que amou o furo no meu queixo, mas que os janeiros foram ainda mais cruéis comigo!

Lipe faltou urrar. E todos nós o acompanhamos nas gargalhadas.

— É, pai, a idade chegou, é daí pra pior — meu primo caçoou.

— O foda é que pro puto do Tito ela não disse nada! — Tio Plínio rosou, visivelmente abalado.

— É claro que não. — Tio Tito riu. — Eu sou novo, tô inteirão ainda! Vocês é que são um trio de anciãos!

— Qual é a sua idade, senhor Tito? — Tales perguntou, e o riso desapareceu da fisionomia do meu tio.

— Praticamente a que você vai ter quando minha filha tiver a sua. — Um manto de desdém recobriu o rosto dele.

— Ah, que bom. — O namorado de Letícia sorriu. — Como o senhor, vou estar novo, inteirão ainda.

— Vai, toma essa, Titona! — Tio Plínio zoou o irmão, que se limitou a fuzilá-lo.

— *Barbiezola, cê é bocuda, hein, mano?* — Padrinho bateu nas costas dele, oferecendo aprovação.

— É, puto... — Meu pai soltou uma risada, disposto a iniciar uma zoeira.

— Cala a porra da boca, Max — tio Tito cortou, exasperado. — E você, filho da puta — direcionou o olhar fulminante para o futuro genro —, se quiser namorar minha filha, acho bom baixar essa crista comigo.

— Sim, senhor Tito. — Tales baixou a cabeça o máximo que pôde, grudando o queixo no peito e nos fazendo rir pra caralho.

Notei que uma ligeira sombra de riso curvou as comissuras de tio Tito, mas pisquei, e ela não estava mais lá.

— Chega. Vamos pro caixa. — Dizendo isso, ele começou a empurrar o carrinho.

Minutos depois, estávamos a caminho de casa. Zoamos os velhos o trajeto inteiro.

— Fica tranquilo, pai. Com o auxílio de um bisturi, eu posso dar um jeito na sua cara. — Lipe fingiu seriedade.

— E Isa pode dar uma repuxada na sua, pai — emendei, e nós rimos.

— E eu, mano? Quem vai dar um jeito nas minhas muxibas? — padrinho perguntou, preocupado, como se estivesse mesmo com a cara toda enrugada.

— Vai ter que ficar assim, *Veizão*, já que eu não mexo com essas paradas de *doctor* Rey — Luís falou, enchendo a caminhonete de gargalhadas.

A ideia, que tínhamos discutido de modo tácito, era atormentá-los o dia todo. Mas eles pareciam realmente baqueados pela possibilidade de os tempos áureos terem ficado para trás. Acabamos revelando o que havia acontecido. Os coroas ficaram aliviados, mas putos por não termos contado antes, o que nos fez rir ainda mais.

Pouco antes de chegarmos, mandei mensagem para Luma, que avisou que elas ainda levariam umas duas horas para finalizarem as compras. Duas horas! Por experiência própria, eu sabia que isso significava que demorariam no mínimo quatro.

Quando voltamos, Tales e os velhos decidiram jogar pôquer para matar o tempo. Lipe, Luís e eu resolvemos ir para a academia do condomínio. Infelizmente, o gringo optou por ir conosco.

— A gente tem roupas nos armários de lá. E você, vai malhar de calça jeans? — Não contive o desprezo e a aspereza do tom.

— Ah, é mesmo. — Desapontado, ele olhou para a vestimenta inadequada.

— Relaxa, Zach, a academia tem uma loja de roupas e produtos esportivos — Felipe informou.

Lancei um olhar assassino ao filho da puta, que respondeu com um sorrisinho cretino.

— Você precisa passar um tempo com o pai dos seus futuros sobrinhos, arrombada.

Inspirei fundo, me controlando para não enfiar a porrada no desgraçado. Trincando os dentes, comecei a andar.

Pouco depois, estávamos puxando ferro. Para me irritar, o gringo fazia questão de malhar ao meu lado. Sempre que eu mudava de aparelho, ele me seguia.

— Que foi, caralho? Quer segurar meu pau enquanto eu faço a porra da musculação? — encrespei.

Ele caiu na risada.

— Sabe o que é engraçado? — perguntou retoricamente. — Eu gosto de você.

Parei de ajeitar as anilhas e encarei o sujeito.

— Cara, é sério que você tá dando em cima de mim? — Usei um tom jocoso e, quando me dei conta disso, transformei a expressão em uma carranca.

— Não, você não faz meu tipo. — Ele riu. — Mas, falando sério, Teo, por incrível que pareça, eu vou com a sua cara.

Deixei um riso incrédulo escapar.

— Eu transei com a sua noiva na véspera do seu casamento, e você vai com a minha cara?

— Você é um filho da puta que, na maioria das vezes, só pensa em si mesmo. Faz o que é melhor pra você, sem se importar com os outros. Eu não faria o que você fez, mas isso não significa que eu sou bom e você é ruim. Todos nós temos defeitos e fraquezas, qualidades e virtudes. Seu cérebro é egoísta, mas seu coração é generoso. Seu primeiro instinto é priorizar sua própria individualidade. Mas você não consegue ir adiante se a decisão ferir quem você ama. Por isso, Isa e Ana têm sorte em te ter como irmão. Luís tem sorte em ser seu melhor amigo. E, mesmo que você me deteste, eu me considero sortudo por você ter aparecido no meu caminho. Sou grato pelo que você fez na véspera do meu casamento e sou grato pelo que você fez hoje.

A resposta me pegou desprevenido. Fiquei imóvel, sem saber o que dizer. Por mais que odiasse admitir, as palavras do gringo tinham me impressionado.

Mas eu deceparia a cabeça da rola antes de confessar uma porra dessas.

E, se aquele filho da puta achava que ia me comprar com aquela conversa mole, estava muito enganado.

Segundo minhas irmãs, eu sou um demônio com sangue bruxo. Ou seja, não sou Castiel, um ser de luz e graça; sou Crowley, rei do inferno. Posso até passar por rituais de purificação para ficar bom. E posso até ter acessos de bondade, mas, no fim, sempre serei mau.

— Não espero que nos tornemos amigos e não pretendo forçar a barra — Zach completou. — Só torço para que, com o passar dos anos, nossa rivalidade caia no esquecimento.

— Isso nunca vai acontecer — afirmei, resoluto.

— Nunca se sabe — ele disse, sorrindo.

Pensei em arrancar o sorriso da cara dele com um golpe certo, mas me contive. Isa não ficaria nada satisfeita quando descobrisse que eu desloquei o maxilar do infeliz com um único murro.

Em vez de socá-lo, fiquei de pé.

— Vá se foder. — Mostrei o dedo do meio e saí andando, ao som da risada do desgraçado.

Voltamos para a casa dos meus pais cerca de uma hora depois, e as mulheres ainda não haviam retornado. Provavelmente, minha mãe estava esperando embalarem o shopping inteiro, porque, pela demora, ela só podia ter comprado a porra toda.

Como sabíamos que elas só chegariam no final da tarde, começamos a agilizar as coisas.

Depois que todo mundo tomou banho, fomos para a minha casa e iniciamos os preparos dos aperitivos.

Quando elas chegaram, cuidaram da decoração, que transformou a piscina em um mar de luzes, flores e velas flutuantes.

O gazebo ganhou o mesmo toque intimista, com almofadas e lamparinas espalhadas ao redor.

Varais de bolas luminosas entrecruzavam-se no alto, atados às palmeiras. Minha mãe tentara amarrá-los por conta própria, mas, ao vê-la no topo da escada, pendurada feito uma maluca, quase tive um ataque cardíaco.

Corri e, sem sucesso, gastei todo o meu estoque argumentativo para convencê-la a descer. Então, tive a brilhante ideia de perguntar se ela queria deixar meu pai viúvo. Isso bastou para que minha progenitora descesse na velocidade da luz.

Rindo, subi os degraus e me encarreguei do serviço, com a ajuda dela, que segurou a escada berrando o tempo inteiro para eu tomar cuidado e ameaçando me matar se eu caísse e entrasse em coma.

Concluída a decoração, madrinha saiu distribuindo colares havaianos, que fomos obrigados a usar.

Ficamos preparando os drinques enquanto elas se arrumavam. Assim que ficaram prontas, o luau começou.



# 41

## A INDIFERENÇA

“(...) escorre, fria a me ferir”.  
*Linha Tênu* — Dani Black

### SOFIA

O céu era uma infinita tela negra, onde uma imensa bola prateada havia sido pintada, em conjunto com uma porção de salpicos brilhantes.

A brisa fria rodopiava e esvoaçava meu cabelo, mas o peito e os braços de Matheus eram o escudo que me protegia do vento.

Acomodada entre as pernas dele, eu inspirava o aroma da noite, misturado ao delicioso perfume que as lufadas arrancavam de seu pescoço.

Seria maravilhoso se estivéssemos sozinhos, com todas aquelas estrelas cintilando sobre nossas peles nuas. Mas tínhamos companhia.

Estávamos todos sentados no gazebo, rodeados por almofadas brancas e banhados por uma fraca luz amarelada.

As chamas tremulantes das velas e lamparinas davam ao ambiente um toque de romantismo, e as luzes de fada espalhadas ao nosso redor, um ar de magia.

Sobre a superfície plácida da piscina, candeias em formato de vitórias-régias e flores de lótus flutuavam.

No alto, o farfalhar das palmeiras produziam um ruído suave. Mas o leve rumorejo das folhas logo foi abafado pelos sons da afinação dos violões.

O talento musical era um dom que tio Max e tia Liv compartilhavam. Há muitos anos, ele tinha uma banda, e ela, o sonho de se tornar uma cantora famosa.

A oportunidade de sucesso veio, mas, quando chegou, já não fazia parte dos planos dela. Não demorou muito e, em vez de cantora, minha tia se tornou uma escritora, para a felicidade dos leitores que conquistou no Brasil e no mundo.

Como a fama nunca foi um desejo de tio Max, ele saiu da *Mpire* quando ela atraiu a atenção de um produtor, deixando de ser apenas um passatempo entre amigos. Com a saída dele, Piolho, que também era um integrante, assumiu os vocais. Porém, não durou muito como vocalista, porque, na época, abandonou tudo — inclusive a carreira como professor — para gerir os negócios da família.

Filho de peixe, peixinho é, como diz o ditado. No caso, meus tios-peixes tiveram três filhos-peixinhos. Teo, Isa e Ana cantam lindamente e aprenderam a tocar violão e outros instrumentos na infância, assim como Luís, que teve a sorte de nascer com a aptidão musical do pai.

Luma sabe tocar e canta até bem, mas não gosta muito. Lipe começou a aprender junto com os nossos

primos, mas acabou desistindo do Conservatório. Meu irmão, coitado, canta tão mal quanto mamãe e, apesar das aulas, não sabe tirar um dó do violão. É de fazer dó.

Eu não sou nenhuma Sia, mas juro que não sou tão ruim quanto eles. Acredite, *ninguém* é tão ruim quanto eles.

— Começa, linda — tio Max pediu, quando todos terminaram de ajustar as cravelhas.

— Não, você começa, lindo — ela devolveu, sorrindo para o marido.

Piolho estalou a língua, meneando a cabeça.

— Haja paciência, *véi*. *Bora nós*, então, Luisona. — Ajeitou o violão sobre as pernas, movendo os dedos pelas cordas e iniciando o *intro* de *Losing My Religion*.

— *Bora, Veizão*. — Luís começou a tocar, aumentando a intensidade do som, que, alto e harmonioso, infiltrou-se em nossos ouvidos.

No momento certo, ele executou o verso inicial: “*oh, life... is bigger*”. Então, Piolho o acompanhou: “*it’s bigger than you and you are not me*”.

A partir daí, os dois cantaram juntos, em uma sincronia tão bonita que parecia ensaiada. Era impressionante como as vozes profundas se mesclavam. Combinadas à melodia das notas, eram uma delícia de escutar.

Quando a música acabou, aplaudimos euforicamente.

— Lindo, tesão, bonito e gostosão! — Ana começou a entoar, batendo palmas.

— Que porra é essa, Ana? — tio Max vociferou, e nossos aplausos foram substituídos por risadas.

— É, mano, que *carai* é esse? *Cê* tá chamando o próprio padrinho de “lindo, tesão, bonito e gostosão”? — Piolho se fez de indignado.

— Cai na real, *Veizão*! — Luís deu uma risada. — Agora eu vou cantar uma música especial pra minha *Lovezona* linda, *tesona*, bonita e gostosona — declarou, puxando o rosto dela e sapecando um beijo em sua bochecha. — Tenta não ficar muito nervoso, padrinho. Ó o coração.

Mais gargalhadas rasgaram o ar, enquanto tio Max exprimia certa preocupação estatelando os globos oculares.

— Fica tranquilo, senhor, qualquer coisa, eu tô aqui. — Tales ergueu o braço, nos fazendo rir ainda mais.

Posicionando o violão, Luís começou a tocar e, assim que reconheci a melodia, focalizei o rosto de tio Max. Os olhos dele triplicaram de tamanho quando se deu conta do que estava prestes a escutar.

Dedilhando as cordas, Luís deu voz à letra de Engenheiros do Hawaii, a banda favorita de Ana.

Eu podia apostar que aquela não era a primeira vez que ele cantava *Refrão de Bolero* para ela. Provavelmente, já tinha feito isso em circunstâncias muito mais íntimas.

Quando chegou ao refrão, cantou com os olhos fixos nos dela, um sorriso safado curvando a boca desenhada:

*Teus lábios são labirintos, Ana  
Que atraem os meus instintos mais sacanas  
O teu olhar sempre distante sempre me engana  
Eu entro sempre na tua dança de cigana*

— Chega! — tio Max bradou de repente, provocando uma crise de riso na plateia. — Acabou essa porra. Tá na minha vez. — Pegou o violão e, olhando para tia Liv, iniciou os primeiros acordes de *Exagerado*.

Então, começou a cantar:

*Amor da minha vida*



*Daqui até a eternidade  
Nossos destinos  
Foram traçados na maternidade*

*Paixão cruel, desenfreada  
Te trago mil rosas roubadas  
Pra desculpar minhas mentiras  
Minhas mancadas*

*Exagerado  
Jogado aos teus pés  
Eu sou mesmo exagerado  
Adoro um amor inventado*

Depois de cantar o refrão pela última vez, tio Max foi ovacionado por nós enquanto tia Liv pulava nele, tascando um beijo na boca do marido, para o completo horror dos filhos, que, em quase trinta anos de existência, ainda não tinham se acostumado com as manifestações públicas de carinho que os pais protagonizavam com bastante frequência.

— Agora é a minha vez! — tia Liv anunciou, limpando os cantos dos lábios.

— Canta Sia, cunhada! — mamãe pediu, já que sempre foi obcecada pela cantora.

Concordando, tia Liv soprou os versos de *My Summer Rain*, nos presenteando com sua doce voz enrouquecida.

Em sua própria versão, a música se tornou mais suave, mas, de algum modo, tão intensa quanto a canção original. Ela tinha o extraordinário dom de transformar letras e melodias perfeitas em algo ainda mais sublime.

O refrão foi um espetáculo à parte. As palavras escaparam de sua garganta com uma delicadeza inigualável:

*I thought you were a hurricane  
(Eu pensei que você fosse um furacão)  
Turned out you were the summer rain  
(No fim, você era uma chuva de verão)  
You came to wash away all of my pain  
(Você veio para levar toda a minha dor)  
I needed you in every way  
(Eu precisava de você de todas as maneiras)  
My summer rain  
(Minha chuva de verão)*

Parecia ter sido escrito em homenagem à história dela com tio Max, e o modo como ela cantou, olhando para ele com tanta ternura, tanto amor e gratidão, me deixou chorosa.

Quando a última nota ecoou, todos nós estávamos emocionados. Minha pobre mãe estava em prantos.

Papai a abraçou, e tio Max puxou tia Liv para um novo beijo.

— Tem quartos lá em cima, pai — Teo resmungou, no momento em que a coisa começou a sair de controle.

— Eu sei. — Meu tio abandonou os lábios da esposa. — É em um deles que a gente vai dormir hoje, né, linda?

— Nem fodendo! — meu primo bradou. — Ninguém vai dormir aqui, já tô avisando!

— Você sabe por que ele quer expulsar a gente, né, Quenga? — tio Max provocou o amigo.

— Tô ligado, *carai*. Nasci ontem, não, Putão — Piolho respondeu. — Teozona, *cê* pode tirar o cavalinho da chuva, que hoje *cê* e Lulu não vão desfilar pelados pela casa, não, tá ligado? A gente trouxe até colchonete, mano. *Vamo tudo* dormir aqui fora, tipo um acampamento, saca?

— Ah, não, *Veizão!* — Luís se sobressaltou. — Como que a naja vai atacar aqui fora, maluco?

— Tá querendo ficar sem ela, filho da puta? — Tio Max lançou um olhar colérico ao afilhado.

— Não, padrinho. — Ele se aquietou. — *Lovezona* — sussurrou, alto o bastante para que todos ouvissem —, esconde a naja, maluca! Pode ser com a boca, *cê* que escolhe.

Mais gargalhadas estrondearam, e tio Max se enfureceu ainda mais.

— Eu vou te matar, Luisão! — Ele ameaçou levantar, mas foi impedido pela mão de tia Liv.

— Sossega o facho, cretino!

— Deixa que eu resolvo, pai. — Igualmente enraivecido, Teo começou a se colocar de pé.

— Não tem nada pra você resolver, Teodoro. Pode ficar quietinho aqui. — Luma agarrou o braço do namorado.

— Isso mesmo, Teodoro. Senta o rabo na camisola e obedece sua mulher. — Lipe soltou uma risada alta.

— Não sei do que você tá rindo, Felipe — Mari falou, séria. — Mantém o rabo na sua e fica caladinho.

Foi a vez dos caras rirem. Os ombros de Matheus tremeram tanto que, por estar escorada nele, comecei a tremer junto. Teo quase engasgou. Tio Max faltou rolar de rir.

— Depois a gente conversa, dona Marina — meu irmão advertiu, no intuito de não parecer o camisolão que todo mundo sabia que ele era.

Mas isso não suspendeu o riso de ninguém. Pelo contrário. Até papai estava tendo dificuldades para controlar as risadas.

— Até tu, Brutus, meu pai? — Lipe demonstrou todo o sentimento de traição em um olhar que teria deixado o de Júlio César no chinelo.

A fala adaptada e a expressão sofrida provocaram ainda mais risadas, oportunidade que Ana não desperdiçou.

— Agora que vocês estão calminhos — ela se dirigiu ao pai e ao irmão, quando o riso foi cessando —, vão poder me acompanhar. — Pegou o violão e retirou do instrumento as primeiras notas de *Carry On My Wayward Son*.

Então, seu timbre suave, parecido com o da mãe, invadiu nossos ouvidos. Logo, tio Max e Teo acompanharam. E quem sabia a letra cantou com eles até o fim, como um belíssimo coral.

A música acabou, e Ana emendou com *Pais e Filhos*, que todos nós cantamos em conjunto, as vozes boas mascarando as não tão boas assim, como a minha.

Depois, Isa começou *Tempo Perdido*, que também foi cantada em coro. Achei fofinho quando ela olhou para Zach ao cantar o verso “a tempestade que chega é da cor dos seus olhos castanhos”.

Em seguida, cantamos *Faroeste Caboclo*. Como eu só sabia o início, calei a boca e fiquei batendo palmas no ritmo da música, enquanto tio Max e Piolho conduziam o show.

Encerrando o momento Legião Urbana, Luís puxou *Velha Infância*, e Ana começou a cantar junto. Foi tão emocionante ver os dois se olhando e cantando que eu chorei. Felizmente, não fui a única. Mamãe, tia Liv e Malu também precisaram secar as lágrimas no final.

Teo deu continuidade com *True Love*, de uma banda chamada S.O.J.A. Eu nunca tinha ouvido e me apaixonei pela música. Meu primo tocava pra caramba, e tudo ficava simplesmente perfeito na voz dele, mas a *vibe reggae* e a letra maravilhosa deixaram a performance ainda mais bonita. Não foi à toa que Luma ficou toda derretida quando acabou, dando um beijo nele na frente de todo mundo, coisa que ela

não costumava fazer.

Os dois estavam se beijando como se não houvesse amanhã quando Piolho deu um pigarro, provocando nossas risadas.

— *Cê tá querendo engolir Lulu, mano?*

Teo se afastou, passando o dorso da mão nos lábios.

— Engolir, no caso, não é o verbo correto, padrinho. — Ele nos fez rir ainda mais.

— Como ex-professor de Português, você deveria saber disso, Lucas. — Malu deu uma risada.

— É, Quenga. Mas, já que você não sabe, vou conjugar o verbo correto, pra ver se você aprende — tio Max provocou. — Vamos lá. — Fez uma pequena pausa. — Eu como Olívia, você não come Malu, Teo come Lulu... — Explodiu numa gargalhada.

— Ah, saquei, *véi*. Vê se eu aprendi direito, tá ligado? — Ele clareou a garganta. — Chatão come seu anjo, Luisão come Ana e Zecão *eats* Isa.

Tio Max engoliu o riso, papai fechou a cara, e foi a vez de Piolho morrer de rir.

— Parabéns, *Veizão!* *Cê* sabe conjugar até em inglês, maluco! — Luís gargalhou.

— Não sei do que vocês estão rindo, desgraçados. Eu não tô nem aí! Pelo menos, não é uma *Barbie Médica* que tá fazendo isso com minha sobrinha e minhas filhas. — Tio Max caiu na risada.

— Você tá perdendo seu tempo, Max — tio Tito disse, com uma calma tibetana. — Eu já aceitei esse filho da puta, arrombado do caralho! — Fuzilou Tales.

Ninguém conseguiu conter as gargalhadas.

— Fico muito feliz em saber disso, senhor Tito. — Tales sorriu. — Se me permite, eu gostaria de cantar uma música para a sua filha.

— Não, seu porra! Eu não permito! — Tio Tito berrou.

A hilaridade daquilo se espalhou pela roda, alimentando nosso riso frouxo.

— Tá, mas vou cantar assim mesmo, senhor. — Apossou-se do violão que Isa havia emprestado.

Sem dúvida, o hábito de se dirigir aos próprios pares e aos oficiais superiores com o devido respeito influenciava na maneira de falar com o sogro. Particularmente, eu achava engraçadíssima aquela mescla de deferência, polidez e zombaria.

Tales deu início ao *intro* de *Your Body Is a Wonderland*, e todas nós soltamos gritinhos entusiasmados.

Matheus se afastou um pouco, e eu quase caí para trás, mas logo me posicionei de novo e fiquei atenta à apresentação.

O capitão Fontana começou a cantar, e eu não pude deixar de me impressionar com o talento do médico.

Tíci se transformou em uma poça assim que o namorado abriu a boca. E ninguém poderia julgá-la, porque o timbre dele era absolutamente maravilhoso!

Cantava com os olhos fixos nos dela. O azul-celeste, escurecido pela penumbra, ardia como as chamas das velas que nos cercavam. E o sorriso obscuro que acompanhava as palavras arrastadas deixava a letra da música ainda mais sedutora.

Quando terminou, recebeu uma enxurrada de aplausos e elogios. Da namorada, ganhou um beijo no rosto, perto da boca; certamente, uma promessa velada de algo mais em um futuro próximo.

Meu tio ficou visivelmente puto com o espetáculo musical, mas não disse uma palavra. Decerto porque tia Lari estava alisando o cabelinho dele, tentando confortá-lo.

— Mano, *cês* tão transformando o luau num monte de serenata cheia das sacanagens, *véi!* — Piolho riu. — Já que é assim, deixa o mestre mostrar como é que faz, tá ligado? — Apanhou um *ukulele* no meio da roda e o acomodou, posicionando o instrumento e buscando os olhos da esposa. — *Mina!* — Soltou os dedos nas cordas. — *Seus cabelo é da hora, seu corpo é um violão... Meu docinho de coco tá me deixando louco...* — Enquanto nós achávamos graça, Malu sorria que nem besta. — *Minha Brasília amarela tá de portas abertas, pra módi a gente se amar... Pelados em Santos... Pois você, minha*

*pitchula, me deixou legalzão... Não me sintcho sozinho, você é meu chuchuzinho...*

Depois disso, cantamos outras dos Mamonas, rindo e fazendo coreografias hilárias. Então, houve uma pausa, para que todos pudessem comer e beber.

Assim que o pessoal começou a se dispersar, Matheus me puxou para um canto oculto do jardim.

— Será que dá pra gente ir embora? Eu quero voltar ainda hoje para Príncipe Serrano.

Na segunda-feira seria feriado municipal em Príncipe. Logo, nós dois estávamos de folga. Tínhamos ajeitado nossas coisas no porta-malas, mas só pegaríamos a estrada no dia seguinte. Por isso, estranhei a súbita mudança de planos.

— A gente não combinou que ia amanhã?

— É, mas, se você não se importar, prefiro ir agora. — O tom atipicamente frio não passou despercebido.

— Matheus, o que foi? — questionei, apreensiva.

— Nada. — Ele deu de ombros. — Eu só quero ir embora.

— Assim, sem mais nem menos? — desconfiei.

— Eu tô cansado, Sofia. Passei a tarde inteira no hospital. Quero ir para casa, pra poder descansar antes de voltar pro trabalho.

Era um bom argumento. Poderíamos passar o feriado inteiro sozinhos, fazendo o que a gente quisesse, sem ninguém para empatar nossas fodas.

— Tá bom, paixão, a gente vai — concordei, pincelando os lábios nos dele.

Depois de nos despedirmos de todo mundo, driblando a insistência de todos para que ficássemos, pegamos a estrada.

Como não queríamos abusar da generosidade dos Guerratto, assim que Eduardo saiu do coma abandonamos o jatinho e passamos a ir de avião ou de carro para Arraial dos Anjos. Naquele fim de semana, tínhamos viajado na picape de Matheus.

Ele dirigia em silêncio, com os olhos fixos na via. Estava chateado com alguma coisa. Eu só não fazia ideia do quê.

— Você vai me contar o que você tem? — Acariciei sua coxa.

— Tenho três pernas, duas cabeças, um saco, duas bolas...

Dei uma risada.

— Eu tô falando sério, palhaço.

Ele expirou, expelindo uma torrente de frustração dos pulmões.

— Sofia, eu já disse que estou cansado, é só isso.

— Você tá me chamando de “Sofia” — observei.

— É o seu nome, assim como o meu é “Matheus” ou “Henrique”, dependendo do caso.

— Meu nome é “Gi”, e o seu é “Paixão” — retifiquei.

Meu noivo se manteve calado, atento à rodovia.

— Matheus, você vai ficar assim mesmo? É sério? — indaguei, depois de um tempo.

— Assim como?

— Fala logo o que você tem.

— Mas eu não tenho nada!

— Então tá. Se não quer falar, não fala. — Cruzei os braços e lancei o olhar irritado para a vastidão escura que os faróis iam desbravando.

Um silêncio brutal reinou dentro do veículo por vários minutos.

— Por favor, paixão, me fala o que você tem! — implorei, incapaz de permanecer naquele mutismo.

— Sofia, eu tô ótimo. É só cansaço, já falei.

— É melhor eu dirigir, então, já que você está *tããããã* exausto — ironizei.

— Consigo dirigir, obrigado.

— Tá, você que sabe.

Fiquei quieta, mirando o asfalto e as faixas amareladas que se infiltravam na escuridão.

Enquanto as partículas de luz cortavam o breu, mergulhei em meus próprios pensamentos.

Por que ele tinha ficado daquele jeito?

O único motivo que passava pela minha cabeça era ciúme. Mas de quem? Não podia ser dos meus primos, porque, depois de conhecê-los, Matheus se tornou amigo deles. Inclusive, eu invejava os homens pela facilidade com que faziam amizade uns com os outros. Era impressionante como dois caras estranhos podiam conversar e, logo, parecerem amigos de infância. Matheus, por exemplo, tinha desenvolvido, em pouquíssimo tempo, um laço quase fraterno com Teo e Luís. Era como se os conhecesse desde sempre.

Continuei pensando, mas não consegui encontrar nada que justificasse a chateação dele. Porém, não tinha problema. Fosse o que fosse, aquilo podia ser resolvido. E de uma maneira deliciosa.

— O que você acha de a gente parar num hotel? — sugeri, como quem não quer nada. — A gente dorme umas horinhas e volta para a estrada quando você estiver melhor.

— Prefiro dirigir tudo de uma vez.

— Tá bom. Só o que me resta é torcer para que a sua exaustão não provoque um acidente que ceife as nossas vidas. — Inspirei fundo, suspirando com ênfase exagerada.

Minha visão periférica avisou que ele estava olhando para mim. Virei o rosto e caprichei na expressão inocente, abrindo bem os olhos para ressaltar minha candura.

Ele me fitou com suavidade, e um esboço de sorriso brincou em seus lábios. Então, simulou uma carranca mal-humorada.

— Tá, Chatona, você venceu. Vou parar no próximo hotel.

Beijei sua bochecha e, quilômetros depois, estávamos diante da fachada vermelha e luminosa do Hotel Serenata.

— Eu tinha esquecido que esse era o próximo hotel — falei, divisando o velho hoteleiro debaixo da marquise, com um cigarro entre os dedos enrugados.

Usava uma camisa com listras alaranjadas e uma calça xadrez, em tons de lilás. Com certeza, Agostinho Carrara aprovaria a escolha.

— A gente pode dirigir até encontrar um hotel melhor — Matheus propôs.

— Foi aqui que a nossa história recomeçou, paixão. Não existe lugar melhor.

Ele me mostrou um sorriso fraco e guiou a picape até o estacionamento mal iluminado.

As memórias daquela noite chuvosa transbordaram em minha mente, e o gosto do nosso primeiro beijo, breve, intenso e molhado, inundou minha boca.

Meus lábios formigavam, ansiosos pelos de Matheus, quando ele pulou para fora e abriu minha porta, estendendo o braço.

Pousei a mão na palma quente, já imaginando a aspereza se arrastando pelo meu corpo.

Assim que desci, ele liberou meus dedos. Então, se afastou. Abriu o porta-malas, pegou nossas bolsas, fechou o bagageiro, acionou o alarme e começou a andar. Manteve o tratamento seco e distante, mas eu queria ver se o bonitão continuaria tão frio quando eu ficasse peladinha na cama junto com ele. Toda aquela indiferença estava com os minutos contados.

Peguei o celular na bolsinha pendurada em meu ombro e usei a lanterna para iluminar o caminho. Matheus, que caminhava um pouco à frente, se virou.

— O que você tá fazendo?

— *Shhhhhhh*. Procurando a *fat family* — sussurrei.

— *Fat family*? — Ele franziu o cenho.

— A família de criaturas obesas que mora por aqui — expliquei, movendo o fecho de luz para me certificar de que não havia nenhuma ameaça por perto.

— Criaturas obesas? — Um novo vinco se formou em sua testa.

— Sapos, Matheus! — berrei, direcionando o celular para o outro lado.

Ele não conteve uma risada. Pela primeira vez em horas, meu coração se aqueceu de um jeito que só a gargalhada de Matheus Miyake era capaz de aquecer.

— Sofia... — Ele ficou sério de repente, e eu me vi diante de um rosto assustado. — O que é isso no seu pé?

— Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaah! — Dei um pulo tão alto e me impulsionei com tanta força que trombei nele, e nós dois fomos parar no chão.

Na verdade, Matheus foi parar no chão. Eu caí em cima de uma montanha de ossos grandes e músculos trabalhados.

Estranhamente, meu corpo começou a tremer, e eu me dei conta de que o idiota estava morrendo de rir.

A verdade me atingiu de supetão.

— Era mentira, né, palhaço? — Soquei o peito trêmulo.

— Meu Deus, não acredito que você caiu nessa! — Ele deu outra risada.

Eu estava puta, mas ele ficava tão lindo rindo que não pensei duas vezes. Grudei nossas bocas, entreabrindo os lábios dele.

Pego de surpresa, Matheus precisou de um segundo para me acompanhar, enredando a língua quente e gostosa na minha.

Gemi, aprofundando o beijo, enquanto ele se desvencilhava das bolsas para agarrar minha cintura.

As mãos já estavam na minha bunda, e eu podia sentir o volume rígido e cada vez maior, quando uma conhecida voz estridulou em meus ouvidos:

— Vai comer aí fora, patrão? Nós temos quartos aqui, chefe! Traz a potranca!

Mais que depressa, Matheus parou de me beijar.

— Eu vou arrancar a dentadura desse velho filho da puta com um murro — rosnou, tentando se erguer.

— Isso mesmo. Bate num idoso, senhor Promotor. — Fiquei de pé.

Ele se levantou em seguida, movendo os músculos das costas e fazendo uma careta de dor.

— Desculpa — pedi, condoída. — Mas a culpa foi toda sua, Miyake! Quem mandou você me assustar?

— Eu tinha me esquecido do quanto você é medrosa. — Ele riu, pegando nossa bagagem.

— Deixa que eu levo. — Tentei pegar uma das malas, mas ele puxou o braço.

— Eu sei que a sua intenção era me deixar imobilizado, mas não deu certo, Sofia. Ainda consigo carregar duas malas. — Dizendo isso, recomeçou o trajeto até a entrada do hotel.

Não pude fazer nada, além de segui-lo.

— Ora, ora... São vocês! Que bom que voltaram! — O velho nos saudou com um sorriso amarelado, manchado de nicotina. — Gostaram da nossa hospitalidade?

— Bastante. — Carreguei na ironia, dando uma tossida e afastando a fumaça malcheirosa com a mão.

Não disfarço mesmo. Não gosto de tabaco, e não sou obrigada a fingir que não me incomodo com as toxinas maculando meus pulmões.

Percebendo meu desconforto, o velho atirou o cigarro no chão, e a guimba conheceu a sola dos chinelos de dedo que ele estava usando.

— Queremos o quarto 23 — declarei.

— Ah, que pena, o 23 está ocupado. Mas, por *duzentinhos*, eu dou um jeito de desocupar. — Os olhos pequenos e muito escuros começaram a vasculhar o decote do meu vestido ombro a ombro. Ou, então, ele estava admirando meu colar havaiano. Das duas, uma.

— Tira o olho da minha noiva. — Matheus vociferou.

— Noiva? Mas já? — O hoteleiro se espantou. — Você não é besta, não, hein, rapaz? — Abriu um sorrisinho.

— Não vamos pagar um centavo a mais pelo quarto 23 — Matheus asseverou, ríspido. — Agora, vá

pegar a chave.

O velhote saiu arrastando as chinelas, resmungando algo que não ouvi, porque estava ocupada demais admirando a bunda do meu futuro marido, que tinha começado a seguir o idoso.

Eu estava em chamas, louca para rebolar gostoso na terceira perna.

Apressando o passo, alcancei os dois no instante em que chegavam ao balcão.

Ao finalizar o registro no caderno tipo-ata, o velho largou a esferográfica, abriu uma gaveta e pegou a chave.

— Segundo andar, primeira porta à esquerda — falou, sem disfarçar o mau humor, ao estender a plaqueta numerada.

— Obrigado. — Meu noivo a pegou, agarrou as bolsas e iniciou o percurso até as escadas.

— Se vocês fizerem muito barulho na hora do rala-e-rola, vão ter que pagar uma taxa extra — o mercenário avisou.

— O senhor não vai ouvir um pio — Matheus assegurou.

— Mão-de-vaca. — O velho grasnou, entredentes, e eu não contive uma risada.

— Você urra quando tá gozando, Miyake — cochichei, ao subirmos os degraus. — Acho bom preparar uma boa gorjeta pro velho — brinquei.

— Sofia, qual parte de “eu estou cansado” você não entendeu? — O tom áspero e impaciente me atingiu em cheio.

Arregalei os olhos, incrédula. Primeiro, porque, mesmo quando chegava morto da Promotoria, depois de um dia desgastante no trabalho, ele queria transar. Por mais exausto que estivesse, Matheus sempre queria transar. Segundo, porque ele nunca tinha falado daquele jeito comigo, sem um pinga de carinho na voz.

Fiquei extremamente magoada, tanto que parei de tentar consertar o que eu nem sabia que precisava ser consertado.

Assim que chegamos ao quarto, peguei uma camisola na mala, agarrei minha *nécessaire* e fui direto para o banheiro, sem olhar na cara dele.

A peça vermelha era delicada e transparente, do tipo feito para seduzir. Infelizmente, eu não tinha levado nenhum pijaminha fofo. Era aquilo ou dormir pelada, coisa que eu não ia fazer.

O idiota do Matheus ia ficar dias sem pousar os olhos no meu corpinho. Ele ia ver só.

Quando saí do banheiro, perfumada e usando a camisola curta e indecente, meu noivo rude engoliu em seco. Foi com uma satisfação imensa que eu vi o pomo-de-adão subir e descer enquanto ele me comia com os olhos.

Vagarosamente, caminhei até a cama e me deitei em silêncio.

Ele levou um bom tempo para se levantar e ir tomar banho.

Fiz o possível para não imaginar toda aquela opulência masculina debaixo do chuveiro. Não deu certo. A imagem, já conhecida, fixou-se em meu cérebro e encheu minha mente de pensamentos e desejos obscenos.

Para tentar expulsá-los, abandonei os lençóis.

Vislumbrei a escrivaninha e fui até o móvel.

Um sorriso involuntário brotou em meus lábios quando eu li o “Chatão e Chatona” dentro do coração gravado na madeira.

Suspirei, e meus olhos caíram no que havia sido esculpido ao lado. Tinha outro coração! No interior, os nomes eram diferentes: “Gi e Paixão”. Logo abaixo, ele tinha entalhado a data.

Toda sorridente, corri e pesquei meu celular. Tirei a foto no momento em que o fluxo do chuveiro parou de chiar.

Voltei para a cama correndo e, em segundos, ouvi os passos ecoando no piso do quarto.

Não daria a ele o gostinho de saber que eu tinha visto aquilo. Ia manter a pose.

— Apaga a luz e me embrulha — ordenei.

Sua risada gostosa chegou aos meus ouvidos e, instantes depois, sua boca roçou minha orelha:

— Quer um beijinho de boa-noite também, bebê?

Trinquei os dentes, tentando não produzir nenhum som que revelasse o arrepio que eletrizou minha espinha.

— Não, obrigada. — Bruscamente, afastei a cabeça.

— Eu não ia dar mesmo. — Ele ergueu o pescoço.

— Eu não ia dar mesmo — arremedei.

Rindo, Matheus se levantou. Quase tive um ataque cardíaco ao vê-lo se dirigindo até o interruptor. Pelado.

A visão das costas másculas, da bunda redonda e das coxas musculosas me fez contorcer as pernas.

Fechei os olhos e fiquei inerte quando ele fez menção de se virar. Não ia ser flagrada manjando o pau dele.

Meu Deus, como eu queria que ele me pegasse de jeito e metesse sem dó. Queria gritar e gemer naquela pica grossa e deliciosa.

Assim que apagou a luz, deitou-se ao meu lado, puxando a coberta sobre os nossos corpos.

No escuro, eu podia ouvir sua respiração ruidosa e descompassada, que foi ficando cada vez mais próxima.

— Boa noite. — Ele beijou minha bochecha.

— Boa noite se dá com rola, Matheus. — Não economizei na rispidez.

— Tá, já que você insiste, eu faço esse sacrifício. — Seu braço enlaçou minha cintura.

— Ué, você não estava cansado? — alfinetei.

A única resposta que recebi foi uma boca quente e macia se chocando contra a minha.

O corpo rígido e pesado cobriu o meu, e mãos cálidas começaram a acompanhar os movimentos rápidos e esfomeados das nossas línguas afoitas.

Os dedos apertavam minha carne, subindo a camisola. Os lábios migraram para a minha garganta e, de repente, ele se moveu, sustentando-se nos braços retesados. Não disse nada por alguns segundos. Só me olhou, como se quisesse me perguntar alguma coisa.

As luzes da rua revelavam partes do rosto sombreado.

Contemplei as linhas que contornavam sua face e a massa negra e sedosa que coroava sua cabeça, reluzindo sob a claridade.

— Conta pra mim. — Subi o braço e acariciei seu maxilar.

Ele se deitou sobre o meu corpo, mergulhando o rosto na curva do meu ombro.

— Não.

Afaguei os fios úmidos, inspirando o perfume do cabelo recém-lavado.

— É ciúme? — sondei.

— Não. — Ele me abraçou, me apertando com força. — Eu te amo, Gi.

— Também te amo, paixão. Conta pra mim o que você tem? — pedi, em um tom carinhoso e gentil.

— Deixa pra lá, é besteira. — Seu hálito aqueceu minha pele.

— Você vai se sentir melhor depois que contar — insisti.

— É ridículo, Sofia. Prefiro morrer a te contar essa merda.

— Se você contar, eu deixo você comer meu cu.

Mais que depressa, ele se apoiou e me encarou, de olhos arregalados.

— Você tá falando sério? Sofia, não brinca com os meus sentimentos.

Tive que rir.

— É sério — confirmei.

Do nada, ele se levantou. Pulou da cama e começou a andar.



— O que você tá fazendo? — Dobrei o corpo.

Acendeu a luz e foi até a mala. Quando voltou, estava com um tubo, um bloco de papel e uma caneta em mãos.

Percebi de imediato que era o mesmo bloquinho que ele usava para escrever meus bilhetinhos fofos. Então, reconheci o tubo de lubrificante.

— Eu não acredito que você trouxe isso. — Dei uma risada.

— Um homem precisa estar preparado. — Ele se sentou no colchão, já de pau duro.

— Matheus, primeiro você precisa me contar — falei, com os olhos fixos na ereção majestosa.

— Eu sei. Mas, antes de tudo, vamos redigir um contrato. — Colocando o tubo sobre a cama, ele pousou o bloco na coxa e, posicionando a caneta, começou a escrever. — “Eu, Sofia Vetter Theloni — proferiu, deslizando a ponta no papel —, prometo ceder meu orifício anal, por tempo indeterminado, ao meu noivo e futuro marido Matheus Henrique Mendonça Miyake, para que esse deus-tripé insira sua terceira perna na minha abertura e usufrua, a seu bel-prazer, de minhas pregas anais e de toda a minha região glútea”.

Eu estava morrendo de rir quando o descarado me entregou o papel e a caneta.

— Pronto, paixão. Este é um negócio jurídico perfeitamente eficaz, pode assinar.

Dei uma risada ainda mais alta.

— Você acha que eu sou idiota, Miyake? Cadê a condição do contrato?

— Que condição? — perguntou, na maior cara-de-pau. — Sofia, você quer saber mais que eu, que sou formado em Direito? Vai por mim, paixão, eu sei o que eu tô fazendo. Pode assinar.

Soltei uma gargalhada estrondosa.

— Você é um safado que tá tentando se aproveitar do desconhecimento de uma pessoa supostamente leiga! Pra cima de mim, não, querido! Eu sou sobrinha de tio Max, esqueceu? — Firmei a caneta na folha e comecei a escrever. — “O cumprimento da promessa supramencionada só poderá ser exigido se, e somente se, meu digníssimo noivo, o Senhor Matheus Miyake, revelar o motivo de suas atitudes frias, estranhas e distantes, as quais tiveram início na cidade de Arraial dos Anjos, quando o mesmo decidiu antecipar o retorno à cidade de Príncipe Serrano. Não havendo a referida confissão, considerar-se-á nula e inexigível a promessa alhures citada. E, por assim concordarem, as partes firmam o presente contrato”.

— Datei e assinei o papel. — Prontinho, agora você pode assinar, paixão.

— De todas as colegas que eu tinha, por que eu fui me apaixonar pela mais esperta? — De má vontade, ele puxou o bloco e a caneta que eu estendi.

— Pois é, né... Você teria evitado este momento se tivesse se apaixonado por Maria Clara, por exemplo — cutuquei.

— Quem era Maria Clara mesmo, paixão? — Suas pálpebras baixaram, os olhos oblíquos concentrados no nome que ele escrevia abaixo do meu.

— Não sei, Matheus... — ironizei. — A menina com quem você dançou quadrilha?

— Ah, a “exibida, mentirosa e chata” que me achava bonito? — Riu, citando um trecho do meu diário. — Agora que eu tô me dando conta de que dancei com Maria Eduarda na formatura e com Maria Clara na quadrilha. Duas Marias!

— Você gosta de nomes compostos, né, Matheus Henrique? — Meus olhos jorraram acidez.

Ele riu mais ainda e esticou o braço, depositando o contrato e a caneta sobre o criado-mudo e pegando o celular em cima do móvel.

— Sabia que eu fotografei as minhas partes favoritas do seu diário? — Passou o dedo na tela.

— Não acredito... — Balancei a cabeça, chocada.

Rindo, ele começou a ler, fazendo as pausas onde eu deveria ter colocado as vírgulas e ressaltando as palavras que continham erros de Português:

— “Eu ainda não sei com quem eu vou dançar na *quadrilia*, *mais* não quero dançar com o Matheus.

Ele é mais *baicho* que eu, e eu odeio o Matheus. A Duda quer dançar com o Igor, *mais* ele é mais alto que ela, e a tia Shirley falou que a gente vai dançar com meninos do nosso tamanho. Eu gostei *muinto* disso, porque seria *muinto* ruim dançar com o *xato* do Matheus. Aposto que ele ia pisar no meu pé, porque, além de *xato* e burro, ele é retardado”.

Ao terminar, meu noivo buscou meus olhos.

— Eu não lembrava que era mais baixo que você. Mas também, né, não dava pra ser mais alto que uma girafa!

— Vai cagar, Chatão — falei, rindo.

— Comparando este trecho do diário e o contrato que você acabou de escrever, dá pra perceber que, em termos de escrita, você evoluiu *muinto*, Chatona. — Caiu na risada.

— Ai, que engraçado... — Enchi a boca de sarcasmo.

Morrendo de rir, ele retomou a leitura, recitando outra passagem:

— “Um dia, a gente teve que ir pra escola vestidos *inguais* os nossos pais, e eu fui de branco, *ingual* meu papai vai trabalhar, porque ele é médico e cuida de pessoas *duentes*, com aquela *duença* que *deicha* careca. E o Matheus foi pra escola todo metido de terno preto e gravata azul. *Tava muinto* feio, e ele *tava* se achando lindo. Só que não *tava*. A Maria Clara falou pra ele que *tava muinto* bonito, e eu não gosto dela porque ela é uma exibida, mentirosa e *xata*. Eu ri e perguntei pra ele se ele *tava* indo pra igreja, e ele me perguntou onde que era o terreiro que eu *tava* indo. Eu não sabia o que era terreiro, então só mostrei a língua pra ele. Depois, contei tudo pra papai, e ele riu. A mamãe xingou ele”. — Achando graça, Matheus olhou para mim. — No fundo, o sogrão sempre foi com a minha cara, e, desde pequeno, eu fico bem de terno. — Alisou o peito, como se estivesse passando a mão em um paletó impecável.

— Você ainda fica horroroso de terno. — Transformei o rosto em um poço de desdém.

— E você ainda parece que tá indo pra um terreiro quando tá toda de branco. — As feições dele espelharam a minha expressão desdenhosa.

A pose durou um segundo, porque foi o que bastou para que nós dois ríssemos.

Matheus devolveu o celular ao criado e se aproximou, tangenciando meus lábios.

— Eu te amo — murmurou, alcançando minha nuca.

Em resposta, capturei sua boca e enlacei sua língua.

Durante o beijo, ele caiu sobre mim, puxando o tecido da minha camisola e ajeitando minhas pernas, posicionando-se entre elas.

Firmei as palmas em seu peito, distanciando nossas cabeças.

Arfante e confuso, ele fixou as pupilas dilatadas nas minhas.

— E o nosso contrato, Miyake?

— Sofia... — Um caroço subiu e se desfez em sua garganta. — Eu preciso mesmo dizer? — O desconforto se fez nítido no semblante envergonhado.

Eu queria deixar pra lá, porque não suportava vê-lo sofrendo daquele jeito, mas não podia. Tinha que saber o que o deixara tão desconfortável, para não permitir que acontecesse de novo.

— Se você quiser comer meu cu, precisa. — Não suavizei.

Ele suspirou, derrotado.

— É que... — Seus olhos encontraram o teto. — Eu não sei cantar, porra. E... fiquei me sentindo um lixo de homem, porque seus primos mandam bem no violão e... — Desviou as íris para o lado. — Quando eu te vi toda ouriçada durante a apresentação de Tales, fiquei puto e me senti ainda pior, porque eu queria ser bom nessas coisas. Queria poder cantar pra você e ser um homem perfeito, como você merece.

— Olha pra mim, Matheus.

Ele enrolou, mas fez o que eu pedi.

— Você não precisa de nada disso pra ser perfeito. — Subi o braço e deslizei o polegar em sua

bochecha. — Um homem perfeito é o que ama, respeita e apoia a pessoa que está ao lado dele. Você é perfeito. É um chatão, mas é meu chatão perfeito, que eu amo com todas as minhas forças.

Os cantos da boca cheia se curvaram, e eu puxei seu rosto até aquele sorriso lindo deitar-se sobre o meu.

Sua língua abraçou a minha, propondo uma dança lenta.

Vagarosos, meus dedos se perderam na suavidade de seu cabelo. Afoitos, foram emaranhando os fios à medida que o beijo ia ganhando um novo ritmo, mais intenso e feroz.

Pousando em meu pescoço, seus lábios começaram a sugar minha pele, produzindo pequenos estalos. Meus gemidos baixos exigiram espaço, e logo contribuíram para a acústica do quarto.

Deixando um rastro quente pela minha garganta, Matheus foi arrastando a boca, puxando as alças da minha camisola.

Expondo meus peitos, iniciou uma trilha incandescente que cortou o vão entre eles. Foi descendo cada centímetro de tecido, sem rodear meus mamilos.

As protuberâncias sensíveis clamavam pelo calor úmido. Mas ele as ignorou. Livrou-me da peça e continuou o percurso, espalhando beijos ardentes pelo meu ventre.

Ao alcançar o vértice entre as minhas pernas, beijou toda a área externa, enviando arrepios que se dispersavam pelos meus poros.

— Por favor... — supliquei, remexendo-me no colchão.

O centro inchado pulsava, ansioso pela pressão da língua molhada e macia.

Matheus me ofereceu um par de olhos malignos, que combinavam perfeitamente com o sorriso perverso.

Assoprou a região, adorando o som do meu sofrimento.

Aos poucos, seu hálito foi se assentando, até pousar de vez, arrancando um gemido prolongado da minha garganta.

O beijo lento envolveu a superfície inteira, me fazendo revirar os olhos. Enquanto ele chupava, sem pressa, eu me desprendia do plano terreno, alcançando um patamar celestial.

Progressivamente, foi intensificando os movimentos, e eu fui ficando mais propensa à explosão que ameaçava minhas células a cada lambida.

Quando meus murmúrios se tornaram altos demais, Matheus reiniciou a trilha pelo meu abdome, fazendo o caminho inverso. Percorreu a virilha e atravessou minha pele até atingir os dois montes carnudos, encimados por picos sedentos.

Dessa vez, abocanhou um e, em seguida, o outro. Sugava devagar, alternando entre os mamilos e aplicando a força necessária para me fazer estremecer sob os músculos que se estendiam sobre mim.

Gemendo e bagunçando seu cabelo, entrecruzei as pernas em suas costas.

Apalpando e beijando minha carne, ele se despediu dos meus peitos e foi subindo, lambendo minha garganta e meu queixo até capturar minha boca, aprisionando-a em um beijo faminto.

Liberei um chiado repleto de luxúria quando o membro rígido feito aço escorregou com facilidade, pulsando contra as minhas paredes internas.

O preenchimento inicial era a perfeita definição de completude. Nada se igualava àquilo.

Agarrei suas costas, deleitando-me com a metida seguinte, que roubou meu fôlego e meus sentidos.

Movendo-se rapidamente, ele logo começou a estocar, enclausurando meus gemidos e afundando os dedos em minhas coxas.

— Tá gostoso, safada? — murmurou, mordendo meu lábio.

— Uhum.. — balbuciei, fincando as unhas nas duas montanhas que ditavam o ritmo das investidas.

— Então toma mais rola. — Ele enterrou com força, me fazendo arfar.

Continuou surrando minha boceta, chocando a pélvis contra a minha e colando o saco na minha bunda.

Os sons me deixavam mais escorregadia, e as estocadas rudes e vigorosas, mais escandalosa.

— Geme mais, safada. Eu quero ouvir você gritando. — Matheus tirou o pau e me colocou de quatro.

Desferiu um tapa, que incendiou a região castigada.

Cravando a palma na carne ardida, entrou com tudo, indo até o fundo.

Dei uma mexida, acomodando a extensão e me deliciando com a espessura.

Juntando meu cabelo no punho, ele mordeu meu pescoço.

— Vou te foder do jeito que você gosta, e quero ver essa boceta gostosa encharcando meu pau, entendeu? — A voz autoritária e o puxão na nuca liberaram um intenso fluxo de fluidos.

Rebolei em resposta, e ele gemeu, pressionando a boca em minha orelha.

Então, traçou uma linha de chupões pelas minhas costas e começou a me comer sem piedade, distribuindo tapas e apertões enquanto me enchia de pica.

O ardor dos golpes certos e a submissão, misturados à sensação do cacete atolado, deslizando sem descanso, me fizeram gozar em poucos minutos.

Quando o clímax me atingiu, eu estava de bruços, rebolando loucamente e ouvindo as sacanagens que ele soprava em meu ouvido.

Entregue ao arroubo do orgasmo, continuei deitada, enquanto ele vertia beijos suaves em minha espinha, subindo até alcançar meu ombro.

Matheus se deitou ao meu lado, e eu me obriguei a erguer as pálpebras pesadas.

Ao abrir os olhos, deparei-me com duas lagoas translúcidas, de águas verde-azuladas.

— Eu te amo. — Minha voz grogue ecoou no quarto silencioso.

— Eu sei. — Um sorriso travesso ergueu o canto direito dos lábios que eu tanto amava.

Meu nível de torpor era tão elevado que nem consegui recriminá-lo pela presunção. Fechei os olhos por alguns segundos, suspirando e exalando o ar preso nos pulmões.

— Tá pronto pro seu prêmio? — Separei os cílios e focalizei o rosto pertinho do meu, inalando a deliciosa mistura de suor, xampu e sabonete que o corpo masculino exalava.

— Este é o meu segredo, capitã: eu tô sempre pronto. — Ele deu uma piscada. — Mas descansa, depois a gente continua. — Ajeitou uma mecha do meu cabelo.

— Tá — concordei, porque, mesmo se quisesse, não conseguiria mover um músculo. — Só dois minutinhos.

— Dois minutinhos — ele repetiu, beijando minha testa.

Entreguei-me à languidez dos membros lassos, aceitando de bom grado as boas-vindas da sonolência.

Não sei quanto tempo dormi, mas acordei sentindo um calor gostoso abaixo da coluna.

O sono foi se esvaindo, e a consciência me atingiu. Emiti um rumor de puro prazer ao me dar conta de que a boca de Matheus explorava as duas colinas arredondadas que ficavam logo após a minha lombar.

— Tem mais de meia hora que eu tô batendo punheta sem gozar, admirando a sua bunda. Desculpa te acordar, Gi, mas é que as minhas bolas...

— Eu dormi isso tudo? — Bruscamente, movi o pescoço para vê-lo.

Ele assentiu, posicionando-se sobre as minhas coxas.

Abri um sorriso safado, e Matheus umedeceu os lábios, abrindo o tubo que já estava na mão dele.

— Desculpa por eu ter dormido tanto, paixão. — Não contive o riso.

— Não tem problema, Gi. Você me atrasou, mas agora eu vou atrasar sua janta.

— Que horror, Matheus! — Dei uma risada.

Rindo, ele lambuzou os dedos de lubrificante e besuntou a fenda entre as duas metades.

Então, preparou-se para entrar.

— Vai devagar, pelo amor de Deus — pedi, antecipando a dor.

— Tá. — Os olhos dele brilhavam de ansiedade e excitação.

— Matheus, é sério. Você tá fazendo cara de quem vai meter até o talo, de uma vez só.

Ele soltou uma gargalhada.

— Sofia, para de me fazer rir na hora do meu grande momento.

— Não é o seu momento que é grande, Miyake. É a perna que você quer enfiar no meu cu!

Ele teve uma crise de riso.

— Sofia, eu fiquei te atrapalhando na sua vez? Para de tentar foder minha transa!

— Tá, vai logo. — Ajeitei-me no colchão, preparando o psicológico para a batalha.

Não que fosse extremamente doloroso. Se fosse, eu não faria. Mas o início era uma prova de fogo. Às vezes, dava vontade de desistir, mesmo sabendo que a coisa melhoraria até se transformar em algo maravilhoso.

Abrindo as duas partes, instalou o cacete no meio. A cabeça maciça e volumosa pressionou minha porta de saída. Como eu não era uma novata na arte de dar o cu, recebi o espaçoso visitante relaxando bem as pregas.

O topo começou a entrar, e Matheus gemeu alto. Empurrei a bunda, estimulada pelo som afrodisíaco que se alastrou pelo quarto.

Doeu pra caramba. Precisei trincar os dentes.

Ele entrou mais um pouco, urrando de prazer. Os ruídos que produzia me deixavam ridiculamente excitada, e o tesão mascarava a dor.

Logo, a terceira perna estava completamente enfiada.

Gemendo, Matheus saiu e entrou de novo, devagar. Gradativamente, aumentou a velocidade, até estar metendo com força.

Eu gritava e gemia junto com ele, pouco me importando com quem poderia estar nos escutando. Simplesmente, não dava para evitar. Era gostoso demais.

— Eu quero que você encha esse rabo de porra, cachorro — provoquei, rebolando e olhando sobre o ombro.

O ar perpassou seus dentes, e ele meteu múltiplas vezes, as coxas esparramadas no colchão, as mãos comprimindo minha cintura.

Rugiu de repente, derramando-se por completo. Como adorava vê-lo gozando, virei o pescoço a tempo de testemunhar a cabeça sendo jogada para trás e a libertação fugindo pela garganta, em uma mistura de ar e urros selvagens.

Contemplando o peitoral definido, apreciei a bela camada de suor que fazia os músculos reluzirem.

Não havia nada melhor que admirá-lo no ápice do êxtase enquanto suas veias latejavam dentro de mim.

Instantes depois, estávamos embotados nas cobertas, nos beijando e desfrutando do calor entre nossos corpos.

Como precisávamos descansar para voltar à estrada, nem nos demos o trabalho de tomar outro banho. Adormecemos do jeito que estávamos, plenos e satisfeitos.

Sonhos maravilhosos, que envolviam Matheus, unicórnios de estimação e uma família feliz, habitaram minha mente pelas próximas horas.

Eu só não fazia ideia de que, na manhã seguinte, uma simples ligação transformaria a minha vida em um pesadelo.



# 42

## O TELEFONE

“(...) chama sem parar”.  
*Não Ter* — Sandy & Júnior

### SOFIA

Era lindo.

Disparava livre pelo campo florido e verdejante.

O pelo branco cintilava, emitindo reflexos rosados e azulados.

O chifre brilhoso cortava o vento, a crina colorida oscilava e a longa cauda lisa balançava todas as cores do arco-íris no ar.

Eu estava admirando o galope entusiasmado de Yasmin, meu unicórnio de estimação, quando um súbito ruído insistente começou a repercutir em meus ouvidos.

Alguma coisa parecia vibrar.

À medida que o som foi se tornando mais intenso, minha consciência foi se assentando.

As pálpebras pesadas abriram-se, e o sonho evaporou-se.

Pisquei algumas vezes, acostumando os olhos à claridade que escoava pela janela.

Lançando um olhar ao móvel que ficava ao meu lado, notei que meu celular ainda dormia.

— Matheus... Seu telefone... — Palavras engroladas e sonolentas escaparam da minha boca. — Paixão... Atende... — Virei o pescoço e me dei conta de que estava sozinha na cama. No mesmo instante, identifiquei o barulho do chuveiro ligado.

Estiquei o braço e agarrei o monstro berrante. Ia colocá-lo no silencioso e voltar para o meu sonho. Matheus poderia retornar a ligação em alguns minutos, após sair do banho.

Meu dedo estava prestes a calar o celular de uma vez por todas quando um alarme piscou em minha mente.

Sabe quando seus olhos veem alguma coisa importante, mas não enxergam? Nesses casos, o cérebro geralmente avisa: “tem alguma coisa aí, hein? Olha de novo”.

Foi o que eu fiz. Obriguei minhas vistas preguiçosas a encararem o visor.

Assim que identifiquei o nome que aparecia na tela, sentei-me bruscamente, com o coração aos pulos.

Algo me dizia que não era uma boa ideia atender. O certo seria aguardar o retorno de Matheus e perguntar por que aquela mulher estava ligando para o celular dele, já que estava careca de saber que ele tinha uma noiva. Mas o impulso foi tão forte que não me detive.

— Alô? — No auge da fúria descomedida, nem sei como não atendi berrando um “posso saber o que você quer com o meu noivo?”.

— Eu gostaria de falar com Henrique. Passa o telefone pra ele. — O tom imperativo e o “Henrique” me fizeram trincar os dentes, de tanto ódio.

— Como você sabe, aqui é a noiva dele. Pode falar que eu passo o seu recado, querida. — Uma volumosa espuma de raiva começou a escorrer pelo meu queixo.

— Sabe o que é, querida? — A voz me irritava tanto que eu estava quase destruindo o aparelho com a força dos dedos. — Meu assunto com ele é pessoal, não é da sua conta. Além disso, acho que você não vai gostar de passar esse recado. Prefiro falar com Rick.

Rick? Eu ia matar aquela cretina! E, depois, ia trucidar Matheus!

Como ele deixava aquela puta chamá-lo de “Rick”? Eu ia dar a ele o que ele queria: Morty!

— Escuta aqui, sua vagabunda! — Eu tinha chegado ao meu limite.

— Escuta aqui você! — ela me interrompeu. — Eu estou grávida do seu noivinho, sabia? Pergunta pra ele como foi a nossa transa deliciosa na piscina do prédio! E fala pra ele que eu ligo depois, pra gente acertar os valores da pensão! Beijos, querida! — E desligou na minha cara.

Imediatamente, os segundos congelaram-se.

Fiquei inerte, assimilando aquilo e suportando o impacto do golpe inesperado.

Nenhum objeto sólido e maciço se chocou contra mim. Não me desmanchei tijolo a tijolo. Não me desintegrei com uma súbita explosão. Como um prédio implodido, desabei de uma vez só, rápida e completamente.

Transformada em destroços, pisquei, descongelando o tempo.

Minha mão começou a escorregar da orelha. O celular foi parar no meu colo, e eu mal respirava enquanto as palavras ecoavam em minha mente, de novo e de novo, as frases se repetindo como se saíssem de um gravador amaldiçoado.

— Bom dia, paixão! — Matheus saiu do banheiro todo sorridente, com uma toalha enrolada na cintura.

Sentou-se na cama e esticou o torso na minha direção. Os lábios cálidos tocaram minha bochecha, e eu me afastei, limpando a pele e o encarando com todo o desprezo do mundo.

— Gi, o que foi? — Um vinco se formou em sua testa, e o rosto inteiro adquiriu feições confusas e preocupadas.

— Parabéns! — Um sorriso ensandecido dominou minha boca, embora eu estivesse à beira das lágrimas. — Você vai ser pai!

— Puta merda! Você tá grávida? — Os olhos oblíquos quase pularam no colchão, mas ele sorria amplamente, me mostrando uma expressão extasiada.

Não pude conter o choro convulsivo que estremeceu cada fibra do meu ser. Afundei o rosto nas mãos, entregando-me aos soluços e às lágrimas desenfreadas.

— Gi, não chora... — Matheus se aproximou, envolvendo meu corpo. — Eu sei que tá muito cedo pra gente ter filhos e que posso contar nos dedos as vezes que segurei um bebê, mas prometo que vou ser o melhor pai do mundo. Você não vai fazer nada sozinha. Eu vou estar sempre ao seu lado, para sempre. — Ele beijou minha têmpora, e eu tentei falar, tentei arrancar as palavras da garganta constrita, mas só o que saía era o eco do meu choro incontrolável. — Ela vai ser linda e minúscula... — Ele acariciou meu cabelo, usando um tom sonhador que dilacerou meu peito. — Nossa filha vai ser um lindo filhotinho de girafa, com uma cabecinha dourada, enormes pedacinhos de céu no lugar dos olhos, uma boquinha perfeita em formato de coração e um sorrisinho banguela, que vai se esticar todo quando o papai fizer cócegas em seu corpinho miúdo...

Não consegui. Era demais para mim. Saí de seu abraço e, chorando como se nunca mais fosse capaz de parar, corri tropeadamente até o banheiro.

— Sofia!?! — Matheus alcançou a porta assim que eu a tranquei, escorregando o corpo na madeira até tombar deploravelmente no chão.

Deixei a enxurrada de sentimentos horríveis jorrar e transbordar pelos meus olhos enquanto ele batia, me pedindo para abrir, dizendo que tudo ia ficar bem.

Não ia ficar bem. Nada ia ficar bem de novo. Uma simples ligação tinha sido capaz de transformar a

minha vida em um pesadelo.

Literalmente, porque, no meio daquele caos, eu acordei.

Meus olhos fitaram o teto, e o ventilador de pás enferrujadas me encarou de volta.

Sabe quando você tem um sonho ruim e desperta no meio dele completamente aérea, sem saber ao certo se aconteceu?

Acordei amargurada, com a certeza de que tudo estava perdido.

De olhos abertos, e sentindo as lágrimas escorrendo pelas laterais do meu rosto, levei alguns segundos para me situar e compreender que nada daquilo havia acontecido no mundo real. Tinha sido um sonho. Apenas um sonho terrível.

Quando me dei conta disso, expulsei o ar carregado dos pulmões.

Depois de expelir a tristeza e o desalento, inspirei profundamente, inalando alívio e gratidão.

Olhei para o lado e encontrei a cama vazia.

A sensação de *déjà vu* me acertou em cheio.

Sentei-me de súbito, com medo de não estar realmente acordada.

E se aquilo fosse um sonho dentro de um sonho? Eu tinha visto A Origem e sabia muito bem que era possível. Tanto que eu tinha sonhado com um unicórnio durante o pesadelo!

Para todos os efeitos, aquele podia ser o terceiro sonho consecutivo!

— Matheus! — gritei, mas não obtive resposta.

O silêncio reinava no quarto, o que significava que o chuveiro estava desligado. Se ele não estava no banheiro, tinha descido por algum motivo. E, se tinha descido, tinha deixado um bilhete. E, se tinha deixado um bilhete, aquilo era a vida real.

Tudo bem que o fato de deixar recadinhos lindos fazia com que ele parecesse um homem dos sonhos. Mas minha mente não seria capaz de criar um bilhete *miyakiano* que fosse divertido e fofo que nem os originais. Logo, se encontrasse algum, eu podia ter certeza de que estava acordada!

Mais que depressa, comecei a procurar a prova concreta de que eu não estava sonhando.

Em segundos, achei um pedaço de papel dobrado sobre os lençóis.

Soltei um gritinho contente e desdobrei a folha. Nunca fiquei tão feliz ao ver a caligrafia que eu conhecia tão bem.

***Bom dia, Gi!***

***O papacu-da-cabeça-vermelha  
e eu fomos buscar o café da manhã!***

***Voltamos logo!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Te amamos!***

***Com amor,***

***o homem que ama comer seu cu  
e o papacu, que não vê a hora de comer de novo.***

Felizmente, minha vida ainda era um conto de fadas, e meu príncipe era um safado que adorava me visitar pela porta dos fundos.



Rindo, eu me levantei, calçando os chinelos. Estava tão aliviada que praticamente flutuei até a mala, onde guardei o bilhete e de onde tirei uma peça de roupa e meus itens de higiene pessoal.

Fui direto para o banheiro e, depois de tomar um banho rápido, comecei a escovar os dentes. Estava terminando quando ouvi o som de chamada do meu celular.

Castiguei a pia com uma cuspada brusca, enxuguei a boca e corri para o quarto.

O retângulo compacto piscava sobre o criado-mudo. Agarrei o aparelho e relanceei o visor. Deslizei o dedo na tela e coloquei o telefone no ouvido.

— Isso são horas de ligar pros outros, Maria Eduarda?

— São quase dez horas! Você estava dormindo? — grasnou, quase estourando meus tímpanos. — E as criancinhas com catapora e bronquite, quem tá cuidando delas? Ninguém? — dramatizou. — Meu Deus, Sofia, você é um monstro!

— Hoje é feriado em Príncipe Serrano, idiota. — O riso se juntou a um bocejo, que ameaçou me desintegrar.

— *Huuuummmm...* Então você tá só no *love* com o Chatão, né, safada?

— Duda, quantas vezes eu vou ter que te falar que só eu posso chamar Matheus de “Chatão”?

Ela deu uma risada.

— E quantas vezes eu vou ter que te falar pra sossegar o cu, Sofia? O fato de Matheus ser esse deus grego magnífico não significa que eu quero ele pra mim.

— Duda, quantas vezes eu vou ter que te falar que você corre o sério perigo de perder todos os cachos da cabeça ao chamar meu noivo de “deus grego magnífico”?

Ele riu ainda mais alto.

— E quantas vezes eu vou ter que te falar que Matheus pode até ser um deus grego magnífico, mas Igor é um deus grego supremo?

Foi a minha vez de rir.

— Só se for nos seus sonhos! Igor é, no máximo, bonitinho. Matheus é a quinta-essência da beleza masculina.

Ela gargalhou.

— O amor é cego mesmo. Igor dá de mil em Matheus!

Tive uma crise de riso.

— Não chega nem aos pés!

— Você viu a foto nova que eu te mandei ontem à noite?

— Não. Estava muito ocupada, se é que você me entende — provoquei.

— Vaca.

Soltei uma gargalhada.

— Pois ele postou uma foto sem camisa — ela continuou. — Você precisa ver que delícia!

Após o nosso reencontro na fazenda, Duda iniciara uma incansável busca por Igor nas redes sociais. Não que ela não tivesse ido à caça antes. Passara os últimos anos tentando encontrá-lo, sem sucesso. Tudo porque procurava por “Igor Varella”. E, quando me reencontrou, foi o que ela digitou novamente nos campos de buscas das mais variadas redes sociais, na esperança de, enfim, encontrá-lo. Não conseguiu.

Eu nunca esqueci o nome completo de Matheus. Mas Duda não se lembrava, de jeito nenhum, qual era o de Igor. Porém, o desejo de reencontrá-lo estava novamente aceso, e não permitiu que a falta da informação e as tentativas fracassadas esmorecessem seu ânimo.

Confiante, ela decidiu que precisava iniciar uma investigação mais minuciosa. Assim, foi até a Escola Fada Azul, onde fizemos o pré-escolar.

Conversou com a filha da antiga diretora, que havia substituído a mãe na direção do educandário, e inventou que tinha o propósito de fazer um reencontro de turma.

Depois de explicar suas supostas boas intenções e de comprovar que havia estudado lá, conseguiu a lista de alunos da nossa sala (dizem que os homens fazem tudo por boceta. Mas, convenhamos, o que a gente não faz pela possibilidade de montar numa bela rola?).

Igor Del Toro Varella era o décimo oitavo nome, e foi digitando “Igor Del Toro” e procurando dentre os resultados que ela finalmente o encontrou.

Como ficou receosa de se apresentar como a ex-coleguinha do pré que, “por acaso”, esbarrou no perfil dele, lembrou quem ele era e decidiu adicioná-lo, Duda seguiu com a desculpa da festa, fingindo que ele era só mais um dos ex-colegas com quem ela entraria em contato.

Quando Igor se mostrou interessado, ela levou a ideia adiante. Então, começou a procurar os demais na Internet.

Assim que encontrou e conversou com as mais de trinta pessoas, ligou para mim, minutos antes de Matheus receber a fatídica ligação de Marina, contando o que havia acontecido com o pai deles.

Naquele dia, eu disse a Maria Eduarda que ligaria de volta, mas, por causa da tragédia, acabei me esquecendo.

Dias após o acidente, ela retornou, a fim de confirmar nossa presença. Quando expliquei a situação, dizendo que não poderíamos comparecer, ela disse que não teria graça nenhuma se a gente não fosse. E resolveu adiar a festa até que pudéssemos ir.

Deixei claro que não sabia quando o pai de Matheus ficaria bem. Tentei me livrar de todas as formas possíveis, mas não teve jeito. Praticamente todos os dias ela me ligava para se informar, e a gente acabava conversando sobre outras coisas.

Duda era engraçada, tagarela e meio maluca. A gente se dava tão bem que acabei me lembrando por que costumávamos ser melhores amigas na infância.

Nossa reaproximação logo reatou a amizade. Os papos eram outros, mas parecia que nunca tínhamos nos distanciado.

Assim que Eduardo saiu do coma, ela ficou sabendo. E, desde então, estava se dedicando aos preparativos finais da festa. Tivera um tempo considerável para planejar e decidira que, em vez de uma reunião casual, organizaria um evento sofisticado. Prepararia algo, nas palavras dela, épico: um baile de máscaras.

Como trabalhava no setor fotográfico de uma grande empresa especializada em casamentos e outros eventos, Duda entendia bastante de festas e podia contar com uma vasta gama de salões, decoradores e *buffets*, tudo com descontos especiais.

A maioria dos nossos ex-colegas já havia concordado com o baile e com a contribuição financeira decorrente. E, segundo Maria Eduarda, estavam todos bastante entusiasmados com a mudança de planos.

É claro que eu tinha odiado a ideia. Tudo o que eu não queria era que Matheus exibisse todos os contornos daquele corpo maravilhoso em um traje de gala, para a livre apreciação alheia. Mas, como o reencontro havia sido adiado por nossa causa, não podíamos simplesmente dizer que não íamos participar. Além disso, Duda e eu tínhamos ficado amigas de novo. Por mais que eu não quisesse ir, não podia deixá-la na mão e, também, não queria perder seu grande reencontro com Igor.

— Eu já tinha fuçado todos os álbuns, e não tinha nenhuma foto dele sem camisa — ela prosseguiu, suspirando do outro lado da linha. — Na verdade, ele quase não posta foto, o que deveria ser considerado um crime! Gente, homem gostoso devia ser obrigado por lei a postar umas cem fotos por dia! De preferência, pelado! Odeio quando acho um cara gato em alguma rede social, e o puto posta, tipo, uma foto a cada seis meses! É o cúmulo do egoísmo nascer tão bonito e não se expor pro mundo!

Dei uma risada, agradecendo mentalmente por Matheus ser dos que postam foto uma vez na vida e outra na morte — descobri isso dando uma fuçada nos perfis dele usando as contas de Ana. Passei uma raivinha básica lendo certos comentários? Passei. Tive vontade de cometer uns assassinatos? Tive. Mas tudo bem. O que importa é que o papacu-da-cabeça-vermelha é meu, não daquelas ridículas.

— Enfim... Igor postou essa foto sem camisa ontem, e eu quase tive um piripaque! — Duda berrou no meu ouvido. — Como ele tem coragem de privar a humanidade de se deliciar com imagens diárias daquela obra-prima que ele chama de corpo? E o melhor foi o volume no short! Souf de Deus, dá pra ver que é bem-dotado. Já quero! Se bobear, pego na festa mesmo!

— Ah, tá! Duvido que você vai ficar com Igor na festa! Você nem tem coragem de puxar assunto com ele na Internet, Maria Eduarda! — acusei, indignada.

Tirando a ocasião do convite inicial e as raras interações no grupo criado para discutir os detalhes do evento, ela nunca tinha conversado com ele. Nem na infância. Na época, nutria uma paixõzinha infantil, bem platônica, daquelas que a menina acha o menino bonitinho, mas morre de vergonha de chegar perto dele ou de falar com ele.

— Não puxei assunto ainda porque... — começou a se explicar. — Igor tem uma aura meio mágica, sabe? Ele costumava ser meu príncipe encantado, foi o primeiro menino de quem eu gostei e tal. Meio que não dá pra eu puxar assunto sem estar totalmente pronta. Preciso me preparar!

— Duda, você já tá há uns dois meses se preparando. E, se ainda tá com vergonha, imagina cara a cara! Aproveita que ele não tá te vendo e bate um papinho de leve, porque, no dia da festa, vai ser bem mais fácil se aproximar se você já tiver quebrado o gelo antes — lecionei.

— Eu sei — ela expirou, frustrada. — Mas não consigo! Sempre que começo a digitar alguma coisa pra ele, passo mal. Fico suando frio, minhas mãos tremem e me dá uma dor de barriga daquelas! Começo sentada diante do computador e termino sentada no vaso! Pra conseguir falar da festa, tive que fazer uma chuva!

Soltei uma risada estrondosa.

— Para de rir, vaca! Não foi pra rir das minhas desgraças que eu te liguei!

— Foi pra quê, então? — Limpei o canto do olho, ainda rindo.

— Foi pra você me ajudar a escolher o cílio postiço que eu vou usar.

— O cílio postiço, Duda? Sério? — Não contive o riso.

— É que tem vários modelos aqui na loja. Nunca usei esse treco, mas acho que a máscara que eu vou usar no baile pede uns *cilhões* estilo *drag*. Só que eu não tô sabendo escolher essa bosta. E a vendedora me indicou um que não tem condições. Quase duzentos contos, fora a cola! Dei um perdido nessa louca e vim te ligar aqui na calçada. Me indica aí um mais baratinho. De preferência, um *xing ling* que me deixe com cara de rica.

Tive que gargalhar.

— Anda logo, Sofia! Não tenho o dia inteiro! Tenho um *freela* marcado pra daqui a pouco. Vou fazer um *newborn*.

— Hã? Você vai fazer um recém-nascido? — Dei uma risada.

— Não, anta. Vou tirar fotos de um recém-nascido.

— Anta é a sua avó! — retruquei.

— Só porque você xingou vovó, não vou fazer os ensaios fotográficos dos seus bebês! — ela ameaçou.

— Não sei que bebês!

— Os que você vai nomear em homenagem à melhor amiga e ao avô das crianças. Eduarda e Eduardo! Dudinha e Dudu! — Ela gargalhou.

— Não pretendo matar papai do coração, sua louca — falei, rindo. — Agora, para de falar besteira e presta atenção nas marcas de cílios que eu vou dizer. São boas e baratas.

Assim que terminei de indicar, ela se despediu e desligou.

Instantes depois, ouvi o rangido da porta. Virei o pescoço e me deparei com uma criatura divina, usando calça jeans e camiseta azul-acinzentada.

O negror do cabelo denso e úmido contrastava com os tons claros que cobriam o corpo alto e esguio, repleto de músculos bem distribuídos.

— Bom dia, Gi! — Um sorriso radiante expôs duas fileiras de dentes lindos.

— Bom dia... — Suspirei, enquanto ele caminhava e colocava a bandeja sobre o criado.

Assim que se aproximou para me beijar, eu o puxei, e seu corpo pesado e deliciosamente cheiroso cobriu o meu.

Então, durante o beijo, eu me dei conta de que ele tinha demorado demais.

— Posso saber onde o senhor estava? — perguntei, afastando a cabeça.

— Batendo papo com três mulheres simpáticas que encontrei na cantina. — Ele teve o descaramento de dizer.

— Matheus, eu não tô boa com você, sabia? Tive um pesadelo horrível, e acho bom você não piorar minha ira! — Dei um tapa no braço dele.

— Tô brincando... — Ele começou a beijar meu pescoço. — Demorei por causa daquele velho desgraçado, que queria me extorquir só porque você é uma girafinha escandalosa demais e acordou o hotel inteiro ontem.

— Eu, né? — Soltei um gemido quando a língua deslizou pelo meu queixo até a boca quente pousar na minha.

— Que pesadelo foi esse? — murmurou, mordendo meu lábio.

— Depois eu te conto. — Foi a última coisa que eu disse antes de ser arrebatada por um beijo de tirar o fôlego.

Algumas horas depois, estávamos no nosso apartamento. Passamos a tarde inteira deitados, embolados em nossos corpos e cobertos. À noite, saímos para jantar.

Na terça-feira de manhã, a rotina recomeçou.

A semana passou rápido. Os sete dias seguintes, também.

E, então, chegou a grande noite do baile de máscaras.

É claro que eu sabia que aquilo tinha tudo para dar errado. Só não fazia ideia de que, no dia seguinte, acordaria ao lado de outro homem.



# 43

TRAZ DE VOLTA

“(...) essa menina, porque tudo o que eu tenho é o seu amor”.

*João De Barro* — Leandro Léo

## MATHEUS

Era sexta-feira, véspera do baile, e Sofia e eu estávamos na casa dos meus pais. Meus sogros, Marina e Felipe, também.

Minha mãe convidara os Theloni para um jantar em comemoração à saída do velho do hospital. Foi a primeira vez que nos reunimos oficialmente, como a família que seríamos dali em diante.

Por incrível que pareça, o *Ragnarök*, esperado por meu pai, não aconteceu. O acidente dele colocara tudo em *stand by* e dera a Plínio um bom tempo para se acostumar à súbita invasão dos Miyake.

Durante o jantar, os velhos pirraçavam um ao outro o tempo inteiro, sempre em tom de zoação, dizendo coisas como:

— Novembro tá aí, Eduardo. É bom ir pensando no exame de próstata deste ano. Aparece lá no hospital que eu enfio o dedo no seu rabo. De graça, Miyake. Aproveita.

— Meu Deus, Plínio! Você enfia o dedo nos seus pacientes? Por que não começa a enfiar o pinto, já que é do mesmo tamanho?

Minha mãe e Susanne conversavam sobre nossos supostos enxovais e futuros filhos como se fossem amigas de longa data:

— Seria tão lindo se Marina e Sofia ficassem grávidas ao mesmo tempo, né, Suze?

— Seria maravilhoso! Mari e Lipe podiam ter uma menina, e Matheus e Sofia, um menino de cabelinho escuro! Ai, não vejo a hora de a gente sair juntas para comprar roupinhas, Milena!

O delicado assunto “meu pai comeu minha sogra” não surgiu em nenhum momento.

Tudo fluía bem, até Felipe abrir a boca:

— E o baile, Souf? Vocês já decidiram o que fazer com os convites extras?

— Já, mas, se você e Marina tiverem mudado de ideia, posso ver se consigo mais dois. — Minha noiva se dirigiu ao casal.

— Perguntei por perguntar. Mari e eu já temos planos para amanhã, né, meu amor? — O desgraçado mostrou um sorriso malicioso enquanto acariciava os cabelos de minha irmã.

Susanne suspirou, observando os dois como se aquilo fizesse parte do roteiro de uma cena melosa, quando, na verdade, parecia mais um filme de terror.

— Posso saber que planos são esses, Felipe? — Meu pai fitou o genro.

— Claro, Miyakão. — O puto já estava todo folgado com o sogro. — Mari e eu vamos pernoitar no *Mamma*.

Meu pai meneou a cabeça, em um inegável gesto de aprovação.

— Boa escolha. É um dos melhores motéis da cidade. A gente gosta bastante de lá, né, Mi? — Lançou um olhar para minha mãe, que assentiu sorrindo, sem sequer ter a decência de se mostrar constrangida.

O sogrão arregalou os olhos, impressionado com a postura relaxada do velho. Para ele, que tinha perseguido a própria filha até o motel, no intuito de impedi-la de entrar, a atitude de meu pai devia ser a coisa mais absurda do mundo.

— Tá vendo, pai? — Felipe encarou o genitor. — Isso é que é ser um bom sogro! Miyakão, você é o melhor de todos, cara! — Bateu nas costas do meu velho.

Plínio observou aquilo como se o caçula tivesse acabado de enfiar uma adaga em seu peito paterno.

— É fácil ser o melhor sogro quando se tem o melhor genro, Felipe. — Meu pai deu dois toques no ombro do desgraçado.

Como sou maduro, não me importei com a precipitada intimidade dos dois.

E daí que o meu próprio pai estava tratando o genro, a quem conhecia há pouco mais de duas semanas, como a um filho?

O que mais me deixava puto — tá, eu assumo que estava puto! — era o fato de que ele não suportava Renato. Sempre o tratou com educação e até jogava bola com ele, mas nunca foi muito com a cara do sujeito. E, com Felipe, a conexão foi instantânea. O velho ainda estava no leito do hospital quando declarou que Marina não poderia ter escolhido um namorado melhor. Desde então, os dois viviam de papo, feito duas comadres, rindo e fazendo graça.

Plínio também não estava satisfeito. De traídas, suas feições mudaram para furiosas.

— *Eu* — frisou — sou o melhor sogro! E você não vai roubar meu filho, ladrão! — Apontou o garfo ameaçadoramente, fuzilando meu pai.

— Fica tranquilo, sogrão, eu estou aqui, e o posto de melhor sogro é e sempre vai ser seu. — Apoiei a palma em suas costas, com a deliberada intenção de enfurecer Felipe.

— Isso, pai, deixa esse puxa-saco do caralho lambar seu cu! — ele rosnou.

— Que nem você tá fazendo com as bolas do meu pai? — devolvi, triunfante.

— Felipe, deixa de criancice. — Susanne censurou o filho. — E você também, Plínio. — Olhou para o marido.

— E você também, Matheus. — Sofia e minha mãe falaram juntas, só que minha progenitora me chamou de “Henrique”.

Felipe me mostrou o dedo, fingindo que estava coçando o nariz. Fiz o mesmo, simulando uma repentina coceira na testa.

— Dois idiotas. — Marina deu uma risada, abocanhando um pedaço de filé à parmegiana. — Eles fariam a gente passar vergonha no seu baile, Sofia — emendou, sem se dar ao trabalho de engolir. — Ainda bem que não vou. — Deu fim à carne e pegou a taça. — Falando nisso... — Tomou um gole de vinho. — E seu vestido, já ficou pronto?

— Ainda não. Faltam os ajustes finais. Mas fui ao ateliê hoje à tarde, e está ficando lindo! A máscara, também! — Minha noiva se entusiasmou.

— Um baile de máscaras? — Susanne indagou. — Por que eu não estou sabendo disso, Sofia? E esse vestido, que eu não dei opinião nenhuma? E por que eu não fui convidada pra essa festa? Você está excluindo a própria mãe da sua vida, é isso? — Levou uma mão indignada à gola da blusa.

— Ai, mamãe... — Sofia revirou os olhos, achando graça. — É um baile de reencontro da turma do pré. Eu contei que voltei a ser amiga de Duda, né?

— Isso você contou. — A entonação magoada não passou despercebida.

— Pois é, ela está organizando o evento — Sofia prosseguiu, fitando os pais. — Não convidei vocês porque só tenho um convite extra, que ofereci para Felipe, mas o ingrato não quis.

— Agora eu quero! E eu te dou meu convite, mãe! — Ele fez uma expressão que eu já conhecia bem,

porque sempre antecedia as provocações que o sacana costumava fazer. — E você dá o seu pro seu pai, Mari — sussurrou, de modo que todos ouvissem.

Plínio, que estava tomando um gole de um dos melhores vinhos da adega de meu pai, engasgou com a bebida. Susanne precisou socorrer o marido, dando-lhe tapas sucessivos nas costas.

Eu não queria rir, mas não pude refrear minhas risadas. Felipe tinha se transformado em um ladrão de pai, mas fazia as melhores zoeiras. Não dava para ficar puto com ele por muito tempo.

Quando a crise de tosse diminuiu, minha mãe decidiu piorar o tormento:

— Suze, eu te ajudo a escolher um vestido que combine com a gravata de Eduardo! — Ao ver o choque estampado no rosto de Plínio, ela caiu na risada, provocando em meu pai uma crise de riso.

— Você não vale nada, Mi. — Ele a puxou, beijando o topo de sua cabeça. — Embora seja a mulher mais preciosa do mundo.

Sorrindo, ela encostou os lábios nos dele, causando um rebuliço em meu estômago.

Desviei os olhos, concentrando-me em Plínio, que, finalmente, começava a se recompor.

— Fica tranquilo, Plinião. Prometo que busco e levo Susanne de volta para casa sã e salva — meu pai atçou, rindo.

— Eu devia ter desligado seus aparelhos quando tive a chance, Miyake. — Ele ajeitou a posição na cadeira.

— Em vez disso, aproveitou meu estado de inconsciência para dar uma conferida nas minhas partes íntimas. Você sabia disso, Susanne? — O velho dedurou.

Minha sogra encarou o marido, abismada. Lipe usou os olhos arregalados para perguntar ao pai se ele realmente havia feito aquilo.

— É mentira dele! Desmente essa porra, Eduardo! — A expressão continha um misto de fúria e súplica.

— Relaxa, Theloni, eles sabem que eu tô zoando. — Riu, retrocedendo na decisão de revelar a verdade.

Os dois trocaram um olhar significativo. O de Plínio transmitia um agradecimento forçado; o de meu pai, uma aquiescência divertida.

As interações entre os dois me davam uma espécie de satisfação. Era nítido que, apesar dos pesares, eles se davam bem. E isso, por algum motivo, me deixava feliz.

Assim que acabamos de comer, Nilce apareceu com a sobremesa. Era uma torta de morangos, que ela fizera a meu pedido. Trabalhava na casa dos meus pais há muitos anos e, em toda a minha vida, eu nunca tinha comido tortas tão boas quanto as que ela fazia — nem as da minha mãe, mas não conte isso a ela.

Quando a enorme travessa foi depositada sobre a mesa, os olhos de Sofia reluziram, como eu havia previsto. A superfície vermelha e brilhante parecia hipnotizá-la.

— Vê se não exagera dessa vez, leitoazinha — brinquei, sussurrando em seu ouvido. — Quero você de quatro daqui a pouco.

— Pode esquecer. Hoje eu vou encher o bucho. Vem comigo, meu porcão. — Ela beijou minha bochecha e começou a se servir. — Prioridades, Matheus, prioridades... — Meneou a cabeça, cortando uma fatia generosa.

Achando graça, peguei um prato e me preparei para comer como se estivesse me despedindo do mundo. Por sorte, eu não precisaria dirigir após o jantar. Dormiríamos na casa dos meus pais, no meu antigo quarto.

E foi na minha cama que capotamos mais tarde, completamente empanturrados, abarrotados de moranguinhos de amor.

No dia seguinte, acordei e me dei conta de que estava sozinho.

Atordoado, sentei-me bruscamente, esquadrinhando o cômodo à procura de Sofia.

Não a encontrei, mas achei uma folha sobre o travesseiro.

Curioso, desdobrei o papel e, de imediato, reconheci a caligrafia praticamente ilegível de minha noiva. Precisei fazer um esforço do caralho para decifrar o que ela havia escrito.

***Bom dia, Chatão, dono do meu c...oração!***

***É a minha primeira vez escrevendo um bilhete desses, então não vai sair lá essas coisas, tá?  
Tô tentando fazer uma letra mais bonitinha, tá dando certo?***

— Não — respondi em voz alta, rindo sozinho.

***Eu sei que não, seu ridículo.***

***Acordei cedo porque tinha SPA marcado com Duda e Tíci. De lá, vamos ao shopping, comprar umas joias (já coloquei seu cartão na bolsa! Hahahahaha!).***

***Acho que vou almoçar na casa de tio Tito, porque, depois do almoço, vou ao salão com Tíci.***

***Preciso fazer as unhas, luzes, hidratação, escova, babylliss...***

***Ah! Não esquece de cortar o cabelo, já tá grandinho! É a única coisa que você precisa fazer, além de tomar banho e se vestir.***

***Falando nisso, passa na lavanderia e pega seu smoking. Deixei lá ontem. O papelzinho que me deram está em cima do criado.***

***Devo voltar no final do dia, depois de pegar meu vestido lindo e maravilhoso no ateliê. Se você notar um rombo na sua conta, não precisa se assustar. Foi o vestido, tá, paixão?***

***Hahahahahaha! Tô brincando, Miyake! Eu que paguei.***

***Tenta não morrer de saudade enquanto eu tenho meu dia de princesa!***

***Beijinhos no nariz!  
(e na cabeça vermelha)***

***Com todo o amor do mundo,***

***A Chatona, dona do seu c...oração (hahahahaha!).***

***P.S.: Acho que escrevi uma pequena carta! Desculpa! Mas, como você sabe, eu não tenho controle da minha própria boca e, descobri hoje, nem dos meus dedos!***

Só percebi que estava sorrindo feito um idiota quando, instantes depois, eu me deparei com meu reflexo imbecilizado no espelho do banheiro.

Podia ouvir Sofia proferindo cada uma daquelas palavras. E o eco de sua voz em minha mente bastou para que eu começasse a sentir sua falta antes mesmo de o dia começar.

Depois de tomar café com meus pais, decidi iniciar a manhã com uma corrida ao redor de uma lagoa próxima à casa dos velhos. Corri uns bons quilômetros antes de passar na barbearia que eu costumava frequentar em Arraial dos Anjos, para cortar o cabelo. Não porque Sofia tinha me dito para cortar. É que realmente estava precisando.

Voltei para a casa e fui direto para o chuveiro.

Tinha acabado de tomar banho quando Luisão me ligou:

— Matheusola, daqui a pouco vai rolar um churrascão aqui na minha laje. Vem pra cá, maluco. — Então, passou o endereço, dizendo que eu devia levar roupa de banho.

Avisei minha mãe que estava saindo e fui.

Chegando lá, descobri que a tal da laje era uma cobertura luxuosa, que contava com um terraço



imenso, onde uma gigantesca piscina de borda infinita parecia flutuar.

Apenas Ana, Isa e o gringo haviam chegado. Mas Luma e Teo não demoraram a aparecer. Minha irmã também foi, acompanhada por Felipe.

Logo, a piscina se transformou em uma espécie de motel aquático. Os casais ora nadavam, ora bebericavam suas cervejas e drinques. Mas o que mais faziam era trocar beijos nada discretos e apalpadas debaixo d'água. Se ninguém ali compartilhasse o sangue, aquilo teria, facilmente, virado uma orgia no melhor estilo *Sense8*.

Eu era o único desacompanhado. Estava me sentindo deslocado, completamente desconfortável. E puto, porque o desgraçado do Felipe não tinha a menor vergonha de beijar Marina na minha frente.

Então, saí da água, avisando que ia dar um tempo em uma das espreguiçadeiras. Assim que vesti a bermuda e me sentei, Tales chegou. Também foi sozinho, já que Letícia estava com minha noiva.

— Aí, Matheusola, agora *cê* tem um par, *mermão*! — Luís zoou, com Ana pendurada em seu pescoço. — Pula de volta! *Barbiezola* vai virar *Barbie* Sereia pra te dar uns pegas!

— Puta merda! Esqueci minha cauda! — Tales bateu na testa, estalando a língua. — Não vai dar pra entrar. O jeito vai ser pegar aqui fora mesmo, Luísa! — Caminhou até um dos barris espalhados pelo local e pescou duas *long necks* geladas. — E aí, gato? — Ocupou o assento ao lado do meu. — Você vem sempre aqui?

Dei uma risada e, rindo, ele me ofereceu uma das cervejas.

— Você não vai conseguir nada comigo assim, boneca — brinquei. — Eu não bebo.

Tales gargalhou, mas me olhou com descrença.

— Sério?

Assenti.

— Mas você já bebeu, né? — Colocou uma garrafa no chão, removendo a tampa da outra.

— Já, mas não sou muito fã.

— Faz bem pro coração. — Ele riu, levando o gargalo à boca. — E aí, como tá o dia sem Sofia?

— Normal — menti descaradamente.

O dia estava uma bosta, e eu não via a hora de ela voltar do maldito salão.

Tales deu uma risada.

— Tá uma merda, né?

— Por aí — confessei. — E o seu sem Letícia?

— Nem tô sentindo falta. — Ele deu de ombros, e eu não contive o riso diante da óbvia mentira. —

Cara, me explica uma coisa. Por que elas têm que passar um dia inteiro na porra do salão?

— Eu também queria saber — falei, inconformado.

Sofia era perfeita. Não precisava de salão!

— Letícia não precisa fazer nada naquele cabelo! — resmungou, igualmente aborrecido. — A culpa é toda sua, Matheus. Se não fosse esse baile, eu estaria transando agora.

Não pude refrear a gargalhada que escapou da minha garganta.

— Foi mal, cara. Mas eu precisava de alguém para enfrentar esse programa de índio junto comigo.

— Você é um filho da puta. — Ele bebeu outro gole de cerveja.

— Olha pelo lado bom, vai ter muita bebida de graça — ponderei.

— Não me deixa beber muito. — Desceu a garrafa, me fitando com seriedade. — Eu faço merda quando tô bêbado.

— Todo mundo faz merda quando está bêbado — observei.

— Você não está entendendo. Eu perco completamente a noção.

— Como assim? Você tira a roupa e dança na boquinha da garrafa? — sondei, rindo.

— Claro que não. Me respeita, cara, eu sou um capitão. — Isso me fez rir ainda mais.

— A primeira ninhada de gatos já tá assada! — Luisão berrou de repente, perto da churrasqueira,

erguendo dois espetos.

— Luís, você só tem essa sunga, porra? — Ana impulsionou o corpo e saiu da piscina.

— Que que tem minha sunguinha? — Ele olhou para baixo, fitando o tecido branco e molhado. — Ih, maluca, a naja tá toda aparecendo!

— Meninas, fechem os olhos! — ela ordenou, caminhando de costas até o noivo, a fim de tapá-lo, como se alguém quisesse ver aquela coisa ridícula.

Felizmente, minha visão foi obstruída antes de meus globos oculares começarem a sangrar.

— *Cês também, machaiada!* Não quero ninguém de olho na minha *Lovezona!* — Foi só quando ele disse isso que eu percebi que estava olhando diretamente para Ana. Não de modo deliberado, tanto que desviei os olhos assim que notei o quanto ela ficava... bem naquele biquíni.

— Só quem não tá de olho é Teo! — Lipe deu uma risada.

— Como é que é, Felipe? — Marina fuzilou o namorado.

— E eu! — ele completou. — Tá vendo, Mari? Você nem esperou eu molhar o bico! — Gargalhou.

— Ah, você queria molhar o bico? Deixa que eu molho pra você, palhaço! — A palma dela mergulhou na água, e o jato voou na cara dele.

Como estava rindo de boca aberta, Felipe engoliu um bocado e começou a tossir violentamente.

Tive uma crise de riso, e não fui o único. Tales até engasgou com a cerveja.

— Deve ter porra nessa água, Lipeta! — zoei, rindo feito um filho da puta.

— Tem mesmo, ladrão! A minha, da punheta que sua irmã bateu! — berrou, depois de se recuperar.

— Seu arrombado! Degustador de porra! — rosnei, ouvindo as risadas de todo mundo.

Marina ficou meio puta com ele um bom tempo, o que me deixou extremamente satisfeito.

As piadas e as risadas tão frequentes fizeram com que o dia passasse rápido.

Por volta das seis da tarde, decidi que era hora de ir embora.

Como sabia que ia beber, Tales tinha ido de táxi. Por isso, ofereci uma carona.

Assim que o deixei diante do prédio — perfeitamente sóbrio, pois tinha ingerido apenas uma garrafa de cerveja —, passei na lavanderia, peguei a roupa e voltei para a casa dos meus pais.

— Você tá mais bronzeado. — Foi a primeira coisa que minha mãe disse quando me viu. — Vai ficar um pecado nesse smoking. Sofiaaaaaaaaaa! Ele chegou!

Em segundos, minha noiva apareceu no topo da escada.

Quando a vi, meu coração descompassou, parou de bater por um segundo e voltou a pulsar no ritmo, sentindo-se completo pela primeira vez no dia.

— Isso são horas, Miyake? Eu espero que o senhor não tenha passado a tarde inteira de olho nas minhas primas de biquíni! — Estreitou os olhos, cruzando os braços e batendo o pé.

Deus, como eu estava com saudade dela. Mal via a hora de tirar aquele vestidinho curto.

— Eu só tenho olhos para você, paixão. — Dei uma piscada e comecei a subir os degraus. — Te amo. — Beijei-a, enlaçando-a com a mão livre ao alcançá-la.

— Henrique, seu pai e eu estamos indo para a casa do tio de Sofia. Fomos convidados para um jantar — minha mãe avisou, do corredor. — Podem fazer bastante barulho, já estamos de saída. — Ao ouvir seus passos se distanciando, puxei Sofia até o quarto.

Assim que entramos, tranquei a porta, pendurei a capa do smoking na maçaneta e agarrei sua cintura.

— Senti sua falta. — Minha boca trilhou seu pescoço, enquanto a mão puxava o zíper do vestido.

— Também senti a sua. — Um gemido acariciou meus ouvidos, e dedos suaves se perderam em meu cabelo.

Meus lábios tomaram os dela, e a língua pediu passagem, sem gentileza.

Minhas palmas empurraram as alças frouxas, e o tecido desfaleceu, aterrissando no piso.

Icei seu corpo, levando-a até a cama. O colchão recebeu suas costas nuas, e eu me deitei sobre ela, saboreando sua boca, provando sua pele e matando a saudade de seu cheiro, de seu toque.

Pouco depois, estávamos arfantes, inebriados pela melhor sensação do universo.

Aquela tinha sido uma transa gostosa e intensa, cheia de estocadas, puxões de cabelo e beijos urgentes.

Era uma noite quente e, no desespero para foder, eu não havia ligado o ar-condicionado. Como resultado, estávamos banhados de suor e praticamente sem fôlego.

Sofia aconchegou-se ao meu corpo empapado, e meu braço a amparou.

— Minhas ondas de Gisele... — murmurou, ofegante. — Fui ao salão à toa.

Gisele? Quem era Gisele? A cabeleireira?

Eu estava grogue demais para perguntar.

— Você arruinou meu cabelo, Matheus, eu vou te estrangular — Ela continuou inerte, as palavras ébrias escapando em cadeia, como se fossem uma só.

Incapaz de reagir verbalmente, balbuciei alguma coisa incompreensível durante a minha luta pelo ar escasso.

Ficamos quietos, tentando normalizar o funcionamento dos nossos pulmões. Tão quietos que, do nada, adormecemos.

Algum tempo depois, Sofia acordou desesperada, correndo para o banheiro com uma parafernália de coisas nas mãos, esbravejando que ia ter que arrumar o cabelo de novo e que a vontade dela era a de sentar o secador na minha cabeça e enfiar o *babyliss* no meu rabo. Quente.

Eu não fazia ideia do que era um *babyliss*, mas tinha a ligeira suspeita de que era a coisa cilíndrica que ela tinha levado consigo.

Fiquei rindo, o que só a enfureceu ainda mais.

— Eu vou ser a única horrorosa da festa! — choramingou, enfiando um cabo preto na tomada.

Aquele absurdo me fez ter uma crise de riso.

— E a culpa é toda sua! — completou, chorosa, mexendo no objeto roliço.

— Na hora do bem-bom, eu não ouvi ninguém reclamando — provoqueei, mirando-a pelo espelho do banheiro.

— Cala a boca, Chatão! — Ela bateu a porta, privando-me de contemplar seu reflexo.

Achando graça de todo aquele drama, deixei o corpo cair sobre os lençóis e, sem perceber, peguei no sono de novo.

— A casa tá pegando fogo! — O berro abrupto me fez dar um pulo de quase dois metros de altura.

— Quê? Hã? Cadê? — Olhei para todos os lados, com o coração em frangalhos.

Então, ouvi uma gargalhada estrondosa. Foi quando eu me dei conta de que tinha sido sacaneado.

— Filha da puta. — Levei uma mão ao peito, que vibrava feito um bumbo em plena fanfarra.

— Você mereceu, Miyake. — Ela sorriu, satisfeita, desfazendo o laço do roupão. — Vai tomar banho enquanto eu me visto, estamos atrasados — alertou, livrando-se do tecido felpudo e expondo todas as curvas que me deixavam louco.

— Dá tempo de uma rapidinha bem rápida? — Aproximando-me, rocei a boca em sua garganta, inalando o aroma gostoso que vinha do corpo recém-lavado.

— Não, deixa de ser safado e vai logo tomar seu banho. Ainda precisamos passar no apartamento de Tales e na casa de tio Tito. — Ela grudou os lábios nos meus, me empurrando em seguida.

O quarto inteiro recendia o cheiro dela. E o banheiro, também, percebi assim que entrei.

Quando saí, limpo e de cabelo formalmente penteado, quase tive um ataque cardíaco.

Deslumbrante e pecaminosa foram as palavras que inundaram minha mente no instante em que meus olhos pousaram em Sofia.

— Gostou, paixão? — Ela deu um giro lento em torno de si mesma, na intenção de me mostrar o vestido, que, longo e acetinado, se ajustava ao corpo esguio e curvilíneo, formando marcas nos melhores lugares a cada movimento.

O tecido azul-escuro contrastava com a pele clara e combinava perfeitamente com as safiras do anel

de noivado.

As costas estavam adornadas por uma tira fina, presa ao pescoço e à linha do cós. Na frente, a parte superior era composta por duas metades fluidas, que se uniam acima do umbigo. O decote profundo e dolorosamente sedutor me deixou maluco, em todos os sentidos. Com certeza, seria o motivo das minhas ereções e preocupações durante toda a festa.

A saia comprida tinha uma cauda curta e, além de moldar o quadril, contava com uma fenda lateral, que, obviamente, roubaria minha sanidade e meu sossego.

Sofia era uma magnífica escultura de alabastro trajando um vestido belíssimo. Tudo nela exalava refinamento e elegância. Do coque preso na altura da nuca às sandálias novas que ela havia comprado naquela semana, especialmente para a ocasião, por mais que ninguém fosse vê-las.

— Você está absolutamente linda. — Dei um passo e firmei as mãos em sua cintura. — Mas acho que vou ter que retirar a promessa que fiz.

Eu tinha prometido me comportar. E ela, também. Combinamos que agiríamos como duas pessoas maduras, capazes de socializar sem transformar a aproximação educada de outras pessoas em motivo de ciúme. Eu não implicaria com nenhum filho da puta. E ela trataria todas as mulheres com cortesia. Se perdesse o controle, teria que me dar o cu diariamente, por uma semana. Se eu saísse de mim, ficaria sem sexo por sete dias.

Uma semana inteira sem transar!

Por causa disso, juro que achei que fosse capaz de cumprir minha parte. Mas o vestido dificultaria, e muito, a minha vida. Simplesmente porque os caras iam babar naqueles peitos e iam ficar loucos para ver algo mais pela fresta lateral do vestido. E eu jamais conseguiria ignorar o assédio dos desgraçados.

— Retirar a promessa? Por quê? — Os lábios cheios se moveram, atraindo meus olhos. A boca avermelhada era um delicioso pedaço de volúpia em formato de coração.

— Porque esse vestido... — Dei uma olhada de cima a baixo, deixando os olhos passearem pelo vale entre os peitos redondos e empinados. — Só ressalta o quanto você é perfeita. E eu queria ser o tipo de homem que se orgulha de acompanhar e exhibir uma mulher como você, Sofia. — Voltei a mirá-la nos olhos. — Mas, na verdade, sou do tipo que deseja matar cada filho da puta que ousa te observar por mais que um segundo.

Ela enlaçou meu pescoço, bastante séria.

— A gente combinou que não deixaria ninguém arruinar nossa festa. A promessa continua de pé. Não vamos brigar com ninguém, Matheus. Nós nos amamos, e isso é tudo o que importa. — Seus lábios tangenciaram os meus. — Agora, acho melhor você se vestir.

Soltei um suspiro e, completamente incerto quanto aos rumos daquela noite, comecei a colocar o smoking, enquanto ela ligava para Letícia, a fim de saber se a prima já estava pronta.

— Tíci está quase... — Virou-se de repente, no momento em que eu terminava de ajeitar a gravata-borboleta.

A expressão boquiaberta inflou meu ego e me fez abrir os braços.

— Gostou, paixão? — Não consegui conter o sorriso convencido ao vê-la varrendo meu corpo como se eu fosse a oitava maravilha do mundo.

— Tá horrível. — Mordeu o lábio, com os olhos fixos no paletó bem ajustado ao meu peito.

— Jura? — Olhei no espelho, fingindo decepção.

— Absolutamente ridículo. Horrroso! Você não pode sair de casa assim. Vai tirar essa roupa, Matheus. Coloca outra coisa, tá estranho demais. Não vou deixar você sair desse jeito. — Balançou a cabeça, decidida.

Sua esperteza me deixou fascinado. Era uma pena que ela não conseguia controlar a expressão de quem estava em êxtase pelo que via. Precisei me controlar para não rir.

— Eu quero ir estranho assim mesmo, Gi. — Simulei inocência.

— Tem certeza? — Ela avançou e passou as mãos na minha camisa, prendendo o lábio inferior entre os dentes.

— Absoluta — respondi.

— Então vou deixar Teo de sobreaviso. Vou precisar de um advogado assim que a gente pisar naquele baile, porque, se uma delas der em cima de você, eu vou atacar! — bradou, furiosa.

— Ué, mas eu não estava horroroso? — piraicei.

— Eu tô com vontade de enfiar essa *clutch* na sua goela, Matheus. — Mostrou uma pequena bolsa prateada.

— Você tá muito violenta, girafinha. — Pressionei a boca na dela.

— Para de estragar minha maquiagem, idiota. — Ela se afastou, e eu fiquei rindo.

Minha noiva caminhou até a cômoda e abriu uma das gavetas.

Admirei a bunda redonda, perfeitamente moldada pelo recorte do vestido, enquanto ela fazia alguma coisa, que eu estava ocupado demais para notar.

Subitamente, ela se virou, aproximando-se. Ergui o olhar e me deparei com um rosto semiocultado por uma máscara prateada. Eu preferia sua face completamente exposta, e considerava criminoso cobri-la daquela maneira. Mas ela continuava linda usando a peça delicada e incrustada de pedras cintilantes, que só não brilhavam mais que as esferas azuis concentradas em mim.

— Aqui a sua. — Estendeu uma máscara preta e lisa.

— Eu tenho mesmo que usar isso? — Demonstrei meu desagrado com uma careta.

— É um baile de máscaras, Matheus. — Sofia revirou os olhos.

— Não quero dirigir fantasiado de Zorro — objetei.

— É pra você colocar lá, gênio. — Ela riu.

Cerca de meia hora depois, estávamos a caminho do salão de festas. Tales e Letícia iam no banco de trás, pois consumiam bebidas alcoólicas, e podiam confiar em mim para levá-los sãos e salvos para casa.

À medida que fomos nos aproximando do local do evento, podíamos ver as luzes cortando o céu. Os facho luminosos se moviam, competindo com o brilho das estrelas.

Depois de passarmos pela portaria, onde seguranças uniformizados se encarregavam de conferir os convites, fomos recepcionados por um par de moças, que nos indicaram um espaço belamente decorado.

Assim que pisei no salão, um mau pressentimento escalou minhas costas.

É claro que eu sabia que aquilo tinha tudo para dar errado. Só não fazia ideia de que, naquela noite, faria a maior burrada da minha vida.



# 44

## AGE POR IMPULSO

“(…), tem o dom de me ferir, mas ao mesmo tempo só você me faz sorrir”.  
*Guerra Fria* — Sorriso Maroto

### MATHEUS

Espelhos de molduras douradas, plumas negras e rosas brancas decoravam o enorme salão iluminado por lustres e castiçais metalizados.

Mesas bem ornamentadas dividiam o ambiente com um palco e uma ampla pista de dança. E uma área conjugada, separada por cortinados suntuosos, exibia sofás retangulares, candelabros e arranjos florais.

Algumas pessoas mascaradas já perambulavam pelo lugar, bebericando drinques e socializando entre si.

Uma sensação ruim retorcia minhas entranhas e, embora estivesse ali há menos de um minuto, eu mal via a hora de voltar para casa.

Como isso ainda não era possível, comecei a investigar os arredores, à procura do meu inimigo número um. Não que eu soubesse como era a cara do filho da puta. Mas me lembrava perfeitamente do rosto infantil, e me julgava capaz de identificá-lo.

As máscaras dificultavam, mas, após uma rápida varredura, concluí que nenhum dos homens presentes era Igor Varela.

— Sofia! — Olhei na direção da voz e vi Maria Eduarda acenando.

Ela deu alguns passos, nós encurtamos a distância e promovemos o encontro no meio do salão.

— Duda, a decoração ficou perfeita, e você está maravilhosa! — Minha noiva elogiou, admirando o traje vermelho, a máscara combinante e os cachos presos em um penteado lateral.

— Olha quem fala! — Maria Eduarda contemplou a amiga. — Bicha, a senhora veio pra humilhar, hein? Eu estava me achando, agora tô até com vergonha de existir.

— Deixa de tolice! — As duas se abraçaram.

— Oi, Matheus! — Duda estendeu a mão ao se afastar.

— Oi, Maria Eduarda. — Apertei a palma estendida, enquanto ela me olhava de cima a baixo.

— Sobre você e esse smoking, eu tinha uns comentários a fazer, mas, né? Tenho amor à vida. E vou te cumprimentar só assim, porque tenho medo de Madame Sofia rasgar minha boca se eu ousar beijar seu rosto.

— Que exagero, eu nem sou tão ciumenta assim! — Sofia alegou, recebendo meu olhar escarnekedor e meu sorriso de deboche.

— Ah, então tá liberado? — Duda se aproximou de mim, fazendo menção de dar um beijo em minha bochecha.

— Encosta nele, e eu puxo seu lábio superior com as unhas, até te escalpelar, sua cretina! — minha noiva ameaçou.

Duda riu, abandonando minha mão.

— Isso porque é sua amiga. Imagina o que ela não faria com as inimigas! — Letícia deu uma risada. — A propósito, eu não sou ciumenta, Duda. Este é Tales, meu namorado. Pode cumprimentá-lo como as pessoas normais fazem.

— Sério? — Os olhos dela fixaram-se nele. — Tem certeza de que eu posso esfregar a boca no maxilar dessa divindade loira, fungando esse perfume delicioso que eu tô sentindo daqui?

— Eu retiro o que eu disse! — Letícia bradou, e Duda gargalhou.

— Eu sabia! Vocês duas são farinha do mesmo saco! — Ela estava rindo, mas, de repente, o riso morreu. — Ai, meu Deus! Sofia, ele tá na porta! E veio com... Não olha! — Segurou o braço de minha noiva, quando ela tentou virar o pescoço. — Vem comigo ao banheiro! — Começou a arrastá-la.

— Não posso deixar Matheus sozi...

— Anda logo! — Duda deu um puxão mais forte.

— Letícia, vigia ele! — pediu, deixando-se levar.

— Eu não preciso ser vigiado! — resmunguei. — Sofia, me respeita!

— Eu tô falando das mulheres, Matheus! — ela rosnou. — Tíci, não deixa nenhuma sem-vergonha chegar perto dele! Se aparecer uma Maria Clara arrastando asa, arranca as penas dela!

— Quem é essa Maria Clara? — Tíci indagou, assim que minha noiva sumiu de vista.

— É a garota com quem eu dancei quadrilha, aos seis anos — expliquei. — Sofia morre de ciúme dessa besteira.

— Que nem você morre de ciúme do tal do Igor? — Ela riu.

É claro. A Chatona tinha batido com a língua nos dentes. Das minhas infantilidades ela falava. Mencionar o ciúme ridículo que ela tinha de Maria Clara, de jeito nenhum!

— Eu não tenho ciúme desse filho da puta. — Fiz minha própria defesa, deixando claro por que trabalhava fazendo acusações.

— Boa noite. — Um cara passou por nós, com uma mulher a tiracolo.

— Boa noite. — Respondemos em uníssono.

As boas maneiras e o fato de aquilo ser um reencontro de turma exigiram que eles interrompessem a caminhada e estacassem, sorrindo educadamente.

— Todos vocês foram meus colegas? — A pergunta do homem me obrigou a fitá-lo.

Uma superfície branca cobria apenas o lado direito do rosto, deixando o olho esquerdo, metade do nariz e a boca expostos.

Observei a face à mostra por um ou dois segundos antes de perceber que não estava apenas diante da máscara do Fantasma da Ópera. Estava diante de um fantasma real, uma assombração que habitava meus pesadelos há tempo demais.

— Apenas ele. — Tales me indicou, e fui criteriosamente examinado pelo recém-chegado.

— Matheus Mizuno? — Estreitou os olhos, sondando os meus.

Precisei me controlar para não partir a cara do desgraçado ao meio.

— Iago Parrela? — devolvi.

— Igor. — Ele achou graça. — Igor Del Toro *Varella*. — Uma manga preta veio em minha direção.

Del Toro? Que porra de sobrenome escroto.

Mas combinava com ele, que era um touro mesmo. Um corno de merda!

A minha vontade era a de segurar a mão aberta e torcer o braço até transformar os ossos em pó. Mas não foi essa a educação que recebi em casa.

— Miyake — corrigi, apertando a palma estendida. — Matheus Mendonça *Miyake*.

— Pelo menos, acertei seu primeiro nome. — Ele riu, e eu contive o ímpeto de quebrar todos os dentes

alinhados que o filho da puta mostrou.

Tinha imaginado a versão adulta de Igor Varella muitas vezes. Em algumas, eu o via como um cara parrudo, baixo, calvo e feio pra caralho. Mas nunca fui tão otimista a ponto de achar que a vida me presentearia com um rival fisicamente inferior. Quase todas as imagens hipotéticas que eu tinha arquivadas na mente eram mais pessimistas. Sempre gostei de trabalhar com as piores hipóteses. Então, eu geralmente o imaginava como um homem mais boa-pinta que eu. Masoquismo? Talvez. O fato é que eu estava preparado para descobrir que ele levava vantagem sobre mim.

Felizmente, não sofri esse golpe. Ele podia até ser boa-pinta, mas eu era mais. E ponto final.

— E já fui chamado de “Iago” muitas vezes, então você tá perdoado — continuou.

Eu pedi a porra do seu perdão? Pedi, por um acaso? Enfia no cu e gira.

— Valeu, cara. — Fiz o possível para soar cordial.

Não queria que ele soubesse que eu nutria ressentimentos por um acontecimento de quase trinta anos. E, ainda por cima, por algo tão besta, que ele nem tinha culpa.

Tenho consciência do tamanho da minha infantilidade, e não me orgulho dela. Porém, não consigo evitar. Não consigo não detestar o cara que roubou minha primeira dança com Sofia!

No fundo, sei que não tenho motivos concretos para odiá-lo. Mas também não tenho motivo algum para ir com a cara dele. Então foda-se. Vou continuar alimentando meu ódio secreto. E quero ver quem vai me impedir!

— Sou Tales. Tales Fontana. — Ele estendeu a mão para o meu inimigo de infância.

*Barbie* era outro filho da puta boa-pinta cujo nome eu deveria escrever no meu *Death Note*. Principalmente porque ele tem a mesma profissão de Sofia, trabalha com ela e possui talentos musicais — verdade seja dita, eu nem queria saber cantar essas porras. Acho pouco másculo. Porém, as mulheres gostam. Sofia gosta, e, por ela, eu queria saber. — Mas, honestamente, eu não conseguiria eliminar *Barbiezola* nem se um *Shinigami* realmente aparecesse na minha vida. Ele é gente boa pra caralho.

— E esta é minha namorada, Letícia Theloni — apresentou. — Somos familiares de Matheus.

— Muito prazer. — Igor cumprimentou os dois e se virou para a mulher ao seu lado. — Esta é Naomi Nakayama, minha... acompanhante.

Só então eu me dei o trabalho de observar o rosto feminino, parcialmente coberto por uma máscara negra, tão negra quanto os fios lisos e compridos que ladeavam as feições orientais.

Ela tinha belos olhos de formato oblíquo, íris escuras e a segunda boca mais bonita que eu já vira.

— Muito prazer. — Um curvar de lábios e um olhar sedutor acompanharam a palma que Naomi estendeu para mim.

Igor percebeu, e sua fisionomia se fechou. Não pude reprimir a imensa satisfação que aquilo gerou em meu interior.

— O prazer é meu. — Segurei a mão pequena, sorrindo de volta.

Do nada, senti um cutucão nas costelas.

— Prazer, Naomi. — Letícia esbarrou o cotovelo ao estender o braço para cumprimentar a mulher de traços asiáticos, que se obrigou a soltar minha mão para pegar na da ruiva. — Se vocês nos dão licença, vamos dar uma volta, porque precisamos encontrar minha prima. — Lançou um olhar furioso para mim, como se eu tivesse feito alguma coisa errada, e, enfiando a mão no braço de Tales, começou a se mover.

— Com licença — pedi e virei as costas, seguindo o casal.

— Vou contar para Sofia que você estava flertando com aquela japa oferecida! — acusou, assim que nos distanciamos o bastante.

— Flertando? — Arregalei os olhos. — Eu sorri educadamente, como faria com qualquer pessoa!

— Educadamente, Matheus? — Ela parou de andar, estreitando os olhos orlados pela máscara dourada. — Foi um sorriso safado!

— Letícia, este é o meu sorriso educado, o que eu abri para a moça. — Estiquei a boca, demonstrando.



— E este é o meu sorriso malicioso, o que eu *não* dei. — Enviesei os lábios, esclarecendo a diferença.

— Ficou maluco, Matheus? Vai entortar a boca para a puta que te pariu! — Tales reclamou.

— Relaxa, *Barbiezola*, estou apenas tentando provar meu ponto. Consegui? — Encarei a prima de Sofia.

— Não. — Ela se manteve irredutível. — Agora, me responda uma coisa, Matheus. Você achou a japa bonita?

— Hã? — Fingi que não entendi, e Tales abafou o riso.

— Você é surdo? Perguntei se você achou a japa bonita. — A frase clara e pausada não deixou brechas para escapatórias.

— Não. — Respondi no ato, mentindo descaradamente.

Só um idiota teria dito a verdade.

— Sei... — Ela apertou os olhos. — E você, Tales? — Virou-se para o namorado, girando a cauda do vestido verde-escuro.

— O que tem eu? — Ele se fez de besta.

— Você é retardado? — ela grasnou, e eu caí na risada. — Eu quero saber se você achou aquela mulher bonita! Só isso. Pode responder com sinceridade.

Quando querem a nossa opinião sobre outras mulheres, elas clamam pela verdade. Mas, se somos sinceros, a casa cai! É por isso que, às vezes, precisamos mentir. Não mentimos porque gostamos. Mentimos para sobreviver!

— Por que você está me perguntando isso? Por acaso você achou aquele cara bonito? — Tales se fez de indignado, na clássica tentativa de mudar o foco da conversa.

— Responda a minha pergunta — Letícia exigiu, com uma calma incompatível com as íris faiscantes.

— Responda a minha pergunta você. — Ele cruzou os braços.

— Tá, já que você não quer responder a minha, eu respondo a sua! Eu não tive que achar nada. Igor é bonito, simplesmente é. — Ela encheu a boca para dizer.

A máscara dele acomodou dois olhos estatelados.

— Mais que eu?

— Mais que vocês dois juntos! — ela berrou, olhando de Tales para mim. — A propósito, Duda estava certa quando me disse hoje de manhã que Igor dá de mil em você, Matheus. — Sorriu com escárnio.

As palavras dela destruíram minha autoconfiança e minha autoestima. Não que eu ligasse para o que ela achava da minha aparência física. O importante era a opinião da minha girafinha. E o medo de ela concordar com a prima foi o que massacrou meu ego.

— Você acha Matheus bonito? — Tales esbravejou.

— Vou atrás de Sofia. — Ela o ignorou. — Fica à vontade para apreciar todas as mulheres que você quiser, Tales. — Dizendo isso, começou a andar.

## SOFIA

Duda respirava com dificuldade, encarando o próprio reflexo no espelho do banheiro.

— E agora? — Uma das mãos pousou no decote do vestido, e os olhos emoldurados pela máscara vermelha me encararam, desesperados.

— Calma, essa mulher que você viu deve ser irmã dele — supus, na tentativa de tranquilizá-la.

— Não é — ela afirmou.

— Como você sabe? Pode ser que...

— Ela é asiática, Sofia! — cortou. — É uma japa autêntica! Ou coreana, sei lá. Só sei que ela parece aquelas guerreiras poderosas e sedutoras dos filmes de samurai. E o cabelo dela... Bate na bunda, e é lisinho. Ele gosta de mulher de cabelo liso! — Começou a chorar.

— Eu não acredito que você tá chorando, Maria Eduarda! — Segurei seus ombros e a chacoalhei. — Toma vergonha na sua cara! Seu cabelo é perfeito! E o fato de ela ter cabelo liso não significa nada, deixa de ser doida!

— Você não viu a mulher, Sofia. — Fungou. — Ela é linda.

— E daí? Aposto que você é mais. E, assim que você e Igor conversarem, ele vai perceber que, além de ser a mais bonita, você é a melhor pessoa da festa.

— A mais bonita e a melhor pessoa da festa é você, vaca. — Ela me abraçou. — Mas obrigada por ter voltado para a minha vida, amiga.

— Eu que agradeço por você ter voltado para a minha. Mas, agora, chega de chororô. Vamos dar uma retocada na maquiagem e voltar para o salão. — Finalizei o abraço e abri minha *clutch*, que abrigava meus itens básicos de sobrevivência, como batom, rímel, blush, corretivo e pó.

Duda acessou os produtos da própria bolsa e, em poucos minutos, terminamos e guardamos as coisas.

— Tô com um pouco de dor de barriga — ela disse, antes de deixarmos o banheiro.

— Duda, não começa — falei, rindo.

— Eu não te contei, mas... — Íris aflitas me fitaram. — Fiz uma cagada.

— O quê? Você cagou na roupa? — As pontas dos meus cílios postiços pressionaram as pálpebras, do tanto que arregalei os olhos.

— Não, idiota. — Ela riu. — Eu... — A aflição tomou suas feições outra vez. — Eu achei que não ia ter coragem de conversar com Igor... — Relanceou a barra do vestido. — Aí, fiz uma coisa que me obrigaria a, pelo menos, ter algum contato com ele.

— Que coisa? — Não escondi a preocupação.

— Então... Eu... — Ela me olhou, visivelmente tensa. — Você vai querer me matar.

— Fala logo, cretina! — berrei.

Ela engoliu em seco.

— Cada mesa tem oito lugares, com quatro colegas e seus respectivos acompanhantes... — começou, e eu senti o impacto.

— Duda, não me diga que...

— Eu botei Igor na nossa mesa! — despejou, chorosa.

— Não acredito que você fez isso, Maria Eduarda! Você tá careca de saber que Matheus não gosta dele! — Eu já podia imaginar a merda que aquilo ia dar. O Chatão ia ficar carrancudo a noite inteira, e ia acabar brigando comigo à toa.

— Eu sei... Desculpa. É que eu achei que Igor viria sozinho, já que está como solteiro no *Facebook*. Aí, eu ia ficar com ele e tal, e Matheus não ficaria enciumado ao vê-lo enfiando a língua dentro da minha boca... — choramingou. — Será que a japa é alguma ficante séria dele? E se for uma namorada recente?

— Ele a apresentou como “acompanhante”. — Tíci irrompeu no banheiro. — Deve ter convidado a piranha só para não vir sozinho.

— Piranha? — Estranhei, porque ela não era de ofender as pessoas.

— É como eu chamo uma mulher acompanhada por um homem bonito que tem a cara-de-pau de dar em cima de um cara comprometido, só porque ele é ainda mais bonito.

— Ela deu em cima de Tales? — perguntei, abismada.

— Igor é mais bonito que Tales e Matheus juntos! — Duda exclamou, e minha prima caiu na risada.

— Duda, ele é bonito, sim. Isso é indiscutível. Mas aqui está Tales. — Levantou o braço, traçando um patamar na maior altura que conseguiu. — Aqui está Matheus. — Desceu um pouco, sendo que precisaria escalar o Everest até o topo e ficar nas pontas dos pés só para começar a mensurar o nível de beleza do

meu Chatão. — E aqui — baixou mais alguns centímetros — está Igor.

— Você só pode ter problema de vista! — Duda berrou, irritada.

— Minha visão está ótima! E a da japa, também. Tanto é que, assim que foi apresentada a Matheus, ela ficou louca para dar um *upgrade*. Sofia, a mulher tá doida para acrescentar o “Miyake” ao “Nakayama” dela. Você precisava ver o jeito que ela olhou pra ele! Aposto que já está imaginando os filhinhos de olhos superpuxados que acha que os dois vão ter!

— O quê? — rugi, possessa.

— Eu nem ia te contar isso, mas não aguentei! Matheus adorou a atenção! Retribuiu o cumprimento todo sorridente, se achando o rei do baile. Sei que é porque ele não gosta de Igor, mas achei um absurdo! Me deu vontade de dar na cara dele!

— E por que você não deu? Aquele safado me paga! — Bufando, comecei a sair do banheiro.

## TALES

Eu devia ter ido atrás dela, mas estava puto.

Onde já se viu dizer na cara do namorado que acha outro homem mais bonito que ele? E, ainda por cima, confessar que também acha o noivo da prima bonito? E, como se não bastasse, sair andando, como se nada tivesse acontecido?

— Tales, seja sincero. Quem é mais boa-pinta? Aquele cara ou eu? — Matheus havia chegado ao fundo do poço. Não tinha como um cara descer mais depois de perguntar uma merda dessas a outro.

— E eu lá entendo de macho, porra? — rosnei. — Acho bom você não me dirigir a palavra, Miyake. Sou capaz de arrebentar essa sua cara. — Agradecendo, peguei um copo de uísque quando um sujeito de terno se aproximou com uma bandeja.

— Não, obrigado. — Matheus negou o oferecimento do garçom. — *Barbie*, você já vai começar a encher a cara? — recriminou, assim que o homem se foi.

— É melhor encher a minha que encher a sua de porrada, não? — ironizei, levando o copo à boca.

Ele estava rindo quando duas mulheres se aproximaram.

— Oi, boa noite! — Uma delas abriu um sorriso simpático.

O corpo esguio estava coberto por um vestido branco, e o rosto harmonioso, por uma máscara da mesma cor. Mechas escuras repousavam sobre os ombros estreitos, e um colar de pedras e pérolas adornava o colo.

— Boa noite. — Matheus e eu cumprimentamos, meio apreensivos.

— Vocês dois estudavam na Fada Azul? — A outra perguntou.

Os fios longos e loiros eram quase brancos, e ela estava usando um vestido rosa e uma máscara prateada, que combinava com as joias e adereços.

— Só ele. — Indiquei Matheus com a cabeça, e ela se concentrou no ex-colega.

Comprimiu as pálpebras e, do nada, exclamou, abrindo um largo sorriso:

— Matheus Miyake! Nossa, como você ficou lindo!

Mas que porra era aquela? Todas as mulheres do mundo achavam aquele puto bonito?

— Sou eu, Maria Clara Magalhães! — ela continuou, e Matheus ficou lívido.

Imediatamente, olhou ao redor. Decerto, à procura de Sofia. Com certeza, temia um flagra da noiva ciumenta.

— Foi com ele que eu dancei a quadrilha do pré, Angélica! — A moça virou-se para a outra.

— Não acredito que ele é o garotinho fofo daquela foto! — Ela o examinou de alto a baixo.

Para mim, ninguém olhava! Não que eu quisesse ser elogiado, claro. É só que a de branco estava me

tratando como se eu fosse invisível. E a de rosa só tinha olhos para Matheus. E, convenhamos, embora Letícia ache, eu não sou de se jogar fora!

Decidi que precisava sacanear o putto do Matheus. Seria bem melhor se ele fosse pego sozinho, conversando com duas mulheres.

— Vou ver se encontro minha namorada. Com licença. — Assim que fechei a boca, ele me fitou, desesperado.

Rindo da cara dele, eu me virei. Mas, ao fazer isso, meu riso se esvaiu.

Cuspindo fogo pelas ventas, Letícia e Sofia caminhavam em nossa direção.

## SOFIA

— Eu não acredito no que estou vendo! — Letícia bradou, e eu olhei para o ponto no qual os olhos dela estavam cravados.

Matheus e Tales estavam de pé em um canto do salão, de papinho com duas mulheres aparentemente bonitas. Daquela distância, não dava para distinguir muito bem as feições do par de sem-vergonhas.

— Qual delas é a japa? — perguntei, no intuito de chegar dando uma voadora naquela ordinária.

— Nenhuma! São outras! — Letícia exclamou, furiosa.

— Eu vou matar Matheus! — Apressei o passo, mas não muito, porque o salto agulha, a cauda do vestido e o piso lustroso não facilitavam a minha vida.

— Gente, calma, eles estão só convers... — Duda tentou apaziguar, mas não foi adiante. — Ai... — gemeu, levando as mãos à barriga. — Igor já está sentado na nossa mesa. — Indicou o casal a alguns metros de distância. — Preciso voltar pro banheiro... — Virou-se e iniciou o retorno, lutando contra os centímetros extras concedidos pelas sandálias absurdamente altas.

— Duda... — Parei no lugar, dividida entre socorrê-la e finalizar meu plano homicida.

— Fica, vou fazer cocô e já volto — sussurrou, me fazendo rir no meio de uma crise raivosa.

— Mas você não fez a chuca? — perguntei, rindo.

— Não deu tempo, Sofia! Passei horas tentando colar a merda do cílio! — Ela acelerou o passo o máximo que pôde.

Então, engolindo o riso, retomei o percurso ao lado de Letícia.

De repente, Tales nos viu. Mais que depressa, virou-se de novo. Sem dúvida, para alertar Matheus.

Um ódio visceral me dominou. Eu queria chegar berrando, fazendo o maior show. Mas não podia descer do salto. O que estava em jogo era o meu estimado cu. Eu precisava chegar bem calminha, se não quisesse que a terceira perna esfolasse minhas pregas diariamente, pelos próximos sete dias.

Por isso, comecei a respirar fundo, tentando me controlar.

Disfarcei a raiva com um sorriso e cheguei toda educada, como se não estivesse borbulhando por dentro ao constatar que, sim, eram bonitas.

— Oi, boa noite! — cumprimentei, aprisionando minha fúria interior.

Letícia enfiou a mão no braço de Tales sorratamente, e os dois se afastaram, enquanto as mulheres me olhavam de cima a baixo, examinando-me por inteiro.

— Boa noite! — A de branco parecia fascinada. Provavelmente, com o decote do meu vestido, porque logo começou a analisá-lo minuciosamente. Com certeza, estava tentando decorar o modelo, para explicar a alguma costureira. Eu entendia. Vivia fazendo isso.

— Nossa. — Foi só o que a de rosa disse, também bastante interessada no meu vestido.

Um silêncio extremamente constrangedor pairou sobre aquele ponto do salão, enquanto eu servia de manequim para a livre apreciação da dupla feminina.

— Podem continuar o papo! — incentivei. — Parecia interessantíssimo de longe! — Passei um rabo de olho em Matheus.

— Mal tínhamos iniciado a conversa, Gi. — O safado teve a coragem de sorrir.

— É, eu só estava me apresentando a... — A mulher de rosa não tirava os olhos do meu vestido!

— Foi feito pela Casa Nobre — informei, ríspida.

— Oi? — Ela finalmente olhou para a minha cara.

— O vestido, querida. Se você quiser um igual, é só ir lá que eles fazem. — “Sua invejosa”, eu quis acrescentar, mas me contive.

— Não é no vestido que eu estou interessada. — Ela abriu um sorriso... malicioso?

— Eu vi primeiro, Clarinha. — A de branco também me fitou curvando os lábios com... malícia?

Foi só quando eu ouvi o apelido que realmente reparei nas feições da mulher de rosa. Os olhos e a boca tinham mudado muito pouco. O cabelo platinado havia me distraído, mas, assim que foquei no rosto, consegui reconhecê-la. Não fiz a imediata associação porque a Maria Clara da minha infância tinha um cabelo tão escuro quanto o de Matheus. Como ela conseguira descolorir os fios sem ficar completamente careca era um grande mistério.

O que não era um mistério, graças a falta de sutileza das duas, era o fato de que eu estava sendo cobiçada por duas mulheres! Tive vontade de beijá-las, em agradecimento por não estarem dando em cima de Matheus.

— Desculpa, meninas, mas quem viu primeiro fui eu. Sofia é minha noiva. — Ele deu um passo, atrelando nossas mãos e estendendo o braço, para mostrar a aliança e meu anel.

— Ah... — A de branco suspirou. — Que pena.

— Gente, vocês formam um casal maravilhoso! — Maria Clara elogiou. Ela era lésbica, não estava nem um pouco interessada em Matheus! Ou seja, poderíamos ser amigas! — Mas, por favor, me digam que vocês são do tipo que topa *ménage*. Angélica é lésbica, mas eu sou bi! — Retiro o que eu disse.

— É claro que a gente topa! — Matheus respondeu, olhando para mim. — Né, paixão?

— Claro, paixão. — Fuzilei o descarado. — Inclusive, vou perguntar se Igor também topa. Vai que ele aceita, né?

A expressão dele se fechou na hora.

— Retira essa merda, Sofia — ordenou, em um rosnado baixo.

— Ah, vocês são ciumentinhos! — Maria Clara riu. — Desculpa, gente. Não tá mais aqui quem sugeriu. A gente se vê por aí. Até mais! — Depressa, ela começou a se afastar, levando a outra junto.

— Estou esperando. — Uma sobrancelha negra subiu.

— É mesmo? Espera sentado! — Cruzei os braços, e os olhos dele caíram no meu decote. — E para de olhar para os meus peitos!

Ele ergueu a cabeça, endereçando-me um olhar duro.

— É o que você vai dizer àquele filho da puta, se ele ficar babando em você?

— Que nem você fez com a acompanhante dele? — acusei. — Responde, Matheus, você achou essa mulher bonita? Não mente pra mim!

— Você quer a verdade? — As íris dele mergulharam nas minhas. — Tem certeza?

— Tenho — respondi com convicção, embora estivesse completamente incerta.

— Achei — confessou, e meu queixo caiu.

Eu não podia acreditar que ele tinha dito isso na minha cara! Matheus realmente achava que eu tinha maturidade suficiente para lidar com a verdade? Eu não tinha! É óbvio que não!

— Ela é bonita, mas não chega aos seus pés, Sofia. Mulher nenhuma chega — completou, mas o estrago já estava feito. Uma entidade maligna já tinha se apossado de mim.

Assenti, sorrindo, enquanto controlava as minhas verdadeiras expressões faciais, que eram mais ou menos parecidas com as da menina do *Exorcista*.

— Vamos para a nossa mesa? — convidei.

— Você está bem? — ele sondou.

— Ótima. — Um garçom passou, e eu peguei uma taça do que supus ser champanhe.

Matheus recusou, e eu comecei a andar, experimentando o espumante. Quando me alcançou, ele me ofereceu o braço. Aceitei, embora estivesse louca para esganá-lo.

— Ali está a nossa mesa. — Com a cabeça, indiquei a cadeira onde Igor estava sentado.

Estávamos perto o bastante para eu notar que, infelizmente, a acompanhante dele era mesmo linda.

— Não vamos nos sentar com aquele cara. — Meu noivo parou de andar e me encarou, irritado.

— Não temos escolha, Matheus. — Interrompi a caminhada. — As mesas têm nomes. — Apontei a que ficava ao lado, mostrando as plaquinhas.

— Maria Eduarda colocou a gente na mesa daquele filho da puta? — Arregalou os olhos.

— Colocou. — Recomecei o trajeto.

— Sofia — Matheus segurou meu braço —, não é uma boa ideia a gente sentar lá.

— Por quê? Você está com medo de não conseguir disfarçar seu interesse? — cuspi.

— Vou ignorar esse absurdo e te lembrar do acordo que você está a um triz de perder. — Ele abriu um sorriso sacana.

— Sofia? — Igor se levantou de repente, atraindo a minha atenção para a mesa.

— Oi, Igor! — Acenei.

— Sua mesa é aqui! — Um sorriso largo assomou nos lábios dele.

Olhei para Matheus e me deparei com o Bruce Banner em plena transformação.

— Acho que quem está a um triz de perder é você, Miyake. Nossa, Igor ficou bonito, não? — Dei um sorrisinho e saí andando na direção do meu ex-colega sorridente.

Naquele momento, eu não fazia ideia do quanto a minha atitude imatura e impulsiva me custaria.



## UM ERRO

“(...) assim, tão vulgar, nos persegue a noite inteira”.  
*Refrão De Bolero — Engenheiros do Hawaii*

## SOFIA

Abri os olhos e constatei que não estava no nosso quarto nem no quarto de infância de Matheus. Não estava na nossa casa nem na casa dos pais dele. Aquela não era a nossa cama. E isso nem foi o que mais me assustou. O que me deixou alarmada foi o homem que estava ao meu lado.

### *Algumas horas antes*

## IGOR

Ela ainda tinha a boca em formato de coração.

Foi a primeira coisa que captei ao vislumbrar os lábios avermelhados de Sofia Theloni, parada a alguns metros de distância.

As inocentes feições infantis haviam adquirido traços tentadores, mas uma aura angelical ainda esculpia seu rosto delicado.

— Sofia? — Fiquei de pé, incapaz de acreditar que estava diante da versão adulta da primeira garota que eu amei.

Ela olhou e, para a minha surpresa, reconheceu-me instantaneamente.

— Oi, Igor! — Acenou, abrindo um sorriso.

Eu havia imaginado sua aparência inúmeras vezes, mas minha parca imaginação não me preparara para aquilo. Sofia tinha se transformado em uma mulher espetacular.

— Sua mesa é aqui! — exclamei, sem conseguir conter o entusiasmo.

Ela havia sido o motivo de eu ter aceitado participar do baile. Não gosto dessas coisas, mas, pela possibilidade de revê-la, aceitei de imediato o convite de... esqueci o nome da mulher que organizou a festa.

— Você está pensando em me trocar por ela? — Naomi lançou um olhar desdenhoso na direção de

Sofia. — Porque, se estiver, tudo bem, sabe? Eu posso ficar com aquele monumento. — Mordeu o lábio, com os olhos fixos em Matheus.

Eu odiava o cara. Primeiro, porque, quando éramos crianças, ele vivia conversando com Sofia. E eu era o garoto tímido que mal conseguia respirar perto dela.

Segundo, porque ele dizia coisas horríveis a ela. E eu não tinha coragem de enfrentá-lo e fazê-lo engolir cada palavra.

Terceiro, porque a mulher que eu convidara para me acompanhar estava louca para se livrar de mim para cair justamente nos braços dele.

Eu a conhecia de vista, frequentávamos a mesma academia. Decidi convidá-la porque esse é o tipo de merda que um cara recém-divorciado faz.

Digamos que o fim do meu casamento aconteceu em circunstâncias que não fizeram muito bem para o meu ego. Então, aparecer sozinho em uma festa de reencontro de turma, em que provavelmente todos os meus ex-colegas estariam acompanhados por namoradas, noivas e esposas fazia de mim o único fracassado no departamento amoroso. E essa era uma derrota que minha fragilizada autoestima não estava disposta a enfrentar.

O que eu não sabia era que a tentativa de manter meu ego vivo me faria ser tão facilmente trocado por um sujeito que eu detestava.

Na verdade, Naomi só estava adiantando as coisas e facilitando a minha vida, porque eu tinha a intenção de dispensá-la assim que tivesse uma chance com Sofia. Mesmo assim, fiquei extremamente puto.

— Faça o que você quiser — rosnei.

Desviei os olhos e admirei Sofia caminhando até mim.

A fenda do vestido azul-escuro deixava à mostra uma das pernas longas e torneadas e, à medida que ela se movia, os peitos balançavam-se levemente.

Ela era gostosa além do que devia ser permitido a qualquer mulher, pelo bem da discrição das ereções públicas.

— É um prazer rever você, Igor. — Cumprimentou-me com um beijo no rosto e deu um passo para trás.

Sequer tive tempo de me deliciar com o perfume doce e intenso que me engolfou, porque meus olhos foram magneticamente atraídos para o decote generoso, que deixava duas bandas carnudas em evidência.

— O... prazer é meu. — Fiz um esforço hercúleo para erguer o olhar, colocando em prática a milenar arte masculina de manjar peitos sem ser notado.

— Sua namorada? — perguntou, olhando para Naomi.

— Não! — Apressei-me em dizer.

— Na verdade, já estou de saída. Mas é um prazer te conhecer. Meu nome é Naomi. — Ela se levantou e estendeu o braço.

— Sofia. — Minha ex-colega apertou a palma aberta.

— Ai! — Uma careta repentina enrugou o rosto da minha ex-acompanhante. — Você me unhou!

— Ah, desculpa, querida, foi sem querer! — O sorriso satisfeito que curvou os lábios dela dizia o contrário.

Eu estava tentando compreender por que ela havia unhado Naomi de propósito quando uma sombra negra parou diante da mesa.

— Você precisa tomar mais cuidado, Gi. — O desgraçado enlaçou a cintura de Sofia. — A moça tem uma mão pequena e delicada.

— Gi? — questionei, notando que ela lançava um invisível jato de fúria nos olhos dele.

— Vem de “girafa” — ele esclareceu, retribuindo o olhar furioso que recebia.

A explicação foi a gota d’água.

— Por que você sente esse prazer mórbido em ofendê-la? — perguntei, indignado com o fato de ele



ainda magoá-la com aquele tipo de insulto. — Ela não é uma girafa! E, por experiência própria, posso dizer que ela não dança feito uma pata! Você que é um babaca! — As palavras entaladas há quase três décadas escaparam sem dificuldade.

Mas o alívio que dominou minha garganta durou pouco. No segundo seguinte, foi substituído por uma dor aguda no maxilar.

## TALES

— Fica tranquila, elas não estavam interessadas em mim. — Finalizei o copo de uísque, colocando-o sobre a mesa de centro.

Letícia e eu estávamos sozinhos, cercados por sofás e flores.

— Não estavam interessadas em você? — Ela riu. — Conta outra, Tales.

— É sério. — Desolado, deixei o corpo cair no assento mais próximo.

— Impossível. — Ela se acomodou ao meu lado.

Eu costumava atrair a atenção feminina. Era assediado até em meu próprio local de trabalho! Então, o que estava acontecendo comigo? Por que aquelas mulheres tinham me ignorado?

Putá merda! Só havia uma explicação!

— Letícia — desesperado, baixei a cabeça —, olha aqui. Eu tô ficando calvo?

— Quê? — Minha namorada teve uma crise de riso.

— Responde! Eu tô ficando careca? — berrei, no ápice da angústia.

Ela riu tanto que caiu deitada no sofá.

Eu estava mesmo perdendo o cabelo! Os putos iam começar a me chamar de *Barbie Calva*!

Letícia ria da minha desgraça, e eu tateava o cocuruto, à procura da calvície que ela tinha visto.

Eu não podia acreditar que seria o único homem careca da minha família! Eu nem tinha entradas!

Por que essa tragédia estava acontecendo comigo, se meus irmãos mais velhos tinham couros cabeludos tão cheios de cabelo quanto o de meu pai?

— Você não está ficando careca, idiota. — Ela se sentou, rindo.

— Tem certeza? — perguntei, esperançoso, ainda passando os dedos no topo da cabeça.

— Absoluta.

— Letícia, não mente pra mim!

Ela deu uma risada.

— Ai, Tales... — Ganhei um beijo no rosto. — Eu te amaria mesmo carequinha.

— Tá, mas você promete que eu não tô ficando careca? — pedi, apoiando as mãos em sua cintura.

— Prometo. — Ela estampou o sorriso em minha boca.

Enlacei a língua na dela, trazendo-a mais para perto. Aprofundei o beijo, puxando-a até tê-la em meu colo.

Logo, suas pernas estavam abertas sobre as minhas, e minha parte favorita pressionava a rigidez em minha calça.

Fui erguendo o vestido, subindo o tecido aveludado e percorrendo as coxas macias enquanto meus lábios devoravam os dela.

— Pega fogo, cabaré! — Alguém gritou, e o susto me lembrou de que não estávamos na privacidade do meu apartamento.

Letícia abandonou minha boca, e dirigimos os olhos para a entrada do ambiente.

— Podem continuar, é só fingir que a gente não está aqui. — Reconheci a mulher de vestido rosa, que abriu um sorrisinho sacana.

— Eu prefiro que a ruiva continue comigo. — A de branco sorriu maliciosamente para a minha namorada.

Foi quando a minha ficha finalmente caiu!

— Vocês são lésbicas?

— Minha amiga é. Eu sou bi. Inclusive, topo *ménage*. Por acaso vocês estariam interessados? — A ex-colega de Matheus quis saber.

— Não, eu não divido essa ruiva aqui com ninguém. — Abaixei o vestido de Letícia, cobrindo as coxas à mostra.

— O que você tem de gostoso tem de egoísta. Mas tudo bem, porque, no seu lugar, eu também não dividiria essa ruiva. — Ela riu e saiu andando, levando a amiga consigo.

— Como ela teve coragem de te chamar de “gostoso” na minha frente? — Letícia se indignou.

— As verdades estão aí para serem ditas, amor — pirraçei.

Ela fez uma caretinha linda, que eu enchi de beijos.

Migrei a boca para o pescoço e fui trilhando sua pele, apalpando os peitos sob o vestido.

Ela se remexia, esfregando-se em mim e fazendo com que a vontade de fodê-la se tornasse insustentável.

— O que você acha de ser comida no banheiro? — sussurrei em seu ouvido.

— Você está falando sério? — A voz misturada à rouquidão de um gemido me deixou ainda mais excitado.

Capturei seus lábios quentes e deliciosos para provar que eu nunca havia falado tão sério.

Finalizei o beijo nos colocando de pé. Desci seu corpo, agarrei sua mão e comecei a puxá-la, ansioso para me afundar dentro dela.

Rapidamente, chegamos ao banheiro feminino. Mas a porta estava fechada. Tentei a maçaneta, sem sucesso.

— Já estou saindo! — Alguém informou.

— Você não deveria se esconder e entrar depois de mim? — Letícia cochichou.

Não tive tempo de responder, porque, de repente, a entrada se revelou, uma mulher saiu e fechou a porta rapidamente.

Quando ela se virou, vi que era a amiga de Sofia.

— Se vocês tinham planos de entrar para transar, podem esquecer. Fiz cocô e, pelas próximas horas, não recomendo a entrada de ninguém neste recinto.

Letícia deu uma risada, mas eu fiquei puto! Onde já se viu cagar num banheiro de festa, sabendo que eles existem para outros fins?

— Inclusive, acho melhor a gente se afastar, antes que o cheiro escape pela fresta. — Ela começou a andar, nem um pouco constrangida por ter infestado o banheiro, o que me deixou bastante surpreso. — Que foi, Tales? — Olhou para mim. — Você não faz cocô? Porque eu faço, e é bem fedido, viu?

Fiquei ainda mais chocado, mas Letícia teve uma crise de riso.

— Ai, Duda, você é a melhor! — Minha namorada enfiou o braço no dela, e as duas saíram rindo.

Fui atrás, tentando não imaginar a cagona toda suja de bosta.

Assim que pisamos no salão, avistei Matheus parado, com os olhos fixos em um ponto específico, parecendo incinerar alguém.

Segui a visão de calor do *pseudosuperman* e me deparei com Sofia conversando com Igor e a acompanhante.

— Vai dar merda — avisei, quando o homem furioso começou a se deslocar, caminhando até o trio.

— Hã? Como assim? — Letícia indagou.

Indiquei com a cabeça, e ela abriu um sorriso.

— Eu acho é pouco. Isso é pra ele aprender! Aqui se faz, aqui se paga!

— Mas ele não fez nada! — Defendi.

— Ele não fez nada, Tales? — Ela me fuzilou.

— Quem fez foi você. Envenenou Sofia contra Matheus, e agora ela vai dar a ele a chance de descer o braço naquele cara!

— Em Igor? — Maria Eduarda arregalou os olhos.

— Fica tranquila, Duda. Matheus é um homem civilizado. Olha lá, está tudo bem. Eles estão tendo uma conversa educada. — Minha namorada tentou acalmá-la.

Mas, assim que se calou, uma voz naquele trecho do salão exaltou-se.

— Por que você sente esse prazer mórbido em ofendê-la? — O tal do Igor questionou, alto o bastante para que deixássemos de ser os únicos espectadores da cena. — Ela não é uma girafa! E, por experiência própria, posso dizer que ela não dança feito uma pata! Você que é um babaca!

## MATHEUS

O filho da puta tinha mencionado a dança.

A única coisa que ele não podia jogar na minha cara estava ali, pairando no ar e me intoxicando por dentro.

“Por experiência própria”.

Três palavras. Bastaram. Para provocar em mim. Um instinto assassino.

Aconteceu tão rápido que só me dei conta de que meu braço havia se movido quando Igor cambaleou, esbarrando na cadeira e tombando junto com ela.

— Matheus! — Sofia largou a taça de champanhe e correu em minha direção.

— Igor! — Alguém gritou, mas não me dei o trabalho de olhar no rumo da voz e dos saltos barulhentos.

— Ela é uma girafa, sim! — berrei, fulminando o homem caído e abraçando minha noiva. — Minha girafinha! E você é o desgraçado que ousou dançar com uma pata que sempre foi minha!

— Pata de cu é rola! — Sofia encrespou, socando meu peito.

De repente, uma gargalhada alta ecoou no salão. Olhei ao redor e percebi que várias pessoas mascaradas estavam inertes feito estátuas, bastante concentradas em nós.

— Eu gostaria de informá-los de que isto é apenas um reencontro do pré, não a volta ao pré! — Tales estava parado a alguns passos de distância, rindo bastante.

Eu estava tão puto que nem consegui devolver a zoeira.

— Igor... Eu te ajudo. — Olhei para baixo e vi Maria Eduarda tentando levantá-lo.

— Eu não preciso da porra da sua ajuda! — Ele moveu o braço que ela estava segurando e se colocou de pé, tocando o maxilar avermelhado.

A amiga de Sofia também se ergueu, fazendo uma cara de choro.

Eu estava prestes a fazê-lo pagar pela grosseria quando uma voz feminina se fez ouvir.

— Isso não é jeito de tratar uma mulher, seu filho da mãe! — Maria Clara veio caminhando, furiosa. — Peça desculpas! — exigiu.

Ele teve a decência de parecer culpado, mas, quando se virou, Maria Eduarda saiu correndo.

— Vá atrás dela! — Maria Clara ordenou, apontando o indicador na direção da fugitiva.

— Infelizmente, isso não vai ser possível, porque preciso conduzir esse vagabundo à delegacia. — Ele olhou para mim, cheio de si. Enfiou a mão no bolso, pegou o porta-funcional e me mostrou o distintivo.

— Eu sou Delegado da Polícia Civil. Você está preso.

Ah, que maravilha, o desgraçado tinha me dado voz de prisão. E não era um mero cidadão exercendo

um direito legalmente previsto, mas uma autoridade competente para autuar o flagrante.

Com certeza, faria o registro da ocorrência. Ele não perderia essa chance, e eu não podia acreditar que, pela primeira vez, pisaria em uma delegacia como o réu do caso.

As consequências da minha atitude impensada não seriam drásticas, mas eu zelava demais pela minha carreira, e aquilo mancharia a minha imaculada reputação.

Quando me dei conta disso, percebi que ter dado um soco naquele filho da puta tinha sido a maior burrada da minha vida.

Já que eu ia me foder, devia ter dado vários!

## IGOR

— Eu sou Delegado da Polícia Civil. Você está preso. — Por essa você não esperava, né, desgraçado? Em vez de me mostrar pânico, como eu previa, ele me mostrou uma expressão perfeitamente tranquila.

— Para a sua informação, Delegado — enfiou a mão no bolso, pegou a carteira e me mostrou o brasão do Ministério Público — eu sou Promotor de Justiça.

É... Por essa, eu não esperava.

Como nunca tinha ouvido o nome dele no meio jurídico, supus que estivesse alocado em outra comarca.

Tentei mascarar a surpresa de descobrir que tínhamos mais em comum do que eu pensei encarando-o com estudada indiferença.

Matheus se manteve sério, mas pude ver em seus olhos um nítido brilho de deboche.

O filho da mãe não podia ser preso, e estava careca de saber disso. Em razão do cargo, possuía prerrogativa de foro e, como lesão corporal não era um crime inafiançável, ele não podia ser detido.

O máximo que eu poderia fazer sem correr o risco de cometer abuso de autoridade era encaminhá-lo à delegacia e providenciar a lavratura do boletim de ocorrência. E esse gosto ninguém ia tirar de mim.

— Que bom. Mas isso não vai te livrar de fazer uma visita à delegacia. — Foi a minha vez de caprichar no deboche.

— Não! — Sofia se colocou entre nós. — Eu não estou... — Levou uma mão à testa. — Eu acho que eu vou... — E, então, o baque.

## SOFIA

Apesar de saber que Matheus não ficaria preso, eu não podia permitir que ele fosse levado a uma delegacia como se fosse um dos criminosos que acusava diariamente.

A serenidade em seus olhos era uma fachada. Bem no fundo, eu podia ver o quanto aquilo estava afetando a imagem que ele tinha de si mesmo.

Matheus amava a profissão, e eu jamais me perdoaria se minha atitude imatura e impulsiva maculasse sua estimada carreira.

Aprendi com tia Liv que situações extremas pedem medidas desesperadas. Então, não pensei duas vezes antes de fingir um desmaio.

Eu nunca tinha feito aquilo antes, mas não devia ser tão difícil assim, já que ela sempre se valia do recurso para livrar tio Max de encrencas.

Além disso, as atrizes viviam caindo nas novelas. E as mocinhas, nos livros de época. Ou seja, eu

desmoronaria feito uma dama, delicada e graciosa, que nem uma pluma.

Ledo engano. Cometi o gravíssimo erro de não calcular o espaço e me ferrei bonito.

Meu corpo desabou, e minha cabeça encontrou uma das quinas da cadeira caída no piso.

A dor foi tão forte que, quando me atingiu, tudo ficou escuro.

## TALES

No momento em que a alcançamos, um filete rubro começou a colorir o chão.

— Sofia! — Letícia caiu no choro ao ver o fio vermelho, que se alargava a cada segundo.

— Ela vai ficar bem. — Beije sua testa e, rapidamente, tirei o celular do bolso. — Liga para o hospital da sua família e chama uma ambulância. — Coloquei o aparelho em suas mãos. Não havia tempo para consolá-la. Eu precisava agir.

Quando me abaixei, Matheus já estava ao lado da noiva inconsciente, chamando-a com desespero.

— Gi, acorda! Sofia, por favor! — Lágrimas copiosas inundavam seus olhos apavorados.

— Calma, cara, ela já vai acordar — tranquilizei, enquanto conferia discretamente se ela estava respirando.

Aliviado, abandonei o pulso e ajeitei sua posição da maneira mais adequada e menos arriscada naquelas circunstâncias. Então, cuidadosamente, desfiz o laço da máscara, retirei a peça e dei uma olhada no ferimento.

Uma grande mancha vermelha tingia o cabelo loiro e se espalhava pelo assoalho branco.

— Tem muito sangue, Tales! — Matheus começou a chorar convulsivamente.

As pessoas ao redor se alarmaram. Os homens soltaram exclamações e ruídos de alarde. E algumas mulheres gritaram, agindo como se estivessem diante de um iminente cadáver.

A quantidade de sangue parecia assombrosa para os leigos, mas não significava, necessariamente, que o trauma era grave. A abundância era fruto do grande volume de vasos que o ser humano tem no couro cabeludo. Mas, de todo jeito, a hemorragia precisava ser contida.

— Preciso de água, sabão e gaze. Se não tiver, traga panos limpos — orientei o garçom mais próximo, que começou a correr, sendo seguido pelos demais. — O resto de vocês, por favor, afastem-se, ela precisa de ar.

Entendendo o recado, as pessoas mais racionais começaram a incentivar as mais emotivas a se distanciarem, desfazendo o círculo ruidoso e sufocante que nos cercava.

— Fica tranquilo, Matheus. É normal sair muito sangue, ela vai ficar bem. — Tentei serená-lo, mas o medo de perdê-la não deixou que ele ouvisse. Seus ombros tremiam, e as mãos apertavam a dela com força.

— Por favor, paixão, acorda! Não faz isso comigo, Sofia... Por favor, não me deixa. — A súplica comovente arrancou lágrimas de todas as moças presentes, que soluçavam tanto quanto o noivo em prantos.

Como não havia mais nada que eu pudesse fazer, além de esperar e torcer para que Sofia recobrasse a consciência o quanto antes, apenas assisti ao desespero dele, tentando confortá-lo e lutando para não sucumbir ao nó na garganta.

Igor continuava imóvel, com a face exposta tão lívida quanto a mascarada. O remorso em seus olhos atônitos escorria pela bochecha descoberta.

— A ambulância está a caminho. — Letícia se ajoelhou ao meu lado, engrossando o choro de Matheus.

— Eu te amo. — Ele se inclinou e depositou os lábios na boca da noiva desfalecida. — Por favor, volta pra mim. — Acariciou o rosto pálido, que recebeu uma gota salgada.

Por um momento, achei que ela abriria os olhos magicamente, como a princesa da história que eu costumava contar para as minhas sobrinhas. Mas aquilo não era um conto de fadas. Na vida real, um beijo de amor verdadeiro não era tão poderoso assim.

Eu achei que não fosse, mas descobri que estava errado quando as pálpebras da Bela Adormecida se ergueram e o azul de suas íris fez com que o príncipe chorasse de felicidade.

Gostaria de dizer que foi uma cena bonita, como as dos contos infantis, mas poucas coisas na vida são tão deploráveis quanto um homem chorando sem controle algum. Matheus, então, ficava feio para um senhor caralho.

Porém, a feiura do príncipe não importa. O que importa é que a princesa finalmente despertou.

## SOFIA

Abri os olhos e constatei que não estava no nosso quarto nem no quarto de infância de Matheus.

Não estava na nossa casa nem na casa dos pais dele.

Aquela não era a nossa cama. E isso nem foi o que mais me assustou.

O que me deixou alarmada foi o homem que estava ao meu lado.

O que tio Max estava fazendo ali?

— Oi, meu anjo! — Ele se levantou da poltrona e caminhou até mim. — Você está se sentindo bem?

Assenti, mas a súbita sensação dolorida em algum lugar da cabeça incomodou.

Levei os dedos ao cabelo e me deparei com um curativo.

Foi quando as imagens inundaram minha mente. A dor excruciante. O desmaio. As lágrimas de Matheus. Tales estancando o sangue. Os paramédicos. O hospital. A anestesia. Os pontos. Os exames. A sonolência. A internação.

— Cadê Matheus? — Minha voz saiu estranha, meio rouca.

— A presença do seu tio favorito não basta? — perguntou, indignado. — Nossa, Sofia... — Levou uma mão ao peito, fazendo uma carinha triste. — Tudo bem. Já que você está me rechaçando, eu vou lá fora chamar a única pessoa que você ama.

— Ai, tio Max, eu perguntei só pra saber — falei, achando graça.

— O filho da puta está lá fora, dando o cu pro seu pai. — A zoeira vingativa me fez rir.

Ele também deu uma risada.

— Os putos estão conversando com o médico, vou lá chamar. Fica quietinha aí. — Beijou minha testa e saiu do quarto.

Logo, um homem de jaleco entrou, junto com papai.

— Princesinha!

— Sofia, você quer matar a sua mãe do coração, é isso? — Chorosa, mamãe veio logo atrás.

— Sofia, muito obrigado por ter arruinado a minha noite no *Mamma!* — Meu amoroso irmão também apareceu.

Matheus só entrou depois que eles saíram. Surgiu na porta, alto e largo, mais bonito do que nunca. Usava apenas a calça preta e a camisa branca, com as mangas arregaçadas até os cotovelos. O cabelo denso e escuro estava desalinhado, e pontinhos pretos sombreavam o maxilar anguloso.

Os fios despenteados e a barba por fazer complementavam o ar de descuido, que o deixava pecaminosamente lindo.

Sem dizer nada, caminhou até o leito e se sentou na beirada, tomando minhas mãos e examinando meu rosto.

Foi quando eu me dei conta de que devia estar horrorosa!

— Eu tô horrível, né? — lamentei, imaginando a maquiagem borrada, o cabelo sujo de sangue, o curativo imenso.

— Você nunca esteve tão linda. — Ele se curvou e brindou meus lábios com a maciez de sua boca. — Sofia... — Endireitou o torso e fixou os olhos úmidos nos meus. — Eu tive tanto medo de te perder...

— Foi só um cortezinho à toa, Miyake. — Subi o braço e acariciei a mandíbula áspera.

— Tudo por causa daquele filho da puta! — O músculo tensionou sob os meus dedos.

— O único culpado nessa história é o nosso ciúme — corrigi.

Ele baixou os olhos e ficou em silêncio, acariciando minhas mãos.

— Você está certa — falou, por fim. — Desculpa, Gi. — Ergueu a cabeça e me mostrou dois lagos verde-azulados. — Fiz isso com você. Eu dei o soco nele, a cadeira caiu, você desmaiou e... — Uma lágrima cortou a bochecha que eu tanto amava.

— Eu fingi o desmaio — confessei, incapaz de vê-lo tão triste por algo que eu havia causado.

— Você o quê? — Ele arregalou os olhos.

— Tia Liv desmaia de mentirinha direto, achei que fosse fácil — justifiquei. — Mas acabei batendo a cabeça e, aí, desmaiei de verdade.

Ele piscou, incrédulo.

— Sofia, por que você fez isso?

— Para você não ser levado à delegacia.

— Eu não ia ser preso! — ele berrou.

— Eu sei! Mas você é todo certinho, Matheus. Isso ia te assombrar pelo resto da vida, e eu te amo demais para permitir que algo assim te aconteça.

Ele me encarou, com os olhos marejados.

— Eu não mereço você.

Sentei-me e segurei seu rosto entre as mãos.

— Você merece todo o amor do mundo. E o que eu tenho aqui dentro é todo seu.

Nossos lábios se encontraram e, enquanto eu o beijava, lembrei que podia estar com bafo. Então, finalizei o beijo rapidinho.

— Sofia, você não está com bafo. — Matheus deu uma risada.

Como ele tinha lido os meus pensamentos?

— Como você... — Soprei a palma aberta, conferindo e confirmando que, felizmente, meu hálito estava bom.

— Eu te conheço, paixão. — Ele riu. — Vem cá. — Sua mão capturou minha nuca, e a boca confiscou a minha. — Eu te amo — sussurrou, instantes depois, unindo nossas testas.

— Também te amo. — Fiquei brincando com os fios de seu cabelo até ele se afastar.

— Tenho uma notícia para te dar — declarou.

— Que notícia? — perguntei, apreensiva.

— Fizeram uns exames em você e... descobriram uma coisa. O médico me disse, e eu pedi a ele para não contar para a sua família, porque...

— Que coisa, Matheus? — interrompi, com o coração esmurrando o peito. — Um tumor? Eu tenho um tumor?

Meu Deus! Eu estava com câncer! Ia morrer, aos trinta e três anos! Com a fatídica idade de Cristo! Antes de me casar com Matheus!

— Não! Porra, Sofia! É claro que não é um tumor! — ele berrou.

— É o quê, então? — perguntei, aliviada. — Uma mancha suspeita? Uma hérnia? Um objeto metálico dentro da minha barriga?

— Um bebê! — Um sorriso iluminou seu rosto inteiro.

Depois do susto de pensar que estava com um tumor maligno, eu achei que estivesse preparada para

qualquer descoberta.

Eu estava errada.





# 46

EU SEI QUE ERREI

“(...) e me arrependo, mas eu juro, não vou viver se não te namorar”.

*Morena — Scracho*

## DUDA

Poucas coisas no mundo são tão ruins quanto chorar dentro de um banheiro fedendo a cocô.

Se eu soubesse que precisaria dividir o espaço com meus coliformes fecais naquela noite, não teria comido ovo cozido pela manhã.

Apesar do cheiro desagradável, tranquei a porta e me joguei no sofá do ambiente requintado.

Minhas lágrimas eram um lamento pela perda do garoto tímido e fofo que gostava de desenhar monstros gigantes quando era criança.

O Igor que eu conhecia não existia mais. O Igor de quem eu gostava respirava apenas em minhas lembranças.

Chorei por ele, que não merecia ter se transformado naquele homem arrogante e estúpido. E chorei por mim, que não merecia aquela decepção.

Organizei um baile e me preparei para dançar com um príncipe, sem saber que ele tinha virado o rei dos sapos.

O que teria acontecido? Alguma bruxa o teria transformado em sapo? Um beijo o transformaria em príncipe outra vez?

Não que eu fosse beijá-lo, obviamente. Eu odiava Igor Varella! Não queria vê-lo nunca mais. Nem pintado de ouro!

Abandonei a tristeza e comecei a chorar de raiva; dele e principalmente de mim mesma, por ter tentado ajudá-lo. Ele não merecia a minha preocupação. Não merecia nada!

Como eu pude ser tão idiota, tão crédula? Como eu pude planejar tudo aquilo só para reencontrá-lo?

Num acesso de fúria, arranquei a máscara e passei as mãos no rosto, limpando as lágrimas gordas e quentes que alagavam minhas bochechas. Não derramaria nem uma gota a mais.

Assim que decidi voltar para a festa, ouvi um barulho muito parecido com o som de uma sirene.

O ruído lá fora foi ficando cada vez mais alto, mais próximo, mais preocupante.

Alguma coisa estava acontecendo.

Largando a bolsa e a máscara no sofá, levantei-me de súbito e abri a porta. Fui um pouco além, para ter acesso ao salão, e o que eu vi me deixou apavorada.

IGOR

Sofia já estava na maca, sendo levada pelos paramédicos, quando uma mulher de vestido vermelho surgiu entre nós.

— Letícia! O que aconteceu? — perguntou, bastante assustada.

Estava sem a máscara, com os olhos avermelhados e rodeados por borrões pretos, que escorriam pelas faces úmidas, denotando as lágrimas que ela havia derramado.

Embora aquela fosse a primeira vez que via seu rosto, eu a reconheci de imediato. Não pela cor do vestido, mas pelo cabelo cacheado e volumoso, que eu notara minutos antes, quando ela correu de mim como se eu fosse um monstro.

Aquela era a mulher que eu havia destrutado; a mulher que tentou me ajudar e, em troca, recebeu, injustamente, toda a ira que o meu orgulho ferido produziu naquele momento humilhante.

Eu tinha acabado de levar um soco e estava caído no chão, na frente de todos os meus ex-colegas. Foi como voltar ao jardim de infância. Ali, eu me senti tão impotente e ridicularizado quanto uma criança enfrentando o valentão da escola.

Aos seis anos, eu me imaginava como o herói que salvaria a garota indefesa das maldades do malfeitor mirim. Depois de tanto tempo, eu finalmente tinha criado coragem para confrontá-lo, mas o embate não havia acontecido como eu imaginei.

Aparentemente, a garota indefesa não precisava mais ser defendida. Meu ato heroico tardio só serviu para me transformar no vilão da história.

Minha vilania tinha vitimado duas mulheres. Uma estava fisicamente ferida. A outra, emocionalmente abalada.

Ao ver o rastro das lágrimas em seu rosto, o remorso, que já consumia meu peito, tornou-se ainda mais insuportável.

Como se não bastasse ter feito Sofia desmaiar e rachar a cabeça, eu tinha feito uma mulher chorar.

Sério, qual era o meu problema? Por que tudo tinha que dar errado na minha vida? Por que eu não conseguia acertar com nenhuma mulher?

— Igor ia prender Matheus! Sofia desmaiou e bateu a cabeça! — A ruiva sumou, caminhando depressa rumo às portas do salão. — Maria Eduarda! Estamos indo para o São Cipriano! — Ela se virou e acrescentou, antes de desaparecer junto com os paramédicos e o sujeito loiro.

Maria Eduarda...

Não era esse o nome da mulher que havia organizado o baile?

Isso! Duda! Ela se apresentou como “Duda”! No dia, eu me lembrei de que tinha mesmo uma colega com esse apelido. Vivia grudada em Sofia e era muito tímida. Talvez até mais que eu.

Meses atrás, quando puxou assunto comigo via internet, não sei se conferi seu nome completo, mas me lembro de checar a foto do perfil e encontrar o logotipo de uma empresa.

Supus que ela fosse feia. Ali, vendo-a pela primeira vez, eu não pude acreditar no quanto estava errado.

As lágrimas negras empoçadas abaixo dos cílios inferiores não desfalcavam a beleza dos olhos castanhos. E o batom borrado não tornava menos atraente a boca larga e bem delineada. O vestido vermelho não tinha alças e ajustava-se perfeitamente à pele dourada. O decote era um espetáculo à parte. Mas, por incrível que pareça, não foi o que prendeu a minha atenção. O que deixou meus olhos cativos foi o cabelo. Era comprido, cheio e aparentemente macio. Os cachos cobriam um dos ombros, e, enquanto eu admirava os caracóis escuros, Maria Eduarda se moveu.

Ergui o olhar, fixando-o nas íris concentradas em mim. Ela me fitava com um ódio palpável, que me fez sentir o pior dos homens.

Abri os lábios para me desculpar por tudo o que havia feito, mas fui interrompido por cinco dedos,

que atingiram meu rosto com força, castigando meu maxilar já dolorido.

Após o golpe, eu a encarei, chocado.

— Isso não foi por mim. Foi por Sofia. Se acontecer alguma coisa com ela, eu te mato! — ameaçou, furiosa.

— Dá outro! Ele merece mais um! — Uma mulher de vestido rosa incentivou.

— Não. Não vou mais perder meu tempo com esse babaca. — O desprezo em seu olhar continha uma nítida camada de decepção.

Era como se ela esperasse que eu fosse outra pessoa, como se eu não fizesse jus a determinado ideal, como se estivesse aquém de suas expectativas. Não entendi por que ela me olhou daquela maneira, mas me senti um lixo.

Antes que eu tivesse tempo de fazer ou dizer alguma coisa, Maria Eduarda se virou e saiu andando depressa.

Sua reação doeu mais que o tapa. O olhar decepcionado e a saída brusca provocaram em mim um sentimento de fracasso absoluto.

Eu estava bastante desapontado comigo mesmo. O desenrolar daquela noite tinha me transformado em uma espécie de monstro, coisa que eu não era.

Estava me sentindo incrivelmente mal por ter iniciado a disputa com Matheus. Na infância, não tinha a malícia necessária para perceber que, na verdade, ele gostava de Sofia. Na minha cabeça, ele a ofendia porque era mau. Era o que eu pensava do meu pai, que vivia xingando minha mãe. Naquela época, eu não sabia distinguir os insultos inofensivos de uma criança da agressão verbal de um adulto. Para mim, mulher nenhuma merecia ser xingada.

Aos seis anos, eu me sentia um covarde por não enfrentar meu pai e proteger minha mãe, que às vezes apanhava daquele filho da puta. E, por algum tempo, carreguei o peso de não ter conseguido defender Sofia.

Apesar do fim desastroso daquela noite, eu me sentia aliviado. Ela era amada. O ódio que eu sentia de Matheus evaporou-se no momento em que eu o vi chorando, clamando desesperadamente por ela.

A ironia daquilo tudo residia no fato de eu tê-lo acusado de ser um babaca com uma mulher e ter sido rude com outra.

No momento em que puxei o braço da mão de Maria Eduarda, eu ainda estava cego pela raiva. Ali, caído no chão, eu me vi agredido e derrotado, como tantas vezes fui antes de ter idade suficiente para colocar meu pai na cadeia. Quando ela tentou me ajudar, eu só pensava em fazer com Matheus a mesma coisa que fiz com o agressor de minha mãe.

Eu simplesmente não podia suportar o fato de que, ao destratar Maria Eduarda, tinha me assemelhado com o homem que eu mais abominava no mundo, um homem que, felizmente, estava morto.

Por isso, quando ela começou a andar, fui atrás. Tinha meus defeitos, como todo mundo, mas precisava provar que não era tão babaca quanto ela pensava que eu fosse.

— Vai devagar, você vai acabar caindo — aconselhei, porque os passos desesperados, mas contidos, indicavam que ela estava se equilibrando sobre sapatos muito altos.

— Não se preocupe. — Maria Eduarda sequer virou o rosto ao pronunciar as palavras. — Se eu cair, não vou precisar de você para me levantar. *Não preciso da porra da sua ajuda.* — A frase cortante acompanhou os passos cada vez mais rápidos, e o eco do que eu havia dito minutos antes provocou um rasgo em meu peito.

— Desculpa por isso. Eu... — Engoli em seco. — Não tenho nenhuma justificativa plausível para a minha atitude grosseira, mas gostaria que você me desculpasse. Eu prometo que...

— Não. — A resposta ríspida me deixou atônito. — Agora saia de perto de mim.

Minha experiência dizia que contrariar uma mulher irritada não era uma boa ideia. Mas, aparentemente, meu bom senso estava afetado, pois me mantive em movimento ao lado dela.

— Para onde estamos indo? Para o banheiro? — questionei, ao notar a proximidade do toalete feminino.

— *Eu* estou indo buscar a minha bolsa. *Você*, eu não sei. — Continuou andando, até chegar à porta.

— Vou te esperar aqui fora — informei, quando ela entrou.

Segundos depois, ouvi um berro, vindo do interior. Em um segundo, eu estava lá dentro.

Maria Eduarda estava parada, diante do espelho que ficava acima de uma comprida bancada de mármore, fazendo uma expressão de puro pavor. Era o perfeito retrato de “O Grito”, de Edvard Munch.

— O que foi? — perguntei, com o coração aos pulos.

— Minha cara! Por que ninguém me avisou que eu estou horrorosa? — Pressionou os dedos nas bochechas borradas, encarando o reflexo.

— Você não está horrorosa. — Deixei uma risada escapar, aliviado por não ser nada grave.

Foi quando um odor malcheiroso invadiu minhas narinas.

— Você está sentindo isso? — Precisei prender o nariz.

Alguém tinha destruído aquele lugar. Mal dava para respirar ali dentro.

Sem dizer nada, ela foi até a bolsa jogada no sofá.

— Puta merda... A pessoa que fez isso estava podre — comentei, contendo uma ânsia de vômito.

Meu Deus, por que um cara com o estômago em decomposição tinha cagado no banheiro feminino?

Definitivamente, aquilo não havia sido obra de uma mulher. Mulher nenhuma era capaz de produzir algo tão fétido!

— A pessoa que fez isso estava extremamente nervosa! Provavelmente, por causa de alguém! E a consequência foi uma caganeira, coisa absolutamente normal! — Ela passou por mim feito um furacão, alcançando a porta aberta.

— Se eu não soubesse que é impossível, acharia que foi você — brinquei, seguindo seus passos.

— Impossível por quê? — Ela estacou e se virou. — Todo mundo caga, caso você não saiba!

— Eu sei, mas não foi uma mulher que fez aquilo no banheiro. Foi um cara, um filho da puta folgado e inescrupuloso — afirmei, convicto.

— É mesmo? — Duda jogou a cabeça para trás e explodiu em uma gargalhada. — Pro seu governo — ela me fitou, abrindo um sorriso debochado —, eu sou a “pessoa podre” que fez aquilo no banheiro! — Recolheu as aspas gestuais e se calou.

Imediatamente, o silêncio abrigou a minha completa estupefação.

— Você está falando sério? — perguntei, perplexo demais para acreditar.

— Tá vendo isso aqui? — Ela virou as costas, mostrando a bunda, abrindo as duas bandas e me olhando sobre o ombro. — Tem um orifício no meio, e ele não produz bombons com cheirinho de baunilha. Sai merda dele. Merda fedida. A de hoje foi meio líquida, daquelas meio pastosas, sabe? Mas semana passada, por exemplo, saiu um troço grossão, que quase não coube no vaso. Deu trabalho pra descer na hora de dar a descarga, e eu fiquei dias com o cu piscando.

Uma risada escapou da minha garganta, misturando-se ao choque que as palavras causaram.

Meu Deus! Que mulher teria coragem de dizer algo assim a um cara praticamente estranho? Nenhuma que eu conhecia!

Ela era... diferente. Autêntica, espontânea e completamente maluca.

Permaneci inerte, com os olhos fixos na bunda empinada em minha direção. Não era particularmente grande, mas era uma bunda boa. E eu só podia ter algum problema, porque, apesar das circunstâncias, não estava pensando em bosta. Estava imaginando meu pau entre as duas metades.

— Enfim... — Ela ajeitou a posição, voltando a me encarar de frente e interrompendo meu devaneio. — Esta foi a última vez que eu caguei por você, Igor. De hoje em diante, eu tô cagando pra você. Entendeu? — Achando graça do próprio trocadilho escatológico, moveu o indicador e o polegar, como se dissesse que eu precisava extrair algum significado daquilo.

— Não exatamente — respondi, meio confuso.

Não sou burro! A segunda parte eu entendi. Estou familiarizado com a expressão “tô cagando” no sentido de “tô nem aí”. Ou seja, ela disse que, a partir de agora, está pouco se fodendo para mim. Mas o que ela tinha querido dizer com “esta foi a última vez que eu caguei por você”?

Não tinha lógica nenhuma!

— Ai, como você é burro... — Duda revirou os olhos.

— E você é uma cagona! — devolvi, irritado por ter sido chamado de “burro”. Se tem uma coisa que eu não sou é burro!

Ela arregalou os olhos, indignada.

— E você é um bostão! — replicou.

Foi a minha vez de ficar estarecido.

Diante do meu silêncio, ela me deu as costas e começou a se afastar.

Fiquei imóvel, tentando processar o que tinha acabado de acontecer.

Eu tinha chamado Maria Eduarda de “cagona”. Era ainda mais grosseiro que “chatona”! E o pior é que eu não era um “chatão”. Era um bostão!

Que merda.

Horas depois, eu ainda estava pensando nisso, nela e naquela noite. Não fui atrás, porque sabia que Duda estava indo direto para o hospital. Obviamente, eu gostaria de saber como Sofia estava, mas minha presença, naquele momento, só pioraria as coisas.

Então, fui para casa, achando que conseguiria dormir. Não preguei o olho. Pela janela alta do quarto, vi o sol colorir o horizonte de dourado.

Eu detestava ser chamado de “burro”, mas Maria Eduarda tinha razão. Eu devia mesmo ser muito tapado para ter entendido, apenas no dia seguinte, o motivo daquilo tudo.

A resposta estava em sua tentativa de me ajudar, em suas lágrimas, em seu olhar decepcionado, em seu nervosismo, em seu intestino solto.

*“A pessoa que fez isso estava extremamente nervosa! Provavelmente, por causa de alguém! E a consequência foi uma caganeira, coisa absolutamente normal!”.*

*“Pro seu governo, eu sou a ‘pessoa podre’ que fez aquilo no banheiro!”.*

*“Esta foi a última vez que eu caguei por você, Igor. De hoje em diante, eu tô cagando pra você. Entendeu?”.*

Enquanto as palavras dela ressoavam em minha mente, eu finalmente completava aquele quebra-cabeças, tão simples e tão absurdamente óbvio. Como eu não tinha compreendido antes?

Ela gostava da minha versão infantil e estava desapontada com o homem que eu havia me tornado.

Meu Deus! Ela cagava por mim! Por mim! Se isso não era uma prova de amor, eu não sabia o que era!

Mais que depressa, puxei os lençóis e me levantei. Eu precisava reconquistar minha cagona!

## DUDA

Sofia estava em observação, repousando após os exames que havia feito, quando Letícia me chamou para ir ao banheiro.

Levei outro susto ao me aproximar do espelho. Até então, eu tinha me esquecido completamente da maquiagem borrada.

Enquanto lavava minha cara de Taylor Swift em *Blank Space*, contei a Tíci o que havia acontecido antes de eu sair da festa e ir direto para o hospital.

— Não acredito que você contou o motivo da caganeira — ela comentou, achando graça.

— Eu não contei o motivo, só dei uma leve insinuada — murmurei, ensaboando os olhos pela milésima vez.

— Dá na mesma, né, Duda? — Ela riu. — Igor vai juntar as peças e vai descobrir que você gosta dele.

— Gostava — corrigi. — Do verbo “agora eu não suporto”. E ele não vai descobrir nada. Além de grosso, aquilo é burro feito um jumento.

— Grosso e jumento... Sei... — Ela usou um tom provocativo.

— E outra! — Ignorei a provocação. — Eu não tô nem aí se ele sacar! Nunca mais vou ver aquele idiota.

— Como você ainda não o desculpou, eu acho que ele ainda vai te procurar. — Tive que rir desse absurdo enquanto me curvava para enxaguar o rosto.

Assim que terminei, fui até o suporte de papel toalha e comecei a me secar, conversando com ela:

— Estamos falando de um homem que tratou feito lixo uma mulher que só quis ajudá-lo. Você realmente acha que ele se importa com as minhas desculpas? Ou comigo? Ele está se lixando, Letícia.

— Longe de mim defendê-lo, mas, se ele estivesse se lixando, não teria ido atrás de você depois do tapa. Acho que ele se importa, sim.

— Importa tanto que me chamou de “cagona”? — resmunguei, descartando os papéis usados como se estivesse descartando aquele filho da mãe.

— E você o chamou de “burro” e de “bostão” — Letícia observou, rindo.

— De que lado você está, Letícia? Do responsável pelo ferimento da sua prima ou dessa pobre iludida que sonha com um príncipe encantado, mas só encontra sapos pelo caminho? — Externei toda a minha frustração.

— Igor não é o responsável pelo ferimento de Sofia. Eu sou. Não devia ter contado a ela sobre a japa. — A expressão martirizada que tomou suas feições me encheu de pena.

— A culpa não é sua, Tíci — consolei. — É dos dois, que têm ciúme até das próprias sombras. E, como se não bastasse, ficam se pirraçando, brincando de “ciuminho”. — Revirei os olhos. — Espero que agora eles tomem jeito e parem com essa palhaçada, porque, apesar de toda a infantilidade, eles são o casal mais lindo que eu já vi. Junto com você e Tales — suspirei. — Todo mundo tem um par, menos eu — acrescentei, cabisbaixa.

— Você não precisa de homem para ser feliz, Duda. — Ela tentou me animar.

Para quem tinha uma divindade loira que era médico e capitão era fácil falar, né? Ao contrário dela, que era sortuda pra caramba, eu era uma desgraçada na vida, que só arranjava trastes.

— Eu sei — falei, porque realmente sabia que podia ser feliz sozinha. Inclusive, eu era, mas, né? Um moreno alto e sensual totalmente de quatro por mim seria bom. — Não preciso, mas quero. É pedir demais uma pica grossa e cabeçuda que seja só minha?

Letícia teve uma crise de riso.

— Para de rir, vaca. — Dei uma olhada no espelho e constatei que, apesar do rosto limpo, eu estava horrorosa.

Estávamos no hospital há um bom tempo. O dia já devia estar amanhecendo. Eu parecia um zumbi. Mas, pelo menos, estava menos horrível. Qualquer coisa era melhor que aquela cara preta, toda borrada.

E daí que a sala de espera estava lotada de homens bonitos? Os primos de Sofia eram todos comprometidos, para a minha tristeza. E com mulheres igualmente bonitas, para a minha tristeza dupla. Ou seja, eu não precisava me importar com a minha aparência medonha.

Quando retornamos, ficamos sabendo que Souf tinha acordado. Segundo Plínio, que acabara de ver a filha, ela estava ótima. Felizmente, os exames comprovaram que o golpe na cabeça não havia ocasionado nenhum dano além do corte suturado.

Letícia e eu perguntamos se podíamos entrar no quarto para vê-la, mas fomos informadas de que Matheus estava lá dentro.

Já estávamos sentadas, esperando a nossa vez há vários minutos, quando ele despontou na entrada da sala de espera, completamente esbaforido.

— Sofia... — Respirava com dificuldade. — Ela...

O desespero nos expulsou das cadeiras. Em segundos, estávamos todos de pé.

— O que aconteceu? — Várias vozes ecoaram ao mesmo tempo.

— Enfermeira! — Matheus gritou de repente, olhando na direção do corredor. — Preciso de ajuda! —

E começou a correr até ela.

— Princesinha! — Mais que depressa, Plínio seguiu o genro.

— Meu anjo! — O tio de Sofia também saiu desembestado.

O resto de nós disparou feito uma manada enlouquecida, perseguindo todos eles.

Ao entrarmos, amontoados, no quarto em que Sofia estava, nós nos deparamos com uma cena digna de um filme de terror.



## CABE O MEU AMOR

“(…), cabem três vidas inteiras”.  
Oração — A Banda Mais Bonita Da Cidade

### SOFIA

— Um bebê! — Assim que Matheus se calou, uma onda amarga chapinhou em meu interior e subiu bruscamente, até a garganta.

Alertada pela sensação familiar, levei a mão ao pescoço e tentei minimizar os danos precavendo meu noivo:

— Eu acho que eu vou... — Não houve tempo de refrear a bile. O vômito saiu em um violento jato esverdeado, que golpeou os lençóis do leito com força total.

— Gi! — Matheus se levantou rapidamente, correndo em meu auxílio e amparando meus braços.

Eu não podia acreditar que estava vomitando na frente dele!

Tentei interromper aquela cena lamentável, mas uma nova golfada escapou, indômita e abundante, seguida por um terceiro esguicho, igualmente frenético.

O quarto jorro não veio. Mas produzi sons incontrolláveis até meu organismo se dar conta de que não havia mais nada em meu estômago.

Ligeiramente enjoada, relanceei a poça que se formava em meu colo. O tecido outrora imaculado estava imundo, manchado por um espesso líquido verde-amarelado e salpicado de pedaços pútridos de comida.

Horrorizada com a quantidade de vômito, passei o dorso da mão na boca e encarei Matheus.

Visivelmente assustado, ele soltou meus braços, e seus olhos preocupados buscaram os meus.

— Você está bem?

Por causa do mau cheiro, eu não ia abrir a boca perto dele de jeito nenhum!

Apontei a porta, indicando que era preciso chamar alguém urgentemente, para limpar toda aquela sujeira.

— O quê? Sofia, fala comigo! — insistiu, ainda mais aflito.

Em resposta, mostrei os lábios e balancei o indicador em negativa. Torci para que ele compreendesse que eu não podia abri-los, mas, em vez disso, Matheus levou as duas mãos à cabeça e berrou, apavorado:

— Meu Deus! Você ficou muda?

Antes que eu tivesse a chance de pensar em uma mímica melhor, ele saiu correndo do quarto.

Fiquei rindo sozinha da reação absurda e exagerada. Então, a notícia pulsou em meu cérebro, e o riso se foi.

Um bebê.



Não podia ser verdade. Eu não tinha me esquecido de tomar nenhuma pilulazinha. Tudo bem que não é um método contraceptivo cem por cento eficaz, mas é bastante eficaz! Não era possível que tinha falhado justamente comigo!

Nossa, Sofia, sua desnaturada, você não quer um bebê?

Confesso que nunca tinha me imaginado amamentando um, mas, sim, eu quero um bebê. Eu só não queria ter um bebê *agora*. Ainda nem me casei! Ainda nem viajei pelo mundo com Matheus! Pelo amor de Deus, a gente ainda nem fez *fondue* na nossa casa!

A história de tio Max e Tia Liv é linda e tudo o mais, mas vamos ser sinceros: os dois deixaram de viver muita coisa no início do casamento por causa das gêmeas. E, sendo honesta, eu queria viver tudo o que eu tenho direito com Matheus antes da maternidade. Convenhamos, temos pouco tempo. Trinta e três anos não são vinte e três. Em no máximo dois anos já precisaríamos pensar em bebês. Então, o que custava a vida nos presentear com esse tempinho, já que nos roubou tantos anos?

Agora, graças à porra milagrosa do Chatão, lá vamos nós, criar nosso Chatinho.

Um bebê dá trabalho, caso você não saiba. Acredite em mim, eu sei o que estou dizendo. Sou pediatra. Sei muito bem o que me espera: fraldas, cólicas, choro e ranger de dentes!

Sou uma mulher preparada para cuidar de uma criança, mas não estou preparada para ser a mãe de uma. E agora, o que eu vou fazer?

Isso mesmo, nunca mais vou deixar Matheus enfiar a terceira perna em mim, a menos que ele coloque uma meia de borracha nela.

Meu Deus, eu vou ser mãe! Você tem noção do que isso significa?

Sim, significa que, agora, seremos três crianças em casa. Uma família de crianças!

Ao pensar nisso, comecei a rir feito louca. Então, do nada, comecei a chorar.

— Gi! — Matheus entrou de repente. — Ela tá muda, moça! — falou com a enfermeira que tinha trazido consigo.

Entrou agarrando a mão da mulher! Mais tarde eu ia ter uma conversinha com ele!

— Gi, não chora, paixão, nós vamos resolver!

— Larga a mão da enfermeira, Matheus. — Não consegui adiar a conversinha.

Ela nem estava olhando para mim! Estava deslumbrada com o deus ao lado dela. Por ser baixinha, precisava erguer a cabeça para admirá-lo. Sorria para o alto, suspirando. E quem poderia julgá-la? Eu não poderia. Matá-la, talvez. Julgá-la, jamais.

— Você não tá muda! — Aliviado e sorridente, Matheus deu um passo e me abraçou.

Meus esforços para evitar que ele sentisse o cheiro do meu hálito ruim não valeram de nada. Nem sei por que me esforcei, o quarto inteiro estava cheirando a vômito.

Durante o abraço, papai e tio Max entraram no quarto.

— Meu anjo! O que aconteceu? — Ao ouvir a voz de meu tio, meu noivo se afastou.

— Ela disse que estava muda! — explicou, e eu caí na risada.

— É mesmo, Miyake? Eu *disse* que estava muda?

— Por que você me deixou pensar que estava muda, Sofia? Quase morro do coração! — ele reclamou, sem se importar com a zoeira.

— Por favor, chame o doutor Moretti — papai pediu à admiradora de homens alheios.

— Sim, doutor Theloni. — A enfermeira saiu às pressas.

— Princesinha... — Ele se aproximou, mirando os lençóis emporcalhados. — Você está bem, minha filha? Está sentindo alguma coisa?

Fixei os olhos em Matheus, sem saber se aquele era o melhor momento para contarmos que eu estava grávida.

— Gi... — ele começou, mas foi interrompido por uma algazarra.

Olhei para a porta e vi o restante da minha família se acotovelando, tentando passar pelo vão.

— Sai, Piolho! Eu quero ver minha filha! — Mamãe se espremeu até ser cuspidada para dentro. — Sofia!

— ela gritou, chorosa, ao me ver.

— Que filha, mano? Isso aí é a mina do *Exorcista*, tá ligado? — Piolho me encarou, de olhos arregalados.

— Eu quero ir embora, *Lovezona* — Luís murmurou, amedrontado.

Ana teve uma crise de riso.

— Deixa de ser medroso, porra! — Ela o puxou e caminhou em minha direção. — Aí, besta, é só Sofia, tá vendo? — Alisou o cabelo dele, como se estivesse tranquilizando uma criança.

— Sim, Lu, sou só eu. — Abri um sorriso e, repentinamente, fechei a expressão. — *Your mother sucks cocks in hell*. — Impostei uma voz grossa, fazendo minha melhor imitação de Regan MacNeil.

O que é um peido para quem está cagado, não é mesmo? Já que eu estava toda vomitada, decidi, em nome da boa atuação, passar a mão no vômito e lambuzar a bochecha, soltando uma risada demoníaca.

Não sei qual berro foi mais alto, o de Luís ou o de Piolho. Só sei que nem tivemos tempo de rir, porque, no segundo seguinte, uma coisa horrível aconteceu.

## ANA

— Deixa de ser medroso, porra! — Agarrei a mão de Luís e andei até o leito. — Aí, besta, é só Sofia, tá vendo? — Afaguei as mechas douradas que caíam sobre seus ombros, tentando acalmá-lo.

— Sim, Lu, sou só eu. — Minha prima sorriu, e eu cometi o erro de olhar para baixo, para o lençol vomitado.

É claro que eu já tinha visto e me alarmado com a quantidade de vômito, mas estava longe, privada dos detalhes nauseantes. Ali, tão perto, encarando os pedaços de comida e sentindo o cheiro acre da mistura nojenta, fui acometida pela apavorante sensação de que ia vomitar.

Eu estava tentando conter a ânsia quando Sofia passou os dedos naquilo e sujou a cara.

A bile subiu com tudo, e meu corpo se contorceu, colocando para fora o que eu havia comido na noite anterior.

Luís estatelou os olhos ao notar que seu peitoral esculpido estava servindo de alvo para o meu jato alaranjado.

— Ana! — Mamãe correu em meu socorro, enquanto eu virava o rosto, redirecionando a golfada para o piso reluzente do hospital.

— Mano de Deus! As minas tão tudo possuídas, meu! — O pavor de padrinho teria me divertido, se eu não estivesse tão ocupada exibindo meu conteúdo estomacal.

— Possuídas? — Tio Tito deu uma risada. — Estão todas grávidas!

— Mano do céu, *cê* tem razão, Titona! Ana tá buchuda, Quenga! Nosso neto já saiu do saco da naja, *carai!* — padrinho exclamou, em êxtase.

Ouvindo isso, vomitei mais um bocado.

— Olívia, eu tô passando mal! — Eu estava envergada, colocando as tripas para fora, mas podia apostar que papai tinha acabado de levar a mão ao peito.

— Eu vou ter um netinho! Um neto, porra! Um *netooooooooo!* Ai, meu Deus! — Mamãe vibrou, largando meu cabelo para dar pulinhos animados.

A sorte é que eu já tinha terminado de vomitar. Elevei o corpo, passando os dedos na boca.

Enquanto tia Suze e madrinha engrossavam o coro das supostas avós, festejando com mamãe, papai e tio Plínio se entreolhavam, com a mesma expressão assustada.

— *Cê* tá bem, *Lovezona?* — Luís perguntou, e eu assenti. — Que bom, porque eu vou fazer *cê* lamber

isso aqui, maluca! — Esticou a camiseta suja.

Tive vontade de rir, mas, ao ver o estrago, precisei me esforçar para não vomitar de novo.

— É assim que *cê* fala com sua mina grávida, vacilão? — Padrinho deu um tapa na cabeça do filho.

— Que mané grávida, maluco! — Ele riu. — *Lovezona* toma aquela parada lá.

De repente, meu cérebro deu um estalo e me transportou para a noite em que Luís me pediu em casamento. Ao voltarmos para a fazenda, ficamos tão eufóricos e ocupados que eu me esqueci completamente de tomar a pílula no horário de sempre. Mas tomei assim que me lembrei, no dia seguinte. Não tinha como falhar, tinha?

Tinha! É claro que tinha!

Sim, a gente devia ter transado de camisinha até o fim do ciclo. Mas quem disse que eu consegui resistir à naja desencapada?

Meu Deus. E se eu realmente estivesse grávida? Era possível! Aquele era o último dia de pausa da pílula, e, até o momento, nada da menstruação. Não era a primeira vez que demorava além do normal, mas não deixava de ser preocupante.

O que eu deveria fazer? Exatamente. Ficar caladinha, esperar uns dias e fazer um testezinho de farmácia se o Chico não viesse.

O que eu fiz? Isso. Entrei em desespero.

— Puta que pariu! Eu tô grávida! — Subi as mãos para a cabeça, meio surpresa com o que eu estava sentindo. Meu desespero não era do tipo “puta merda, minha vida acabou!”. Estava mais para “caralho, tem uma pessoa no meu bucho!”.

— O quê? — Os olhos de Luís quase pularam no assoalho e, à medida que ficavam mais largos, seu rosto ficava mais pálido.

— Parabéns pro papai! Parabéns pro papai! — Depois de uma crise de riso, Lipe começou a cantar, e a música deixou meu noivo ainda mais lívido.

— Luís, você está bem, meu filho? — Madrinha se aproximou.

— Mãe... Eu acho que eu vou... — E, então, o baque.

## MATHEUS

O médico chegou segundos depois de Luís tombar no chão.

O desmaio durou apenas alguns instantes.

Em meio às gargalhadas de Felipe, Luisão foi levado para outro quarto, o que fez com que o de Sofia esvaziasse consideravelmente. Ficaram apenas os pais dela, nossos irmãos e Maria Eduarda.

— Princesinha, você está mesmo grávida? — Plínio perguntou, atônito.

O sogrão estava mantendo bem a pose do pai em choque pela possível gravidez da filha. Mas bastava olhar nos olhos dele para enxergar um brilho inédito e genuíno de puro contentamento.

— É claro que tá! Por que você acha que ela vomitou, Plínio? — Susanne indicou os lençóis sujos, que estavam sendo retirados por um enfermeiro. — São os enjoos da gravidez! É o meu netinho que está chegando!

— Seu netinho? É o ladrão de pai 2.0, que esse puto botou na barriga da minha irmã! — Aparentemente, o bom humor de Felipe tinha se esvaído. — Marina, nós precisamos ter um bebê, pra disputar com essa criança! Já que meu pai vai ser roubado, que meu filho seja o ladrão!

O quarto abrigou nossas risadas sonoras.

— Felipe, deixa de ideia fraca. — Minha irmã balançou a cabeça, rindo. — Eu tô tão feliz, Henrique! Vou ter um sobrinho!

— E eu vou ter um afilhado, né? Por favor, me deixem ser a madrinha dele? Eu nunca pedi nada! — Maria Eduarda uniu as mãos em súplica.

— Hum... — Sofia exibiu uma expressão reflexiva. — Vou pensar no seu caso. — A brincadeira não minou as expectativas de Duda, que soltou um grito animado.

— Viu? Nossa filha está grávida! — Susanne encarou o marido, abrindo um sorriso radiante.

— Gi, você precisa se lavar. — Puxei-a na direção do banheiro, tomando cuidado ao transitar pelo quarto, para não atrapalhar a moça que estava limpando o vômito de Ana. — Como você está se sentindo? — perguntei, pouco depois, quando ela terminou de enxaguar o rosto.

— Fisicamente, bem. Emocionalmente, um pouco abalada. Eu não queria um bebê agora, mas, já que aconteceu, é porque tinha que acontecer. — Ela se secou e me abraçou. — Espero que seja um menininho, e que ele seja tão lindo quanto o papai. — Seus lábios descansaram em meu maxilar.

— Gi... — murmurei, sentindo a culpa corroer minhas entranhas. — Promete que não vai me matar?

— Como assim, Matheus? O que você fez? — Ela se afastou no ato, me encarando com desconfiança.

— Uma brincadeirinha de nada. Só que... as coisas saíram de controle. — Cocei a nuca, fazendo meu melhor semblante inocente.

— Miyake, se for o que eu estou pensando... — Ela estreitou os olhos, ameaçadora.

— Eu estava zoando — confessei. — Mas! — emendei depressa. — Você vomitou! Ou seja, pode ser que esteja mesmo grávida!

— Eu não acredito que você fez isso! Seu idiota! — Ganhei um tapa no braço. — Ai, que vontade de te estrangular, Matheus! Seu ridículo! — Seus punhos acertaram meu peito. — Agora eu quero ver você sair lá fora e contar pra mamãe que ela não vai ser avó! Aproveita e conta pra Duda que não existe afilhado nenhum!

— Mas pode ser que exista! A girafinha-bebê pode estar aí dentro!

— Eu não acho que esteja. — Ela baixou os olhos, pousando as mãos na barriga. — E eu já estava imaginando a carinha dele... E as roupinhas fofas que eu ia comprar...

— Desculpa, Gi... — Nocauteado pelo remorso, eu a abracei.

Seus braços me envolveram, e a bochecha aninhou-se em meu peito.

— Eu posso ter vomitado por inúmeras razões — disse, enquanto meus dedos traçavam padrões em suas costas. — Primeiro, pelo impacto da notícia, que afetou meu equilíbrio emocional, provocando ansiedade, nervosismo e, conseqüentemente, vômito.

— Eu não achei que você fosse acreditar. Achei que, a essa altura, minhas zoeiras já fossem previsíveis — falei, com sinceridade.

— Acho que o vômito deu bastante credibilidade à brincadeira. — Ela riu, ficando de frente para mim. — Na hora, eu não raciocinei direito. Quero dizer, por que fariam um exame de gravidez em mim? E, ainda por cima, sem o meu consentimento? E minha menstruação nem está atrasada nem nada. Além disso, eu devia ter cogitado a hipótese de ter vomitado por um motivo ainda mais provável: reação adversa à anestesia. — Tocou o curativo na lateral da cabeça. — Náusea e vômito são efeitos colaterais da lidocaína. Pode acontecer com algumas pessoas.

— Mas, de todo jeito, acho que precisamos confirmar. E se você estiver grávida e continuar tomando os comprimidos? Eles podem afetar o bebê, não podem?

— Sim, vamos confirmar. E, se eu não estiver, podemos planejar um nenenzinho para daqui um tempo. — Os cantos de sua boca subiram.

— Um ano? — sondei.

— Eu ia dizer dois. — Ela deu uma risada.

— Um ano e meio, então. — Abri um sorriso.

— Um ano e meio, então. — Seus lábios se curvaram com ternura.

Em seguida, saímos do banheiro e contamos tudo. Plínio fingiu alívio, Felipe ficou realmente aliviado

e as mulheres expressaram toda a sua decepção quando souberam que, muito provavelmente, não havia bebê nenhum.

Então, por sugestão de meu sogro, fomos todos para a ala obstétrica, onde, finalmente, descobriríamos a verdade.

## MAX

O fato de estarmos em um hospital facilitava muito as coisas. O fato de termos um ginecologista e uma obstetra na família, também.

Nessas circunstâncias, a maneira mais rápida e incontroversa de confirmar uma gravidez, segundo Larissa, era fazer um ultrassom.

Lari explicou a Ana que, se ela estivesse grávida, o saco gestacional só poderia ser visualizado em uma ultrassonografia a partir da quarta semana de gestação. Antes disso, o exame não servia para nada.

Havia, é claro, a possibilidade de fazer um exame de sangue no laboratório do hospital. Mas minha filha estava ansiosa demais para esperar o resultado. E os testes de farmácia, embora úteis pela celeridade, podiam não revelar um resultado apurado.

Em razão disso e do suposto tempo de gestação de mais ou menos quatro semanas, Ana escolheu o ultrassom, que faria assim que Luisão se recuperasse completamente do desmaio.

Piolho e Maria Luísa estavam com o filho no quarto, onde ele estava sendo examinado pelo médico. Sobre isso, eu ainda ria pra caralho no futuro, mas, naquele momento... eu estava passando mal.

— Olívia... Não vou sobreviver... Isso é demais pra mim. — Pousei o antebraço sobre a testa e fui completamente ignorado.

Estávamos de volta à sala de espera do pronto-socorro, e, a qualquer instante, eu também precisaria ser atendido, embora minha esposa estivesse pouco se fodendo para a possibilidade de me perder. Tanto que batia papo animadamente com as mulheres da família, a alguns passos de distância.

— Papai, nem eu, que posso estar com um bebê no bucho, estou fazendo todo esse drama! — Sentada ao meu lado, Ana riu.

— Você não pode ter um bebê, minha linda! — Virei o rosto para fitá-la. — Você é um bebê! — Será que as minhas filhas não percebiam isso, porra? Foi ontem que elas nasceram!

— O único bebê aqui é você, puto. Mama aqui no meu rolão, mama, bebezão! — Tito, que estava de pé, agarrou a minhoca murcha dele, gargalhando.

— Sua hora vai chegar, filho da puta — avisei.

— Quando a minha hora chegar, você já vai ser bisavô! — O desgraçado deu uma risada.

— Teo, tira esse puto daqui — pedi, virando o rosto para o outro lado do sofá, onde meu filho estava acomodado.

— Não dá — ele arfou. — Eu também tô passando mal. — Espalmando o tórax, me encarou.

— Eu mereço isso, tio Tito? — Ana perguntou, em tom de riso.

— Olívia, é sério, porra, já que você não dá a mínima pro meu sofrimento, vem socorrer seu filho, ele tá passando mal! — clamei, esparramado no assento.

— Max, para de estragar meu momento, cretino! Você também, Teo! — a desnaturada berrou e voltou a conversar tranquilamente. — Gente, eu acho que, se for menino, meu netinho podia se chamar “Luan”! “Lu” de “Luís” e “An” de “Ana”. E, se for menina, “Luana”! Fala se eu não sou um gênio, porra! O que você acha, filha?

— Ela não acha nada! — Teo interferiu. — “Luana” vai ser o nome da minha filha! — bradou, erguendo o tronco do encosto e batendo orgulhosamente no peito. — Eu escolhi primeiro! Ninguém vai

roubar meu nome!

— Você não estava passando mal, Teo? — Tito provocou. — Acabou de virar tio, e já quer ser pai! E de uma menina! — Gargalhou.

— Vocês já encomendaram mesmo a minha netinha? — Olívia perguntou, extasiada.

— Não, madrinha! — Luma se apressou em responder. — Mas, quando ela nascer, não vai se chamar “Luana”! Será “Teodora”! — Solto uma risada.

— Eu prefiro “Telma”! — Minha esposa declarou, entusiasmada. — “Tel” representando a fonética de “Teo” e o “Ma” da última sílaba do seu nome, Luminha! A gente até pode chamá-la de “Telminha”, pra combinar! E o filho de vocês — olhou para Isa e Zach, sentados ao lado de Tales e Letícia — pode se chamar “Isaac”, em inglês! Ou “Isaque”, se vocês preferirem em Português!

— Ai, eu amei! Amei a ideia, mamãe! — Minha filha se empolgou. — Tomara que, daqui a alguns anos, quando eu ficar grávida, seja um menino!

Isa era a mais bebezinha. Imaginá-la com um bebê no colo era inconcebível!

Eu queria ter meus netos? Queria. Mas a ideia de as minhas filhas serem mães e Teo ser pai era simplesmente absurda.

Tá, porra, eu sei que não tem nada de absurdo nisso. Eu mesmo fui pai quando tinha a idade das gêmeas. Mas foda-se! Eu sou eu. E eles são só crianças!

Tá, caralho, eu sei que eles não são crianças. É só que... para mim, eles são.

Estou ansioso para ser avô, mas entro em desespero ao me dar conta de que, quando isso acontecer, vou ter que aceitar que meus filhos cresceram.

Não posso aceitar isso, porra. Vai contra a minha natureza! Não sei como Olívia consegue!

— Eu sou a melhor criadora de nomes, não sou? — Ela se gabou. — Luminha, falando nisso, você sabe que eu escolhi o seu, né? Inverti as sílabas do apelido da sua mãe, e eu sou tão genial que parece que o “Lu” vem de “Lucas”, e o “Ma”, de “Maria Luísa”!

— No meu caso, foi uma boa ideia, madrinha. Mas nossa filha não vai se chamar “Telma”! — Luma fez uma careta. — Vai ser “Valentina”! — Seus olhos brilharam.

— Vai meu ovo! — Teo resmungou.

— O que você tem contra “Valentina”? — Minha afilhada quis saber.

— Conheço umas dez.

— Conhece umas dez ou já *comeu* umas dez? — Suas feições enfurecidas foram um alerta que meu filho ignorou com uma risada.

— Dá na mesma, Luminha.

— A minha vontade, Teo, é bater nessa sua cara, seu sem-vergonha! — Não contive o riso quando ela o acertou no braço.

— Não bate em mim, Luminha, bate pra mim. — A piscada e o sorriso cretino formaram uma expressão idêntica a que eu usava para pirraçar a mãe dele.

— Idiota. — Luma saiu andando.

— Espera, gostosa! Vem cá, linda! — Teo foi atrás.

— Os dois vão acabar transando aqui no hospital — Olívia comentou, assim que o casal sumiu de vista. — Podem apostar! Telminha vem aí!

— Ele é um garoto, Olívia! Que maturidade esse menino tem para ser pai? — resmunguei.

— Você é pai de três e é mais imaturo que ele, meu lindo. — Ela me mostrou um sorriso condescendente.

Todo mundo estava achando graça desse absurdo dito pela minha esposa quando o médico que havia atendido Luisão passou, distraído, pela sala de espera.

— Moço! — Ana chamou, e ele tirou os olhos do tablet que tinha nas mãos.

Ela se levantou e encurtou a distância.

— Já posso ver meu noivo?

— Seu noivo? — O homem grisalho enrugou a testa.

— Um deus dourado, alto, forte, com um cabelo batendo aqui, mais bonito que o meu — ela explicou, gesticulando.

— Ah, sim. — O velho deu uma risada. — Seu noivo está ótimo. Eu o deixei há alguns minutos na companhia dos pais. Estou voltando para aquela direção. Posso te levar até o quarto.

— Ah, obrigada! — ela agradeceu, e os dois se foram.

Permaneci sentado, preparando meu psicológico para as zoeiras de Piolho e bolando minhas estratégias para o possível início da disputa dos avôs.

## LUISÃO

Depois de confirmar que minha pressão estava normalizada, o médico saiu do quarto e me deixou sozinho com minha mãe e *Veizão*.

— Mano, como *cê* descobre que vai ser pai e desmaia, *carai*? — ele repreendeu, dando um tapa na minha cabeça.

A palavra “pai” foi o bastante para me causar outra vertigem. Ou isso ou o tapa me deixou ainda mais tonto.

— Lucas, o menino acabou de acordar de um desmaio, para de bater na cabeça dele! — Minha mãe acertou o cocuruto do velho.

— Doe, mano! — Ele alisou a área atingida.

— Ai, meu filho... Ainda ontem você estava na minha barriga, e agora já vai ser pai... — Sentada na beirada do leito, ela me lançou um olhar lacrimoso e acariciou meu rosto.

No dia em que pedi Ana em casamento eu brinquei, dizendo que ia fazer nossos gêmeos. Mas ali, diante da possibilidade de tê-la engravidado de verdade, eu só conseguia pensar no quanto eu não estava preparado para ser pai. E isso não tinha nada a ver com o amor que eu sentia por ela. Eu a amava profundamente e desejava, mais que tudo, ser seu marido e pai de seus filhos.

Meu maior sonho estava se realizando. E eu não me sentia digno de viver a vida que sempre sonhei. Era como se eu não merecesse, como se não estivesse à altura daquela criança, que nasceria da mina mais linda e perfeita do mundo.

Por dentro, eu estava em pânico. A ideia de não ser bom o bastante para o bebê me deixava completamente apavorado.

— Eu não consigo, mãe... Não tô pronto pra isso, eu não quero. — Uma vontade imensa de chorar se embolou em minha garganta.

— Não quer seu próprio filho? — A voz de meu pai, grave e sonora, retumbou em meus tímpanos. — Você tá achando que é criança, Luisão? Você tem quase trinta anos no lombo, marmanjo!

— Lucas, o menino só tá assustado. — Minha mãe me defendeu.

— Assustado ele vai ficar quando eu der nele as bordoadas que eu nunca dei! — O velho estava *mó* nervoso, nem *gírias* estava usando.

— Calma, *Veizão*! *Cê* pirou, maluco? É claro que eu quero meu filho! É só que... eu tô com medo! — admiti.

— Medo de quê? Hein, Luisão, de quê? — Ele cruzou os braços, endereçando-me um olhar irônico. — De não dar conta de comprar fraldas? De não conseguir pagar uma boa escola com o seu salário de seis dígitos?

— Disso eu não tenho medo, porque, quando eu nasci, o meu pai abandonou a própria carreira para me

dar uma vida privilegiada. Medo eu tenho é de não ser capaz de dar ao meu filho todas as outras coisas que recebi do meu pai. O meu medo é não conseguir ser para ele o pai, o amigo e o herói que você sempre foi para mim.

— Toma essa, Lucas! — minha mãe provocou.

Ele ficou em silêncio, me fitando com os olhos úmidos. De repente, me abraçou.

— Para de me fazer chorar na frente da sua mãe, *carai*. — Minhas costas hospedaram os braços fortes que sempre foram meu abrigo inviolável, minha casa, meu cais.

— Eu te amo, pai. — Minhas lágrimas aprisionadas desceram, libertas, infrenes.

— Eu te amo mais, meu filho. — Os soluços de minha mãe fizeram com que ele abrisse espaço para ela. — Vem cá, mano. — Meu pai a beijou na bochecha, puxando-a para o abraço.

Ficamos assim, dentro do nosso próprio universo, até ele se afastar, secando o rosto.

— Luís, eu sei que é assustador, meu filho. Sei que, agora, você não se sente capaz. Mas vai sentir. Quando pegá-lo pela primeira vez, você vai se dar conta de que é capaz de tudo. Vai se transformar na melhor versão de si mesmo, no melhor pai que alguém poderia ter. Pode ser que você erre algumas vezes. E que nem sempre saiba o que fazer. Mas ele vai te ensinar tudo o que você precisa aprender. O medo de falhar vai te acompanhar por um bom tempo, até você perceber que foi o que te transformou no pai que seu filho ama, admira e respeita.

Fala se meu velho não é o melhor pai do mundo? O cara é insuperável, maluco. Se eu for para o meu filho um por cento do que *Veizão* é pra mim, o moleque — ou minha *Lovezinha* — já vai ser *mó* sortudo — ou sortuda. Só que eu vou tentar ser bem mais que isso pra ele — ou ela. Vou tentar ser o melhor. Talvez eu consiga ser o segundo melhor, né, *mermão*? A naja tá aí pra provar que eu herdei a boa genética do velho.

Falando nisso, *mermão* do céu, a primeira vez que eu vi o pinto do meu pai, quando eu tinha uns dois anos...

Por que eu tô falando de pinto, maluco?

Eu sei que *cê* quer saber como é que foi, mas não vai rolar, valeu?

Tá bom, já que *cê* insiste, eu conto.

Minha mãe *tava* na faculdade, e *Veizão* *tava* cuidando de mim. Só que ele é *mó* ocupado, apesar de não parecer, porque tá sempre *mó* de boa. Enfim, ele *tava* atrasado pra uma reunião de negócios e decidiu tomar banho e me dar banho ao mesmo tempo.

Ah, Luisão, como *cê* lembra disso tudo aos dois anos? *Cê* tá me zoando, maluco?

Fica *sussa* que eu não tô de caô. Os detalhes quem me contou foi o velho. Aliás, ele conta essa história pra todo mundo. Logo *cê* vai entender por quê.

O fato é que, quando ele tirou a roupa, eu vi aquele bagulho e fiquei *mó* assustado. Eu nunca tinha visto um pinto de gente grande, né, *mermão*? Muito menos um reptiliano em idade adulta. Na minha cabeça, todo pinto era do tamanho do meu — ou menor, que nem o de Teo. Ou ainda menor, que nem o de Lipe.

Aí, na hora que eu vi aquele *negocão* pendurado, gritei: “uma *coba!*”. O velho teve uma crise de riso, e até hoje morre de rir dessa parada.

Agora que *cê* já me obrigou a contar, *bora* voltar para o momento em que eu o abracei de novo e agradei por ele ser o pai mais da hora de todos os tempos.

Não é porque *Veizão* é *mó* zoadado que ele não me dá umas lições de moral. *Cê* viu aí, né? De vez em quando, eu recebo uns xingos e umas comidas de rabo no “modo Lucas”, que minha mãe adora, e eu nunca entendi o motivo.

Eu ainda estava abraçando o coroa quando Ana entrou no quarto.

— Lu! — Ela se aproximou do leito, e meus pais avisaram que nos deixariam sozinhos.

Logo que eles saíram, ela se deitou junto comigo, circundando meu corpo e pousando a cabeça em meu peito.



Beijei seu cabelo, inspirando meu cheiro favorito. Nunca é o mesmo, porque ela vive mudando de xampu, mas tanto faz. Desde que seja o cheiro do cabelo dela, é sempre o meu favorito.

De repente, meu tórax começou a tremer.

— Do que *cê* tá rindo? — perguntei, ao ouvir as risadas.

— Você desmaiou, Luisão. Você é frouxo demais, porra. — Ergueu a cabeça e plantou um beijo em meus lábios.

— *Cê* escovou os dentes, maluca? Sai daqui com essa boca vomitada! — Afastei o rosto, e ela riu.

— Nossa, Luís, é assim que você fala com a mãe do seu bebê? — brincou, falseando uma expressão chateada.

Eu a conhecia tão bem quanto as linhas que marcavam minhas mãos. Quando estava nervosa ou preocupada com alguma coisa, ela fingia estar tranquila. E era uma excelente atriz. Mas eu sempre fui capaz de ver, apenas observando a superfície, os temores que se agitavam em seu interior.

— *Cê* não precisa fingir comigo. Eu sei que *cê* tá pirada aí dentro. — Afaguei seu cabelo.

— E se tiver mesmo um ser humano morando em mim, porra? Como ele vai sair? Como ele vai mamar na minha teta? O que a gente vai fazer com ele? — despejou, me fazendo rir.

— Ele vai sair por onde entrou, vai mamar na sua teta do jeito que eu mamou, e a gente vai amá-lo. Muito. Mais do que a gente se ama, só pra você ter ideia. Eu mentiria se te dissesse que não estou com medo. *Cê* sabe que eu sou *mó* medroso. Mas você é o amor da minha vida, Ana. Ser pai dos seus filhos é tudo o que eu sempre quis. O resto dos meus dias ao seu lado, com eles, é muito mais do que eu mereço, mas vou passar cada segundo da minha existência me esforçando para merecer vocês.

— Você é a melhor pessoa deste mundo, Lu. — Seus dedos delicados passearam pelo meu rosto. — Se alguém merece toda a felicidade que o universo pode oferecer, esse alguém é você. Nossos filhos vão ser as crianças mais sortudas da face da Terra, porque vão ter o melhor pai. E eu já tenho o melhor amigo, o melhor noivo e futuro marido.

Deixei uma lágrima escorrer, e a suavidade de seu polegar a limpou. Sorrindo, fiz o mesmo com a linha molhada que dividiu sua bochecha.

— Eu te beijaria agora, se a minha boca não estivesse vomitada — ela falou baixinho.

— Vem, eu finjo que sua língua é um feijão mágico sabor vômito. — Funguei, puxando sua nuca.

— Não! — Rindo, ela freou a cabeça.

— Ufa! Ainda bem que *cê* não quis, *mermã*, porque eu tenho nojo! — brinquei.

— Agora você me paga! — Ela tentou me beijar, e eu virei a cara.

Ficamos brincando de beija ou não beija até que eu segurei seu rosto e a beijei.

— Esse foi o pior beijo que *cê* já me deu, na moral. — Fiz careta quando nossos lábios se apartaram.

— Pau no seu cu, Luisão — ela xingou, e eu caí na risada.

— Tô brincando, maluca. Foi bom. Eu curti o gosto de comida estragada e o azedinho no final. — Não contive o riso.

— Ai, que engraçado — ela ironizou, saindo de cima de mim. — Anda, levanta, vagabundo.

— Não, volta... — reclamei, puxando seu braço.

— Tia Lari vai fazer meu ultrassom.

— Ultrassom? — Meu coração deu um solavanco. — Aquela parada que filma o bebê dentro da barriga e mostra o maluco na televisão?

— É. — Ela riu.

— *Mermã* do céu! *Cê* pirou? Eu não tô preparado pra isso, não, maluca! — Agarrei o peito, como se o gesto pudesse conter as batidas desenfreadas.

— Calma, Lu, talvez eu nem esteja grávida. Fica tranquilo. — Seus lábios roçaram os meus.

Eu tentei. Juro que tentei ficar tranquilo. Mas, pouco depois, dentro consultório de tia Lari, eu estava à beira de um novo desmaio.



# 48

SÓ VOCÊ

“(…) que sabe como me acalmar”.  
Só Você É Você — Pedro Salomão

LUISÃO

— Eu vou entrar, sim! Você não vai ver o nosso neto primeiro que eu, Olívia! — padrinho protestou, quando estávamos prestes a ir para o consultório.

— O exame é endovaginal, Max — tia Lari esclareceu.

— Exatamente, cretino! Você não pode entrar! Ou você quer ver sua filha pelada? — Madrinha sequer se empenhou em disfarçar a satisfação pela possibilidade de ver o suposto neto antes do marido.

— O que é que tem? Eu sou o pai dela! Quantas vezes já limpei a bunda dessa menina? Eu vou ver meu neto, sim, e quero ver quem vai me impedir!

— Então eu também vou, mano! — Meu pai se manifestou.

— Vai o caralho! — padrinho encrespou. — Você não vai ver minha filha pelada, Piolho! Ficou louco, porra?

— Eu também já limpei a bunda dela! E *cê* tá achando que vai ver nosso neto antes de mim? Mas nem a pau, tá ligado?

— Eu sou o pai da mãe dele! Tenho o direito de ver primeiro! Direito legitimado pela Constituição Federal, inclusive. Tá no Título VIII: Da Ordem Social! Pode conferir, lá no capítulo VII: Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso! Olha lá, no artigo 226, parágrafo 18, inciso III! Tá escrito, *ipsis litteris*, que “o avô materno tem privilégios e regalias em relação à prole de sua prole; e o avô paterno não tem porra nenhuma”.

— O *carai* que tá! — O velho evidenciou sua descrença. — Vai enfiar esse juridiquês de Taubaté no rabo de outro, tá ligado? *Cê* tá achando que eu sou bocó, mano? Eu sou o dono da anaconda, que é pai da naja responsável por cuspir o moleque no mundo! Logo, o direito de ver primeiro é meu! E *cê* não vai roubar meu neto! Desiste, Putão!

— De quem é a barriga que ele tá? Hein, de quem? — Padrinho adotou uma postura desafiadora ao cruzar os braços e erguer o queixo com altivez. — Da minha filha! O neto é mais meu que seu!

— Mano, ele vai ficar só nove meses no bucho de Ana! Antes disso, ficou a vida inteira no saco da naja! Agora eu te pergunto, quem é mais avô dele? Hein? — O velho imitou a pose e a expressão presunçosa do amigo.

Encolerizado, padrinho abriu a boca para retrucar, mas fui mais rápido:

— Calem-se, calem-se, calem-se! Vocês me deixam louco!

Minha paciência já tinha se esgotado. Eu estava nervoso e afoito demais para continuar aturando a discussão, que só atrasava a descoberta.

O súbito silêncio que inundou o corredor foi quebrado pela risada de Ana.

— Vocês estão enlouquecendo meu Kikinho! — Ela alisou meu rosto. — E nem sabem se vão mesmo ter um neto! Não tô nem aí se já limpam a minha bunda! Ninguém vai me ver pelada! Só Luisão! — Enfiou o braço no meu.

— Que porra é essa, Ana? — padrinho trovejou, inexplicavelmente surpreso.

— Max, para com esse teatro, cretino. Você tá careca de saber que eles se veem e se esfregam pelados desde os dezessete anos! — Madrinha evocou o passado.

— Por que você tá me lembrando disso, Olívia? Eu me esforço para esquecer, e você me lembra? Para quê? Para acabar com a minha vida? — ele dramatizou, alojando a mão no peito. — Por toda a enganação que sofri na última década, eu mereço estar presente nesse ultrassom, não mereço, minha linda? Não mereço, meu afilhado? — As feições inocentes de padrinho viraram-se em nossa direção.

— Merece, papai. Mas, em razão das circunstâncias, não será possível. — Ana se manteve irredutível.

— É, padrinho, não vai dar — confirmei, me fazendo de triste. — Cês vão ter que ficar aqui esperando, beleza? *Bora, Lovezona*. — Comecei a puxá-la pela mão.

— Mas e nós? — O desamparo na voz de minha mãe me fez estacar no lugar.

— É claro que nós duas vamos entrar, Malu! — Madrinha riu, como se aquilo fosse tão óbvio que dispensava qualquer questionamento.

Olhei para Ana, em busca do que fazer, e ela me lançou um olhar que dizia “deixa que eu resolvo”.

— Desculpa, mamãe, mas não seria justo com papai e padrinho se você e madrinha entrassem. Por isso, apenas Lu e eu vamos entrar — sentenciou, categórica.

— E quem disse que precisa ser justo, porra? Eu vou entrar, sim, e ai de você de se tentar me impedir, Ana Vetter! — Uma coloração avermelhada tingiu suas bochechas quando ela pôs as mãos na cintura, furiosa.

— Se sua mãe entrar, eu também vou! Não quero nem saber! — Padrinho fez questão de ressaltar, como uma criança birrenta faria.

— E, se Putão entrar, eu também entro! — Meu pai não ficou para trás.

— Gente, pelo amor de Deus! Não dá para entrar todo mundo — tia Lari informou. — Além disso, esse é um momento que Ana e Luís precisam vivenciar sozinhos.

— Sozinhos o caralho, porque você vai estar lá, né, dona Larissa? Vai ver meu netinho antes de mim! — madrinha choramingou.

— Olívia, eu vou ver apenas o saco gestacional. E, mesmo se ela estiver grávida, talvez nem dê para ver. De todo jeito, é só uma estruturazinha, uma mancha escura na tela, não um bebê todo formado, criatura! Muito provavelmente, não vai dar para ver nem o embrião! E outra, eu vou imprimir a imagem pra vocês!

— Mesmo assim! Eu queria ser a primeira a ver ao vivo! E você está roubando o meu momento, Larissa!

— Dai-me paciência, Senhor. — As íris de tia Lari encontraram o teto do hospital. — Vem, gente, deixem essas crianças aí. — Começou a andar.

— Vamos, Tesouro! — Ana me puxou, rindo. — Não se misture com essa gentalha!

— Sua ingrata! — madrinha esbravejou. — Chamando os próprios pais de “gentalha”! Tá vendo, Max, o que a gente ganha por fazer das tripas coração para criar e educar os filhos? Essa é a paga que a gente leva!

— A gente tira da boca para dar pra eles! E é assim que somos tratados! Daqui uns dias, ela vai colocar a gente em um asilo, Olívia! — O pesar e a decepção estampados no rosto de padrinho provocariam pena e empatia em qualquer transeunte desavisado. Mas, por sorte, aquele corredor da ala obstétrica estava vazio. Não havia nenhum estranho testemunhando todo aquele drama. Éramos os únicos ali, e o restante da família havia ficado na sala de espera.

Ana teve uma crise de riso. Eu não fazia ideia de como ela conseguia agir com tanta naturalidade. Estava tão ansioso que não conseguia achar graça de nada. Só queria entrar na *misera* do consultório logo e descobrir se meu filho estava ou não a caminho!

— Foi só uma brincadeira, meus lindos! — Ela foi até os pais e pendurou um braço no pescoço de cada um, juntando os dois em um único abraço. — Vamos parar com esse *draminha*, vamos? — repreendeu, com um olhar carinhoso. — Se eu estiver grávida, no próximo ultrassom vocês entram, tá bom? Amo vocês, bebês. — Beijou a bochecha do pai e, em seguida, da mãe.

— Nós também vamos entrar no próximo — minha mãe declarou.

— Isso mesmo, mano. — Meu pai enlaçou a cintura dela.

— Tá! Todo mundo vai entrar! Agora vem, *Lovezona*! — Peguei minha noiva no colo, antecipando o que faria no dia do nosso casamento.

Ao ser içada, ela se apoiou em meus ombros, enredando os dedos em meu cabelo.

— Eu te amo, Lu. — Meu maxilar foi pressionado por seus lábios macios.

— Também te amo, maluca. — Iniciei a caminhada, seguindo tia Lari.

Alcançamos o fim do corredor e, quando estávamos prestes a fazer a curva, Ana moveu a cabeça, acenando para os nossos pais.

— Eu vou ficar bem, mamãe!

Tive a impressão de ouvir o choro descontrolado de madrinha, mas meus ouvidos estavam sobrecarregados pelo som retumbante dos batiques do meu coração, que ribombava mais alto a cada passo vencido.

— Vai dar tudo certo, Luisona! Vê se não desmaia de novo, mano! — O timbre elevado de meu pai atravessou a barreira acústica que pulsava em meus tímpanos.

Eu nem sabia como estava conseguindo carregar Ana. Mal podia sentir os braços, e as pernas eram pesos mortos sendo comandados por alguma parte ainda não adormecida do meu cérebro. Tudo parecia anestesiado.

Não me recordo do momento em que atravesssei a porta do consultório. Sequer tenho arquivada a lembrança de ficar sozinho com tia Lari. Mas foi o que aconteceu, porque, do nada, sua risada me resgatou do limbo em que eu me encontrava.

— Você fica engraçado demais fazendo essa cara.

Pisquei, focalizando sua expressão zombeteira.

— Calma, Luís. O máximo que pode acontecer é você descobrir que vai ser pai de quintuplos! — Isso quase me fez desmaiar de novo.

Eu estava com medo de não dar conta de um único bebê! Imagina cinco!

Um desespero abissal devia estar evidente em meus olhos, pois foi a causa de seu divertimento, manifesto por uma sonora gargalhada.

— Tô brincando, besta! Se a estimativa estiver correta, é bastante provável que ainda não dê para saber se vocês terão mais de um bebê. Mas é perfeitamente possível que seja uma gestação múltipla. Já pensou se vem oito de uma vez? — Ela riu.

— Misericórdia! — Ana apareceu de repente, atravessando uma porta que eu não havia notado. A camisola do hospital cobria seu corpo.

— *Lovezona*, tia Lari tá me assustando — dedurei, indo em sua direção.

— Fica tranquilo, Lu. Se eu estiver grávida, vai ser um só. — Ela me abraçou, relaxando meus músculos e apaziguando meu espírito. — Ou, no máximo, três — completou, rindo.

— Palavras têm poder, maluca! — berrei, enquanto as duas morriam de rir.

— Tadinho, Ana. Vamos parar de assustar o bichinho. — Dizendo isso, minha tia iniciou os preparatórios do exame.

Instantes depois, minha noiva estava deitada na maca, com as pernas afastadas e ligeiramente

flexionadas, cobertas por um lençol rosa.

Meu corpo nunca havia recebido uma descarga de nervosismo e ansiedade tão intensa. O órgão palpitante estava em vias de explodir, completamente despreparado para a violência dos batimentos que massacravam as costelas. O barulho parecia reverberar em mim, porque eu tremia da cabeça aos pés. Uma sensação gélida carcomia meu estômago, espalhando-se e atingindo os membros trepidantes.

Meu cérebro tentava me convencer de que eu precisava me controlar, de que Ana precisava de mim e de que era o meu papel acalmá-la, mas as coisas nunca aconteceram dessa maneira. Ela é a mina mais corajosa do mundo, a pessoa mais destemida que eu conheço. Não precisa de mim, como eu preciso dela para afastar meus temores e amenizar meus tremores. Não sou seu porto-seguro. Ela é o meu.

— Vai dar tudo certo, *Lovezão*, eu prometo. — Sua mão quente encontrou a minha, expulsando a frieza dos meus dedos e serenando meu peito. Mas seu sorriso largo e acalentador não disfarçou a nítida e turbulenta tensão acumulada em seus olhos. Ela estava nervosa. Estava contendo o próprio nervosismo para não aumentar o meu. E isso fazia dela a melhor pessoa do mundo.

Eu não estava à altura daquela mulher. Ana merecia um homem equilibrado e sereno. Naquele momento, eu precisava ser seu porto-seguro, sua âncora. E a súbita consciência de que ela precisava de mim excomungou meus medos tolos e inseguranças descomedidas.

Inclinei o corpo e pousei os lábios em sua testa. Então, ergui a cabeça, acariciando seu rosto.

— *Bora* conhecer nosso bebê. *Cê* tá pronta? — investiguei, sorrindo.

— Ai, meu Deus, eu tô nervosa pra caralho, porra! — despejou, arrancando uma risada do meu interior recém-pacificado.

— Fica tranquila. Não há o que temer. — Achando graça, tia Lari manuseou um aparelho cilíndrico, com um fio saindo de uma das extremidades.

— Não há o que temer? — Ana bradou, arregalando os olhos ao visualizar o objeto.

— Essa parada não vai machucar o bebê? — perguntei, preocupado.

— Não. O exame é totalmente inócuo. Não oferece risco algum para o bebê. Além de ele estar bem protegido no útero, este aparelho emite ondas de frequência, que não são prejudiciais. Podem ficar tranquilos, ele vai ficar bem.

— *Aí*, *Lovezona*, não há mesmo o que temer. — Toquei o ombro dela, oferecendo apoio e carinho.

— Não há o que temer porque não é na sua xana que isso vai ser enfiado! — ela berrou, me fazendo rir.

— Graças a Deus, eu não tenho uma. E não sei do que *cê* tá reclamando, *mermã*. Essa parada é fina e muito menor que a naja!

— *É*, mas a naja é *carnudona* e quente! E esse troço *aí* é esquisito pra caralho!

— Por favor, me poupem de detalhes não solicitados — tia Lari pediu, rindo. — Ana, isso aqui é um transdutor. Vou revesti-lo com uma proteção lubrificada e inseri-lo cuidadosamente no seu canal vaginal. Não precisa se preocupar, não dói nadinha.

— *Lovezona*, tia Lari vai enfiar um consolo em você. Tenta não gemer muito, valeu? — Dei uma gargalhada.

— Para de falar merda na frente de tia Lari, idiota. — Meu braço sofreu um golpe.

— Como se eu não estivesse acostumada! — Ela riu. — Agora chega de gracinhas, vamos começar — declarou, recuperando a seriedade.

Mas a fachada profissional não durou muito. O bagulho estava dentro de Ana há alguns minutos quando tia Lari soltou um grito agudo, quase me matando do coração.

Um estrondo reverberou em seguida, e minha frequência cardíaca atingiu o ápice.

Ao me virar, em busca do foco do ruído mais recente, encontrei a porta escancarada. O vão estava encoberto por quatro figuras em pânico. Padrinho tinha uma mão cravada no peito. Meu pai estava com as duas fincadas na cabeça. Minha mãe hiperventilava. E madrinha soluçava feito criança.

— O que aconteceu com a minha... — um novo soluço chacoalhou seus ombros — filha?

— Você estavam espiando? — tia Lari perguntou, entre uma risada e outra.

— Papai, fecha os olhos! — *Lovezona* ordenou, por mais que o lençol cobrisse a lateral da coxa direita, que era a única coisa que eles poderiam ver daquele ângulo.

— Você também, Piolho! — Padrinho exclamou, cobrindo a parte superior do rosto com uma das palmas, gesto que meu pai imitou imediatamente. — É claro que a gente estava espiando, porra! Para de rir, Larissa! E explica logo o que tá acontecendo, caralho!

— Fechem a porta — ela pediu, ainda rindo.

Meu pai, que estava mais próximo, tateou às cegas até encontrar a maçaneta e empurrá-la na direção da esquadria.

— Não acredito que tem um negócio atolado em mim e meu pai está a metros de distância! — Ana choramingou.

— Pelo menos não é a naja, *mermã* — brinquei.

— Cala a porra da boca, Luisão. — O tom mandamental de padrinho não reprimiu meu riso.

— Por que você gritou, Larissa? O que aconteceu com o meu bebê? — madrinha indagou, chorosa, aproximando-se e afagando o cabelo da filha.

— É muito simples, Liv. — Tia Lari exibiu um sorriso. — Dei um grito de alegria, porque o seu bebê... vai ter um bebê!

A notícia quase me deixou surdo. Repercutiu, vibrante e fremente, em forma do festejo ruidoso das futuras avós, dos berros de comemoração de meu pai e do pseudoinfarto de padrinho.

Enquanto ele caía sonoramente na poltrona mais próxima, alegando que estava tendo um ataque, meus olhos buscavam os de Ana.

Em suas feições, eu vi o receio e a surpresa que também deviam estar visíveis em minha fisionomia. Então, à medida que a ficha caía, a hesitação e o espanto foram se metamorfoseando em euforia e deleite.

— Nós vamos ter um filho! — Ela sorriu, mirando a barriga, que abrigou suas mãos pequenas.

Cobri as dela com as minhas, absorvendo o fato de que um ser pequenino estava crescendo ali dentro. Nosso filho, meu grande sonho.

Sem qualquer aviso, uma lágrima trilhou minha bochecha.

— Ali está ele. — Tia Lari apontou a tela preta, onde uma imagem cinzenta tremulava.

— Cadê? — Madrinha largou minha mãe, e as duas se aproximaram.

— Meu neto! — Padrinho deu um pulo da poltrona, disposto a chegar primeiro que meu pai. Os dois quase trombaram na maca, de tanto desespero.

— Ele não é só seu, Putão! — O velho resmungou.

— É meu, sim, caralho! Cadê? Cadê ele? Meu neto, cadê? — perguntou, ansioso, vasculhando o visor.

— Papai, não olha para baixo! — Ana se sobressaltou.

Padrinho estacionou a mão na lateral do rosto, formando uma espécie de barreira visual. Meu pai fez a mesma coisa, usando o indicador da mão livre para apontar a tela.

— Eu tô vendo, mano! Ó ele ali! Meu neto! Eu tô vendo meu neto! — A emoção cintilava em seus olhos marejados.

— Eu já tinha visto! Eu vi primeiro! Bem ali! — Padrinho apontou na mesma direção, igualmente emocionado.

Tia Lari teve uma crise de riso.

— Eu não sei o que vocês estão vendo, mas posso garantir que não é o neto mais disputado do mundo.

— Mas não é aquela parada ali? — O velho mostrou, já decepcionado.

— Não. Na verdade, o embrião ainda não apareceu, mas o saco gestacional está perfeitamente visível, bem aqui. — Seu dedo indicou uma estrutura meio ovalada.

— Mas e o meu bebê? Ele está bem? É só um? — Ana arregalou os grandes olhos acinzentados.

— Ai, meu Deus! É mesmo, porra! Podem ser dois! — madrinha vibrou.

— Ou três! — As íris de minha mãe reluziram.

— Ou quatro! — Meu pai engrossou o coro. — Mano do céu! Eu posso ter quatro netos de uma vez só!

— Ou cinco. — Assustado, padrinho espremeu o peito. — Olívia, eu tô passando mal!

— Calma, Max. Por enquanto, é só um. — Tia Lari riu. — E ainda é cedo para vê-lo. Mas, em poucos dias, já vai ser possível. — Então, começou a avaliar a pequena estrutura que já havia se formado, mencionando coisas como “contorno”, “tamanho” e “forma”. — Não há motivo para preocupação. Para a idade gestacional, está tudo certo — finalizou.

— Tem como ouvir o coração dele? — indaguei, enquanto o meu batia descompassado.

— E o sexo, tem como saber? — Ana questionou, entusiasmada.

— Não. — Tia Lari sorriu. — Mas em breve vocês vão poder ouvir os batimentos e, mais para frente, vão descobrir o sexo.

— E a quantidade exata de bebês! — Madrinha arrematou, empolgada.

— Mamãe, é melhor colocar logo na cabeça que é só um. Não fica se iludindo. — Ana tentou podá-la.

— Eu vou me iludir, sim, senhora! Vou criar as expectativas que eu quiser! — Madrinha girou o dedo no ar. — Eu, que nem tinha grandes chances de ter gêmeos, tive! Suas chances são bem maiores!

— Luisona, *cê* botou a naja pra cuspir direito, né, mano? — Levei um tapa na cabeça. — Falando nisso, parabéns, meu filho! — Fui subitamente prensado pelos braços do velho.

Em seguida, Ana e eu fomos felicitados por todos eles, que mal cabiam em si mesmos, de tanta alegria.

— Finalmente os nossos sangues estão misturados, Putão! É o nosso maior sonho sendo realizado, Quenga! — Depois de parabenizar a afilhada, meu pai abraçou o amigo.

— É, mas espero que o meu neto herde a inteligência dos Vetter! — padrinho comentou, em um tom propositalmente debochado.

— E o réptil dos Guerratto! — Meu pai completou, caindo na risada.

— Ele vai nascer pirocudo graças a mim! — Padrinho se gabou. — Se dependesse de você e de Luisão, o moleque nasceria com uma minhoca murcha entre as pernas!

— *Cê* tá cansado de levar cuspidada da anaconda no rabo, Quenga! E sabe muito bem que a Cuspideira gerou um réptil do mesmo calibre! Ficou abismado quando viu a naja-bebê de Luisona! Imagina o tamanho da cobra adulta! Ela cuspiu uma ninhada! Tem vários moleques na pança de Ana!

— Imagina, Lucas! Um tantão de netinhos iguais! — O sorriso de minha mãe iluminou o ambiente.

— Vão ser todos meus, e vão ter a minha rola! — padrinho falou, orgulhoso.

— Putão, *cê* não me faz perder a paciência, não, *véi*! — Meu pai chiou.

Enquanto eles discutiam, tia Lari finalizou o exame, e Ana foi se limpar e trocar de roupa. Fui com ela, porque estava louco para tomá-la em meus braços.

Foi o que eu fiz assim que ficamos sozinhos. E fiquei impressionado ao me dar conta de que, naquele abraço, cabia tudo o que eu mais amava no mundo.

— Você está feliz? — Sua voz ressoou baixinho em meu peito.

— Mais do que eu pensei ser possível. — Descolei nossos corpos e refugiei os dedos em sua nuca. — Obrigado. — Instalei os lábios nos dela e, quando eles se apartaram, um sorriso afetuoso despontou em seu rosto.

— Pelo quê?

— Por ser meu amor — minhas digitais escorregaram, abandonando o pescoço delicado —, por me dar amor — as palmas deslizaram pelas curvas até aterrissarem em seu ventre — e por carregar o nosso amor. — Alcancei a barra da camisola e puxei o tecido para cima. Então, fiquei de joelhos e descansei a boca em sua barriga nua.

Suas mãos quedaram em meu cabelo, acarinhando as mechas suavemente enquanto eu acariciava a pele morna e macia com todo o cuidado.

Fiz alguns desenhos invisíveis, tentando imaginá-lo, desejando poder vê-lo, pegá-lo, protegê-lo.

— Você todo fofo assim me dá um puta tesão. — Ela apertou meu maxilar, aproximando-se ainda mais.

— Tô querendo transar.

Olhei para cima e me deparei com um lábio inferior fisgado.

— Cê tá falando sério?

— Eu tenho cara de quem tá brincando, Luisão? Vai, levanta e me come!

Fiquei de pé, meio excitado e meio atordoado.

— Mas e o bebê?

Ana soltou uma gargalhada alta.

— O que tem ele? Até eu sei que não tem problema transar grávida!

— Mas ele vai ficar assustado com a naja, maluca! E se ele pensar que é tipo um monstro invadindo o quatinho dele? Ele é *mó* pequeno, vai ficar com medo!

Ela riu mais um pouco.

— Isso foi a coisa mais fofo do mundo! — Grudou os lábios nos meus. — Mas eu espero, de todo o meu coração, que você não esteja pensando em me deixar sem sexo por nove meses, Luís!

— Não, né, maluca! A naja não sobreviveria isso tudo! Segundo *Veizão*, as cobras só conseguem ficar sem comida por seis meses! Ele pesquisou essa parada.

— O que vocês estão fazendo aí dentro? Abram logo a porra da porta! — O berro e as batidas de padrinho me fizeram esbugalhar os olhos.

— Calma, papai! Daqui a pouco a gente sai! — Ana elevou a voz. — Anda logo, porra, tira a roupa.

— Isso ela sussurrou para mim.

Agarrei a parte de trás da gola, e estava prestes a puxar a camiseta cedida pelo hospital, quando ele rugiu de novo:

— Daqui a pouco o caralho! Quero contar pros outros que vou ser avô, e sua mãe disse que vocês têm que estar juntos para darmos a notícia pro resto da família. Então, saiam logo! Vou ficar aqui fora esperando!

Ana girou as órbitas com ênfase exagerada e, fazendo várias caretas hilárias, começou a se limpar, puta da vida. Fiquei rindo, o que a deixou ainda mais irritada.

Minutos depois, estávamos de volta à sala de espera, onde todos estavam reunidos.

— E aí? — Teo foi o primeiro a se levantar, já com a mão impressada no peito.

— Parabéns, cretino! Você vai ser tio! — Ana proclamou, desencadeando uma série de gritos e pulos femininos.

Em questão de segundos, estava sendo abraçada e parabenizada por todas as minas ao mesmo tempo.

— Eu vou ser avô, puto! Sou o primeiro avô, porra! — Padrinho foi ouvido no Japão, embora estivesse contando apenas para tio Tito.

A felicidade que transbordava em seu sorriso largo e genuíno me deixou meio desorientado. Ele não ia mais fazer drama?

— Parabéns, meu puto! — Tio Titeta deu um abraço nele.

A alegria contida em seu rosto e as batidas fortes que ele deu nas costas de padrinho me deixaram ainda mais desconcertado. Ele não ia fazer mais nenhuma zoeira?

Zecão e *Barbiezola* tinham acabado de me parabenizar quando Luma saiu do abraço coletivo das minas e saltou em mim, dependurando-se em meu pescoço.

— Parabéns, Lu! — Ganhei alguns beijos na bochecha.

— Valeu, Lulu! — Enquanto ela me felicitava, eu observava meu amigo, que tinha voltado a se sentar. Inerte, Teo olhava para o nada, completamente absorto.

Assim que minha irmã correu para abraçar nossos pais, caminhei na direção dele e me joguei no assento ao lado.



Fiquei quieto. Achei melhor esperar, porque não fazia ideia de como ele estava se sentindo.

Ao nosso redor, o barulho intenso da comemoração ecoava. Eu podia escutar as exultações de madrinha e o entusiasmo de minha mãe ao serem cumprimentadas inclusive pelas mulheres estranhas que aguardavam ali na sala de espera.

— Há alguns dias — ele começou, sem me olhar —, você era só o melhor amigo dela. E agora... — Balançou a cabeça. — É surreal pra caralho.

— Eu nunca fui só o melhor amigo dela, Teo.

Ele girou a cabeça e me fitou.

— É... Eu sei. E o que eu vou dizer agora nunca mais será dito outra vez, então presta atenção.

Fechei meus ouvidos para os sons do ambiente e me concentrei no que ele estava prestes a dizer. Eu nunca o tinha visto daquela maneira. Meu melhor amigo mantinha uma expressão séria, mas não havia um traço sequer de irritação ou decepção em seu rosto.

— O que eu quero dizer é que... — Fez uma pausa para engolir. — Eu... — As íris claras, de um verde que sempre fez com que as pessoas achassem que somos irmãos, sem saberem que somos praticamente isso, ficaram subitamente úmidas. — Porra. — Teo baixou os olhos, fixando-os nas próprias mãos.

— Eu também te amo, *Broderzão*. — Dei um abraço nele, e quase fui esmagado ao ser retribuído.

— Eu te amo, sua arrombada. — Ele bateu com força nas minhas costas. — Meu sobrinho é um puta de um sortudo em ter você como pai. — A voz abafada e alterada pela emoção quase desatou de vez o nó que apertava minha garganta.

— Beija! Beija! Beija! — A sacanagem de Lipeta fez com que a gente se separasse na velocidade da luz.

O putto se aproximava de nós, acompanhado por Mari. Tio Plínio e tia Suze caminhavam a certa distância, ainda no corredor. Estranhamente, os Chatões e a mina do cabelão cacheado não estavam por perto.

— Ana, abre o olho! Seu irmão tá tentando roubar seu noivo! Não seria o primeiro noivado que você destrói, né, Teozona? — Gargalhando, Lipe deu um pescotapa no primo.

— Vai tomar no centro do rabo, Felipe! — Teo ficou de pé e me encarou. — Agora, vou fazer meus dramas, porque, definitivamente, não estou preparado para ser tio. — Dizendo isso, começou a andar. — Mãe! Ana! *Isaaaaa*! Eu tô passando mal!

Lipeta riu e ocupou o assento recém-abandonado.

— Então o bruguelo está mesmo a caminho? Parabéns, Luísa! — Ele me abraçou.

— Valeu, Lipeta! — Bati nas costas dele, e as minhas receberam o mesmo tratamento.

— E aí, como você se sente sabendo que agora é um pai de família? — Deu uma risada, afastando-se.

— Mais feliz do que nunca — respondi, ignorando a zoeira.

Para a minha surpresa, ele não riu nem fez piada. Apenas sorriu, revelando um olhar de pura compreensão.

— E Sofia? — Dissipei o silêncio.

— Está se despedindo de Maria Eduarda.

— Mas ela também tá grávida?

Felipe não conseguiu responder, porque, naquele momento, um choro de partir o coração trincou as estruturas do edifício.



# 49

## O QUE FALTA EM VOCÊ

“(...) sou eu”.

*Pra Você Dar O Nome — 5 à Seco*

### DUDA

Uma pálida luz dourada derramava-se sobre os edifícios que cercavam o hospital.

Diante do pronto-socorro, a larga avenida despertava devagar. O trânsito estaria caminhando para a primeira hora de pico do dia, se não fosse domingo. Mas, como era, um ou outro carro trafegava pelo asfalto sonolento.

Minutos antes, tínhamos encontrado dois conhecidos dos pais de Sofia na recepção da emergência. Mas, felizmente, após uma breve conversa inicial, ela pediu licença para me levar até a porta. Matheus nos acompanhou e, por isso, nós três estávamos do lado de fora, enquanto Plínio e Susanne batiam papo com os adultos e Marina e Felipe brincavam com as filhas do casal. Pelas largas faixas de vidro que delimitavam a entrada, era possível vê-los entretendo as crianças, que riam bastante das palhaçadas da dupla. Pelo visto, as duas meninas não os deixariam levantar daquelas cadeiras tão cedo.

Era linda a sintonia deles, e a alegria, contagiante. Pareciam uma família, embora não fossem. Observando aquilo, eu me perguntei se um dia teria alguém para dividir comigo momentos divertidos como aquele.

— Gi, você está meio tristonha. É por causa do resultado? — A voz de Matheus me fez desviar os olhos da cena lúdica que estava prendendo a minha atenção.

— Não tô, sério. — Sofia o abraçou. — Não foi dessa vez, mas, daqui um tempo, teremos o nosso bebê.

— O primeiro de muitos. — Matheus pousou os lábios em seu cabelo, e, rindo, ela ergueu a cabeça, beijando-o no maxilar.

— Eu não vejo a hora. Já que não vou ter meus próprios filhos, quero pelo menos poder paparicar muito os de vocês — falei, com certa tristeza.

— É claro que você vai ter seus próprios filhos, Duda. — Minha amiga largou o noivo e me encarou.

— É mesmo? Com quem, Sofia? Com o meu próprio dedo?

Os dois riram.

— Igor está descartado? — ela sondou.

— Descartadíssimo — confirmei. — Não quero ver aquele idiota nem pintado de ouro.

— Sei. — Olhos azuis estreitaram-se em minha direção. — Mas você conversou com ele ontem? E aí, como foi?

— Deu merda, e eu não quero falar sobre isso — afirmi, resoluta. — A propósito, tchau, já estou

indo.

Mas quem disse que a curiosa me deixou ir embora antes de abrir o bico? Quando me dei conta, eu já tinha sintetizado tudo.

Quero dizer, contei apenas que dei um tapa na cara de Igor e que, mesmo assim, ele correu para me pedir desculpas por ser um babacão, e eu não aceitei, pois não sou trouxa.

Omiti todos os detalhes escatológicos. Não por vergonha, porque eu cago mesmo e assumo o troço sem problema algum. Narraria o ocorrido tranquilamente, inclusive na frente de Matheus. Só não desembuchei tudo porque a história era longa, e eu não via a hora de ir para casa, já que, além de estar acabada por causa da noite sem dormir, eu estava louca para tirar o vestido e os sapatos.

— Eu acho que ele ainda vai te procurar. — Foi o que Sofia disse, após ouvir a minha síntese de menos de um minuto.

— Não, Maria Eduarda, ele não vai te procurar. Não se iluda. Aquele sujeito é um filho da puta, um miserável que não sabe como tratar uma mulher. — Matheus verbalizou a hostilidade que permeou suas feições durante o breve relato.

— Paixão, Duda gosta dele desde criança, então seria bom se você deixasse de implicância e parasse de criticar o amor da vida dela. — Sofia recriminou o noivo.

— Ele não é o amor da minha vida! — bradei aos quatro ventos. — E Matheus não disse nenhuma mentira! Igor é um escroto mesmo! Mereço coisa melhor!

— Também acho. — Uma voz vagamente familiar enregelou minha espinha.

Os olhos esbugalhados de Sofia e a afronta que aflorou no rosto de Matheus confirmaram as minhas suspeitas. No mesmo instante, uma fisgada fria na barriga me alertou de que, contra todas as possibilidades, eu ainda tinha bosta para cagar.

Tentando controlar o súbito nervosismo, eu me virei, certa de que me depararia com a expressão indiferente de Igor. Mas o que encontrei ao fitá-lo foi um semblante abatido, marcado por notório pesar.

Suas feições melancólicas combinavam com as roupas que destacavam os músculos salientes. Estava todo de preto, uma completa perdição latina com as mãos para trás, cabelos castanhos bem penteados e olhos escuros e comoventes.

Não que eu estivesse comovida. Ou me sentindo mal ou desejando engolir minhas próprias palavras. Eu não me importava com os sentimentos de Igor Del Toro Varella, assim como ele estava pouco se lixando para os meus.

Se você acha que o bonitão foi ao hospital por minha causa, é uma pessoa muito inocente! O idiota tinha ido visitar Sofia! E Matheus não deixaria isso barato. Igor não sairia dali da mesma maneira que chegou. Levaria um olho roxo de presente.

— O que você veio fazer aqui? — O maxilar anguloso travou, e os olhos oblíquos fuzilaram o recém-chegado.

— Duas coisas. Primeiro, quero dizer que sinto muito por ontem. Cometi um erro atrás do outro, e me arrependo de todos. Eu poderia tentar me explicar, mas não sei se adiantaria. Então, só o que posso fazer é pedir desculpa a vocês.

— Não vamos desculpar porra nenhuma! — Matheus declarou, decidido.

— Vamos, sim! — Sofia deu um puxão no braço dele. — Todos nós cometemos erros ontem, inclusive você, Miyake! Peça desculpa pelo soco que deu nele!

— Eu, não! Foi ele que começou! — acusou, revoltado.

Igor deixou uma risada escapar.

— Quantos anos você tem, cara?

— Seis, por quê? — Uma sobrancelha rebelde subiu.

Igor riu ainda mais, relaxando a posição involuntariamente. O braço direito deslizou das costas para a lateral do corpo, e meu olhar despencou sobre o buquê em sua mão. Os dedos grandes e brutos

aprisionavam os caules de belíssimas e robustas rosas vermelhas.

Era só o que faltava! Além de ter ido visitar Sofia, correndo o risco de ganhar outro murro, ele tinha levado flores, sabendo que Matheus é ciumento! E, ainda por cima, rosas vermelhas!

O tolo devia estar interessado nela!

Não que eu me importasse. O problema era dele, que ia levar o maior fora.

O que aquele jumento achava? Que sairia dali ileso?

O idiota ia levar uma surra!

E eu ia achar pouco! Seria bom para ele aprender a deixar de ser burro!

— Ah! Obrigada, Igor! São lindas! — Quando me dei conta, eu estava sequestrando o ramalhete e me humilhando para salvar a pele daquele imbecil. — Olha! Tem uma cafeteria ali! — Apontei a fachada vintage que ficava em frente ao hospital. — Vamos tomar um café! Tchau, Chatões! Mais tarde eu te ligo, Souf! — Enfiei o braço no dele e o puxei na direção da avenida.

Dois carros estavam parados no semáforo. Aproveitei o sinal verde para os pedestres e iniciei a travessia.

— Então você me desculpou? — ele perguntou, enquanto cruzávamos a faixa.

Virei o rosto para vê-lo, e um sorriso radiante me nocauteou. Eu não estava preparada para aquele sorriso. Ou para a expectativa reluzindo em suas íris. Ou para aquele aroma delicioso que estava dizimando a minha resistência.

O perfume dele era tão bom que meu nariz estava quase caindo naquele pescoço largo e...

Um ruído brusco agitou meu coração. Precisei de alguns segundos para compreender que tínhamos parado de andar e que o barulho estridente viera dos impacientes veículos parados diante de nós.

— O sinal abriu. — A mão dele encontrou minha lombar, exposta pelo decote do vestido.

O calor de sua palma guiou meus passos até a calçada, em uma curta jornada, que pareceu durar uma vida inteira.

Meus poros continuaram abrasados quando ele se afastou, já no passeio. Mas, no instante em que o contato entre as nossas peles se rompeu, meu cérebro momentaneamente derretido recuperou a capacidade de raciocínio.

— É óbvio que eu não desculpei! Você tem merda na cabeça? — soltei, muito mais irritada pela minha reação ao toque que pela pergunta em si.

— Pelo amor de Deus, será que dá para a gente conversar sem precisar falar de merda? — Igor me mostrou um sorriso zombeteiro. — Eu sei que você é uma cagona e tudo, mas tenho certeza de que, se você se esforçar...

— Cala a boca, idiota — cortei, reprimindo a vontade de rir. — Eu devia ter deixado Matheus te dar uma surra! — acrescentei, retomando a seriedade.

Uma risada alta estremeceu o peito musculoso.

— Uma *surra*? — frisou. — Pareço tão fraco assim?

O desgraçado estava careca de saber que era uma escultura forjada com perfeição. Dizer o contrário serviria apenas para deixar claro que eu só queria provocá-lo. E assumir a verdade estava fora de cogitação.

— Isso não vem ao caso! — desconversei. — O que vem ao caso é a sua burrice! De onde você tirou que comprar isso para Sofia era um boa ideia, gênio? — Ergui as flores. — Eu devia ter deixado Matheus descobrir, para você apanhar e deixar de ser trouxa!

— Então foi por isso que você... — Ele riu, balançando a cabeça.

— Sofia é noiva dele, caso você não saiba! Suas chances com ela são as mesmas que eu tenho com o padre Fábio de Melo! Ou seja, pode tirar o cavalinho da chuva! Ela não é pro seu bico! — Achei melhor esclarecer isso, porque gosto muito de Matheus, e não queria vê-lo estressado à toa.

— Você acha esse padre bonito? — Igor questionou, parecendo bastante interessado na resposta.

— Eu? Achar um padre bonito? — Espalmei a mão livre no peito. — Deus me defenda! A sociedade que acha, eu não tenho nada a ver com isso! — Fiz minha defesa, bastante fidedigna, aliás.

— Sei... — Seus olhos se transformaram em duas fendas escuras.

Era impressão minha ou ele estava com ciúme? Não podia ser, podia? Ai, gente, será?

— Que foi, está com ciúme, Igor? — Dei vazão à dúvida. — De um sacerdote? Sério? — emendei, em tom de chacota.

— Quem está morrendo de ciúme aqui é você. — Ele deu um passo e tomou minha nuca, acariciando-a com delicadeza enquanto estudava meu rosto. — Mas fica tranquila, Dudinha. — Uma boca quente roçou minha orelha. — As flores são suas. — A voz sussurrada soprou um hálito morno antes de ele se afastar, congelando o olhar no meu.

Seus lábios formaram uma curva maliciosa, e a vontade de lamber aquela malícia toda pulsou vigorosamente entre as minhas pernas.

— Você realmente acha que eu vou cair nessa? — Disfarcei o desejo insano abrindo um sorriso irônico.

— Como eu sou um homem prevenido — ele puxou um pequeno quadrado vermelho que, até então, estivera camuflado entre as rosas que eu segurava —, deixei um cartão, para o caso de você decidir não escutar o meu segundo pedido de desculpas. — Visivelmente satisfeito, estendeu o envelope.

Posicionei as flores de modo a conseguir pegá-lo e, então, bastante incrédula, abri e comecei a ler:

**Duda,**

***Eu sei que eu fiz merda (você também fez, e bastante, né, minha cagona?), mas gostaria de uma segunda chance, para provar que não sou um bostão.***

***Quer jantar comigo hoje?***

***Fica tranquila. Prometo escolher uma mesa perto do banheiro.***

***Um beijo.***

***Igor.***

Eu não podia acreditar que tinha ganhado um bilhete! Por sinal, tão bem-humorado quanto os de Matheus! Mal podia esperar para jogar na cara de Sofia!

Aquela vaca tem uma coleção deles, e gosta de esfregar um por um nas minhas fuças, dizendo, toda melosa, que jamais pisará neste mundo outro homem tão maravilhoso quanto o Chatão! Vou fazer a cretina engolir essas palavras!

Não que flores e um pedaço de papel com algumas gracinhas escritas provem que Igor é um homem decente. Quiçá significam que é maravilhoso. Na verdade, ele não chega nem perto disso. Inclusive, lindo do jeito que é, deve ser mais um desses cafajestes traidores, que não valem um centavo.

Não gosto de Igor. Gostava, quando ele era um garotinho fofo. Não preciso ficar com ele agora só para honrar a Maria Eduarda do passado.

Ele é gostoso? Pra caramba. Mas todos os desgraçados que me traíram também eram. Não preciso de mais um desgosto na minha vida.

Eu poderia só transar com ele? Poderia. Mas, sinceramente, estou cansada de sexo casual. Esse negócio nunca funcionou comigo. Não nasci para transar com caras aleatórios e continuar tocando a vida no dia seguinte. Eu sempre me apaixono por esses filhos da puta. E seria tão, mas tão fácil me apaixonar por Igor...

— E então? — perguntei, esperançoso, quando ela começou a guardar o cartão dentro do envelope.

— A resposta é não — informou, depois de alguns segundos de um silêncio contemplativo.

— Não? — Meus olhos saltaram, atordoados.

— N-A-O-til. Não. Não quero sair com você, Igor. — A recusa peremptória não deixou margem para incertezas.

Apesar disso, a vontade de insistir coçou em minha garganta. Mas refreei o ímpeto de retrucar. Ela tinha sido suficientemente categórica. A única coisa que eu podia fazer era aceitar sua decisão.

Eu só não conseguia compreender por que o sentimento que sobressaía não era a dor do orgulho ferido, mas tristeza, pura desilusão.

Eu nem conhecia aquela mulher! Não fazia sentido querê-la tanto. Mas eu queria. Mais que conhecer as curvas moldadas pelo vestido vermelho, eu queria conhecê-la, saber tudo sobre ela. E nada disso aconteceria, porque Maria Eduarda não queria saber de mim.

— Tudo bem — concordei, estendendo a mão.

Primeiro, ela hesitou. Então, a palma suave se abrigou na minha.

— Foi um prazer rever você. Adeus, Duda. — Libertei seus dedos, lutando para manter enclausurados os gritos do meu corpo, que imploravam para que eu não soltasse, que não a deixasse escapar.

Mas eu deixei. Simplesmente, olhei para ela uma última vez e saí andando, descendo a calçada a esmo, sem fazer ideia de para onde estava indo, porque sequer conseguia ajustar os neurônios para me lembrar de onde havia estacionado o carro.

Algo dentro de mim doía. E, enquanto caminhava, tentando conter a estúpida vontade de chorar, eu me perguntava por que eu tinha que ser assim.

Por que eu vivia tentando fazer as coisas darem certo mesmo quando, desde o início, elas estavam fadadas ao fracasso? E por que eu sempre queria consertar o que não tinha conserto?

Foi o que aconteceu com o meu casamento. Eu tentei — juro que realmente tentei — fazer as coisas darem certo com Camila antes do divórcio. Mas não dá para colar cristal quebrado. Não adianta. Uma hora, tudo desmorona. E você percebe que, se não tivesse feito os remendos, não precisaria lidar com a mesma falha duas vezes.

Ali estava eu, cometendo o mesmo erro. De novo. O primeiro “não” de Maria Eduarda deveria ter sido suficiente. Mas, não satisfeito, fui atrás do segundo.

— Igor! — Estaquei de repente. — Espera! — Virei o corpo e, antes que ela fosse até mim, corri até ela.

Aparentemente, ser rechaçado duas vezes não bastava para me fazer desistir. Eu precisava ir em busca da terceira rejeição.

Convenhamos, eu tinha que me foder mesmo. A vida estava certa em me bater o tempo inteiro de toalha molhada.

— Você mudou de ideia? — A esperança devia estar pateticamente estampada na minha cara.

— Mais ou menos. Não vou jantar com você. Mas, já que estamos aqui — indicou o estabelecimento em frente —, acho que não faz mal tomarmos um café juntos, né?

Sorrindo feito um idiota, venci a distância e empurrei a porta de vidro. Maria Eduarda entrou, e eu, que nem gostava de café, nunca pensei que ficaria tão feliz ao pisar, pela primeira vez na vida, em uma cafeteria.

O lugar extremamente aconchegante exalava um aroma irresistível de café e cacau.

Pessoas de variadas idades bebericavam o conteúdo de suas xícaras e saboreavam tortas aparentemente apetitosas, além de outras guloseimas convidativas.

Ocupamos uma das poucas mesas vagas e, logo, uma mulher uniformizada apareceu.

— Bom dia! Sejam bem-vindos ao Malena! — Estendeu dois cardápios, um para mim e outro para Igor. — Quando estiverem prontos para fazer o pedido, é só chamar. Meu nome é Gisele.

— Obrigado, Gisele. — Ele mostrou um sorriso polido à moça, que retribuiu com a mesma cortesia.

— Obrigada. — Agradei, e ela também sorriu para mim, afastando-se em seguida.

Felizmente, era uma boa funcionária, que decerto zelava muito pelo emprego, diferentemente da safada que estava atendendo a mesa ao lado. Enquanto esperava a família escolher o que ia pedir, a bandida aproveitava para comer Igor com os olhos.

Não que eu me importasse. Além de ele não ser nada meu, eu nem sou uma pessoa ciumenta. Por mim, a sem-vergonha podia continuar admirando à vontade, desde que não triscasse no que não era dela!

— Acho que vou querer um chocolate quente. E você? — Ele ergueu a cabeça, depois de analisar brevemente o cardápio.

Abri o meu e corri os olhos pelas opções, que me deixaram com água na boca.

— Hum... Acho que um *cappuccino*, um *croissant*, um *donut*, uma fatia de *cheesecake* de oreo e... — dei uma olhada na outra página — um pedaço de torta de morango. — Fechei o menu e me deparei com a expressão divertida de Igor. — Que foi? Eu tô com fome. Não comi meus quitutes de festa ontem, tá lembrado?

O divertimento se esvaiu, cedendo espaço para o remorso que encobriu seu rosto. Imediatamente, eu me senti péssima por evocar o evento arruinado.

— A festa foi cancelada? — perguntou, pesaroso.

— Não. O pessoal ficou. As gincanas e outras coisas que eu planejei não aconteceram, mas, com certeza, eles aproveitaram a comida, a bebida e o DJ. Se bobear, ainda estão lá.

— Mas você, que organizou tudo, não aproveitou nada. E por minha culpa.

— A culpa não foi só sua. E não tem problema, eu só organizei aquela merda porque queria... — Calei a boca.

— Queria...? — ele incentivou.

— Nada. Gisele! — Gesticulei para a garçonete.

Assim que ela anotou os pedidos e se foi, tratei de iniciar algum assunto, antes que Igor insistisse na conversa pausada.

— Por que você decidiu ser delegado?

Ele ficou nitidamente tenso.

— Porque... — Os olhos baixaram, o pomo-de-adão subiu e desceu. — Eu poderia dizer que foi porque meu pai era delegado. E, de certa forma, foi. — Ele me fitou. — Mas não segui a mesma carreira por admirá-lo. Pelo contrário. Eu me tornei o que ele era para ser o homem e o profissional que ele jamais foi. — A intensidade no olhar e a repulsa em sua voz eram palpáveis.

O que o pai dele havia feito de tão grave para merecer o repúdio do filho?

— O que ele fez? — Externei o pensamento. — Matou sua mãe? — completei, em tom de brincadeira.

Igor não riu. Em vez disso, manteve a fisionomia austera, o que me deixou seriamente preocupada.

— Não. Mas, uma vez, quase conseguiu. E, naquele dia, enquanto minha mãe apanhava e chorava, eu jurei que, quando crescesse, mataria meu pai com as próprias mãos.

— E você matou? — Levei os dedos à boca, completamente pasma.

Dessa vez, ele riu; uma risada sem humor, um riso doloroso que doeu em minha alma.

— Não. Aquilo foi a promessa tola de um menino ingênuo. Não fui eu quem o matou, mas, sim, aquele monstro está morto. E minha mãe, livre e feliz, casada com um homem bom.

Naquela época, quando Igor e eu éramos crianças, eu não fazia ideia do trauma horrível que ele carregava, da violência que testemunhava em casa. Mas os sinais estavam claros, nos desenhos que ele fazia, nos monstros gigantes que sempre rabiscava no papel.

A lembrança do garotinho tímido e solitário que tinha predileção pelo lápis de cor preto inundou minha mente e, sem aviso, uma lágrima doída dilacerou minha bochecha.

— Duda... — Ele se levantou e se sentou ao meu lado. — Desculpa. — Seu polegar secou minha pele. — Eu não devia ter contado toda essa merda. É só que... eu nunca conto para ninguém, e você...

Enlacei o corpo no dele, lamentando nunca ter me aproximado na infância, quando ele precisava tanto de amigos.

Seus braços me envolveram, fortes e quentes. O calor de seu peito incendiou o meu, e o cheiro inebriante do pescoço me fez suspirar.

Sem que eu me desse conta, o abraço reconfortante se transformou em uma fusão ardente. Lábios cálidos beijaram minha orelha, rastejaram pela minha bochecha e...

— Com licença. — A voz feminina repeliu nossos corpos.

Com o coração aos pulos, ajeitei a posição no banco e me deparei com a garçonete, que pousava a bandeja sobre a mesa.

— Se precisarem de alguma coisa, é só chamar. — A moça esticou um sorriso amarelo e se afastou.

Mortificada, sem coragem para olhar na direção de Igor, agarrei a alça do meu *cappuccino* e tomei um gole.

Pela visão periférica, percebi que ele estava me observando atentamente.

A bebida fumegante desceu fervendo, mas meu estômago ficou gelado. E irrequieto.

— Se você continuar me olhando assim, vou ficar com dor de barriga — avisei, recolocando a xícara sobre o pires.

Um som delicioso fluiu feito música de sua garganta.

Ao encará-lo, vi o riso morrer à medida que seus olhos baixavam para a minha boca. O olhar foi caindo, lançando labaredas invisíveis em minha pele.

Um magnetismo inexplicável me atraiu para mais perto dele. Sentada a milímetros de distância, cruzei as pernas no instante em que elas ganharam sua atenção.

Igor gemeu, e eu me inclinei devagar, até alcançar seu ouvido:

— Seu chocolate...

— Duda... — Ele virou o rosto.

Nossas testas se encontraram, nossas respirações se misturaram, e meu pulso disparou quando meus dedos refrearam seus lábios macios, impedindo-os de tocarem os meus.

— Vai esfriar. — Minhas digitais escorregaram pelo queixo áspero, percorreram o tórax rijo e estacionaram sobre o volume que empurrava a calça escura. — Bebe. — Indiquei a bandeja, esfregando a palma na extremidade maciça.

Igor puxou o ar, cerrando os olhos por alguns segundos.

Dominando a vontade absurda de continuar, tirei a mão e peguei o *donut*. Dei uma mordida e olhei para ele com premeditada inocência.

— Quer? — ofereci, mirando sua expressão simultaneamente excitada, aborrecida e confusa. — Tá uma delícia. — Passei a língua no lábio superior, limpando o açúcar.

— Imagino. — Ele descansou a mão pesada na minha coxa e, com a outra, pegou a própria xícara e bebeu um pouco, sem desviar o olhar.

Aproveitei para largar a rosquinha cheia de confeitos, fingindo que aquele joguinho sedutor não estava me afetando.

— O que você faz da vida, Duda? — Igor entabulou a conversa com a mesma naturalidade, como se nada estivesse acontecendo debaixo da mesa.



— Sou fotógrafa. — Precisei me controlar para não arquejar quando os dedos subiram alguns centímetros.

— *Freelancer?* — sondou, depositando o chocolate quente sobre o tampo de madeira.

Por baixo do forro, continuou acariciando a perna exposta pela fenda do vestido. O polegar desenhava círculos suaves e incandescentes na parte interna.

— Também. — Não contive um suspiro.

— Você tira fotos de quê? — Ele avançou ainda mais, abrindo um sorriso sacana ao mergulhar os dedos no interior do tecido.

— Pessoas. — Descruzei as pernas, facilitando o acesso.

— Qualquer pessoa? — Aproximou a cabeça e me beijou no canto da boca.

— S-sim — gaguejei, deliciando-me com a textura da palma que apertava e queimava minha pele.

— Você faria um ensaio meu? — A língua encontrou minha garganta, e a mão se encaixou em minha virilha.

Uma tossida súbita expulsou Igor, que, sobressaltado, encarou a estraga-prazeres.

Alarmada, tratei de fechar as pernas, ajeitando o vestido.

— Oi, gente, desculpa atrapalhar, mas será que vocês podiam pegar leve? Tem crianças aqui. — A garçonnete que havia nos atendido gesticulou, indicando a mesa perto da nossa.

— Foi mal. A gente vai se comportar, moça — Igor respondeu, enquanto eu procurava um buraco para enfiar a cara.

Assim que ela saiu, ele me olhou.

— Você fica linda assim, toda envergonhada. — Sorriu, entrelaçando a mão na minha e levando o dorso aos lábios.

Meu coração chacoalhou, mas mal tive tempo de me deleitar com a sensação agradável, porque uma sombra pairou sobre nós.

Uma senhora, carregando um grande saco de papel com o logo da cafeteria, me lançava chispas sobre os óculos de grau. Observou-me por completo, mas dedicou segundos especiais à análise do meu vestido. O brilho do tecido, o decote e o vermelho-vivo prenderam sua atenção antes de ela mudar o foco do olhar cheio de censura para Igor.

— Bom dia, doutor Varella. Por acaso a sua esposa sabe que o senhor passou a noite com esta rameira? — A palavra final foi pronunciada com extremo asco.

Não me indignei com a suposição da dona. Estava ocupada demais ficando de pé.

— Você é casado? — Meu berro direcionou todas as cabeças do recinto para aquele ponto do Café.

— Ah, você achou que ele fosse solteiro, minha filha? Um pão desses? Dona Camila laçou foi cedo!  
— A informação me deixou chocada.

Olhei para Igor, que estava se levantando calmamente.

— Duda, não é nada disso. Eu posso explicar.

— Explica para a minha mão na sua cara! — Estampeei os cinco dedos nas fuças daquele filho da mãe.

— A puta perdeu o controle! Vocês agora aceitam esse tipo de gente aqui dentro? — A mulher se virou para as assustadas baristas do balcão.

— Puta é a senhora sua mãe, sua velha desgraçada! E isto sou eu perdendo o controle! — Puxei o saco da mão dela e esvaziei o conteúdo no chão.

Uma chuva de *pretzels* atingiu o piso quadriculado da cafeteria, e eu pisoteei um bocado ao sair correndo daquele lugar.

Não podia acreditar que Igor tinha feito aquilo comigo, me enganado e me usado daquela maneira.

Ele era mesmo um cafajeste traidor!

Eu tinha pegado no pau de um homem casado! O que isso fazia de mim?

— Duda! Espera! — Eu já estava atravessando a comprida avenida, aos prantos, quando a voz

desesperada ecoou. — Duda, eu não sou casado! — Ele gritou de novo, aparentemente mais perto.

— Mentiroso! — berrei, mas não olhei para trás nem para direção alguma. Continuei correndo, com a raiva, a decepção e a vergonha de mim mesma ardendo nos olhos.

Então, ouvi o estrondo e, naquele momento, eu soube.

Era o fim.



## A VIDA

“(...) que eu vivi sem você eu quero desviver”.  
Nosso Nó(s) — Sandy

## SOFIA

— Será que é seguro deixar Duda sozinha com aquele cara? — Matheus conjecturou, assim que eles se afastaram.

— Igor não é um monstro. Ele só pisou na bola, e está disposto a se redimir. Todo mundo merece uma segunda chance, paixão. — Apoiei a cabeça em seu bíceps, atenta à travessia do casal.

— Não sabemos nada sobre ele, Sofia. E se o sujeito for um psicopata?

— Eu não sabia nada sobre você quando aceitei dividir aquele quarto de hotel. E se você fosse um psicopata? — Movi os olhos para fitá-lo.

— Você tinha uma arma. — O descarado sorriu.

— É verdade — falei, rindo. — Mas fica tranquilo. Duda sabe se cuidar. — Ergui a cabeça, lançando as vistas para a avenida. — Além disso, olha lá, parece que eles foram feitos um para o outro. — Suspirei, ao vê-los parados na faixa de pedestres.

— Gi, eu sei que você concordou em Duda ser a madrinha do nosso bebê, mas esse cara não vai ser o padrinho, não, né? Por favor, não faz isso comigo. — A carinha que ele fez quase me matou de rir.

— E se você ficar amigo dele? — provoquei.

— Eu não vou ficar amigo dele! Ele dançou com você, Sofia! — exclamou, como se o fato fosse um pecado capital.

— Só porque era do meu tamanho. Que culpa ele tinha de você ser baixo? — Tentei, mas não consegui controlar a risada.

— Mas hoje eu sou mais alto que ele! Eu venci! — Um largo sorriso satisfeito fez combo com o peito estufado.

Eu estava gargalhando quando minhas narinas foram acometidas por um dos melhores cheiros do mundo.

Animada, olhei ao redor, em busca do foco do aroma delicioso. Notei que Igor e Maria Eduarda estavam conversando do outro lado da avenida, mas meu olhar continuou vagando até identificar o epicentro gastronômico.

Eu estava faminta. Não comia há muitas horas, e o pouco que restava no estômago tinha saído pela minha boca.

Por isso, assim que vi o moço empurrando o carrinho pela rua transversal, meus olhos brilharam.

— Pipoca! Olha, olha, olha! — Apontei, nortendo a visão de Matheus.

— Vou lá comprar pra você, paixão. — Ele riu, e eu ganhei um beijo na têmpora.

— Vamos juntos! — Puxei sua mão, e começamos a nos afastar.

Logo, alcançamos o vendedor e compramos dois saquinhos grandes.

Ali perto havia uma pequena pracinha. Ocupamos um banco e ficamos comendo e conversando. Matheus terminou o dele em poucos minutos. O meu ainda estava pela metade quando decidimos voltar para o hospital, antes de mamãe surtar, achando que tínhamos sido sequestrados.

Ao atingirmos o início do quarteirão, avistamos um vulto vermelho cruzando a avenida. Mal tive tempo de tentar compreender o que havia acontecido, porque o borrão negro que se movia logo atrás foi brutalmente atingido e arremessado a metros de distância por uma motocicleta.

Tudo aconteceu em uma fração de segundo. Em um instante, eu estava rindo do meu noivo, que roubava minhas pipocas e brincava de apará-las com a boca. No outro, o saquinho estava no chão, e eu, em estado de choque, ouvindo o grito excruciante de Maria Eduarda.

— Puta que pariu! — Matheus apertou meus dedos e começou a correr, obrigando minhas pernas inertes a segui-lo.

Enquanto corríamos, Duda disparou na direção de Igor. Tropeçou, caiu e finalizou o percurso arrastando-se pelo asfalto.

No momento em que passamos pela entrada do hospital, um grupo de pessoas já observava o acidente. E mulheres usando o uniforme da recepção já voltavam para o pronto-socorro, provavelmente para acionar uma equipe médica.

Do outro lado, clientes do Café de Marina espiavam o ocorrido, e uma senhora escandalosa falava ao telefone com alguém.

Alcançamos o ponto onde Igor estava caído e constatamos que ele estava inconsciente. Ou morto.

Escoriações marcavam seu rosto e, a julgar pela posição esdrúxula da perna esquerda, estava fraturada.

Mesmo temendo descobrir o que não queria, eu me abaixei e conferi a pulsação.

Sentada no asfalto, minha amiga soluçava e pronunciava palavras desconexas, derramando lágrimas copiosas.

Lutando para controlar meu próprio choro, eu me aproximei e a abracei, tentando consolá-la enquanto Matheus ligava para a polícia.

— Ele está morto? — O motociclista, que tentava se levantar, indagou, visivelmente desesperado.

— Não se mexa! — alertei. — Fique quieto, os médicos já estão a caminho. E não, ele não está morto.

Logo, Igor foi levado para o hospital. E, embora eu estivesse tentando acalmar Maria Eduarda, ela chorava muito.

Assim que pisamos no pronto-socorro, minha família veio ao nosso encontro. Todos me ajudaram a tranquilizá-la, mas não adiantou muito. Ela precisou ser medicada.

## DUDA

Eu ainda estava meio grogue quando migramos para o Centro Cirúrgico.

Afundada em um dos assentos da enorme sala de espera, aguardava alguma notícia, ao lado de Matheus e Sofia.

Tinha comido um pouco, por insistência deles, mas sequer senti o sabor da comida. Tudo tinha gosto de isopor.

Naquele momento, a única coisa que eu queria era que terminassem logo a cirurgia e viessem me dizer que Igor estava ótimo, que não ia ficar paraplégico nem nada do tipo.

A culpa, o pânico e o remorso, que já estavam oxidando as minhas entranhas, corroeram tudo no instante em que uma mulher acomodada em uma cadeira de rodas adentrou o local. Estava acompanhada por outra, mais velha e muito parecida com ela.

Fiquei imediatamente angustiada, certa de que sua chegada era um mau presságio, um aviso de que a minha atitude impulsiva havia arrancado de um homem a capacidade de andar.

— Duda, tem certeza de que você não quer ir para casa, tomar um banho e voltar depois? A cirurgia ainda vai demorar, e eu posso ir com você — Sofia sugeriu, pela milésima vez.

Sufocada pela presença daquela mulher e pela aflição que ameaçava me enlouquecer, acabei aceitando.

Fomos no carro de Matheus, que fez questão de nos levar. Depois de nos deixar no meu prédio, ele foi para a casa dos pais, já que também precisava de banho e descanso. Sofia ficou comigo e, assim que lavei a bunda, me obrigou a tirar um cochilo.

Acabei dormindo por várias horas, mas tive pesadelos horríveis. Sonhei com a esposa traída, que me acusava de tentar roubar o marido dela. E sonhei com ele, que me acusava de tentar matá-lo.

Mais tarde, ao voltarmos para o hospital, eu ainda estava totalmente perturbada. Só melhorei depois de saber que a cirurgia havia chegado ao fim.

Igor não tinha ficado paralítico! Dera tudo certo, e, segundo um dos médicos, ele já estava no quarto. Inclusive, tinha companhia.

Fiquei subitamente apreensiva com a última informação. Só podia ser a mulher dele!

— Souf, acho melhor a gente ir embora. — Assim que o sujeito de jaleco se foi, puxei-a pelo braço, afastando alguns passos da recepção.

— Por quê? Você não quer vê-lo? — Ela me fitou, desnorteada.

— Igor... ele... eu descobri que ele é casado. — Precisei conter a imensa vontade de chorar ao pronunciar as palavras.

— O quê? De onde você tirou isso, Duda? — Sua expressão era um misto de choque e incredulidade.

Até então, eu não havia entrado em detalhes, principalmente pela vergonha de ter me envolvido — ainda que brevemente — com um homem casado. Tinha dito apenas que discutimos e que, por isso, eu saí correndo. Mas, depois da declaração que fiz, contei tudo.

— Se ele disse que não é casado é porque não é. Não acredito que ele mentiria assim, depois de ter sido supostamente descoberto. — Sofia saiu em defesa de Igor.

— Eu não vou com a cara do sujeito, mas... — Matheus fez uma pausa, como se estivesse decidindo se finalizaria a sentença. — Acho que Gi tem razão. Pode ser que tenha sido só um mal-entendido. Por exemplo, ele se divorciou e a dona não ficou sabendo. Ou, então, ela só queria foder a vida do cara mesmo, porque... sei lá, porque é uma velha filha da puta!

Ao ouvir aquilo, comecei a nutrir um fino fio de esperança de que os dois estivessem certos. Talvez, eu tivesse me precipitado ao fugir sem ouvir o que ele queria explicar.

A hipótese de ter cometido esse erro terrível me deixou apavorada. Mas a possibilidade de Igor não ser casado acalentou meu coração.

— Quem é você e o que fez com o meu noivo? — Sofia fingiu estar chocada. — Ele era uma criança, e agora parece um adulto!

— Eu sei ser maduro, Chatona. — Matheus fez uma careta, que, na verdade, era uma carinha fofa.

— Percebe-se. — Ela riu, beijando-o nos lábios.

— Boa tarde, moça. — Um homem alto, de meia-idade, aproximou-se de repente do balcão, dirigindo-se a uma das recepcionistas. — Meu enteado insiste em falar com uma mulher chamada Maria Eduarda. A senhorita sabe se ela está ou esteve aqui?

— É ela! — Mais que depressa, Sofia puxou meu braço para cima.

— Ah. — Um sorriso simpático surgiu no rosto charmoso. — Oi, Maria Eduarda. — Diminuindo o

espaço entre nós, estendeu a mão. — Meu nome é Vicente, sou o padrasto de Igor.

— O-oi. — Apertei a palma aberta. — Como ele está?

— Ansioso para te ver. Se você puder vir comigo... — Com um leve meneio de cabeça, indicou o corredor.

Olhei para os Chatões e recebi um incentivo silencioso.

Instantes depois, eu estava diante do quarto, tentando controlar o nervosismo.

Então, Vicente girou a maçaneta, e a tensão foi substituída por um imenso alívio.

## IGOR

— E como ela é?

— Linda.

— Preciso de detalhes, garoto!

— Ela tem o cabelo mais bonito do mundo todo.

Minha mãe olhou para mim como se estivesse diante de um *alien*. Não entendi muito bem o porquê, mas, depois do espanto, ela sorriu. E o sorriso, suave e afetuoso, ainda iluminava sua face inteira quando a porta se abriu, revelando a mais bela criatura.

— Eu não sou casado. Já fui, mas estou divorciado há quase um mês! — despejei, porque precisava que ela soubesse disso o quanto antes.

— Igor... — Seus olhos cintilaram com a umidade das lágrimas repentinas. — Desculpa! — Maria Eduarda caiu no choro, levando as mãos ao rosto em prantos.

Os soluços partiram meu coração. Eu quis me levantar e abraçá-la e dizer que ela não tinha culpa de nada, mas a droga da perna parafusada me impedia.

— Não chora, filha! — Minha mãe se levantou da poltrona e fez o que, naquele momento, eu não podia. — Não foi sua culpa, querida. Esse menino tolo que não sabe atravessar a rua! Quantas vezes eu já falei pra ele que a gente precisa olhar para os dois lados? Quantas? Falo isso desde que ele era pequeno! Mas adiantou? Adiantou nada! Agora tá aí, um homão desse e não sabe nem atravessar! Mas dessa vez ele aprende!

— Agora eu só atravesso segurando a mão da senhora — brinquei.

— Acho bom! — Ela riu.

Aos poucos, Duda foi se acalmando e saindo do casulo reconfortante que era o abraço de dona Yolanda.

— Você tinha razão sobre o cabelo dela, filho! — Minha mãe admirou as espirais compridas que cobriam as alças do vestido amarelo e curto.

Vermelho não era mais a minha cor favorita. Eu preferia aquele tom de amarelo, que realçava o bronzeado da pele perfeita e macia.

— O que tem o meu cabelo? — Mãos ágeis alcançaram os cachos escuros.

— Ele disse que é o mais bonito do mundo todo. — Fui cruelmente dedurado.

— Mãe! — berrei, constrangido.

Duda sorriu de um jeito tímido, e a expressão encabulada a deixou ainda mais linda.

— Eles formam um casal tão fofo, né, Vicente?

— Parecem dois adolescentes apaixonados — meu padrasto concordou, achando graça.

Sempre fui meio retraído, mas, por alguma razão, eu estava mais envergonhado do que jamais estive.

— Saíam do meu quarto, os dois! — ordenei, e eles caíram na risada.

— Tá bom, a gente vai deixar os pombinhos a sós. Vem, Yozinha — Vicente chamou.

— Mas eu ainda nem me apresentei! Meu nome é Yolanda, Duda! E, pelo que Igor me contou, eu já gostei de você!

Maria Eduarda me fitou, e eu me vi na obrigação de tranquilizá-la:

— Eu só falei que você é meio maluca. Não contei aquela coisa do banheiro.

— Que coisa do banheiro? — Minha curiosa genitora quis saber.

— Uma coisa muito sórdida, mãe. — Fui ambíguo de propósito.

— Ah... Entendi. — Ela abriu um sorriso sugestivo.

— Não foi nada disso! Para de insinuar que teve sem-vergonhice, Igor! — Duda me fuzilou. — É que eu tive uma caganeira violenta, dona Yolanda. — Ao se virar para minha mãe, ela se transformou em um anjo de candura. — E foi por culpa de certa pessoa — gesticulou, passando o indicador no pescoço e apontando em minha direção —, cuja presença me deixou muito nervosa, porque, talvez, só talvez, eu gostava dele quando era criança, sabe?

Eu já tinha me dado conta disso, mas ouvi-la dizer aquilo me deixou inflado feito um pavão. O garoto em mim vibrou. E o meu eu adulto contemplou aquela mulher magnífica e a desejou mais do que nunca.

— E eu tinha comido ovo cozido ontem, então já viu, né? — Duda continuou, como se estivesse conversando com uma amiga íntima. — O banheiro ficou inutilizável depois que eu saí. Aí, Igor entrou, por um motivo que não vem ao caso, e teve o desplante de dizer na minha cara que aquilo tinha sido obra de um homem, porque mulher não caga fedendo! Fiquei indignada e tive que contar que fui eu.

Minha velha teve uma crise de riso tão intensa que ficou toda vermelha. Vicente também riu até não aguentar mais. Eu fiquei só chocado mesmo. Mas não devia, porque já sabia que Maria Eduarda era completamente doida.

— Duda, minha filha, eu estou tão feliz por você ser tão diferente da fresca da Camila! — Minha mãe se jogou nela, abraçando-a com força. — Ô mulherzinha nojenta! Falando naquela ordinária, Igor, a sem-vergonha teve a cara-de-pau de aparecer aqui. Disse que recebeu a ligação de uma conhecida, que falou do acidente. Botei pra correr! Você não faz ideia do que essa safada fez com o meu filho, Dudinha! Acredita que ela teve a coragem de...

— Mãe. — Usei meu clássico tom de aviso. Com uma mãe como a minha, eu precisava usá-lo praticamente o tempo inteiro, porque ela nunca sabia a hora de parar.

— Enfim! Vicente e eu vamos deixar vocês conversarem um tiquinho. — O bom era que o alerta sempre funcionava.

— O que essa tal de Camila fez com você? — Assim que os dois saíram, fui alvejado pela pergunta certa.

A raiva entremeada nas palavras de Maria Eduarda provocou uma sensação agradável em meu peito. Era bom saber que ela se importava comigo.

— É uma longa história. — Tentei sair pela tangente.

— Que você vai me contar — afirmou, taxativa.

— Só se você me der um beijo — barganhei.

Duda eliminou a distância e ocupou o espaço ao meu lado na cama.

— Tá bom, eu dou. — Um perfume suave me engolfou quando ela se inclinou e me beijou.

Na testa.

Na porra da testa.

— Sério? — Exprimi minha frustração.

— Você não especificou. — Ela deu de ombros, e alguns caracóis se mexeram, hipnotizando-me por alguns segundos. — Agora conta.

— Não é uma boa ideia. Minha dignidade pode não sobreviver ao relato. — Embora eu estivesse tentando soar descontraído e engraçado, podia sentir o orgulho ferido pinicando e ardendo por dentro.

— A vagabunda te traiu, né? — O fato de ela ser tão direta deveria me incomodar, mas era o que mais

me fascinava.

Maria Eduarda não media as palavras, e sua espontaneidade estava me deixando tão enfeitiçado que, quando dei por mim, estava assentindo.

— Mais de uma vez — emendei, e ouvi o amargo ruído do meu ego se partindo.

— E eu achando que o traidor era você. — Um riso irônico cortou o ar, mas não havia apenas sarcasmo no som. Fúria e remorso eram notas facilmente distinguíveis. — Desculpa por não ter acreditado. E... por ter causado isso. — Seu olhar pesaroso escrutinou os hematomas em meu rosto.

— Duda — peguei sua mão —, você não causou nada. E estava certa em duvidar. Você não me conhece. Mas quero que saiba tudo sobre mim. É uma pena que eu vá começar te contando a coisa mais humilhante que já me aconteceu.

— Não precisa contar, se você não quiser.

Mas eu queria. Queria extirpar aquilo de uma vez por todas da minha alma. Estava cansado de manter toda aquela mágoa enterrada dentro de mim.

— Camila sofreu um acidente nos primeiros meses do nosso casamento. Estava falando ao telefone com a mãe enquanto guiava o carro em plena rodovia. Perdeu o controle da direção e os movimentos das pernas.

Maria Eduarda estatelou os olhos.

— Ela é pequena, tem cabelo liso e usa um corte chanel?

— O que é um corte chanel? — indaguei, confuso.

— Um cabelo batendo aqui. — As pontas dos dedos tocaram a base do pescoço.

— Isso! — confirmei, aturdido. — Como você...

— Eu a vi. Aqui no hospital. Parabéns, você tem bom gosto para mulheres. — O ciúme em sua voz colocou um sorriso em meu rosto.

— Tenho mesmo. Não é à toa que estou louco pela mulher mais linda que já vi. — Acariciei os nós de seus dedos.

— Sei. — Ela fez uma carinha pouco convencida. — Anda, termina de contar.

— Bem, como você pode imaginar, Camila ficou arrasada. Acabou se tornando uma pessoa ainda mais difícil. Chorava o tempo inteiro, dizia que ia tentar se matar, que a vida dela estava destruída, que eu ia deixá-la, todas essas besteiras. Fiz tudo o que pude para ajudá-la a superar e compreender que não estava limitada à cadeira, que podia fazer muitas coisas, que podíamos ser felizes. Tentei de todas as formas arrancá-la do ostracismo em que ela se enfiou. Procurei ajuda profissional, lutei com todas as armas. Depois de muita insistência, consegui convencê-la a iniciar a fisioterapia. Suas chances de voltar a andar são poucas, praticamente nulas. Sabíamos disso desde o começo, mas não permiti que ela desistisse, já que não aceitava aquela situação. Contratei um fisioterapeuta, que faria as sessões em domicílio, já que ela se recusava a sair de casa na cadeira.

— Ai, meu Deus! Não acredito! — Duda logo ligou os pontos.

Quando cheguei do trabalho e vi aquela cena no sofá da sala, achei que Camila estava sendo estuprada. Então, eu a ouvi gemendo, deslizando as mãos lentamente nas costas do filho da puta. Mas isso eu não disse a Maria Eduarda. Simplesmente não consegui articular as palavras.

Não sei de onde tirei forças para sair dali. Mas saí, porque seria fácil demais matá-lo. Bastava tirar a *Glock* do coldre. Porém, apesar da facilidade e da cólera que me consumia, meu autocontrole e minha índole me impediram de sacar a pistola. Saí e só voltei horas depois.

— Eu estava decidido a decretar o fim do meu casamento — prossegui.

— Mas ela se fez de coitadinha. — Duda adivinhou. — Aposto que deu uma de vítima e te acusou de ser um monstro por tentar abandoná-la no “pior momento da vida dela”. — Sinalizou as aspas, imitando, com assombrosa acurácia, o jeito que Camila falou. — E, então, deu uma de Madalena arrependida, e você, tonto do jeito que é, caiu na conversinha mole da pilantra e levou outro par de chifres!



Estranhamente, não fiquei puto com a ofensa. Achei graça.

— Pois é — confirmei. — Pensei que dispensar o desgraçado e contratar uma fisioterapeuta resolveria o problema. E, por um tempo, resolveu. Então, eu a flagrei com o filho do vizinho.

— Eu não acredito nisso! Sinceramente, não acredito na sordidez dessa mulher! Se você me disser que perdoou de novo, eu juro que vou perder as estribeiras!

— Não sou tão tolo assim! Depois dessa, contratei um advogado e fui até o final do processo, apesar de todo o drama que ela fez.

— Pau pequeno já deu para perceber que você não tem. Então eu espero, de todo o meu coração, que ela não tenha te traído porque você é ruim de cama. — Olhou para o alto. — Por favor, Deus, não permita.

— Isso você vai ter que comprovar por si mesma, assim que eu estiver em condições de demonstrar todas as minhas habilidades. Mas nada impede que comecemos agora, se você quiser comandar. — Abri um sorriso malicioso.

Felizmente, eu não tinha insegurança alguma em relação a sexo. Era muito bom na coisa.

Para mim, traição é sinônimo de mau-caratismo, desrespeito e falta de amor. Mas, além das três coisas, é possível que a carência tenha contribuído para a infidelidade de Camila. Não transávamos desde o dia do acidente, porque, apesar das minhas constantes tentativas, ela mal permitia que eu a tocasse.

Por mais de um ano, eu me mantive fiel, a despeito das constantes acusações de traição, geralmente regadas a muito choro e fúria. Talvez, ela tenha feito o que fez pelo medo de eu estar fazendo a mesma coisa, apesar de eu sempre garantir que não.

De todo jeito, isso não justificaria suas atitudes. E a paralisia não foi a grande vilã do nosso relacionamento. Suas paranoias e falta de confiança desgastavam a relação desde o nosso namoro. Meu maior erro não foi acreditar em sua fidelidade; foi me casar com ela.

Em resposta à malícia contida em meu sorriso, Duda deixou os olhos vagarem pelo meu corpo. Imaginei a transa inteira em uma fração de segundo, embora estivesse ciente de que, naquelas circunstâncias, ela jamais aconteceria. Meus músculos doíam, algumas regiões do rosto latejavam, eu mal podia mover o tórax dolorido, e uma sensação pungente começava a me lembrar da fratura.

— O que fizeram com a sua perna? — perguntou, quando seu olhar encontrou o membro imobilizado.

— Colocaram uma haste de metal e fixaram com alguns parafusos. Sou quase um *Cyborg*. — Curvei os lábios animadamente, tentando disfarçar o incômodo.

Em retribuição, ela me endereçou um sorriso triste.

— Tá doendo muito? — Ou eu não era um bom ator ou ela era uma ótima vidente.

— Nem um pouco — menti.

— Vai demorar pra sarar?

Em breve, eu poderia pisar no chão, usando muletas. E, depois de um tempo, andaria sem elas. Estava prestes a dizer isso, omitindo que a recuperação completa levaria de três a seis meses, quando tive uma ideia genial.

— Vou ficar uns oito meses sem conseguir fazer nada sozinho. — Suspirei teatralmente. — E minha mãe já é idosa, sabe? Eu não queria ter que submetê-la a certos esforços e embaraços, como, por exemplo, me dar banho.

— Idosa? Sua mãe parece ter menos de cinquenta anos!

Ela tinha cinquenta e um, mas Duda não precisava saber disso.

— Minha mãe já sofreu muito, não quero que ela fique se preocupando comigo. — Era um puta golpe baixo, mas eu não ia desperdiçar a chance que a vida estava me dando. — Seria bom ter outra pessoa, sabe, para cuidar de mim... — Caprichei no desalento.

— Eu posso fazer isso. — A entonação sedutora não deixava dúvidas de que ela tinha compreendido

muito bem quais eram as minhas intenções. — Quero dizer, se você quiser. É o mínimo que eu posso fazer, depois de tudo.

— Não precisa. Deixa que eu me viro. Posso contratar uma enfermeira — blefei, só para testar sua reação.

— Ficou louco? Nem a pau! Eu mesma cuido de você! Tenho um horário bastante flexível no trabalho. Posso fazer isso. Mas só até você ficar melhor, tá bom? — A safada se fez de ingênua.

— Tá — concordei, com a mesma expressão inocente.

Naquele momento, eu não fazia ideia do quanto ela me faria implorar por um boquete. Ou que a nossa primeira vez só aconteceria quase dois meses depois. Nem que eu gostaria tanto de toda aquela tortura. E muito menos que, dali a pouco mais de um ano, eu estaria dizendo “sim”. Dessa vez, para a vida inteira.



# 51

EU FIZ BESTEIRA

“(…), não tem desculpa”.  
*Tô Na Vida* — Ana Cañas

*Um ano depois*

MATHEUS

Minhas pálpebras pesadas abriram-se lentamente, e minha visão se deparou com um lustre que não era o do meu quarto.

O feixe de luz que escapava de algum lugar direcionou meu antebraço para a área dos olhos.

Espiei e divisei uma sacada. As cortinas que velavam as largas portas de vidro exibiam uma pequena fresta, por onde o sol escoava.

Fugindo da tímida claridade, girei a cabeça, e uma súbita pontada no cérebro me fez pensar que, talvez, meu crânio tivesse acabado de se partir ao meio.

Mas a dor de cabeça não foi nada comparada ao desespero que senti ao vislumbrar os cachos escuros e compridos que se espalhavam no travesseiro ao lado.

— Maria Eduarda? — Minhas órbitas quase pularam no lençol.

O que ela estava fazendo ali? Que porra tinha acontecido?

Quando o corpo se mexeu levemente debaixo do tecido imaculado eu me obriguei a resgatar as memórias da noite anterior.

Assim que acessei minhas lembranças, fragmentos piscaram em minha mente.

O hotel. O térreo. O bar. Minha despedida de solteiro.

A cobertura. A piscina. A despedida de solteira de Sofia.

Os blocos foram se encaixando, mas os detalhes do que havia acontecido eram peças soltas de um quebra-cabeças que eu tentei, mas não consegui montar.

Em pânico, levantei-me da cama, notando, para o meu completo pavor, que estava pelado.

Um martelo impiedoso massacrava meus miolos, mas o que mais doía era meu peito, que parecia sangrar diante da constatação de que eu havia traído Sofia. Com a melhor amiga dela. Três dias antes do nosso casamento.

Não era possível. Não fazia o menor sentido! Eu jamais faria uma coisa dessas!

Claramente, estava de ressaca. E isso também fugia à lógica. Eu não bebia!

Mas tinha bebido. Muito. Podia sentir o cheiro do uísque emanando da minha pele.

Eu devia saber que bar e salão de jogos eram uma péssima ideia para uma despedida de solteiro.

E agora? O que eu ia fazer? Procurar Sofia, contar e implorar seu perdão?

Ela nunca me perdoaria. Eu mesmo não era capaz de me perdoar. O que eu havia feito era simplesmente imperdoável.

E se eu sumisse dali? Talvez, Maria Eduarda não se lembrasse de nada. Era só eu sair do quarto e fingir que nada aconteceu.

Essa era, definitivamente, a melhor opção. Era uma pena que eu jamais conseguiria viver em paz comigo mesmo se não confessasse aquela merda.

Eu ia contar. E ia perdê-la. Para sempre.

A vontade de chorar confrangeu minha garganta seca. O nódulo dolorido provocou uma ardência desumana em meus olhos, e uma linha solitária cortou minha face.

À medida que as lágrimas se acumulavam, mais lembranças iam se tornando unas.

Aquela era a suíte máster, onde minha noiva e eu dormiríamos juntos após as comemorações.

Então, onde ela estava? Teria entrado no quarto depois da festa e me flagrado com Maria Eduarda?

A hipótese enregelou minha espinha.

Eu estava inerte, completamente apavorado, quando a mulher deitada no colchão se mexeu outra vez, virando a cabeça para mim.

De modo instintivo, levei as mãos à virilha, cobrindo a terceira perna. Só então percebi que as íris que me fitavam eram do mesmo tom de um límpido céu desanuviado.

— Sofia? — Alívio e confusão agitaram-se em meu interior.

Seus olhos me examinaram por um segundo antes de os ombros estremecerem com as gargalhadas.

— Você fez isso de propósito? — Minha própria voz fez com que um terremoto estrondasse no epicentro do meu cérebro.

Em vez de responder à pergunta, ela guiou os dedos até as têmporas.

— Droga. Não posso rir, minha cabeça está explodindo.

— Eu não acredito que você fez isso comigo! — Diminuí o tom, mas a irritação no timbre era palpável. — Quase morro do coração, Sofia!

— Hã? Do que você está falando? — Ela se sentou e me encarou. — Você estava chorando? — Um vinco se formou entre as sobrancelhas claras.

Limpei as bochechas e fui até ela. Ocupei a borda da cama, e seus lábios se comprimiram, como se estivessem contendo o riso.

— Do que você está rindo? — questionei, quando a palma cobriu a boca, deixando algumas risadas escaparem. — E essa peruca? Por que você está usando isso?

— Peruca? Que peruca? — Suas palmas voaram para os fios castanhos e cacheados. — Ai, meu Deus! — Ela puxou uma mecha das costas, mirando as pontas enroladas. — O que o cabelo de Maria Eduarda está fazendo na minha cabeça?

— Eu que te pergunto! Acordei pelado, vi os cachos no travesseiro e achei que tivesse dormido com ela! — confessei.

— Você cogitou uma coisa dessas? — Fendas azuis se estreitaram em minha direção.

— Eu estava desesperado! Não conseguia me lembrar de nada! — justifiquei. — Mas, no fundo, eu sabia que não era possível. Tenho certeza de que, mesmo bêbado, eu jamais seria capaz de te trair. Eu te amo, Gi. Amo demais. Você é a mulher da minha...

— Não consigo... — ela riu — te levar a sério assim. — Indicou meu rosto.

— Assim como? — Toquei a própria pele, mas não senti nada além da aspereza usual da barba por fazer.

Ela começou a rir de novo, pressionando a testa para aliviar as agulhadas que as risadas deviam provocar.

— Sofia, o que tem na minha cara? — indaguei, correndo os olhos pela suíte em busca de um espelho.

Rindo, ela puxou os lençóis e se levantou.

— Vem, vou te mostrar.

Segui suas curvas perfeitas até o banheiro. E, quando me deparei com o meu reflexo, compreendi por que estava sendo alvo de piada.

O filho da puta tinha usado até a mesma cor. As rubras linhas tortas embolavam-se de modo praticamente idêntico aos traços que eu rabiscara no rosto de Max, vinte e sete anos atrás, na manhã seguinte à despedida de solteiro dele.

A única diferença era o pinto ilustrado na minha testa. Aos seis anos, eu não tive a malícia necessária para desenhar algo do tipo na cara do tio de Sofia. Mas é claro que o desgraçado não perdeu a oportunidade de desenhar um em mim. E isso não era tudo. Meu cabelo estava todo dividido em tochas amarradas por laços cor-de-rosa.

O penteado escroto era o mesmo que Sofia e Maria Eduarda haviam feito nele, enquanto eu pintava sua cara inteira com uma canetinha vermelha.

Ao me dar conta das semelhanças, eu me lembrei dos esmaltes. E, prevendo a tragédia, mirei minhas mãos.

— Você tapando a terceira perna com essas unhas quase me matou de rir! — Sofia comentou, gargalhando.

Um rosa escuro repleto de partículas brilhantes lambuzava inclusive meus dedos. Olhei para os pés e confirmei que o puto não havia se esquecido deles.

— Eu vou matar seu tio! — declarei.

— Aqui se faz, aqui se paga, paixão. — Sofia riu ainda mais.

— Você e Maria Eduarda também aprontaram! Foram vocês que botaram essas merdas no cabelo dele!

— Comecei a puxar os laços, enquanto ela enchia o banheiro de risadas.

— Será que a peruca foi ideia dele também? — Minha noiva se admirou no espelho. — Por que eu não nasci com esse cabelo? Olha como eu fiquei linda!

— Ah, então é isso que Igor sente quando pega no cabelo de Duda? — Acariciei os cachos macios. — Tá explicado por que ele se apaixonou por ela. Qualquer um teria se apaixonado por essa textura tão...

— Como é que é, Matheus? — Ela caiu na pirraça.

— Nossa, você tá muito mais gata assim. Vem cá, vem. — Enlacei sua cintura.

— Seu ridículo! — Fui bruscamente empurrado. — Pois saiba que você tá horroroso! E boa sorte tentando limpar as fuças e as unhas sozinho, porque eu não vou te ajudar, palhaço! — Dizendo isso, saiu andando, me presenteando com a bunda pelada em movimento.

— Gi, espera, minha deusa cacheada! — Continuei atiçando.

Ela se virou e arrancou a peruca, atirando-a na minha cara, o que me fez gargalhar e, ato seguido, reclamar da dor de cabeça.

— Coisa boa! — Sofia berrou. — Sai do meu quarto, Matheus! Vai caçar outro lugar pra você e pra essa piroca desenhada na sua cara!

— Gi... — chamei, controlando o riso. — Eu estava só te provocando, paixão. — Dei um passo e tomei seu rosto entre as palmas. — Eu te amo. Amo todas as suas versões e sempre vou achar você perfeita, com o seu cabelo, com qualquer outro e até careca. — Meus polegares deslizaram por suas bochechas aveludadas.

— É uma pena que eu não possa dizer o mesmo de você, paixão — ela falou, rindo, com o olhar fixo nos enfeites femininos presos às minhas mechas escuras.

Irritado, terminei de arrancá-los, atirando todos no chão.

— Melhorou?

— Falta um. — Seu braço se esticou, e os dedos puxaram a presilha próxima à orelha esquerda. — Agora, sim. — Dando um passo para trás, ela me fitou. — Lindo. — O traço de humor em sua voz não passou despercebido.

— Se você me ama de verdade, vai transar comigo assim. — Vencendo a distância, enredei nossos corpos.

— Agora? — Suas palmas encontram abrigo em meu peito.

— Agora. Eu tô com o pau na testa! — O trocadilho arrancou-lhe uma risada.

— Agora não vai dar, paixão, tô com dor de cabeça. — Um sorriso sacana esticou a boca cheia e delineada.

— Isso nunca te impediu. — Curvei os lábios em retribuição, subindo as mãos para os peitos fartos e pesados.

— Mas a vontade de fazer xixi, sim. Tô apertada! — Ela correu até o sanitário.

— Também quero fazer. — Rindo, eu a segui.

Depois que Sofia se aliviou, foi a minha vez de esvaziar a bexiga.

— Agora vem cá. — Ela puxou minha mão até o chuveiro e lavou meu pau.

Fiquei instantaneamente animado, porque sabia o que aquilo significava.

Ao voltarmos para o quarto, suas digitais palmilharam meu tórax, percorrendo o abdome até tocarem o volume rígido.

Devagar, e me lançando um olhar cheio de promessas lascivas, ela foi se abaixando. Seus joelhos encontraram o tapete felpudo, e a língua rosada deslizou suavemente, lambendo a gota cristalina que havia se formado na ponta do meu pau.

Um gemido perpassou minha garganta quando o topo sensível se afogou na umidade quente e deliciosa ofertada pelos lábios carnudos. Sem pressa, ela confinou toda a extensão, torturando cada centímetro do membro pulsante ao mesmo tempo em que enchia as mãos com o meu saco.

Deleitei-me com as carícias e chupadas martirizantes até a vontade de me enterrar dentro dela se tornar maior que o desejo de foder sua boca.

Travei os dedos em seu cabelo, ergui seu corpo e a arrastei em direção à cama, jogando-a no colchão.

— Vira — ordenei, e ela me mostrou um sorriso safado antes de se deitar de bruços.

— Assim? — Olhando-me sobre o ombro, empinou a bunda.

— Exatamente assim. — Subi no colchão, ajoelhando-me sobre suas coxas.

Alcancei seus ombros e comecei a beijar a pele delicada, trilhando sua lombar enquanto ela gemia, rebolando vagarosamente.

Direcionei o pau, estacionando a extremidade na entrada e deliciando-me com a superfície escorregadia.

Entrei devagar, acomodando-me e apertando sua carne macia ao mergulhar um pouco mais.

Logo, eu estava estocando, me perdendo nas sensações que me faziam entrar e sair mais e mais rápido.

Sofia acompanhava meus movimentos, gemendo alto e me incentivando enchê-la de porra.

Foi o que eu fiz, assim que ela gritou, entregue aos tremores do orgasmo.

Depois de me liberar dentro dela, tombei as costas ao seu lado.

— Eu te amo — sussurrou, meio ofegante, ao buscar meus olhos. — Nem acredito que depois de amanhã é 23 de setembro. Esperamos tanto por essa data, e finalmente estamos quase lá.

— Nosso segundo casamento, no mesmo dia do primeiro. — Abri um sorriso, afastando alguns fios bagunçados de seu rosto.

— Eu me casaria com você mil vezes mais. Mesmo com esse pinto na cara. — Ela se apoiou no cotovelo e beijou a área onde as bolas peludas estavam desenhadas.

— Isso sai com água, né? — sondei, temeroso.

— Vamos ver. — Ela lambeu o polegar e o esfregou na minha bochecha. — É... Infelizmente, não. — Deixou uma risada escapar. — Tio Max deve ter usado canetinha permanente. Acho que foi com uma dessas que você rabiscou a cara dele.

— E como ele tirou? — indaguei, apavorado.

— Vamos ter que perguntar pra ele. — Achando graça, levantou-se da cama. — Assim que eu encontrar meu celular. — Começou a procurar pelo quarto.

— Você se lembra de como viemos parar aqui ontem? — investiguei.

Ela estacou, e uma expressão pensativa dominou suas feições.

— Não... eu... — De repente, seu rosto se iluminou. — Ai, meu Deus! O último desafio!

— Desafio? — Franzi o cenho.

— Do “Verdade ou Consequência”! Eu tinha que descer e seduzir você com a peruca! — Ela encrespou a testa, esforçando-se para lembrar. — Mas... não fui até o térreo. Minha cabeça girava, e eu só queria deitar. Então, vim para o quarto. Estava escuro, mas, quando eu me deitei, vi que você...

— Já estava aqui — completei, pois as palavras dela destamparam o pote que encarcerava minhas memórias. — Agora eu me lembro de você me beijando e tirando as minhas roupas...

— Acho que eu estava tentando te seduzir. — Ela riu, voltando a vasculhar o cômodo à procura do celular. — Se eu tivesse visto seu cabelinho de boneca e sua manicure de unicórnio, teria desistido — debochou, indo até o aparelho localizado no chão.

Fiquei completamente absorto ao vê-la se abaixando para pegá-lo, brindando-me com a minha visão favorita. Mas o momento de apreciação durou pouco, porque ela logo se virou.

— Deixa que eu ligo. — Estendi a mão.

— Espero você lá na banheira. — Sofia se aproximou, comprimiu os lábios nos meus e depositou o telefone em minha palma aberta.

Sozinho no quarto, e ansioso para tomar banho com ela, digitei a data de seu aniversário, destravei a tela e fui direto para os contatos.

— Oi, meu anjo! — Max atendeu no primeiro toque.

— Meu anjo de cu é rola, seu sacana! — respondi, e ele gargalhou do outro lado da linha.

— Gostou do pinto que eu botei na sua cara de cu? — Riu mais um pouco. — Demorou quase trinta anos, mas, finalmente, consegui executar minha vingança! — A satisfação em sua voz infiltrou-se em meu ouvido.

— Quero saber como faz para tirar esse pinto da minha cara! — exigi.

— Se você colocar na boca, desaparece! — A risada quase me deixou surdo.

— É sério, tio. Responde logo. Sofia tá me esperando na banheira — contei, e o riso morreu na hora.

— Em vez de ter desenhado um pinto japa, eu devia ter arrancado o seu, filho da puta! — gritou e desligou.

Eu ainda estava rindo quando vi que ele tinha acabado de enviar uma imagem no grupo da família.

Abri e me deparei comigo deitado na cama, com o cabelo todo zoadado, a cara pintada e os dedos borrados em evidência, dispostos sobre o peito. Na legenda, ele havia escrito: “promotor ou princesa?”

Mal tive tempo de digitar uma resposta, porque, no instante em que as zoeiras dos putos começaram a pipocar desenfadadamente, Plínio encaminhou outra foto, tirada vinte e sete anos antes.

Um Max Vetter mais jovem estava sentado no sofá, exibindo os riscos vermelhos que eu havia feito e os vários laços que enfeitavam sua cabeça loira.

— Boa, sogrão! Mas, puta merda, Max, você envelheceu demais, tio! — provoquei, em áudio.

Em seguida, li um “Tio Max removeu Paixão”.

— Eu tô usando o celular de Sofia! Falando nisso, tô indo pra banheira. Sua sobrinha me espera! — Soltei uma gargalhada e enviei.

Logo, apareceu um “Tio Max removeu você” e, depois, um “você não pode mais enviar mensagens para este grupo porque você não é mais um participante”.

— Seu tio supermaduro tirou a gente do grupo — relatei, ao entrar no banheiro.

— De novo? — Sofia deu uma risada. — E o jeito de tirar isso da cara? Ele te contou? — Ainda não tinha começado a tomar banho. A banheira enchia enquanto ela examinava a infinidade de produtos que

faziam parte das amenidades do cinco estrelas.

— Não — respondi, frustrado. — E agora?

— A gente procura na internet! — Ela tomou o celular da minha mão e começou a pesquisar. — Tem várias maneiras de tirar. Uma delas é usando... — Virou-se e pegou um dos muitos frascos oferecidos pelo hotel. — Removedor de esmalte! O bom é que podemos resolver tudo com uma coisa só.

Minutos depois, eu estava de volta ao normal. Quero dizer, mais ou menos, porque minha pele continuou meio avermelhada, e um ou outro ponto brilhante ainda podia ser visto nas áreas próximas aos dedos. Mas não era nada que um banho não resolvesse.

Suavemente, a espuma e a água morna e perfumada receberam nossos corpos. Os jatos da hidromassagem relaxavam meus músculos, e eu acariciava os ombros de Sofia, roçando os lábios em seu pescoço.

Ficamos imersos ali até nossos estômagos reclamarem. Estávamos ignorando a dor de cabeça, mas, cumuladas à fome, as pontadas pareceram se intensificar e foi impossível continuar rejeitando o desconforto.

Então, resolvemos o problema com o serviço de quarto. A comida amenizou o incômodo e fomentou um cochilo.

Assim que acordamos, fizemos o *check-out* e fomos para o condomínio.

Dali, todos nós partiríamos para a fazenda, onde eu finalmente me casaria com a mulher da minha vida.





# 52

QUE VENHA

“(...) a primavera agora”.

*O Mais Feliz Da Vida* — A Banda Mais Bonita Da Cidade

SOFIA

Era sábado, e eu me casaria na segunda-feira, no vigésimo terceiro dia do mês de setembro.

Aquele início de primavera não seria o prelúdio da nossa vida a dois, mas seria a data em que eu realizaria o sonho de me casar com Matheus. De verdade!

Ao avistar o pórtico da fazenda, fui acometida por um agradável frio no estômago; uma sensação boa, ansiedade misturada com alegria.

Logo que chegamos ao casarão, subimos para o nosso quarto com as malas que usaríamos naqueles três dias. As da lua de mel haviam ficado no carro.

Jogamos as bagagens em um canto qualquer e caímos nos braços um do outro. Cinco horas na estrada sem os beijos ardentes de Matheus tinham me deixado morta de saudade.

Estávamos devorando nossas bocas quando uma batida nos sobressaltou.

— Ignora — ele murmurou, migrando os lábios ávidos para o meu pescoço.

— Abram logo! — A voz de Ana atravessou a porta.

— É uma emergência! — Luís completou e, presumindo que fosse algo relacionado ao bebê, deixei meu noivo beijando o ar ao sair correndo.

Sexo podia esperar. Uma criança possivelmente doente, não.

— O que houve? — perguntei, preocupada, após girar a maçaneta e me deparar com o casal e com o pacotinho fofo que Luisão segurava.

— A gente veio humildemente pedir que vocês tomem conta de *Lovezinha* enquanto a gente transa. — Esticou os braços, oferecendo a filha.

Respirei aliviada por não ter acontecido nada grave.

Matheus simplesmente gargalhou.

— A resposta é... — Ficou subitamente sério. — Não.

— Por favor, tenham piedade das nossas almas. — Ana fungou, entristecendo as feições. — A gente não transa desde 1989.

— É mesmo? E o quico? — Meu noivo riu.

— Deixa de ser *cuzão*, Matheusola. Quebra essa aí pra gente, maluco — Luisão pediu.

— Por que vocês não a deixam com tio Max? — sugeri.

— Padrinho tá na semana de cu dele. Subiu correndo com madrinha. Nem *Lovezinha* é capaz de tirar os dois do quarto. — Ele balançou a cabeça, desolado.

— E Piolho? — propus, tentando não imaginar meu tio fazendo certas coisas.

— Foi pro bangalô com madrinha. — Minha prima manteve a expressão tristonha.

— E Teo? — continuei, embora soubesse que minha esperança era vã.

— A arrombada desapareceu com Lulu — Luís contou.

— E Isa? — Tentei mais uma vez.

— Não sei, mas deve estar dando loucamente pro namorado dela, coisa que eu não posso fazer com o meu marido! — Ana elevou o tom.

— E... — Eu estava prestes a fazer uma nova tentativa, mas fui interrompida.

— Tá todo mundo transando, Sofia! — ela berrou. — Pelo amor de Deus, me ajuda! A naja não finaliza o trabalho há dias! *Lovezinha* sempre interrompe. Eu não posso chegar perto do pai dela que ela chora! Tô ficando louca!

— É... a naja tá quase morrendo de fome. — Luís mostrou um semblante abatido.

— Lamento, mas a terceira perna também precisa se alimentar, Luísa. Vem, Gi. — Matheus enlaçou minha cintura.

— Beleza. Tá massa, então. Daqui uns dias, Souf vai tá buchuda, a Chatinha vai nascer e *cês* vão precisar de ajuda pra cuidar dela. Aí, *cês* podem ir pedir na casa do caralho, falou? Vem, *Lovezona*. — Saiu andando.

Meu noivo e eu trocamos um olhar desesperado. Rapidamente, chegamos à silenciosa conclusão de que era melhor sacrificar uma foda naquele momento para termos direito a outras no futuro.

— Espera! — Matheus chamou. — Tá, me dá ela aqui. — Estendeu os braços.

Enquanto um Luisão exultante entregava a filha, uma Ana sorridente pendurava a bolsa em meu ombro.

— Mamãe volta logo, tá, minha bonequinha? — Ela se aproximou e acariciou a bochechinha rosada.

— Os Chatões vão cuidar direitinho de você, tá bom?

— Tchau, *Lovezinha*. Eu te amo, tá, maluquinha? Mas agora o papai precisa ir ali com a mamãe. Fica *sussa*. Daqui umas quatro horas a gente volta. — Beijou a mãozinha diminuta.

Matheus deu uma risada.

— Meia hora. No máximo — decretou.

— Tá bom. Meia hora. — Ana assentiu.

— É sério! — meu noivo enfatizou.

— Tá, *mermão*. Meia hora. — Luís meneou a cabeça. — Cuidem direito da minha filha. Nada de tirar a roupa na frente dela, valeu?

— Souf, ela acabou de mamar. Mas botei uma mamadeira na bolsa, pro caso de ela ficar com fome. Se ela tomar, coloca pra arrotar depois. Se ela fizer cocô ou xixi, tem fralda e tudo o mais aí dentro. E, se vocês forem passear lá fora, coloquem uma roupinha de frio e uma touquinha nela, por causa do vento. E, em hipótese alguma, deixem a nossa filha sozinha!

— Ana, não sei se você sabe, mas eu sou pediatra! Sei muito bem cuidar de uma criança! — bradei, revoltada.

— Agora sumam da nossa frente, antes que a gente mude de ideia! — Matheus emendou.

— Tchau, *Lovezinha*! — O casal se despediu e saiu correndo, desaparecendo dentro do quarto deles.

— Eu nunca vou largar minha filha assim, só pra poder transar — meu noivo censurou, entrando no nosso.

Dei uma risada enquanto fechava a porta.

— Olha como ela é bonitinha... Como eles têm coragem de se desfazer desse anjinho? — Assim que ele se calou, um choro estridente estremeceu as paredes ao nosso redor.

Imediatamente, Matheus me endereçou um olhar arregalado.

— O que ela tem?

— Não sei, Miyake. Pergunta pra ela. — Não contive o riso.

A intensidade do choro aumentou. Os bracinhos agitavam-se, e da boca miúda saía um som incredivelmente potente.

— Sofia, ela vai explodir os pulmões! — A expressão desesperada quase me matou de rir.

— Balança o corpinho dela — aconselhei.

— Eu não sei fazer isso! — Ele ofereceu a criança chorosa para mim.

— Toma vergonha! É claro que sabe! É só fazer assim. — Uni os braços, simulando o movimento.

Ele começou a niná-la, o rosto dominado pelo horror.

— Para de rir! Eu não sei o que eu tô fazendo! — Isso me fez gargalhar. — Bebezinha, não chora! — suplicou, erguendo-a diante do rosto.

Ao vê-lo, a menina parou repentinamente de esgoelar.

Matheus sorriu, aliviado, e ela o imitou, esticando os lábios cor-de-rosa.

— Quer brincar de aviãozinho? — O convite provocou uma súbita risadinha.

Espichando os braços, ele a levou para o alto. Mirando a carinha sorridente, girou com ela no ar.

— *Uóóóóóónnnnn...* — O barulho do avião fictício animou o bebê.

Ruídos fofos encheram o quarto, e eu fiquei admirando os rodopios e as manobras que ele fazia com o aviãozinho humano.

Aquela era uma cena tão linda que eu só queria contemplar o pai perfeito que Matheus seria. Mas precisava alertá-lo.

— Paixão, ela acabou de mamar. Girá-la assim não é uma boa ideia.

— É, sim! Ela tá amando! Gi, olha como ela me ama! — Empolgado, elevou o neném, olhando para cima.

Foi quando a tragédia aconteceu. Um jato branco abandonou a boquinha delicada e atingiu a cara dele, banhando boa parte de vômito.

No mesmo instante, tive uma crise de riso. Caí na cama, rolando de rir.

— Sofia... — murmurou, a voz saindo pelo canto limpo da boca enquanto os braços desciam a criança.

Fiquei com dó e, rindo loucamente, fui até ele e a peguei.

Mais que depressa, Matheus correu até o banheiro, com um olho aberto e outro fechado.

Eu ainda estava achando graça minutos depois, quando ele voltou, cheiroso, de cabelo molhado e toalha enrolada na cintura.

— Eu avisei — falei, incapaz de controlar o riso.

— Eu avisei — meu noivo infantil arremedou. — Avisou que nem seu nariz! Por que você não falou que ela ia vomitar na minha cara, Sofia?

A gargalhada que eu soltei fez a bebezinha rir junto comigo.

— Dá ela aqui. Por que você fez isso comigo, mocinha? — interrogou, fechando a expressão ao encarar os olhinhos brilhantes.

Em resposta, o neném emitiu uma série de balbucios indecifráveis que fizeram Matheus sorrir.

— Não tem como ficar chateado com ela. — O sorriso o deixava tão lindo que não contive um suspiro.

— Você vai ser o melhor pai do mundo. — Fiquei de pé e pousei os lábios nos dele.

Cerca de meia hora depois, passeávamos pela fazenda com a nossa filha postiça.

Estávamos voltando da plantação de moranguinhos quando avistamos Igor e Maria Eduarda se agarrando em um largo tronco de carvalho.

Olhando para mim, meu noivo pediu silêncio com o indicador e começou a caminhar pé ante pé até a árvore.

— Ô vidão! — berrou, a um passo de distância.

— Ai, que susto! — Duda se afastou bruscamente.

— Filho da puta! — Igor rosnou.

Matheus caiu na risada.

— Vai procurar um quarto, cara — provocou, rindo.

— É exatamente o que eu vou fazer, arrombado!

Logo, caminhávamos juntos rumo ao casarão.

— Meu saco tá doendo para um senhor caralho — Igor comentou.

— Olha o palavreado na frente dela. — Matheus riu, indicando a menina no colo de Duda. Os dedinhos minúsculos tentavam capturar os cachos que o vento balançava.

Eu estava achando a coisa mais fofa do mundo, mas, do nada, um odor pútrido golpeou minhas narinas.

— Vocês estão sentindo isso? — Funguei e fiz uma careta.

— É cheiro de merda, né? Duda, foi você, minha patinha? — Igor perguntou, em tom de riso.

— Ela caga, mas é na sua boca, cara — Matheus zoou.

— É mesmo, Matheusola? E que tal calar a sua? — Uma sobrancelha se ergueu.

— Vem fazer! — meu noivo desafiou, abrindo um sorriso provocativo.

— Só se for agora. — Os dois começaram a brincar de lutinha.

Uma lutinha bem violenta, para ser sincera. Quem não soubesse que eles eram amigos acharia que a coisa era séria.

De repente, a dupla caiu na grama.

— Igor, cuidado com a perna! — Duda alertou, apesar de o noivo estar totalmente recuperado.

— É, cuidado com a terceira perna! — brinquei e, mais que depressa, ele se levantou, enquanto Matheus fazia o mesmo, morrendo de rir.

— Souf, pelo amor de Deus, dá um jeito aqui. O que essa menina come? Nem eu cago fedendo assim.

— Maria Eduarda franziu o nariz.

— Eu não vou dar jeito em nada. Quem vai trocar a fralda dela é Matheus — declarei, e o riso morreu no rosto dele.

— Eu? Por que eu? — Olhos assustados me fitaram.

— Ué, você não quer ser pai? Tem que treinar, paixão.

— Vai, otário! — Foi a vez de Igor rir.

— Não sei de que você está rindo, Igor. Não é você que vive dizendo que a gente devia ter um bebê? Então... A oportunidade de provar que está pronto para a paternidade é agora. — Maria Eduarda sorriu.

Adorando o malfeito, abri a bolsa pendurada em meu ombro, peguei uma manta e forrei no gramado, onde a copa de uma árvore fazia sombra. Em seguida, coloquei o trocador portátil por cima, cobrindo-o com um descartável.

— Agora, vocês se sentam aqui e aqui. — Indiquei os lugares.

Os dois se entreolharam, visivelmente apavorados.

— Gi, eu não quero mexer com bosta — Matheus praticamente choramingou.

— Nem eu — Igor fez uma expressão quase igual.

Duda e eu tivemos uma crise de riso.

— Andem logo, ela não pode ficar suja — falei, rindo, e, a contragosto, eles se sentaram. — Paixão, você precisa deitá-la com cuidado — orientei, entregando-lhe a menina.

Com cara de choro, ele a pegou, colocando-a sobre a superfície acolchoada.

Acomodei-me bem perto, segurando os bracinhos alvoroçados.

— E agora? — perguntou, depois de tirar a roupinha seguindo as minhas recomendações.

— Abre a fralda. É só puxar. Assim. — Demonstrei em uma das laterais.

Ele seguiu o exemplo do outro lado e, ao liberar o cocô pastoso, começou a fazer ânsias sucessivas de vômito.

Acho que nunca ri tanto. Duda também riu bastante. E chegou ao ponto de engasgar com as próprias risadas ao ver Igor se levantar correndo para despejar o almoço a alguns metros de distância.

Por incrível que pareça, Matheus continuou seguindo as minhas instruções. À medida que passava os

lenços umedecidos no bumbum da bebezinha, a careta de nojo ia se desfazendo. No final, ela estava limpinha e trocada. E ele, de mãos impecáveis. Não havia sujado um dedo sequer, mas, ainda assim, foram todos higienizados com o álcool em gel que encontrei na bolsa.

— Estou muito orgulhosa de você, paixão. — Dei um beijinho nele.

— Infelizmente, eu não posso dizer o mesmo a você, né, Igor? — Duda lançou um falso olhar repreensivo para o noivo. — Nosso bebê vai ter que ficar para daqui uns anos.

— Não! É que eu tô acostumado só com o seu cocô! O da nossa filha não vai me fazer vomitar, eu juro! — prometeu, nos fazendo rir.

Seguimos adiante e, minutos mais tarde, chegávamos à sede.

Tio Max e tia Liv caminhavam na direção da cozinha quando atravessamos o *hall*. Mas bastou ouvirem os sonzinhos da neta para que refizessem o percurso.

— Minha lindinha! — Ele estendeu os braços, e a menina quase saltou do colo de Matheus, no intuito de alcançar o avô.

Ao pegá-la, ele a encheu de beijos na bochecha, acomodando o corpinho nos braços.

— Quem é a princesinha sapequinha da vovó? — Tia Liv fez cócegas na barriguinha redonda, e várias risadinhas estridentes encheram o ambiente.

— Meu anjo, cadê Ana? — Ele me encarou.

— Não sei, tio Max. — Desviei o olhar.

— Onde você acha que ela tá, tio? — Matheus abriu um sorriso sugestivo. — Uma dica: terceiro andar. — Com um meneio de cabeça, indicou a escada.

— Sofia, me dá a bolsa — tio Max pediu, e eu coloquei a alça em seu ombro. — Eu vou acabar com a festa dela! — Dizendo isso, começou a subir os degraus.

— Max, deixa de ser cretino! Ela está fazendo a nossa segunda netinha! — Tia Liv tentou argumentar, mas foi em vão. Logo, ele tinha desaparecido no primeiro lance. — Seu tio não tem jeito. — Suspirou, me fitando. — Ah, Duda e Igor! Terminei o conto de Lady Anna e Lorde Louis, contando tudo sobre o casamento e o nascimento da primeira filha deles! Agora estou escrevendo o de vocês!

— Sério? — Minha amiga esbugalhou os olhos. — Ai, meu Deus! Quando eu vou poder ler?

— Em breve! Modéstia à parte, está ficando lindo! Minha cena favorita até o momento é a que Lady Mary vê o barão pelado pela primeira vez, na banheira! Tô amando escrever essa história! O fato de ele precisar dos cuidados dela por ter ferido a perna ao tentar salvá-la de uma carruagem desgovernada é a coisa mais romântica que eu já escrevi!

— A minha história que é a mais romântica! — protestei.

— Falando nisso, dona Sofia, eu quero saber onde está o herdeiro de Lorde Mathew, que eu previ que vocês terão! Já está passando da hora! — tia Liv cobrou.

— Deixa, Liv. — A voz de mamãe veio do corredor. — Eu já desisti de pedir um neto para esses filhos ingratos que eu tenho. Morrerei *desnetada*.

— Matheus e eu combinamos que teríamos um bebê em um ano e meio, faltam só seis meses, mamãe — contei, embora tivesse a ligeira impressão de que me arrependeria.

— Jura? — Suas íris reluziram de felicidade. — Não brinca com os meus sentimentos, Sofia! — Uma palma voou para o decote da blusa.

— É sério — respondi, rindo.

— Meu Deus! Como você me conta isso só agora? Eu preciso começar o enxoval! Não vai dar tempo! — Os dedos migraram para a cabeça.

— Começar? — Tia Liv soltou uma risada. — Susanne, você já comprou roupinhas e sapatinhos suficientes para vestir um exército de bebês!

— Já tá tudo fora de moda! — Ela bateu a mão, fazendo pouco caso. — Preciso recomeçar! Ai, meu Deus! Até que enfim vou ter um neto! E o nome, já escolheram? Eu tenho uma lista com os meus

favoritos! Uma para vocês e outra para Mari e Lipe! Falando neles... — Olhou para o alto.

O casal vinha descendo os degraus. Meu irmão parecia irritado.

— Que cara é essa, Lipe? — Mamãe quis saber.

— Ele queria transar na escada, e eu falei que tinha gente aqui no *hall*. Tá vendo, Felipe, eu não disse?

— Uma sobranceira triunfante subiu quando Marina fitou o noivo.

— Era exatamente sobre isso que eu estava falando! — Mamãe uniu as duas mãos, entusiasmada. —

Na verdade, sobre o resultado disso! Sofia e Matheus vão me dar um neto! Eu queria agora, mas aceito em seis meses, porque tenho muita coisa para planejar, inclusive o batizado! Então você e Mari podiam aproveitar o embalo e me dar um netinho também, Lipinho lindo do meu coração! Seria tão maravilhoso ter dois de uma vez! Imaginem os priminhos brincando... — Um semblante sonhador dominou suas feições.

— Mãe... — Ele a abraçou, beijando o topo de sua cabeça. — Eu sonho em me casar com Mari e ser pai dos filhos dela, mas quantas vezes vou ter que dizer que quero terminar a residência primeiro?

Meu irmão estava decidido a começar uma família apenas depois de se tornar um cirurgião plástico. Marina estava satisfeita com isso, e dificilmente mamãe os convenceria a mudar de ideia.

— É, Suze. Ano que vem ele vai estar muito atarefado com o final da residência, e eu estarei ocupadíssima com os preparativos do casamento e com a inauguração da nova filial do Malena. Mas prometemos que vamos providenciar seu netinho assim que voltarmos da lua de mel, né, Felipe? — Olhou para o futuro marido.

— É uma promessa, dona Susanne. — Ele pegou as mãos dela e beijou.

— Souf, falando em lua de mel, como você e Matheus se sentem sabendo que em breve estarão na África do Sul? — Duda perguntou, animada.

Eu estava felicíssima com o destino que escolhemos. A viagem seria maravilhosa! Passaríamos alguns dias na Cidade do Cabo, visitaríamos Johannesburgo, conheceríamos Zanzibar, algumas ilhas de Seychelles e as famigeradas Ilhas Maurício. Seriam dias e dias desfrutando de praias paradisíacas, lugares de beleza indescritível e hotéis e resorts magníficos. Mas o que mais me empolgava eram os safáris que faríamos em reservas privadas, onde poderíamos ver os bichos soltos bem de pertinho.

— Estou bastante ansiosa! — revelei. — E você, paixão?

— Também. Principalmente para conhecer outras girafinhas. — Ele riu.

— Ai de você se me trocar por uma delas, Miyake! — brinquei.

— Cadê o velho, mãe? — Lipe perguntou de repente.

— Lá fora, com os pais de Matheus e Igor — ela esclareceu. — Entrei para colocar minhas botas. Vamos andar a cavalo! Vem com a gente, Liv!

— Não sei se consigo sentar, ainda tô sensível. Seu irmão acabou com...

— Olívia, me poupe! A vida sexual de Max não me interessa! — Mamãe alcançou a escada e se foi, enquanto a cunhada ria.

— E nós, vamos fazer o quê? — Marina questionou.

— Vocês, eu não sei. Mas eu vou cavalgar. — Olhei para Matheus com malícia.

— Eu também, né, meu garanhão? — Duda enlaçou o pescoço de Igor.

— Vem, minha potranca! — Rindo, ele a pegou no colo e começou a subir os degraus.

— Tchauzinho! — Minha amiga acenou.

— Deixem as escadas livres! — Felipe berrou.

Quando se virou, Matheus e eu já estávamos correndo rumo às portas de madeira.

— Safados! — A voz de tia Liv chegou aos nossos ouvidos no momento em que abandonávamos o casarão.

— Pra onde a gente vai? — Afastei da face os fios que o vento ouriçava.

Matheus parou e me beijou sem aviso, as mãos cobrindo meu rosto, a boca macia reivindicando a

minha e roubando meu ar.

— Pro celeiro. — Ofegante, tomou minha palma e disparou outra vez.

Só paramos de correr quando nos vimos cercados de feno.

Assim que entramos, completamente arfantes, ele passou a tranca e me mostrou um sorriso sacana ao ver que eu já tinha tirado a blusa.

— Você fica deliciosa assim. — O olhar incandescente deteve-se por alguns segundos no meia-taça preto antes de deslizar pelo meu abdome, encontrar o short jeans, as coxas desnudas e as botas de cano curto.

Sem demora, puxou a camiseta, caminhando até mim.

Atirando a peça no chão coberto pela forragem, grudou o corpo ao meu.

— E vai ficar ainda mais gostosa... — O fecho do sutiã foi aberto. — Quando estiver gemendo na minha pica. — O timbre sussurrado na orelha eletrizou minha espinha.

Dedos quentes e ligeiramente ásperos libertaram meus peitos. Os mamilos tesos imploraram pelo toque, mas o desejo não foi satisfeito.

— Vira. — A ordem rosnada arrancou um gemido da minha garganta.

Fiz o que foi mandado, e fui recompensada com uma série de beijos na lateral do pescoço enquanto meu short era desabotoado.

Depois de abri-lo, ele o ignorou por alguns segundos, limitando-se a palmilhar minha cintura.

— Matheus... — O tom suplicante acompanhou uma rebolada lenta no volume colado em minha bunda.

Ele gemeu, subindo as mãos e pinçando os picos rígidos suavemente. Em resposta, movi o quadril, e um novo som excitante se aninhou em meu ouvido.

Sem pressa, foi descendo uma das mãos, até enfiá-la por dentro do meu zíper.

Arquejei em antecipação e gemi loucamente quando ele atravessou minha calcinha, os movimentos circulares e vagarosos me fazendo revirar os olhos.

— Mais... — murmurei.

— Assim? — Os dedos melados pressionaram o centro inchado, rodeando a região.

Matheus encontrou minha boca e enclausurou meus gemidos ininterruptos.

Quando eu estava quase gozando, tirou a mão, lambuzando minha barriga.

— Por favor... — roguei, e senti seu sorriso em minha bochecha.

— Quero escorregar dentro dessa boceta gostosa. — Foi descendo meu short.

Ajudei e, ao perceber que eu estava louca para ficar pelada, ele cuidou dos sapatos e da própria calça.

Assim que terminamos, virei as costas, empinando a bunda ao me apoiar em uma pilha de feno.

Sobre o ombro, eu o vi se aproximar e apertar minha carne, entrando vagarosamente.

A sensação sublime varreu meus poros, e o preenchimento completo foi um alívio efêmero que instaurou uma tortura ainda mais prazerosa.

Em instantes, ele começou a se mover depressa, produzindo ruídos maravilhosos; o barulho dos nossos corpos em atrito e os sons que escapavam de sua boca, misturando-se aos meus, enchiam o celeiro.

— Quero te comer no chão. — Saiu de repente.

Adorando a ideia, eu me deitei sobre o monte de palha que cobria a superfície.

Logo, Matheus estava estocando ao mesmo tempo em que a língua afoita se enredava na minha.

Minhas unhas arranhavam suas costas suadas, e seus dedos impiedosos massacravam minhas coxas.

Nossos lábios vorazes não eram suficientes para conter as manifestações sonoras daquela selvageria deliciosa.

Eu estava a um triz de me render ao êxtase que ameaçava me desintegrar quando meu nome ressoou lá fora, atravessando as frestas da madeira:

— Sofia!

Matheus ergueu a cabeça, infiltrando os dedos em meu cabelo, o rosto perfeito pairando a centímetros

do meu, a respiração alterada confundindo-se com a minha.

— Goza comigo, paixão. — Uma metida seguida de outra provocou o arroubo que me fez gritar de prazer.

Sua palma quente tapou minha boca, os rugidos roucos mesclando-se aos meus murmúrios abafados.

Afastando a mão, ele me beijou, os movimentos lassos inebriando meus sentidos e nublando meu juízo.

Eu tinha a impressão de que devia interromper aquilo por algum motivo, mas não consegui me lembrar ou reunir forças para me mexer.

Teríamos ficado ali por um bom tempo, nos beijando preguiçosamente, se a voz não tivesse ecoado de novo, ainda mais perto:

— Seu tio tá muito nervoso, viu, Souf?

Empurrei Matheus, arregalando os olhos.

— É tia Liv! Levanta!

— Relaxa, paixão. Eu tranquei a porta.

— Olívia, sai da frente! Eu vou arrombar essa merda! — Tio Max anunciou, e eu entrei em pânico.

Espalmei o tórax de Matheus, obrigando-o a se erguer. Ele saiu de cima de mim, mas, em vez de se desesperar, deu uma risada.

— Não arromba, não, tio! Sua sobrinha tá pelada aqui dentro!

— Eu não acredito que você disse isso! — sussurrei, possessa.

— Gi, ele sabe que a gente estava transando. — Exibiu uma fisionomia divertida.

— Eu sei que sabe, mas não quero que saiba que eu tô pelada! — cochichei.

— Max, eu menti! Ela não está pelada. A gente transou de roupa! Tirei só o suficiente pra meter! — corrigiu.

— Olívia, eu tô passando mal! — Foi a resposta de tio Max.

— Eu vou te matar, Matheus! — Fuzilei meu futuro marido e corri até minhas roupas, completamente mortificada ao saber que meu tio estava lá fora, e eu, do lado de dentro, do jeitinho que nasci.

Rindo, meu noivo colocou a calça, enquanto eu vestia o sutiã e calcinha de qualquer jeito.

Quase chorei ao me dar conta do líquido viscoso que escorria pelas minhas pernas.

Sem pensar, peguei minha blusa e limpei. Em tempo recorde, eu a vesti e botei o short, observando Matheus calçar os sapatos e cobrir o peito com a camiseta.

— Desculpa a demora, tio. — Ele abriu a porta, sorrindo em provocação.

Tio Max estava parado, com a mão no peito.

Como não segurava a neta, presumi que já tivesse flagrado Ana e Luisão. Estava na minha vez.

— Souf, por que tem essas coisas no seu cabelo de princesa? — Um sorriso irônico curvou os lábios carnudos de tia Liv.

Levei a mão aos fios e, chocada, pesquei alguns pedaços de palha.

— Ó! — Seus dedos ocultaram dramaticamente a boca. — E o que é isso molhado na sua blusa? — Os olhos esverdeados arregalaram-se com premeditado assombro.

Não precisei baixar os meus para saber a que ela se referia.

— É água, né, meu anjo? — tio Max questionou, esperançoso, e a esposa dele teve uma crise de riso.

— É leite, Vetter! — Gargalhou.

— Olívia, eu te falei que eu não queria vir, porra! — ele resmungou.

— Você teve a sua vingança, cretino! Eu precisava da minha! E, para isso, você tinha que cumprir seu papel! Agora, sim, eu me sinto plena! Aqui se faz, aqui se paga, Sofia! — bradou, satisfeita.

— Hã? O que eu fiz? — indaguei, confusa.

— Você não se lembra? Das milhares de transas minhas que você atrapalhou quando era criança? — perguntou, indignada. — E do dia que empatou minha foda com seu tio neste mesmo celeiro?

— Eu fiz isso? — Tentei não rir.



— Pois naquele dia, seu tio tinha rasgado meu vestido, esportado nos meus peitos e...

— Olívia! — tio Max interrompeu.

— Que foi? — Ela o fitou.

— Não fala essas coisas na frente dela! — ele disse, e minha tia caiu na risada.

— Seu tio acha que você ainda tem seis anos, Sofia! Max, você sabe que sua sobrinha estava transando aí dentro, né?

— E gemendo gostoso, tio! — Matheus emendou.

— Mentira! — Fulminei o palhaço.

— Já chega! — Dizendo isso, tio Max pisoteou o gramado, caminhando depressa rumo à campina.

— Espera, lindo! — Tia Liv correu para alcançá-lo.

— Sofia, vem logo! Seu pai tá te chamando! — ele gritou, sem se virar.

Matheus passou mal de tanto rir. E até eu achei graça do subterfúgio que meu tio encontrou para me obrigar a acompanhá-lo.

Fomos com eles e, mais tarde, quando as estrelas já começavam a cintilar no firmamento, descemos os degraus da entrada do casarão devidamente vestidos para a noite ao ar livre, regada a churrasco e música *country*.

Enquanto nossos pais preparavam as carnes e os espetos, nós batíamos papo ao redor da fogueira.

Luís estava sentado junto com a esposa, brincando com a bebezinha agasalhada, de casaco branco e touquinha lilás.

Teo ocupava o outro lado, sorrindo para a afilhada.

— Lindinha do padrinho! Deixa eu ficar um pouco com ela, Luísa? — pediu, tentando pegá-la.

— Não. — O pai ergueu o corpo pequenino da filha, admirando o sorrisinho desdentado. — Quem é a maluquinha mais linda do mundo? Quem é? É a minha *Lovezinha*?

Em resposta, sons fofinhos escaparam da boca diminuta.

— Tadinho, Luís, deixa o bichinho brincar com ela — Luma intercedeu, ao ver a expressão desolada do namorado.

— Ah, não, Lulu, eu que tô brincando! Ela é minha! — ele argumentou.

— Ana, manda ele me dar ela um pouco? — Teo choramingou.

— Não. — A gêmea sorriu maldosamente para o irmão caçula.

— *Mãããããããããããã!* *Paaaaaaaaaaaaai!* — ele berrou. — Mandem Ana deixar eu brincar com a filha dela!

— Como você bem disse, a filha é dela, Teo. Vai fazer a sua. — As palavras de tio Max e a cara estarecida de meu primo arrancaram várias gargalhadas da roda e dos arredores.

— Luma! — Ele se levantou. — Vem, vamos fazer nosso bebê! Aí, quando certas pessoas quiserem brincar com ele, nós não vamos deixar!

— Deixa de ser criança, Teo! — Ela riu.

— Eu tô falando sério! Quero que a gente tenha um filho! — E ele realmente pareceu sincero ao dizer as palavras.

— Ficou louco? Você ainda nem me pediu em casamento! — Uma risada escapou.

Teo suspirou, parecendo pensar em alguma coisa.

— Eu ia fazer isso durante a viagem que faremos no próximo fim de semana. Já estava tudo planejado, em cada mínimo detalhe. Mas foda-se. — Enfiou a mão no bolso e pescou uma caixinha aveludada.

As meninas e eu soltamos gritinhos eufóricos quando ele se ajoelhou diante dela.

— Não me separo disso desde que comprei. — O porta-joia foi aberto, revelando a reluzente pedra incolor, que brilhou ainda mais sob a luz do fogo. — Eu te pedi em namoro na frente de todo mundo. Nada mais certo que te pedir para ser minha esposa diante da nossa família. Luma, você quer se casar comigo?

— Primeiro *cê* tem que pedir é pra mim, mano! — Piolho reclamou, provocando o riso geral.

— Lucas, não estraga o momento! — Emocionada, Malu repreendeu o marido.

Teo manteve os olhos fixos nos da namorada, que se tornou noiva no instante seguinte:

— Sim! Eu aceito! — Um sorriso radiante e um par de olhos lacrimosos reinaram em suas feições.

Igualmente feliz, ele deslizou o aro pelo anelar fino e delicado da futura esposa.

— Eu te amo! — Selou o pedido com um beijo.

A roda inteira ficou de pé, celebrando com palmas, assovios e gritos.

Quando os dois se separaram, receberam as felicitações de todos.

— Meu bebê vai se casar! — Tia Liv estava maravilhada.

— E em breve a gente vai te dar outra netinha, mãe! — Teo assegurou.

— Inveja é foda, né? — Ana comentou com o marido.

— E você vai ser a madrinha, Isa! Certas pessoas não tocarão na minha filha! — O herdado sorriso cretino aflorou nos lábios dele.

— Ah, tá! E quem vai ser o padrinho, demônio? — Ana perguntou, triunfante, ciente de que o irmão não ia com a cara de Zach.

— Responde essa, Teozona! — Lipe atçou.

— Aquele filho da puta que não vai ser! — Indicou o gringo.

— Acho que agora é um bom momento para contar. — Rindo, Zach olhou para Isa.

Em pouco mais de um ano de curso intensivo, ele já estava praticamente fluente. A única coisa que indicava que se tratava de um estrangeiro falando Português era o leve sotaque, que se tornava menos acentuado a cada dia.

— Contar o quê? — As órbitas oculares de meu primo dobraram de tamanho.

— Que Zach me pediu em casamento, Bruxo! — Ela puxou uma correntinha de dentro da camisa xadrez, revelando um anel magnífico. — Finalmente vou poder colocá-lo no dedo!

Foi a coisa mais sincronizada que eu já testemunhei. No mesmo milésimo de segundo, tio Max e o filho levaram as palmas ao peito.

— Olívia, eu tô passando mal! — A frase foi dita em sintonia com o “mãe, eu tô passando mal!” de Teo.

— Ai, meu Deus! Não acredito! — Tia Liv correu para abraçar o casal.

Logo, os dois estavam sendo parabenizados por todos.

— É, putó, Ana já foi... E, agora, sua última filha. — Papai bateu nas costas de um atônito tio Max.

— Lembra do tanto que você me zoou mês passado? — Tio Tito escarneceu, referindo-se ao pedido de Tales. — Pois é, seu putó! Um dia da caça, outro do caçador! — Soltou uma risada.

— Teozona... Será que Zecão bota um bebê na barriga de Isa antes de você botar na de Luma? — Lipe provocou.

— Nem por cima do meu cadáver! Vem, Luma! — Puxou a mão da noiva, correndo rumo ao casarão.

— Lulu, agora eu quero um neto, tá ligada? Teozona, vê se faz um moleque, mano! — Piolho incentivou, enquanto ambos desapareciam porta adentro.

— Você só pode ter algum problema mental, Piolho! — Tio Max o encarou, estupefato.

— Quenga, nossos filhos *e filhas* transam, mano. Tá passando da hora de *cê* aceitar que essa garotada fode mais que a gente.

— Ninguém transa mais que eu nessa porra! — Meu tio causou um surto de risadas. — Um ataque! Tô tendo um ataque! — Repentinamente, subiu a mão até a gola da camisa.

— Lindo! — Tia Liv disparou na direção do marido.

Desde que ele passara mal de verdade durante o parto de Ana, seus ataques fictícios começaram a ganhar a atenção da esposa.

— Que foi, Max? O que você está sentindo? — E a de Tales também.

— Dor, muita dor... — Balançou a cabeça com tristeza.

— Deixa de drama, mano! — Piolho se aproximou, abraçando o amigo. — *Cê já sabia que o casório de Isa ia acontecer!* Tem é tempo que Zecão tá mandando bem pra *carai* no Português! O professor dele deve ser *mó fera!*

— Obrigado pelas aulas extras, Piolho. — Zach agradeceu.

— O quê? — Tio Max afastou o ombro, expulsando o braço do Judas recém-descoberto. — Você ajudou esse desgraçado a roubar minha filha de vez?

— Putão, ele ameaçou tirar a vida de Malu! Eu não tive escolha! Zecão botou o revólver na cabeça dela e a fez de refém, só pra ter aulas com o melhor professor de Português do país! Não foi, mano? — Olhou para a esposa, que se limitou a rir junto conosco.

— Você não vale um puto, Piolho — tio Max recriminou.

— Mas *cê* ainda me ama, né, Quenga? — Ele tentou abraçá-lo.

— Sai pra lá, caralho! — Meu tio desviou. — Todos os meus filhos estão me deixando, porra! É a velhice chegando! Eu não tô pronto pra ser velho!

Uma nova onda de risos cortou o ar.

— Calma, puto. Ainda falta muito pra você virar um Plínio — tio Tito zoou.

— Arrombado! — Rindo, papai deu um soco no braço do irmão.

Pouco depois, a carne começou a ser assada. A fogueira crepitava, e a fumaça subia, espiralando e se desfazendo no alto.

O aroma delicioso aguçava nossas narinas, e a música ao vivo se infiltrava em nossos ouvidos.

Dançávamos animadamente, embalados pela voz de Piolho, que cantava *I Don't Want This Night To End*.

Sob o céu estrelado, meu cowboy me girava. A brisa noturna agitava nossos cabelos e transportava o som das nossas risadas.

Ao redor, um mar de botas e camisas xadrezes se movia com o mesmo entusiasmo.

E a noite ficou ainda mais divertida quando Ícaro chegou, acompanhado de Artur e da filha deles, Alice, que viera com o esposo e trouxera o filho bem protegido na pequena — mas protuberante — barriga que ela ostentava.

Depois dos abraços e de toda a euforia, os recém-chegados relegaram as malas a um canto e se uniram a nós, apesar do cansaço da viagem e do convite de tia Liv para acomodá-los em seus respectivos quartos.

— Quem vai me tirar para dançar? — Ícaro quis saber.

— Seu marido? — Artur ergueu uma sobrancelha ruiva.

— Ah, não, Bofinho! Como você eu danço sempre! Hoje eu quero diversidade!

— Tadinho, papai! — Alice riu para Ícaro e beijou Artur na bochecha. — Eu danço com você, pai!

— Dança mesmo, Lice. Não quero seu pai se esfregando nesse bando de macho gostoso! Mas eu posso! — Ícaro soltou uma risada. — Max, meu lindo, o que você acha de esfregar o cinto no meu? Eu disse “cinto”, hein? — Piscou um olho. — Não venha esfregar outra coisa! Bofinho não deixa!

Enquanto meu tio ria, ele analisava as outras opções.

— *Geeeeeeeeente...* Quem é aquela obra-prima latina, com cara de cantor de *reggaeton*? — Balançou o indicador na direção de Igor, que circundava a cintura de Duda. — E aquela diva dos cachos? *Maravilhosaaaaa!* Ai, que inveja! Do cabelo e do bofe! Aff! Toda vez que eu venho ao Brasil tem bofe novo na família! Que clã é esse, gente? Da última vez, foi essa fonte de pecado sobre *três* pernas! — Deu uma piscadinha para Matheus, que retribuiu com uma risada.

— Já chega, né, Ícaro? — Artur podou.

— Mas eu ainda nem falei daqueles dois coroas que nem conheço, mas já quero! — Indicou meu sogro e o padraсто de Igor.

— Lucas, toca alguma coisa, antes que eu perca a paciência! — Artur pediu e, rindo, Piolho iniciou *I Lived It*.

— Vem, Bofinho! Vem melar a cueca comigo! — Ícaro agarrou o marido, nos fazendo rir.

Enlacei o pescoço de Matheus, diminuindo o ritmo e movendo os quadris de acordo com a melodia da música.

O cheiro de seu pescoço e o calor dos músculos rígidos colados ao meu corpo eram a melhor combinação do mundo.

Logo, foi a vez de tio Max cantar, e ele escolheu *Back Down South*. Em seguida, brindou nossos ouvidos com as notas de *Forever And Ever, Amen*. Foi lindo vê-lo tocando com os olhos fixos em tia Liv, que dançava sozinha, ninando a neta.

Depois disso, os dois subiram com a bebezinha. Piolho cismou que era a vez dele de contar historinha e foi junto com Malu, sob o protesto de tio Max, que alardeava que quem ia contar era ele.

Então, os mais jovens assumiram os vocais. Comemos, bebemos, rimos e dançamos bastante. Fomos dormir tarde, mas acordamos cedo no dia seguinte.

O sol despontava no horizonte quando demos início aos preparativos do piquenique.

Ao atravessarmos as portas do casarão, fomos recebidos por uma intensa luz áurea, que se derramava sobre os cumes das montanhas, prenunciando um domingo bastante ensolarado, ideal para os planos da família.

Passamos a manhã à beira do rio, comendo coisinhas gostosas e tomando banho de cachoeira.

À tarde, Matheus e eu posamos para as lentes de Duda.

Como era uma das madrinhas, ela não poderia tirar as fotos da cerimônia, mas fez questão de fazer o nosso ensaio pré-casamento. Já tínhamos feito muitas sessões, em vários lugares, inclusive na casa de praia dos meus pais.

À noitinha, após tirarmos as últimas fotografias, voltamos para sede, jantamos e, como estávamos exaustos, a cama nos recebeu pouco depois.

O amanhecer chegou, luminoso e dourado, trazendo consigo um novo dia.

Nosso grande dia.



# 53

## VER OS GIRASSÓIS

“(…) e o mundo a girar por nós”.  
*Girassóis* — Mallu Magalhães

### MATHEUS

— Por que você fez isso, Matheus? — Ele me fitou, os olhos oblíquos tão tristes quanto um céu tempestuoso.

— Do que você está falando, garoto? — perguntei, embora soubesse o motivo de sua infelicidade.

— Você virou amigo dele! — O semblante abatido tornou-se enraivecido. — Por que você fez isso com a gente? Ele era nosso inimigo!

— Eu não queria virar amigo dele, eu juro! Uma entidade me possuiu! — Fiz minha defesa.

E eu acreditava piamente nisso, porque apenas uma possessão demoníaca podia explicar o fato de Igor ter feito uma piada, eu ter feito outra logo em seguida, e isso se tornar o início da nossa amizade.

Eu gostaria de dizer que aconteceu gradativamente e que demorou muito, mas, de modo inexplicável, foi do nada. E rápido. Rápido demais. Quando eu me dei conta, o puto já era meu amigo.

Tudo começou há quase um ano, em um encontro de casais, orquestrado, é claro, por Sofia e Maria Eduarda.

Só aceitei comparecer àquela merda porque minha adorável noiva ameaçou me privar do usufruto de seu orifício anal por três meses, caso eu recusasse. Ou seja, fui obrigado a ir.

Eu estava na minha, interagindo com as duas sem me dirigir ao filho da puta, quando elas se levantaram ao mesmo tempo.

— Vamos ao toalete, meninos — disseram, em perfeita sincronia.

Na hora, olhei para Sofia como quem diz: “Gi, não me deixa!”. Mas a desalmada simplesmente se foi, ignorando o meu apelo silencioso.

— Calma, cara, eu não mordo. — Igor riu. — A menos que você... — Fez uma pausa estratégica e lançou os olhos para as duas companheiras que não se separavam dele naquela época. — Tente roubar minhas muletas.

— Pra quê? Pra enfiar no seu cu? — Abri um sorriso vitorioso.

Ele deu uma risada.

— Falando nisso, você tem tomado muito no seu? Fiquei sabendo que um sujeito acusado de feminicídio foi impronunciado lá em Príncipe Serrano.

— Nem me fala, cara. Um amigo meu está atuando no caso. A vítima tinha dezesseis anos, e foi golpeada dezessete vezes com um espeto de churrasco. — O assunto fez com que as palavras escapassem de modo automático, como se eu estivesse falando com um colega de trabalho qualquer.

— Puta merda... — Igor manifestou sua indignação.

— Pois é... E o réu é o ex-namorado traído. Mas o juiz não pronunciou, apesar de as provas de materialidade e autoria serem incontroversas. Obviamente, o Ministério Público recorreu. Agora é esperar que o TJ reforme a decisão, pro desgraçado ir a júri.

Depois disso, ficamos um bom tempo falando sobre inquéritos e comentando outros casos. E, então, a conversa continuou fluindo sem que eu percebesse, migrando, sabe-se lá como, para os mais variados temas. Foi quando eu percebi que o conhecimento jurídico não era a única coisa que tínhamos em comum.

Estávamos falando sobre artes marciais quando Sofia e Maria Eduarda voltaram, muito sorridentes para o meu gosto.

— Desculpem a demora. — Minha noiva se sentou ao meu lado. — Duda estava... hã... fazendo cocô.

— Sim... eu estava — Maria Eduarda confirmou, mas lançou um olhar de censura à amiga.

— Demora? — estranhei.

— Como assim? Não tem nem dez minutos que vocês saíram. — Igor completou com o que eu diria em seguida.

— Tem meia hora! — As duas falaram, em uníssono.

— Meia hora? — Igor e eu dissemos ao mesmo tempo, olhando nossos relógios simultaneamente.

Constatei, chocado, que elas estavam certas. E compreendi a insistência do garçom, que, durante a conversa, perguntara algumas vezes se estávamos prontos para fazer o pedido.

Foi naquela noite que eu perdi totalmente o controle dos meus atos, graças ao ser das trevas que, claramente, se apossou do meu corpo, decerto no intuito de apagar da minha mente o motivo pelo qual eu odiava Igor Varella.

Só que a lembrança não havia sido deletada. A dança estava perpetuamente gravada em minha memória. O ente maléfico não conseguiu arquivá-la. Então, de algum modo, me forçou a compreender que Igor não tivera culpa de nada, que o cara era gente boa e que deveríamos ser grandes amigos. Foi o que a entidade soprou no meu ouvido.

— Uma entidade? O que é isso? — As sobranceiras escuras uniram-se, e a testa da criança que me interrogava se encheu de pequenos vincos.

— O diabo! — expliquei ao garoto. — O diabo me possuiu!

— O... diabo? — O Matheus mirim pareceu amedrontado. — Ele ainda tá em você? — Deu um passo para trás.

— Está, mas fica tranquilo. A única coisa que ele faz é me obrigar a continuar sendo amigo de Igor. Não tenho escolha. A força maligna é mais forte que eu.

— Força *malíguna*? — ele repetiu, e eu caí na risada.

— Maligna — corrigi.

— A Chatona fala *malíguna*. E ela tá sempre certa! — A voz infantil souou convicta.

— Você tem razão. — Não contive o sorriso. — Sabia que eu vou me casar com ela?

Ele assentiu.

— Hoje. No mesmo dia que eu casei. É por isso que estou aqui. Esta é a última vez que você vai sonhar comigo.

— Por quê? — Uma tristeza súbita se agigantou em meu coração.

— Porque é o fim, Matheus. — O tom de obviedade indicou que eu já deveria saber disso.

— O fim? — Não escondi o espanto e o total despreparo.

— Desta etapa da sua vida — esclareceu. — E o início da mais feliz de todas.

— Já estou vivendo a mais feliz de todas — garanti.

— Ainda não. — Os lábios dele se curvaram em um sorriso enigmático. — Está vendo? É ali que ela começa. — O dedo miúdo apontou o arco ao longe, no final da passarela sob nossos pés.

Adornada por robustas flores de miolo marrom, a estrutura arqueada velava um singelo altar e um

pequeno púlpito. Logo atrás, a certa distância, era possível ver a casa da árvore.

Estávamos no centro do campo de girassóis, em uma extensa área gramada, dividida ao meio pela comprida faixa de madeira em que pisávamos.

Algumas cadeiras feitas do mesmo material ocupavam os dois espaços vagos. Entre elas, o tablado rústico. E, de cada lado oposto, um mar de caules muito verdes e pétalas incrivelmente amarelas.

Naquele momento, o astro-rei desfalecia na linha do horizonte, e matizes dourados coloriam as nuvens, mesclando-se às nuances rosadas que tingiam o azul do céu.

Anoiteceria em breve, mas pequenas lâmpadas já brilhavam no alto, enfileiradas nos fios atados aos postes de eucalipto fixados no solo.

O belo cenário, composto pela decoração bucólica, pelo mar de girassóis e pela beleza do entardecer, era exatamente o que Sofia e eu havíamos planejado durante meses. Aquele era, figurativa e literalmente, o casamento dos meus sonhos.

— Bem, eu já vou indo. — A voz infantil interrompeu meu momento de contemplação.

— Mas eu não quero que você vá. — Segurei o bracinho magro, tentando conter o aperto na garganta.

— Você não precisa mais de mim, Matheus. Eu sou a criança que vai sempre morar no seu coração. Mas não existe mais espaço para mim na sua vida.

— É claro que existe! Você sou eu! Nós somos a mesma pessoa!

— Não mais. Você está crescendo.

— Crescendo? Eu cresci há muito tempo. — Achei graça.

— Fisicamente, sim. Mas agora você está crescendo por dentro. Por isso, eu preciso partir.

— Você quer ir embora só porque eu fiz as pazes com Igor? Ele não é como a gente pensou, eu juro!

— Eu não consigo gostar dele. — Uma careta contorceu as feições do garoto. — Mas sei que você gosta. Tá tudo bem, Matheus. Eu entendo. Não é por isso que estou indo.

— É por quê, então? — insisti.

— Eu já disse. Você está crescendo. E, em breve, vai crescer de verdade, para sempre.

— Hã? Como assim? — indaguei, confuso.

— Você vai entender quando me vir de novo.

O quê? O menino não conseguia falar “maligna”, mas sabia conjugar o verbo “ver” no futuro do subjuntivo?

— Isto aqui é um sonho, não precisa ter verossimilhança, gênio. — Ele leu meus pensamentos.

— Você disse que esta é a última vez que a gente vai se ver, mas acabou de falar que eu vou entender que cresci quando te vir de novo, gênio. Além verossimilhança, não existe coerência nesta merda de sonho?

Ele deu uma risadinha.

— Você não vai me ver de novo. Mas vai ver alguém muito parecido comigo. Muito mesmo. Não aqui. No mundo real.

— Você está querendo dizer que... — Uma mãozinha erguida me interrompeu.

— Eu poderia dizer “seja feliz”, mas sei que você vai ser. Então, direi apenas adeus. — A despedida brusca fez tudo desvanecer, inclusive minha memória.

Ao abrir os olhos e me deparar com o teto do quarto da fazenda, esqueci tudo. Foi um daqueles sonhos em que você acorda, sabe que sonhou, mas não se lembra direito com o quê.

Só fui me lembrar do que o garoto havia dito quando o vi de novo, seis anos depois, em uma segunda-feira de fevereiro.

Naquela segunda-feira de setembro, entretanto, apenas uma coisa ocupava a minha mente: o casamento!

Ansioso, girei o pescoço, mas não vi a cortina de fios dourados que esperava encontrar no travesseiro.

Foi quando eu me dei conta de que não estava acordando após uma noite de sono. Estava despertando de um cochilo vespertino.

Não costumava dormir à tarde, mas a ansiedade desmedida me obrigara a abreviar o tempo com uma soneca. Como não aguentava mais esperar até o fim do dia, eu havia me deitado com a pretensão de fazer com que as horas passassem mais depressa.

Funcionou, porque, ao checar as horas no celular, constatei que a cerimônia começaria em cinquenta minutos! Graças a Deus!

— Henrique? — Batidas inesperadas me fizeram olhar para a porta.

— Entra, mãe. — Minha voz sonolenta concedeu passagem.

— Que bom que você já acordou! — Minha genitora adentrou o quarto no instante em que eu me levantava da cama.

Ainda não tinha colocado o vestido, mas o cabelo castanho estava elegantemente arrumado, e o rosto, bonito de um jeito diferente.

— Você está linda, dona Milena! — Fui até ela e beijei sua testa.

— Vai estragar minha *make*, menino! — Ela me empurrou, afastando-se. — Vai logo tomar seu banho! Você está atrasado!

— Fico pronto em cinco minutos. — Soltei um longo bocejo.

— Foi o que seu pai acabou de me dizer. — Cruzou os braços, mal-humorada. — Em dias de festa, eu odeio os homens!

Minha futura esposa e as demais mulheres da família estavam se embelezando desde cedo (como se minha girafinha precisasse ficar mais bela do que já é).

Assim que acordamos, todas elas foram para uma tal de sessão de *lomi lomi*, realizada no caramanchão da fazenda. Depois disso, ficaram o dia inteiro sob os cuidados de outros profissionais encarregados do “dia da noiva”, que incluía as madrinhas.

A equipe havia sugerido um pacote para mim, que continha, dentre outras merdas, massagem relaxante (dormir relaxa e é de graça), manicure e pedicure (nem por um senhor caralho), limpeza de sobrancelha (nem fodendo), corte de cabelo (já cortei), penteado (tem pente na minha casa), maquiagem (não vou nem comentar uma porra dessas) e barboterapia (não sei o que é, não quero saber e tenho raiva de quem sabe).

Só o que eu ia fazer era: passar sabão na rola, o barbeador na cara e o pente na cabeça. Em seguida, vestiria a cueca e colocaria a roupa.

Foi exatamente o que fiz, assim que minha mãe me deixou sozinho.

Ao terminar, analisei minha imagem no espelho.

O reflexo mostrou um homem alto, de calça social bege e colete do mesmo tom, sobreposto à camisa branca, ornada pela gravata borboleta igualmente alva. Por cima, o paletó bem ajustado.

O girassol na lapela viria depois. Eu só esperava que a flor fosse pequena. Caso contrário, eu teria que entrar cantando: “eu não sou cachorro, não...”.

— Matheus? — O chamado acompanhou duas batidas.

— Entra, sogrão. — Levei os dedos ao colarinho imaculado, ajeitando o nó.

— Você está pronto? — A pergunta súbita veio da entrada.

— Como jamais estive — respondi e, só então, olhei para Plínio, que já trajava o terno. — E você? Está pronto para me entregar sua princesinha? — Não refreei o sorriso sacana.

— Por incrível que pareça, sim. Hoje farei isso sorrindo, como você disse que eu faria. — Ele se aproximou e pousou a mão em meu ombro, me encarando pelo espelho. — Gosto muito de você, Matheus. Admiro o homem que você se tornou e me considero afortunado por tê-lo como genro, mesmo que você me deixe puto às vezes. — Ele riu, e eu vi meu próprio sorriso refletido. — Você é praticamente um filho para mim. Sabe disso, não sabe?

— Eu sei, sogrão. — Virei o corpo para fitá-lo. — E tenho o privilégio de ter um sogro que amo e respeito como a um pai. — Dei-lhe um abraço, batendo em suas costas e recebendo o mesmo tratamento.



Pouco depois, repetíamos o gesto diante dos convidados, no meio do campo de girassóis.

## SOFIA

Era estranho estar do lado de fora sem Matheus. A todo instante, eu esperava ouvi-lo retrucar, dizendo que era eu quem pisaria no pé dele durante a nossa entrada.

Mas, dessa vez, eu não entraria com o cotovelo entrelaçado ao bracinho de seis anos. Entraria com papai, assim que os noivinhos atravessassem o tapete repleto de petalinhas de sol, que a florista espalhava naquele exato momento.

Pela janela do carro, eu podia notar que a menina loira e o garotinho de cabelo castanho, ambos sobrinhos de Tales, estavam quietinhos, esperando a sua vez de entrar.

Usando trajes idênticos aos que Matheus e eu usamos no dia do casamento de tio Max e tia Liv, as crianças eram cópias fiéis dos noivinhos que fomos um dia, exceto pela ausência de discussão pré-cerimônia.

Com um sorriso no rosto, observei os dois priminhos começarem a se mover ao som das primeiras notas de *Beauty And The Beast*, tocada pelo quarteto de cordas.

Meu lado infantil preferia *Let It Go*, mas, como o tema de “A Bela e a Fera” havia embalado a nossa entrada vinte e oito anos atrás, foi a música que escolhemos para o cortejo dos nossos representantes mirins.

Assim que a melodia ressoou, a porta do carro foi aberta, e eu fui guiada até o início da plantação de girassóis, onde papai me esperava.

Ao me ver, ele não conteve as lágrimas, e o choro emocionado desencadeou o meu. Até aquele instante, eu estava calma. Ansiosa, porém tranquila, na medida do possível. É claro que algumas asas se agitavam em meu estômago. Mas as borboletas adejaram com força total quando eu me dei conta de que realmente estava acontecendo. Eu estava caminhando na direção do homem que eu mais amava, o que me levaria até o homem da minha vida.

Alcansei papai e fui recebida com um beijo suave na testa.

— Eu te amo, princesinha. — Ele se afastou, abrindo o sorriso que sempre acalentou meu coração.

— Também te amo, papai. — Beijeí sua face molhada.

— Você está tão linda quanto a sua mãe, no dia do nosso casamento. — A emoção em sua voz fez com que uma nova lágrima perpassasse minha bochecha.

Papai a limpou e, sorrindo, cedeu-me o braço. Imensamente feliz, acomodei os dedos na dobra de seu cotovelo, segurando com a outra mão o buquê de gipsófilas e girassóis.

As moças do cerimonial nos alocaram diante da passarela, ajeitando minha grinalda de minúsculas florezinhas brancas e a cauda curta do vestido simples e elegante.

— Pronta? — papai perguntou, quando a versão instrumental de *Perfect* começou a ecoar.

Assenti e, juntos, iniciamos a caminhada, ouvindo o canto dos violinos e do violoncelo.

Dei o primeiro passo, e meu coração tropeçou no peito. Ergui o olhar, e o pulso perdeu a cadência de vez.

Os padrinhos formavam uma pequena fila do lado direito.

Na lateral esquerda, minhas madrinhas estavam de pé, observando a minha entrada, assim como os convidados.

Mas todos eles não passavam de borrões. Os meninos eram uma névoa cor de areia. As meninas, manchas amarelas. E os demais presentes, figuras coloridas e indistintas.

Meu olhar captava, com foco e nitidez, apenas o homem lindo que me esperava diante do altar.

Suas íris cintilavam, e um largo sorriso iluminava o rosto de proporções perfeitas.

O terno claro destacava as brilhantes madeixas escuras, que reluziam sob a luz do sol poente.

Os raios derradeiros derramavam sua luz dourada sobre as flores que nos cercavam. Ao entardecer, o campo de girassóis era ainda mais magnífico. Mas o Chatão estava certo. As petalhinhas não eram a coisa mais bonita da fazenda.

O que havia de mais sublime naquele lugar eram os olhos marejados que me fitavam com amor, reverência e ternura.

Ao final do tapete florido, papai desatou nossos braços, beijou minha fronte e abraçou meu noivo, afastando-se em seguida.

Então, meu futuro marido tomou meus dedos livres, e lábios úmidos, macios e cálidos pousaram no dorso.

Quando Matheus elevou o corpo, limpei a lágrima que havia escapado dos cílios negros. Sorrindo, ele passou o polegar em minha face oposta e me ofereceu o braço, que alegremente aceitei.

— Estamos aqui reunidos, na presença de Deus, nosso Senhor, para testemunharmos o enlace de Matheus Henrique Mendonça Miyake e Sofia Vetter Theloni — o celebrante iniciou a cerimônia.

Após algumas considerações sobre amor, companheirismo e matrimônio, estávamos fazendo os nossos votos nada convencionais.

— Vou começar contando uma fábula. Era uma vez uma girafa que tinha medo de sapos. — Matheus provocou várias risadas. — Em certa noite chuvosa, a linda girafinha precisou ser salva de um anfíbio *muito perigoso*. — O tom irônico me fez pensar em jogar o buquê na cara dele. — Por obra do destino, passava por aquele reino um forte e belo gato. — Meu noivo aprumou o corpo, e mais gargalhadas ecoaram. — Ao vê-lo, a indefesa girafinha pediu socorro.

— Mentiroso! Eu não pedi a sua ajuda, Miyake! — contestei, e os convidados tiveram uma crise de riso.

— Não? Engraçado, eu podia jurar que te ouvi berrar um “ai, meu *Deeeeeeeeeeeeeus!* Mata! *Maaaaaaaata!*” — ele me imitou, causando outra onda de risadas.

— Eu vou te matar, Matheus — sussurrei, torcendo para que a ameaça não ficasse audível nas filmagens.

Em resposta, o descarado abriu um sorriso cínico.

— Enfim... — continuou. — Muitos poderiam pensar que foi assim que tudo começou. Mas aconteceu vinte e oito anos atrás, quando a girafinha e o garboso gato tinham apenas seis. Agora, eu vou contar o início desta história. Era uma vez uma garotinha linda, que tinha uma lancheira da *Barbie*. Um dia, ela conheceu um menino mais bonito ainda, que possuía uma lancheira do Ben 10. — A plateia achou graça. — Assim que o viu, a garotinha apaixonou-se perdidamente por ele.

— Que mentira! — protestei, rindo. — Deixa que eu conto! Era uma vez um garotinho mais ou menos bonito, que tinha uma lancheira feiosa do Ben 10. Um dia, ele conheceu uma menina muito linda, que tinha uma lancheira fofa da *Barbie*. Assim que a viu, o garotinho apaixonou-se perdidamente por ela.

— E também descobriu que ela era uma chatona — ele completou, e as pessoas riram.

— Da mesma maneira que ela descobriu que ele era um chatão. E, ainda por cima, banguelo — adicionei, ouvindo mais risadas.

— Uma fada havia arrancado o dente do menino. Na época, ele achou que ela fosse uma bruxa má. Só muito tempo depois compreendeu que, ao arrancar o dente de leite, a fada tinha lhe dado um grande presente. — Matheus lançou um olhar amoroso à mãe.

Sentada junto ao marido, Milena sorriu carinhosamente para o filho. Na cadeira ao lado, mamãe chorava em silêncio, os dedos entrelaçados aos de papai, que acariciava a mão da esposa.

— Por causa da janelinha frontal, a garotinha riu do menino — prossegui. — Afinal, que criança com todos os dentinhos na boca não riria de um coleguinha banguelo?

— E que coleguinha banguelo não ficaria magoado com as risadas da garotinha que ele amava? — Matheus devolveu. — O orgulho ferido do menino ocasionou a primeira das muitas discussões que os dois tiveram durante todo o período letivo. Então, no fim daquele ano, o verdadeiro vilão da história apareceu. Alguns podem pensar que estou falando de certo talarico mirim. — Ergueu uma sobancelha para Igor, que, de pé ao lado de Lipe, soltou uma risada. — Mas estou me referindo a um homem com um estranho apreço por determinado orifício do corpo humano. — Quem estava por dentro da piada interna não conseguiu conter o riso. — Esse senhor, que hoje tenho a honra de chamar de “sogrão”, tirou a garotinha da escola em que os dois estudavam, separando-a do menino por quase trinta anos. Mas o destino os uniu novamente naquela fatídica noite chuvosa, enviando um sapo para fazer a girafinha pular nos braços de seu grande amor. — Um sorriso sacana aflorou nos lábios dele. — E se engana quem pensa que terminamos de contar a nossa história. Tudo isso foi apenas o começo. Hoje, aqui, neste lugar onde boa parte dela foi escrita, nós iniciamos um novo capítulo.



# 54

VIDA BOA

“(…), brisa e paz”.  
*Meu Abrigo* — Melim

MATHEUS

— Você acha que eles vão ficar bem? — Sofia questionou, pela milésima vez.

— Gi, não é a primeira vez que nós os deixamos na casa de Tales e Tíci — respondi, virando o rosto para fitá-la.

Sentada na poltrona ao meu lado, minha esposa segurava o livro que lia enquanto sobrevoávamos o oceano Atlântico.

— Eu sei, mas é a primeira vez desde que eles tiveram o bebê. Fico meio preocupada, porque os dois são pais de primeira viagem, e os nossos filhos não são exatamente anjos.

— O que um menino de seis e uma menina de três anos podem fazer de tão grave? — perguntei, rindo.

— Não sei, Matheus — ela ironizou. — Da última vez, nossa adorável caçula fez um galo na cabeça de Tíci com o estetoscópio que arrancou do pescoço de Tales.

— Os talentos médicos da girafinha-bebê são muito incompreendidos. — Deixei uma risada escapar. Sofia riu, mas voltou a ficar apreensiva.

— Eles vão dar muito trabalho. A gente devia ter deixado os dois com meus pais. Ou com os seus. Ou com Lipe e Mari, que têm mais experiência com crianças.

— Eles precisavam ficar em Príncipe Serrano, por causa da escola — lembrei.

Foi no primeiro dia de aula do meu filho que eu rememorei o sonho que tive na tarde do meu casamento.

Uniformizado e com a lancheira nas costas, ele era praticamente um clone do menino que eu fora.

Minha criança interior ainda morava dentro de mim. Mas, desde a paternidade, eu havia crescido de maneiras que jamais pensei que seria capaz.

— O que é isso aí dentro, papai? — perguntou, ao me ver colocando um recipiente no interior da merendeira.

— Morangos — revelei, fechando o zíper.

— É a minha fruta favorita! — Ele sorriu, satisfeito.

— Se alguma coleguinha sua também gostar, dê alguns para ela — aconselhei.

— Eu, não! Vou comer tudo sozinho! — declarou, me fazendo rir.

— Ah, é. Esqueci que a gente é que está de férias. — A voz de Sofia me tirou da cozinha da nossa casa, levando-me de volta para o avião.

— Pode ficar tranquila, Gi. *Barbiezola* é babá dos próprios sobrinhos há anos. Ele e Tíci dão conta do

recado. E, além disso, no sábado é aniversário da nossa sobrinha, esqueceu? A festa vai ser na casa dos meus pais, e as crianças vão ficar lá o fim de semana inteiro. — Tentei atenuar sua preocupação.

— Eu sei que nossos filhos vão ser bem cuidados. É só que... vou morrer de saudade deles — ela choramingou.

— Eu sei, paixão. — Beijei sua têmpora. — Também vou. Mas logo voltaremos para os nossos chatinhos.

Ela assentiu e voltou os olhos para o livro em seu colo. Mas mal leu um parágrafo e os ergueu novamente.

— Acabei de me lembrar de te perguntar uma coisa. Você tá comendo todos os meus moranguinhos? Comprei duas bandejas ontem e deixei as frutas limpinhas na geladeira. Mas hoje de manhã tinha desaparecido tudo!

— Não fui eu. — Ergui as mãos, expressando minha inocência.

— Se não foi você, quem foi, Miyake? — Seus olhos transformaram-se em fendas estreitas.

— Não sou único morador da nossa casa — acusei.

— Você está insinuando que a nossa filha de três anos abriu a geladeira e comeu todos os morangos? — Ela riu.

— Não. Estou dizendo que testemunhei nosso filho surrupiando as duas bandejas hoje cedo, antes de ir para a escola.

— Deixa de ser mentiroso, Miyake! Ele gosta, mas jamais daria conta de comer aquilo tudo.

— Talvez ele esteja dividindo com algum coleguinha. — Não ousei usar o feminino. Sofia tinha ciúme de todas as garotinhas que se aproximavam do nosso filho. Era só vê-lo conversando com uma menina que ela corria para tirá-lo de perto. Além da nossa própria filha, as únicas que podiam brincar tranquilamente com ele eram as filhas de Ana e Luís, as de Duda e Igor, a de Isa e Zach, a caçula de Teo e Luma e a primogênita dos nossos irmãos.

Eu amava muito a minha esposa, mas tinha certeza de que ela seria uma péssima sogra no futuro.

— Meu bebê divide qualquer coisa, menos moranguinhos — ela afirmou, convicta.

— Pode ser que ele esteja dividindo com alguém... especial. — Decidi pirraçá-la.

Seus olhos triplicaram de tamanho. Vi em suas íris o instante em que a compreensão chegou ao cérebro materno.

— Matheus, eu tô passando mal! — Sofia levou a mão ao peito, e eu caí na risada. — Vamos voltar! Alguém para esse avião! — berrou, desesperada.

Tive uma crise de riso, mas precisei controlá-la quando um comissário se aproximou. Informei que estava tudo bem, e ele se foi.

— A doença do seu tio pega — comentei, rindo.

— Agora eu entendo tio Max. — Sofia balançou a cabeça, atônita.

— Eu não deveria, mas vou te tranquilizar. Só porque te amo. — Meus lábios encontraram os dela. — Quando eu fui levar o pequeno Robin Hood à escola, conversei com ele, e descobri que os morangos eram para a professora.

Sofia me mostrou uma expressão que misturava alívio e surpresa.

— Para a professora? Ele está apaixonado pela tia Bianca?

— Bobo ele não é — provoquei, certo de que ela ficaria irritada.

Minha Gi ficava tão linda brava que eu simplesmente não era capaz de resistir.

— Como é que é, Miyake? — Fui fuzilado por um par de olhos ferinos.

— Eu quis dizer que ele está ganhando o carinho da tia Bianca com os morangos. Nada além disso, paixão. — Simulei inocência.

— Pois em vez de duas bandejas de morangos, eu devia ter comprado dois vidros de óleo de peroba, pra essa sua cara-de-pau — ela resmungou, e eu dei uma risada.

— Quê? Você quer pau? — brinquei, e ela riu.

— Cala a boquinha, Matheus. — Dois dedos pinçaram meus lábios.

— Vai pro banheiro e me espera — murmurei, e minha esposa gargalhou.

— *Silenzio! Voglio dormire!* — Um homem na poltrona em frente reclamou.

— *Sono spiacente* — pedi desculpas, fazendo uso do idioma que usaria bastante na próxima semana.

— Meu Deus... Você falando italiano acaba comigo — Sofia cochichou. — Não demora. — Dando um

beijo e uma mordida na minha boca, levantou-se, deixando sobre o assento o romance que escolhera para ler durante a viagem.

Esperei um pouco e fui atrás dela, tão excitado quanto um cachorro.

Voltamos minutos depois, sonolentos, relaxados e satisfeitos.

— Guarda pra mim. — Bocejando, ela empurrou o exemplar desgastado no meu peito e acomodou a cabeça em meu ombro.

Deixei a minha pousar sobre a dela, enquanto baixava o livro para o colo. A última coisa que vi antes de fechar os olhos foi o título impresso na capa:

***O DESCARADO DORME AO LADO.***



# AGRADECIMENTOS

SOU INFINITAMENTE GRATA ao apoio da minha família e ao meu “leitor-alfa”, que percorreu comigo cada passo desta jornada, auxiliando-me e encorajando-me em tantos momentos.

É profunda a minha gratidão pelos leitores que leram “O Devasso Mora Ao Lado” e me encheram de pedidos para escrever um *spin-off*. Este livro foi escrito para vocês e graças a vocês, que acreditaram que eu poderia escrever uma nova história à altura da primeira.

Agradeço imensamente a cada leitor maravilhoso que me acompanha. Muito obrigada pelas constantes palavras de afeto e incentivo. O carinho que vocês têm por mim e o amor que dedicam aos meus personagens são os combustíveis que me estimulam a continuar escrevendo.

Meu último e especialíssimo agradecimento não poderia ser para alguém diferente de você, que comprou, leu e finalizou este livro. Muito obrigada por apoiar o meu trabalho!

Espero que, ao longo da leitura, você tenha se divertido e se emocionado com as linhas que eu escrevi com tanta paixão.



# PLAYLIST

PARA OUVIR AS MÚSICAS utilizadas nos títulos dos capítulos, bem como as mencionadas ao longo da história, clique [aqui](#) e acesse a *playlist* no *Spotify*.





# SOBRE A AUTORA

KENYA GARCEZ lê compulsivamente e escreve com paixão. Louca por romances românticos, constantemente se apaixona pelos heróis fictícios e se identifica com as mocinhas irreverentes e geniosas das histórias.

“O Devasso Mora Ao Lado” foi seu romance de estreia. Inicialmente publicado na plataforma online *Wattpad*, o livro conquistou milhares de leitores e mais de cinco milhões de leituras.



# OUTRAS OBRAS



SINOPSE: Desempregada, com a despensa vazia, o carro caindo aos pedaços e a ordem de despejo em mãos, Olívia Dutra está no fundo do poço e, sem namorado, amigos ou parentes vivos, não tem a quem recorrer. Mas, e se um telefonema mudasse sua vida? E se, de repente, um salvador bonito feito um deus e libertino como o diabo caísse do céu? E se o devasso morasse ao lado?

Para comprar o livro, clique [aqui](#).



# CONTATO

AGORA QUE VOCÊ JÁ LEU “O Descarado Dorme Ao Lado”, por favor, classifique o livro deixando a sua avaliação na Amazon! Seu *feedback* é importantíssimo para mim!

Sinta-se à vontade para enviar críticas, sugestões, apontamentos, opiniões e eventuais perguntas também no meu e-mail: [autorakenyagarcez@gmail.com](mailto:autorakenyagarcez@gmail.com).

Para manter-se informado sobre futuras obras, acompanhe-me nas redes sociais:

[Twitter](#)

[Instagram](#)

[Facebook](#)

[Fanpage](#)

[Wattpad](#)